

THE SATURN MYTH

A reinterpretation of rites and symbols
illuminating some of the dark corners of primordial society

DAVID N. TALBOTT



David N. Talbott

A SATURNO MITO

Uma reinterpretação de ritos e símbolos iluminando alguns dos cantos escuros de
sociedade primordial

Intrigado com a afirmação de Velikovsky de que Saturno já foi o deus planetário preeminente, David Talbott resolveu examinar seu caráter mítico. "Eu queria saber", escreveu ele, "se as fontes antigas tinham uma história coerente para contar sobre o planeta. . . Não tive a menor ideia do conto espetacular escondido nas crônicas. "

Nesta surpreendente reinterpretação do antigo simbolismo, Talbott argumenta que o "Grande Deus" ou "Monarca Universal" dos antigos não era o sol, mas Saturno, que antes pairava ameaçadoramente perto da terra e visualmente dominava os céus.

A análise textual e simbólica de Talbott revela os temas fundamentais das imagens de Saturno e prova que todos eles - incluindo o "navio cósmico", a "ilha no topo do mundo", o "olho do céu" e "o templo giratório" foram baseados em observações celestes no céu do norte. Além disso, ele mostra como diversos símbolos como a Cruz, rodas do "sol", montanhas sagradas, coroas da realeza e pilares sagrados surgiram da antiga adoração de Saturno. Talbott afirma que o aparecimento de Saturno na época, radicalmente diferente de hoje, inspirou o salto do homem na civilização, uma vez que muitos aspectos da civilização primitiva podem ser vistos como esforços conscientes para reencenar ou comemorar a organização de Saturno em seu reino "celestial".

Um olhar fascinante sobre a cosmologia e a história antiga, *O mito de Saturno* é um livro provocativo que pode muito bem mudar a maneira como você pensa sobre a história do homem e a história do universo.

David N. Talbott é o fundador e ex-editor da *Pensee*, um crescimento do Fórum Acadêmico de Alunos que desenvolveu o livro, *Velikovsky reconsiderado*. Ele também é co-autor de *O Êxtase de Sati-Ra*, um mistério cosmológico. Ele agora mora com sua família em Oregon.

Talbott, David N., *O mito de Saturno*

ISBN: 0-385-113376-5

Número do cartão do catálogo da Biblioteca do Congresso 76-51986

Copyright © 1980 de David N. Talbott.

Todos os direitos reservados.

Impresso nos Estados Unidos da América. Primeira

edição.

Versão Kindle criada por **PapaLa zzz aru**, Agosto de 2013; revisado em março de 2014, fevereiro de 2015. Revisão final em junho de 2016.

CONTEÚDO

I. INTRODUÇÃO

MYTH UMA ND CATASTROPHE

II: O GRANDE PAI

T ELE "O NE GOD" OF UMA RCHAIC MONOTEÍSMO

T ELE VOCÊ NIVERSAL MONARCH

T ELE UMA GE OF KRONOS

Índia

Irã

China

Norte da Europa

T ELE RITES OF KINGSHIP

T ELE HEAVEN MA

WHO W COMO UMA BARRAGEM?

T ELE GREAT FATHERS UMA VEZ

T ELE S UMA VEZ MYTH RECONSTRUÍDO

III: O SOL POLAR

S UN UMA ND S UMA VEZ

D AY UMA ND NIGHT

S UMA VEZ UMA ND T ELE POLE

T ELE VOCÊ NMOVED M SOBRE

Egito

Mesopotâmia

Índia

China

As Americas

IV: COSMOS DE SATURN'S

T ELE ENCLOSED SUN

T ELE EU OST EU SLAND

O ovo

T ELE COSMOS UMA ND T ELE DIVINE UMA MONTAGEM

T ELE CIRCLE OF T ELE GODS

T ELE GREAT M DE OUTROS

W OMB UMA ND TALTO

W OMB UMA ND COSMOS

T ELE HERMAPHRODITE

V: A TERRA SANTA

TELE M DE OUTROS eu E

S UMA VEZ 'S E ARTH

TELE E GÍPCIO P ARADISE

TELE W ORLD W SALTO

TELE O NE- W HEELED C HARIOT

TELE C ITY O F H EAVEN

TELE E NCLOSURE UMA S P ROTOTYPE

TELE W ORLD N AVEL

TELE O CEAN

VI. A CRUZ DO SOL ANEXO

TELE F NOSSO R IVERS O F P ARADISE

TELE C ROSSROADS

TELE F NOSSO- E YED O R F NOSSO- F ACED G OD

TELE F OUNDATION S TOM

TELE F NOSSO P ILLARS O F H EAVEN

S YMMETRICAL E LABORAÇÕES O F T ELE S UN- C ROSS

VII: TEMPLO, COROA, VASO, OLHO E SERPENTE CIRCULAR

TELE T EMPL E

TELE E GÍPCIO T EMPL E

TEML E UMA ND W OMB

TELE C ROWN

TELE V ASE

TELE E VÓS

TELE C IRCULAR S ERPENT

Eu n S UMMARY: AC OHERENT D OCTRINE

VIII: A COSMICMOUNTAIN

Egito

Mesopotâmia

Índia

Japão, China, Irã, Sibéria Sibéria

Grécia e Roma

Semita ocidental

As Americas

AC OLLETIVO M EMORY

T ELE MOUNT O F M ASCULINA P OWER

T ELE C OSMIC M OUNTAIN P ERSONIFICADO

T ELE S INGLE eu POR EXEMPLO

T ELE S ERPENT / D RAGON

T ELE S TREAM O F eu IFE

Bóreas e os hiperbóreas, o vento

norte Shu

O rio da vida, a fonte

do Éden

T ELE K ING O F T ELE M OUNTAIN

IX: O CRESCENTE

T ELE C RESCENT UMA ND S UMA VEZ

T ELE C RESCENT UMA ND W OMB

C RESCENT UMA ND M OUTRA TERRA

T ELE C RESCENT UMA ND M OUNT

T ELE H ANTES T WINS

W HO W ANTES T ELE D IOSCURI?

T ELE B FALTA UMA ND W HITE T WINS

As Duas Assembléias

As Duas Terras

As duas coroas

Os dois olhos

As Duas Serpentes

Os dois tronos

Os Dois Vasos (= Dois Olhos) Os

Dois Lagos ou Rios Os Dois Cordões

S YMBOLISM O F T ELE C RESCENT

T ELE C RESCENT H ORN

T ELE H ORNED M OUNTAIN

X: O NAVIO CRESCENTE (PARTE 2)

The World-Ship

O navio-ilha

The City-Ship

O navio-templo

The Wheel-Ship

O navio de ovo

The Eye-Ship

The Vase-Ship

O navio-escudo

A Nave Trono

A Serpente (Dragão) - Nave

T ELE C RESCENT- UMA RMS

T ELE K UMA- UMA RMS

T ELE C RESCENT- W INGS

Eu NTERCONECTADO S YMBOLS

Espada da planta da

vida

O altar

UMA BOVE UMA ND B ELOW, eu EFT UMA ND R IGH

S UMA VEZ ' S D AY

XI: CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA

NOTAS FINAIS



I. Introdução

O planeta Saturno hoje é reconhecível apenas por aqueles que sabem onde procurá-lo. Mas, alguns milhares de anos atrás, Saturno dominou a Terra como um sol, presidindo uma Idade de Ouro universal.

O homem moderno considera evidente que nossos céus familiares dificilmente diferem dos céus encontrados pelos primeiros adoradores de estrelas. Ele presume que os corpos mais distintos venerados nos tempos primitivos eram o sol e a lua, seguidos pelos cinco planetas visíveis e várias constelações - todos com a aparência de hoje, mas por mudanças tão leves como a precessão dos equinócios.

Essa crença de longa data não apenas confina a discussão atual de mitos e religiões antigas; é a doutrina fixa da astronomia e geologia modernas: toda teoria prevaiente do sistema solar e do passado da Terra se apóia em uma doutrina subjacente da uniformidade cósmica - a crença de que a regularidade dos movimentos celestes como um relógio pode ser projetada para trás indefinidamente.

Mas as evidências reunidas nas páginas seguintes indicam que *dentro da memória humana* ocorreram mudanças extraordinárias no sistema planetário: na era mais antiga recordada pelo homem, o planeta Saturno era a luz mais espetacular dos céus e seu impacto no mundo antigo era avassalador. Na verdade, Saturno foi o único "grande deus" invocado por toda a humanidade. Os primeiros símbolos religiosos eram símbolos de Saturno, e tão difundida era a influência do deus planeta que os antigos o conheciam como o criador, o rei do mundo, e Adão, o primeiro homem.

Visto que a única defesa significativa dessa afirmação é todo o corpo de evidências apresentado aqui, não devo presumir a credulidade do leitor, mas apenas pedir que ele siga a narrativa até o fim.

Mito e catástrofe

Se nossa geração despreza a possibilidade de fato na linguagem do mito, é porque temos consciência da discrepância entre o mito e a visão de mundo moderna, e a atribuímos à cegueira ou superstição dos antigos. Dificilmente existe um conto antigo que deixe de falar de convulsões destruidoras do mundo e de mudanças nas ordens cósmicas. Na verdade, estamos tão acostumados com o caráter catastrófico das histórias que mal pensamos nisso. Quando os mitos falam de sóis que vieram e se foram, ou de deuses planetários cujas guerras ameaçaram destruir a humanidade, é provável que os consideremos divertidos e absurdamente exagerados relatos de inundações, terremotos e eclipses locais - ou os descartamos completamente como expressões de fantasia irrestrita. Quantos estudiosos, buscando desvendar as lendas astronômicas e símbolos da antiguidade, Você já se perguntou se os corpos celestes sempre seguiram os mesmos caminhos que seguem hoje? Nos últimos trezentos anos, apenas um punhado de escritores reivindicou qualquer conexão entre o mito e a catástrofe celestial real:

William Whiston publicado em 1696 *Uma nova teoria da Terra*, argumentando que o Dilúvio bíblico resultou de um cataclismo cometário. O livro produziu uma tempestade de objeções científicas e não teve impacto duradouro fora da ortodoxia cristã.

Em 1882 e 1883, dois livros de Inácio Donnelly apareceram: *Atlântida, o mundo Antediluviano*, e *Ragnarok: a idade do fogo e do cascalho*. Baseando-se em mitos globais, Donnelly afirmou que um enorme continente chamado Atlântida já abrigou uma civilização primordial, mas toda a terra afundou no mar quando um cometa fez chover destruição na Terra. Ambos os livros de Donnelly se tornaram best-sellers e ainda estão disponíveis hoje. No entanto, as teorias convencionais da Terra e do sistema solar permanecem inalteradas por esses trabalhos.

Por volta da virada do século, Isaac Vail argumentou em uma série de breves artigos que os mitos da sublevação cósmica se relacionam ao colapso das faixas de gelo que cercam nosso planeta. ¹ Três quartos de século após sua morte, seu trabalho é conhecido apenas por uns poucos esotéricos.

Em 1913, Hans Hoerbiger publicou seu *Glacial-Kosmogonie*, alegando que as grandes catástrofes descritas no mito antigo ocorreram quando a Terra capturou outro planeta que se tornou nossa lua. ² O interesse relativamente pequeno na tese de Hoerbiger desapareceu em algumas décadas.

Esta foi a extensão da pesquisa notável sobre mitos e catástrofes quando Immanuel Velikovsky, no início 1940, pela primeira vez se perguntou se uma perturbação cósmica pode ter acompanhado o Êxodo hebraico. De acordo com o relato bíblico, pragas massivas ocorreram, o Sinai entrou em erupção e uma coluna de nuvem e fogo moveu-se no céu. Sua busca por uma solução levou Velikovsky a uma pesquisa sistemática da mitologia mundial e, finalmente, à conclusão de que os mitos antigos constituem uma memória coletiva da desordem celestial. Os grandes deuses, observou Velikovsky, aparecem explicitamente como planetas. Nas guerras titânicas vividamente descritas por cronistas antigos, os planetas se moviam em cursos erráticos, parecendo travar batalhas no céu, trocando descargas elétricas e, mais de uma vez, ameaçando a Terra.

Velikovsky expôs suas afirmações de catástrofe celestial em seu livro *Mundos em Colisão* (publicado em 1950), propondo que primeiro Vênus e depois Marte, no período de 1500-686 aC, perturbaram de tal maneira o eixo da Terra a ponto de produzir destruição mundial. O livro tornou-se imediatamente um best-seller e o foco de uma das grandes controvérsias científicas deste século. ³

Menciono Velikovsky não apenas porque seu trabalho obviamente se relaciona com a tese deste livro, mas porque, para constar, Velikovsky primeiro dirigiu minha atenção para Saturno. Em um manuscrito ainda aguardando publicação, Velikovsky propôs que o agora distante planeta já foi o corpo celeste dominante e identificou a época de Saturno com a lendária Idade de Ouro. Embora eu não tenha visto o manuscrito não publicado de Velikovsky sobre Saturno, um breve esboço de sua ideia inspirou a presente investigação: Saturno já foi a luz preeminente nos céus?

Ainda assim, no início, não tinha nenhuma concepção da ampla tese apresentada aqui - que se encaixou com surpreendente rapidez, uma vez que comecei a reconstruir o mito de Saturno. Enquanto esperava encontrar, na melhor das hipóteses, apenas ecos fracos de Saturno (ou nenhuma dica), descobri, em vez disso, que os antigos, olhando para "os primórdios", eram obcecados pelo deus-planeta e se esforçaram de mil maneiras para reviver a época de Saturno. O mais comum



símbolos da antiguidade, que nossa época considera universalmente como *solar* emblemas (originalmente não relacionados ao nosso sol, ~~as~~ *eram imagens literais de Saturno*, a quem todo o mundo antigo invocou como "o sol". Na era original a que se referem os mitos, Saturno não era uma partícula remota fracamente discernida por observadores terrestres; o planeta apareceu como uma luz terrível e aterrorizante. E se quisermos acreditar nos relatos amplamente difundidos da idade de Saturno, o lar do deus-planeta era o pólo celestial imóvel, o eixo aparente dos céus, muito distante do caminho visível de Saturno hoje.

À primeira vista, entretanto, o mito de Saturno parece apresentar um emaranhado de imagens bizarras. Os primeiros e mais venerados textos religiosos retratam o grande deus navegando em um navio celestial, associando-se a deusas aladas, moldando ilhas giratórias, cidades e templos, ou pousando sobre os ombros de um gigante cósmico. É impossível perseguir a antiga imagem de Saturno sem encontrar o paraíso do Éden, a Atlântida perdida, a fonte da juventude, a "carruagem dos deuses" com uma roda, o Olho do céu que tudo vê ou a serpente-dragão do profundamente. Embora seja celebrado como vivo, *visível* poderes, nenhuma das personificações de Saturno ou habitats míticos

¹ Vários artigos de Vail foram coletados e publicados por Donald Cyr, Annular Publications, 25 West Anapamu Street, Santa Barbara, Califórnia.

² Uma pesquisa geral e menos convincente de evidências mitológicas será encontrada em HS Bellamy, *Luas, mitos e homem*.

³ Este não é o lugar para contar os detalhes do "caso Velikovsky" ou para recitar as muitas descobertas inesperadas da era espacial que pesam a favor de Velikovsky. A história recebe cobertura abrangente no livro recente *Velikovsky reconsiderado*, uma série de artigos de estudiosos reconhecendo evidências científicas substanciais em apoio às afirmações de Velikovsky.

está em conformidade com qualquer coisa em nosso mundo familiar. No entanto, uma vez que se busca a natureza concreta dessas imagens, torna-se claro que cada uma se refere ao *mesma forma celestial*. O assunto é uma configuração saturnina de simplicidade surpreendente - cuja aparência, transformação e eventual desaparecimento se tornaram o foco de todos os ritos antigos.

Agora tenho poucas dúvidas de que, se Velikovsky tivesse perseguido a questão de Saturno até o fim, ele teria percebido uma influência muito maior do planeta do que ele originalmente reconheceu. Ele teria descoberto também que a história completa de Saturno adiciona uma nova perspectiva a grande parte do material mitológico reunido em *Mundos em colisão*. (Nesse sentido, devo enfatizar que só eu sou responsável pelos temas e conclusões apresentados neste livro. Percebendo que Velikovsky teve que defender sua própria heresia por mais de um quarto de século, não tenho desejo de sobrecarregá-lo com a heresia de outros.)

Nada foi uma surpresa maior para mim do que a grande quantidade de material diretamente relacionado à tradição de Saturno. O escopo do assunto tornou necessário separar o material em dois volumes: o primeiro lidando com a aparição de Saturno original, o segundo com o destino catastrófico de Saturno. Este volume inicial, então, enfoca a era primordial da harmonia cósmica e a imagem unificada de Saturno como rei do mundo.



II: O Grande Pai

Qualquer um que tente rastrear a lenda de Saturno deve contar com a figura divina primordial que as raças antigas celebram como "o grande pai", e que dizem ter primeiro organizado os céus e fundado o reino antediluviano de paz e abundância, a "Idade de Ouro ." Embora poucos de nós hoje possam localizar Saturno na esfera estrelada, as primeiras religiões astrais insistem que o deus-planeta já foi o governante todo-poderoso do céu. Mas, paradoxalmente, eles também declaram que ele *residiu na terra* como um grande rei. Ele era o pai de deuses e homens.

Esse caráter duplo do grande pai tem sido o assunto de um debate que dura séculos, mas não resolvido. Ele era um ancestral vivo posteriormente exagerado em uma divindade cósmica? Ou ele era originalmente um deus celestial que os mitos posteriores reduziram a proporções humanas? Para uma explicação do grande pai, os pesquisadores olham para poderes tão variados como o orbe solar, um estimado chefe tribal ou um "ciclo de vegetação" abstrato. Quase uniformemente ignorada é a conexão do homem-deus primordial com o planeta real Saturno - embora seja precisamente este último que pode nos dizer por que o grande pai aparece tanto na forma humana quanto na celestial.

A grande preocupação do antigo ritual é com um antigo "grande deus":

1 Os mitos dizem que o deus emergiu sozinho do mar cósmico como o poder preeminente nos céus. Fora do caos aquático, ele produziu uma nova ordem. Os antigos o adoravam como o criador e o senhor supremo do Cosmos.

2 Este deus solitário, segundo a lenda, fundou um reino de esplendor incomparável. Ele era o ancestral divino de todos os governantes terrenos, seu reino o protótipo do reino justo e próspero. Ao longo de seu reinado prevaleceu uma primavera interminável, a terra produzia livremente e os homens não conheciam o trabalho nem a guerra.

3 - Na forma imponente do deus-rei, os antigos perceberam o Homem do Céu, um gigante primordial cujo corpo era o Cosmos recém-organizado. As lendas costumam apresentar a figura como o primeiro homem ou "homem primordial", cuja história personificou a luta do bem e do mal.

4 - Seja enfatizando o caráter do grande pai como criador, primeiro rei ou Homem do Céu, as tradições difundidas o proclamam como o planeta Saturno.

Ao investigar os traços do deus arcaico, devemos dar maior importância às religiões astrais mais antigas - aquelas que estão mais próximas da experiência original. O melhor material, vindo do antigo Egito e da Mesopotâmia, fornece uma imagem notavelmente coerente do deus e permite ver o desenvolvimento e as distorções da idéia entre os povos posteriores. O que é mais surpreendente, entretanto, é o poder duradouro dos temas básicos.

o "Um Deus " Do Monoteísmo Arcaico

No início, os antigos conheciam apenas um deus supremo, uma divindade invocada como criador e pai de todos os deuses.

De acordo com uma escola de pensamento há muito estabelecida, a consciência do homem de um ser supremo emergiu lentamente de uma fascinação primitiva por espíritos mesquinhos e demônios. Os adeptos desta opinião nos dizem que a razão humana gradualmente modificou os espíritos caprichosos de "vegetação", "primavera", "os ancestrais" ou "poder sexual" nos grandes deuses da religião global.

De tal *evolucionário* processo, no entanto, encontram-se poucas evidências. Os grandes edifícios erguidos por Herbert Spencer, EB Tylor e James G. Frazer ⁴ parecem se apoiar exclusivamente na suposição de que se pode aprender as origens do teísmo estudando as culturas primitivas existentes. A ideia é que as raças civilizadas da antiguidade devem primeiro ter passado por fases “primitivas”. Antes de os hebreus, gregos ou hindus desenvolverem suas idéias elevadas de um deus supremo, eles devem ter possuído crenças e costumes semelhantes aos das tribos modernas da África, Austrália ou Polinésia. Apenas pela *desenvolvimento lento*, dizem esses teóricos, poderia uma raça se elevar acima da magia, totens e fetiches ridículos do selvagem.

É interessante que os defensores das várias teorias evolucionistas, em seu fascínio pelas culturas primitivas atuais, quase nunca se preocupem com os textos e símbolos religiosos mais antigos que chegaram até nós. Os hinos sagrados e elogios do antigo Egito e da Mesopotâmia revelam uma tradição de um “grande deus” que remonta aos tempos pré-históricos. Além disso, uma comparação de fontes anteriores e posteriores, em vez de sugerir um desenvolvimento, na verdade indica o *desintegração* de uma ideia antes unificada em magia, astrologia, totemismo e outros elementos com os quais os evolucionistas associam os “primeiros estágios” da religião.



Figura 1. Atum, o deus solitário dos começos.

Há motivos para falar de um monoteísmo arcaico, de natureza astral, existente muito antes de a ideia de Deus receber sua elevação espiritual e filosófica no pensamento hebraico e grego. Para os próprios antigos, toda a questão era simplesmente uma questão de história concreta: o mundo presente é uma cópia fragmentada de uma era anterior, na qual o deus da luz supremo estava sozinho em um mar primitivo, ocupando o centro cósmico.

Os textos egípcios antigos invocam repetidamente uma figura singular adorada como a maior e mais elevada luz da era primitiva. Um de seus muitos nomes era Atum, um deus “nascido no Abismo antes que o céu existisse, antes que a terra existisse”. ⁵ Estas são as palavras do *Pirâmide Textos*, talvez os hinos religiosos mais antigos do mundo, mas os textos de todos os períodos remontam à mesma época primordial em que Atum brilhava sozinho. “Eu nasci por mim mesmo no meio das Águas Primitivas”, afirma o deus no *Livro dos Mortos*. ⁶ Mais de uma vez o

Textos de caixão lembre-se da época em que Atum “estava sozinho, antes de se repetir”. ⁷ Ele “estava sozinho no

⁴ Spencer, *Os princípios da sociologia*; Tylor, *Cultura primitiva e pesquisas sobre a história da humanidade*; Frazer, *O ramo de ouro*.

Em 1934, EA Wallis Budge publicou seu *Do Fetiche a Deus no Antigo Egito*, cujo próprio título indica a influência da teoria da evolução sobre os especialistas. Budge escreve (p.56): “O animismo deve ter precedido os cultos mágicos dos egípcios pré-dinásticos e, por sua vez, foi sucedido pelos cultos de animais, pássaros, répteis, árvores, etc., que após o animismo formaram a parte predominante da religião posterior dos egípcios. O grande mérito e o fato de ter abraçado um totemismo e fetichismo qualificados e preparar o caminho para que as classes mais altas de espíritos se tornassem ‘deuses’”. No entanto, procura-se em vão evidências dessa suposta evolução entre os egípcios.

⁵ *Texto Pirâmide* 1040.

⁶ Clark, *Mito e símbolo no antigo Egito*, 40, do Capítulo 85 do *Livro dos Mortos egípcio*.

⁷ Clark, *op. cit.*, 94

Águas primitivas”, dizem eles. ⁸ “Eu era [o espírito?] Das Águas Primitivas, aquele que não tinha companhia quando meu nome veio à existência.” ⁹

Cada localidade no Egito parece ter possuído seu próprio representante especial do deus pai. ¹⁰ Para alguns, ele era Hórus, “o deus que veio a existir quando nenhum outro deus ainda existia, quando nenhum nome de coisa alguma havia sido proclamado”. ¹¹ Outras tradições o conheciam como Re, “o Deus que veio a existir no início dos tempos. . . Ó tu que te deste à luz! Ó um, poderoso de uma miríade de formas e aspectos, rei do mundo. . .” ¹²

Os seguidores de Amen proclamaram seu deus “o Ancião do Céu. . . , pai dos deuses.” ¹³ Ptah era “o deus esplêndido que existia sozinho no início”. ¹⁴


Os diferentes nomes locais da divindade primitiva, embora adicionem complexidade à religião egípcia como um todo, não obscurecem a ideia subjacente. Ele é o “deus Único”, o “Único”, o “pai dos primórdios”, o “Senhor Supremo”, o deus singular “exceto a quem no início nenhum outro existia”. ¹⁵

Pesquisando a religião egípcia, não se pode deixar de notar a obsessão dos sacerdotes com o passado - e seu retrato vívido do grande deus em sua “primeira aparição”. Aqueles que procuram por um criador invisível na religião egípcia primitiva ficarão desapontados. Ele é um poder visível e concreto, o “senhor do terror” ou “o grande do terror”. ¹⁶

A memória desse deus e criador solitário da luz era tão antiga quanto o mais antigo ritual egípcio. Sua aparência - e eventual partida - moldou todos os aspectos da visão de mundo egípcia.

O mesmo ocorre na Mesopotâmia, sobre a qual Stephen Langdon levanta a questão do monoteísmo arcaico. Depois de um estudo prolongado de fontes semíticas e sumérias, Langdon concluiu que a veneração de espíritos e demônios nada tinha a ver com as origens da religião mesopotâmica. Em vez disso, “tanto nas religiões sumérias quanto semíticas, o monoteísmo precedeu o politeísmo e a crença em espíritos bons e maus”. ¹⁷

Langdon observa que nas tabuinhas pictográficas do período pré-histórico, a imagem de uma estrela repetidamente

parece. O sinal , afirma ele, é praticamente o único símbolo religioso no período primitivo, e no início Na linguagem suméria, este símbolo de estrela é o ideograma para escrever “deus”, “alto”, “céu” e “brilhante”. É também o ideograma de An, o mais antigo e mais elevado dos deuses sumérios.

An (ou Anu) era o pai dos deuses e a luz central no cume do universo, um deus de “esplendor terrível” que governava o céu de seu trono no mar cósmico Apsu.

⁸ *Ibid.*, 95

⁹ *Ibid.*, 74. Em outros lugares, os textos empregam as frases “enquanto ele ainda estava sozinho”, (77), “quando eu [Atum] ainda estava sozinho nas águas. . .”(38).

¹⁰ Muller observa, por exemplo, que dentro da capital de cada um dos quarenta e dois nomos, o deus patrono original foi exaltado “como se ele fosse o único deus ou pelo menos a divindade suprema”. *Mitologia egípcia*, 17-18.

¹¹ Frankfort, *Reinado e os Deuses*, 37

¹² Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, Hino introdutório a Re.

¹³ Lenormant, *Magia Caldéia*, 80

¹⁴ Ptah é “le dieu splendide qui existait tout seul au commencement. Il n'y a pas son pareil, celui qui s'est créé au commencement sans avoir ni père ni mère. Il a façonné son corps tout seul, celui qui a créé sans être créé, celui qui porte le ciel comme le travail de ses mains.” Hassan, *Império Hymnes Religieux du Moyen*, 160-61.

¹⁵ Mudar, *Os Deuses dos Egípcios*, Vol. I, 131 ff., 400, 501; também Budge, *Do Fetiche a Deus no Antigo Egito*, 4-5, 138-39.

¹⁶ Hassan, *op cit.*, 24, 27; Mudar, *Deuses*, Vol. II, 14.



¹⁷ Langdon, *Mitologia Semítica*, xviii.

Mas o panteão Sumero-Babilônico está repleto de figuras concorrentes do criador primordial. Enki (ou Ea), Ningirsu, Ninurta, Tammuz - cada um aparece como uma formulação local do mesmo grande deus. ¹⁸ Cada um compartilha o caráter do An singular, governando como senhor universal, moldando sua casa acima e irradiando luz no meio do oceano celestial.

Aqui, como no Egito, o deus do monoteísmo arcaico não é um espírito transcendente ou poder invisível, mas uma luz central. Um épico sumério para Ninurta proclama: "Anu no meio do Céu deu a ele um esplendor terrível." Ninurta, de acordo com o texto, é "como Anu" e lança "uma sombra de glória sobre a terra". ¹⁹ Todas as figuras mesopotâmicas do deus primitivo possuem esse caráter tangível, e os relatos da aparência radiante do deus são mais de natureza histórica do que especulativa.

As tradições egípcias e mesopotâmicas do criador solitário encontram muitos paralelos no misticismo e na filosofia hebraica, grega, persa, hindu e chinesa posteriores. Mas são as imagens anteriores que iluminam as posteriores. E por mais heterodoxa que a ideia possa parecer, os registros mais antigos tratam o nascimento do grande deus nas profundezas e seus atos de "criação" como eventos experimentados pelos ancestrais. "Corações impregnados de medo, corações impregnados de terror quando nasci no abismo", proclama o deus no *Pyramid Texts*. ²⁰ O deus solitário, na presença dos ancestrais, trouxe o mundo primitivo ou "terra". Para compreender a criação do grande deus, é preciso deixar de lado as modernas concepções filosóficas e religiosas. A tradição nada tem a ver com as origens de nosso planeta ou do universo material. *O tema da lenda da criação original é a formação da morada visível do grande deus acima.* A lenda registra que, quando o criador se ergueu do mar cósmico, uma grande banda ou ilha giratória congelou em torno do deus como seu lar. A banda apareceu como uma moradia bem definida, organizada e geometricamente unificada - uma "terra" celestial moldada pelo grande pai. Todo o espaço fora deste recinto pertencia ao Caos desorganizado.

Em uma seção posterior deste livro, pretendo mostrar que raças antigas em todo o mundo registraram *As fotos* do grande

deus e sua morada circular. As imagens eram  e  (a segunda forma mais completa mostrando fluxos de luz que irradia do deus para animar sua "cidade do céu"). As palavras que nas línguas antigas denotam este recinto recebem várias traduções como "céu", "cosmos", "mundo", "terra", "terra", "netherland" - termos que assumem significados muito diferentes no uso moderno. Em seus *original* sentir que as palavras significavam uma e a mesma coisa: uma faixa de luz que parecia separar o "solo sagrado" do grande deus do resto do espaço.

(Não se pode começar uma pesquisa do grande pai sem confrontar seu recinto celestial, mas uma discussão completa desta habitação será possível somente depois que certos outros aspectos do deus único receberem esclarecimento. Menciono o recinto agora para indicar o geral, e não convencional, direção desta investigação. Quando os textos citados nas páginas seguintes empregam os termos "céu", "terra" ou "mundo", o leitor deve saber que a interpretação usual não será minha.)

¹⁸ *Ibid.*, 93. "Les épithètes laudatives insisteront sur son caractère de dieu des cieux, père des cieux, et surtout de roi des cieux. Il trône au sommet de la voûte céleste." Dhorme, *Les Religions de Babylonie et d'Assyrie*, 23

¹⁹ A iconografia de tais dietas, afirma Frankfort, revela uma única ideia subjacente. *Op. cit.*, 282. De acordo com Van Dijk, "les différents dieux des panthéons locaux sont les 'Erscheinungsformen' — des formes pluralistes — d'une même divinité." "Le Motif Cosmique dans la Pensée Sumérienne," 4.


Mas Jeremias em sua discussão sobre essas "correntes monoteístas" descreveu o deus supremo como um "poder divino invisível". É difícil imaginar uma descrição menos apropriada de An ou qualquer de suas divindades representativas. Nos textos, An não é apenas a "luz dos deuses", mas uma luz de "glória terrível". Alfred Jeremias, *Handbuch der Altorientalischen Geisteskultur*, 227. Também Jeremias, *Monotheistische Strömungen*. . .

Se apenas um deus prevaleceu no início, como a religião Sumero-Babilônica adquiriu seu número quase infinito de divindades? Langdon escreve: "Ao dar nomes especiais às funções de cada divindade [ou representante de An], os teólogos obtiveram um enorme panteão e atribuindo funções especiais dos três grandes deuses a seus filhos, e novamente dando nomes especiais às suas funções, os a árvore-mãe tornou-se uma floresta de deuses e divindades menores." *Op. cit.*, 91.


²⁰ Langdon, *op. cit.*, 124

Do egípcio Atum (ou Re), noto estas características especiais:

1. Unidade primordial. Atum é o "Um", mas também o "Tudo". Embora ele seja o deus solitário dos primórdios, uma assembléia de deuses menores emana dele e gira em sua companhia. Essas divindades secundárias, o *paut* ou "círculo" dos deuses, constituem os próprios "membros" de Atum. O corpo de Atum é o Cosmos primordial, [21](#) denotado por

círculo no sinal .

2. Regulador. Atum é o deus estacionário, o "Firme Coração do Céu". Seu hieróglifo, no entanto, é o

trenó primitivo , significando "mover". Como a luz central ou pivô, ele transmite movimento para (ou "se move") os céus, enquanto ele mesmo permanece *em hetep*, "em repouso." Dirigindo os movimentos celestes (e os ciclos relacionados), ele se torna o deus do Tempo. [22](#)

3. A Palavra. Os egípcios recordam Atum como a antiga Voz do céu:

A palavra veio a existir.

Todas as coisas eram minhas quando eu estava sozinho. Eu

era Re [= Atum] em suas primeiras manifestações.

Os textos descrevem as "primeiras manifestações" do deus [23](#) como a geração de seus companheiros (seus "membros"), que saem - ou explodem - do deus como sua "fala" de fogo. Este círculo de divindades secundárias recebe o nome de Khu, que significa "palavras de poder", mas também "luzes brilhantes" ou "luzes gloriosas".

4. Água Deus. Um capítulo bem conhecido do *Livro dos mortos* inclui esta descrição de Re:

Eu sou o Grande Deus que criou a si mesmo.

Quem é ele?

O Grande Deus que se criou é a água

é o Abismo, o Pai dos Deuses. [24](#)

O grande deus e o oceano celestial - "um lago de fogo" - são fundamentalmente um. As águas saem do deus, mas, paradoxalmente, o dão à luz.

5. A Semente. Atum é o poder masculino do céu, a Semente luminosa que incorpora todos os elementos da vida (água, fogo, ar, etc.), que fluem dele em fluxos de luz. Ele é a fonte universal de fertilidade animando e impregnando o Cosmos. [25](#)

O que é mais atraente sobre o retrato de Atum-Re é que numerosas divindades egípcias *duplicado* a imagem. Os próprios traços do grande deus, esboçados acima, são repetidos incessantemente nas figuras de Osíris, Ptah, Horus, Khepera e Amen - cada um dos quais aparece como o deus solitário no mar de fogo; o deus Aquele que criou a companhia de deuses como seus próprios membros; o deus da fala reverberante; a *imóvel* deus produzindo as revoluções celestes; a fonte final das águas e a semente impregnante do Cosmos. [26](#)

Se perguntássemos a um padre egípcio como ele chegou a essa noção do deus supremo, o padre nos diria que ele não "chegou" a essa ideia de forma alguma. O grande deus era um *histórico* divindade, que governou o céu por um

[21](#) *Pirâmide Textos* 1039-40.

[22](#) Veja especialmente a seção sobre " [O Círculo dos Deuses](#) ".

[23](#) Veja a discussão do egípcio " [Movimentador imóvel](#) ".

[24](#) Clark, *op. cit.*, 79

[25](#) Piankoff, *Os Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 121

[26](#) Veja a seção sobre [útero cósmico](#) .

tempo, então partiu em meio a grandes convulsões. Os hinos e textos rituais (diria o padre) simplesmente registram a encarnação do deus na era primordial e recontam os cataclismos massivos que acompanharam o colapso daquela era.

Como as seções a seguir irão mostrar, a tradição geral é global e altamente coerente.

O monarca universal

A mesma figura cósmica que as raças mais antigas conheciam como o criador e deus supremo aparece nos mitos como um rei terrestre, reinando na Idade de Ouro. Seu governo foi distinguido por sua paz e abundância, e ele governou não apenas uma terra, mas o mundo inteiro, tornando-se o modelo do bom rei. Cada governante terrestre, de acordo com os ritos de realeza, recebeu seu carisma e autoridade deste predecessor divino.

Nenhuma figura mítica permanece mais enigmática do que o grande rei a quem tantos povos antigos traçaram seus ancestrais. Quem foi Osiris, o lendário governante que tirou os egípcios da barbárie e reinou como rei do mundo inteiro? Quem era Enki, a quem os antigos sumérios reverenciavam como o "senhor universal" e fundador da civilização?

A mesma figura aparece repetidamente quando se passa para a Índia, Grécia, China e Américas. Para os hindus, era Yama; para os gregos, Cronos; para os chineses, Huang-ti. Os mexicanos insistiram que o deus branco Quetzalcoatl governou não apenas o México, mas toda a humanidade. Na América do Norte, a mesma ideia foi atribuída à figura primordial Manabozo.

Tão vívidas são as lembranças do Monarca Universal que sua história geralmente constitui o primeiro capítulo nas crônicas da realeza. E os ritos de realeza preservam meticulosamente a memória do governo dos reis-deuses. Cada estágio na inauguração de um novo rei reconstitui a vida e morte do "primeiro" rei. Os ritos levam os iniciados de volta ao início - à "criação" mítica.

Surge um tema extraordinário: na era original da harmonia cósmica e da inocência humana, os deuses viviam na terra. Presidindo a época de paz e abundância estava o Monarca Universal, que fundou templos e cidades e ensinou à humanidade os princípios da agricultura, direito, escrita, música e outras artes civilizadas. Essa Idade de Ouro, no entanto, terminou com a morte catastrófica do deus-rei.

O que é mais intrigante para os comentaristas modernos é que o rei do mundo, "governando na terra", é ao mesmo tempo o criador, o "deus Único". Como os antigos chegaram a essa noção paradoxal?

The Age Of Kronos

As lendas gregas lembram uma era remota e misteriosa de Cronos, o deus criador que, empunhando sua foice, governou do cume do Olimpo. Eventualmente deslocado por seu próprio filho, contra quem guerreou violentamente, Cronos parece ter aparecido para os gregos como uma personalidade dividida, ao mesmo tempo um deus radiante - o próprio autor do mundo - e um poder sombrio e demoníaco.

Mas em uma tradição antiga, com raízes na mais antiga antiguidade, Cronos é preeminente o bom rei, com seu lado mais sombrio oculto. "Em primeiro lugar, os deuses imortais que habitam no Olimpo formaram uma raça dourada de homens mortais que viveram na época de Cronos quando ele reinava no céu. E eles viviam como deuses sem tristeza no coração, remotos e livres de labuta e sofrimento: a idade miserável não repousava sobre eles. . . A terra frutífera deu-lhes frutos abundantemente e sem restrições. Eles habitavam com facilidade e paz em suas terras com muitas coisas boas, ricos em rebanhos e amados pelos deuses abençoados." ²⁷

Quando Hesíodo escreveu essas linhas, a Idade de Ouro de Cronos era apenas uma memória fraca e freqüentemente confusa. Para observar a antiguidade da ideia, basta referir-se aos berços da antiga civilização - Egito e Mesopotâmia.

Entre os egípcios, o pai da era paradisíaca possuía muitos nomes, mas cada tradição proclamava a mesma excelência original da criação, posteriormente corrompida. A época de paz foi claramente a idade de

²⁷ Evelyn-White, *Hesíodo, os Hinos Homéricos e Homérica*, 11

Cronos, com um título diferente. “Ao longo de sua história, os egípcios acreditaram em uma época de perfeição no início do mundo”, observa Clark. [28](#)

Nos primeiros tempos, dizem as fontes egípcias, o grande deus foi o primeiro rei, um governante cuja vida serviu de modelo para todas as épocas posteriores. Com o deus-rei Osíris, os egípcios associavam constantemente uma Idade de Ouro desaparecida. Como rei, Osíris, o “Ser Beneficente”, ensinou seus súditos a adorar os deuses, deu-lhes as artes da civilização e formulou as leis da justiça. Fundando templos e cidades sagradas e disseminando sabedoria de um país para outro, ele se tornou o benfeitor de todo o mundo. [29](#) Mas seu eventual assassinato trouxe destruição mundial.

Entre os escritores clássicos (Heródoto, Diodoro, Plutarco) prevaleceu a ideia de que Osíris vivia em nossa terra como um homem ou homem-deus. Fontes egípcias também costumam retratá-lo em forma humana. No entanto, os primeiros textos religiosos dizem repetidamente que Osíris era a luz suprema do céu, governando do centro cósmico. Ele era, na verdade, “o senhor dos deuses, o Deus Único”. [30](#) Seu corpo formou o Círculo do *Tuat*, a residência celestial dos deuses. E os próprios deuses secundários constituíam os membros de Osíris. [31](#)

Na verdade, as tradições de Osíris se fundem nas de Re, o “deus Um, que veio a existir nos tempos primitivos”. Assim como os seguidores de Osíris se lembraram de seu governo na terra, outros egípcios se lembraram do reinado terrestre do Criador Re. Até hoje, afirma Lenormant, os egípcios “continuamente olhavam para trás com pesar e inveja”. Para declarar a superioridade de uma coisa acima de todas as outras coisas imagináveis, bastava afirmar, “seu semelhante nunca foi visto desde os dias de Re.” [32](#)

Re, o pai dos deuses, reinou sobre o mundo terrestre, mas se afastou quando os céus caíram em desordem. “Toda a tradição cronológica afirma que Re já governou o Egito”, escreve Budge, “e é um fato notável que todo possuidor do trono do Egito provou, de uma forma ou de outra, que o sangue de Re corria em suas veias. . . ” [33](#) Mas a mesma crença se aplica a Hórus, o deus-rei *por excelência*, bem como Atum, Khepera, Ptah e Amen. O fato que deve ser explicado é que a memória do criador e sua idade original de abundância era muito mais ampla do que qualquer *local* tradição.

E a história não se limitou ao Egito. De acordo com o teólogo e historiador Eusébio (que relata o relato do sacerdote-historiador babilônico Berossus), as antigas tribos da Caldéia deviam sua civilização a uma figura poderosa e benevolente chamada Oannes, que governou antes do Dilúvio. Antes de Oannes, as tribos viviam “sem ordem, como os animais”. Mas o novo deus-rei, que *emitido do mar*, instruiu a humanidade na escrita e em várias artes, na formação de cidades e na fundação de templos. “Ele também lhes ensinou o uso de leis, de limites e divisões, também a colheita de grãos e frutas e, em suma, tudo o que diz respeito à suavização da vida que ele entregou aos homens; e desde então nada mais foi inventado por ninguém.” [34](#)

Oannes era simplesmente o nome grego para o babilônico Ea (o sumério Enki), adorado na cidade de Eridu, na foz do Eufrates. A tradição data dos primeiros estágios da história suméria, época em que os mitos dizem que Enki e sua esposa Damkina governaram o paraíso perdido de Dilmun, o “lugar puro” da gênese do homem.

Só eles repousaram em Dilmun;

[28](#) *Op. cit.*, 103

[29](#) Mudar, *Osiris; a Religião Egípcia da Ressurreição*, 1-23.

[30](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 131.

[31](#) De Osiris Budge escreve: “Seu corpo formou o círculo do Tuat. . . Osiris consagrou dentro de si todos os deuses cósmicos ou deuses da natureza.” *De Fetichismo a Deus*, 183.

[32](#) *Les Origines de l'Histoire*, 58

[33](#) *Deuses*, Vol. I, 329.

[34](#) Citado em *A História Antiga de Cambridge*, Vol. I, Parte 2, 102.

*Onde Enki e sua esposa repousaram,
Aquele lugar era puro, aquele lugar era limpo. . .
Em Dilmun, o corvo não coaxou. A pipa
guinchou não como uma pipa.
O leão mutilado não.
O lobo não devastou os cordeiros. 35*

Os habitantes deste paraíso viviam em um estado de quase perfeição, bebendo as águas da vida e desfrutando de uma prosperidade sem limites.

Governando esse domínio favorecido, Enki apresentou a civilização à humanidade, fundou as primeiras cidades e templos e estabeleceu as primeiras leis.

Se, no relato de Berossus, o portador da civilização aparece como um homem (ou parte homem, parte peixe), os relatos anteriores o chamam de criador. Sua casa era o mar cósmico Apsu, as águas celestiais do "fogo, raiva, esplendor e terror". 36 Os sacerdotes de Ea ou Enki o consideraram *Mummu*, a criativa "Palavra". Como o criador egípcio, Enki trouxe os deuses secundários por meio de sua própria fala.

Diversas localidades adoravam o mesmo poder cósmico sob nomes diferentes. Na antiga cidade de Lagash, os sacerdotes homenageavam o deus Ninurta como o pai da era paradisíaca. Ninurta fundou templos e cidades; os anos de seu governo, relacionados com o início do mundo, foram "anos de abundância".

*Ninurta - escalou a montanha e espalhou sementes por toda parte, E as
plantas unânimes o nomearam como seu rei. 37*

Os próprios sumérios sabiam que Ninurta era o mesmo que o "deus da vegetação" Damuzi (ou Tammuz), "filho de Apsu" - o pastor da humanidade que a mitologia clássica conhecia como Adônis e cuja catastrófica partida ou morte se tornou o foco de lamentações rituais por muitas centenas de anos.

Mas Enki, Ninurta e Damuzi eram apenas aspectos do criador An, cujo ideograma (como anteriormente [notado](#)) aparece como o primeiro sinal mesopotâmico de divindade. Em todos os mitos e hinos do templo, os sumérios distinguem a era atual de "aquele dia", ou "os dias da antiguidade", quando os deuses "deram ao homem abundância, o dia em que a vegetação floresceu". 38 A figura suprema reinando sobre esta era remota era AN, a luz central e mais elevada, cujo epíteto principal era *lugal*, "rei." Os sumérios afirmavam que a própria instituição da realeza descia "do céu de An." Foi An quem produziu a idade benéfica - "quando o destino foi estabelecido para tudo o que foi engendrado (por An), quando An engendrou o ano da abundância." 39

Quão difundida foi essa memória de uma Idade de Ouro, naufragada e governada pelo próprio criador? Parece que a tradição foi preservada ou migrada para todas as partes do mundo. No México, as lendas recontam o antigo governo de Quetzalcoatl, que apareceu do mar para se tornar o bom e sábio governante de Tollan, na Idade de Ouro de Anahuac. A lenda descreve o deus como um "legislador, professor de artes e fundador de

35 Langdon, *op. cit.*, 194.

36 *Ibid.*, 105

37 *Ibid.*, 119

38 Van Dijk, *op. cit.*, 16 ff.

39 *Ibid.*, 23. Van Dijk escreve (p. 32): "Cette pensée que le jour de l'origine est devenu le prototype des autres jours où, tant dans la mythologie que dans l'histoire sumérienne, de grandes catastrophes se sont produites, se trouve perpétuée dans l'expression. . . comme dans les temps lointains."

religião purificada.” 40 Ele foi o “Rei Fundador Ancestral” e todos os reis toltecas posteriores se consideraram seus descendentes diretos. 41 De Quetzalcoatl, os toltecas cantaram:

*Todas as artes dos toltecas,
seu conhecimento, tudo veio de Quetzalcoatl.
Os toltecas eram ricos,
seus alimentos, seu sustento, não custam nada.
Dizem que as abóboras eram
grandes e pesadas. . .
E esses toltecas eram muito ricos,
eles foram muito felizes;
Não havia pobreza ou tristeza. Não
faltava nada em suas casas, Não havia fome
entre eles. . . 42*

Na história de Quetzalcoatl, encontramos a mesma confusão entre homem e deus que nas lendas do Egito e da Mesopotâmia. O cronista Sahagun escreve: “Embora este Quetzalcoatl fosse um homem, eles o respeitavam como um deus”. 43 Na verdade, ele foi o criador, pois “Ele fez os céus, o sol, a terra.” 44 Os toltecas afirmam que no início sua raça conhecia apenas um deus:

*Eles tinham apenas um deus e o
consideravam o único deus, o
invocavam, o suplicavam; o nome
dele
era Quetzalcoatl. 45*

Quetzalcoatl não era apenas o “Doador da Vida”; a lenda proclama que a primeira geração divina emanou diretamente dele. Mas, eventualmente, o deus (como seus homólogos em todo o mundo) sofreu um destino violento, pondo fim à sua Idade de Ouro. Aos relatos egípcios, mesopotâmicos e indianos americanos da época remota correspondem numerosas lendas da Índia, Irã, China e norte da Europa:

Índia

Os hindus Brahma, Yama, Vishnu e Manu convergem como representantes de um deus e criador supremo solitário governando um paraíso perdido como o primeiro rei, estabelecendo os primeiros códigos morais e transmitindo à humanidade os fundamentos da civilização. Yama aparece como o “senhor universal”; Manu, como o “rei do mundo” ou “legislador universal”, a quem monarcas posteriores traçaram sua linhagem. 46

40 Alexandre, *Mitologia latino-americana*, 66

41 Perada, *Senhor dos Quatro Quartos*, 195. Burland, *Os Deuses do México*, 33, 47.

42 León-Portilla, *Literaturas pré-colombianas do México*, 40-41.

43 Citado em Burland, *op. cit.*, 149.

44 Alexandre, *op. cit.*, 69

45 Perada, *op. cit.*, 196.

46 Guenon, *Le Roi du Monde*, 13 ff. Perada, *op. cit.*, 126 ff.

"No começo", dizem os Upanishads, "surgiu a Criança de Ouro. Assim que nasceu ele sozinho era o senhor de tudo o que existe." ⁴⁷ Este era Brahma, o "Deus Um". Sua época próspera, no entanto, terminou com sua própria morte e uma conflagração que destruiu o mundo.

Irã

Yima, a transcrição iraniana do Hindu Yama, é o senhor patriarcal da humanidade, o "brilhante Yima" que primeiro apresentou a lei e a civilização ao mundo. Sua idade não conhecia "nem frio nem calor. . . nem idade nem morte." Tão resplandecente era sua regra que "o mundo se reuniu em volta de seu trono maravilhado". Mas então (quando Yima se desviou do caminho da justiça), a Glória fugiu de seu reino e ele foi condenado à morte. Então, a eterna primavera se tornou um inverno devastador. ⁴⁸

China

Na mais tenra idade, de acordo com a antiga tradição chinesa, o mais puro prazer e tranquilidade reinavam em toda a natureza. A humanidade não sofreu fome, nem dor, nem tristeza. "Toda a criação gozava de um estado de felicidade. . . , e as coisas cresceram sem trabalho; e prevaleceu uma fertilidade universal". Foi exatamente esse paraíso que governou o "Imperador Amarelo" Huang-ti. Considerado o pai da religião taoísta, Huang-ti foi o criador, um legislador universal e fundador das artes e da civilização. Ele também era um mortal, e sua era frutífera desapareceu após sua morte. ⁴⁹

Norte da Europa

Durante a "paz de Frodi", um mítico rei dinamarquês, nenhum homem feriu outro e um moinho mágico trouxe paz e abundância para toda a terra. Frodi é o deus nórdico Frey, fundador de templos e ritos religiosos, o "senhor generoso sob o qual abundavam a paz e a fecundidade", tanto o "senhor dos suecos" quanto o "deus do mundo". Seguindo os passos do escandinavo Odin (o criador), o bem-estar, a paz e as boas temporadas se seguiram. As lendas o chamam de primeiro rei, o "inventor das artes" e a fonte da sabedoria humana. Mas a era de Frey se dissolveu em chamas, assim como Odin e seu próspero reino desabaram no fogo de Ragnarok. ⁵⁰

Aqui, então, está um motivo mundial, profundamente enraizado nos registros religiosos e históricos de todas as raças principais. "A ideia da felicidade edênica dos primeiros seres humanos constitui uma das tradições universais", afirma Lenormant. ⁵¹ Ministrando sobre esta idade está o Monarca Universal. Embora exaltado como o deus supremo solitário e criador do mundo, ele ainda aparece como um governante na terra, o ancestral dos reis terrestres. Com seus ensinamentos, a humanidade saiu da barbárie. Mas no final o deus encontrou um destino catastrófico, e sua morte ou partida trouxe o fim violento da primeira ordem mundial.

Os ritos da realeza

O ritual em torno dos reis antigos equivale a um resumo das crenças antigas sobre o Monarca Universal, pois cada soberano local foi o sucessor e representante do grande deus que governou o mundo durante a Idade de Ouro. Os ritos da realeza atestam o enorme poder que a memória coletiva desse deus-rei manteve ao longo das gerações posteriores. Crônicas da realeza do Egito, à Mesopotâmia, à Pérsia, à China, à Itália, a

⁴⁷ Fluegel, *Filosofia, Qabbala e Vedanta*, Vol. I, 179. De Vishnu, a inscrição no famoso Pilar de Ferro de Delhi declara: "A beleza do semblante daquele rei era como a da lua cheia [candra]; - por ele, com seu próprio braço, único domínio mundial foi adquirido e mantido por muito tempo; e embora, como se estivesse cansado, ele em forma corporal deixou esta terra, e passou para o país do outro mundo ganho por seu mérito, ainda, como as brasas de um fogo apagado em uma grande floresta, o brilho de seu inimigo destruidor a energia não sai da terra. . . "Vincent A. Smith," *The Iron Pillar of Delhi*, "6.

⁴⁸ Carnoy, *Mitologia iraniana*, 304-5; Darmesteter, *O Zend-Avesta*, lxxv, lxxxviii, 10-11.

⁴⁹ Faber, *As origens da idolatria pagã*, Vol. II, 139; Ferguson, *Mitologia chinesa*, 21

⁵⁰ Davidson, *Deuses e mitos do norte da Europa*, 92 ff., 56, 202 ff.; MacCulloch, *Mitologia Eddic*, 32, 39, 113-14, 133.

⁵¹ *Les Origines de l'Histoire*, Vol. I, 58.

O norte da Europa, ao México pré-colombiano, todos traçam a linha de reis até o primeiro rei, uma divindade cósmica suprema que “fundou” os ritos de reinado.

“Quando a história começa, há reis, os representantes dos deuses”, afirma Hocart. ⁵² Nenhum erro maior poderia ser cometido pelos historiadores do que presumir que a soberania dos reis surgiu de preocupações econômicas ou materiais. Em vez disso, as forças cruciais eram religiosas. O rei era um produto de um ritual antigo, e o ritual centrado em crenças cósmicas que, por vários milênios, não podiam ser abandonadas. Para compreender a poderosa influência da realeza no mundo antigo, é preciso penetrar no mistério do protótipo do rei, o Monarca Universal.

Na vida e governo do primeiro rei originaram-se as prerrogativas e obrigações de todos os soberanos locais. Era dever de todo rei realizar os ritos instituídos pelo grande deus no início e renovar, mesmo que apenas simbolicamente, a era primordial de paz e abundância.

No ritual, o rei gira a roda da lei girada primeiro pelo grande deus, cavalga no próprio navio cósmico do deus, toma como esposa a grande mãe (amante do grande pai), constrói templos e cidades modelados após a morada celestial do deus, e subjuga as forças das trevas (bárbaros), assim como o deus derrotou o caos no início. Quaisquer que sejam as maravilhas do grande pai, é dever de cada rei local repeti-las ou, pelo menos, reencenar ritualmente essas realizações como se ele próprio fosse o grande deus.

Em seu estudo sobre a realeza no Egito, Henri Frankfort nos diz que *o grande deus foi o primeiro rei*: “Quer seja chamado de Re, Khepri ou Atum, ele é o protótipo do Faraó, e os textos são abundantes em frases que fazem a comparação.” ⁵³ Para certificar sua autoridade como sucessor do Monarca Universal, o rei credita-se por ter introduzido uma era de abundância como a do soberano ancestral. Assim, Tutmés III não apenas se senta “no trono de Atum”, mas afirma ter alcançado “o que não havia sido feito desde a época de Re” e ter restaurado as condições “como eram no início”. ⁵⁴ Amenhotep III se esforça para “fazer o país florescer como nos tempos primitivos” ⁵⁵

Da mesma forma, quando o rei sumério Dungi ascendeu ao trono, o povo supôs que um campeão surgira para restaurar o Paraíso que existia antes do Dilúvio (mas foi perdido pela transgressão). ⁵⁶ Cada rei, afirma Alfred Jeremias, era esperado para reproduzir as maravilhas do grande deus, o rei primitivo. ⁵⁷ Assim, Assurbanipal proclama que após sua ascensão ao trono “Ramman enviou sua chuva - a colheita foi abundante, o milho abundou - o gado se multiplicou excessivamente.” ⁵⁸

Entre os hebreus, “todo rei é um Messias, e às vezes existe a esperança de que o rei introduza uma nova Idade de Ouro”. ⁵⁹ Esse é o teste do *somente* ou *Boa* governante, que traz prosperidade e uma terra fecunda. este

⁵² *Realeza*, 7

⁵³ *Op. cit.*, 148

⁵⁴ *Ibid.*, 149.

⁵⁵ *Ibid.*, 51

⁵⁶ Canney, “Ancient Conceptions of Kingship”, 74n.

⁵⁷ “Aus dem Anspruch des Gottkönigtums ergibt sich der des Weltimperiums. Der Heros Ninib wird in einem zweisprachigen Texto als König eingeführt, dessen Herrschaft bis an die Grenzen Himmels und der Erde leuchten soll. . . Dasselbe gilt vom historischen König. Naramsin besteigt als Eroberer den Weltberg. Wie jeder Kult als kosmisch gilt, so wird jede Stadt, jedes Land, jedes Reich als Kosmos angesehen. Nicht die Grösse des Territoriums, sondern die Idee ist massgebend. Auch ein Stadtkönig nennt sich in diesem Sinne lugal kalama, 'Weltkönig.' Die Länderbezeichnungen und Königstitel sind in diesem Sinne kosmisch gemeint: šar kibrât irbitti 'König der vier Welteile,' šar kissati 'König des Weltalls.' ” *Handbuch*, 178.

⁵⁸ Eliade, *Padrões na religião comparada*, 405.

⁵⁹ Canney, *op. cit.*, 74

a crença, que parece ter dominado todo o mundo antigo, recebe atenção insuficiente dos historiadores: ela aponta diretamente para a extraordinária memória do Monarca Universal.

Considere: Homero apresenta como o ideal “um rei irrepreensível cuja fama sobe até o amplo céu, mantendo o direito, e a terra negra produz trigo e cevada e as árvores estão carregadas de frutos, e as ovelhas produzem e não falham, e a O mar acumula um estoque de peixes, e tudo com sua boa orientação, e as pessoas prosperam.” ⁶⁰

Pode ser outra coisa senão a era perdida de Cronos? Por que um solo fértil confirma o *justiça* de reis? A conexão se torna clara quando se considera o Monarca Universal mais do que uma ficção esotérica e o reconhece como a força modeladora por trás dos ideais de realeza. Assim como a paz e a fartura seguiram as pegadas do primeiro (ideal, “bom”) rei, elas deveriam seguir aqueles de seus sucessores que compartilham do carisma do grande predecessor.

“Quanto mais recuamos na história”, observa Jung, “mais evidente se torna a divindade do rei. . . No Oriente Próximo, toda a essência da realeza era baseada muito mais em considerações teológicas do que políticas

. . . era evidente que o rei era a fonte mágica de bem-estar e prosperidade para toda a comunidade orgânica de homem, animal e planta; dele fluía a vida e a prosperidade de seus súditos, o aumento dos rebanhos e a fertilidade da terra.” ⁶¹ Esta imagem do rei local foi desenhada diretamente da imagem do Monarca Universal.

Assim, todo governante antigo se autodenominava o “rei do mundo” e afirmava irradiar poder e luz. Thompson nos conta que o governante maia se declarou “algo como Rei dos reis, governante do mundo, regente na terra do grande Itzam Na. . . uma espécie de direito divino dos reis que teria deixado Tiago I verde de inveja.” ⁶² O que Thompson chama de “noção exagerada de grandeza” parece caracterizar todos os reis antigos (que “brilham como o sol” e dirigem os movimentos celestiais); mas o motivo deve ser apreciado: todo rei era, de uma forma mágica, o Monarca Universal renascido. *A instituição e o ritual da realeza apontam para o mesmo grande deus e a mesma Idade de Ouro que os mitos dos primórdios cósmicos.*

Em que condições históricas essa memória coletiva se originou? E se o Monarca Universal governou os céus inteiros como o Deus Um, por que ele foi chamado de “ancestral”?

O homem do céu

Tão vívida era a imagem celestial do grande pai e tão poderosa foi sua influência sobre a civilização em sua infância, que os antigos cronistas muitas vezes lhe deram a forma humana, lembrando-o como o “primeiro homem.” Mas ele não era mortal de carne e osso. Em seu caráter original, ele defendeu o Cosmos como o Homem do Céu, um gigante celestial cujo corpo englobava todos os deuses e compôs o “matéria primitiva” da criação.

O grande pai reinou na era próspera e partiu em meio a grandes convulsões. Os relatos míticos dão a essa figura imponente características tão tangíveis e “humanas” que mais de um estudioso o reduz a um homem vivo - um estimado ancestral tribal cujas façanhas heróicas nas gerações seguintes aumentaram progressivamente até que todo o universo ficou sob sua autoridade.

Essa é a abordagem de William Ridgeway, que, em uma pesquisa das figuras mais conhecidas do grande pai, argumenta que apenas um chefe tribal real poderia ter deixado uma marca tão profunda nas comunidades primitivas. Ridgeway nos pergunta se o “céu” abstrato, ou o orbe solar, ou um espírito da vegetação - explicações comuns do grande pai - poderia produzir tal devoção como é evidente nas lamentações anuais sobre o governante

⁶⁰ Ridgeway, *Dramas e danças dramáticas de raças não europeias*, 6. Compare o papel do rei irlandês: “Supunha-se que a prosperidade caracterizava o reinado de todo bom rei na Irlanda, talvez apontando para a crença anterior em sua divindade e a dependência da fertilidade dele; mas o resultado é precisamente aquele que em todos os lugares marcou a idade de ouro.” MacCulloch, *Mitologia celta*, 137-38.

⁶¹ Jung, *Mysterium Coniunctionis*, 258.

⁶² J. Eric e S. Thompson, *História e Religião Maia*, 232

morte catastrófica. Osíris, Brahma, Tammuz, Quetzalcoatl - seus devotos se lembram de cada um como um ancestral vivo, cuja morte foi uma calamidade terrível. [63](#)

É claro que Ridgeway não presume que um único homem seja responsável por todas as tradições de um grande pai. Em vez disso, ele procura identificar cada um em termos de uma figura histórica bastante distinta dos ancestrais venerados de outras tribos. Se seus argumentos contra as teorias astronômicas e da vegetação predominantes têm grande peso, eles falham em explicar o paralelo global entre os respectivos mitos. Nem se pode conciliar a interpretação de Ridgeway com o fato incontroverso de que, nas primeiras contas, o grande pai é manifestamente *cósmico*.

O fato de muitas histórias sagradas, no entanto, apresentarem o rei-criador em forma humana é um paradoxo que requer uma explicação. A solução está na natureza do lendário “primeiro homem”.

Quem foi Adam?

Se alguém comparar as tradições de Adão com a imagem global do grande pai, não haverá dúvida de que esse ancestral primordial era simplesmente uma forma especial do Monarca Universal. De acordo com as lendas hebraicas, a estatura de Adão era tão grande que ele se estendia da terra até o centro do céu. [64](#) Seu semblante obscureceu o sol. [65](#) Como o Monarca Universal, "Adão era o senhor na terra para governá-la e controlá-la", [66](#) ensinando suas disciplinas as primeiras artes e ciências. [67](#) Os mitos dizem que as criaturas terrestres “o aceitaram como seu criador, e todos vieram para adorá-lo”. [68](#) Embora os cronistas chamem isso de “erro”, evidências substanciais mostram que a tradição dizia respeito mais a um deus do que a um homem.

No sistema gnóstico e em outros sistemas místicos, Adam não é um mortal, mas um ser cósmico cujo corpo continha a semente de toda a criação posterior. Conforme observado por GG Scholem, resumindo as tradições da Cabala Hebraica, Adam— ou *Adam Qadmon* - é o “homem primordial”, isto é, “uma vasta representação do poder do universo”, que está concentrada nele. [69](#) Este Adão é um “homem de luz” que ocupa o centro do Cosmos e irradia energia ao longo do eixo do universo. Ele é o criador e sustentador do mundo, cujo corpo engloba todos os elementos da vida. [70](#)

Os místicos islâmicos chamavam Adão de “o homem universal” ou “o homem perfeito” que defendia o cosmos. [71](#) Para os ofitas do início da era cristã, ele era Adamas, “o homem do alto” ou, nas palavras de Lenormant, “o típico homem perfeito, isto é, o protótipo celestial do ‘homem’”. Em um dos fragmentos cosmogônicos preservados nos extratos de Sanchuniathon (conforme registrado por Filo de Biblos) Adão nasce no início de todas as coisas e

[63](#) Ridgeway, *A Origem da Tragédia; e Dramas e Danças Dramáticas*.

[64](#) Graves e Patai, *Mitos hebraicos: O livro do Gênesis*, 61; Ginzberg, *As lendas dos judeus*, Vol. I, 59.

[65](#) Ginzberg, *op. cit.*, 60

[66](#) *O Livro dos Segredos de Enoch* 31: 3, em Charles, *Os Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento*, Vol. II, 450.

[67](#) Jung, *op. cit.*, 398-99.

[68](#) Ginzberg, *op. cit.*, 64; Graves e Patai, *op. cit.*, 62

[69](#) Citado em Cirlot, *Um Dicionário de Símbolos*, 4 -

[70](#) “Adam-Kadmon ist nach der Kabbala der erste Mensch, der Urmensch, die erste aus dem Unendlichen, der absoluten Vollkommenheit (En Sof), unmittelbar hervorgehende Emanation, in der ältesten hebräischen Mystik Gott selber.” Schwabe, *Archetyp und Tierkreis*, 9

[71](#) “El insânul-qadim, c'est-à-dire l'Homme primordial, 'est, en arabe, une des désignations de l'Homme universel' (sinônimo de Elinsânul-kamil, qui est littéralement l'Homme parfait 'no total); c'est exactement l'Adam Qadmon hébraïque.” Guenon, *Formes Traditionnelles et Cycles Cosmiques*, 64n.

é idêntico ao grego *Ouranos*, "céu." ⁷² Os mandeístas modernos do Iraque conhecem Adão como o "Rei do Universo", uma personificação de tudo que o homem espiritual pretende ser e realizar. ⁷³

Isso, é claro, soa quase exatamente como o deus primordial Um da lenda global. De fato, *nos mitos de muitas terras, o primeiro homem e o rei criador são idênticos*. Embora o Hindu Yama e sua contraparte Manu apareçam como o criador e rei do mundo, eles também significam o ancestral primordial. Seu caráter como primeiro homem, entretanto, não significa carne e sangue. Eles são o *protótipos celestes*, observa Lenormant, símbolo do "homem" em geral. ⁷⁴

O papel do Hindu Yama é preenchido no mito persa não apenas por Yima, mas também por Gaya Maretan, um lendário primeiro rei, um homem de pureza perfeita, "produzido brilhante e branco, radiante e alto". ⁷⁵ Ele também "aparece como o protótipo da humanidade". ⁷⁶

Muitos mitos não fazem distinção entre o criador e o primeiro homem. O Oceanic Tiki "é ao mesmo tempo o primeiro homem e o criador ou progenitor do homem". ⁷⁷ Entre os Koryak, o criador do mundo também é "o primeiro homem, o pai e protetor dos Koryak". ⁷⁸ Os Assiniboin, uma tribo Siouan norte-americana, dizem que foi o Primeiro Homem que tirou o Mundo das águas primitivas. ". . . Eles também dizem do Primeiro Homem, o Criador, que ninguém o fez e que ele é imortal. " ⁷⁹

Os tártaros altaicos também falam de um Homem do Mundo ou Primeiro Homem. Nos mitos da criação, ele se duplica para o próprio deus e levanta o mundo das águas cósmicas. ⁸⁰ Comparável é o Homem do Mundo dos Voltas, ⁸¹ ou o Homem Solitário que os Yakuts consideram o primeiro ancestral e cuja morada perfurou o cume do céu. ⁸²

Se a tradição geral for nosso guia, Adão é o deus solitário dos primórdios, apresentado em forma humana. Essa era a opinião do polêmico Gerald Massey, que, encantado com a profundidade da cosmologia egípcia, propôs que o hebreu Adão ecoasse o antigo egípcio Atum, o deus que brilhava sozinho no Abismo. ⁸³ Pouco importa se a relação entre as duas figuras é tão direta quanto Massey sugeriu. Em todo o mundo antigo, o deus original Um passou para o lendário primeiro ancestral.

⁷² "Les Ophites ou Nahasséniens, dans les premiers siècles du christianisme, avaient adopté cette idée due Adam Qadmon dans leur Adamas. . . qu'ils appelaient 'l'Homme d'en haut,' traduction exacte du titre de la Kabbale, 'l'Adam supérieur.' A leur tour, les Barbélonites, qui étaient une branché dérivée des Ophites, disaient que Logos et Ennoia, par leur concours, avaient produit Autogènes (Qadmon), type de la lumière et entouré de quatre luminaires cosmique. . . Remarquons que dans un des morceaux cosmogoniques, cousus maladroitement les uns au bout des autres, que nous offrent les extraits du Sanhoniathon de Philon de Byblos, tels que nous les possédons, Epigeios ou Autochthon, c'est-à-dire Âdâm (avec la même alusão a adâmâth que dans le texte de la Genèse), nait à l'origine des choses due dieu supremo 'Eliouûn, et est identique à Ouranos. . ."Lenormant, *Les Origines de l'Histoire*, 41n.

⁷³ Drower, *A Coroação do Grande Šišlam*, IX.

⁷⁴ Lenormant, *Les Origines De l'Histoire*, 170

⁷⁵ Carnoy, *op. cit.*, 293 ff.

⁷⁶ Dresden, "Mythology of Ancient Iran", 342.

⁷⁷ Dixon, *Mitologia Oceânica*, 23-27.

⁷⁸ Hocart, *Reis e Conselheiros*, 53

⁷⁹ Alexandre, *Mitologia norte-americana*, 105-6.

⁸⁰ Uno Holmberg, *Mitologia siberiana*, 316.

⁸¹ De Santillana e von Dechend, *Hamlet's Mill*, 130

⁸² Uno Holmberg, *Der Baum des Lebens*, 59-60.

⁸³ *Antigo Egito*, Vol. I, 437-38.

Como a inteligência criativa e voz (Palavra) do céu, o grande pai passou a ser visto como o *pensando* e *Falando* “Homem” - um gigante imponente cujo *corpo* foi o Cosmos original. Tanto Atum quanto o Adão posterior possuem este caráter distinto como o Homem do Céu, mas certos desenvolvimentos da ideia se destacam:

1 Na versão egípcia do mito, o grande deus (Atum-Re), por meio de “fala” tumultuada, cria um círculo de deuses subordinados como satélites girando em sua companhia e formando seus próprios membros. O deus central e seus membros giratórios compõem o cosmos primordial (Céu, Mundo). O termo crucial é *paut*, “Matéria primordial”, referindo-se ao material emitido por Atum, que tomou a forma de Cosmos. *Paut* é equivalente ao *Khu* ou “palavras de poder” de fogo pronunciadas pelo grande deus. O termo significa ao mesmo tempo o “círculo” dos deuses e o “corpo” de Atum-Re. O que quer dizer:

Cosmos = Companhia de Deuses = Membros e Corpo do Criador.

Que o Cosmos criado emanou do deus primordial é um tema que persistiu nas tradições posteriores de Adão. De Adam Qadmon surgiram graus sucessivos de criação. A tradição gnóstica conhecia Adão como o *prima materia* do Cosmos ⁸⁴ - um notável paralelo com a matéria primitiva egípcia, os membros de Atum-Re.

O corpo do grande deus abraça e é o “céu” - não apenas no egípcio, mas em todas as cosmologias principais. Como Atum, o Sumerian An abrange “todo o céu”; de fato, seu próprio nome significa “céu” e pode-se traçar a equação de “deus” e “céu” (ou “céu brilhante”) em todas as línguas antigas. O chinês *tien* significa o deus supremo e “céu”, como faz o Altaico *tengri*. O sânscrito *dyaus* (deus latino) carrega o duplo significado de “deus” e “céu”. É inútil olhar para o céu aberto para uma explicação dessa equivalência. Originalmente, “céu” significava o Cosmos organizado (ou corpo) do deus Um, formado pelo círculo de deuses menores. Os mitos são unânimes em afirmar que essa ordem celestial entrou em colapso com a morte do grande deus, o Homem do Céu.

2 O caráter abrangente do grande pai facilitou um importante desenvolvimento da imagem do deus em uma época em que a mistura cultural poderia ter destruído o tema “monoteísta”. No antigo Egito, quase todos os distritos parecem ter tido seu representante favorito do deus Um, fato que dá os grandes compêndios da religião egípcia (*Pirâmide Textos*, etc.) uma aparência enganosa de confusão. Como podemos falar de um *solitário* deus quando os textos egípcios se referem a um número infinito de divindades primárias?

Em mais de uma localidade, os próprios sacerdotes resolveram pelo menos parcialmente o problema adotando deuses estranhos como os *membros* do grande deus local - um processo obviamente encorajado pela imagem preexistente do deus como o Homem do Céu. Este hábito era comum no Egito e ocorreu já no *Pirâmide Textos*, que assimila uma série de deuses outrora independentes no corpo de Atum:

Sua cabeça é Horus do Netherworld, ó Imperecível. . .

Seu nariz é o Chacal [Ap-uat], Seus dentes são

Sopd, Ó imperecíveis, Suas mãos são Hapy e

Duamutef. . . Seus pés são Imsety e Kebhsenuf. . . etc.

85

Um hino do *Papiro de Ani* da mesma forma homenageia Osiris:

O cabelo de Osiris Ani é o cabelo de Nu. O rosto de

Osiris Ani é o rosto de Re. Os olhos de Osiris Ani são os

olhos de Hathor. As orelhas de Osiris Ani são as orelhas

de Ap-uat.

⁸⁴ Jung, *op. cit.*, 385, 409.

⁸⁵ *Texto Pirâmide* 148-49. “Man kann hier wohl sogar soweit gehen dass alle anderen Götter em Atum beschlossen sind”, escreve L. Grevan, *Der Ka em Theologie unb Königskult der Ägypter des Alten Reichs*, 15

Quase nas mesmas palavras, o *Papiro de Nu* junta as divindades Osiris, Ptah, Anpu, Hathor, Horus, Ísis e outros para o corpo de Re. ⁸⁷ Na teologia de Memphite Atum, Horus, Thoth e a companhia de deuses tornaram-se os membros de Ptah. ⁸⁸ Sincretização desse tipo, embora pareça absurda para nós hoje, na verdade ajudou a preservar a ideia original contra as forças desgastantes da assimilação cultural. Diante de um número crescente de divindades concorrentes, os sacerdotes proclamaram: havia apenas um grande deus no início, cujo corpo abrangia um círculo de divindades subordinadas.

3 - Em um desenvolvimento subsequente do mito, o Homem do Céu passou a uma explicação mítico-filosófica de nossa Terra e do universo material como um todo. Aqui, o deus aparece como um gigante primordial que existia antes do Dilúvio e deu seu corpo à criação - não a criação do Cosmos primordial, mas de *nosso* mundo com suas montanhas, mares, nuvens e corpos celestes circundantes.

Um exemplo digno de nota é o gigante primitivo escandinavo Ymir. No *Prose Edda* os deuses moldam "o mundo" a partir do corpo do gigante - "de seu sangue o mar e os lagos, de sua carne a terra, de seus ossos as montanhas". Seus dentes se transformam em pedras e seixos, seu crânio em céu e seu cérebro em nuvens. As fagulhas e brasas produzidas por seu desmembramento tornam-se as estrelas. ⁸⁹

Compare o gigante hindu Purusha, cujo corpo formou o mundo: "Sua boca era o Brahman, . . . suas duas coxas, o Vaisya; de seus dois pés o Sudra nasceu. A lua nasceu de sua mente; de seus olhos o sol nasceu. De seu umbigo foi produzido o ar; de sua cabeça o céu evoluiu; de seus dois pés a terra; de suas orelhas os quartos. " ⁹⁰

Purusha é o Homem Primordial. Na tradição budista, esse gigante cósmico é o Bodhisattva Manjucri; em outras partes da China, o papel pertence ao demiurgo Pan-Ku, cujo corpo fornece o material para a criação. ⁹¹ Os zoroastrianos afirmavam que o mundo criado era o gigante Spihr ("Cosmos"), o corpo do grande deus Zurvan. ⁹² Todos esses gigantes sustentadores do céu podem ser melhor compreendidos por referência ao Cosmos original do deus Um, em vez da expansão aberta à qual o termo "céu" normalmente se refere hoje.

4 - Se os mitos gigantes enfatizavam a forma material do Homem do Céu, uma era da metafísica enfatizava o caráter do deus como inteligência universal, elevando sua imagem a um alto grau de pureza filosófica. O deus Um se tornou o Primeiro Princípio, Primeira Causa, Mente, Palavra ou Ser (*logos, nous, sophia, tao*, etc.). No entanto, em nenhum desses casos a filosofia independente conseguiu criar uma abstração pura. O grego *nous*, a animadora "Mente" ou "Espírito Inteligente" nunca foi totalmente divorciada da tradição anterior do Homem do Céu. Tanto Eusébio quanto Sincelo identificam a grande Mente com Prometeu, o Homem Primordial que viveu antes do Dilúvio. ⁹³ Na descrição órfica da Mente universal, dificilmente se distingue do gigante hindu Purusha: ". . . Todas as coisas estavam contidas no vasto ventre do deus. O céu era sua cabeça: os raios brilhantes das estrelas eram seus cachos radiantes. . . A terra totalmente produtiva era seu útero sagrado: o oceano circulando

⁸⁶ Mudar, *Deuses*, Vol.I, 111.

⁸⁷ *Ibid.*

⁸⁸ Clark, *Mito e símbolo*, 61-63.

⁸⁹ Sturluson, *The Prose Edda*.

⁹⁰ Zaehner, *Zurvan: um dilema zoroastriano*, 137

⁹¹ Uno Holmberg, *Mitologia siberiana*, 372.

⁹² Zaehner, *op. cit.*, 140

⁹³ Faber, *op. cit.*, Vol. II, 172.

era seu cinto. . . ; seu corpo, o universo, era radiante, imóvel, eterno; e o éter puro era sua alma intelectual, o poderoso *Nous*, pelo qual ele permeia, anima, preserva e governa todas as coisas. ” 94

Nous era o Primordial, do qual todas as coisas emanavam - a luz central que produzia e regulava o Cosmos (corpo). Uma noção exatamente equivalente era o Eu Universal Hindu. Aqui, o conceito original certamente não significava “alma invisível” ou algo parecido. O Ser cósmico era Brahma ou Prajapati, a “Criança de Ouro” que apareceu sozinha na primeira ocasião. “No começo”, diz o *Upanishads*, “Prajapati ficou sozinho.” 95

Os mesmos textos dizem: “No início havia apenas o Eu”. Do Eu primordial, englobando todos os elementos da vida, surgiu a criação em graus sucessivos. “Do Ser surgiu o éter; do éter, ar; do ar, fogo; do fogo, da água”. . . etc. 96 (Adam Qadmon irradiava os elementos de maneira semelhante.)

O pensamento hindu retrata o Eu Universal como a primeira forma (e a alma animadora) do Homem do Céu. “No início, este universo nada mais era do que o eu na forma de um homem. Ele olhou ao redor e viu que não havia nada além de si mesmo, e então seu primeiro grito foi 'Sou eu!'; de onde surgiu o conceito 'eu'. ” Então o Ser “derramou” a criação. O mundo criado (Cosmos), no mito hindu, tomou a forma de *Purusha gigante*, reconhecido como o corpo de Prajapati-Brahma (Self).

Numerosas tradições consideram a emanação ou derramamento da criação como a “fala” do grande deus. Este é o significado da raiz do grego e hebraico “Palavra”, que significa, realmente, “*visível* discurso.” (O chinês *tao*, a unidade primitiva ou Causa Primeira, também transmite a ideia de “falar”.) “Pelo *palavra* do Senhor os céus foram feitos”, declara o salmista hebraico (Salmos 33: 6). “Essa ideia da palavra criativa de Deus”, observa John Allegro, “passou a ter uma profunda importância filosófica e religiosa e foi, e ainda é, assunto de muitos debates metafísicos. *Mas originalmente não era uma noção abstrata; você podia ver a 'Palavra de Deus'.*” [Ênfase adicionada.] Na lenda da criação hebraica, a “fala” do criador é *derramado* como “saliva” ou “semente”. “O jorro mais forte dessa ‘semente’ é acompanhado por trovões e o vento uivante.” 97 A imagem nos leva de volta à voz trovejante de Atum.

Na maioria das lendas da criação e certamente nos protótipos egípcios e sumérios, o grande pai, seus raios portadores de vida, sua voz (palavra) e a companhia de deuses (membros) - todos aparecem como poderes *visto* e *ouviu*. O deus é o “Homem” celestial cuja história se tornou a obsessão avassaladora de um ritual antigo. Residir no centro estacionário - o domínio que os egípcios chamavam *Maat* (“Verdade” ou “sabedoria”) e os mesopotâmicos denominavam Apsu (residência da “sabedoria”) - o deus comandava as revoluções cósmicas. Ele foi, em resumo, a “inteligência” criativa, produzindo uma nova e harmoniosa ordem celestial. Assim foi o Homem do Céu o

ideal homem e o *ideal* rei.

O Grande Pai Saturno

A época perdida de paz e abundância foi a era do planeta Saturno. Os mitos e ritos antigos apresentam Saturno como o deus Único, o primeiro rei e o homem celestial que abrange tudo.

Adão, o primeiro ancestral, presidia um jardim de abundância. Entre os hebreus, ocasiões sagradas como o sábado e o jubileu comemoravam esse estado original do homem e do mundo, quando Adão governava o Éden e a terra era produzida livremente sem esforço humano. A celebração grega do *Kronia* da mesma forma remetido à perda Idade de Ouro de Cronos. O paralelo não foi coincidência: Adam foi Cronos, em forma humana.

94 *Ibid.*, 42

95 Fluegel, *op. cit.*, k203-4.

96 *Ibid.*, 202.

97 Allegro, *O Cogumelo Sagrado e a Cruz*, 21

O que os gregos chamam de *Kronia*, celebrando a era afortunada de Cronos, os latinos denominaram o *Saturnalia*, uma renovação simbólica do *Saturni regna* ou reinado do planeta Saturno. Na herança mística, Saturno é o Monarca Universal, cuja era próspera todos os povos antigos procuraram recuperar.

Estas são as palavras com as quais James G. Frazer resume a tradição latina:

[Saturno] *viveu na terra há muito tempo como um rei justo e benevolente da Itália, reuniu os rudes e dispersos habitantes das montanhas, ensinou-os a cultivar a terra, deu-lhes leis e governou em paz. Seu reinado foi a lendária Idade de Ouro: a terra produziu abundantemente: nenhum som de guerra ou discórdia perturbou o mundo feliz: nenhum amor maligno pelo lucro trabalhou como veneno no sangue do campesinato trabalhador e satisfeito. A escravidão e a propriedade privada eram igualmente desconhecidas: todos os homens tinham tudo em comum. Por fim, o bom rei, o rei bondoso, desapareceu repentinamente; mas sua memória foi guardada por eras distantes, santuários foram erguidos em sua homenagem e muitas colinas e lugares altos na Itália levaram seu nome.* [98](#)

O poeta latino Ovídio conhecia bem a tradição:

*O primeiro milênio foi a idade do ouro; Então, as
criaturas vivas confiaram umas nas outras; As pessoas
faziam bem sem pensar no mal: Nada proibido no livro
das leis, Sem medos, sem proibições lidas em bronze,
Ou no rosto esculpido do juiz e mestre. . .*

*Nenhuma trombeta com lábios de latão soou, nem espadas retinindo Nem
capacetes marcharam pelas ruas, país e cidade Nunca ouviram falar
de guerra: e as estações viajaram Através dos anos de paz. A terra
inocente*

*Não aprendeu nem pá nem arado;
ela deu suas riquezas como frutas penduradas na árvore; uvas
Caindo da videira, cereja, morango Amadurecido nas
sombras prateadas da montanha, E na sombra da
árvore milagrosa de Júpiter A bolota caindo,
Primavera, a única*

Estação do ano. [99](#)

Mas então, afirma Ovídio, "o velho Saturno caiu no país escuro da Morte". Não existe uma raça na Terra que tenha esquecido este evento cataclísmico - a morte de Saturno, o Monarca Universal; ou a queda de Adão, o Homem do Céu. E os povos de todo o mundo, por milhares de anos, esperaram a volta completa da roda do Tempo, quando o reino de Saturno apareceria novamente para resgatar o mundo de uma idade decadente do Ferro (a era presente, marcando a mais baixa das idades descendentes após o *Era de ouro*). A poderosa memória da época de Saturno deu origem a um retorno profetizado, conforme anunciado nos famosos versos de Virgílio:

Agora é chegada a última era da profecia cumeana: o grande ciclo dos períodos renasce. Agora retorna a Donzela, retorna o reinado de Saturno: agora do alto céu desce uma nova geração. E ó sagrada deusa da

[98](#) Frazer, *The Golden Bough*, edição abreviada, 675.

[99](#) Ovid, *Os Metamorfoses*, 33-34.

parto Lucina, seja gracioso com o nascimento do menino em que a raça de Ferro começará a cessar e a raça Dourada a surgir em todo o mundo. . . 100

Que Saturno governou a Idade de Ouro é um princípio supremo dos mistérios antigos. É por isso que o dia mais sagrado da semana, em comemoração à era primordial, era dedicado a Saturno. O sábado hebraico, o sétimo dia da semana, era o dia de Saturno, assim como o sétimo dia das semanas da Babilônia e da Fenícia. 101 Para os romanos, o sétimo dia era *Saturni morre*, "Dia de Saturno." Este era o "dia anglo-saxão de Seater [Saturno]", que, é claro, se tornou nosso sábado.

O arcaico deus Um, o pai de todos os deuses, não era o orbe solar, não era o "céu aberto", mas o planeta Saturno. "Saturno possuía a dupla propriedade de ser o antepassado de todos os outros deuses planetários e de ter seu assento no céu mais elevado", escrevem R. Klibansky, E. Panofsky e R. Saxl em seu estudo de *Saturno e melancolia*. 102 A tradição foi mantida com notável consistência desde suas primeiras expressões na religião sumero-babilônica até a era da astrologia medieval.

Sobre a religião mesopotâmica e astronomia, três pesquisadores amplamente respeitados são Peter Jensen, Alfred Jeremias e Stephen Langdon. Um exame de suas obras revelará essas conclusões a respeito da identidade do grande deus da Mesopotâmia: An, o mais antigo e mais elevado dos deuses sumero-babilônicos, cuja idade primordial era "o ano da abundância", significava Saturno, segundo Jensen. 103 O mesmo veredicto é tacitamente mantido por Jeremias e Langdon, que identificam o grande deus Ninurta como *tanto o planeta Saturno quanto uma forma de Anu*. 104 O pastor Tamuz era igualmente Saturno, de acordo com Jeremias. 105 E pode-se acrescentar o fato bem conhecido de que o sumério Enki (Ea da Babilônia, o Oannes de Beroso) veio a ser traduzido como Cronos (Saturno) pelos gregos. 106

A identidade do rei-criador como o planeta Saturno parece ocorrer em todo o mundo antigo. O cananeu (e hebraico) El - correspondendo intimamente ao Sumero-babilônico An - era Saturno. 107 O hindu Manu, o rei do mundo, era *Satyavratta*, o planeta Saturno. 108 Collitz nos diz que Yima, a transcrição iraniana do Hindu Yama, deus da Idade de Ouro, também denotava Saturno. 109 Os zoroastrianos conheciam Saturno como o Zurvan sustentador do céu, "o Rei e Senhor do Longo Domínio". 110 O chinês Huangti, fundador mítico da religião taoísta, "é reconhecido como Saturno". 111 Até os taitianos dizem de Fetutea, o planeta Saturno, que ele "era o Rei". 112

100 Citado em Campbell, *Mitologia Ocidental*, 322-23.

101 Hildegard e Julius Lewy, "A origem da semana e o calendário asiático ocidental mais antigo."

102 Faber *op cit.*, Vol. II, 235; Klibansky, Panofsky e Saxl, *Saturno e melancolia*, 152

103 *Die Kosmologie der Babylonier*, 136-37.

104 Langdon, *op. cit.*, 55; Jeremias, *Handbuch*, 137, 278.

105 *Handbuch*, 92, 137.

106 O'Neill, *A Noite dos Deuses*, 77

107 Patai, *A Deusa Hebraica*, 32-33; Faber, *op. cit.*, 223.

108 Faber, *op. cit.*, 491; Grimm, *Mitologia Teutônica*, 248-49n.

109 "Konig Yima e Saturno," 95aff.

110 O'Neill, *op. cit.*, 778-79.

111 De Santillana e von Dechend, *op. cit.*, 129

112 Makemson, *A Estrela da Manhã Nasce*, 47 ff.

No pensamento clássico, Saturno é o primordial *satus*, “Semente”, da qual o Cosmos surgiu; a mente ou causa que deu origem à criação original; a fonte universal de água, fertilidade e vegetação; e o pai Tempo, o regulador do ciclo cósmico. [113](#)

Foi Saturno que, antes de se retirar para o reino inferior, *habitou na terra*, estabelecendo seu domínio sobre o mundo inteiro. Um fragmento órfico declara: “Orfeu nos lembra que Saturno habitou abertamente na terra e entre os homens”. [114](#) Portanto, antes do reinado de Zeus, “Cronos [Saturno] governou nesta mesma terra”, escreve Dionísio de Halicarnasso. [115](#)

Saturno era o Adão cósmico, gerando uma companhia de divindades secundárias como seus próprios membros. Na antiga cidade suméria de Lagash, os sacerdotes consideravam Saturno (Ningirsu ou Ninurta) “o homem cuja estatura preenchia o anki”, todo o Cosmos. [116](#)

Os adoradores Sumero-Babilônicos do planeta Saturno, observa Hildegard Lewy, “conceberam seu deus como o *personificação de todo o universo*, os vários fenômenos astrais deificados, bem como fenômenos naturais sendo imaginados *como membros deste corpo divino* e, portanto, como executores de uma vontade única. ” “A ideia norteadora. . . [era] a crença na existência de apenas um grande deus. ” [117](#)

Para preservar “o princípio estritamente monoteísta”, observa Lewy, os sacerdotes compuseram este hino a Saturno (Ninurta):

Ó Senhor, Tua face é o céu. . .

*Teus dois olhos, ó Senhor, são os deuses Enlil e Ninlil. As pálpebras
dos teus dois olhos são Gula (e) Belit-ili.*

O branco dos teus olhos, ó Senhor, são os gêmeos (deus) Sin e Nergal.

Os cílios de Teus dois olhos são o brilho do deus Sol. . .

Teu queixo, oh Senhor, é o Astral Istar. Os deuses

Anum e Antum são seus dois lábios.

Tua língua é o deus Pabilsag. . . [118](#)

Embora a linguagem pertença às imagens posteriores do Homem do Céu, não deixa dúvidas de que a doutrina arcaica concebia o corpo de Saturno como o Cosmos inteiro. *O lendário gigante cósmico se originou nas lembranças míticas da forma abrangente de Saturno.*

No mito zoroastriano, esse gigante celestial é Zurvan, amplamente conhecido como Saturno. As tradições místicas definem Zurvan como o “primeiro princípio” e a “semente original”. Ele é, escreve Zaehner, “o pai do Cosmos. De sua semente procede todo o Cosmos material. . . ” [119](#) Na criação, Zurvan forneceu, ou emitiu, a “matéria não formada original” da qual a roda do Cosmos foi produzida. A ideia é precisamente a da “matéria primordial” egípcia ou do alquimista *prima materia*, ou seja, Adão, o Homem Primordial.

[113](#) Collitz, *op. cit.*, 102; Faber, *op. cit.*, 167; O'Neill, *op. cit.*, 778.

[114](#) Citado em de Santillana e von Dechend, *op. cit.*, 222.

[115](#) *Ibid.*

[116](#) Campbell, *Mitologia Ocidental*, 118. Sobre o significado de *an-ki*, geralmente traduzido como “céu e terra”, veja [aqui](#) .

[117](#) *Origem e significado do Mâgen Dâwid*, “356-57. [Enfase adicionada.]

[118](#) *Ibid.*, 354-56.

[119](#) Zaehner, *op. cit.*, 222.

O Cosmos criado, dizem os textos zoroastrianos, assumiu a forma de um imenso gigante chamado Spihr, abrigando os elementos fogo, vento, água e terra. O Spihr era "o Primeiro Corpo", "o corpo de Zurvan do Longo Domínio". ¹²⁰ "Como deus cujo corpo é o firmamento, ele é o macrocosmo [Cosmos como um todo] correspondente ao homem, o microcosmo [Cosmos em miniatura]," observa Zaehner. Assim, Zurvan passou a ser visto como "o protótipo do homem", eventualmente adquirindo a forma humana como o primeiro ancestral - "a origem da raça humana". ¹²¹

A identidade de Saturno como o Homem do Céu e primeiro ancestral ocorre repetidamente no Gnosticismo, na alquimia e nas tradições da Cabala. "Como o primeiro homem", observa Jung, "Adam é *Homo maximus*, o Anthropos [Homem *por excelência*] de quem o macrocosmo surgiu, ou quem é o macrocosmo. Ele não é apenas a prima matéria, mas uma alma universal que também é a alma de todos os homens." ¹²² Saturno, acrescenta Jung, é um *sinônimo* para Adam e o *prima materia*. O planeta é o Homem Filósofo ou Homem Original - "o bendito Homem do alto, o arquí-homem Adamas". ¹²³

No *Grande Papiro Mágico de Paris*, Cronos / Saturno é "Senhor do Mundo, Primeiro padre." ¹²⁴ O pensamento órfico identifica o homem primordial Prometeu com Saturno; ¹²⁵ os lapões falam do antigo *Waralden Olmay* ou "Homem do Mundo" - que "é igual a Saturno"; ¹²⁶ e a lenda nórdica identifica Saturno como o Homem do Céu Kroder. ¹²⁷

Tudo isso significa simplesmente que o Cosmos primordial originalmente significava o *membros de Saturno*, um círculo de luzes secundárias girando na companhia do planeta gigante. Os termos traduzidos convencionalmente como "Cosmos", "céu", "mundo", "universo" ou "firmamento" (como nos parágrafos anteriores) denotam a ordem celestial primordial da qual Saturno era rei e que entrou em colapso com a queda de Saturno.

O mito de Saturno reconstruído

A partir das evidências anteriores, emerge um retrato distinto de Saturno. Na era mais antiga, lembrada pelos antigos, o planeta - ou protoplaneta - surgiu do mar cósmico para estabelecer o domínio sobre o Cosmos primordial. O deus-planeta governava como a luz central solitária, adorado como o deus Um - o único deus no início.

A época de Saturno deixou uma memória de tal impacto que as gerações posteriores estimaram o deus como o Monarca Universal, o primeiro e *ideal* rei, durante cujo governo ocorreu o salto pré-histórico da barbárie para a civilização. Em toda a era de harmonia cósmica de Saturno, nenhuma vicissitude sazonal ameaçou os homens com fome ou inanição, e os homens não sofreram trabalho nem guerra.

Na "criação" Saturno, a Semente primordial, ejetou o material ígneo ("matéria primordial"), que congelou em um círculo de luzes menores (o Cosmos). Os mitos descrevem este nascimento retumbante dos deuses secundários como a "fala" de Saturno: Saturno era o *Palavra* ou *voz* do céu.

Os antigos concebiam Saturno como a inteligência visível gerando o Cosmos como seu próprio corpo e regulando suas revoluções. Assim, o planeta foi denominado o Homem do Céu, um ser eventualmente lembrado como o protótipo da raça humana - o primeiro ancestral.

¹²⁰ *Ibid.*, 112

¹²¹ *Ibid.*, 112-113, 136.

¹²² Jung, *op. cit.*, 409.

¹²³ *Ibid.*, 409, 493, 335; também Jung, *Aion*, 197, 208.

¹²⁴ De Santillana e von Dechend, *op. cit.*, 147. [ênfase adicionada.]

¹²⁵ *Hinos Órficos*, não. 13

¹²⁶ De Santillana e von Dechend, *op. cit.*, 130

¹²⁷ Schwabe, *op. cit.*, 8

Quando Saturno partiu do mundo, a Idade de Ouro terminou catastróficamente. Esta é a história universal do deus moribundo, o "primeiro rei" derrotado ou o "primeiro homem" caído. Seja traído por uma força das trevas, ou castigado por ter cometido o pecado proibido, ou infligido com a velhice e o cansaço da humanidade, o resultado é o mesmo: uma corrupção da natureza e uma piora progressiva da condição humana. A história é a primeira - e quase se poderia dizer, *só*, tema de tragédia e drama na antiguidade: A Idade de Ouro de Saturno chegou a um fim súbito e catastrófico, causado ou acompanhado pela queda do grande deus.

Que o distante planeta Saturno deva aparecer no centro dos ritos antigos é um fato que a sabedoria convencional não explicará facilmente. Procuramos em vão por qualquer característica de Saturno, a atual *planeta*, que pode ser responsável por Saturno, o *deus primordial*. Será que o atual ponto de luz provocou a antiga memória de um criador sozinho nas profundezas? Ou produziu a lenda universal do primeiro rei e a era perdida de abundância? Ou inspirou o mito do Homem do Céu?

Se, como é quase universalmente acreditado, os céus não sofreram grandes mudanças nos tempos astronomicamente recentes, então o mito - embora meticulosamente desenvolvido - só pode ser uma fabricação, produzida através do mais puro desprezo pela observação e experiência reais. Não peço ao leitor que ignore essa possibilidade, e estou plenamente ciente de que, para muitos mitologistas, mito e fantasia são sinônimos. Visto que o argumento deste livro se baseia na coerência do mito de Saturno como um todo, e como muitos detalhes ainda precisam ser cobertos, insisto apenas na disposição de considerar as evidências em sua totalidade. Quaisquer que sejam as verdadeiras origens do mito, ele constituiu para os antigos uma visão convincente - uma visão que merece um estudo cuidadoso por todos os estudantes de história, religião e mitologia.



III: O Sol Polar

A história mítica de Saturno inclui dois temas que não apenas contradizem a aparência visível do planeta hoje, mas parecem zombar dos cânones da astronomia moderna:

1 Saturno, não o orbe solar, era o autêntico deus “sol” dos antigos rituais.

2 Ao longo do reinado de Saturno, este planeta-sol permaneceu fixo no pólo celeste norte.

Esses dois temas, afirmados pelo testemunho direto de fontes antigas, compõem uma memória global: no início Saturno não se movia em sua atual órbita remota, mas governava como o *sol central* em torno do qual os outros corpos celestes giravam visualmente. Desta tradição, o homem primitivo nos deixou evidências numerosas demais para serem abordadas totalmente neste volume. Ofereço abaixo um resumo das principais fontes.

Sol e Saturno

Os mitos e ritos celebram Saturno como o sol primordial.

Hoje, poucos mitologistas, que remontam vários milênios ao início da religião astral, vêem algo mais do que a adoração do sol nascente e poente, o orbe solar. Essa preocupação com o orbe solar é evidente em pesquisas populares: “A preeminência do Sol, como fonte da vida e do bem-estar do homem”, escreve W.

C. Olcott, “deve ter traduzido em uma data quase contemporânea com o nascimento da raça, o principal objeto de adoração do homem. . . Foi o nascer do sol que inspirou as primeiras orações proferidas pelo homem, chamando-o para atos de devoção, ordenando-lhe que erguesse um altar e acendesse as chamas do sacrifício”. “Diante do glorioso santuário do Sol, os primeiros homens se ajoelharam e ergueram suas vozes em louvor e súplica, totalmente confirmados na crença de que suas orações foram ouvidas e atendidas.” [128](#)

Não é sem razão que os estudiosos identificam o grego Helios, o assírio Shamash ou o egípcio Re com o orbe solar. Pode-se duvidar que Helios, irradiando luz de sua testa e montado em uma carruagem de fogo, é o nosso sol? Este *Helios* tornou-se a palavra grega para orbe solar é indiscutível.

No Egito, inúmeros hinos ao deus Re o exaltam como o poder divino que abre o “dia”. [129](#) “Os senhores de todas as terras. . . louve Re quando ele se levanta no início de cada dia.” Re é a “grande luz que mais brilha nos céus. . . Tu és glorioso por causa de teus esplendores. . .” [130](#) Essas imagens parecem não deixar dúvidas quanto ao caráter solar do deus.

No entanto, se a análise anterior do grande pai estiver correta, Re (ou Atum) não é o orbe solar, mas o planeta Saturno. A Idade de Ouro de Re foi a era de An, Yama ou Kronos. Assim, encontra-se de interesse um ostrakon egípcio (primeiro século aC) citado por Franz Boll: o ostrakon identifica o planeta Saturno como o grande deus Re. [131](#)

[128](#) Olcott, *Mitos do Sol*, 141-42.

[129](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 627.

[130](#) *Ibid.*, 76

[131](#) Boll, “Kronos-Helios”, 343, R8.

Isoladamente, essa identificação só poderia aparecer como uma anomalia muito tardia, divorciada de qualquer tradição sólida. Mas muitos estudiosos notam que entre os gregos e latinos prevalecia uma misteriosa confusão do "sol" (grego *helios*, Latina *Sol*) com o planeta mais externo. Assim, a expressão "estrela de Hélios" ou "estrela do Sol" foi aplicada a Saturno. ¹³² Embora o grego *Kronos* era o latim *Saturno*, Nonnus dá *Kronos* como o nome árabe do "sol". Hyginus, ao listar os planetas, nomeia primeiro Júpiter, depois o planeta "do Sol, outros dizem de Saturno". ¹³³ Por que o planeta mais distante do sol era chamado de "sol" e "Saturno"?

Em relação à confusão do sol e de Saturno entre os escritores clássicos, uma explicação simples foi oferecida: o nome grego *Helios* assemelha-se tanto à transliteração grega do El fenício que os autores clássicos confundiram os dois deuses; visto que El é o grego Cronos - e assim traduzido por Filo - Cronos / Saturno foi confundido com Hélios, o sol. ¹³⁴ No entanto, como observado por Boll, a identificação é mais difundida do que geralmente se reconhece e é muito mais do que um mal-entendido de nomes. ¹³⁵ A "confusão" também é muito mais antiga do que Filo, que viveu no primeiro século da era cristã. No *Epinomis* de Platão (que viveu nos séculos V e IV aC), há uma enumeração dos planetas, que, como normalmente traduzida, acarreta esta declaração intransigente: "Restam, então, três estrelas (planetas), uma das quais é proeminente entre eles para lentidão, e alguns o chamam de Cronos." ¹³⁶ No entanto, a leitura original não é *Kronos*, mas *Helios* ¹³⁷ - o que quer dizer que Platão (ou seu pupilo Filipe da Opus, a quem alguns atribuem a autoria do *Epinomis*) deu o nome de Helios para Saturno. Mas os copistas, que não podiam acreditar que Hélios fosse outra coisa senão o sol, "corrigiram" a leitura para "Cronos". Além disso, escreve Boll, esta prática de "corrigir" o nome Helios para Kronos não era incomum entre os copistas posteriores. ¹³⁸ Originalmente, conclui Boll, Hélios e Saturno eram "um e o mesmo deus". ¹³⁹

A equação do Sol e Saturno é muito antiga, com raízes na astronomia Sumero-Babilônica. Sobre os adoradores de estrelas da Babilônia, o cronista Diodoro escreve: "Aquele que chamamos de Saturno, eles dão um nome especial, 'Estrela do Sol'". ¹⁴⁰ Entre os babilônios, o deus "sol" por excelência era Shamash, a "luz dos deuses", que os estudiosos identificam uniformemente com o orbe solar. Mas M. Jastrow, em um artigo intitulado "Sol e Saturno", relata que nos textos astronômicos da Babilônia a identificação de Shamash com Saturno é inequívoca: "o planeta Saturno é Shamash," Declaram corajosamente. ¹⁴¹

¹³² Bouché-Leclerq, *L'Astrologie Grecque*, 93, nota 2.

¹³³ Hyginus, *Poetica astronomica* II, 42.

¹³⁴ Esta explicação é provisoriamente aceita por Bouché-Leclerq, *op. cit.*, 93, nota 2.

¹³⁵ "Allein seither ist völlig klar geworden und wohl auch allgemein zugestanden, dass die Gleichsetzung von Kronos, dem Gotte des Planeten Saturno, mit dem Sonnengotte weit vor jedem möglichen griechischen Missverständnis keichsetzung von Crono babylonischen Sterngläubens. . . "Boll, *op. cit.*, 343.

¹³⁶ Platão, *Epinomis*, 987c.

¹³⁷ *Ibid.*

¹³⁸ "Ich habe seitdem die gleiche Variante noch an verschiedenen Stellen beobachtet: em Ptolem. Tetrab, pág. 67, 8 schreiben die zwei alten Ausgaben Kronon während die beste Hs. Chapéu V (Vatic. 1038) hlion; bei Rhetorios em Catal, codd. astrol. VII 203, 9 steht em dem Hss. RV Kronon, em T hlion: gemeint ist hier wie bei Ptolemaios der Planet Saturn. auffallender und wohl kaum ursprünglich ist die gleiche Variante in dem Pinax des Kebes, wo die 3. Hand des sehr späten Cod. C (XV. Jahr.) Und dije Hs. Meibojms am Rande zweimal (p. 1, 1.2, 7 Pr.) Den Namen (Kronon) des Gottes, dem der Tempel mit jenem Pinax geweiht ist, durch 'Hlion ersetzen." *Op. cit.*, 344.

¹³⁹ "So viel ist aber sicher, dass nach einer oft bezeugten Vorstellung der Babylonier und Syrer Kronos und Helios eine und dieselbe Gottheit sind, die sich in den zwei mächtigsten Gestirnen des Tages und der Nacht offenbarte," *Ibid.*, 345-46. Deve-se enfatizar, entretanto, que a distinção proposta entre o sol diurno e noturno é desnecessária. Existe apenas um sol primitivo: Kronos-Helios.

¹⁴⁰ Diodorus II. 30-33.

¹⁴¹ Jastrow, "Sun and Saturn", 163-78.

Em apoio a essa identidade, Jastrow observa inúmeros exemplos envolvendo "a aplicação intercambiável do termo 'Samas' tanto para a grande orbe do dia quanto para o planeta Saturno". [142](#)

A aparente equivalência de Saturno e o "sol" remonta aos tempos sumérios, como é evidente no aspecto dual do deus criador Ninurta. Langdon considera Ninurta o sol e Saturno: ". . . a *Deus do sol* Ninurta. . . no original Sumerian Epic of Creation, derrotou o dragão do caos e fundou cidades. . . Na religião Sumero-Babilônica, ele é o deus da guerra e o planeta Saturno." [143](#)

Não é difícil ver por que Ninurta, ou Ningirsu, embora identificado com o planeta Saturno nos textos astronômicos, veio a ser confundido com o orbe solar. "Ningirsu, vindo de Eridu, cresceu em um esplendor esmagador. Na terra tornou-se dia." [144](#) Saturno, como Ningirsu, é "o deus que transforma as trevas em luz". [145](#) Os sacerdotes de Lagash o invocam como "Rei, Tempestade, cujo esplendor é heróico". [146](#) Esta qualidade inesperada do planeta levou Jensen a designar Saturno como um símbolo do "sol oriental" ou "o sol no horizonte", embora ele não tenha oferecido nenhuma explicação para a conexão proposta. [147](#)

O aspecto semelhante ao sol de Saturno prevalece desde a astronomia primitiva até o misticismo e astrologia medievais. "Saturno com seus raios envia poderes transcendentos que penetram em todas as partes do mundo", escreveu um astrólogo árabe do século X. [148](#) Quando os alquimistas, herdeiros de ensinamentos antigos, falaram de Saturno como "o melhor sol", [149](#) é improvável que eles próprios soubessem o que fazer com a ideia. Mas que a tradição foi transmitida desde a antiguidade remota é indiscutível e crucial.

Ao afirmar que o grande pai Saturno, presidindo a época perdida, era o "sol" primordial, não proponho que nosso sol estivesse ausente - ao contrário, que simplesmente não preocupava os antigos. Para evitar confusão neste ponto, devo indicar aqui uma conclusão para a qual pretendo citar evidências adicionais em uma seção posterior.

Dia e noite

Os estudiosos que notam a identificação do antigo sol e do planeta Saturno geralmente falam de Saturno como um mítico "sol noturno" ou "segundo sol". [150](#) Mas, na verdade, Saturno era o deus-sol puro e simples, pois o corpo que chamamos de "sol" hoje não era um assunto dos ritos primitivos.

O problema é discernir o significado original de "dia" e "noite". Muitos hinos a Shamash e Re - os célebres sóis da Mesopotâmia e do Egito - descrevem esses deuses surgindo no início do dia ritual, e a terminologia frequentemente *parece* para significar o orbe solar ascendente. Um dos capítulos de *Livro dos Mortos*, por exemplo, é "O Capítulo do Avançar durante o dia". [151](#) Isso não se refere ao orbe solar surgindo no leste?

Uma interpretação bem diferente é possível. Evidências consideráveis sugerem que, para os antigos, o dia começou com o que o homem moderno chama de "noite" - isto é, com o *configuração* do orbe solar. É amplamente reconhecido que

[142](#) *Ibid.*, 171

[143](#) *Mitologia Semítica*, 55. [Ênfase adicionada.]

[144](#) Albright, " *A Foz dos Rios*," 165.

[145](#) Jastrow, *A Religião da Babilônia e da Assíria*, 57

[146](#) Hildegard Lewy, "Origin and Significance of the Mâgen Dâwîd," 335.

[147](#) *Die Kosmologie der Babylonier*, 115-116, 136 ff.

[148](#) Klibansky, Panofsky e Saxl, *Saturno e melancolia*, 129

[149](#) Schwabe, *Archetyp und Tierkreis*, 492.

[150](#) Esta é, por exemplo, a opinião de Boll e Jastrow, nos artigos citados acima nas notas [131](#) e [141](#) .

[151](#) Capítulo II.

o dia egípcio uma vez começou ao pôr do sol. [152](#) O mesmo é verdade para os dias da Babilônia e da Semítica Ocidental. [153](#)

Os atenienses calcularam o intervalo de um dia de um pôr do sol ao pôr do sol, e o hábito parece ter prevalecido entre os povos do norte da Europa. [154](#)

Este costume difundido representa um problema especial para a mitologia solar. Se, originalmente, o dia começou com o *desaparecimento* do orbe solar e da saída de outros corpos celestes, quem é o grande deus que brilha no início deste dia? A resposta explícita vem dos textos sumérios que identificam *Saturno* como deus do "amanhecer". Saturno "surgiu em esplendor avassalador. Na terra tornou-se dia." [155](#) Isso não (como Jensen propôs) iguala Saturno com o "sol [orbe solar] no horizonte". Isso significa que o surgimento de Saturno inaugurou o *arcaico* dia, que começou ao pôr do sol. Enquanto o orbe solar estava visível, o globo de fogo de Saturno permaneceu subjugado, incapaz de competir com a luz pura do antigo corpo. Mas assim que o orbe solar afundou no horizonte, Saturno e seu círculo de luzes secundárias adquiriram um brilho assustador.

Portanto, em termos arcaicos, Saturno era o grande deus do "dia", não o "sol noturno" como os estudiosos costumam propor. Mas, obviamente, a eventual mudança do "amanhecer do dia" do pôr-do-sol solar para o nascer do sol solar só poderia criar uma confusão generalizada de dia e noite e manhã e noite. Sobre esta distinção entre os egípcios, Budge escreve: "Em um período muito inicial, no entanto, a diferença entre o céu diurno e o céu noturno foi esquecida." [156](#) Em circunstâncias normais, provavelmente alguém esquecerá essa distinção?

Se há confusão, é porque ordens celestiais radicalmente diferentes separam a era atual da anterior. o *primitivo* sol era o deus solitário das profundezas, o único deus do monoteísmo arcaico, o planeta Saturno. Somente em uma era posterior Saturno passou a ser confundido com o orbe solar.

Há, de fato, uma diferença decisiva entre o deus primordial e o corpo que hoje chamamos de sol: ao contrário do orbe solar nascente e poente, o *deus-sol original nunca se moveu*.

Saturno e o pólo

No antigo ritual, Saturno aparece como o sol estacionário ou fogo central no pólo celeste norte.

Quando Saturno governava o mundo, sua casa era o ápice do eixo mundial: com esse ponto, todas as principais tradições do grande pai concordam. Ainda hoje, em nossa celebração do Natal, vivemos sob a influência do polar Saturno. Pois, como Manly P. Hall observa, "Saturno, o *velho que mora no pólo norte*, e traz com ele para

[152](#) E. Neumann, por exemplo, fala de um ritual pré-solar em que "a contagem do tempo começa e termina com o cair da noite. Mesmo no Egito, a noite é a hora do 'nascimento', e a manhã, quando o mundo luminoso das estrelas desaparece, é a hora da morte, na qual o céu diurno devora os filhos da noite. Esta concepção, que era universal entre a humanidade primitiva, torna-se compreensível se nos libertarmos da correlação dia = sol." *A Grande Mãe*, 26

Uma das muitas peculiaridades do deus-sol egípcio é que ele não apenas traz o dia, mas brilha à "noite". *O livro dos mortos* diz: "Eu sou aquele deus Re que brilha à noite." Para o "pai dos deuses", os egípcios cantaram: "... tu iluminas a habitação da noite. ... "Re Harmachis, nas inscrições do templo de Dendera aparece como" o brilhante Horus, o raio de luz à noite ". Mudar, *op. cit.*, Capítulo CXXXI; Jung, *Símbolos de Transformação*, 269; Brugsch, *Thesaurus Inscriptionum Aegyptiacarum*, 16

Neste contexto, não se pode deixar de notar o número de deuses antigos que os estudiosos costumam considerar "sóis noturnos". O Egito é um bom exemplo. O popular deus Osíris quase sempre é denominado um sol da noite, assim como Ptah Seker. Mudar, *op. cit.*, 7n, segue uma prática bem estabelecida quando designa Atum "uma forma de Re e o tipo de sol noturno". O mesmo nome é dado ao sumero-babilônico Tammuz, ao hindu Varuna e Yama, ao iraniano Yima e ao grego Dionísio, para citar alguns dos muitos exemplos. Na visão convencional, Saturno, por razões que permanecem não especificadas, é o representante planetário do sol noturno.

[153](#) Sobre a prioridade original da noite entre os hebreus e árabes, veja Ignaz Goldziher, *Mitologia entre os hebreus*, 62-74. Na Babilônia, foi em "tempos posteriores" que "o cálculo do tempo foi alterado a ponto de fazer o dia começar com o nascer do sol, em vez de com a aproximação da noite". Jastrow, *A Religião da Babilônia e da Assíria*, 78

[154](#) Faber, *As origens da idolatria pagã*, Vol. I, 236-37.

[155](#) Albright, *op. cit.*, 165-66.

[156](#) Mudar, *Os Deuses dos Egípcios*, Vol.II, 102.

as crianças, muitas vezes um ramo de folha perene (a árvore de Natal), é familiar para os pequeninos com o nome de Papai Noel ”. [157](#)

Papai Noel, descendo anualmente de sua casa polar para distribuir presentes ao redor do mundo, é um eco abafado do Monarca Universal, o Osiris primordial, Yama ou Cronos, espalhando uma boa fortuna milagrosa. Sua morada polar, que pode parecer um aspecto esotérico da história, é na verdade um ingrediente antigo e central. Saturno, o “melhor sol” e rei do mundo, governou a partir do zênite polar. Mas embora a tradição popular localizasse o Papai Noel no *geográfico* pólo, as tradições anteriores colocam seu protótipo, o Monarca Universal, no *celestial* pólo, o pivô dos céus giratórios.

A casa do grande pai é o centro cósmico - o “coração”, “meio” ou “umbigo” do céu. Conforme a Terra gira em seu eixo, as estrelas do norte giram em torno de um ponto fixo. Enquanto a maioria das estrelas sobe e se põe como o sol e a lua, as estrelas circumpolares - aquelas que descrevem círculos ininterruptos em torno de um centro comum - nunca caem abaixo do horizonte. O eixo invisível de rotação da Terra leva diretamente a esse ponto central - o pólo celeste - em torno do qual os céus giram visualmente. Todo o mundo antigo considerava o centro polar como o “lugar do meio”, “lugar de descanso” ou “região firme” ocupada pelo Monarca Universal.

Um dos primeiros escritores a reconhecer o pólo como o domínio especial do grande deus foi WF Warren, que escreveu em *Paraíso encontrado* (publicado em 1885): “As religiões de todas as nações antigas. . . associar a morada do Deus supremo com o Pólo Norte, o centro do céu; ou com o espaço celestial imediatamente ao seu redor. [Ainda] nenhum escritor de teologia comparada jamais apresentou os fatos que estabelecem esta afirmação.”

Nos anos seguintes, vários estudiosos, cada um enfocando diferentes corpos de evidência, chegaram à mesma conclusão. O polêmico e errático Gerald Massey, em duas grandes obras (*The Natural Genesis* e *Antigo Egito*), alegou que a religião e mitologia de um deus polar foi formulada primeiro pelos sacerdotes astrônomos do antigo Egito e se espalhou do Egito para o resto do mundo. Em uma pesquisa geral da linguagem, simbolismo e mitologia antigos, John O'Neill (*A Noite dos Deuses*) insistiu que a religião mais antiga da humanidade se centrava em um deus do pólo celestial.

Zelia Nuttall, em *Princípios Fundamentais das Civilizações do Velho e do Novo Mundo*, empreendeu uma extensa revisão da astronomia mexicana antiga, concluindo que o deus supremo era polar. Do México, ela mudou para outras civilizações, encontrando o mesmo papel inesperado de um deus polar.

Reforçando as conclusões surpreendentes dos pesquisadores acima, estava o trabalho subsequente de outros, entre eles Uno Holmberg (*Der Baum des Lebens*), que documentou a preeminência do deus polar no ritual dos povos altaicos e vizinhos, sugerindo origens antigas nas cosmologias hindu e mesopotâmica; [158](#)

Leopold de Saussure (*Les Origines de l'Astronomie Chinoise*), que mostrou que a religião e a astronomia chinesas primitivas honram o pólo celeste como o lar do deus supremo; Rene Guenon (*Le Roi du Monde e Le Symbolisme de la Croix*), que procurou delinear uma doutrina universal centrada nos deuses polares e nos princípios do homem antigo.

O fato de esses e outros pesquisadores, cada um seguindo um caminho diferente, chegarem praticamente à mesma conclusão a respeito de um deus polar supremo da antiguidade deveria ter sido suficiente para provocar uma reavaliação de suposições antigas. É possível que, como alegaram esses escritores, os antigos adoradores de estrelas prestassem mais atenção a um deus do pólo do que ao orbe solar? Em vez de responder à pergunta, os mitologistas solares a ignoraram diplomaticamente, atribuindo assim os investigadores acima a uma obscuridade merecida.

Quero reabrir a questão, mas abordá-la de uma perspectiva diferente. A maioria dos escritores mencionados possuía uma fé comum - embora não expressa - na regularidade incessante do sistema solar, procurando explicar o deus polar em termos estritamente familiares: o centro de nossos céus giratórios é o pólo celestial; o grande deus do centro e do cume deve ter sido a estrela mais próxima desse pivô cósmico.

[157](#) *Um Esboço Enciclopédico da Filosofia Simbólica Maçônica, Hermética, Cabalística e Rosacruz*, LXXIX. [ênfase adicionada.]

[158](#) Veja Uno Holmberg, *Die Religiösen Vorstellungen der Altaischen Völker*, 37

Mas, como observado nas páginas anteriores, o grande pai não era uma mera “estrela”; ele era o planeta Saturno, lembrado como a luz preeminente dos céus. Além disso, o mito de Saturno afirma que o deus-planeta *residia no pólo celestial!* [159](#)

No mito e na astronomia de muitas terras, a conexão de Saturno com o pólo é direta e inequívoca. Astrônomos chineses designaram o pólo celestial como “o Pivô”, identificando o “Gênio do Pivô” como o planeta Saturno. [160](#) Acredita-se que Saturno tenha seu assento no pólo, relata G. Schlegel. [161](#) Esta imagem estranha e inexplicável de Saturno chamou a atenção de De Saussure (um dos maiores especialistas em astronomia chinesa), que acrescentou um fato surpreendente: o iraniano *Kevan*, o planeta Saturno, também ocupa o centro polar. [162](#)

Mas o tema é mais antigo do que a tradição chinesa ou iraniana, pois encontra sua primeira expressão no SumeroBabylonian An (Anu), o deus supremo, conhecido como o planeta Saturno. Todas as noites, em Erech, os sacerdotes olhavam para o pólo celestial, começando sua oração com as palavras: “Ó estrela de Anu, príncipe dos céus.” [163](#)

Saturno governou do cume do eixo mundial. [164](#) Devo observar, entretanto, que não sou o primeiro a observar esse princípio geral. Um volume recente de Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, intitulado *Hamlet's Mill*, oferece a conclusão revolucionária de que, de acordo com uma doutrina antiga, Saturno ocupava o pólo celeste.

Mas os autores, mantendo um apego irrestrito à premissa uniformitariana, excluem antecipadamente quaisquer mudanças extraordinárias no sistema solar. Em vez disso, eles falam da estação polar de Saturno como uma “figura de linguagem” ou alegoria astral cujo significado ainda precisa ser penetrado.

“O que”, eles perguntam, “tem Saturno, o planeta distante, a ver com o Pólo? . . . Não está na linha da astronomia moderna estabelecer qualquer elo ligando os planetas com Polaris, ou com qualquer estrela, na verdade, fora do alcance dos membros do sistema zodiacal. No entanto, essas figuras de linguagem eram uma parte essencial do idioma técnico da astrologia arcaica, e os especialistas em culturas antigas que não conseguiam entender tais expressões permaneceram impotentes diante da teoria.” [165](#)

Se alguém pudesse encontrar, na ordem atual dos céus, uma possível inspiração para a tradição difundida da estação polar de Saturno, então os historiadores e mitólogos, operando em princípios uniformitários, teriam algo concreto com que trabalhar. Mas a era primordial, conforme definida por relatos universais, contrasta radicalmente com a nossa própria era. Não se pode explicar a conexão antiga de Saturno com o pólo por referência aos arranjos atuais dos planetas do que se pode explicar, dentro da estrutura uniformitariana, a imagem de Saturno como o Monarca Universal, o Homem do Céu ou o Sol primordial. Ainda assim, permanece o fato de que em todo o mundo antigo essas imagens de Saturno constituíram uma memória difusa que muitos séculos de evolução cultural não puderam obliterar.

O Motor Imóvel

No século VI aC, Xenófanes de Colofonte ofereceu esta definição do verdadeiro deus:

[159](#) Citado em Faber, *Uma Dissertação sobre o Cabiri*, Vol. I, 134.

[160](#) Schlegel, *L'Uranographie Chinoise*, 630-31.

[161](#) *Ibid.*, 631.

[162](#) De Saussure, “*Le Système Cosmologique Sino-Iranienne*,” 235-97; “*La Série Septénaire, Cosmologique et Planétaire*,” 333-70; Veja [discussão](#) das descobertas de de Saussure.

[163](#) Langdon, *op. cit.*, 94

[164](#) Em Anu como o governante do pólo celestial, veja também Jensen, *op. cit.*, 17-19.

[165](#) *Ibid.*, 136

"Há um Deus, o maior entre os deuses e os homens, nem em forma nem em pensamento semelhante aos mortais. . . *Ele permanece sempre no mesmo lugar imóvel, e não cabe a ele vagar aqui e ali.*" [166](#)

Um paralelo notável ocorre nos Upanishads hindus:

*Há apenas um Ser que existe, Imóvel, mas movendo-se
mais rápido do que a mente; Que supera em muito os sentidos,
embora como deuses Se esforcem por alcançá-lo, que, ele
mesmo em repouso, transcende o vôo mais veloz de outros
seres. Quem, como o ar, apóia toda ação vital.*

Ele se move, mas não se move. [167](#)

Ao poder supremo no céu, Aristóteles deu o nome de "Motor Imóvel", um termo que expressava sucintamente o caráter paradoxal do deus Um: embora girasse os céus, ele mesmo permanecia imóvel. De acordo com a tradição geral, o deus ficava no centro cósmico estacionário, transmitindo movimento aos corpos celestes que giravam em torno dele.

Um fato que a interpretação convencional não pode explicar é que os próprios termos que os astrônomos antigos aplicam ao pólo celeste são aplicados também a Saturno. Considere a imagem do poste:

*Eu sou constante como a estrela do norte, De cujo
verdadeiro consertado e em repouso qualidade. Não há
nenhum companheiro no firmamento.*

Assim declarou o César de Shakespeare. [Ênfase adicionada.] Muitos séculos antes de Shakespeare, Hiparco falou de "certa estrela que permanece sempre no mesmo lugar. E esta estrela é o pivô do Cosmos." Entre os chineses, a estrela polar é a "estrela do Pivô", [168](#) para os polinésios, é o "Imóvel". [169](#) O Pawnee a chama de "a estrela que fica parada"; esta estrela, dizem eles, "é diferente das outras estrelas, porque nunca se move". [170](#) Para os hindus, a estrela é *Dhruva*, "empresa." [171](#)

Considere agora a imagem do planeta Saturno. Na China, conforme observado [acima](#), Saturno governa "o Pivô". O SumeroBabylonian Ninurta - Saturno - é o deus da "estrela estável" e do "repouso". [172](#) Enki, também o planeta Saturno, é "o senhor imóvel". [173](#) O ensino mitraico retrata o planeta como o homem cósmico Aion, o deus "em repouso". [174](#) Na descrição de Sanchuniathon do El fenício (Saturno), o deus "voou em repouso e descansou em

[166](#) Citado em Campbell, *Mitologia Ocidental*, 243. [ênfase adicionada.]

[167](#) Citado em O'Neill, *A Noite dos Deuses*, 737. [Grifo nosso.]

[168](#) Schlegel, *op. cit.*, 631.

[169](#) Makemson, *A Estrela da Manhã Nasce*, 5

[170](#) Alexandre, *Mitologia norte-americana*, 95

[171](#) Coomaraswamy e Nivedita, *Mitos dos hindus e budistas*, 378.

[172](#) Langdon, *Textos Litúrgicos Sumérios*, 137

[173](#) Lenormant, *Origines de l'Histoire*, Vol. I, 393.

[174](#) Schwabe, *op. cit.*, 8, 388.

voar." A esta descrição, O'Neill responde: "Apenas o simbolismo do Poder Polar girando os céus, mas sempre repousando no centro imóvel". [175](#)

O caráter estacionário de Saturno é o traço mais negligenciado pelos mitologistas convencionais. A razão é que os mitologistas esperam que a imagem do deus da luz primordial se ajuste ao orbe solar nascente e poente, enquanto na verdade os rituais e mitos antigos retratam o deus como um sol central no zênite polar.

Para a mente moderna, nada poderia ser menos "científico" do que um sol polar. Ainda assim, o sol imóvel é a antiga tradição, conforme observado por EAS Butterworth: "[O sol primordial] não é o sol natural do céu, pois não nasce nem se põe, mas está, ao que parece, sempre no zênite acima do umbigo do mundo. *Existem sinais de uma ambiguidade entre a estrela polar e o sol.*" [176](#)

Se Butterworth estiver correto, temos uma convergência de três verdades vitais: Saturno era o sol primordial; Saturno ocupou o pólo celestial; o sol primitivo ocupou o pólo. Cada um desses pontos contradiz a compreensão moderna, mas cada um encontra verificação na pesquisa independente de especialistas, nenhum dos quais parece ter conhecimento do trabalho dos outros. (Ou seja, de Santillana e von Dechend, ao documentar a conexão de Saturno com o pólo, parecem não saber da identidade do planeta como sol; Jastrow e Boll, embora percebendo a equação de Saturno e sol, ignoram a estação polar de Saturno; Butterworth, embora reconheça o sol polar, não percebe que está lidando com o planeta Saturno.)

Na tradição do deus polar ou do sol polar, numerosas tradições coincidem.

Egito

Se existe uma ortodoxia entre os egiptólogos, é a crença de que o grande deus egípcio tem sua inspiração no *nascendo e se pondo* Sol. Atum, Re, Osiris, Horus, Khepera e virtualmente todos os grandes deuses dos egípcios são explicados como símbolos do orbe solar - ou o sol do dia ou o sol "durante sua jornada noturna".

Como o conceito egípcio de "sol" envolve muitas complexidades que podem desviar a atenção da presente investigação geral, reservarei muitos detalhes para tratamento em seções posteriores. Cito a seguir, no entanto, algumas das evidências que indicam a estação polar do deus supremo egípcio.

1 Não há melhor representante do grande pai egípcio do que o poderoso Atum, a quem os egiptólogos geralmente consideram um deus-sol que brilha à noite. Ele é o alter ego reconhecido do sol primordial Re, fundador da Idade de Ouro perdida.

o *Textos de caixão* dizer:

*O Grande Deus vive,
fixado no meio do céu
com o seu apoio.* [177](#)

A referência é a Atum, a quem o eminente egiptólogo RT Rundle Clark chama de "o árbitro do destino empoleirado no topo do pólo mundial". [178](#)

A lenda da criação afirma que quando Atum apareceu sozinho no início, ele ficou *imóvel* no mar cósmico. [179](#) Seu epíteto era "o Firme Coração do Céu". [180](#) Para os egípcios, afirma Enel, "Atum era o

[175](#) *Op. cit.*, 748.

[176](#) *A árvore no umbigo da terra*, 124. [Grifo nosso.]

[177](#) Clark, *Mito e símbolo no antigo Egito*, 59.

[178](#) *Ibid.*, 41

[179](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 309.


[180](#) Piankoff, *Os Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 36

chefe ou centro do movimento do universo "no pólo celeste, pois os egípcios conheciam o pólo como o" meio "ou" coração "do céu -" o ponto único e imóvel em torno do qual ocorria o movimento das estrelas ". 181

Clark nos diz que "o pólo celestial é 'aquele lugar' ou 'a grande cidade'. As várias designações mostram o quão profundamente impressionou a imaginação egípcia. Se deus é o governador do universo e ele gira em torno de um eixo, então deus deve presidir sobre o eixo. " 182

Clark está tão certo da estação polar do grande deus que escreve: "Nenhum outro povo foi tão profundamente afetado pelo eterno circuito das estrelas em torno de um ponto no céu setentrional. Aqui deve ser o nó do universo, o centro da regulação. " 183 (Como veremos, Clark subestima a influência do centro polar em outras terras.)

Atum era o "Motor Imóvel" descrito em textos egípcios muitos séculos antes de Aristóteles oferecer o

frase como uma definição do poder supremo. O hieróglifo egípcio para Atum é um trenó primitivo , significando "mover". Para o deus das revoluções cósmicas, o *Livro dos mortos* proclama "Salve a ti, Tmu [Atum] Senhor do Céu, que das movimento a todas as coisas." 184 Mas enquanto movia os céus Atum permaneceu em *hetep*, "Em repouso" ou "em um lugar".

2 Além disso, e ao contrário da opinião quase universal, o grande deus Re tem pouco em comum com o orbe solar. Ao contrário do nosso sol sempre em movimento, Re está no "meio" ou "coração" estacionário do céu. 185 Ele é o sol imóvel "que pousa nas suas alturas". 186

Sua casa é o zênite polar:

. . . *Que seu rosto esteja no norte do céu, que Re convoque você do zênite do céu.* 187

Meu pai sobe ao céu entre os deuses que estão no céu; ele está na Grande Região Polar e aprende a fala do povo do sol. Re. . . põe sua mão em você no zênite do céu. 188

Sobre o simbolismo enigmático do deus-sol egípcio, Kristensen nos diz que "o lugar onde a luz se põe é também chamado de lugar onde ela nasce". 189 Em referência ao orbe solar, a declaração parece sem sentido. Mas a noção de que Re surge e se põe em um local é inseparável da visão de Re como o senhor de *hetep*, "descansar." Na verdade, o deus não literalmente "se levanta" ou "se põe". Com as fases do dia e da noite sua luz "surge" e "retrocede"; o deus "sai" e "entra". Quando dizemos hoje que a lua "sai" à noite, não queremos dizer que ela nasce no leste; queremos dizer simplesmente que a lua *crece brilhante*. Precisamente o mesmo significado atribuí às palavras egípcias que tantas vezes recebem a tradução "subir" (*uben, pert, un*). 190

181 *Les Origines de la Genèse et l'Enseignement des Temples de l'Ancienne Egypte*, 20-21, n.2.

182 Clark, *op. cit.*, 58

183 *Ibid.*, 58

184 Renouf, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 147

185 Faulkner, *Os textos do caixão*, Soletrar 257.

186 Mudar, *Do Fetice a Deus no Antigo Egito*, 394.

187 *Pirâmide Textos* 1016.

188 *Pirâmide Textos* 1168-70.

189 Citado em Piankoff, *Papiros mitológicos*, 29

190 Conseqüentemente, Re não apenas "sai" no Tuat, mas "descansa" lá também. Piankoff, *A Lítania de Re*, 25

Assim, ao invés de um sol em movimento, Re é o eixo central em torno do qual os deuses menores giram. “Eles [os companheiros de Re] dão a volta atrás dele,” 191 afirma um texto. O falecido rei aspira alcançar a posição de grande deus para que “esses deuses girem em torno dele”. 192



Figura 2. O Osiris em repouso.

3 - O deus-rei Osiris, uma contraparte óbvia do sol primordial de Re, é o deus do *tet*, “Firmeza” ou “estabilidade”. “Ele é sempre uma figura passiva”, observa Budge. “Como um deus cósmico, ele aparece como um *imóvel*/diretor ou observador das ações de seus servos que cumprem sua vontade.” 193 Nisso ele é o protótipo do rei terrestre, que passa a ter residência simbólica no centro cósmico.

Assim é Osiris o estacionário *coração* do céu: “Belo é o deus do coração imóvel”, proclama o *Livro dos Mortos*. 194 Os hinos exaltam Osiris como o senhor de *hetep*, “Descanso” ou como “o coração em repouso”. Um egiptólogo após o outro busca entender as imagens em termos de um sol noturno “descansando” em um submundo imaginado. Mas numerosas fontes egípcias mostram que o lugar de descanso é o centro imóvel e o cume. Osiris é “exaltado em seu lugar de descanso”, 195 ou “nas alturas”. 196

Os hieróglifos representam uma coluna de degraus que conduzem ao zênite polar; é aqui que os hinos localizam Osiris: “Salve, ó Osiris, recebeste teu cetro e o lugar onde deves descansar, e os passos estão abaixo de ti.” 197 O falecido implora ao grande deus: “. . . Que eu possa ser estabelecido em meu lugar de descanso como o Senhor da Vida.” 198

Também é fútil interpretar o “descanso” ou “coração imóvel” de Osiris como meros símbolos de morte. O estado de repouso, deve-se lembrar, pertence ao Osiris vivo ou ressuscitado, pois os textos aplicam o termo *hetep*, “Descanso,” para Osiris *em ankh*, “Como um ser vivo.” 199 Deve ficar claro para todos os que consideram a linguagem dos hinos que o *coração* significa o imóvel *Deus*, para o coração é o deus (como quando os textos descrevem o coração “sobre

191 Mudar, *O Livro dos Mortos*, 398.

192 *Ibid.*, 644.

193 *De Fetichismo a Deus*, 190. [ênfase adicionada.]

194 Renouf, *op. cit.*, 120

195 Mudar, *O Livro dos Mortos*, 260

196 Renouf, *op. cit.*, 7

197 Mudar, *O Livro dos Mortos*, 388-89.

198 *Ibid.*, 251.


199 Mudar, *O Papiro de Ani*, 123, 134.

sua sede "). [200](#) Osiris, o coração imóvel, é o sol central e estacionário: "Ó coração tranquilo, brilha por ti mesmo, ó coração tranquilo." [201](#)

4 - O sol estacionário, o sol no zênite polar, também ocorre sob muitos outros nomes na religião egípcia, incluindo:

- Hórus, o deus "firme e estável" que "toma seu lugar no zênite do céu". [202](#)
- Ptah, "no grande lugar de descanso".
- Iemhetep, cujo nome significa "aquele que surge enquanto está em um lugar." [203](#)
- Sepa, cujo nome significa "estável". [204](#)
- Homens, cujo nome significa "fixo", "permanente", "estável", "firme". [205](#)
- Tenen, conectado com a raiz *enen*, significando "imóvel", "descanso", "inatividade". [206](#)
- Kheperer, o Girando, que gira enquanto ocupa a mesma posição estacionária. [207](#)

Assim, nos hieróglifos, todos os grandes deuses egípcios aparecem como *firmemente sentado* figuras. Este imóvel

postura-  - o que corresponde a imagens divinas em muitas outras terras não é por acaso. O sentado ou em repouso deus é o Motor Imóvel.

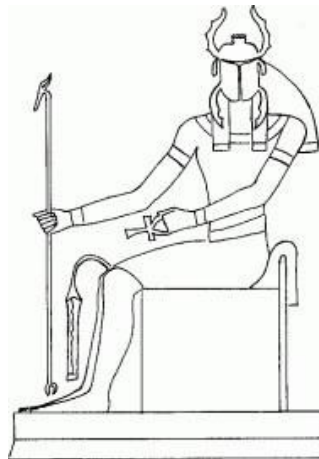


Figura 3. Kheperer, o Turning One.

[200](#) *Ibid.*, 105

[201](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 332.

[202](#) *Texto da Pirâmide*, 854.

[203](#) Massey, *Antigo Egito*, 426.

[204](#) Énel, *op. cit.*, 117

[205](#) Mudar, *Um Vocabulário Hieroglífico para a Recensão Tebana do Livro dos Mortos*, 174

[206](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 508-9.

[207](#) Renouf, *op. cit.*, 151

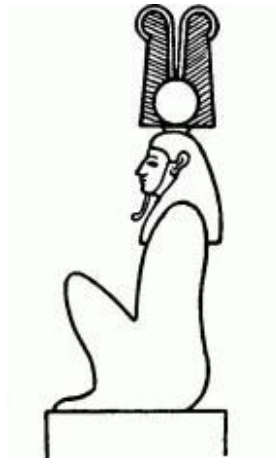
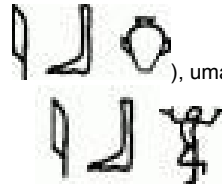


Figura 4. O deus firmemente sentado (em repouso).

5 Que os egípcios conceberam o centro cósmico como a fonte dos movimentos celestes fica claro a partir do

terminologia do centro. O “coração” do céu é *ab* (



), uma palavra que tem o significado concreto

de “centro” ou “meio”. Mas, conforme observado por Renouf, *ab* (



) também transmite “a sensação de vivacidade

movimento.”²⁰⁸ No último uso, o determinativo está em um pé, *ie*, em um lugar e repouso. Da figura pela qual se vê o coração do céu em repouso, mas sempre girando. Da mesma forma, embora o termo *homens* significa “fixo” ou “permanente”, em referência ao deus do centro estável e cume, *Mennen* significa “dar a volta”.²⁰⁹

Ao grande deus, como o centro estável ou a pedra fundamental do Cosmos, os egípcios deram o nome

Benben (veja a discussão de [A pedra fundamental](#)) Mas *ben* sozinho “é um verbo de movimento, e particularmente de ‘ir ao redor’”. Essa relação dual e aparentemente paradoxal de movimento e repouso ocorre em todos os textos egípcios e se torna inteligível apenas quando se reconhece o sol central, o Motor Imóvel, como a fonte de as imagens.

“Eu sou o Herdeiro, o principal poder de movimento e descanso”, diz o *Livro dos Mortos*. Embora as palavras tenham um som moderno, Renouf nos garante que elas expressam o sentido literal do texto do hieróglifo. É característico de todo deus polar “mover-se” enquanto está em “repouso”.²¹⁰

6 Inseparável do movimento egípcio de “descanso” é o conceito de “silêncio”. O centro imóvel dos céus é o Lugar Quietos ou Região de Silêncio. (Nossa palavra em inglês *ainda* transmite com precisão a relação estreita entre os conceitos *imóvel* e *silencioso*.)

[O grande deus é] *Rei do Tuat*. . . *Corpo nobre cujo o resto está completo na Região do Silêncio*.²¹¹

Rei é aquele que descansos na região silenciosa.²¹²

²⁰⁸ *Ibid.*, 67

²⁰⁹ *Ibid.*, 45

²¹⁰ *Ibid.*, 113

²¹¹ Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 106. [ênfase adicionada.]

²¹² Piankoff, *A Litania de Re*, 40-41. [ênfase adicionada.]

Mas os especialistas que conectam o orbe solar com o grande deus nada têm a dizer sobre essa linguagem. O deus que está em repouso na Região Silenciosa é Re, o deus-sol *por excelência*; no entanto, todo o conceito contradiz a imagem de nosso sol errante.

O que muitas vezes impede os generalistas de perceber o caráter estacionário do sol primevo é o infeliz hábito do tradutor de substituir significados literais por termos vagos e intangíveis. Budge segue uma prática comum quando ele apresenta um hino a Re com estas palavras: "Homenagem a ti, ó tu que estás em paz." [213](#) A partir de tal terminologia, dificilmente se poderia esperar a formulação de um conceito claro do deus. Mas a frase "em paz" na verdade esconde um significado vital, pois o original egípcio é *em hetep*. Literalmente, o hino celebra o deus que brilha "em repouso" ou "enquanto está parado no mesmo lugar". (Ao procurar interpretar fontes egípcias, descobri que os significados específicos, literais e concretos dos textos originais são uniformemente preferíveis à linguagem mais geral e abstrata tantas vezes escolhida pelos tradutores. Desta verdade, o leitor encontrará muitos exemplos no seguintes seções.)

Mesopotâmia

Como o sol central do Egito, o deus-luz primitivo da religião Sumero-Babilônica "surge" (brilha) e "entra" (declina, diminui) no "centro" ou "meio" do céu (*Kirib sami*; *Kabal sami*), que também é o zênite (*ilatu*). "No centro, ele fez o zênite", afirma um texto. [214](#) Residindo no centro e cume, o grande deus é a luz "firme" ou "constante". [215](#)

O representante mais antigo desse sol estacionário é o deus polar An (Anu). [216](#) An enche o céu com sua luz radiante - até mesmo aterrador: "o terror do esplendor de Anu no meio do céu". [217](#) Assim, Robert Brown Jr. chama o deus polar de *sol noturno*, o "Senhor da Noite". [218](#)

Todas as formas principais de An aparecem como *estacionário* Deuses. Enki é "o senhor imóvel" e o deus da "estabilidade". [219](#) Um hino sumério quebrado, em referência a Ninurash (uma forma de Ninurta) diz:

Quem o "deus do estrela estável" "Sobre uma fundação.

Para . . . causa para repousar em anos de abundância. [220](#)

Não conseguindo perceber o significado concreto de tais termos, os mitologistas solares gostam de pensar em um lugar de "repouso" como um "submundo" oculto sob a terra, uma região escura visitada pelo sol depois que ele se põe. Mas o lugar de repouso não é um submundo. Isto é:

A residência elevada. . . O

lugar elevado. . .

O local de repouso elevado. . . [221](#)

[213](#) Mudar, *De Fetiche a Deus*, 401.

[214](#) Jensen, *op. cit.*, 11

[215](#) *Ibid.*, 16-19; Castanho, *Pesquisas sobre as origens das constelações primitivas*, Vol. I, 269; Vol. II, 191.

[216](#) Langdon, *Mitologia Semítica*, 94; Jensen, *op. cit.*, 17 ff. Certamente não posso aceitar, no entanto, a identificação de Jensen de Anu com o pólo da eclíptica.

[217](#) Sayce, *Palestras sobre a origem e crescimento da religião*, 482.

[218](#) *Op. cit.*, Vol. II, 184, 190.

[219](#) Lenormant, *op. cit.*, 393. Ea (Eriki) era o "rei dos destinos, da estabilidade e da justiça". O'Neill, *op. cit.*, 490.

[220](#) Langdon, *Textos Litúrgicos Sumérios*, 137. [Ênfase adicionada.]

[221](#) Lenormant, *Magia Caldéia*, 172

Ninurta, em seu "lugar de sublime *repouso*", "É o equivalente preciso do Re egípcio, que" *descansa* em seu lugar alto. " O fato de ambos os deuses serem identificados com o planeta Saturno confirma ainda mais o notável paralelo. O que dizer, então, do grande deus Shamash, que um especialista após o outro identifica apenas com o orbe solar? O consenso prevaiente não pode esconder o fato de que Shamash, como Ninurta e Anu, é chamado de planeta Saturno ("Shamash é Saturno", dizem os textos astronômicos). Assim, Shamash envia sua luz do centro imóvel ou "meio" do céu:

Como o meio do céu que ele brilhe! 222

Ó Shamash. . . suspenso do meio do céu. 223

Ó deus-sol, no meio do céu . . . 224

*Eu clamei a ti, ó deus do Sol, no
meio do céu cintilante.* 225

Que não haja mal-entendido quanto ao significado literal e concreto do "meio". É, afirma Robert Brown, o centro estacionário, "aquele ponto central onde Polaris estava entronizado." 226 Assim, no simbolismo do zigurate e de outros templos "solares", Shamash ocupa o " *cume* casa, "o" *fixo* casa "ou a" casa de descanso ". 227 O topo do zigurate, um modelo simbólico do Cosmos, é a "luz de Shamash" e o "coração de Shamash", denotando (nas palavras de EG King) o pivô "em torno do qual o mais alto céu ou esfera do estrelas fixas giravam. " 228

A tradição babilônica do sol polar foi preservada até a era moderna na tradição dos mandeístas do Iraque. Em suas cerimônias da meia-noite, essas pessoas invocam o pólo celestial como *Olma l'inhoara*, "O mundo da luz". Com as seguintes palavras, eles imploram ao deus polar: "Em nome do vivente, bendita seja a luz primitiva, a Divindade autocriada". Este deus polar, afirma um observador, é o " *sol primitivo* dos adoradores de estrelas. " 229

Índia

O Dhruva hindu, cujo nome significa "firme", fica no pólo celestial - "um ponto resplandecente de esplendor no qual o solo é firme, onde está fixado o circo das luzes celestiais dos planetas, que giram em torno como bois a estaca, e qual [o Spot] subsiste imóvel. " 230 O que resta a ser explicado pelos mitologistas é que o deus "obviamente solar" Surya "permanece *firmemente* neste cofre *local de descanso*. " 231 Surya, estados

VS Agrawala, "está em repouso, sendo o centro imóvel de seu sistema." 232 E assim como o egípcio

222 Sayce, *op. cit.*, 177, nota 1. [Ênfase adicionada.]

223 Pritchard, *Textos Antigos do Oriente Próximo Relacionados ao Velho Testamento*, 387. [ênfase adicionada.]

224 Sayce, *op. cit.*, 177, nota 1. [Ênfase adicionada.]

225 *Ibid.*, 173. [Ênfase adicionada.]

226 *Op. cit.*, Vol. II, 191.

227 Jastrow, *op. cit.*, 638-41. [Ênfase adicionada.]

228 *Akkadian Genesis*, 24, citado em O'Neill, *op. cit.*, 78

229 Nuttall, *Princípios fundamentais*, citando um artigo no *London Padrão*, 19 de outubro de 1894, intitulado "Uma reunião de oração dos adoradores das estrelas". [Ênfase adicionada.]

230 *Bhagavata Purana*, Capítulo 4.

231 Eggeling, *Satapatha-Brahmana IV*, 3, 4, 9. [Ênfase adicionada.]

232 Agrawala, *Faíscas do Fogo Védico*, 82-83.

sol primitivo "nasce e se põe" em um lugar, Surya ocupa *Samanam Dhama* - "o mesmo lugar de nascer e se pôr". [233](#)

Outro nome para o sol estacionário é Prajapati. "O sol no centro é Prajapati: ele é o cavalo que dá movimento a tudo", escreve Agrawala. [234](#)



Figura 5. Brahma em repouso.



Figura 6. Buda em repouso.

Os imóveis Dhruva, Surya e Prajapati se comparam com a luz de Brahma, chamada de "sol verdadeiro", que "depois de ter subido dali. . . sobe e desce mais. Ele fica sozinho no centro." [235](#) Brahma, observa Guenon, é "o pivô em torno do qual o mundo realiza sua revolução, o centro imutável que dirige e regula o movimento cósmico". [236](#)

Na verdade, cada figura hindu do sol primordial aparece como o motor fixo dos céus. O Hindu Varuna, "sentado em *o meio* do céu", é o Reclinado, o "eixo do universo". [237](#) "Empresa é a sede de Varuna", declara um dos hinos védicos. [238](#) Nele, "todos os centros de sabedoria, como a nave é definida dentro da roda." [239](#) 1

[233](#) Velanker, *Rigveda Mandala VII*, 147

[234](#) Agrawala, *op. cit.*, 66

[235](#) Chatterji, *O Bhagavad Gita*, 145

[236](#) *Études sur l'Hindouisme*, 19

[237](#) Keith, *A Religião e Filosofia do Veda e Upanishads*, Vol. I, 96; Coomaraswamy, *Uma nova abordagem aos Vedas*, 8, 60-61, 92, nota 71. [ênfase adicionada.]

[238](#) Perada, *Senhor dos Quatro Quartos*, 122. [ênfase adicionada.]

das formas de Varuna é Savitar, o "impulsor". Enquanto o resto do universo gira, o impulsor permanece firme. “

. . . Permanecerás firme, como o desejável Savitar. ” 240

Ocupando o mesmo lugar de descanso está o deus supremo Vishnu "que toma um *empresa* fique naquele lugar de descanso no céu. ” 241 O local é o pólo celestial, chamado de "trono exaltado de Vishnu, ao redor do qual as esferas estreladas vagam para sempre". 242 Vishnu é o sol polar ou fogo central: "Ígneo, de fato, é o nome deste *firme* deus ", afirma um texto védico. 243

Uma forma fascinante e arcaica do grande deus hindu é Aja Ekapad, originalmente concebido como uma cabra de uma perna só, o suporte e motor do universo. Observa Agrawala: “A questão surge quanto ao significado de *ekapad*. Ele [Aja] é chamado *ekapad* ou com um pé só porque *ekapad* ou um pé denota a ausência de movimento. ” 244 Agrawala chama esse ser ou princípio supremo de "Descanso Estático Absoluto". 245 “O princípio do descanso”, escreve o mesmo autor, “é inesgotável e a fonte de todo movimento”. 246

O solo sagrado ocupado pelo grande deus hindu é o "lugar do meio", "a região firme" ou "o céu imóvel". 247 Na tradição Brahmanista é *Nirvana*, “O Lugar de Repouso Supremo” no centro e cume.

Para os budistas, essa é a nave da roda cósmica, o trono do próprio Buda. Isto é *acalatthana*, o "local imóvel" ou a "sede invencível de *sessão firme*.” 248 O trono de Buda coroou o eixo do mundo, afirma Coomaraswamy.

China

O antigo Imperador no Alto, de acordo com uma tradição chinesa universal, estava no pólo celeste. Astrólogos chineses, de acordo com Schlegel, consideram o deus polar como “o arquimestre. . . A mais venerada de todas as divindades celestes. Na verdade, a estrela polar, em torno da qual todo o firmamento parece girar, deve ser considerada a Soberana do Céu. ” 249 O deus polar supremo foi Shang-ti, o primeiro rei. Seu assento era “o Pivô” e todos os céus se voltaram para seu poder exclusivo.

Elevado a um primeiro princípio, o deus polar tornou-se o místico *Tao*, o motor do Cosmos. A ideia essencial está contida na própria palavra chinesa para Tao, que combina o sinal de "ficar parado" com o sinal de "ir"

239 *Ibid.*, 121-22.

240 Whitney, *Atharva Veda*, XIX, 45,4.

241 Eggeling, *Satapatha Brahmana*, III, 6.3.15. [ênfase adicionada.]

242 Citado em de Santillana e von Dechend, *Hamlet's Mill*, 138

243 Velanker, *op. cit.*, 219. [ênfase adicionada.]

244 *Op. cit.*, 40, citando *Rig Veda* X.82.6.

245 *Ibid.*, 70

246 *O discurso das mil sílabas*, Vol. I, 112.

247 Eggeling, *Satapatha Brahmana* II.5.1.14; veja também nota 4, p. 36; Coomaraswamy, *Uma nova abordagem*, 68

248 Coomaraswamy, *Elementos da iconografia budista*, 42-43. *Ibid.*, 43-45, 52, 55.

Comparável à posição firmemente assentada do grande deus egípcio é a posição do Buda em "repouso" ou "meditação". O Buda "sentou-se de pernas cruzadas em uma posição invencível, da qual nem mesmo a queda de cem raios de uma vez poderia tê-lo desalojado." Citado em Campbell, *Mitologia Oriental*, 16. [ênfase adicionada.]

249 Schlegel, *op. cit.*, 507.

e "cabeça". O Tao é o Motor Imóvel, o deus Aquele que vai ou "se move" enquanto permanece no mesmo lugar.

Fontes chinesas proclamam o Tao como a "luz do céu" e "o *coração* do céu" [250](#) ou seja, o sol central. "A ação é revertida para a não ação", afirma Jung. "Tudo o que é periférico está subordinado ao comando do centro." [251](#) Assim, o Tao rege o "centro dourado", que é o "Eixo do Mundo", de acordo com Erwin Pousselle. [252](#)

No entanto, embora muitos escritores tenham observado a estação polar da potência suprema chinesa, poucos realmente notaram que os astrônomos chineses identificam esse sol central como o planeta Saturno. Saturno, de acordo com os textos astronômicos, é "o Pivô", seu assento primordial, o pólo celeste. É Saturno, afirma Schlegel, que transmite movimento ao universo. [253](#)

Um dos poucos escritores a notar a conexão de Saturno com o pólo é de Saussure, que nos diz que a astronomia chinesa coloca o planeta no centro, em torno do qual giram todos os elementos secundários e poderes: ". . . o Centro representa o Criador, Regulador de todo o Cosmos, o pólo, assento (ou trono) da Divindade suprema." [254](#) Saturno, afirma de Saussure, "é o planeta do centro, correspondendo ao imperador na terra, portanto, à estrela polar do céu". [255](#)

As Americas

No sul do Peru, o Inca Yupanqui ergueu um templo em Cuzco ao deus criador, o sol autêntico, que era superior ao sol que conhecemos. Ao contrário do orbe solar, ele foi capaz de "descansar" e "iluminar o mundo de 1 local." "É um fato extremamente importante e significativo", escreve Nuttall, "que a porta principal deste templo se abriu para o norte". (Uma vez que o pólo celeste norte não é visível de Cuzco, 14 graus abaixo do equador, Nuttall assume que esta tradição de um sol polar foi levado para o sul.) [256](#)

No México, uma forma de luz central é Tezcatlipoca, que, embora seja dito que "personifica o Sol", ainda reside no pólo - assim como Quetzalcoatl, o "sol", primeiro rei e fundador da civilização, que os sacerdotes nahuatl dizem ter inaugurado a era do "Centro". [257](#)

[250](#) Jung, *Estudos Alquímicos*, 20. [Ênfase adicionada.]

[251](#) *Ibid.*, 25

[252](#) "Seelische Führung in Lebenden Taoismus," em *Yoga und Meditation im Osten und im Westen*, 193.

[253](#) *Op. cit.*, 631.

[254](#) "La Série Septenaire, Cosmologique et Planétaire", 342.

[255](#) "Origine Chinoise de la Cosmologie Iranienne", 305.

[256](#) *Op. cit.*, 161, ênfase adicionada.

[257](#) *Ibid.*, 42, 56, 95; Burland, *Os Deuses do México*, 94

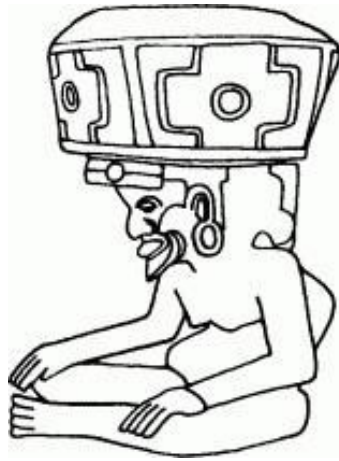


Figura 7. Descansando Xiuhtecuhtli.

Burland nos diz que, entre os mexicanos, “a abordagem mais próxima da ideia de um verdadeiro deus universal era Xiuhtecuhtli”, lembrado como o Velho, o Velho que permitiu que os primeiros ancestrais saíssem da barbárie. Xiuhtecuhtli aparece como o *Central Fire* e a *coração* Do universo.” “Xiuhtecuhtli era uma divindade muito especial. Ele não era apenas o Senhor do Fogo que queimava na frente de cada templo e no meio de cada cabana no México, mas também

Senhor da Estrela Polar. Ele era o *pivô* do universo e uma das formas da Divindade Suprema.” [258](#) Uma contraparte óbvia deste sol central é o deus criador maia Huracan, o “ *Coração* do céu ”no pólo celestial.

O Pawnee localiza a “estrela principal dos céus” no pólo. Ele é a “estrela que fica parada”. Desse poder supremo, eles dizem: “sua luz é o brilho do *Sol/Deus* brilhando.” [259](#)

Os índios americanos também têm uma contrapartida para o Egyptian Still Place e o Hindu Motionless Heaven. Uma conta Zuni relata que há muito tempo o *coração* do grande pai Kian'astepe *descansado* em um local sagrado chamado de *Lugar do meio*. Aqui, no centro cósmico, os sagrados ancestrais “sentam-se perfeitamente imóveis”. [260](#) Não é preciso muita imaginação para ver que este é, mais uma vez, o eixo estacionário do céu.

De uma terra a outra, encontra-se a mesma conexão do grande pai ou sol primordial com o pólo celeste. Às tradições citadas acima, pode-se adicionar o seguinte:

No persa *Zend Avesta* o deus sol Mitra ocupa o cume do eixo do mundo, uma estação fixa “em torno da qual giram muitas estrelas”. [261](#) A identificação comum de Mithra com o zoroastriano Zurvan / Saturno não pode ser ignorada.

A cosmologia iraniana, conforme relatado por de Saussure, estimava o pólo celeste como o centro e cume do céu, onde residia “o Grande no meio do céu.” quem é igualado a *Kevan*, o planeta Saturno. [262](#)

Em todo o antigo Oriente Próximo, afirma HP L'Orange, o “Rei do Universo” aparece como um sol central, “o Eixo e o Pólo do Mundo”. [263](#)

O deus-sol grego Hélios, em uma antiga tradição, reside no centro do Cosmos, com os corpos celestes girando em torno dele. [264](#) Ao avaliar as imagens de Helios em Homero *Odisséia*, Butterworth conclui

[258](#) *Op. cit.*, 77; veja também p. 80. [Ênfase adicionada.]

[259](#) Alexandre, *op. cit.*, 95-96. [Ênfase adicionada.]

[260](#) Stevenson, *Os índios Zuni*, 46, 80.

[261](#) Darmesteter, *O Zend Avesta*, Miher Yast XII, 49-50.

[262](#) “Le Système Cosmologique”, 292-3.

[263](#) *Estudos em A Iconografia da Realeza Cósmica*, 13

[264](#) Bloch, “Le Symbolisme Cosmique et les Monuments Religieux dans l'Italie Ancienne,” 24-25; veja também L'Orange, *op. cit.*, 29

que o sol mítico permaneceu sempre no zênite, o pólo celeste. [265](#) O que dá sentido à tradição é a identidade de Helios e do planeta Saturno, como antes [documentado](#) .

"De acordo com a cosmologia judaica e muçulmana", escreve AJ Wensinck, "o trono divino está exatamente acima do sétimo céu, conseqüentemente é o pólo do Universo". [266](#) Assim, Isaías localiza o trono de El (originalmente o planeta Saturno) nas regiões mais longínquas do norte. [267](#)

Os alquimistas consideravam o poste como a morada do "fogo central", o motor dos céus. ". . . Toda a maquinaria do mundo é atraída pelo fogo infernal do Pólo Norte ", observa Jung. [268](#) Um texto alquímico proclama: "No Pólo está o coração de Mercúrio, que é o *lugar de descanso* de seu Senhor. " [269](#) "O mais importante de tudo para uma interpretação de Mercúrio", escreve Jung, "é sua relação com Saturno. Mercurius *senex* [*a envelhecido Mercurius*] é idêntico a Saturno. " [270](#)

Registros de numerosas nações ao redor do mundo constituem uma testemunha coletiva de uma ideia estranha, mas consistente - uma ideia que não encontra explicação nos céus que conhecemos. Os mitos globais insistem que, quando as primeiras civilizações surgiram da barbárie, uma luz brilhante ocupou o pólo celeste. Essa luz constante era o antigo deus-sol, repetidamente identificado como o planeta Saturno, o Monarca Universal.

É possível contar com essa memória extraordinária em termos aceitáveis para a era moderna? Os mitologistas e historiadores da religião sempre presumem que as tradições astrais arcaicas, embora cheias de explicações imaginativas, referem-se, no entanto, à própria ordem celestial que nos confronta hoje. Todo o mito de Saturno desafia essa suposição de longa data. Será que a imagem de Saturno como o sol polar - embora estranha, embora difícil de conciliar com a teoria física atual - representa a história verdadeira?

[265](#) *Op. cit.*, 28-29.

[266](#) " *As Idéias dos Semitas Ocidentais Sobre o Umbigo da Terra*, "55.

[267](#) Isaías 14: 13-14.

[268](#) *Aion*, 135

[269](#) Jung, *Estudos Alquímicos*, 209, nota 8. [ênfase adicionada.]

[270](#) *Ibid.*, 226.



IV: Cosmos de Saturno

Os antigos preservaram mais do que relatos mítico-históricos do governo de Saturno. De uma seção do mundo a outra, os adoradores do deus-planeta desenharam imagens da configuração saturnina, e essas imagens se tornaram os sinais e símbolos universais da antiguidade.

No léxico global de símbolos, as três imagens mais comuns são o sol fechado



, a cruz do sol



e a cruz do sol fechada




. Parece que todas as raças antigas reverenciavam esses sinais como imagens do poder cósmico preeminente. Na Mesopotâmia e no Egito, os sinais ocorrem no período mais antigo.

Cerâmica pré-histórica e esculturas em pedra de Creta, China, Escandinávia, África, Rússia, Polinésia e das Américas sugerem que numerosos ritos antigos centrados nessas formas simples - que se tornaram as imagens mais veneradas nos primeiros alfabetos hieroglíficos.

Mas o que esses sinais significavam para os antigos? Quase sem voz dissidente, os estudiosos rotineiramente os rotulam como símbolos solares. Eles nos dizem que tais representações do sol são perfeitamente naturais (isto é, eles *devo* ser formas "naturais" de representar o sol, porque se vê os sinais em todos os lugares!)

Embora todos pareçam concordar com as origens solares, [271](#) muitos discordam quanto ao que os sinais representam. No

imagem , a banda externa representa um parélio (halo causado pela atmosfera ao redor do sol)? Ou faz significa "o círculo do céu"? Alguns comentaristas sugerem que o círculo externo é o próprio sol, deixando em aberto a questão do significado do ponto fechado. [272](#)

Da mesma forma, ao avaliar o sinal



, os especialistas não concordam se os quatro braços da cruz denotam raios do sol ou quatro quartos do mundo. Também é dito que os quatro braços representam raios de uma roda solar imaginária rolando no céu todos os dias.

É necessário salientar que essas diferenças de opinião colocam imediatamente em causa a afirmação comum de que os sinais são *natural* emblemas solares? Enquanto o significado é incerto, dificilmente se pode afirmar que um símbolo é um *natural* expressão de qualquer coisa. No entanto, certamente os especialistas que debatem o significado dos símbolos do "sol" devem se perguntar por que os antigos, *de comum acordo*, inscreveu as mesmas imagens em todo o mundo.

Considere o sinal relativamente complexo




. A forma básica ocorre junto com muitas variantes em todos os continentes.

Seja o que for que signifique, é mais do que um simples desenho do sol. Se for uma imagem solar, deve-se supor não apenas que os adoradores do sol ao redor do mundo instintivamente adotaram o sol em uma forma abstrata mais complicada, mas que todo antigo culto ao sol se baseava na mesma abstração. Por quê?

[271](#) BL Goff, por exemplo, discute o sinal ([aqui](#)) como uma forma solar "explícita" na Mesopotâmia. Por que explícito? Porque "está rodeado de raios". Goff, *Símbolos da Mesopotâmia Pré-histórica*, 22.

[272](#) Esta se tornou, de fato, a explicação popular do egípcio *Aten*.

A cruz do sol fechada  não é uma abstração. Ele simplesmente registra o que os antigos originalmente *Serra*. É um desenho literal do *sol polar*, transmitida desde a mais remota antiguidade: a imagem de Saturno, o Monarca Universal.

Raramente os arqueólogos, procurando interpretar os símbolos do “sol”, consultam a mitologia antiga. No entanto, os mitos explicam os símbolos e os símbolos iluminam os mitos. Muito esquecido por arqueólogos

são as centenas e centenas de mitos e liturgias enfocando as imagens cósmicas. Fontes antigas revelam uma preocupação mundial com uma forma celestial concreta - um *ideal* configuração identificada como o grande deus e sua morada celestial. O assunto não é a ordem mundial atual, mas a primeira. Os símbolos, lendas e hinos sagrados tentam preservar a memória de Saturno e do Cosmos primitivo.


O Sol Fechado

Quando Saturno apareceu sozinho nas águas cósmicas, uma faixa brilhante congelou ao redor do deus como seu “ilha.” Essa faixa era o Cosmos original, frequentemente retratado como um ovo giratório, uma bobina de corda, um cinto ou um escudo envolvendo o sol central.

Os hinos sagrados e as lendas da criação do antigo Egito dizem que quando o criador surgiu do mar cósmico, um vasto círculo apareceu ao redor do deus, formando o lugar original - “o lugar dos tempos primitivos” ou “a província do começo.” [273](#) Esta residência primitiva era a “ilha de *Hetep* [Descansar],” [274](#) um invólucro estável e giratório. Textos egípcios de todos os períodos oferecem imagens vívidas deste recinto sobre as águas - chamado de “o dourado Pai-land”, a “Ilha do Fogo”, “a divina ilha primitiva emergente” ou “a ilha emergindo em Nun [as águas cósmicas].” [275](#)

Diversas fontes concordam que a ilha da criação ficava no centro cósmico e que era a residência do próprio criador, o sol central. Assim, enquanto Osiris é o “coração imóvel” na Ilha do Fogo, Atum, o Coração estacionário do Céu, é “o Único que está só. . . , que fez seu coração na Ilha do Fogo.” [276](#)

Nas páginas seguintes, tentarei mostrar que fontes egípcias descrevem a banda como *algo visto* - a morada visível do deus no céu. Na verdade, os egípcios - e todas as outras raças antigas - *estavam tão preocupados com a banda de Saturno que elaboraram um vasto simbolismo apresentando o mesmo recinto sob formas míticas abrangentes.*

No entanto, os tratamentos padrão de mitos e religiões antigos pouco ou nada dizem sobre o cerco. E menos ainda escritores sobre o assunto parecem cientes de que o pictograma do recinto sol de Saturno e sua  é um retrato direto de lendária casa.

Não é por falta de evidências de que os especialistas perderam essa conexão. O único obstáculo é o *a priori* visão de mundo dos próprios pesquisadores - que pressupõem que todas as referências ao deus da luz primordial podem significar apenas o orbe solar. Em relação ao nosso sol hoje, a antiga linguagem do recinto parecerá esotérica ou sem sentido.

De Re, o *Textos de caixão* diga: “Nós o honramos no recinto sagrado.” [277](#) Re é o “emissor da luz em seu Círculo”. [278](#) “Eu sou Aquele que está em seu Círculo”, ele anuncia. [279](#) O que essa terminologia poderia significar em

[273](#) Reymond, *A Origem Mítica do Templo Egípcio*, 12-13, 65-67, 86.

[274](#) *Ibid.*, 12-13.


[275](#) *Ibid.*, 185; Frankfort, *Reinado e os Deuses*, 38, nota 21.

[276](#) Faulkner, *Os textos do caixão*, 100

[277](#) Lacau, *Traduction des Textes des Cercueils du Moyen Empire*, 30


[278](#) Mudar, *Os Deuses dos Egípcios*, Vol. I, 340.

relação com o orbe solar? Visto que nosso sol não possui relação perceptível com um invólucro ou círculo, os tradutores provavelmente irão ignorar os termos ou inventar um conceito metafísico complicado para explicá-los.

Embora o hieróglifo egípcio para Re seja , e embora este sinal, tomado literalmente, ilumine imediatamente pelas referências anteriores, ninguém parece inclinado a interpretar o sinal - ou os textos - literalmente.

Ao cerco em torno do sol os egípcios deram o nome *Aton*, um termo familiar a todo estudante de religião egípcia. "Espaçoso é o seu assento dentro do Aton", diz o *Coffin Texts*. 280 Um dos títulos de Re é *sou aten-f*, o "morador em seu Aton". Ambos Atum e Horus possuem o mesmo título. Da mesma forma, o *Livro dos mortos* invoca



Osiris: "Ó grande deus que vive em teu divino Aton." 281 Uma vez que o pictograma egípcio de Aton é

, deve ficar claro que o termo se refere a um invólucro circular que abriga o deus-sol.

Mas, desde o início, os egiptólogos tentaram explicar o Aton como o próprio sol, traduzindo a palavra como "o disco solar". Em vez de esclarecer o conceito egípcio, tal tradução apenas confunde o deus-sol com sua morada celestial. Um egiptólogo, por exemplo, afirma que Aton era o sol, e que o sol foi concebido como "a janela no céu através da qual o *desconhecido* deus, 'Senhor do Disco', derramou uma porção de seu esplendor sobre o mundo". 282

Tendo identificado Aton com o orbe solar, o escritor conclui que o deus que reside em Aton é um deus invisível. Budge expressa uma opinião semelhante quando chama Aton de "o corpo material do sol onde habitava o deus Re" 283 como se o próprio Re fosse um poder invisível e o orbe solar a emanção visível e morada do deus.

É impossível reconciliar tais interpretações metafísicas com as imagens concretas do Aton nos textos egípcios. O Aton é de fato a "janela do céu" visível e o "corpo do sol", mas este

"janela" ou "corpo" certamente não é a orbe solar. É, como o signo de Aton (sol. E o , ) indica, um *banda* alojando o "sol" primitivo é Saturno.

O mesmo mal-entendido ocorre no caso dos termos egípcios *khu* e *khut*. Os termos referem-se a "o círculo da glória" ou o "círculo brilhante", concebido como um *Lugar, colocar* - "o lugar onde o sol [primitivo] brilha". Embora os egípcios considerassem este círculo como a emanção visível do criador, as traduções padrão traduzem *khu* como "Espírito" ou "Alma" (implicando um poder invisível) e *khut* como "horizonte" (sugerindo o local do nascer do sol solar). Ambas as traduções violam o sentido literal das palavras: literalmente, o *khut* (escrito com o sinal

) é o "Monte da Glória".

O círculo do *khu* ou *khut* era a "glória", "halo", "nimbo" ou "auréola" do criador - o que os hebreus chamavam de *Shekinah* (a envolvente "glória" de Deus) e os gregos *stephanos* (círculo ou coroa de "glória"). Na verdade, cada figura do criador está dentro do anel luminoso, sempre considerado como sua própria emanção. A banda não é apenas o "halo" do deus, mas sua *habitação* no centro cósmico. 284 "Em diagramas do Cosmos"

279 Lacau, *op. cit.*, 43

280 Faulkner, *op. cit.*, 43

281 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 382. Tem também é "o morador em seu disco". *Ibid.*, 94

282 Piankoff, *Os Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 11. [Ênfase adicionada.]

283 *Deuses*, Vol. II, 69.

284 A Shekinah hebraica era uma "nuvem de glória", lembrada como a morada visível de Deus. Patai, *A Deusa Hebraica*, 138-40.

observa JC Cirlot, "o espaço central é sempre reservado para o Criador, de modo que ele aparece como se estivesse rodeado por um halo circular ou em forma de amêndoa." [285](#)



Figura 8. Saturno mitraico, com halo circundante.



Figura 9. Buda japonês, com halo circundante.

Se aceitarmos o sentido imediato da terminologia arcaica, o cerco não era uma abstração. Era a banda brilhante de Saturno. O babilônico Anu - Saturno - era "o Altíssimo do Cerco da Vida", [286](#) sua morada "o recinto brilhante". (Aqui, também, o recinto se torna o lugar do "nascer do sol" primitivo.) [287](#)

Os Maori da Nova Zelândia conhecem o planeta Saturno como Parearau, cujo nome transmite o significado de "diadema" ou "faixa circundante". A partir deste nome de Saturno, Stowell concluiu que os nativos poderiam *Vejo* o atual anel saturnino a olho nu - algo que todos os astrônomos sabem ser impossível hoje. [288](#)

Quando os dogons africanos desenhavam Saturno, eles o descrevem como uma orbe dentro de um círculo - um fato que Robert Temple, em seu livro *O Mistério de Sirius*, cita como evidência para o conhecimento astronômico aparentemente inexplicável de Dogon (que ele afirma ter sido apresentado aos antigos por visitantes extraterrestres!). Mas ninguém pergunta se a ordem do sistema solar pode ter mudado, permitindo um *uma vez visível* Banda saturnina.

[285](#) *Um Dicionário de Símbolos*, 40. Isso é o que um texto babilônico lembra como o "véu de ouro no meio do céu"; os textos o comparam a uma coroa. Sayce, *Palestras sobre a origem e crescimento da religião*, 274. Para os hindus, esse era o Khvarenah, "a terrível glória real". Perada, *Senhor dos Quatro Quartos*, 143

[286](#) Castanho, *Pesquisas sobre as origens das constelações primitivas*, 185

[287](#) Lenormant, *Les Origines de l'Histoire*, Vol. I, 13. O deus-sol babilônico "nasce" dentro do recinto, mas "se põe" dentro dele também. Sayce, *op. cit.*, 171, 513. O assunto é o sol central.

[288](#) melhor, *O Conhecimento Astronômico dos Maori*, 35-36.

A ilha perdida

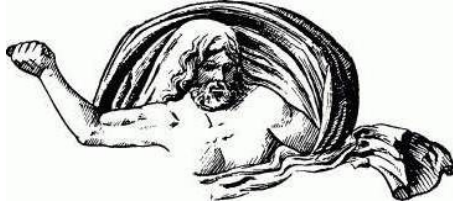


Figura 10. Os artistas clássicos muitas vezes retratavam o "halo" ou "aura" do grande deus como um manto arqueado.

Para o recinto primitivo, os egípcios empregaram uma variedade de símbolos inter-relacionados. O círculo do *khu* ou Aton não era outra coisa senão a Ilha do Fogo, a Província do Princípio. Um único feitiço do *Textos de caixão* assim, identifica Re como "o nobre que está na terra da Ilha do Fogo", mas também chama Re de deus "que está em seu Aton". [289](#) O assunto não são dois anexos diferentes, mas um anexo com dois títulos diferentes.

E esta identificação do sol central como um *anexo* ou *rodeado* deus parece lançar luz sobre o mito interminável da ilha perdida. O que os gregos chamavam de Ogygia (a ilha de Cronos / Saturno no extremo norte) ocorre sob muitos nomes diferentes em todo o mundo. A ilha branca, a ilha flutuante, a ilha giratória - não podem essas habitações primitivas simplesmente ecoar o recinto de Saturno? Lembramos as palavras de Dionísio de Halicarnasso:

Depressa para o reinos [anéis] do Saturno

moldar seu curso,

Onde a famosa ilha de Cotyle vagando flutua Na ampla

superfície de um lago sagrado [o abismo]. [290](#)

Não de nossa terra, a ilha perdida flutuou no mar do céu. As lendas japonesas lembram o antigo berço da vida como Onogora, uma ilha flutuante ("a terra à deriva") que congelou nas águas. Essa era a ilha da Gota Congelada. Sua localização, afirma um comentarista nativo, era originalmente o Pólo Norte, de onde acabou se mudando para sua posição atual. [291](#) O'Neill relaciona apropriadamente a ilha japonesa à ilha flutuante de Delos erguida do mar por Poseidon. Outro nome para esta ilha era Ortygia, que O'Neill conecta com o latim *verto*, sânscrito *varṭ*, "virar." [292](#) Respondendo à mesma tradição estão as Ilhas Flutuantes do

Argonautica, chamados de Strophades, ou "Ilhas da Virada".

Nas viagens do herói divino celta Maelduin, o aventureiro encontra uma ilha fabulosa no meio do mar: "Ao redor da ilha havia uma muralha de fogo e costumava-se dar meia-volta e contorná-la." [293](#)

Os exemplos são numerosos demais para receber um tratamento elaborado aqui: as ilhas primitivas e giratórias de Rodes e Cócira, giradas no fuso cósmico; a ilha primitiva do *Cyclos*, "Roda", que deu seu nome às Cíclades; a "ilha branca" de Zeus "no meio do mar"; a ilha branca hindu flutuante (*Shweta-dwipa*) no centro polar; a perdida "ilha branca" tolteca de Tula, o centro do mundo. [294](#)

Sem exceção, as ilhas brilhantes, flutuantes e giratórias são estimadas como o lugar onde a história começou e parecem responder à mesma tradição arcaica da Província Egípcia do Início, as ilhas giratórias

[289](#) Faulkner, *op. cit.*, 102

[290](#) Formiga. ROM. lib. eu cap. 23 citado em Faber, *Uma Dissertação sobre o Cabiri*, 66. [Grifo nosso.]

[291](#) O'Neill, *A Noite dos Deuses*, 32

[292](#) *Ibid.*, 32

[293](#) Massey, *Antigo Egito*, 373.

[294](#) Veja O'Neill, *op. cit.*, 32-35, 615 ff. Guenon, *Formes Traditionelles et Cycles Cosmiques*, 38; *Le Roi du Monde*.

gabinete em torno do sol central. É possível que os antigos *Serra* a ilha mítica - que a ilha não era uma localização geográfica, mas uma faixa visível envolvendo Saturno? É preciso considerar várias imagens intimamente relacionadas, que também implicam uma faixa visível ao redor do antigo planeta-sol.

O ovo

Um hino do egípcio *Textos de caixão* lê:

*Eu fui ele que veio à existência como um círculo,
aquele que era o morador de seu ovo.*

Fui eu quem começou tudo, o morador das águas primitivas. [295](#)

Aqui, a referência é a Atum como o criador do ovo, mas outras tradições dizem do grande deus Ptah que ele "criou o ovo que procedeu de Nun [as águas cósmicas]". [296](#)

No *Livro dos mortos* o deus da luz brilha como "o poderoso dentro do ovo". [297](#) "Homenagem a ti, ó deus santo que habitas em teu ovo." [298](#)

Conforme o deus da luz estacionário "gira", seu ovo gira em torno dele. "Eu sou o deus que mantém a oposição em equilíbrio enquanto seu Ovo circula." [299](#) "Ó tu que circulas, dentro do teu Ovo." [300](#)

Atum, como governador do ovo giratório, é o senhor do Tempo, pois "o tempo é regulado pelo movimento ao redor do ovo", nos diz Clark. [301](#)

Semelhante ao ovo de Atum é a esfera giratória produzida pelo Orphic Chronos (Tempo, que é *Kronos*, Saturno):

O grande Chronos moldado no divino

Aether [o mar de fogo] um ovo de prata.

E se moveu sem diminuir em um vasto círculo. [302](#)

A este ovo giratório compara o do criador das Ilhas da Sociedade, Ta'oroa, "o ancestral de todos os deuses", que se sentou "em sua casca em um ovo girando no espaço infinito". [303](#)

[295](#) Clark, *Mito e símbolo no antigo Egito*, 74

[296](#) Major Sandman Holmberg, *O Deus Ptah*, 119

[297](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 577.

[298](#) *Ibid.*, 493.

[299](#) Renouf, *Livro egípcio dos mortos*, 108

[300](#) *Ibid.*, 133

[301](#) *Op. cit.*, 56

[302](#) Guthrie, *Orfeu e a religião grega*, 137, citando o Hino Órfico 71.

[303](#) Eliade, *Padrões na religião comparada*, 413.



Figura 11. Ptah, moldando o Ovo Mundial em uma roda de oleiro.

O mesmo ovo aparece no mito hindu, posto em movimento pelo sol central Prajapati. [304](#) Mircea Eliade encontra lembranças do ovo cósmico na Indonésia, Irã, Fenícia, Letônia, Estônia, África Ocidental, América Central e também na costa oeste da América do Sul. [305](#)

Certamente, nenhuma das tradições posteriores melhorou os textos egípcios que descrevem o ovo como o cercado ao redor de Atum-Re. Mas dificilmente se pode deixar de ficar impressionado com a consistência da tradição. E mesmo os alquimistas, cujos ensinamentos descendiam do Egito, lembram-se da conexão do ovo com Saturno. Eles se lembram do ovo como um invólucro de fogo no mar primordial - um círculo com um "ponto solar" no centro (*ie*,



) Este "ovo do mundo é o antigo Saturno", dizem eles. [306](#)

Não é este ovo cósmico a banda que os egípcios chamavam de Aton? "Ó tu que estás no teu ovo, que resplandeceste desde o teu Aton", diz o *Livro dos Mortos*. [307](#) Assim como o deus-rei egípcio é "o governante de tudo o que Aton circunda", ele também é "poderoso no ovo" ou "governante no ovo". [308](#)

Ao celebrar o ovo primevo, os padres comemoravam a ilha dos primórdios. Budge resume a tradição egípcia: "O primeiro ato de criação começou com a formação da massa aquosa primitiva de um ovo, de onde saiu a luz do dia, *ie*, Ré." [309](#) A respeito da identidade deste ovo e da ilha ou "Província do Princípio", os textos do templo de Edfu eliminam todas as dúvidas: outro nome para a Província do Princípio era " *a Ilha do Ovo*." [310](#) Fontes egípcias, portanto, sugerem esta equação:

Aton (cercadura do sol central) = Ovo Cósmico = Ilha Primitiva.

O vínculo. Residir dentro do Aton é residir "na bobina" ou "no cabo". Os hieróglifos representam o

Aton como um laço cósmico ou nó, indicado por um invólucro de corda com as pontas amarradas (*Shen*



) (Portanto

shen, "Bobina", "ligação", podem ser escritos com o determinante



, o sinal de Aten.) O vínculo significa tanto um

fronteira - distinguir o domínio unificado do Monarca Universal do resto do espaço - e *ordem*,

[304](#) Agrawala, *Faíscas do Fogo Védico*, 23 ff.

[305](#) *Op. cit.*, 413-415.

[306](#) Jung, *Mysterium Coniunctionis*, 46-47; *Estudos Alquímicos*, 82

[307](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 104

[308](#) Frankfort, *op. cit.*, 44

[309](#) *Deuses*, Vol. I, 291, resumindo a pesquisa de Brugsch.

[310](#) Reymond, *op. cit.*, 66

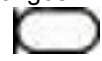
marcado por uma revolução constante e estável em torno do sol central. É o "vínculo de regularidade" (*ela é maat*), protegendo o deus-rei das águas circundantes do Caos. Assim, o rei egípcio, considerado como a encarnação do Monarca Universal, passa a ter residência simbólica dentro do cordão celestial, adquirindo o poder do grande deus como "governante de tudo o que Aton circunda". Os sacerdotes indicaram este poder do terrestre

governante, colocando seu nome hieroglífico dentro do *Shen*-bobina



. E para acomodar nomes mais longos

por fim, expandiram a bobina para uma forma oval, que rendeu a conhecida cartela real com os nomes de todos os reis posteriores.



Do isto cósmico vínculo ou nó a hieróglifos oferta muitos sinais (entre eles



) Mas cada um possui o mesmo significado raiz que um limite protetor que define a morada original do criador no céu. Os símbolos transmitem o sentido de "circunscrever", "estabelecer os limites". O criador, como o Medidor, prescreve os limites e mede o recinto sagrado "esticando o cordão" ao redor, produzindo uma morada unificada (a ilha primitiva), protegida dos males do Caos e das trevas. [311](#)

O fato de os antigos criadores de mitos conceberem o invólucro de Saturno como um cordão que une a morada do deus explicará por que o Ninurta babilônico, Saturno, mantém o *markasu* ou "vínculo" do Cosmos. Langdon escreve: "A palavra *markasu*, 'banda', 'corda' é empregado na filosofia babilônica para o princípio cósmico que une todas as coisas, e é usado também no sentido de 'suporte', o poder divino e a lei que mantém o universo unido." [312](#) O poeta órfico celebra Saturno (Cronos) como "Pai dos deuses abençoados, assim como do homem

. . . você que segura o *ligação indestrutível*. . ." [313](#)

É fácil para os escritores contemporâneos falar do vínculo de Saturno como um princípio invisível que mantém "o universo unido", mas no simbolismo original um vé o vínculo como a fronteira brilhante de *Morada de Saturno* (o verdadeiro Cosmos). Não era apenas no Egito que o cabo significava a "borda" ou "fronteira". O que os gregos chamam *peirata*, "Corda" ou "vínculo" possui o significado adicional de "limite". O latim *ora*, "Cordão" também significa "borda". [314](#) Um significado semelhante atribui ao "laço" do Hindu Varuna e Yama. O vínculo delimitado e

protegeu o espaço sagrado ocupado pelo Monarca Universal, e sua conexão com o signo diretamente com o ovo-ilha de Saturno.



The Garment. A imaginação criadora de mitos também parece ter concebido a faixa saturniana como o cinto, o colar ou o cinto do deus. "Eu sou o cinto da vestimenta de Nu, brilhando, irradiando luz", declara um hino do egípcio

Livro dos Mortos. [315](#) O grande deus é "o Cingido e o Poderoso, surgindo triunfantemente". [316](#) UMA



determinante hieroglífico comum do "cinto" ou "colar" é o sinal do cordão

O escudo. Todas as lendas da criação envolvem uma luta entre o deus da luz e os poderes destrutivos do Abismo (Caos). O cerco mítico fornece a defesa do deus contra as águas turbulentas que originalmente prevaleciam. O recinto egípcio, afirma Raymond, "tinha a função de proteger a área sagrada do mal que vinha de fora". [317](#) Aton foi um dos vários nomes egípcios para esta muralha defensiva em

[311](#) Sobre o rito de "esticar o cordão" veja *ibid.*, 239, 308 ff.

[312](#) *Mitologia Semítica*, 109

[313](#) De Santillana e von Dechend, *Hamlet's Mill*, 132-133, citando o Hino Órfico 13. [ênfase adicionada.]


[314](#) Onians, *As origens do pensamento europeu*, 317.

[315](#) Mudar, *O Papiro de Ani*, 182

[316](#) Renouf, *op. cit.*, 203

[317](#) *Op. cit.*, 239.

céu: "O Aton faz a tua proteção", afirma o *Litania de Re*. 318 O ovo cósmico serve como a mesma fortaleza: "Eu sou Hórus. . . , cuja proteção foi feita dentro do ovo; a explosão ígnea de suas bocas [a água ígnea do Caos] não me ataca." 319

A banda do Aton  , como a fronteira de proteção, era o "escudo" do grande deus, afastando o que os textos chame "os demônios" da desordem. É essa história mítica da banda que explica porque, nos hieróglifos, o



sinal de escudo  significava espaço sagrado em geral. Todos os que residiam dentro do invólucro do escudo ocupavam o terreno seguro e estável.



Figura 12. Divindade mexicana segurando um escudo de cordão giratório.

Cordão, cinto e escudo convergem. O grande pai usa a corda como um cinto: ela o protege como um escudo - não apenas no simbolismo egípcio, mas na linguagem internacional dos símbolos. Por que, por exemplo, as figuras divinas da Babilônia à Grécia e ao México usavam um cinto sagrado de corda, e por que o cinto foi concebido como uma defesa impenetrável? Ilustrações mexicanas do escudo divino mostram que é *nada mais do que um círculo de corda*. Certamente não foi a experiência prática que sugeriu os poderes mágicos de um escudo assim concebido!


Mas as imagens míticas do sol fechado  é suficiente para explicar tais anomalias: o grande deus escudo e o cordão celestial significavam o mesmo invólucro protetor.

Se os antigos realmente viram uma faixa em torno de Saturno, é claro que o recinto promoveu interpretações míticas diversas, mas inter-relacionadas. Uma leitura literal de textos egípcios e outros irá confirmar uma equação extraordinária:

Cerco do sol central = ilha primitiva = ovo cósmico = cordão (laço) = cinto (cinto, colar) = escudo.

A respeito das imagens sobrepostas, muito mais precisa ser dito. Os sinais e os mitos tornam-se compreensíveis apenas quando os relacionamos com os céus de *antigo* vezes. Ilha celestial, ovo, corda, cinto e escudo significam nada mais do que um recinto brilhante e giratório em torno do grande deus. Essa banda era real ou imaginária? A pergunta pode ser respondida explorando alguns outros aspectos do gabinete.

O Cosmos e a Assembleia Divina


O sinal do sol fechado formando o Cosmos de  ~~Setenta e sete~~ ~~As condições~~ ~~luzes secundárias~~ ~~próprias~~ ~~em torno~~ ~~de~~ ~~este~~ ~~estacionário~~ ~~é~~ ~~o~~ ~~deus~~ ~~Um,~~ ~~o~~ ~~solitário~~ ~~deus~~ ~~no~~ ~~mar~~ ~~cósmico;~~ ~~no~~ ~~entanto,~~ ~~ele~~ ~~é~~ ~~o~~ ~~Todo,~~ abraçando uma companhia de deuses menores.

318 Piankoff, *A Litania de Re*, 52

319 Faulkner, *op. cit.*, 126


Isso não é uma contradição. Na primeira fase da criação, o deus trouxe um círculo de luzes secundárias: *estes saíram diretamente do deus para se tornarem seus membros visíveis*. É o caráter fundamental do Deus Uno - o Homem do Céu - unir em um único "corpo" todos os poderes secundários do Cosmos.

Nos sistemas pitagóricos, neoplatônicos e gnósticos, a figura primordial é "o Um, o Todo", cujo símbolo é o


sol fechado . O misticismo hindu oferece o último sinal como a imagem da unidade primordial, e o mesmo a interpretação é repetida pelos alquimistas.


Hoje, naturalmente se pensa em "o Todo" como *sem limites* espaço. Os termos que os tradutores interpretam como Cosmos, céu, firmamento, céu ou universo sugerem à mente moderna uma arena ilimitada de sol, lua, planetas e constelações. Mas o significado original de Tudo é *limitado* espaço - um *Coloque o lugar, ou lugar por excelência*). o *Cosmos* significa simplesmente a província do deus Único, que, como Senhor de Tudo, governa e é o "todo e suas partes". Tendo negligenciado esse sentido restrito da terminologia, os tradutores substituem significados concretos por ambigüidade (sob o disfarce de uma metafísica que soa moderna). A morada antes visível do sol central torna-se, nas traduções, "toda a existência".

Quase sem exceção, os tradutores não notam 1) que o criador foi Saturno, lembrado como o centro

Sol; e 2) que o signo do sol central e o signo de Todos eram a mesma imagem . O verdadeiro cosmos era o recinto de Saturno. E nada mais é necessário para que se compreenda a antiga caracterização de Saturno como o Homem do Céu cujo "corpo" *cercado* o Cosmos. Quando Hildegard Lewy relata que os sacerdotes Sumero-Babilônicos de Saturno consideravam o deus-planeta como "a encarnação de todo o universo", a mente moderna confunde: poderiam os antigos ter sido tão frívolos a ponto de identificar Saturno - o presente, ponto quase imperceptível de luz - com "todo o universo"? A resposta é que Saturno não era um mero ponto de luz, mas um globo gigantesco no centro polar; e o "universo" não significava os céus abertos, mas a habitação de Saturno, o *an-ki* ou banda do Cosmos. A forma elevada de Saturno "preencheu o an-ki".

Os textos zoroastrianos descrevem o Cosmos original como o corpo de Zurvan (Tempo, Saturno), uma roda giratória chamada Spihr, que permaneceu *sempre na mesma posição*. A queda da roda estacionária coincidiu com o colapso da era primordial. [320](#) A imagem sugere, não "espaço" ilimitado, mas a configuração tangível de

o sol fechado .

Consequentemente, as tradições místicas posteriores, conforme revisadas por Jung, descrevem a imagem de Adão, o *Anthropos*, ~~o homem original~~  ~~o homem original~~ no Alto - identificado como Saturno. [321](#) Sempre o "corpo" deste homem primordial significa "Cosmos".

Os mitos e símbolos inter-relacionados do Cosmos de Saturno recebem esclarecimento notável nos relatos da criação e nas liturgias do antigo Egito. Embora eu tenha tocado brevemente nos textos egípcios em discussões anteriores sobre o Homem do Céu, a ampliação é necessária.

O Círculo dos Deuses

Quer seja chamado de Atum, Re, Osiris, Horus, Khepera ou Ptah, o grande deus egípcio está entronizado em um círculo de divindades secundárias, satélites do sol central. Os deuses são os gloriosos, os que nunca descansam ou os vivos; o Círculo de Fogo, Chefes Divinos, Macacos da Aurora, Sagrados Ancestrais ou Os Revolucionários; os Seguidores de Horus, os Seguidores de Re ou os Seguidores de Osiris.

Embora a assembléia divina possuísse muitos nomes, seu caráter singular se destaca nos textos de todas as regiões. Não há companhia egípcia de deuses além daquela que gira em torno do sol central - um fato uniformemente ignorado pelos escritores da religião egípcia.

[320](#) Zaehner, *Zurvan: um dilema zoroastriano*, 111 ff.

[321](#) Jung, *Mysterium Coniunctionis*, 11, 12, 44 ff.

Os textos confirmam repetidamente a mesma relação da assembleia com o grande deus:

Este é o Círculo de deuses sobre Re e sobre Osíris. 322

Os satélites de Re fazem sua volta. 323

Teus seguidores circulam. 324

Refaça sua aparência. . . com o ciclo de deuses sobre ele. 325

His Enead [círculo de deuses] está ao redor de seu assento. 326

Eu sou Re no meio de sua Enead. 327

Vão ao meu redor, ó deuses. 328

Salve você, Tribunal. . . Ó você que me rodeia. . . 329

Divino é o seu nome no meio dos deuses. 330

Esses deuses giram em torno dele. 331

Glorioso é o seu sah [forma brilhante] no meio dos vivos. 332

Estas são as “estrelas que cercam Re”. 333

Quando é luz, todos os rostos o adoram, o Brilhante, aquele que surge [brilha] no meio de sua Enead. 334

O dilema para a mitologia solar é óbvio: vendo as referências ao grande deus nas linhas acima, ninguém pensaria em negar que o assunto é um *poder visível* (que todos presumem ser o nosso sol). Mas as descrições dos companheiros giratórios do deus são igualmente explícitas. Para o que os poderes visíveis fazem *eles* responder? Nenhum círculo de luzes parece girar em torno do corpo que hoje chamamos de sol.

As descrições egípcias da assembleia celestial nos levam de volta à era remota, separados do presente por um amplo abismo. Todo culto egípcio possuía relatos míticos relacionados ao nascimento da assembleia divina em tempos remotos. Apesar das inúmeras versões da lenda, é impossível ignorar o padrão coerente. A partir do estudo dos numerosos fragmentos, ofereço a seguinte reconstrução e interpretação do mito.

322 Renouf, *op. cit.*, 51

323 *Ibid.*, 258.

324 Piankoff, *A errância da alma*, 12

325 Renouf, *op. cit.*, 264.

326 Piankoff, *A errância da alma*, 27

327 Piankoff, *Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 34

328 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 189.

329 Faulkner, *op. cit.*, 4 -

330 Hassan, *Império Hymnes Religieux du Moyen*, 100

331 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 644.

332 Hassan, *op. cit.*, 54

333 *Texto Pirâmide 732.*

334 Piankoff, *Papiros mitológicos*, 14


Na época primordial, o criador apareceu pela primeira vez no Abismo, sozinho, vagando, sem um lugar de descanso. "Não encontrei um lugar para ficar - estava sozinho", afirma o deus. [335](#)

Após sua aparição, o deus "proferiu palavras" e essas declarações possuíam um *forma visível*/Enquanto o *kheperu*, as primeiras coisas criadas. o *Kheperu* "Saiu da minha boca." [336](#) Essas "palavras" visíveis fluíram do criador como as águas do Caos, o mar no céu sobre o qual o criador flutuou ou vagou. Para levar em conta a tradição em seus próprios termos, deve-se pensar no mar primordial como um "oceano de palavras" de fogo no céu, emitido pelo deus em uma explosão prolongada e retumbante.

Um termo egípcio virtualmente idêntico a *Kheperu* é *pautti*, frequentemente traduzido como "matéria primordial". o *pautti* emitido diretamente do criador na forma de fala radiante, formando uma massa ardente e aquosa. O criador trouxe essa matéria primordial e, paradoxalmente, "se produziu" nela ("Eu me produzi da matéria primordial que fiz"). [337](#)

Por um tempo, o criador vagou no mar luminoso, mas acabou parando em um ponto de estabilidade, o centro cósmico. Dois eventos se seguiram: uma ilha congelou ao redor do deus como seu "lugar de descanso", e o círculo dos deuses surgiu, abraçando o criador. Os dois eventos são sinônimos.

De *desorganizado* mar de palavras - o *Kheperu* ou *pautti* - o criador trouxe um *organizado* habitação. Ele "reuniu" o recinto como uma barreira contra o Caos aquoso que ele mesmo havia criado. As partículas ígneas do recinto recém-formado compunham o círculo dos deuses. Ou seja, os deuses permaneceram no

a "borda" ou "fronteira" do recinto - a "costa" da ilha celestial pertence à Costa.  Eles são uma ilha, os deuses que cercam este era o Cosmos, formado pelo "Conselho dos deuses que cercam a Ilha do Fogo". [339](#)

Vital para esta interpretação do mito é a identidade da assembléia divina com o *Kheperu* ou *pautti* "Proferida" pelo criador. Os próprios deuses secundários são as "palavras" ou "nomes" brilhantes falados pelo criador e organizados em um círculo giratório. *Kheperu* portanto, significa "os giratórios", enquanto *pautti* significa "os primitivos", que habitam e dão forma à Ilha do Fogo. [340](#)

O que, então, os textos significam quando dizem que o *Kheperu* ou *pautti*, embora irrompendo do criador, "produziu" o grande deus? A resposta é clara: o círculo no qual as partículas constituintes (palavras visíveis) congelaram era o "corpo" do criador. O deus Um "coletou" ou "reuniu" *seus próprios membros* ("Eu uni meus membros"). Ele "produziu a si mesmo". [341](#)

o *Textos de caixão* retrate o criador sozinho no mar primitivo:

[Eu fui] *aquele que não tinha companheiro quando [ou até] meu nome passou a existir. . .*

Eu criei meus membros em minha "glória" Eu fui o

criador de mim mesmo. . . [342](#)

[335](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 309.

[336](#) *Ibid.*, 308.

[337](#) *Ibid.*, 314.

[338](#) Piankoff, *Vagando da Alma*, 87

[339](#) Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 192

[340](#) Reymond, *op. cit.*, 119

[341](#) Assim, a Ladainha de Re invoca o deus como "Aquele que está unido".

[342](#) Clark, *op. cit.*, 74

Literalmente, os membros que o deus produziu são "meus membros do meu khu". A frase tem um significado abrangente.



Um signo egípcio do *khu* era o hieróglifo

. O termo, em referência explícita ao "círculo de glória" (halo, aura, Aton), significa ao mesmo tempo "palavras de poder" e "luzes brilhantes". Representada pelo hieróglifo está a ilha da criação, em torno da qual estão distribuídas as divindades secundárias (*khu*) produzido por meio do "discurso" do criador. Ao trazer esta assembléia divina, o criador tornou-se o criador de seu próprio corpo. "Ó Khepera. .

. cujo corpo é o ciclo dos deuses para sempre", proclama o *Livro dos Mortos*. 343 Os mesmos textos falam das "almas dos deuses que surgiram em [ou como] membros de Osiris". 344



Todo o simbolismo se concentra na forma celestial do sol fechado

. Individualmente, as luzes de fogo que compõem o recinto (ilha do Cosmos) são os "membros" do criador (plural), mas como um círculo unificado, a assembleia forma o seu "corpo" (singular). Correspondentemente, as respectivas luzes são os múltiplos "nomes" ou "palavras" do criador ("os nomes de seus membros"), enquanto como um todo orgânico (o Todo) o círculo é o de deus

singular "Nome." Quando o hino citado acima afirma que o deus estava sozinho "até que meu nome passou a existir", o significado é concreto, não abstrato. O criador permaneceu sozinho até que ele trouxe o círculo do *khu*, seu nome visível no céu.

Que o Nome do deus era sua morada tangível - seu círculo de glória - é um fato absolutamente essencial para a compreensão do simbolismo enigmático. "Eu tenho *firmou meu nome*, e tenho preservado para que eu possa ter vida por meio dele." 345 A referência é ao cerco da vida, a Ilha do Fogo "firmada" no centro cósmico estacionário, quando o criador deixou de vagar no Abismo. Assim, o determinante hieroglífico de "nome"

(*ren*) é o *Shen* placa



, o sinal do recinto celestial ou círculo do Aton. *Possuir um "nome" é para*

residir dentro do Símbolos relacionados ao Aten:



. Um único hino do *Livro dos mortos* fornece um resumo notável do

Eu sou o grande deus que veio à existência sozinho. Este é Nu que criou seus nomes paut neteru como deus.

Quem é então?

É Re, quem criou os nomes de seus membros. Veio à existência na forma dos deuses

que estão no seguimento de Re. . .

Quem, então, é este? É Tem [Atum]

No dele Aten. 346

O deus autogerado nas linhas acima é Nu, cujo hieróglifo



o identifica como ambos

a fonte e a substância das águas cósmicas. O texto diz não apenas que o grande deus "criou seus nomes", mas que esses "nomes" são os *paut neteru*—O círculo dos deuses.

Mas por que a assembléia é chamada de *paut*, ou matéria primordial? É porque os deuses giratórios irromperam diretamente do criador, eventualmente formando o recinto organizado. Os deuses secundários, como palavras ou nomes falados pelo criador, compunham os próprios "membros" do deus, para que o texto pudesse dizer que o deus "criou os nomes de seus

343 Renouf, *op. cit.*, 39


344 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 561.

345 Renouf, *op. cit.*, 116. [Grifo nosso.]

346 Mudar, *O Papiro de Ani*, 29

membros." Que estes "surgiram na forma dos deuses que estão no seguimento de Re" significa simplesmente que eles formaram a assembleia giratória.



Quem, então, é esse deus que brilha dentro do círculo de seus próprios membros? "É Atum em seu Aton." Os sacerdotes não poderiam ter declarado de forma mais enfática a equação da assembleia celestial e o fechamento do primitivo

Sol . Aqui está a fórmula estabelecida pelos textos egípcios:

Cosmos (cercadura do sol central) = matéria primordial (mar de palavras) em sua forma organizada = círculo do deuses = membros ou corpo do criador = Nome visível do criador.

Que o círculo formado pela assembleia divina é o cósmico *habitação* do criador é uma verdade afirmada não apenas por um culto local, mas por todas as correntes do ritual egípcio. Abaixo, listo algumas das palavras egípcias que conectam a assembleia com o invólucro do sol central:

Khu. Na criação, conforme observado [acima](#), a *khu* surgiram do criador como "palavras de poder" ou "luzes brilhantes".

Este "círculo de glória"  o corpo de Osiris ou Re compõe a casa celestial do deus, o Aton . portanto *khus* significa "formar uma habitação".

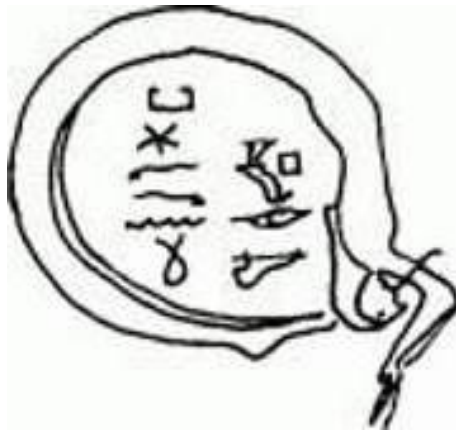







Figura 13. O corpo de Osiris formando o círculo do Tuat, o Cosmos.


Tuat. O termo se refere ao "local de descanso" do criador no cume. O símbolo hieroglífico do Tuat

 mostra o deus da luz dentro de uma faixa celestial que os textos igualam ao círculo de Aton, "A Alma Misteriosa, que repousa em seu Aton, repousa no Tuat de Re." [347](#) Nos hinos e na arte, os egípcios retrataram o Tuat como o *corpo* de Osiris ou Re. Mas Tuat significa também "o círculo dos deuses"; o recinto, o "corpo" do deus-sol e a assembleia divina são sinônimos.

Shen, shenit, sheniu, shenbet. O *Shen* assina corda - o vínculo do Cosmos. *Shen* significa "giro", como referência à banda giratória do Aton. (O  e )

Shen placa  e o sinal Aten  funcionam como glifos intercambiáveis.) Portanto, o *Sheniu* é do grande deus "câmara" cósmica enquanto o *merda* são os "chefes" ou "nobres" no alto que percorrem o circuito ao redor do *shen*. *Shenbet*, que significa "corpo", é o *aposta* ou "lugar" marcado pelo *shen*. Novamente, invólucro, "corpo" e conjunto convergem.


Tchatchat. O *tchatchat* são os "chefes" ou "cabeças" - o conselho dos deuses girando em torno do sol estacionário. Mas *tchatchat* também significa "limite", "recinto" ou "domínio sagrado". O circuito percorrido pelos chefes é

a fronteira do recinto celestial .



[347](#) Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 29; veja também Piankoff, *A Lítania de Re*, 29

Rer, reri, rert. Enquanto *rer* significa "girar ou cercar", *rert* significa "homens" - os habitantes do domínio primordial. O *reri* são "os giratórios" (comparáveis aos *kheperu*), que coletivamente encerram o espaço sagrado. Adequadamente, *rer* possui o significado adicional de "domínio fechado".

Paut, pat. Os deuses secundários são os *pautti*, a "matéria primordial" que (conforme declarado [acima](#)) congelou na habitação giratória do criador. *Paut*, portanto, significa o "corpo" do criador. Obviamente relacionados estão os *pat*, os deuses primitivos cujo nome transmite o sentido de "girar como uma roda ou em um círculo". Não é por acaso que

o determinante hieroglífico do *tapinha* é um ovo o Cosmos, e : o círculo em torno do qual o *tapinha* revolve é o ovo de este ovo é o "corpo" do deus Seb.

Tchet, tchetu. Enquanto *tchet* significa "falar", *tchetu* significa "palavras", "coisas faladas". Na criação, o grande deus proferiu "palavras" visíveis na forma de deuses menores. Que as palavras do criador se tornaram sua morada se reflete no termo *tchet*, a "casa" ou "câmara" do grande deus. *Tchet* também significa "corpo".

Shes, shesi. Um nome egípcio do vínculo cósmico é *ela*, escrito com a morada de hieróglifo de Re ou Osíris) é o *ela*  *é mãe* o vínculo de regularidade" (ou de revolução estável e incessante). Os textos também falam de celestial *shesi*, "guerreiros" divinos que protegem o grande deus. Eles "protegem" o deus porque, coletivamente, formam a muralha defensiva, o escudo cósmico. 

A linguagem e o simbolismo da assembléia celestial revelam uma ideia subjacente conectando as tradições separadas. Os deuses secundários não são meramente "companheiros" ou "assistentes" mal definidos (como tantos egiptólogos parecem assumir); antes, eles possuem a forma concreta como o cerco da vida, o próprio cerco que os sacerdotes celebram como a ilha dos começos, o elo giratório ou o ovo cósmico (todas as figuras do Cosmos).


O Cosmos, em outras palavras, não tem nada a ver com "toda a existência". O conceito se refere a um *domínio organizado* - "o todo e suas partes" - moldado pelo criador a partir de detritos cósmicos anteriormente desorganizados (matéria primordial). Uma palavra egípcia para o domínio unificado é *temt*, que significa "tudo" ou "completo" e também "coletar", "reunir". Claramente relacionado é a palavra *Temtiu*, um dos nomes dos deuses secundários. São os próprios deuses secundários que o criador "coleta" ou "reúne" para formar a ilha cósmica.

Pertencentes ao mesmo conceito raiz são os termos *tema*, "Unificar, juntar"; *temi*, "Costa", "banco" ou "fronteira"; e *temen*, "Todos", "totalidade". O *Todos unificados* (Cosmos) está contido dentro da borda do recinto,

e a *fronteira* é o *costa* da ilha cósmica .


A banda de Saturno é, portanto, o *caminho* atravessado pelos deuses secundários. Os deuses giram em torno da costa, ou do vínculo, ou do ovo. "Todo deus que está na fronteira de seu recinto está no caminho. . . ." Afirma um *Texto do caixão*. 348

O depoimento não poderia ser mais explícito. A estrada percorrida pelos deuses secundários é a *uat*, o "caminho" ou

"Caminho", denotado pelo glifo . Mas o mesmo glifo significa o *tcher*, "fronteira." o *caminho* dos deuses e a *fronteira* do Cosmos unificado (o Todo) são sinônimos. Daí a frase *er tcher* ("ao *tcher*" Ou "até o limite") significa "tudo", "o todo". O grande deus, como *Neb-er-tcher* - "aquele que governa até a fronteira" - é o governante do todo, senhor do Cosmos giratório. É a mesma coisa dizer que ele governa

"Tudo que o Aten  circunda." Toda a gama de imagens desafia as interpretações ortodoxas.

Mas o simbolismo do Cosmos e da assembléia divina vai muito além do Egito. Todos os deuses supremos não se sentam entronizados dentro do círculo das divindades secundárias? Ninurta, Kronos, El, Yama, Huang-ti e todas as outras figuras saturnianas têm seus "filhos", "conselheiros", "espiões", "seguidores", "assistentes" ou "guerreiros" sentados em volta

sobre ele. O signo da Mesopotâmia  é uma imagem evidente da assembléia celestial. É este Cosmos -

não espaço ilimitado - que o "corpo" de Saturno abrangia. O que os místicos conheciam como "o universo" organizado dentro do "vínculo" ou "cordão" de Saturno (babilônico *markasu*) torna-se significativo apenas como a faixa visível de Saturno, ou círculo dos deuses. [349](#)

A grande mãe



O sinal do sol fechado também retrata Saturno, a Semente geradora, dentro do ventre da mãe deusa. Como a personificação feminina do Cosmos, a grande mãe é inseparável de Saturno " corpo. "

Os mistérios da deusa-mãe dão origem a um debate sem fim. Qual é o fato da natureza que explicará a união cósmica de Ísis e Osiris, Tammuz e Ishtar ou Cronos e Gaia? Um estudioso após o outro questiona as formas variadas da deusa, encontrando-a em todos os lugares e em lugar nenhum. Se para um escritor ela é a terra fértil que nos rodeia, para outro ela é a lua e para outro "o universo", o "céu" ou a estrela da manhã. As diversas interpretações parecem sugerir que havia muitas deusas com uma figura singular - a consorte celestial do grande pai. Aqui, por exemplo, está uma declaração, oferecida como as palavras da deusa egípcia Ísis a Apuleio:

... Meu nome, minha divindade é adorada em todo o mundo, de diversas maneiras, em costumes variáveis e por muitos nomes. Pois os frígios que são os primeiros de todos os homens me chamam de Mãe dos deuses de Pessino; os atenienses, que nasceram de seu próprio solo, Cecropian Minerva; os cipriotas, rodeados pelo mar, Paphian Venus; os cretenses, que carregam flechas, Diana Diana; os sicilianos, que falam três línguas, a infernal Proserpina; os elusinos, sua antiga deusa Ceres; alguns Juno, outros Bellona, outros Hecate, outros Ramnusie. . . ; e os egípcios, que são excelentes em todo tipo de doutrina antiga, e por suas cerimônias apropriadas, acostumados a me adorar, me chamam pelo meu verdadeiro nome, Rainha Ísis. [350](#)

Em seus ritos cósmicos, os egípcios pareciam não querer distinguir Ísis de figuras locais da grande mãe como Nut, Hathor, Mut ou Neith. Cada deusa local tinha epítetos idênticos ou semelhantes ("o Olho de Re", "a mãe de Re", "a Senhora da Terra Santa", etc.).

Mas se os antigos reconheciam uma personalidade comum da deusa, qual era o traço subjacente dessa personalidade? Há um atributo universal: a grande deusa possui a forma de um cercado - um círculo ou útero - abrigando e "dando à luz" o grande pai. Neumann percebeu esse traço quando descreveu o "caráter elementar" da deusa como "a Grande Rodada" ou "o útero que contém e cria mundos". [351](#) De seu estudo exaustivo da grande mãe GS Faber concluiu que *cada deusa* aparece como um recinto protetor que abriga o grande pai. Desta verdade, não faltam evidências. [352](#)

O deus Tamuz está sentado no ventre de Tiamat, "a mãe do oco". "Útero materno" é o epíteto da deusa suméria Gula, enquanto o nome de Ishtar significa "útero". [353](#) Fontes hindus descrevem o grande

[349](#) Não se pode duvidar que a assembléia no céu serviu como o protótipo de todas as assembléias sagradas na terra: assim como o rei representava o Monarca Universal, seus conselheiros ou assistentes respondiam ao círculo de divindades secundárias ao redor do sol central. Entre os gregos, observa Onians, "um círculo parece ter sido a forma ritualmente desejável para uma reunião". *Op. cit.*, 444. Da mesma forma, o sumério GIN, "reunir", possui o sentido de "circular, girar, encerrar". Langdon, *A Gramática Suméria*, 216. Este aspecto da assembléia santificada é, naturalmente, universal. (Ainda hoje falamos de um círculo ou grupo de assistentes, seguidores ou companheiros sem realmente saber por quê.)

[350](#) Campbell, *Mitologia Ocidental*, 43

[351](#) *A Grande Mãe*, 227.

[352](#) *As origens da idolatria pagã*.


[353](#) Allegro, *O Cogumelo Sagrado e a Cruz*, 92

mãe como a *Yoni* ou "ventre" e o grande pai como "ele envolveu no ventre de sua mãe". 354 Agni é o deus masculino "brilhando no ventre eterno da Mãe". 355

Da mesma forma, o nórdico Odin é "o habitante do seio de Frigg". 356 Na doutrina órfica, o receptáculo que abriga o grande pai é a deusa Vesta. Os gnósticos lembravam do antigo deus como o "Ancião dos Dias que vivia como um bebê dentro do útero". 357 Entre os Maori, a grande mãe é a "empregada do abrigo" ou "empregada do refúgio". 358

As descrições do útero primitivo mostram que os antigos recordam a deusa como um *visíve*/banda - o que os textos hindus chamam de "útero dourado", 359 e babilônico "o diadema de joias" (um título de Ishtar). 360 As imagens

pertence diretamente ao sol fechado, o útero cósmico cuja forma é a Mãe. 361 "O Pai é como o centro (*Mabhi*) do círculo e a Mãe a circunferência (*Paramanta*),"Nota Agrawala. 362 O mesmo simbolismo masculino-feminino do sol fechado

 ocorre em esculturas de pedra europeias discutidas por VCC Collum. 363 Que os hebreus consideravam o *Shekinah* (a envolvente "aura", "anima" ou "glória" do criador) como "a Mãe" 364 leva à mesma conclusão: o grande deus *aréola* era sua própria esposa. Conseqüentemente, o ritual tibetano invoca o grande deus como "o centro do Círculo, envolto em esplendor, abraçado pela Mãe (divina)". 365

Essa concepção da grande mãe recebe apoio convincente de fontes egípcias antigas. O deus-sol egípcio tem sua casa no útero de sua mãe e consorte, a "Grande Protetora". 366 De Re, o *Livro dos mortos* proclama: "Tu brilha, tu fazes luz em tua mãe." 367 Em outro lugar, Re aparece como o sol "no ventre de Hathor". 368

Osiris brilha do recinto de sua mãe Nut: "Homenagem a ti, Rei dos reis, Senhor dos senhores, Príncipe dos príncipes, que *do ventre de Nut* governou todo o mundo." 369 A morada de Horus é sua mãe Hathor,

354 Agrawala, *O discurso das mil sílabas*, 115

355 Coomaraswamy, *Elementos da iconografia budista*, 23

356 MacCulloch, *Mitologia Eddic*, 174

357 Jung, *Mysterium Coniunctionis*, 281

358 melhor, *op. cit.*,

359 Eggeling, *O Satapatha Brahmana*, Parte II, 394.

360 Castanho, *op. cit.*, Vol. I, 268.

361 Prefácio a Perry, *op. cit.*

362 *Discurso de Mil Sílabas*, 127

363 "Die Schöpterische Mutter Göttin," 221-324.

364 Patai, *op. cit.*, 239.

365 Evans-Wentz, *O Livro Tibetano dos Mortos*, 127

366 *Texto Pirâmide* 838.

367 Mudar, *Livro egípcio dos mortos*, 4 -


368 Bleeker, *Hathor e Thoth*, 48

369 Mudar, *De Fetichismo a Deus*, 30; Veja também *Texto Pirâmide* 1607. [Grifo nosso.]

cujo nome significa “a Casa de Horus”. E a deusa Nekhebet é considerada a personificação da morada primitiva do sol. [370](#)

Como antes [notado](#), os egípcios retrataram a morada celestial como o *Shen* vincule realmente o útero de Nut, ~~mas a Shentit é~~ (Assim, a deusa Shentit leva seu nome do *Shen* vínculo.)

A deusa-mãe não era nossa terra, nem o céu aberto, nem a lua, mas o *morada do sol central*, a

recinto do Aten : “Meu Aton me deu à luz”, afirma o deus-rei. [372](#) Esta conexão direta de

a deusa-mãe com o invólucro do sol explicará por que o signo de Aton de Re também denota “amante”, ~~em referência à morada celestial~~ do deus. [373](#) A amante do deus era sua própria emanção, seu halo de “glória” ou “esplendor”. Os sacerdotes que invocaram o grande deus *khut* ou “círculo de glória” também celebrou o *deusa* Khut, que era o mesmo círculo.

Residindo dentro do recinto, o sol central é a semente brilhante que impregna a grande mãe. “Eu sou realmente a Grande Semente”, declara Re. [374](#) “Ó Re, engravide o ventre de Nut com a semente do espírito que está nela”, diz um hino da *Pyramid Texts*. [375](#) Os mesmos textos celebram “o ventre do céu com o poder da semente do deus que está nele”. [376](#) E novamente, “A pressão está em seu ventre, ó Porca, através da semente do deus que está em você.” [377](#)

Em seu surgimento no útero cósmico, o sol “copula com” ou “engravida” a deusa mãe, e essa relação se expressa na linguagem. O egípcio *nehpep* significa “copular” enquanto *nehpepu* significa “brilhar”. Apesar *Beka* denota “o surgimento” do sol, a mesma palavra significa “grávida”. Assim, a união do par primordial é renovada diariamente (ou a cada “amanhecer” do sol central).

Mas o mesmo surgimento recebe interpretação mítica como o *nascimento* do deus da luz. Nut é imediatamente Re's *cônjuge* e ele *mãe*, quem “carrega Re diariamente”: [378](#)

Sou exaltado como aquele deus venerável, o Senhor da Grande Casa, e os deuses se regozijam em ver sua bela vem do ventre de Nut. [379](#)

Seu nascimento é maravilhoso, elevando sua bela forma no ventre de Nut. [380](#)

Salve, Príncipe, que saiu do ventre. [381](#)

[370](#) Brugsch, *Religião*, 324.

[371](#) *Papiros mitológicos*, 6

[372](#) Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 92

[373](#) Veja, por exemplo, o uso do sinal ([aqui](#)) em Budge, *Papiro de Ani*, 71

[374](#) Faulkner, *op. cit.*, 258.

[375](#) *Texto Pirâmide* 990.

[376](#) *Texto Pirâmide* 532.

[377](#) *Texto Pirâmide* 1416.

[378](#) *Texto Pirâmide* 1688.

[379](#) Renouf, *op. cit.*, 148

[380](#) Mudar, *De Fetico a Deus*, 416.

[381](#) Mudar, *Deuses*, Vol. II, 260.

Concepção e nascimento são confundidos. O Semente impregnador (pai) também é a Criança. É esta equação que dá o título de Re como "Homem-Criança". [382](#) Ele é o protótipo de "o filho que engravida sua mãe" ou o "pai que dá à luz a si mesmo".

Mas a confusão não termina aqui, pois a deusa mãe, como aura envolvente do grande pai, é ela mesma a *emanação* do poder masculino. O deus solitário dá à luz o ventre do céu sem ajuda. Nesse sentido, a deusa é a "filha" do grande pai, de modo que, se considerarmos toda a gama de possibilidades, três relacionamentos com a deusa - pai, marido e filho - são unidos em uma única figura.

Imagens desse tipo estão presentes em todos os textos religiosos do antigo Egito. Amon-Re é "aquele que gera seu pai". [383](#) A deusa Hathor se torna "a mãe de seu pai e a filha de seu filho". [384](#) AtumKheperer "nasceu sobre a coxa de sua mãe divina". [385](#) No ritual da "filha" de Re do templo de Karnak, Mut cercou "seu pai Re e deu à luz a ele como Khonsu". [386](#) A mesma deusa é "a filha e mãe que fez seu pai". [387](#)

A equação de pai e filho é explícita no caso de Osíris e seu "filho" Hórus. *Os textos da pirâmide* descreva Osíris brilhando "no céu como Hórus do ventre do céu". [388](#) "O rei é sua semente, O Osiris, você sendo potente em seu nome de Horus que está no mar." [389](#) Os deuses, no *Livro dos Mortos*, lembre-se dos tempos antigos de Hórus "quando ele existia na forma de seu próprio filho". [390](#)

Como o rei terrestre adquire simbolicamente os atributos do Monarca Universal, os ritos mostram o governante local se unindo à deusa mãe e se reproduzindo no útero cósmico. Ele anuncia que foi "formado no ventre" da grande mãe, [391](#) e depois de invocar "o ventre do céu com o poder da semente do espírito que está nele", então proclama: "Eis-me, eu sou a semente do espírito que está nela." [392](#) "O Nut. . . sou eu a semente do deus que está em você." [393](#)

Frankfort trata do assunto longamente, mostrando que a fecundação da deusa-mãe pelo rei e o nascimento simultâneo no útero eram fundamentais para o ritual egípcio. O rei "entra nela, engravida-a e assim é levado novamente por ela" [394](#) exatamente como o próprio grande deus.

Se o rei recebe sua autoridade na terra através da personificação do Monarca Universal, é através da mesma identificação que ele atinge a morada celestial da deusa após a morte, passando a residir no útero protetor como um Imperecível. Em um hino a Nut, o rei Pepi implora à deusa: "Mayest

[382](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 180

[383](#) Frankfort, *op. cit.*, 177

[384](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 431.

[385](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 134

[386](#) Frankfort, *op. cit.*, 180

[387](#) *Ibid.*, 177

[388](#) Mudar, *Osiris: a religião egípcia da ressurreição*, 68

[389](#) *Texto Pirâmide* 1505.

[390](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 337.

[391](#) Frankfort, *op. cit.*, 42

[392](#) *Texto Pirâmide* 532.

[393](#) *Texto Pirâmide* 1416-17.

[394](#) Frankfort, *op. cit.*, 177

tu colocaste este Pepi em ti mesmo como uma estrela imperecível." [395](#) "Possas transfigurar este Pepi dentro de ti para que ele não morra." [396](#)

Frankfort comenta: ". . . a noção de um deus que se procria em sua própria mãe tornou-se no Egito uma figura teológica de pensamento que expressa a imortalidade. O deus que é imortal porque ele pode se recriar é chamado Kamutef, 'touro de sua mãe' ". [397](#) O rei aspira a duplicar a façanha do Monarca Universal, dando à luz a si mesmo no ventre de Nut. Embora o casamento divino e sua imitação no ritual da realeza envolvam muitas complexidades e enigmas, o tema subjacente permanece claramente definido. Simbolicamente, o rei tem sua casa no útero cósmico; ele simultaneamente engravida a deusa e "nasce" dela. A fonte do ritual é celestial, pois ele reencena a Primeira Ocasão, quando o grande pai, a Semente ígnea, tomou como esposa o bando de "glória" que congelou ao redor dele. O sinal da união primordial está em toda parte

antes de nós, mas raramente reconhecido. É o sinal do sol fechado



Útero e coxa

Em conexão com o simbolismo da deusa mãe, nota-se que o "útero" é geralmente sinônimo de "coxa" ou "colo". Quando os relevos antigos representam o deus ou rei no colo da grande mãe, eles se referem à união primordial, na qual o pai dos deuses reside dentro do recinto protetor da deusa.

Um tributo assírio a Assurbanipal diz: "Um menino manso és tu, Assurbanipal, cujo assento está no colo da Rainha de Nínive [Ishtar]." [398](#) Assim, o sânscrito yoni, o recinto feminino e morada do grande pai, pode ser traduzido como "colo" ou "útero". A palavra latina para "coxa" - *femen, feminis* —Significa "aquilo que engendra". [399](#) Uma conexão semelhante ocorre no Egito, onde *Khepesh*, "Coxa" significa o útero de Nut que abriga Osíris ou Re.

Muitos deuses - no mito hindu, grego e europeu - são, portanto, "nascidos da coxa", como o egípcio Kheprer que "veio à existência sobre a coxa da mãe divina". [400](#)

Esse simbolismo sobreposto de útero, colo e coxa será encontrado mais de uma vez nas seções seguintes.

Ventre e Cosmos

Para identificar a deusa mãe como a faixa do sol fechado



é igualar a deusa com a de Saturno

Cosmos, a companhia giratória dos deuses. A deusa Nut é "a representação do cosmos", afirma Piankoff. [401](#) Assim, enquanto o egípcio *khut* significa o "círculo da glória" formado pelos deuses secundários, *Khut* também significa a deusa-mãe. E embora o *merda* são os "príncipes" no círculo divino, a deusa é *Shentit*; ambas as palavras derivam do *shen*, o vínculo do Cosmos.

[395](#) *Ibid.*, 177; Veja *Texto Pirâmide* 782.

[396](#) *Ibid.*, 177

[397](#) *Ibid.*, 180

[398](#) Enfermaria, *Os selos cilíndricos da Ásia Ocidental*, 154

[399](#) Onians, 182.

[400](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 134

[401](#) Piankoff, *Papiros mitológicos*, 6



Figura 14. O filho varão no colo da deusa mãe. (a) Chipre;



Figura 14. (b) Egito;



Figura 14. (c) Índia;



Figura 14. (d);




Figura 14. (e) Deusa britânica Gwen.

Os textos religiosos confirmam a equação. "Ele é aquele que saiu hoje do ventre primordial deles [os deuses secundários] que existiam antes de Re", diz o *Livro dos Mortos*. ⁴⁰² "Eu vim adiante entre as coxas da companhia dos deuses." ⁴⁰³ O que *Livro dos mortos* chama de "seres divinos da coxa" ⁴⁰⁴

significa a assembleia celestial, os deuses secundários que formam coletivamente o útero da gênese cósmica.

Mas o simbolismo inter-relacionado não pára por aqui. Todo sacerdote egípcio sabia que a deusa-mãe era a

ovo giratório albergando o sol central. Na verdade, a imagem hieroglífica de um ovo  no final do divino nome significa "deusa". De Osiris, a deusa Ísis declara: "Sua semente está dentro do meu ventre, eu moldei a forma do deus dentro do ovo como meu filho que está à frente da Enead." ⁴⁰⁵ O deus dentro do útero é o deus dentro do ovo, que é o deus que governa o Enead (círculo de deuses).

Pela mesma equação, o útero se torna a vestimenta ou cinto que envolve o sol: o rei falecido ora para que ele seja *cingido* pela deusa Tait, ⁴⁰⁶ ou anuncia que "Meu kilt que está em mim é Hathor." ⁴⁰⁷ No caso de

⁴⁰² Renouf, *op. cit.*, 265.

⁴⁰³ Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 594.

⁴⁰⁴ *Ibid.*, 392.

⁴⁰⁵ Faulkner, *op. cit.*, 125

⁴⁰⁶ Renouf, *op. cit.*, 205.

⁴⁰⁷ *Texto Pirâmide* 108

a deusa Neith, o útero, torna-se o escudo. (O escudo é o hieróglifo de Neith.) 408 Embora os símbolos do recinto primitivo sejam diferentes, cada um é apresentado como uma forma da grande mãe, cujo todo



personagem responde à faixa visível de Saturno

O hermafrodita

No *Grande Papiro Mágico de Paris*, datado por volta da primeira metade do século IV DC, aparece o Oráculo de Cronos. A oração recomendada invoca Cronos como "Senhor do Mundo, Primeiro Pai", mas também confere ao deus o título peculiar de "Homem-Mulher". 409 Cronos é Saturno, o sol primordial. A que aspecto do deus esse título se refere?

Em Saturno, os princípios primordiais masculino e feminino se unem, produzindo o *hermafrodita*, ou *andrógino*. Poucas divindades proeminentes da antiguidade estão livres dessa dualidade. Os sumérios Anu, Ninurta, Tammuz e Enki; o El hebraico; o Hindu Vishnu, Brahma e Shiva; o iraniano Zurvan; o Quetzalcoatl mexicano - todos revelam uma dimensão feminina. Seu cônjuge nunca está totalmente separado de seu próprio corpo.

Os egípcios consideravam Atum como "aquele grande Ele-Ela", 410 enquanto celebra Amen como a "Mãe Gloriosa dos deuses e dos homens". 411 A palavra egípcia para esta unidade primordial é *Mut-tef*, ou "Mãe-Pai". Pelo que tem

foi estabelecido nas páginas anteriores sobre o simbolismo da dúvida do sol fechado quanto ao significado concreto de *Mut-tef*, a palavra significava o Cosmos organizado, 412 o sol central e seu recinto, considerados como os pais masculino e feminino unidos em uma única personalidade: o grande pai *corpo* também era do deus *cônjuge*, o útero do céu.

Esta dualidade encontra expressão no termo egípcio *khat*, que pode ser traduzido como "corpo" ou "útero". O filho varão Horus, que mora no ventre de Hathor, é *Khenti-Khati*, ao mesmo tempo "o morador no corpo" e "o morador no ventre". A *Litania de Re* proclama que "o khat [corpo] de Re é a grande Nut", a deusa-mãe. 413

Artistas egípcios mostraram o *corpo* de Osiris formando o círculo do Tuat, a morada de Osiris ou Re. 414 Mas todo estudante de religião egípcia sabe que o Tuat, casa de repouso, era o útero de Nut.

O hermafrodita, então, personifica o Cosmos original, que significa Saturno e sua morada visível GS Faber, em seu estudo abrangente de rituais antigos, observa que o grande pai ("o Ser Inteligente") "às vezes era considerado a Alma animadora e às vezes o marido do Universo, enquanto *o Universo às vezes era considerado o corpo e às vezes a esposa do Ser Inteligente*: e, como uma teoria supunha uma união tão perfeita quanto a da alma e do corpo em um homem, o outro produziu uma união semelhante ao fundir marido e mulher em um hermafrodita." 415

408 Mudar, *Deuses*, Vol. I, 451.

409 De Santillana e von Dechend, *op. cit.*, 147

410 Clark, *op. cit.*, 41

411 Énel, *Les Origines de la Genèse et l'Enseignement des Temples de l'Ancienne Egypte*, 13, nota 4.

412 *Ibid.*, 11 ff.

413 Piankoff, *A Litania de Re*, 54

414 Schafer, "Altägyptische Bilder der Auf- und Untergehenden Sonne," 20.

415 *Origens*, 165. [Grifo nosso.]

Com a avaliação de Faber é impossível discordar, desde que nos lembremos que para os antigos, o "universo" (Cosmos) significava a casa de Saturno, não uma extensão sem limites. O fato do Cosmos de Saturno ter adquirido um caráter dual como o "corpo" do deus e como sua "esposa" é suficiente para explicar o Pai-Mãe primordial.

O hermafrodita ou andrógino, Eliade nos diz, é "o sinal distintivo da totalidade original [*ie*, o tudo]. " Sua forma habitual é "esférica", observa ele. [416](#) Assim, chegamos à seguinte equação:

Faixa do sol fechado = Cosmos (ilha, ovo, corda, cinto, escudo, círculo dos deuses) = corpo do grande pai = ventre da grande mãe.



V: A Terra Santa

Rituais antigos em todo o mundo concebiam o governante terrestre como a encarnação do Monarca Universal. Pelo mesmo princípio, cada cidade ou reino local tornou-se uma transcrição do domínio primordial do deus-rei. O território santificado na terra foi estabelecido de acordo com um *cósmico* plano, revelado em tempos remotos.

Nesta prioridade da morada cósmica todas as principais tradições concordam. A Suméria celestial e Akkad precederam a organização dos reais reinos da Mesopotâmia. E povoados como Eridu, Erech, Babylon e Lagash receberam seus nomes de uma cidade celestial ocupada pelo sol central.

Cada cidade egípcia - Heliópolis, Heracleópolis, Mênfis, Abidos, Tebas, Hermópolis - espelhava um protótipo, uma "cidade na qual o sol brilhou no início". Assim, o Egito como um todo, de acordo com o ritual, reproduziu a habitação reunida e unificada pelo criador.

A tradição hebraica conheceu uma Jerusalém celestial que deu seu nome à cidade terrestre; e o que os hebreus reivindicaram de sua cidade, os muçulmanos reivindicaram de Meca. Os chineses declararam que seu reino era uma cópia do império celestial e cada capital imitou o mesmo plano.

Em uníssono, diversas tradições do Oriente Próximo, Europa, Ásia e Américas lembram uma Terra Santa *por excelência*, fundada e governada pelo próprio criador. Deste reino saturnino, todas as nações receberam instruções sobre os ideais de realeza e sobre a organização adequada do domínio sagrado.

A pátria

No mito da criação, o grande deus ergueu uma trama circular de "terra" das águas cósmicas. O recinto era o paraíso de Saturno - o reino dos céus - aparecendo como uma vasta roda ou trono girando em torno do deus estacionário.

Terra de Saturno 417

Em aparente referência ao solo fértil que nos rodeia, o poeta latino Virgílio celebra a "mãe das colheitas" e "a poderosa mãe dos homens". Mas ele dá à grande deusa da fertilidade um título intrigante: "Terra de Saturno".

Por quê *Saturno* Terra? A curiosidade aumenta quando se nota que os sumérios An, Enki e Ninurta - todos identificados como Saturno - governam "no *Ekur*". Os tradutores renderizam *Ekur* como "terra". 418 Da mesma forma, a astronomia chinesa considerou Saturno o planeta da "terra", 419 enquanto o Saturno fenício é dito ter vivido "no centro da terra."

O "deus da terra" egípcio é Seb (ou Geb). Ou seja, escreve Budge, "a terra formou seu corpo e foi chamada de 'casa de Seb'". 420 Mas se o corpo de Seb era a terra, por que o historiador grego Plutarco traduziu Seb como Cronos (Saturno)? 421

417 Virgil, *Georgics*, ii. 173 ff.

418 Jensen, *Die Kosmologie der Babylonier*, 189 ff.; Langdon, *Mitologia Semítica*, 99


419 De Saussure, "Le Systeme Cosmologique Sino-Iranienne".

420 *Os Deuses dos Egípcios*, Vol. II, 94.

Que conexão do planeta Saturno e a "terra" poderia ter justificado essa identidade? É claro que a tradução comum em inglês, "terra", sugere naturalmente para a mente moderna nosso planeta suspenso no espaço. Mas, para os antigos, essa visão imparcial não era possível. Eles conheciam apenas um terrestre *região*, seja grande ou pequeno. No ritual arcaico, os termos que os especialistas traduzem como "terra" significam literalmente "terra", "lugar", "província"; e a única região que os antigos consideravam digna de santificação como a "terra" era sua *próprio* estado ou nação unificada - tudo o mais pertencente aos "bárbaros".

Mas toda "terra" sagrada organizada em torno de um centro político-religioso se autoproclamou uma cópia do *primitivo* morando no céu. Assim o egípcio *ta*, frequentemente traduzido como "terra", refere-se, em primeiro lugar, à província celestial do criador - o *ta ab* ("Terra pura"), *ta nefer* ("terra bonita"), *ta sheta* ("Terra misteriosa"), *ta ankhetet* ("Terra da vida"), ou *ta ur* ("Grande terra"). Esses termos são sinônimos de *ta Tuat*, a "terra dos Tuat", a morada cósmica de Osíris ou Re. Ao nomear o Egito terrestre *ta*, os egípcios deram à sua terra natal o nome de "lugar" cósmico *por excelência*.

Ta significa a morada cósmica "reunida" pelo criador. Que os egípcios conceberam o *ta* pois o "corpo de Seb" corresponde a tudo o que aprendemos sobre o recinto primitivo. De igual importância é

O símbolo hieroglífico de Seb, o ovo brilhante (), é o mesmo que o hieroglífico de Anque de deus do Eosop). Este chamado "ovo mundial" não tem conexão com nosso planeta.

Nem o sumério *Ekur*, "Terra" denotam nosso planeta. Conforme observado por Jensen, Langdon e outros, o *Ekur* aparece como a casa celestial do criador. [422](#) Åke Sjöberg e E. Bergmann afirmam a identidade sem rodeios. [423](#) Os sumérios conheciam este domínio celestial como o *ki* - "o lugar" ou "a terra" - invocado como *ki-sikil-la*, a "terra pura" ou "lugar puro" e *ki-gal*, "Grande terra." [424](#)

O sumério *ki* era o assírio *Esara*, o supremo "lugar". Em vez de geografia familiar, o termo se refere à terra criada de *cósmico* começos. portanto *Esara*, de acordo com Jensen, foi usado com referência especial para "a terra como parecia *na criação*." [425](#) Equivalente é a "terra celestial" do mito hindu, [426](#) ou a "terra pura" dos budistas. [427](#) Nenhum erro maior poderia ser cometido do que buscar um *geográfico* localização desta terra perdida.

A cosmologia antiga localiza o "lugar" primordial, não "aqui", mas no pólo celestial, o centro e o cume. No pensamento egípcio, afirma Clark, o pólo celestial é "aquele lugar" ou "a grande cidade". Aqui reside o "Mestre do Lugar Primevo". [428](#) Quando o deus no *Textos de caixão* proclama: "Eu sou o criador que se senta no lugar supremo", a referência é à morada polar, Clark nos diz. [429](#) A astronomia iraniana seguiu a mesma tradição ao designar o pólo celeste como *Gah*, que significa simplesmente "o lugar", a morada do "Grande no meio do céu". [430](#)

[421](#) Plutarco, *De Iside et Osiride*, XII.

[422](#) Jensen, *op. cit.*, 188 ff.; Langdon, *op. cit.*, 102

[423](#) *A coleção de hinos do templo sumério*, 136

[424](#) Van Dijk, "Le Motif Cosmique dans la Pensée Sumérienne," 49.

[425](#) *Op. cit.*, 199. [ênfase adicionada.]

[426](#) Lenormant, *Les Origines de l'Histoire*, Vol. II, 21.

[427](#) Guenon, *Le Roi du Monde*, 95

[428](#) Clark, *Mito e símbolo no antigo Egito*, 58-59, 222.

[429](#) *Ibid.*, 58-59.

[430](#) De Saussure, "Origines Chinoise de las Cosmologie Iranienne", 303.

Na cosmologia iraniana é *Saturno* quem ocupa o pólo *Gah*, "Lugar" - assim como é Saturno que, na forma do polar An, governa o "lugar puro" sumério. Portanto, pode-se chamar esse domínio de "Terra de Saturno" ou "Província de Saturno". E essa relação simples nos permite entender por que os antigos, que consideravam seu próprio território sagrado como uma duplicação da morada celestial, exaltavam o solo fértil como "Terra de Saturno".

O paraíso egípcio

Um esclarecimento do conceito egípcio ajudará a iluminar a tradição geral. Uma das características do egípcio *ta*, "Terra", o que encorajou sua identificação com *nosso* a terra é seu personagem mítico como um jardim ou campo de abundância. Para residir no *ta* é viver no *Jardim de Hetep*. Muitas descrições deste domínio primordial realmente soam muito como um *terrestre* paraíso. A terra está cheia de trigo ou cevada, e os habitantes bebem cerveja e água fresca. No *Livro dos Mortos*, o falecido rei anuncia, "Eu sei os nomes dos domínios, os distritos e os riachos dentro do Jardim de Hetep. . . foi-me dada a abundância. . ." ⁴³¹ o *Pirâmide Textos* retrata o falecido rei bebendo azeite e vinho e vivendo "do pão da eternidade" e "da cerveja da eternidade". ⁴³²

Os egípcios consideravam o prado da paz e da abundância ao mesmo tempo o *ancestral* terra e o *futuro* lar daqueles que ainda vão além. Muitos escritores, é claro, reconhecem o *Jardim de Hetep* como uma das primeiras - talvez a mais antiga - expressão mítica do paraíso perdido. Sua natureza subjacente, entretanto, ainda não foi penetrada pelas escolas convencionais.

Para qualquer pessoa disposta a considerar todo o contexto das evidências egípcias, deve ficar claro que a terra primitiva produzida pelo criador e imbuída de abundância transbordante era celestial. Aqueles que alcançam o *Jardim de Hetep* alcançar o céu do criador. O falecido rei no *Pirâmide Textos* vai "ver seu pai Osíris". Ele anuncia: "Eu fui para a grande ilha no meio do Sekhet Hetepet [*Jardim de Hetepet*] onde pousam os deuses das andorinhas; as andorinhas são as estrelas imperecíveis. . . Vou comer do que você comer. Eu beberei do que você beber e você me dará saciedade no pólo. . . Você deve me designar para ser um magistrado entre os Khu, as Estrelas Imperecíveis no norte do céu, que governam sobre as ofertas e protegem o milho colhido, que fazem com que isso desça até o mais importante dos espíritos da comida que estão no céu." ⁴³³

Vamos analisar este importante texto, que combina várias interpretações egípcias do jardim celestial. Como usado acima, o termo *Hetepet* significa "abundância" ou "ofertas de alimentos". de modo que o Jardim de Hetepet é o Jardim da Abundância ou Jardim das Ofertas de Alimentos no céu. Hetepet possui um sentido básico de "reunir" ou "unir" (muito parecido com *temt*, "coleccionar", "reunir-se"), significado vital para o simbolismo como um todo.

Hetepet é, claro, inseparável de *hetep*, "Descansar", "ficar em um lugar". o *Jardim de Hetepet* é o *Jardim de Hetep*. Pode-se falar razoavelmente do Jardim como a morada de *descanso e abundância* (ou seja, "Paz e abundância"), reunidos pelo criador. O simbolismo é, como tentarei mostrar, muito mais profundo do que as interpretações padrão poderiam sugerir.

No meio do jardim celestial está a "grande ilha", cujos habitantes - os deuses-andorinhas - são os *Akhemu-Seku* ("Que nunca corrompem"), aqui traduzido como "as estrelas imperecíveis". Os egípcios também chamavam essas divindades *Akhemu-Urtu* ("Que nunca descansam"), convencionalmente identificadas como estrelas circumpolares que, girando em torno do eixo polar, nunca afundam abaixo do horizonte. Mas o texto anterior identifica esses deuses como mais do que "estrelas" (no sentido moderno da palavra). Eles são os Khu ("palavras de poder" ou "espíritos da luz"), que irrompeu diretamente do criador. *Há um vasto corpo de evidências para mostrar que esses deuses da luz secundária eram eles próprios abundantes "Comida" ou "ofertas" do jardim celestial e que é isso que o hino acima significa quando fala do "bebidas espirituosas."*

⁴³¹ Renouf, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 193-94.

⁴³² Mudar, *op. cit.*, Vol. II, 119.

⁴³³ *Texto Pirâmide* 1215-20.

A cerveja fluindo (ou vinho) e o campo de grãos (trigo, cevada, milho) são, de fato, indistinguíveis do mar primitivo de palavras (deuses secundários) que surgiram do criador e que o grande deus reuniu para formar o cerco da ilha primitiva - seu próprio "corpo". Na "grande ilha no meio do Jardim de Hetepet" as partículas de fogo (Khu, *Akhemu-Urtu*) "Pousaram", formando coletivamente o recinto. Se, em um mito, as "palavras" brilhantes do deus congelaram na ilha, em outro, a ilha foi produzida a partir do "grão do céu" luminoso. O "palavras de poder," a "grão," e a "companhia dos deuses" representam interpretações míticas inter-relacionadas da matéria primitiva ejetada pelo criador. Na imaginação dos egípcios, o criador coletava o grão do campo celeste (às vezes chamado de *Sekhet-Sasa* ou "Campo de Fogo"), e produziu o recinto como o "celeiro dos deuses" - a casa da abundância que todo rei esperava alcançar após a morte. O grão serviu de "massa" com a qual o criador moldou sua moradia; e é esta relação crucial que explica os significados interligados do termo egípcio *paut* ou *pautti* - significando ao mesmo tempo a "matéria primordial" (companhia de deuses) e "massa" ou "pão". O criador organizou a companhia de deuses (o grão) no Cosmos giratório, concebido como uma terra celestial de abundância.

Matéria primordial = criativo " palavras" = deuses secundários = grão do céu (massa, pão).

Em suas cerimônias, os egípcios reencenaram a criação em escala microcômica, confeccionando bolos de massa rituais usados em oferendas aos mortos. Esses bolos de *paut* simbolizavam a "terra" ou "terra" criada, produzida a partir do grão transbordante do céu. Assim, enquanto o egípcio *ta* significa "terra", *ta* também significa "pão" ou "bolos". Essa terminologia inter-relacionada permeia a língua egípcia. Uma revisão desse uso revela dois princípios consistentes:

1 Os deuses menores (filhos, servos, assistentes) coincidem com a "massa" - a cerveja e o grão que irrompeu do criador. (Antes da unificação como a "terra", ou Cosmos, as partículas de fogo compõem o mar do Caos e, portanto, podem ser chamadas de "demônios" ou "demônios" das trevas.)

2 A habitação organizada ("terra", "cidade", "lugar", "domínio") coincide com o "celeiro" e o "bolo" ou "pão" moldado do céu.

Aqui estão alguns dos muitos exemplos:

Os "filhos" do grande deus são os *atrevido*, "Coisas que aparecem"; mas *atrevido* também significa "grão". Os textos descrevem a cerveja e os grãos (as crianças) como *per er kheru*, "Aparecendo nas [ou como] palavras" do criador. Assim, enquanto *Akhib* significa "falar", *Akhabu* significa "grão", e os habitantes da habitação celestial são os *Akhabiu*.

Similarmente, *seru* significa ao mesmo tempo "grão" e "príncipes" ou "chefes"; ambos os usos são inseparáveis de *Ser*, "Comandar" e *serui*, "chama." Entendido de maneira adequada, o "grão" e os "príncipes" referem-se ao mesmo material ígneo míticamente percebido como os "comandos" flamejantes do criador.

Apesar *heq* significa a "cerveja" ou "cerveja" cuspidada pelo criador, também significa "comandar".

E se *aut* é "radiância" ou "glória" (compare *khu*), a mesma palavra significa "abundância". Mas *aut* deriva de *au*, "crianças." O abundante trigo e cevada - *ie*, os espíritos de luz que glorificam o criador - são gerados como a própria descendência do deus.

Henu significa os "servos" do grande deus, que "andam por aí" (*hennui*); mas *Henu* também denota "abundância". O crescimento exuberante da morada celestial é o *galinha*, mas a mesma palavra significa a "glória" ou "majestade" da divindade governante. Partindo da noção de que as luzes celestiais "glorificam" o criador, é um passo muito curto para a ideia de que o "louvam" ou "cantam orações" para ele. portanto *galinha* significa também "louvar".

Assim, a palavra *tebhu* significa "abundância", mas também "orações". (Não se deve tentar distinguir as "orações" dos deuses que oram; aqueles que glorificam o grande deus *estão* A glória.)

Então também *senem* significa, ao mesmo tempo, "abundância" e "orar", "adorar". Enquanto "grão" é *shert*, o termo relacionado *Sheriu* significa os "pequenos deuses".

Fenkhu significa "abundância", mas a mesma palavra denota os habitantes da terra celestial.

Ahau significa "alimento", mas também os moradores da "terra".

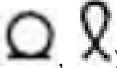
Hetepet significa "abundância", enquanto o *Hetepetiu* são os deuses secundários. *Khefa* é "comida", mas o *Kheftiu* são os "demônios" do Caos (eventualmente organizados na habitação unificada).

Betu significa o "grão" ou "cevada" do céu, mas também os "demônios".

Assim como os deuses secundários compõem os "membros" ou "membros" do sol central, o mesmo ocorre com os grãos. Um termo egípcio para "grão" é *atpet*, manifestamente derivado de *em*, "Membro" e *animal*, "céu." O grão se torna os "galhos do céu" (ou do Homem do Céu).

portanto *nepu* significa "membro" ou "carne", enquanto *nepet* significa "grão". A morada primordial é *Nepert*, ou seja, a terra formada a partir do grão.

Reunidos pelo criador, o grão se torna o recinto da terra primitiva - o "celeiro" ou o "pão" dos deuses (simbolizado pelos bolos de massa empregados nos ritos dos mortos). Assim, enquanto *Shen*

() denota o "vínculo" ou "corda" em que o grande deus habita, *Shena* significa ao mesmo tempo "celeiro" e "Corpo" (o corpo do deus envolve o grão). *Shenti* também significa "celeiro", mas a mesma palavra significa "vestimenta". (A vestimenta - cinto, cinto, colar - é a faixa organizada de grãos.) Simbolizando este recinto celestial estão os *shens*, ou bolos de sacrifício.

Peq é um nome da terra celestial; e a vestimenta do grande deus (= terra) é *peqt*. Mas *peqt* também significa o "bolo" dos deuses.

Similarmente, *sesher* é a vestimenta do deus, enquanto *Seshert* denota o bolo ou pão do céu.

Qefenu é o nome da morada do deus, enquanto *qefen* significa o sagrado "bolo".

Nes significa "grão" e "fogo". (O campo de grão é o campo de fogo.) Nos ritos, o grão é moldado no *ninho* ou bolo de sacrifício. Mas *ninho* também denota o "trono" do criador. (Trono do Criador = terra primitiva.)

o *benet* são espíritos da luz que acompanham o criador. Ajudar a explicar o termo é a palavra relacionada *bennut*, significando a "matéria" ou "fluido" que irrompeu do deus solitário. Esta matéria primitiva forma o bolo sagrado, pois "bolo" ou "pão" é *bennu*. *Bener*, um nome da terra criada, deriva da mesma raiz.

Os "espíritos da comida" reunidos para formar o recinto primitivo são os "construtores" da casa do deus. Assim, a "cerveja" que flui do criador é *aqet*, mas *aqet* também denota um "construtor" ou "pedreiro" - *ie*, um dos *aqetu* que moldam a morada celestial.

O idioma repete as mesmas conexões continuamente:

1 Deuses da luz secundária = abundância celestial (grãos, cerveja, etc.)

2 Morada unificada de deus = abundância celestial (grãos, terra, corpo, roupas, cerveja, etc.) reunidos em uma forma organizada, *ie*, como "bolo" ou "pão".

É claro que, no ritual egípcio, os bolos sagrados significavam muito mais do que um mero "pão". Os bolos eram símbolos do grande deus e sua criação - o Jardim da Abundância. O protótipo celeste do bolo foi a ilha dos começos, que o criador organizou a partir de um mar antes caótico de "cerveja e grãos". Que os egípcios conceberam a "terra" unificada ou "pão" celestial como o *corpo* do criador é crucial para o simbolismo; ao comer o bolo, ou ao beber a cerveja santificada, os iniciados gozavam simbolicamente da abundância da era primitiva, ou, o que é a mesma coisa, consumiam o corpo do criador. (Não vou me distrair da presente discussão elaborando paralelos no simbolismo religioso posterior.)

A terminologia inter-relacionada identifica o primitivo *ta*, "Terra", com o *recinto do sol central*

Os egípcios sabiam que o jardim primitivo ficava dentro do círculo de Aton. ("Tu fizeste tuas criações em tua



ótimo Aton”, diz o *Ladainha de Re*.) 434 Assim, os egípcios denotaram o jardim de Re combinando o Aton

glifo com o glifo para “jardim”:



O significado de tais imagens parece ter escapado aos mitologistas: *o perdido “terra natal” da tradição global era a morada original do deus-sol*. Do egípcio *han* ou “pátria”, escreve Reymond: “Acreditava-se que o Deus Sol operava desde seu local de nascimento. . . Em sua natureza essencial, o domínio sagrado primordial foi o local de onde o Radiance foi emitido primeiro.” 435 Este “domínio sagrado” era a ilha de *ta*, a terra celestial.


Fontes egípcias denominam domínio criado *Neter-ta* —A “Terra Santa” ou “Terra de Deus”. Aqui ocorreu o amanhecer primordial. Ou seja, foi de Neter-ta que o sol estacionário brilhou. Um hino a Amen-Re, por exemplo, invoca o deus-sol como o “Belo Rosto, que vem [brilha] de Neter-ta”. 436 Não é de admirar que os egiptólogos confundam esta Terra Santa com o leste terrestre - o lugar do *solar* nascer do sol!

A contraparte exata do Neter-ta egípcio é o sumério *Dilmun*, a morada “clara e radiante” dos deuses, governada pelo Monarca Universal Enki. Dilmun, de acordo com os hinos sumérios, é “o lugar onde o sol nasce”. 437 E a muitos milhares de quilômetros da Mesopotâmia, os nativos do Havai se lembram de uma terra ancestral,

Tahiti Na, “Nossa pacífica pátria: a tranquila terra de Dawn.” 438 Assim também os hindus, persas, chineses e muitas tribos indígenas americanas conceberam o paraíso perdido como o lugar do “nascer do sol”. 439


A roda do mundo

Que Saturno, o sol primordial, primeiro irradiou sua luz do círculo da “terra” criada explicará por que a terra celestial muitas vezes aparece como um grande *roda* girando em torno do sol estacionário. Pode ser chamado alternadamente de “roda mundial”, “moinho mundial” ou “carruagem”. E esta roda giratória da Terra Santa é consistentemente

representado pelos sinais  e .

As descrições hindus da roda cósmica afirmam que o antigo sol está no centro, como o *Chakravartin* ou “girador”. A partir do pivô estacionário da roda, o Monarca Universal “dirige o movimento sem participar dele mesmo”, afirma Guenon. 440

Sobre a iconografia budista da roda do mundo, Coomaraswamy escreve: “Aquele cujo assento está na nave lotiforme ou umbigo da roda, e ele mesmo imóvel, a mantém girando, é o governante do mundo, de tudo o que é natural e extenso na região central, entre a nave essencial e o feltro natural.” 441 o

o “mundo” organizado está dentro do paraíso ancestral em constante.  Os dados da *Condição da Metal* 442 o

434 Mudar, *op. cit.*, Vol. I, 340.

435 Reymond, *A Origem Mítica do Templo Egípcio*, 84

436 Mudar, *Deuses*, Vol. II, 7. Mas uma das frases egípcias para a terra sagrada é *Neter-ta-Mehiti*, traduzido por Brugsch como “das nordliche Gottesland” - “a terra dos deuses do norte”. Isso, afirma Massey, era “o paraíso polar no céu, não uma parte elevada de nossa terra”. Veja Massey, *Antigo Egito*, 378.

437 Gaster, *Mito, lenda e costume no Antigo Testamento*, 24

438 Melville, *Filhos do Arco-íris*, 10

439 Veja, por exemplo, a crítica de Gaster, *op. cit.*, 24 ff.

440 *Op. cit.*, 18

441 Coomaraswamy, *Elementos da iconografia budista*, 27

442 *Ibid.*, 42

Os mitos budistas dizem que um pedaço de “terra” congelou das águas cósmicas para formar uma faixa em torno do grande pai, tornando-se a “roda de ouro”: “A superfície dessas águas, assim como na cosmologia bramânica e no Gênesis, é agitado pelo vento do amanhecer da criação. A espuma das águas se solidifica para formar o círculo dourado (*Kancana-mandala*) ou 'Land of Gold' (*Kancana-bhumi*), o mesmo que a 'roda dourada' de Hsuan-tsang e representando 'as fundações da terra'. . . A superfície da Terra do Ouro é a Volta do Mundo.” 443

Que a roda do mundo ficava no poste estacionário é confirmado pelo relato budista do primitivo "rei da roda" - proprietário de uma "roda cuja firmeza era a medida de sua aptidão para governar". Ele era "um rei universal", "um rei justo governando em retidão, senhor dos quatro cantos da terra." (Os quatro quartos foram

as quatro divisões da roda



.) O mito afirma não apenas que a roda giratória permaneceu em um posição estacionária, mas que uma queda de seu lugar fixo significaria a morte do governante. “Se a Roda Celestial de um rei que gira a roda afundar, escorregar de seu lugar, aquele rei não tem muito tempo de vida. . .” 444 Isso, é claro, foi exatamente o que aconteceu: a roda caiu, o Monarca Universal morreu e o mundo ficou confuso.

Lembramo-nos da roda mundial zoroastriana chamada Spahr. Esta roda sempre girando era o “corpo” de Zurvan, ou Tempo, o planeta Saturno. Ao longo da época primordial, a roda do Spahr permaneceu em um lugar; e sua queda coincidiu com o colapso da era próspera. 445

Em muitos mitos, a roda terrestre de Saturno adquire a forma poética de um enorme moinho produzindo abundância. Uma antiga tradição islandesa, por exemplo, conhecia o moinho como a fabulosa posse de Amlodhior Frodhi, sob cujo governo a humanidade desfrutava de paz e prosperidade. Recrutadas por Frodhi para trabalhar no moinho estavam duas donzelas gigantes, que dia e noite giravam a enorme roda, moendo ouro e felicidade. Mas, como todas as rodas fabulosas, o moinho de Frodhi finalmente quebrou, causando a morte do grande monarca.

Como mostrado por de Santillana e von Dechend, Frodhi era o planeta Saturno. 446 Os autores (cujo trabalho é intitulado *Moinho de Hamlet*) revise as tradições difundidas do moinho cósmico - da Islândia à Finlândia, da Índia à Grécia - encontrando muitas conexões inesperadas com o mesmo planeta remoto. (Nenhuma vez, entretanto, os dois escritores se perguntam se a tradição da roda de Saturno pode ter se originado na observação real de uma faixa ao redor do planeta.)

Como propriedade do Monarca Universal, o moinho fica no extremo norte e é regularmente identificado com o “pólo” ou “eixo” do mundo. O finlandês *Kalevala* localiza o moinho (aqui chamado de *Sampo*) em uma grande rocha em “North Farm”, o jardim polar da abundância. O herói Ilmarinen:

. . . forjou o *Sampo* com habilidade: de um lado um moinho de grãos, do outro um moinho de sal, no terceiro um dinheiro
[ie, ouro] moinho.

Então o Sampo se desfez, a tampa de muitas cores girou e girou. 447

Este moinho cósmico também quebrou, trazendo desordem por atacado. E se o finlandês *Sampo* é uma versão tardia e fantasiosa do moinho, os linguistas agora reconhecem o *Sampo's* conexão com os mais velhos *skambha* de ritual hindu. 448 No *Atharva Veda* a *Skambha* (que significa “pólo”) aparece como o “embrião dourado” e a “moldura

443 *Ibid.*, 52

444 Perada, *Senhor dos Quatro Quartos*, 131


445 Zaehner, *Zurvan: um dilema zoroastriano*, 111-13, 136, 222.

446 De Santillana e von Dechend, *Hamlet's Mill*, 86 ff. Assim que comparamos as imagens da roda giratória de Saturno com as imagens correspondentes da ilha, do ovo, do cordão e do cinto saturnino, somos forçados a pensar além da coincidência. O simbolismo variado tem uma forma singular. Quando Snorri Sturluson fala da roda giratória de Amlodhi como o “Moinho da Ilha”, ele preserva (provavelmente sem querer) uma conexão importante: no mito original, a ilha giratória e a roda do moinho eram a mesma coisa.

447 Magoun, *O Kalevala*, 55-61.

448 De Santillana e von Dechend, *op. cit.*, 111


da criação ", um edifício em forma de moinho" que derramou o ouro dentro do mundo. " O hino védico equivale ao moinho (*Skambha*) com toda a criação. O corpo do *Skambha* abriga os elementos da vida e os deuses; isto é

o "antigo" ou "grande monstro", cujas veias são os quatro quadrantes do mundo (*ie*, ) Que o O moinho cósmico é ao mesmo tempo o corpo do Monarca Universal e o paraíso criado explicará imediatamente porque, na tradição geral, o colapso da grande roda coincide com a morte do deus-rei e o afundamento da terra perdida nas águas do Abismo.

Nada confunde tanto o tema subjacente quanto o hábito, iniciado há muito tempo, de conceber a roda primordial, ou ilha da "terra", em termos terrestres. Será que a paisagem familiar aos antigos produziu as muitas imagens inter-relacionadas da roda girando?

A carruagem de uma roda

O grande deus está entronizado na terra celestial como em uma carruagem de uma roda. Assim, no rock escandinavo

esculpindo o símbolo  - o sinal universal da roda mundial - pode aparecer sozinho ou como a roda de um vagão celestial. Todos os antigos deuses-sol parecem possuir tal roda ou carruagem. A carruagem de uma roda do Surya hindu responde claramente à mesma forma cósmica que "a carruagem de rodas altas" do Mitra iraniano. [449](#) Uma das primeiras formas foi a famosa roda do sol do Shamash da Babilônia.

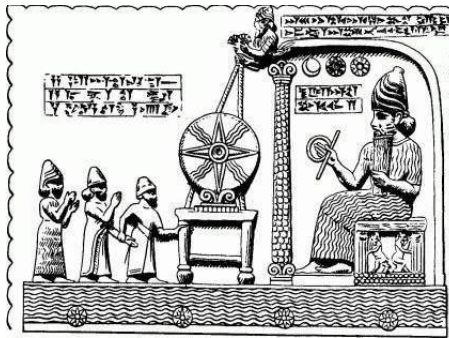


Figura 15. A roda de Shamash, mantida no lugar por uma corda.



Figura 16. Triptolemus andando em uma única roda.

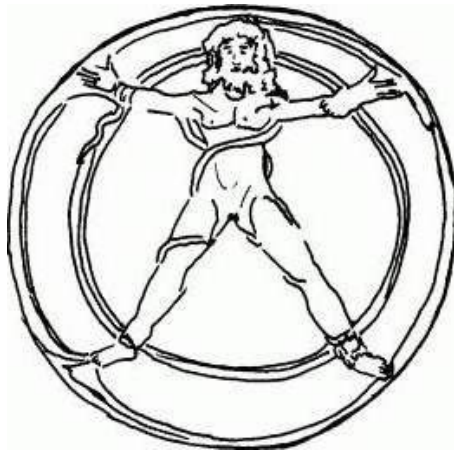


Figura 17. A roda do Ixion.



Figura 18. Hebraico Yahweh em uma única roda.

A arte grega retrata o grande pai Dioniso sentado em uma carruagem de uma roda, muito parecida com a do antigo deus Triptolemos. No *Astronômica* de Hyginus, encontramos Triptolemos lembrado como “o primeiro de todos a usar uma única roda”. ⁴⁵⁰ A tradição argiva afirmava que o pai de Triptolemos era Trochilos, “o da roda”, que alguns identificaram como o inventor da primeira carruagem. Os gregos de Chios conheciam o deus primitivo Gyropsios, “aquele da roda redonda”. ⁴⁵¹ Obviamente, nenhuma dessas rodas ou deuses das rodas podem ser separados da famosa roda de Ixion, solta em uma conflagração celestial. O hebraico Yahweh também se assenta sobre uma única roda.

Enquanto os comentadores modernos oferecem interpretações concorrentes da roda cósmica - a carruagem dos deuses - poucos param para notar a ligação com Saturno. Cook, por exemplo, após um estudo prolongado do simbolismo da roda antiga, reconhece Kronos (Saturno) como a roda antiga ou portador do “disco”, mas não está inclinado a tirar nenhuma conclusão disso. ⁴⁵² O “inventor” da roda, ou “carruagem”, foi o planeta agora distante. É o que nos dizem os chineses quando relatam que o deus-rei Huang-ti, identificado com o planeta Saturno, foi o primeiro a usar a carruagem com rodas. Em mais de uma das ilustrações apresentadas aqui, a roda cósmica serve como o *trono* do deus governante. L'Orange chama isso de “a carruagem do trono”, observando muitos exemplos no antigo Oriente Próximo. ⁴⁵³ Uma das divindades a sentar-se em tal carruagem (ou trono de roda) é o hebreu Yahweh, cujo

⁴⁵⁰ Cozinhos, *Zeus: um estudo na religião antiga*, Vol. I, 215, 225.

⁴⁵¹ *Ibid.*, 290

⁴⁵² *Ibid.*, 298.

⁴⁵³ L'Orange, *Estudos em Iconografia da Realeza Cósmica*, 48 ff.

assento é "a roda do trono de sua glória". 454 (O trono giratório do deus é o círculo da "glória" - isto é, seu próprio "halo".)

Se mais tarde a arte mostrasse ao deus *em* o assento com rodas, o motivo original tem o deus nele, para o trono *gira em torno do deus*. Aqui, por exemplo, está um versículo do egípcio *Livro dos Mortos*, revelando um aspecto pouco notado do trono cósmico: "Ó meu assento, ó meu trono, vinde a mim, e circundai-me, ó vós deuses. eu sou um *sah* [corpo luminoso], portanto, deixe-me levantar-me [brilhar] entre aqueles que seguem [circundar] o grande deus ". 455 Quando o falecido rei atinge o trono celestial, ele fica dentro do círculo giratório dos deuses, os "seguidores" do sol central. Os textos de Edfu chamam isso de "trono dos deuses", para *a própria assembléia divina forma a roda do trono*. 456



Figura 19. O deus celta da roda.



Figura 20. Banco Anglo-Saxão, com roda.

Denotado pelo trono ou trono da roda é o enredo de *ta*, "Terra", que primeiro emergiu do mar cósmico. O criador trouxe o círculo giratório da Terra como seu "assento primordial". Reymond escreve: "A Terra foi provocada a emergir de Nun em virtude da radiância do Deus Sol, que se acreditava secar a água

454 Scholem, *Gnosticismo Judaico, Misticismo Merkabah e Tradição Talmúdica*, 26

455 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 189.

456 Reymond, *op. cit.*, 5, nota 23. O trono, conforme observado por Énel, não é apenas a morada do deus, mas um recinto. O sol primordial "habita" em seu trono. *Les Origines de la Genèse, et l'Enseignement des Temples de l'Ancienne Egypte*, 221. A palavra egípcia mais comum para "trono" é *ast*, frequentemente escrito com o determinativo (*aqui*) que significa "câmara", "morada". *Ast* significa o "lugar" do deus - não apenas qualquer lugar, mas o lugar - o *ast ab* ("Lugar do coração"), *ast urt* ("ótimo lugar"), *ast hetep* ("Local de descanso"), ou *ast maat*, ("Local de regularidade").

em torno de seu assento primitivo. " 457 Este enredo da "terra" criada foi o *han* ou "pátria", que os textos chamam *neset*, o trono." 458

As implicações vão muito além do Egito e se relacionam diretamente com os amplos mitos das bigas cósmicas e dos moinhos primitivos mencionados acima. O que geralmente se considera como dois temas separados - a "carruagem do sol" e a "roda do mundo" - convergem em uma única imagem: a roda de Saturno, o sol primordial. Que os antigos denotavam

a "roda do sol" e a "terra" criada por um e o mesmo signo



não foi coincidência.

A cidade do paraíso

O mito de Saturno nos diz não apenas que o deus-planeta governou a Terra Santa como o primeiro rei, mas também fundou a primeira cidade. A "cidade" de Saturno significa "Terra de Saturno".

*O grande deus vive
fixada no meio do céu. . .
morador da cidade. 459*

Este é o pronunciamento do egípcio *Coffin Texts*. A cidade cósmica é o lugar primordial: "Eu vim para esta cidade, a região do 'Primeiro Tempo' a ser. . . um morador 'nesta terra'." 460 Assim, os egípcios invocam um Memphis celestial, "a divina ilha primitiva emergente"; uma Tebas celestial, "a ilha emergindo em Nun que surgiu pela primeira vez"; um Hermonthes celestial, "o terreno elevado que cresceu de Nun" ou "o ovo que se originou no princípio"; 461 uma Elefantina celestial, a "cidade no meio das águas" ou o "trono de Re"; 462 e um Abydos celestial, o *ta-ur* ou "Grande (Primordial) Terra". 463

O simbolismo integrado - embora às vezes complexo - nunca se afasta da ideia subjacente de um cerco ao redor do sol central. As imagens dizem respeito ao "estado original do mundo", e não a uma cidade terrestre, afirma Clark. 464 Retratada é a cidade da "aurora" ou do "nascer do sol". A tradição é universal. Mencione que Erech e os historiadores pensam naturalmente na antiga cidade no sul da Mesopotâmia. Mas o Erech invocado no ritual não é uma habitação terrestre. Isto é:

*Erech, a obra dos deuses, A grande
muralha tocando o céu,
A morada elevada estabelecida por Anu. 465*

O criador An (Anu) - que é o planeta Saturno - morava no *uru-ul-la*, "A cidade de outrora" - não uma cidade na terra, mas o embrião do Cosmos, de acordo com Van Dijk. 466 Governando do "meio do céu", um

457 *Op. cit.*, 83

458 *Ibid.*, 84

459 Clark, *op. cit.*, 59.

460 *Ibid.*, 177

461 Frankfort, *Reinado e os Deuses*, 380, nota 21.

462 Pritchard, *Textos Antigos do Oriente Próximo Relacionados ao Antigo Testamento*.

463 Mudar, *Do Fetiche a Deus no Antigo Egito*, 273. O nome da cidade celestial de Pe significa simplesmente "assento" ou "trono".

464 *Op. cit.*, 53

465 Pritchard, *Textos antigos do Oriente Próximo*, 47

466 *Op. cit.*, 13, 20.

brilha como "o herói da cidade sagrada nas alturas". 467 Esta é a "cidade fundada por An. . . Lugar onde os grandes deuses jantam, repleto de esplendor e admiração. . ." 468 Os hinos a chamam de "a grande cidade" e "a *lugar onde o sol nasce*." 469

Todas as tradições mesopotâmicas descrevem a cidade celestial como o jardim original da abundância - "o estrado da abundância . . . o lugar puro. . . Seu coração parece um santuário distante. . . Seus banquetes fluem com gordura e leite, são ricos em abundância." 470

Assim, os sumérios recordaram a terra perdida de Dilmun como "a cidade primitiva":

*Dilmun, a cidade que você fundou. . . Eis que tua
cidade bebe água em abundância. Lo, Dilmun bebe
água em abundância.* 471

As descrições egípcias e mesopotâmicas da cidade cósmica deixam claro que essa habitação era o mesmo recinto do paraíso perdido, e a identidade persiste no pensamento hebraico e muçulmano, que associa continuamente o paraíso de Adão a um *Jerusalém cósmica*. A luz da Jerusalém de cima foi fornecida pelo próprio Deus. "E a construção do muro era de jaspe; e a cidade era de ouro puro, semelhante a vidro". 472 Um dos Salmos glorifica a Jerusalém celestial como "Sublime em elevação no extremo norte. . . a Cidade do Rei." 473 A cidade celestial ficava no centro cósmico; foi a primeira coisa criada por Deus; e foi cercado pelo mar primitivo. A imagem, observa Faber, é "claramente emprestada do jardim do Éden".

Os hebreus também preservaram a tradição de uma cidade primordial de Tiro, identificada de forma semelhante com o Éden. 474 Em Ezequiel, lemos:

*"Ó Tiro, você disse: 'Eu sou
perfeito em beleza.'
Suas fronteiras estão no coração dos mares. . .
Você estava no Éden, o jardim de Deus; cada pedra
preciosa era a sua cobertura."* 475

Essa equação entre a cidade cósmica e o paraíso original encontra vários paralelos em outras tradições. O persa *vara* modelado por Ahura Mazda é ao mesmo tempo a primeira cidade e o paraíso perdido. 476 O "tudo contendo

467 Langdon, *Liturgias e Salmos Sumérios*, 297.

468 Sjöberg e Bergmann, *op. cit.*, 2

469 *Ibid.*, 89. [Grifo nosso.]

470 Kramer, *Das Tábuas da Suméria*, 87

471 Langdon, *Mitologia Semítica*, 195. O mesmo pode ser dito da cidade celestial de Eridu, que, como Dilmun, serviu como a casa primordial de Enki. Eridu, "repleta de fertilidade", flutuou no mar cósmico Apsu, e mais de um escritor afirmou, com Pinches, que a cidade de Enki era "como um jardim do Éden". Sayce, *Palestras Gifford*, 386; Albright, " *A Foz dos Rios*." O comentário de Pinches é citado em Thompson, *Os demônios e espíritos malignos da Babilônia*, lvi.

472 Apocalipse 21:11.

473 Salmo 48: 2.

474 *As origens da idolatria pagã*, 350-51.

475 Ezequiel 27: 3-4; 28: 13 (RSV).

476 Darmesteter, *O Zend Avesta*, I, 16-19.

cidade de Brahma "no pólo funde-se com a planície paradisíaca de Ila; [477](#) a cidade imperial dos chineses Shang-ti coincide com o paraíso mítico de Kwen-lun; [478](#) enquanto a cidade perdida mexicana de Aztlan ("cercada por águas") e a cidade perdida maia de Tula (o "recinto" no mar) aparecem como jardins de abundância. [479](#)

Um padrão coerente unifica o que muitas vezes se presume serem mitos e símbolos não relacionados: a "terra" criada, o paraíso perdido, a roda do sol, o trono giratório e a cidade cósmica. Embora as formulações míticas variem, todas apontam para a mesma faixa que abriga o sol central.

Certamente é significativo que, embora essas imagens sejam freqüentemente dissociadas em mitos posteriores, elas se sobrepõem constantemente nas primeiras versões. Os astecas podem ter esquecido que a cidade perdida era o trono do criador; e talvez muitos cultos gregos não se lembrassem mais de que a Ilha dos Abençoados era a roda giratória do sol, mas tais conexões são centrais para as cosmologias mais antigas do mundo.

As inter-relações são claramente evidentes na imagem da deusa-mãe, que reúne em uma única personalidade os diversos aspectos da terra celestial: paraíso, roda, trono e cidade.

A grande mãe egípcia - seja chamada de Ísis, Nut, Hathor, Mut ou Neith - é *nebt en neter ta*, "A Senhora da Terra Santa" ou "a Senhora da Terra de Deus". A "ilha da terra", de acordo com o *Pirâmide Textos*, encontra-se "entre as coxas de Nut". [480](#) Se permitirmos que o conceito egípcio ilumine o simbolismo posterior da "mãe terra", veremos que a suposta distinção entre deusas da terra e deusas do céu carece de fundamento. "Terra de Deus" significa a Terra de Saturno, e esta *mãe* terra, circunscrita pelo ventre do

deusa, é o recinto do sol central



Nem se pode deixar de notar que o hieróglifo da deusa Nut



"a morada sagrada" - é a forma de um roda e um protótipo óbvio das "rodas do mundo" tão comuns ao simbolismo oriental. Ísis, na era clássica, também era simbolizada por uma roda. [481](#)

Os cultos mesopotâmicos representavam a deusa Ishtar, "o útero", por uma roda. A deusa hindu Rta é a "roda da lei" que controla o ciclo cósmico, enquanto a deusa Ila personifica o *chakra* ou roda mundial. O nome da deusa celta Arianrhod significa "roda de prata". Lembra-se também da roda do eixo de Afrodite e das rodas de Tyche, Nemesis e Fortuna, todas as quais parecem refletir uma ideia comum. Como o círculo estável e sempre girando do Cosmos, a deusa acabou se tornando a "roda da Mãe Natureza" abstrata. [482](#)

E quando se percebe que a roda serviu como trono giratório do grande pai, não é surpresa descobrir que, na terminologia arcaica, "trono" e "deusa" são sinônimos. "A grande mãe sentada", afirma Neumann, "é a forma original da 'deusa entronizada' e também do próprio trono. Como mãe e mulher terra, a Grande Mãe é o 'trono' puro e simples. . . O rei chega ao poder 'subindo ao trono' e assim assume seu lugar no colo da Grande Deusa, a terra - ele se torna seu filho." [483](#)

[477](#) Faber, *op. cit.*, 326, 341.

[478](#) Veja o [discussão](#) do monte polar chinês Kwen-lun.

[479](#) Alexandre, *Mitologia latino-americana*, 114, 178.

[480](#) *Texto Pirâmide* 188

[481](#) Cozinhos, *op. cit.*, Vol. I, 271. Toda a discussão de Cook (Vol. I, 253-83) assume que a roda é sinônimo de orbe solar.

[482](#) Neumann, *A Grande Mãe*, 238.

[483](#) *Ibid.*, 98



Figura 21. A deusa Nemesis, com a roda do destino.

Nos ritos de realza hindus revisados por Hocart, "o rei é feito para se sentar em um trono que representa o útero". 484 Mas a identidade do trono e do útero é tão antiga quanto a linguagem humana: o hieróglifo egípcio para



Ísis, o útero do céu, é um trono simples

Mas a mesma deusa-mãe envolve a cidade cósmica. O determinante de "cidade" nos hieróglifos egípcios



é simplesmente o sinal da "morada sagrada", a deusa Nut. o *Pirâmide Textos* invocar a deusa, "neste seu nome de 'assentamentos'. . . neste seu nome de 'Cidade'." 485 enquanto o *Livro dos mortos* exalta a grande mãe como "Senhora dos terrores, paredes elevadas". 486

A deusa-cidade egípcia encontra um paralelo próximo na deusa babilônica Ura-azaga, cujo nome significa "cidade brilhante". 487 Tyro, a deusa mãe dos tírios, deu aos gregos sua palavra *tyrsis*, "cidade murada." 488 Entrar na cidade celestial é encontrar abrigo no útero primordial. Assim, o refúgio de Delfos é "o ventre" e Jerusalém "a cidade do ventre celestial". 489

No Novo Testamento (Livro do Apocalipse), encontra-se uma equação fascinante de deusa primitiva e cidade primitiva. Em sua visão, João contempla "a grande prostituta que se assenta sobre muitas águas: com quem os reis da terra se prostituíram. . . e em sua testa estava escrito um nome: 'MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA.'" Quem era essa "mãe das meretrizes"? O anjo explica: "E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra." 490 A linguagem aponta para os antigos ritos de realza, em que cada governante local tomava como seu *consorte* a cidade (útero) nas águas cósmicas.

484 Hocart, *Realeza*, 80. O significado é muitas vezes esquecido: depois de nos informar que o trono era o glifo de Ísis, Budge continua, "mas não temos meios de conectá-lo com os atributos da deusa de forma a dar uma explicação racional de o nome dela e todas as derivações até agora propostas devem ser consideradas meros palpites." Mudar, *Deuses*, Vol. II, 202. Mas é uma "mera suposição" conectar o trono de Ísis com o invólucro do útero primitivo? (O egípcio *ast*, "Trono" significa "recinto", como temos visto.)

485 *Pirâmide Textos* 178, 1605.

486 Assim, o sol no útero cósmico aparece como o "menino da cidade". Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 274.

487 Jastrow, *A Religião da Babilônia e da Assíria*, 59.

488 Graves, *Os mitos gregos*, 223.

489 Allegro, *O Cogumelo Sagrado e a Cruz*, 133

490 Apocalipse 17: 1-2, 5, 18.

Ao percorrer os mitos e símbolos da terra, do paraíso, da roda, do trono e da cidade criados, a pessoa permanece, portanto, à sombra de uma deusa mãe solteira, que contém em seu útero o primeiro domínio organizado no céu,

a ilha do Cosmos de Saturno



The Enclosure As Prototype

Ao lidar com os mitos e símbolos da Terra Santa, deve-se levar em conta a distinção - nem sempre expressa na literatura antiga - entre o protótipo celestial e a cópia terrestre. Todo reino sagrado ou cidade deriva seu caráter da habitação primitiva, de modo que tudo o que foi dito do recinto acima também foi dito da forma imitativa construída pelos homens.

"Do testemunho concordante de todas as tradições", escreve Guénon, "surge uma conclusão muito clara: a afirmação de que existe uma 'Terra Santa' por excelência, protótipo de todas as outras 'Terras Sagradas', o centro espiritual para o qual todas as outras centros são subordinados." [491](#)

Por meio da identificação, a história sagrada da raça ou nação se funde com a história dos deuses, pois cada comunidade organizada se via como uma duplicação da "raça" celestial. Cada linha de reis históricos leva de volta a um primeiro rei que não é um homem, mas Saturno, o poder supremo do céu; da mesma forma, a raça como um todo traça sua ancestralidade a uma geração de deuses ou seres semidivinos que habitaram a "terra" criada na criação. Por esta tendência universal, o paraíso de Saturno se torna o *ancestral* terra, o lugar onde a história começou. Todas as nações não afirmam que seus ancestrais descendiam de uma raça de deuses, que ocupavam um jardim feliz no centro e no cume?

Foi com a maior seriedade que os antigos traçaram seus primeiros assentamentos políticos, tomando a habitação cósmica como a *plano prescrito*. O objetivo era estabelecer o reino de Saturno na terra, repetindo a derrota do criador do Caos e fundando uma autoridade central cujo poder se estendia a uma "fronteira" protetora que separava o reino da luz dos poderes das trevas e da desorganização (os "bárbaros").

Conseqüentemente, as primeiras cidades sagradas foram organizadas como recintos circulares em torno do senhor governante. Os requisitos rituais substituíram as considerações práticas e, mesmo quando a geografia e o crescimento impediram ou distorceram a forma puramente circular, a cidade sagrada ainda era *concebida* como um gabinete giratório. Simbolicamente, cada cidade egípcia ficava dentro do escudo ou fronteira protetora de Nut (a "Grande Protetora"). O mapa da Babilônia mostra a terra como um círculo ao redor de um centro. "Aqui", conclui Eliade, "a morada terrestre é a contrapartida (*mehret*) da morada celestial." [492](#)

O pensamento hebraico insiste repetidamente que a Jerusalém terrestre era apenas uma semelhança da cidade construída por Deus. "Uma Jerusalém celestial foi criada por Deus antes que a cidade fosse construída pela mão do homem. . . . A Jerusalém celestial acendeu a inspiração de todos os profetas hebreus", observa Eliade. [493](#) A distinção entre a cidade local e a cidade primordial recebe afirmação enfática no Apocalipse Siríaco de Baruch, quando Deus pergunta: "Acaso pensas que esta é aquela cidade da qual eu disse: 'Nas palmas das minhas mãos te gravei'? Este edifício agora construído no meio de vocês não é aquele que foi revelado comigo, aquele que foi preparado de antemão aqui desde o momento em que me aconselhei para fazer o paraíso. . ." [494](#) (Novamente, observe a equação da cidade - Jerusalém e paraíso.)

Igualmente clara é a primazia da cidade arquetípica no hinduísmo, de acordo com Eliade. "Todas as cidades reais indianas, mesmo as modernas, são construídas segundo o modelo mítico da cidade celestial, onde, na era do ouro

[491](#) *Op. cit.*, 95

[492](#) *Padrões na religião comparada*, 19-20.

[493](#) *O mito do retorno eterno*, 8-9.

[494](#) II Baruch IV: 2-4.

(*in illo tempore*), o Soberano Universal habitou. . . Assim, por exemplo, o palácio-fortaleza de Sigiriya, no Ceilão, é construído segundo o modelo da cidade celestial Alakamanda e é 'difícil de subir para os seres humanos' " 495

Simbolicamente, cada assentamento hindu ficava dentro do *mandala* ou "círculo", delineando um espaço consagrado magicamente protegido das forças invasoras da desintegração. 496 A área santificada, observa Tucci, "pela linha de defesa que a circunscreve, representa proteção contra as forças misteriosas que ameaçam a pureza sagrada do local. . . " Este círculo protetor é "acima de tudo, um mapa do cosmos". 497

Conforme documentado por L'Orange, o círculo em torno de um centro era a forma ideal de cidades sagradas no Oriente Próximo, conforme tipificado pelas cidades residenciais de Darabjird e Firuzabad, cuja forma circular serviu de precedente para a "Cidade Redonda" de Bagdá . O padrão ideal derivado da antiga concepção do Cosmos, afirma L'Orange. 498

O mesmo simbolismo atribui ao romano *mundus* uma trincheira cavada em volta do local onde uma nova cidade seria construída. O recinto serviu como um vínculo protetor, ordenando a cidade como uma renovação da pátria primitiva. 499

Nos documentos antigos, as cidades romanas eram as *urbes*, de *orbis*, "volta." 500

O padrão consistente do território sagrado mostra a influência de um protótipo universal. No entanto, poucos pesquisadores levam o protótipo a sério. Quando os mitos da criação falam de uma Heliópolis primordial, Erech ou Jerusalém, os analistas pensam apenas na cidade terrestre. Pode-se, com muito mais segurança, insistir que a habitação local

Nunca produz, por si só, um mito cósmico de qualquer tipo.

No Egito, é o sol primordial que governa Heliópolis, Mênfis, Tebas, Herakleópolis originais, assim como é o sol primordial que governa como o primeiro rei do Egito como um todo. A cidade e o reino se repetem, em escalas diferentes, *a mesma história* e este fato por si só é suficiente para mostrar que a "história" não é local, mas universal. Se os mitos dizem que o Egito foi "reunido" desde a matéria primitiva, formando uma ilha ao redor do sol, dizem o mesmo da cidade sagrada, qualquer que seja seu nome. 501

O fato de os antigos freqüentemente esquecerem a distinção entre sua própria cidade ou reino e o protótipo celestial era um resultado natural do vínculo inseparável entre os dois. A habitação local herdou o caráter mítico do celestial, de modo que as histórias reais divergentes das nações antigas levam de volta a uma história universal.

É nesse sentido que se deve entender as lendas dos primeiros reis e das gerações primitivas. Muitos textos egípcios, por exemplo, referem-se a uma época remota em que a terra era governada pelos "seguidores de Hórus". Uma inscrição de um Rei Ranofer (pouco antes do Reino do Meio) lembra "o tempo de seus (anteriores) pais, os reis, Seguidores de Hórus". Um texto de Tutmés I fala de grande fama, semelhante à qual não foi "vista nos anais dos ancestrais desde os Seguidores de Hórus". o *Papiro de Turim* coloca esta geração primitiva antes do primeiro rei histórico, Menes. 502

495 *Padrões na religião comparada*, 9

496 Tucci, *A Teoria e Prática da Mandala*, 23

497 *Ibid.*, 23.

498 *Op. cit.*, 9 ff.

499 Eliade, *Padrões na religião comparada*, 15-16.

500 Jung e Kerenyi, *Ensaio sobre uma ciência da mitologia*, 12

501 Muitos egiptólogos, entretanto, não fazem distinção entre as cidades cósmicas e as locais. Assim, Budge, falando da atual cidade egípcia de Henen-su (Herakleópolis), nos diz que esta habitação "é freqüentemente mencionada no *Livro dos Mortos*, e vários eventos mitológicos importantes teriam ocorrido lá. Assim, foi aqui que Re se levantou pela primeira vez quando os céus e a terra foram criados, e foi essa ascensão que formou o primeiro grande ato da criação. . . Osiris foi aqui coroado senhor do universo. . . Neste lugar as almas dos beatificados encontraram um lugar de descanso no reino de Osiris. . . "Mudar, *Deuses*, Vol. II, 58-59. Que estes eram cósmicos, não lugares e eventos geográficos, deveria ser óbvio.

502 Frankfort, *op. cit.*, 90

Esses “ancestrais” míticos realmente governaram o Egito terrestre? Na verdade, “Seguidores de Hórus” significa, não uma geração de mortais, mas a assembléia dos deuses. Os “ancestrais” eram os espíritos-luz da cidade celestial, circundando e protegendo o sol central. Assim como os mitos traduzem o Monarca Universal no primeiro rei do Egito, também expressam os companheiros do deus-rei como uma raça primitiva da qual toda a nobreza egípcia poderia reivindicar descendência. Cada Terra Santa em nossa terra foi assimilada ao mesmo reino celestial e cada raça à mesma geração de deuses.

O umbigo do mundo

Através da identificação com a morada de Saturno, cada reino terrestre ou cidade da antiguidade distinguia-se como o Lugar do Meio, o centro do qual a história teve seu início. Simbolicamente, cada Terra Santa local tornou-se o *omphalos* ou “umbigo do mundo”.

Assim, o umbigo mítico constitui um motivo global de simbolismo arcaico. Conforme documentado nos estudos separados de Roscher e Muller, [503](#) as antigas cidades de Babilônia e Nínive (bem como Bagdá), Jerusalém, Hebron Betel, Siquém e toda a terra da Palestina; numerosas cidades gregas (incluindo Atenas); a cidade muçulmana de Meca; e inúmeras outras cidades da Ásia e da Europa foram denominadas “o umbigo” ou “o centro da terra”.

Assim como os egípcios conceberam sua terra como a “Terra-média” (*Aguipte*), os chineses proclamaram seu império como o “Reino do Meio”. [504](#) As primeiras fontes japonesas chamam o Japão de centro da terra - ou “reino do meio da planície de junco”, enquanto os mongóis consideram sua casa como “o lugar do meio”. [505](#)

Os povos do norte da Sibéria conhecem os lenissegos como “o centro do mundo”, [506](#) A Irlanda já foi o reino da *Mide* ou “Meio”. [507](#)

Na distante Ilha de Páscoa, os nativos falam de sua terra como o “umbigo”. [508](#) E nas Américas, os Zuni chamam (ou uma vez chamaram) sua cidade de “Lugar do Meio”; a cidade inca de Cuzco significava “o umbigo da terra”; [509](#) da mesma forma, o Chickasaw do Mississippi considerou seu território como “o centro da terra”. [510](#)

O leitor pode responder: não é perfeitamente natural que um povo, vendo outras terras e nações distribuídas ao seu redor, venha a considerar os seus como o “centro”? Esta é, obviamente, uma explicação comum do hábito universal. Em um exame mais atento, entretanto, fica claro que o conceito de umbigo mundial reflete algo mais do que uma visão estreita ou arrogância tribal.

O reconhecido centro religioso dos gregos era Delfos, nas encostas íngremes do Monte Parnaso. Aqui estava localizado o *omphalos* (“umbigo”), venerado como a Residência de Apolo e “o centro da terra”. Mas entre os gregos, Delfos não estava sozinho em reivindicar distinção como o *omphalos*. Afirmações semelhantes foram feitas para os umbigos mundiais no Peloponeso, em Elis, na Tessália e em Creta. Tanto os etólios quanto os epirotes foram chamados *omphalians* ou “gente do umbigo”. [511](#)

[503](#) Roscher, *Omphalos; Neue Omphalosstudien; Der Omphalosgedanke bei Verschiedenen Völkern*; Muller, *Die Heilige Stadt*.

[504](#) Castanho, *Eradinus: Rio e Constelação*; de Saussure, “Origins Chinoise de la Cosmologie Iranienne.”

[505](#) WT Warren, *Paradise Found*, 141, nota 3; O'Neill, *A Noite dos Deuses*, 359.

[506](#) Uno Holmberg, *Mitologia siberiana*, 308.

[507](#) Guenon, *op. cit.*, 79

[508](#) Makemson, *A Estrela da Manhã Nasce*, 10; Heyerdahl, *Kon-Tiki*, 141

[509](#) Nuttall, *Princípios Fundamentais da Civilização do Velho e do Novo Mundo*, 133

[510](#) WT Warren, *op. cit.*, 248, nota 1.

[511](#) Faber, *op. cit.*, Vol. III, 83.

Many competing seats of Apollo appear as the omphalos, according to Roscher. [512](#) Rather than suggest narrow-mindedness, such repeated claims confirm a consistent memory: from high antiquity the idea must have been passed down that Apollo's throne occupied the "centre." All local shrines certainly shared this tradition. But one must not mistake the imitation for the original. Just as one might say of Apollo's statue, "This is the god Apollo," without intending a literal identification, so could the cult worshippers say of the local shrine, "This is the throne of Apollo at the earth navel." That the statement comes from more than one locality only reinforces the general tradition. The truth was observed by W. T. Warren long ago when he declared Delphi to be "a memorial shrine, an attempted copy of the great original." [513](#)

Clearly, the "great original"—the god's primeval home—was not of our earth. Apollo, the polar sun, was not the only god to occupy this centre. In Mexico, a Nahuatl hymn extols the god Ometeotl as:

*Mother of the Gods, Father of the Gods,
the old God
distended in the navel of the earth, engaged
in the enclosure of turquoise
He who dwells in waters the colour of the bluebird.* [514](#)

A Babylonian hymn located the god Ea at the "centre of the earth":

*The path of Ea was in Eridu, teeming with fertility.
His seat (there) is the centre of the earth;
his couch is the bed of the primeval
mother.* [515](#)

Similarly, the Egyptian Osiris "sits in judgement on the Primeval Mound, which is in the middle of the world," states Clark. [516](#) In the ancient account of Sanchuniathon, the great god El (Kronos/Saturn) acquires supremacy "in a certain place in the *center of the earth*." [517](#)

The earth navel, in the original tradition, is the inaccessible dwelling at the cosmic summit which is why the Hindus could say of the fire god Agni, [518](#) "He is the head and summit of the sky, the centre [*Nabhi*, navel] of the earth." Hebrew and Muslim thought constantly identifies the throne of Yahweh and Allah with the "navel of the earth," but this navel is *above*, for the Muslim text states of the *Ka'ba*, or earth navel: "Know that the centre of the earth, according to a tradition on the authority of the Prophet, is the *Ka'ba*: it has the significance of the navel of the earth, because of its rising *above* the level of the earth." [519](#)

Another source relates, "Tradition says: the *polestar* proves the *Ka'ba* is the highest situated territory; for it lies over against the centre of heaven." [520](#) Both Jerusalem and Mecca, as earth navels, lie at the cosmic summit.

[512](#) Roscher, *Omphalos*, 20 ff.

[513](#) *Op. cit.*, 235.

[514](#) Léon-Portilla, *Pre-Columbian Literatures of Mexico*, 63.

[515](#) Sayce, *Gifford Lectures*, 386.

[516](#) *Op. cit.*, 178.

[517](#) Faber, *A Dissertation on the Cabire*, Vol. I, 73. [Emphasis added.]

[518](#) Muir, *Original Sanskrit Texts* V, 214 ff.


[519](#) Wensinck, " *The Ideas of the Western Semites Concerning the Navel of the Earth*," 36. [Emphasis added.]


[520](#) *Ibid.*, 15. [Emphasis added.]

“The centre of the earth and the pole of heaven, both are intimately connected with the throne,” observes Wensinck. [521](#)

Similarly, Gnostic traditions surveyed by Jung consider the polar region both “the seat of the highest gods” and “the navel of the world.” [522](#) That the Greek omphalos received the appellation “axis” indicates an obvious connection with the pole. [523](#)

In all of these traditions, of course, one has to contend with the confusion between the celestial earth and what we call “earth” today. It can hardly be doubted that ancient races eventually came to use the phrase “world navel” in connection with the terrestrial landscape. The original concept of the navel, however, is not complicated by ambiguous meanings of the “earth.” In the original tradition, the created earth is the navel, pure and simple; Saturn’s Cosmos appeared as a central enclosure or “navel” of dry ground rising from the

primordial waters. So it is not surprising to find that the symbol of the navel was the enclosed sun , the sign of the world wheel. “The concentric circles or the dot-in-circle denoted, in the Mediterranean area, the omphalos, the navel of the earth,” states Butterworth. [524](#) (Thus, in organizing their sacred cities in the form of a wheel the ancients expressed the cities’ character as “navel.”)

The enclosed sun , according to Neumann, served as “the life symbol of the womb-navel-centre.” [525](#) It would be difficult to improve upon this definition. To reside within the life-containing navel is to dwell in the *womb of the mother goddess*, for the omphalos, as discerned by Uno Holmberg, is “the representative of the Great Mother” not only in classical symbolism but in Hindu and Altaic ritual also. [526](#)

Hence Delphi, the Greek omphalos, signifies “the womb.” [527](#) The spouse of Hercules is Omphale, the female personification of the omphalos. [528](#) In the same way, Hindu ritual constantly identifies the mystic yoni or “womb” with the navel: Agni is “born from the yoni or navel of the earth,” [529](#) while Brahma is the “navelborn.” [530](#)

Such symbolism connects the famous navel with the primeval enclosure. Saturn’s band, marking out the stable, revolving island which appeared in the cosmic waters, came to be remembered as the cosmic centre—where mythical history began.

The Ocean

Many ancient traditions describe a circular ocean or river girdling the “earth.”

[521](#) *Ibid.*, 55.

[522](#) Jung, *Aion*, 125.

[523](#) Roscher, *Omphalos*, 43.

[524](#) *The Tree at the Navel of the Earth*, 39.

[525](#) *Op. cit.*, 127.

[526](#) *Der Baum des Lebens*, 95.

[527](#) Faber, *Origins of Pagan Idolatry*, Vol. III, 90.

[528](#) *Ibid.*, 92.

[529](#) Coomaraswamy, *Elements of Buddhist Iconography*, 19.

[530](#) *Ibid.*, 18.

The gods, according to the Norse creation legend, “made the vast ocean, in the midst of which they fixed the earth, the ocean encircling it as a ring.” [531](#) By the Greek Okeanos, “the whole earth is bound.” [532](#) The Babylonians said of the nether river, “all earth it encloses.” [533](#) Hebrew and Arabic cosmologies, according to Wensinck, hold that “the whole of the earth is round and the ocean surrounds it like a collar.” [534](#)

In spite of the widespread belief, certain classical writers grew skeptical. Of the famous ocean-stream the historian Herodotus announced: “For my part, I cannot but laugh when I see numbers of persons drawing maps of the world without reason to guide them; making, as they do, the Ocean-stream to run all round the earth.” [535](#)

Or again: “The boundaries of Europe are quite unknown, and there is not a man who can say whether any sea girds it round either on the north or on the east.” [536](#) Such was the inevitable conclusion of historians and philosophers, once the “world” or “earth” lost its original cosmic meaning and passed into a figure of geography. Even today conventional treatments of the mythical ocean perpetuate the misunderstanding.

The cynics overlooked a most significant point: originally, the ocean encircled the *creator* as a girdle: Okeanos was no terrestrial river, but the “belt” around the cosmic deity. [537](#) The “land” which the ocean enclosed was the dwelling of the gods. Hesiod, for example, in his description of the shield of Hercules (an acknowledged figure of the Cosmos) identifies the ocean as the rim of the shield, enclosing a celestial paradise.

The shield was a wonder to see, “for its whole orb was a-shimmer with enamel and white ivory and electrum, and it glowed with shining gold.” Within the shield’s protective enclosure dwelt the great god and the lesser divinities: “There also was the abode of the gods, pure Olympus, and their assembly, and infinite riches were spread around in the gathering of the deathless gods.” The inhabitants of this circular land above celebrated a continual festival, for here grew grapes and corn in abundance. “And around the rim,” writes Hesiod, “Ocean was flowing, with a full stream as it seemed, and enclosed all the cunning work of the shield.” [538](#)

As in the case of the world navel, the imagery makes sense only when one understands the created “earth” as the dwelling of the great god himself.

Egyptian sources remove all possible doubt as to the celestial character of the encircling stream. The *Coffin Texts* say of the Father of the Gods: “the river around him is ablaze with light.” [539](#) The same circular river is called a lake of fire. Re appears as *ami-mer-nesert*, “he who is in his fiery lake”; while the throne of Horus is the “Lake of Double Fire.” [540](#)

Actually, the Egyptian ocean or lake is simply the Tuat, the dwelling of Osiris or Re: [541](#) “This is the lake which is in the Tuat . . . This lake is filled with barley [*i.e.*, grain, abundance]. The water of the lake is fire.” [542](#)

[531](#) Perry, *Lord of the Four Quarters*, 184.

[532](#) Onians, *The Origins of European Thought*, 316.

[533](#) Sayce, *Lectures on the Origin and Growth of Religion*, 478.

[534](#) Wensinck, “The Ocean in the Literature of the Western Semites,” 25.

[535](#) Herodotus iv, 36.

[536](#) Herodotus iv, 45.

[537](#) In the Orphic description of the primeval Nous or Mind, “the circling ocean was his belt.” See our [chapter II](#) .

[538](#) Evelyn-White, *Hesiod*, 229 *ff.*

[539](#) Clark, *Myth and Symbol*, 86.

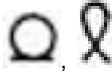
[540](#) Budge, *The Papyrus of Ani*, 187.

[541](#) See *Pyramid Texts* 77 and 512.

Containing the fiery waters of the Abyss, the celestial river or lake encircled the “world.” *The Pyramid Texts* invoke:

*The Great Circle, in your name of “Great Surround,” an
enveloping ring, in the “Ring that encircles the
Outermost Lands”,
A Great Circle in the Great Round of the
Surrounding Ocean.* 543

In the Egyptian symbolism this watery circle is the band of the enclosed sun circumscribed the outermost limit, the head which dwelling. The “ocean” in the above text is the *Shen-ur*, or “the

great Shen.” In the Egyptian language the *shen* bond or cord () signifies at once the band of the Aten and “ocean” or “river.” One can properly term this circle of water “the river of the cosmic bond” or “the ocean of the cord.”

Pointing to the same interrelationships is the Egyptian word *nut*. Nut, the goddess, is the female personification of the Cosmos or *shen* bond; but *nut* also denotes “stream,” “river,” “sea.” The encircling river, as the *border* of the “Holy abode” (*nut*), thus gives rise to the phrase “the ocean, the border of Nut.” 544 That *nut* further means “cord” and “city” only confirms the integrated symbolism.

In none of this symbolism is there any suggestion of a *terrestrial* ocean. As detailed by Reymond, the primeval waters form an enclosure around the *resting place of the great god* “perhaps resembling the channel which was made around sacred places later on.” 545 Encircled by the celestial river, the province of beginning becomes the “island in the stream,” 546 or the “pool.” (See, for example, the “pool of Hermopolis”; the celestial Abydos was the “pool of Maati.”) 547

The mythical “waters” are inseparable from the primeval matter or company of gods which exploded from the creator, subsequently to be gathered into the circle of glory (*khut*). The radiant gods—or “Primeval Ones”—revolved around the border of the cosmic ocean or lake, for the Egyptians, according to Reymond, “imagined that, after the phases of the primary creation were completed, these Primeval Ones lived in the vicinity of the pool . . . Their resting place, however, is portrayed as of the most primitive appearance: *the bare edges of the pool*.” 548 The gods occupy the border and revolve around it, as confirmed by the *Book of the Dead*: “‘Hail,’ say these gods who dwell in their companies and who go round about the Turquoise Pool.” 549

Nor in Egypt alone does the cosmic ocean form the band of the enclosed sun description of the Engur or “river” around the motionless lord Enki:



. Here is a Sumerian

542 Piankoff, *The Tomb of Ramesses VI*, 152.

543 Clark, *op. cit.*, 117.

544 Maj Sandman Holmberg, *The God Ptah*, 106.

545 *Op. cit.*, 142.

546 Kees, “Kulttopographische und Mythologische Beiträge,” 151.

547 Budge, *The Egyptian Book of the Dead*, 97; Reymond, *op. cit.*, 152.

548 *Op. cit.*, 80. [Emphasis added.]

549 Budge, *Egyptian Book of the Dead*, 170.

*Thou River, creatress of all things,
When the great gods dug thee, on thy bank they placed mercy.
Within thee Ea, King of the Apsu, built his abode.
They gave thee the Flood, the unequalled.
Fire, rage, splendour, and terror . . . O great
River, far-famed River . . .* [550](#)

These are the waters of the cosmic sea Apsu—"the waters which are forever *collected together* in the deep," [551](#) corresponding to the Egyptian dwelling gathered together by the creator. The oldest image of this

encircling river or ocean is the ancient Sumerian sign for *Kis* (the all, the complete land, the Cosmos):



The band in this sign, according to Jeremias, represents the encircling ocean, the same river that is depicted encircling the "earth" (Cosmos) in the Babylonian world map. [552](#) Like the Egyptian ocean the revolving stream forms the border of the celestial land.

As the womb of primeval birth, the Sumerian *Engur*, "River," provides a close parallel to the Egyptian goddess Nut. Indeed, like Nut, the Sumero-Babylonian river goddess was conceived as the unifying cord. The waters of *Engur* (Apsu) compose the *tarkullu*, "rope," or the *markasu*, "band," bond," holding together the created Cosmos. [553](#) Like the Egyptians, the Sumero-Babylonians recalled the enclosure of the cosmic ocean as that which gave birth to the primeval sun. The god who "illuminates the interior of the Apsu" is Ninurta, the planet Saturn. [554](#)

[550](#) Langdon, *Semitic Mythology*, 105.

[551](#) Sayce, *Lectures on the Origin and Growth of Religion*, 487. [Emphasis added.]

[552](#) Jeremias, *Handbuch der Altorientalischen Geisteskultur*, 31.

[553](#) Langdon, *Semitic Mythology*, 309.

[554](#) Jensen, *op. cit.*, 248-467.



VI. The Enclosed Sun-Cross

The Four Rivers Of Paradise

“And a river went out of Eden to water the garden; and from thence it was parted, and became into four heads.” [555](#) So reads the Book of Genesis. The four rivers of Adam’s paradise, according to many Hebrew and early Christian accounts, flowed in opposite directions, spreading to the four corners of the world. [556](#)

The tradition is apparently universal. The Navaho Indian narration of the “Age of Beginnings” speaks of an ancestral land from which the inhabitants were driven by a great catastrophe. Among the occupants of this remote home, some say, were “First Man” and “First Woman.” Most interesting is the means by which the land was watered: “In its centre was a spring from which four streams flowed, one to each of the cardinal points . .

.” [557](#)

The Chinese paradise of Kwen-lun, adorned with pearls, jade, and precious stones, lay at the centre and zenith of the world. [558](#) In this happy abode stood a central fountain from which flowed “in opposite directions the four great rivers of the world.” [559](#)

Four rivers appear also in the Hindu *Rig Veda*: “the noblest, the most wonderful work of this magnificent one [Indra], is that of having filled the bed of the four rivers with water as sweet as honey.” [560](#) The *Vishnu Purana* identifies the four streams with the paradise of Brahma at the world summit. They, too, flow in four directions. [561](#)

Iranian myth recalls four streams issuing from the central fount Ardvi Sura and radiating in the four directions. Similarly, the Kalmucks of Siberia describe a primordial sea of life and fertility, with four rivers flowing “toward the four different points of the compass.” [562](#)

The tradition is repeated by many other nations. The Mandaeans of Iraq enumerate four great rivers flowing from the north. [563](#) Just as the Babylonians recalled “the land of the four rivers,” [564](#) the Egyptians knew “Four

[555](#) Genesis 2:10.

[556](#) Gaster, *Myth, Legend and Custom in the Old Testament*, 27-28; Wensinck, “The Ocean in the Literature of the Western Semites,” 59-60; see also our section on “[The Foundation Stone](#)”.

[557](#) Alexander, *North American Mythology*, 159.

[558](#) W.T. Warren, *Paradise Found*, 129; O’Neill, *The Night of the Gods*, 909.

[559](#) Lenormant, *Les Origines de l’Histoire*, 26.

[560](#) *Ibid.*, 19-21.

[561](#) *Ibid.*, 27-29.

[562](#) Uno Holmberg, *Die Religiösen Vorstellungen der Altaischen Völker*, 86-87; *Der Baum des Lebens*, 71 ff.

[563](#) Albright, “*The Mouth of the Rivers*,” 189.

[564](#) Brown, *Eradinus: River and constellation*, 46.



Niles," flowing to the four quarters. [565](#) The home of the Greek goddess Calypso, in the "navel of the sea," possessed a central fountain sending forth "four streams, flowing each in opposite directions." [566](#)

In the Scandinavian *Edda*, the world's waters originate in the four streams flowing from the spring Hvergelmir in the land of the gods, [567](#) while Slavic tradition recalls four streams issuing from under the magic stone Alatur in the island paradise of Bonyan. [568](#) Brinton finds the four mystic rivers among the Sioux, Aztecs, and Maya, just as Fornander discovers them in Polynesian myth. [569](#)

The lost land of the four rivers presents a particularly enigmatic theme for conventional mythology because few, if any, of the nations possessing the memory can point to any convincing geographical source of the imagery. When the Babylonians invoke Ishtar as "Lady, Queen of the land of the Four Rivers of Erech," [570](#) or when an Egyptian text at Dendera celebrates the Four Niles at Elephantine, one might expect the familiar landscape to explain the usage. But wherever the mythical four rivers appear, they possess the character of an "ideal" land, in contrast to actual geography.

The reason for this disparity between the mythical and terrestrial landscapes is that *the four rivers flowed, not on our earth, but through the four quarters of the polar "homeland."* To what aspect of Saturn's kingdom might the mythical rivers refer?

For every dominant mythical theme there are corresponding signs (though this truth is still to be acknowledged

by most authorities). The signs of the four rivers are the sun-cross  and the enclosed sun-cross , the latter sign illuminating the former by showing that the four streams belong to the primeval enclosure. Issuing from the polar centre (*i.e.*, the central sun), the four rivers flow to the four corners of Saturn's Earth.

The sign of the enclosed sun-cross centre)," and "the source of light, as the source of the original Oneness (symbolized by the *fons vitae* . . ." [571](#)

But if one myth identifies the arms of the sun-cross  as four paradisaal rivers, there are other interpretations of the cross as well, for this primal image produced a wide-ranging and coherent symbolism, as I shall now attempt to show.

The Crossroads

From Saturn, the central sun, flowed four primary paths of light. In the myths these appear as four rivers, four winds, four streams of arrows, or four children, assistants, or light-spirits bearing the Saturnian seed (the life elements) through the four quarters of the celestial kingdom.

[565](#) Budge, *From Fetish to God in Ancient Egypt*, 173.

[566](#) Albright, "The Goddess of Life and Wisdom" 261.



[567](#) Gaster, *op. cit.*, 27.

[568](#) *Encyclopedia of Religion and Ethics*, Vol. II, 706.

[569](#) Gaster, *op. cit.*, 27.


[570](#) Brown, *op. cit.*, 46.

[571](#) *A Dictionary of Symbols*, 127. [Emphasis added.] The mystic idea "is confirmed and reinforced when it is portrayed in architectural plans: whether in the cloister, the garden or the patio, the fountain occupies the centre position, at least in the majority of architectural works built during periods within the symbolist tradition, as in Romanesque or Gothic edifices. Furthermore, the four rivers of Paradise are denoted by four paths which radiate out from the region of the cloister towards a clear space, circular or octagonal in shape, which forms the basin of the fountain." *Ibid.*, 113.

The sun-cross  and enclosed sun-cross , depicting the four life-bearing streams, thus serve as universal signs of the Holy Land.

The modern world is accustomed to think of “the four quarters” in terrestrial terms. Today we conceive north, east, west, and south only in relationship to our own position or to a fixed geographical reference point. Chicago is “west” of New York and “east” of Omaha, and to the modern mind the “four corners of the world” only serves as a vague metaphor for “the entire globe.”

To the ancients, however, “the Four Corners of the World” possessed explicit meaning; originally, the phrase referred not to geography but to *cosmography*, the “map” of the celestial kingdom, laid out in the polar heaven. One of the few scholars to recognize this quality of the mythical “four corners” was O’Neill: “It results from any full study of the myths, symbolism, and nomenclature of the Four Quarters that these directions were viewed in the strict orthodoxy of heavens-mythology, not as the NSEW of every spot whatever, but four heavens-divisions spread out around the pole.” [572](#)

The sun-cross , as the symbol of the four quarters, belongs to the *central* sun. In sacred cosmography the central position of the sun-god becomes the “fifth” direction. To understand such language, it is convenient to think of the mythical “directions” (or arms of the cross) as *motions* or *flows of energy*. From the great god the elements of life flow in four directions. The god himself, who embodies all the elements, is “firm,” “steadfast,” or “resting”; his *fifth motion* is that of rotation while standing in one place.

The directions can also be conceived as *regions*: the central (fifth) region and the four quarters spaced around it.

This is why the Pythagoreans regarded the number five as a representative of the fixed world axis. [573](#) The Pythagorean idea clearly corresponds with the older Hindu symbolism of the directions. In addition to the standard four directions, Hindu doctrine knows a fifth, called the “fixed direction,” the polar centre. [574](#)

In China, too, the pole is the immovable fifth direction, the “central palace” around which the cardinal points are spaced. [575](#) And in Mexico, Nahuatl symbolism asserts that “five is the number of the centre.” [576](#)

In the “ideal” kingdom of heaven the Universal Monarch stands at the centre, and all the elements of life—fire, water, air, and seed—flow from the god-king in four brilliant streams. Often interpreted as four sons of the creator, the streams mark out the four quarters of the cosmic isle, or “earth.”

Let us consider first the Egyptian symbolism of the directional streams. According to the Egyptian creation texts, the great god, standing alone, brought forth as his own “speech” the primeval matter—or sea of “words”—which congealed into an enclosure. The Egyptians associate this pouring out of the seed or life elements with four luminous streams flowing from the central sun. The four emanations are the four “sons” of Atum or the Four Sons of Horus, each identified with a quarter of the heavenly kingdom. [577](#) Importantly, the Egyptians term these paths of light the “Four Khu”: they are the “words of power”—streams of creative “speech” coursing through the four divisions of organized space.

[572](#) O’Neill, *op. cit.*, 184.

[573](#) Delatte, *Etudes sur la Littérature Pythagoricienne*, 153-54.

[574](#) *Rig Veda*, IX. 74.6; IX. 113.8.

[575](#) De Saussure, *Les Origines de l’Astronomie Chinoise*, 159-60, 230.

[576](#) Dejourne, *Burning Water*, 72.



[577](#) Budge, *op. cit.*, 226; W.M. Muller, *Egyptian Mythology*, 46, 95, 112.


o *Pirâmide Textos* chame-os de "os quatro ventos fortes que estão ao seu redor". [578](#) Os Quatro Filhos de Horus "enviam os quatro ventos". Em uma fonte, os quatro ventos saem da boca de Amen. [579](#) No *Livro dos mortos* eles são "as quatro chamas ardentes que são feitas para [ou como] o Khu [palavras de poder]," [580](#) enquanto o *Textos de caixão* invoque-os como os "quatro deuses que são poderosos e fortes, que trazem a água". [581](#)





Os egípcios também interpretaram os quatro caminhos de luz como "flechas" lançadas pelo criador em direção aos quatro quadrantes. (Em hieróglifos, a flecha significa "haste de luz".) Era uma prática antiga do rei egípcio, ao assumir o trono, lançar uma flecha, em cada uma das quatro direções, [582](#) reencenando assim a criação ou organização do reino celestial. A flecha é *Sentou*, que significa "atirar", mas também "derramar"; pois as quatro flechas lançadas pelo rei significavam as águas da vida originalmente "derramadas" pelo criador, a quem o rei personificou. *Sentou* também significa "semear" ou "espalhar sementes no exterior"; ou seja, as quatro correntes transportaram para os quatro cantos a semente criativa da abundância. [583](#) Ao lançar as quatro flechas, o rei local proclamou-se o Monarca Universal e santificou *dele* reino como uma duplicação da morada primitiva.


No Egito, a cruz - como símbolo das quatro correntes direcionais - possui dois significados importantes. o

Formato  , *un*, significa "vir à vida", pois as correntes direcionais brilhavam com o nascimento diário do

sol central (*ie*, com a configuração do orbe solar). Na forma  (ou ), *ami*, a cruz significa "estar em" ou

"Ser fechado por" - em referência ao espaço unificado *anexo* dentro do útero da deusa mãe .

Quando certos egiptólogos encontraram pela primeira vez o símbolo da deusa Nut, símbolo do Escudo cósmico,  , *positivo e negativo*  , *placido*  , *placido*  . [584](#) Essa conclusão ganharia pouco crédito entre os egiptólogos modernos, mas está muito mais perto da verdade do que as explicações suaves atualmente em moda. As quatro correntes de vida, emanando do criador, percorreram o ventre de Nut, a Terra Santa. Assim, o falecido implora à deusa: "Dá-me a água e o vento que estão em ti." [585](#)

Outro símbolo da "morada sagrada" é o sinal  [586](#) mostrando uma cruz de flechas sobreposta a um

escudo. O glifo é precisamente equivalente ao símbolo de Nut  , para Nut, a Grande Protetora, era a escudo cósmico, e as quatro correntes de vida, encerradas no ventre de Nut, eram as mesmas que os raios ou flechas de luz lançados em direção aos quatro cantos.

[578](#) *Texto Pirâmide* 497.

[579](#) Gaster, *op. cit.*, 5

[580](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 414.

[581](#) Faulkner, *Os textos do caixão*, 1. Frequentemente, os egípcios representavam os quatro riachos por quatro vasos ou "quatro crocodilos". (O crocodilo é um símbolo egípcio de água corrente.) Renouf, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 78. Os quatro crocodilos "vivem pelas Palavras de Poder" - isto é, eles ganham vida por meio de, ou como, a fala fluente do criador. Ao alcançar o reino celestial, o rei falecido implora aos crocodilos (rios): "Não deixe que a tua água de fogo seja infligida sobre mim." *Ibid.*, 79. Como figuras das quatro correntes vitais, os crocodilos foram identificados com os quatro quadrantes do Cosmos. *Ibid.*, 97

[582](#) Campbell, *Mitologia Oriental*, 78

[583](#) Mudar, *Os Deuses dos Egípcios*, Vol. II, 55.

[584](#) WT Warren, *op. cit.*, 179.

[585](#) Renouf, *op. cit.*, 113

[586](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 452.

A terra dos quatro rios foi aquela que o criador reuniu do mar de palavras, sua
emanação. O símbolo hieroglífico para "coletar, reunir" e para "a terra unificada" é



representando o recinto primitivo (*shen*) dividido em quartos por uma cruz de dois manguals. Que o sinal do mangual na língua egípcia, seja, lido Khu, iguala a cruz-mangual com as quatro correntes da vida (*khu*, "Palavras de poder") irradiando do sol central.

Em outras palavras, existe um nível de simbolismo egípcio que os especialistas ainda precisam penetrar. Os tratamentos padrão da Terra Santa egípcia dizem pouco ou nada sobre os fluxos direcionais, embora esses poderes sejam vitais para o simbolismo como um todo. E pode-se ter certeza de que os caminhos da luz e da vida nada têm a ver com os mal definidos "quatro quartos" da nossa terra, onde estão convencionalmente localizados. Os quatro ventos, ou quatro rios, ou quatro caminhos, ou quatro feixes de luz (setas) pertenciam ao *perdido* aterrissou no céu, e somente por meio da assimilação simbólica a esta morada cósmica a habitação terrestre compartilhou da imagem.

Uma comparação do simbolismo da cruz egípcia com o de outras terras revela vários paralelos. O mais velho

A imagem mesopotâmica da divindade era a cruz do sol



, símbolo do criador An, o planeta Saturno. Um gosto
suas contrapartes ao redor do mundo, "geraram e geraram o vento quádruplo" dentro do ventre de Tiamat, o mar cósmico. [587](#)

Os adoradores do culto de Ninurta (Saturno) também representavam seu deus pela cruz. Portanto, os ideogramas cuneiformes para o quádruplo *saru*, "Vento" e para *mehu*, "Tempestade de vento" - ambos pertencem a Saturno - toma a forma de uma cruz (figs. [22](#), [23](#)) O Saturno babilônico inaugura o dia, "surgindo em esplendor", e esse surgimento de Saturno significa o surgimento dos quatro ventos (como no Egito), para o acadiano *umum* denota "dia" e "vento", assim como os signos sumérios UD e UG, ambos usados para "dia", ocorrem também no sentido de "vento". [588](#) (A antiga expressão hebraica "até o dia soprar" transmite a mesma identidade.)



Figura 22. Babilônico *saru*, "vento."

[587](#) Pritchard, *Textos Antigos do Oriente Próximo Relacionados ao Velho Testamento*, 62

[588](#) Hildegard e Julius Lewy, "A Origem da Semana e o Calendário Asiático Ocidental Mais Antigo," 5.

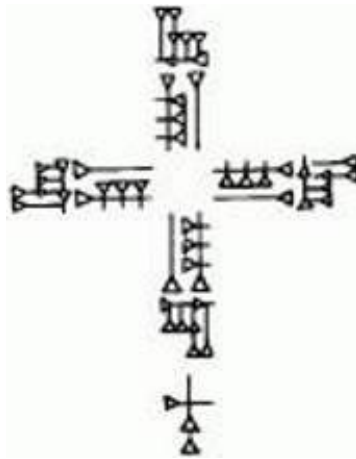


Figura 23. Ideograma para *mehu*, ou "tempestade de vento".

Os quatro ventos de Saturno marcam os quadrantes ou direções do Cosmos, o reino de Saturno. Textos cosmológicos falam do "vento furioso. . . comandando o *instruções*": 589 o sumério *Eu estou* e acadiano *saru*, "Vento" também significa "região (ou quarto) do céu". 590

Como no Egito, os quatro ventos da Mesopotâmia coincidem com os quatro rios da vida. Em vez do sinal simples



, algumas imagens mostram quatro fluxos de *água* irradiando do sol central (FIG. 24) 591 A figura mesopotâmica mais conhecida desses riachos é a famosa "roda do sol" de Shamash (um deus também identificado como Saturno). Retratados são quatro raios de luz e quatro rios fluindo do deus central para a borda da roda (FIG. 15)



Figura 24. (a) Símbolo dos quatro rios micênicos;

589 *Ibid.* [Ênfase adicionada.]

590 Tallquist, "Himmelsgegende und Winde," 106.

591 Jeremias, *Handbuch der Altorientalischen Geisteskultur*, 252.

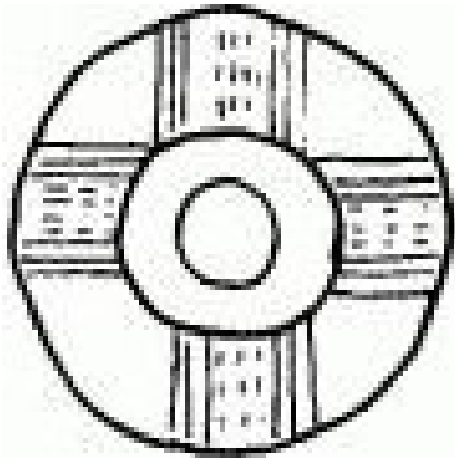



Figura 24. (b) Símbolo de quatro rios, Troy;




Figura 24. (c) Imagem da Babilônia apresentando os braços da cruz do sol como quatro rios.

Hrozny sugere provisoriamente que a cruz de Shamash era um sinal de "assentamento". ⁵⁹² Com esta sugestão, somos obrigados a concordar, pois os primeiros assentamentos, organizados para um propósito ritual, imitavam a morada celestial. Cada território sagrado tornou-se "a terra dos quatro rios" e cada governante "o rei dos quatro quadrantes".

Limitações geográficas não impediram os sacerdotes assiro-babilônicos de assimilar o mapa de *seus* aterrissar no círculo dividido do *primitivo* reino. Assim, um texto reproduzido por Virolleaud localiza a terra de

Akkad, Elam, Subartu e Amurru dentro do recinto quádruplo do sol Jeremias, "tem seu  .⁵⁹³ "Cada terra", afirma 'paraíso', que corresponde ao paraíso cósmico". ⁵⁹⁴

A terra da cruz do sol  estava dentro do círculo primitivo, e este fato irá explicar por que o babilônio

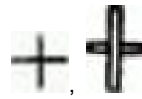
sinal dos quatro *Kibrati* ou "quartéis mundiais" (*ie*, ) também denotou "o interior" ou "o espaço fechado". ⁵⁹⁵

⁵⁹² O'Neill, *op. cit.*, 184

⁵⁹³ Jeremias, *op. cit.*, 12

⁵⁹⁴ *Ibid.*, 13

⁵⁹⁵ Jensen, *Die Kosmologie der Babylonier*, 167-69.



A terminologia oferece um paralelo fascinante ao egípcio *ami* (Morar na terra dos quatro rios é ocupar o recinto de Saturno. [596](#)), "Estar em", "ser incluído por."

As mesmas interpretações sobrepostas das quatro correntes ocorrem no simbolismo hindu. Aqui, a cruz e o círculo, de acordo com um observador, representam "a morada tradicional de seus ancestrais primitivos. . . E vamos perguntar que melhor imagem ou caracteres mais significativos no complicado alfabeto do simbolismo poderiam ter sido selecionados para o propósito do que um círculo e uma cruz - aquele para denotar uma região de pureza absoluta e felicidade perpétua, o outro, aquelas quatro correntes perenes que dividiu e regou seus vários quartos." [597](#)

A Terra Santa hindu está dentro da roda do mundo, girada pelo sol estacionário no centro. Os raios da roda, que delimitam os quatro quartos, "têm seu fundamento no único centro que é Surya [o sol]", nota Agrawala. [598](#)



No ritual do *Satapatha Brahmana* os raios da roda tornam-se "flechas" lançadas nas quatro direções e levando os elementos da vida para os quatro cantos. As flechas enviadas em uma direção "são fogo", as de outra "são as águas", as de outra "são o vento" e as de outra "são as ervas". [599](#) o

Paippalada ou da *Caxemira Artharva Veda* denomina o último fluxo de flechas de "comida". A ideia parece ser a de abundância ou "fartura" irradiando do coração do Cosmos (e, portanto, respondendo às quatro flechas egípcias [*Sentou*] transmitindo a semente da abundância aos limites extremos do reino). Os hindus simbolizaram esses raios de luz incendiando os raios da roda sagrada. [600](#)



Figura 25. Cruz hindu.

Uma imagem pictórica dos quatro riachos ocorre em antigas moedas hindus, representando os braços da cruz do sol como setas direcionadas para os quatro cantos ([FIG. 25](#))

Cada antigo assentamento indiano refletia o mapa primordial do Cosmos, seu domínio unificado encontrando-se dentro do círculo sagrado e suas quatro ruas primárias respondendo à encruzilhada celestial. A organização do assentamento

[596](#) *Ibid.*, 472. Os feixes de luz de Saturno iluminam "o interior do Apsu (mar cósmico)". Como no Egito, os raios de luz explosivos foram interpretados como quatro fluxos de "fala" irradiando para os quatro cantos. Os "quatro ventos" e "quatro direções mundiais", segundo Jeremias, correspondem ao criador. *Op. cit.*, 148

[597](#) Citado em WT Warren, *op. cit.*, 179-80.

[598](#) *O discurso das mil sílabas*, Vol. I, 158.

[599](#) Whitney, *Atharva Veda*, III.iii.

[600](#) Eggeling, *Satapatha Brahmana*, III, 5.3.14-16.

reencenou a criação. Conforme observado por W. Muller, a cidade sagrada hindu “duplica o Cosmos em madeira, tijolo e pedra: seus machados [norte-sul; leste-oeste] demarcar os quatro quadrantes do universo.” [601](#)

Muller encontra o mesmo conceito de reino dividido no Ceilão, Birmânia, Camboja, Tailândia e Vietnã. Cada habitação sagrada aparece como “a cidade celestial do rei” e cada governante como o rei da roda. “Estado e nação representam um universo dividido [Cosmos]”, escreve Muller. Cada imagem do sagrado “assentamento” reflete a imagem do “mundo” - o círculo e a cruz. [602](#)

Na China, o imperador fica simbolicamente no pólo, enquanto ao seu redor estão os poderes dos pontos cardeais. [603](#) O centro cósmico é *ch'ien*, a partir da qual, para usar a fraseologia de Jung, “as quatro emanações saem, como as forças celestiais que se estendem pelo espaço.” [604](#) No *ch'ien*, o centro, os quatro *ela* ou bairros mundiais convergem. [605](#)



A organização celestial ideal encontra expressão no antigo hieróglifo chinês de C. Hentze, denota o *contree sub Orsana*, de assentamento em torno de um centro. [606](#) Não é este mais uma vez o “lugar” primitivo sustentado pelo fluxo externo de “vida” (ou “flechas”) do deus central?

L'Orange, em seus estudos de simbolismo cósmico no Oriente Próximo, observa que as grandes cidades residenciais de Ekbatana, Darabjird e Firuzabad foram modeladas conforme a roda do Cosmos, com o rei aparecendo na interseção da encruzilhada. “Parede e fossa são traçados matematicamente com a bússola, como uma imagem do céu, uma projeção do hemisfério superior da terra. As duas ruas centrais, uma indo de norte a sul e a outra de leste a oeste, dividem a cidade em quatro quadrantes que refletem os quatro quadrantes do mundo. Bem no ponto de intersecção, no próprio eixo da roda do mundo, o palácio está situado, aqui está o rei, 'O Eixo e Pólo do Mundo,' 'O Rei dos quatro Quadrantes do Mundo'. . .” [607](#)

A esta cidade da roda corresponde também a imagem de Jerusalém e da Palestina. A cidade terrestre e sagrada



Terrenos, em mais de um mapa medieval, aparecem na forma ideal de um círculo dividido , pois tal era o imagem do paraíso do Éden, com seus quatro fluxos direcionais. E é por isso que Salomão e Ezequias, na construção de obras para a distribuição das águas de Jerusalém, procuraram imitar os quatro rios do paraíso - até o ponto de nomear um rio Giom (um rio do Éden) e declarar que debaixo do templo esses riachos fluíam por todo o mundo. [608](#)

Os antigos etruscos, seguidos pelos romanos, olharam para a mesma imagem do Cosmos quádruplo ao traçar o plano da cidade sagrada. Os topógrafos, de acordo com W. Muller, procuraram mapear a “imagem terrestre de um protótipo celestial” e sua divisão da terra em quatro regiões - o *Roma quadrata* - “reflete um poderoso modelo cosmológico: a terra esquartejada da imagem romana do mundo”. [609](#)

[601](#) *Die Heilige Stadt*, 124

[602](#) *Ibid.*, 145 ff.

[603](#) De Saussure, *op. cit.*, 160, 230.

[604](#) Jung, *Simbolismo da Mandala*, 74

[605](#) Schlegel, *L'Uranographie Chinoise*, 146

[606](#) “Cosmogonie du Monde Dresse Debout et du Monde Renversé”, 109.

[607](#) L'Orange, *Estudos em Iconografia da Realeza Cósmica*, 13; veja também W. Muller, *op. cit.*, 130 ff.

[608](#) WT Warren, *op. cit.*, 233.

[609](#) W. Muller, *Die Heilige Stadt*, 21

É certamente significativo que todas as características principais da cruz do sol revisados acima ocorrem também nas Américas. Frequentemente, os paralelos são impressionantes. Os índios Omaha, por exemplo, invocam o "Idoso":



e a cruz do sol fechada



. . . *sentado com certeza* permanência e resistência, No centro onde convergiam os caminhos,

Lá, exposto à violência do quatro ventos,

voce se sentou,

Possuído com poder para receber súplicas,

Um idoso. . . 610



Para residir na interseção da encruzilhada celestial é "sentar" (descansar) no centro cósmico, a morada de "Permanência" e "resistência". Este "centro" é também o lugar onde os "quatro ventos" se encontram, pois os quatro ventos e caminhos celestiais são sinônimos.

Burland relata que o símbolo do deus mexicano Xiuhtecuhtli - o "Velho, Velho", o senhor do fogo central no mastro - era "uma cruz branca das Quatro Direções no fundo preto da noite". 611

O Inca Yupanqui, escreve Nuttall, "ergueu um templo em Cuzco ao Criador que, superior ao sol [orbe solar], poderia descansar e iluminar o mundo de um ponto". Este sol central foi representado por uma cruz. 612

Na verdade, a cruz do sol é um símbolo do deus primevo em todas as Américas - desde o Inca do Peru aos esquimós do Alasca. Sempre que o simbolismo do Novo Mundo pode ser examinado em detalhes suficientes, descobre-se que a cruz possuía o mesmo significado que no Velho Mundo.

As melhores autoridades nos dizem que o cruzado do sol nativo americano representa os "quatro ventos" - concebidos como visíveis, até mesmo fluxos violentos de vida e energia de um *central* ou *estacionário* Deus. (Ou seja, os ventos são exatamente o oposto das abstrações incongruentes às quais foram reduzidos por tantos mitólogos.) Os quatro ventos são o "sopro" do deus-sol (como no antigo Egito), carregando a semente de vida do centro aos quatro cantos. Assim, o maia *Ik* significa ao mesmo tempo "vento", "respiração" e "vida". Como os riachos egípcios de *Sentou* é "o causador da germinação". 613

No México, Quetzalcoatl, "deus dos quatro movimentos", era representado pela cruz do sol, e este símbolo explica seu título, "Senhor dos quatro ventos". De acordo com Nuttall, a cruz "tinha um significado mais profundo do que o imaginado, pois representa o fôlego que dá vida, levando consigo as sementes dos quatro elementos vitais, emanando do senhor central da vida, [e] espalhando-se pelos quatro quadrantes . . ." 614

Também notado por Nuttall é o uso da cruz no Copan, onde "está associada a uma figura em *repouso*, ocupando o *Meio*, e quatro lufadas de ar ou respiração, carregadas com sementes de vida, emanando disso." 615

Assim como os egípcios personificaram as quatro emanções como quatro "filhos" do deus central, os mexicanos também o fizeram. Do deus supremo Ometeotl emitiram os quatro Tezcatlipocas, "as forças primordiais que iriam gerar a história do mundo." Os quatro filhos correspondiam aos quatro quadrantes do mundo. 616

610 Alexandre, *op. cit.*, 19. [Ênfase adicionada.]

611 Burland, *Os Deuses do México*, 131

612 Nuttall, *Princípios Fundamentais da Civilização do Velho e do Novo Mundo*, 160-161.

613 J. Eric e S. Thompson, *História e Religião Maia*, 257.

614 *Op. cit.*, 223.

615 *Ibid.*, 280. [Ênfase adicionada.]

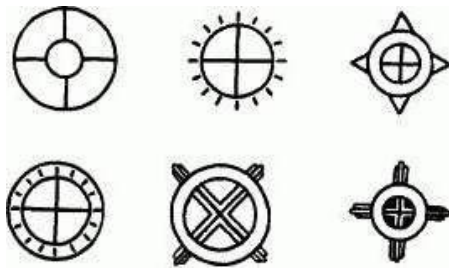


Figura 26. Variações do cruzado do sol fechado no vale do Mississippi.




Figura 27. Arapaho signo dos quatro ventos.

Os mesmos poderes - deus central e quatro emissões - foram representados pelos cinco Tlalocs, que, como os Bacabs e Chacs maias, "foram colocados em quatro pontos cardeais e no centro dos céus". 617 De sua morada no cume mundial, Tlaloc enviou as águas dos quatro quadrantes, muitas vezes simbolizadas (como no Egito e na Índia) por quatro vasos. Os deuses que transmitiram as águas aos quatro cantos eram iguais aos deuses dos quatro ventos. 618

Mas há um paralelo ainda mais notável com o simbolismo do Velho Mundo: as quatro correntes de luz e vida foram interpretadas como *Setas*; *flechas* cursando nas quatro direções. Na língua Nahuatl, a palavra *tonamitl* significa ao mesmo tempo um "raio ou coluna de luz" e "a seta brilhante". Segundo o cronista Ixtlilxochitl, era um costume nativo, ao consagrar um novo território, "atirar com a maior força quatro flechas na direção das quatro regiões do mundo." 619 Assim, os sacerdotes santificaram a terra como uma renovação do reino primitivo, de acordo com a prática egípcia antiga!

Consistente com a iconografia global do sol central, os índios americanos reverenciavam a cruz do sol



cruz do sol fechada  como emblemas do domínio unificado, a Terra Santa. Entre os mexicanos "a cruz e o círculo "é um" símbolo nativo para 'um estado integral' ", escreve Nuttall. Ilustrando esse simbolismo está a famosa roda do calendário mexicano, exibindo quatro raios principais e quatro secundários (ou "setas"), significando os quatro quartos e suas quatro subdivisões. Esta roda do tempo, afirma Nuttall, 620 retrata a habitação ideal, e o protótipo estava no céu, não na terra. A roda é "tão claramente uma imagem do céu noturno quanto de um

616 Léon-Portilla, "Mythology of Ancient Mexico", em Kramer, *Mitologias do Mundo Antigo*, 449-50.

617 Roys, *O Livro do Chilam Balam*, 67

618 Veja, por exemplo, J. Eric e S. Thompson, *op. cit.*, 270-71.

619 Nuttall, *op. cit.*, 255.

620 *Ibid.*, 198.

vasto estado territorial que uma vez existiu no vale do México e foi estabelecido como uma reprodução na terra da ordem harmoniosa e das leis fixas que aparentemente governavam os céus. ” [621](#)

Do centro da antiga cidade inca de Cuzco, quatro estradas irradiavam nas quatro direções. No cruzamento da encruzilhada repousava um vaso de ouro de onde fluía uma fonte. Assim, as quatro estradas imitaram os quatro caminhos ou riachos que transportam as águas da vida para os quatro quadrantes.


O maia *Livro de Chilam Balam* oferece o seguinte mapa do norte de Yucatan: [622](#)



Figura 28. Mapa cosmológico do norte de Yucatan.

Roys relata que este mapa - adaptando a geografia real ao ideal primordial - “é bastante típico em documentos maias”. [623](#) Aqui novamente está o *Roma quadrata*, a Jerusalém celestial, ou egípcia *Neter ta*, A terra santa.

O texto sagrado de Delaware chamado de *Walum Olum* registra a morada primitiva do Grande Espírito pelo

imagem  . Esta foi a pátria ancestral da nação, dizem eles. [624](#)

Um grupo de antropólogos, ao examinar o *Walum Olum*, relatou que os quatro pontos no círculo “indicam os quatro quartos da terra.” Por “terra” eles obviamente se referiam à paisagem terrestre. Mas se o círculo dividido se refere à nossa terra, [625](#) então o ponto interno certamente não é o sol, apesar da opinião firme dos mitologistas solares.

Nesse caso, os especialistas possuíam a resposta sem reconhecê-la. O próprio texto identifica o sinal com “o lugar onde o Grande Espírito ficou”. A esta declaração os comentaristas acrescentam: “Círculos concêntricos ou um círculo com um ponto no centro significa divino ou sagrado.” [626](#) Combinando as duas declarações obtém-se uma definição clara do sinal como “o lugar divino ou sagrado onde o Grande Espírito permaneceu”. Denotado é o quarto, primitivo terra, da qual a Terra Santa terrestre era apenas um símbolo.

Como exemplo final, observo que a cruz do sol e os riachos que dão vida são lembrados até mesmo no mito havaiano. Aqui, o criador Teave é o “Pai-Mãe” de quem “a vida correu para as quatro direções do

[621](#) *Ibid.*, 274.

[622](#) Roy, *op. cit.*, 125

[623](#) *Ibid.*, 125


[624](#) Indianapolis, Indiana Historical Society, *Walum Olum*, 11

[625](#) *Ibid.*, 11

[626](#) *Ibid.*

mundo." [627](#) Do centro cósmico e zênite, Teave organizou o "reino" celestial com seu " *cruz flamejante de luz branca brilhante*," "A primeira e principal Cruz de Deus ". [628](#) O "Senhor Primordial do Sol" (Teave) transmitiu os elementos da vida aos quatro cantos por intermédio de quatro deuses assistentes: ". . . O sangue da vida pulsava do infinito e corria para o norte, leste, sul, oeste, através dos Quatro Sagrados Corações de Deus, as divindades Tane, Tanaoroa, Tu, Rono." [629](#)

As tradições difundidas do reino primordial e das quatro correntes de vida refletem uma memória consistente. Em todos os continentes encontra-se a compulsão de organizar a pátria a partir de um original cósmico, definido pela

cruz do sol fechada  . O foco é o terreno primordial ocupado pelo grande pai - cuja casa é o "Terra" produzida na lenda da criação. Ao sobrepor o mapa da Terra de Saturno à paisagem local, os antigos consagraram seu território nativo como uma semelhança, ou uma renovação, da morada celestial.

O Deus de quatro olhos ou quatro faces

No antigo festival Heb-Sed egípcio, o rei ascende ao trono de Osiris, onde é divinizado como o sucessor do grande deus. Para certificar sua autoridade como Monarca Universal, ele lança quatro flechas em direção aos quatro cantos, então assume seu trono, voltando-se para os quatro pontos cardeais em sucessão. [630](#)

Enfrentando as quatro direções, o rei repete a façanha do grande deus; pois o Monarca Universal, ocupando o centro estável (ou quinta região), girava incessantemente, enviando seus raios de vida através das quatro divisões do espaço unificado.

O historiador clássico Diodorus nos diz que quando o nome Osiris é traduzido para o grego, significa "muitos olhos" - "e propriamente; pois ao derramar seus raios em todas as direções, ele examina com muitos olhos, por assim dizer, toda a terra e mar." A Osiris, Heródoto compara o grego Dionísio - um deus que, no *Hino Báquico*, brilha "como uma estrela, com um olho de fogo em cada raio". [631](#)

Enfrentando as quatro direções e enviando as quatro correntes direcionais, o Monarca Universal se torna o deus de quatro faces ou quatro olhos. "Homenagem a ti, ó tu que tens quatro faces", diz uma linha do

Pyramid Texts. [632](#) Osiris, como o Carneiro de Mendes, é o deus das "quatro faces em um pescoço". [633](#)

O hindu *Atharva Veda* fala das "quatro direções celestiais, tendo o vento como senhor, para as quais o sol olha". [634](#) Este, é claro, só pode ser o sol central, que é Brahma, um deus de *quatro faces*. Os mitos também atribuem quatro faces a Shiva. [635](#) O sol central Prajapati assume a forma do Vivvakarman de quatro olhos, quatro faces e quatro braços, o "criador". [636](#) Agni também enfrenta "em todas as direções", [637](#) assim como Krishna. [638](#)

[627](#) Melville, *Filhos do Arco-íris*, 18

[628](#) *Ibid.*, 18

[629](#) *Ibid.*, 40, 126, 140.

[630](#) Campbell, *op. cit.*, 78; Jung, *Aion*, 198.

[631](#) Heródoto, I.11.2-3.

[632](#) Citado em Budge, *Deuses*, Vol. I, 85.

[633](#) *Ibid.*, Vol. II, 65.

[634](#) Whitney, *Atharva Veda*, 52

[635](#) Keith, *Mitologia indiana*, 110

[636](#) *Ibid.*, 52

[637](#) *Ibid.*, 41

Os mitos chineses lembram um sábio de quatro olhos chamado Ts'ang Chieh, um lendário inventor da escrita (*ie*, o Monarca Universal). [639](#) O antigo deus grego Argos, no *Aigimios* de Hesíodo, olha “para cá e para lá com quatro olhos”. [640](#) Macróbio nos diz que o grande deus Jano às vezes era representado com quatro faces, em alusão aos quatro quadrantes do Cosmos. [641](#)

Entre os Tarahumara na América do Norte, a cruz representava o deus Hikuli, “o deus de quatro faces que vê todas as coisas”. [642](#) O “Senhor Central” do ritual mexicano, representado pela cruz, é “Aquele que olha nas quatro direções”. [643](#)

Não pode haver mais dúvida de que o deus de quatro olhos ou quatro faces é Saturno, pois o planeta-sol aparece no mito babilônico como Ea (Sumerian Enki) - um deus de *quatro olhos* que “vê todas as coisas”. [644](#) O El fenício - Saturno - tem quatro olhos, assim como o Orphic Kronos (Saturno). O imperador amarelo chinês Huang-ti - identificado como Saturno - também tem quatro olhos. [645](#) Os quatro olhos, ou quatro faces, tornam-se inteligíveis apenas em conexão com as cinco regiões - o centro polar e as quatro divisões ao seu redor.

A pedra fundamental

Residindo no centro imóvel do Cosmos, Saturno era a pedra ou rocha de fundação, o protótipo de

a pedra angular (situada onde os quatro cantos se encontram -



) Os quatro feixes de luz que irradiavam do



*A pedra de Saturno parecia sustentar a roda mundial em seu “ quatro cantos ”
riachos de rolamento são sinônimos de “ quatro pilares do mundo. ”*

, de modo que, em muitos mitos, a vida

Nas tradições místicas revisadas por Manly P. Hall (maçônica, hermética, cabalística, rosacruz, etc.), o planeta Saturno surge como o poder elementar da criação. O deus-planeta “sempre foi adorado sob o símbolo da base ou do pé, na medida em que era considerado a subestrutura que sustentava a criação”, afirma Hall. [646](#)

O escritor está, é claro, pensando em termos metafísicos, e quando fala de “criação”, sem dúvida quer dizer algo muito diferente da “criação” discutida nas seções anteriores. No entanto, seu resumo, quando despojado de metafísica e terminologia solar, transmite com precisão uma ideia milenar: “O *sistema solar* [leia-se: Cosmos] foi organizado por forças operando internamente a partir do grande anel da esfera de Saturno; e como o início de todas as coisas estava sob o controle de Saturno, a inferência mais razoável é que as primeiras formas de adoração foram dedicadas a ele em seu símbolo peculiar - a pedra. Assim, a natureza intrínseca de Saturno é sinônimo daquela rocha espiritual que é a base duradoura do *Templo solar* [leia: morada do sol central].” [647](#)

[638](#) Suhr, *A Máscara, o Unicórnio e o Messias*, 89

[639](#) Ferguson, *Mitologia chinesa*, 31

[640](#) Cozinhar, *Zeus: um estudo na religião antiga*, Vol. II, 379.

[641](#) Citado em Faber, *As origens da idolatria pagã*, Vol I, 166.

[642](#) Alexandre, *op. cit.*, 176-77.

[643](#) Perada, *Senhor dos Quatro Quartos*, 200

[644](#) Langdon, *Mitologia Semítica*, 69. A referência é a Marduk, que tem quatro olhos que “vêm todas as coisas assim como ele (Ea).”

[645](#) Derk Bodde, “Myths of Ancient China”, em Kramer, *Mitologias*, 374.

[646](#) *Um Esboço Enciclopédico da Filosofia Simbólica Maçônica, Hermética, Cabalística e Rosacruz*, cviii.


[647](#) *Ibid.*, ccviii. [ênfase adicionada.]

No simbolismo anterior da Pedra Fundamental, não há indício de associações solares, e a pedra não é uma "rocha espiritual [invisível]", mas a *centro brilhante* em torno do qual a terra criada, ou Cosmos, congelou.

Os egípcios conheciam a Pedra Fundamental como Benben. Frankfort escreve que "o primeiro pedaço de matéria sólida realmente criado por Atum no oceano primitivo. . . era uma pedra, o Benben; e se originou de uma gota da semente de Atum que caiu no oceano primitivo." [648](#) Mais precisamente, deve-se dizer que Atum *foi* a semente e a semente *foi* a pedra Benben - a primeira coisa a se estabilizar no centro cósmico. "Tu [Atum] brilhaste como Benben", relembra um *Texto da Pirâmide*, em conexão com as primeiras fases da criação. [649](#)

Atum, ou Re, é a "Grande Semente", e este aspecto do deus é transmitido pelo termo *ben* (de onde a palavra *Benben* foi produzido): *ben* significa "gerar". Mas a mesma palavra significa "dar a volta": o Benben é o firme *pedra-semente*, que, girando, movia a roda do Cosmos.


De Atum, o Benben, fluíram as quatro correntes de vida, demarcando os quatro quartos ou cantos da habitação cósmica. Portanto, é vital que *ben* significa "canto", enquanto o sinal hieroglífico para "canto" é


 [650](#) Uma vez que a pedra da fundação estava no *Centro*, o "canto" do *ben* não pode ter significado originalmente o canto de um edifício quadrado ou retangular - mesmo que as gerações posteriores viessem a concebê-lo como tal. Denotado é


um dos quatro "quartos" convergindo para *a pedra central*



. Este significado é sugerido por outro sinal -

 *apto*, significando "divisão da morada sagrada". O edifício sagrado é dividido em quatro quartos ou cantos

 definido pelos ângulos do *ben* . Também relevantes aqui são o sinal *ses* -, "para dividir" e o

sinal comum da "morada sagrada" - Pedra. , *noz*. Os "quatro cantos" encontram-se no Benben (Atum), a Fundação

"Vá até os riachos do Nilo [isto é, as águas celestiais] e lá você encontrará uma pedra que tem um espírito", afirmou uma velha fonte alquímica. [651](#) Claramente, a tradição se refere à Pedra Fundamental, a fonte central dos quatro riachos que irradiam vida para os habitantes do reino celestial.

Essa qualidade do sol central persiste nas imagens hebraicas e muçulmanas de Adão, o Homem do Céu. Os nassênios consideravam Adão a "rocha" e a "pedra angular". [652](#) Escreve Jung: "A pedra é de fato de suprema importância, porque cumpre a função de Adam Kadmon como a 'pedra capital', da qual todas as hostes superiores e inferiores na obra da criação são trazidas à existência." [653](#)

O teosófico *Zohar* declara: "O mundo não veio à existência até que Deus tomou uma certa pedra, que é chamada de pedra fundamental, e a lançou no abismo, de modo que se sustentou ali, e a partir dele o mundo foi plantado. Este é o ponto central do universo, e neste ponto está o Santo dos Santos." [654](#)

Patai resumiu a tradição: "No meio do Templo e constituindo o piso do Santo dos Santos, havia uma enorme rocha nativa que era adornada por lendas judaicas com todas as características peculiares de um Onfalo, Um Umbigo da Terra. Esta rocha, chamada em hebraico *Ebhen Shetiyah*, a Pedra da Fundação, foi o primeiro sólido [*ie*, estável, estacionária] criada e colocada por Deus em meio ao fluido ainda sem limites do primitivo

[648](#) *Reinado e os Deuses*, 153

[649](#) *Ibid.*

[650](#) Énel, *Les Origines de la Genèse et l'Enseignement des Temples de l'Ancienne Égypte*, 30

[651](#) Citado em Jung, *Alchemical Studies*.

[652](#) Jung, *Mysterium Coniunctionis*, 437.

[653](#) *Ibid.*, 446-47, citando Kabbala denudata I, Parte 1, 16.

[654](#) *Ibid.*, 447n, citando Zohar I, 231a.

águas. Diz a lenda que, assim como o corpo de um embrião é construído a partir do umbigo no útero de sua mãe, Deus construiu a terra concentricamente em torno dessa Pedra. ” 655

Não é este o mesmo relato registrado pelos egípcios, que dizem que Atum, a Pedra Fundamental masculina, veio descansar no centro cósmico, e que a "terra" ou "terra" criada - o útero da deusa-mãe - congelou em torno do deus central?

As tradições hebraica e muçulmana localizam a Pedra Fundamental no paraíso do Éden. O termo árabe para a pedra é *es-sakra* -"a rocha." Assim, a Mesquita de Omar - conhecida como *Kubbat es-Sakra*, "Cúpula da Rocha" - traz em sua fachada oeste a inscrição: "A Rocha do Templo - do Jardim do Éden." 656

As lendas dizem que a Pedra Fundamental esconde sob ela todas as águas e ventos do mundo: "Toda a água doce vem de baixo da Rocha Sagrada", observa Wensinck; "Depois disso, ele se espalha pela terra". Um texto muçulmano afirma que "todos os rios, nuvens, vapores e ventos vêm de baixo da Rocha Sagrada em Jerusalém". 657

Isso só pode significar que os quatro rios do Éden, que regam "toda a terra", têm sua origem na Pedra Fundamental ou sob ela.

Embora a pedra pertença ao centro, é, como o Benben egípcio, um *Pilar*, pois se lê em Isaías: "Portanto assim diz o Senhor Deus: Eis que estou em Sião [*ie*, Jerusalém] para a fundação de uma pedra, uma experimentada

pedra preciosa *canto* pedra, um alicerce seguro. ” 658 o *Centro* é a interseção do *quatro cantos*



O fato de a pedra fundamental estar na origem dos quatro caminhos direcionais é o tema consistente em todos os planos arquitetônicos antigos revisados por W. Muller - da Europa ao sudeste da Ásia. Quando o áugure romano assinalou as quatro direções da cidade sagrada, ele se sentou sobre uma pedra - que denotava o *Centro*, a intersecção dos eixos norte-sul e leste-oeste. 659 (Naturalmente, também se pensa no *lápiz niger* ou pedra negra do Fórum Romano, significando o centro do mundo.)

O mapa da Irlanda antiga mostra quatro províncias - Connaught, Ulster, Leinster e Munster - em torno do *central* província de Mide ("o meio"), onde estava situada a *Aill na-Mircann*, a "Pedra das Divisões". 660 Este padrão básico ocorre também no plano original de Nimwegen na Holanda: na intersecção das "quatro ruas do mundo" havia uma grande pedra azul. 661 Uma pedra semelhante ficava no centro simbólico de Leiden, de onde quatro ruas principais irradiavam em quatro direções. 662

No centro da sagrada habitação hindu, onde os caminhos direcionais se encontram, ficava a Pedra da Fundação, considerada o ponto fixo a partir do qual a criação começou. 663 Na Tailândia, a Pedra Fundamental do palácio real, situada na intersecção da encruzilhada, era a "pedra angular da terra". 664

655 Patai, *Homem e Templo*, 85

656 Vilnay, *Lendas de Jerusalém*, 17

657 Wensinck, *As Idéias dos Semitas Ocidentais Sobre o Umbigo da Terra*, 34

658 Isaías 28: 16. [Ênfase adicionada.]

659 W. Muller, *Die Heilige Stadt*, 38 ff.

660 *Ibid.*, 94

661 *Ibid.*, 198.

662 *Ibid.*, 198-99.

663 *Ibid.*, 198-99.

664 *Ibid.*, 145. Essas tradições iluminam a imagem de Édipo sentado em uma pedra onde os caminhos se dividem em muitas estradas. O'Neill, *op. cit.*, 393.

Nem se pode ignorar a identidade da Pedra Fundamental e do planeta Saturno. O pensamento árabe frequentemente identifica a Pedra Fundamental do Éden / Jerusalém com a pedra sagrada da Caaba em Meca. [665](#) (A tradição diz que o próprio Adão sentou-se sobre a pedra Ka'ba, e que "quarenta anos antes de Allah criar os céus e a terra, a Ka'ba era um ponto seco flutuando na água e a partir dela o mundo se espalhou." [666](#) É relatado que no período pré-islâmico, a estátua de um deus Hubal ficava dentro da Caaba, acima da abertura de um poço. O poço simbolizava a fonte central das águas do mundo, e *Hubal era o planeta Saturno*.

Na tradição reconstruída por Hildegard Lewy, a estátua de Hubal tinha o mesmo propósito que a pedra. Quando a pedra foi removida, "uma estátua do planeta Saturno [Hubal] serviu em seu lugar como o símbolo visível do deus planetário a quem a Caaba foi dedicada". [667](#)

Mas a pedra de Meca, como afirmado por vários relatos, simbolizava a própria rocha que os hebreus chamavam *Ebhen Shetiyah* —A Pedra da Fundação. [668](#) Os maometanos, escreve Lewy, "estavam totalmente cientes das funções da pedra sagrada de Meca e Jerusalém. A pedra sagrada de Jerusalém representava o mesmo deus [Saturno] que a Pedra Negra de Meca." [669](#)

A Pedra Fundamental é, portanto, um ingrediente indispensável no simbolismo das quatro correntes vitais. A pedra denota Saturno em seu caráter como o suporte constante do Cosmos giratório e a fonte dos elementos de vida radiantes.

Os Quatro Pilares do Céu

Há um aspecto das quatro correntes que parece desafiar a natureza e a razão: elas são chamadas de "pilares".

Os Quatro Filhos de Hórus egípcios aparecem como quatro suportes sustentando o ventre do céu (Nut). Mas a análise padrão dos quatro deuses-pilares, ao dispersá-los por indefiníveis "quatro cantos" de nossa terra, priva-os de seu aspecto concreto como *correntes de vida fluindo do sol central*. Quando o grande deus identifica os Quatro Filhos de Horus como os espíritos que "surgiram do meu corpo e que estarão comigo na forma de juizes eternos. . . , "É claro que os quatro poderes ocupam um *lugar particular*. [670](#) Assim, o

[665](#) "No dia da ressurreição, a Pedra Ka'ba, que está na sagrada Meca, irá para a Pedra Fundamental na sagrada Jerusalém, trazendo consigo os habitantes de Meca, e será unida à Pedra Fundamental." Vilnay, *op. cit.*, 17

[666](#) Wensinck, *Idéias dos semitas ocidentais a respeito do umbigo da terra*, 18. Como é bem sabido, a pedra da Ka'ba é negra ("a pedra negra"). Mas nem sempre foi assim, pois as lendas afirmam que antes de Adão deixar o Éden, ele era um jacinto branco. Este é, de fato, um tema que ocorre em outro lugar: a pedra branca (ou deus) perde seu brilho, tornando-se "preta". Embora pretenda revisar esse tema em um volume subsequente, é apropriado notar aqui que, em um mito muito difundido, Saturno, o sol primordial, passa a ser uma figura de morte e escuridão, um protótipo de Satanás. Saturno se torna o "planeta negro". ("Saturno é frequentemente chamado de planeta 'negro' ou 'escuro'", observa Hildegard Lewy, *Origem e significado do Mâgen Dâwîd*, 339.)

[667](#) Hildegard Lewy, *op. cit.*, 360

[668](#) *Ibid.*, 362.

[669](#) *Ibid.* O mito dos quatro rios fluindo da Pedra Fundamental e definindo os quatro quadrantes do mundo mostra-se o mais tenaz. O'Neill, por exemplo, cita o seguinte de uma velha revista, *The Post Angel*, que publicou uma seção chamada "Respostas para Correspondentes", em 1971:

"P. Por que a agulha na bússola marítima sempre vira para o Norte?"

"UMA. A opinião mais aceita é a de que existe sob nosso Pólo Norte uma enorme rocha negra, de onde o oceano emite 4 correntes responsáveis pelos 4 cantos da Terra ou 4 ventos: essa rocha se pensa ser uma pedra ímã, então que por uma espécie de afinidade atrai todas as pedras ou outros metais tocados por eles em sua direção." O'Neill, *op. cit.*, 129

Mesmo quando as imagens cósmicas se confundem com a geografia, as características centrais são as mesmas da versão egípcia expressa milhares de anos antes.

[670](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 497.

Pirâmide Textos localize Atum-Re em "o Lugar, colocar dos quatro pilares," 671 e este "lugar" é, sem dúvida, o útero de

Nut, a Santa Morada



. *As quatro correntes são concebidas como quatro pilares que irradiam do imóvel*

Pedra da Fundação para sustentar o Cosmos de Saturno em quatro pontos cardeais.

O hindu *Satapatha Brahmana*, ao estabelecer o ritual da roda do mundo, exalta o grande deus Vishnu com as palavras: "Ó Vishnu, com raios de luz tu seguraste firmemente a terra por todos os lados." 672 Os quatro

raios primários do sol central hindu estão implícitos na ~~palavra em inglês pilares, da mesma significação~~  de luz e um . (A conexão suporte fixo.)

Assim também os quatro ventos servem como pilares. O etíope *Livro de Enoch* diz: "Vi os tesouros de todos os ventos: vi como Ele havia fornecido com eles toda a criação e os alicerces firmes da terra. E eu vi o *Pilar* da terra: eu vi os quatro ventos. . . : estes são os pilares da terra." 673 Nas representações arquitetônicas dos quatro rios do Éden, eles também aparecem como pilares. 674 Os Bacabs maias, que personificam os quatro fluxos direcionais, são os *quatro suportes do céu*. Da mesma forma, no mito havaiano, os elementos da vida irradiam para os quatro cantos do céu por meio dos quatro espíritos, Tane, Rono, Tanaoroa e Tu - chamados de "os Quatro Homens *Pilares* da Criação." 675

Em nossa terra, ninguém jamais viu um feixe de luz, um vento ou um rio servindo de coluna, mas esta é a função extraordinária dos quatro caminhos de luz e vida fluindo do criador. Como porta-vozes do mundo

roda , os riachos pareciam se "separar em pilares" e firmar o cercado giratório.

Elaboraões simétricas de The Sun-Cross

No decorrer de muitos séculos, a cruz do sol freqüentemente adquiria associações complexas e simétricas, à medida que escolas de mito e teologia combinavam várias interpretações das quatro correntes em sistemas formais. Esses sistemas evoluídos freqüentemente identificam cada quarto do espaço sagrado com um elemento, cor, estação ou animal representativo.

Um dos primeiros exemplos dessa tendência é a atribuição de uma substância diferente a cada um dos quatro rios paradisíacos. Enquanto Marco Polo viajava para a corte de Kublai Khan, ele ouviu a lenda de um antigo governante chamado Sheik da Montanha. O sheik se destacou por possuir o jardim mais bonito do mundo, contendo as melhores frutas da terra. Pelo jardim passaram quatro condutos, um fluindo com vinho, um com leite, um com mel e um com água. O sheik declarou que seu jardim era o paraíso. 676

A literatura hindu descreve os quatro rios do paraíso fluindo respectivamente com leite, manteiga, mel e vinho. 677 Similarmente, Estrabão relata o relato de Cálamo de que a primeira raça de homens desfrutou de uma terra abençoada em que "grãos de todos os tipos abundavam tão abundantemente quanto o pó atualmente; e as fontes derramavam riachos, um pouco de água, um pouco de leite, um pouco de mel, outro de vinho e outro de óleo". 678

671 *Texto Pirâmide* 158. [ênfase adicionada.]

672 Eggeling, *op. cit.*, 5.3.14.

673 Livro de Enoque 18: 1-3. [ênfase adicionada.]

674 Cirlot, *op. cit.*, 18

675 Melville, *Filhos do Arco-íris*, 33. [Grifo nosso.]


676 Butterworth, *A árvore no umbigo da terra*, 53

677 Faber, *op. cit.*, Vol. II, 16.

678 *Ibid.*, 15

De maneira correspondente, cada rio recebe uma diferente *cor*. Os quatro rios do paraíso polar chinês Kwen-lun possuem uma característica notável: um é azul, outro é branco, outro é vermelho e outro é preto. [679](#) Cada um dos quatro rios hindus tem sua cor especial. [680](#) Os Kalmucks da Sibéria descrevem um mar primordial do qual quatro rios fluíram "em direção aos diferentes pontos da bússola", cada um saindo da boca de um animal diferente e identificado com cores diferentes: "O rio oriental contém areia prateada, a joia azul do sul areia, a areia vermelha do oeste e a areia dourada do norte." [681](#)

Ao desenvolver o simbolismo do reino terrestre, os antigos tomaram emprestado da imagem celestial, atribuindo uma cor, elemento ou estação diferente para cada "ponto cardeal" geográfico. Claro que

protótipo celestial, a cruz do sol , por si só não sugere qual direção terrestre deve ser associada com "fogo" e qual com "ar", ou se uma direção especial deve ser associada a "azul" e outra a "vermelho". Assim, parece não haver um padrão único de simbolismo de uma terra para outra.

Mas a tendência para essa formalização era universal. Tanto os mexicanos quanto os zunis identificaram as quatro direções com as respectivas cores e "elementos" (ar, água, fogo, terra), embora a relação específica fosse diferente, conforme indicado abaixo: [682](#)

	MEXICO	ZUNI
<i>North</i>	Red, Fire	Yellow, Air
<i>West</i>	Yellow, Earth	Blue, Water
<i>South</i>	Blue, Air	Red, Fire
<i>East</i>	Green, Water	White, Earth
<i>Center</i>	Many colors	All colors

Os maias, por outro lado, conectavam o leste com o vermelho, o norte com o branco, o oeste com o preto e o sul com o amarelo. Em toda a América do Norte, segundo Alexander, os deuses direcionais foram associados às respectivas cores, embora "não haja uniformidade na distribuição das cores pelas diversas regiões". [683](#)

O simbolismo budista mostra quatro raios irradiando das cabeças de Makasukha para os quatro cantos, cada raio associado a uma cor, [684](#) enquanto os chineses desenvolveram as seguintes associações das direções:

DIRECTION	COLOR	ELEMENT	SEASON
<i>North</i>	black	water	winter
<i>West</i>	white	metal	autumn
<i>South</i>	red	fire	summer
<i>East</i>	green	wood	spring
<i>Center</i>	yellow	earth	

Isoladas, essas conexões variadas nos dizem pouco, pois esses desenvolvimentos são em grande parte uma questão de inovação local. O que é importante para nossa análise é a unanimidade com que os antigos concebiam sua terra como quatro quartos ao redor de um centro, identificando os quartos com os elementos de vida primordiais que todas as tradições descrevem fluindo do sol central em riachos radiantes.

[679](#) O'Neill, *op. cit.*, 909.

[680](#) Lenormant, *op. cit.*, Vol. II, 19-21.

[681](#) Uno Holmberg, *Die Religiösen Vorstellungen*, 86-87; *Mitologia siberiana*, 358-59.

[682](#) Nuttall, *op. cit.*, 293.

[683](#) Alexandre, *op. cit.*, 287.

[684](#) Jung e Kerenyi, *Ensaio sobre uma ciência da mitologia*, 15

Além disso, há um aspecto do simbolismo elaborado dos quatro quadrantes que merece mais atenção - a saber, *a conexão do planeta Saturno com o centro em torno do qual os quatro "elementos" ou cores ou estações são variadas*. Nas associações específicas das direções chinesas indicadas *acima* não se reconhece nenhuma correspondência com uma "tradição geral". Por exemplo, a identificação chinesa do centro com o elemento "terra" ou com a cor amarela não coincide com nenhum padrão mundial. Certamente é significativo, no entanto, que na China o centro, o elemento "terra" e a cor amarela *todos pertencem exclusivamente ao planeta Saturno* - um fato surpreendente que concorda com a posição igualmente surpreendente de Saturno no pólo, o centro cósmico no pensamento chinês. ⁶⁸⁵ Saturno é Huang-ti, o *Amarelo Imperador*, sua residência o *Central* Palácio de onde irradiam as quatro direções.

Este personagem de Saturno prevalece no simbolismo chinês dos cinco planetas visíveis. Saturno é colocado no centro, enquanto Mercúrio, Vênus, Marte e Júpiter estão espaçados nos "quatro cantos" ao redor de Saturno. Nada nas órbitas atuais dos planetas sugeriria a localização de Saturno no centro deste sistema. Na verdade, como o planeta visível mais externo, Saturno parece o menos digno de tal distinção.

Mas originalmente Saturno era o sol polar, a fonte central das correntes direcionais, e era de se esperar que os outros quatro planetas, como as quatro estações, quatro cores ou quatro elementos, viessem a simbolizar os poderes dos quatro quartos, sua localização simbólica possivelmente sendo decidida pelo elemento com o qual cada planeta foi identificado. Quanto ao "centro", Saturno poderia ser a única escolha. O pedido foi:



Este sistema cosmológico recebe extenso tratamento por Leopold de Saussure. ⁶⁸⁶ Para os chineses, ele relata, Saturno correspondia ao centro sagrado, em torno do qual os pontos cardeais se distribuíam; o simbolismo do centro terrestre espelhava o simbolismo do pólo celeste. Os outros quatro planetas foram comparados com as quatro estações, elementos e cores, todo o sistema tendo sua origem no conceito das quatro divisões do céu, às quais o centro polar, o domínio de Saturno, foi adicionado como o "quinto".

O que é ainda mais extraordinário, a localização de Saturno no centro polar - com os quatro quartos dispersos ao redor dele - não era exclusiva da China. De Saussure encontra o mesmo sistema no Irã. A cosmologia iraniana conecta os cinco planetas com cinco regiões do espaço, o centro sendo fixado no pólo celeste. *Localizado no pólo estava Kevan, o planeta Saturno, duplicando precisamente a estação do Saturno chinês*. Aqui está o sistema:



⁶⁸⁵ De Saussure, *La Série Septénaire, Cosmologique et Planétaire*, 340.

⁶⁸⁶ *Ibid.*, 333-70; *Le Système Cosmologique Sino-Iranienne*, 235-97; *Origine Babylonienne de l'Astronomie Chinoise*, 5-18.

O leitor notará que as conexões direcionais dos quatro planetas periféricos não correspondem às conexões do sistema chinês. O que é vital é a estação central de Saturno como fonte das quatro emanações. “O planeta que os chineses consideram o símbolo do imperador [ie, Saturno] está associado, no Irã, ao Grande no Meio do Céu, ou seja, ao pólo celeste; leva o nome. . . de Kevan e é precisamente identificado pelos tradutores com Saturno.” [687](#)

Depois de revisar a surpreendente concordância dos simbolismos chinês e iraniano, de Saussure concluiu que o sistema iraniano deve ter sido emprestado dos chineses. Mais tarde, porém, após correspondência com o estudioso iraniano Junker, de Saussure mudou de opinião; pois Junker apontou que a mesma idéia - o centro polar cercado por quatro divisões celestes - prevalecia nos sistemas babilônico e hindu mais antigos. Portanto, concluiu de Saussure, “a divisão do universo em uma região central e quatro divisões periféricas [e] a assimilação do soberano terrestre ao pólo celeste. . . ocorre não apenas na cosmologia chinesa - que é particularmente racional, simétrica e bem preservada - mas também nas cosmologias babilônica, védica [hindu] e iraniana”. [688](#)

O mais surpreendente de tudo, no entanto, foi a descoberta de de Saussure e Junker de que, quando os princípios das cinco regiões são aplicados à enumeração mais antiga do sol, lua e planetas na Babilônia, Saturno adquire a estação central (polar). [689](#) “Na mais antiga série babilônica [de planetas] baseada no número cinco”, afirma de Saussure, “o planeta Saturno é colocado, como na China, no meio”. [690](#) O Saturno polar, presidindo a região central e rodeado pelos poderes dos quatro quadrantes, ocorre assim na astronomia formal mais antiga.

Para resumir: as imagens do reino dividido estão centradas no signo da cruz do sol Saturno enviando a semente da vida nas quatro direções. Antigos criadores de mitos interpretaram os fluxos radiantes como



, representando

quatro feixes de luz, quatro ventos, quatro rios, quatro caminhos de flechas ou quatro pilares do Cosmos



Mas as correntes que dividem o céu eventualmente passaram a um simbolismo expandido, relacionando cada direção a um elemento, estação, cor ou planeta. Em tais representações elaboradas e simétricas do reino esquartejado, reconhece-se a influência arbitrária da inovação. Mas a ideia raiz permanece consistente de uma terra para outra, e quando tal simbolismo está sujeito a escrutínio, Saturno assoma no centro cósmico - a "quinta região", o pólo imóvel em torno do qual os elementos direcionais, estações, planetas, etc. variou.

[687](#) De Saussure, *Le Système Cosmologique Sino-Iranienne*, 277.

[688](#) “ *Origine Babylonienne de l’Astronomie Chinoise*, 18

[689](#) *Ibid.*, 16-17.

[690](#) *La Série Septénaire*, 358.



VII: Templo, Coroa, Vaso, Olho e Serpente Circular

Uma tese principal deste livro é que a configuração saturniana provocou muitos símbolos diferentes, cuja relação subjacente com uma única forma cósmica muitas vezes passa despercebida.

Quando os antigos traçaram a cidade sagrada, eles procuraram estabelecer uma semelhança com a morada cósmica, um círculo ao redor de um centro fixo. E ao organizar os primeiros reinos, unificando territórios antes separados, os fundadores seguiram o mesmo plano celestial.

Havia apenas uma habitação do grande deus, mas esta habitação inspirou formas imitativas de *variando* escala e *variando* funções rituais. Na raiz, a casa do criador é simplesmente "o lugar", "a terra", "a morada sagrada" ou "o recinto". Somente com a construção de imitadores *ciudades* a residência do deus se torna "a cidade cósmica". E só após a organização das imitações terrestres *reinos* pode alguém significativamente denominar a morada celestial um "reino celestial".

O que a menor cidade e o maior império têm em comum é uma relação idêntica com o recinto de Saturno. Distinções de escala "aqui embaixo" não alteram o fato de que o *celestial* cidade e reino são absolutamente sinônimos.

Além das imagens da banda saturnina analisadas nas seções anteriores, várias outras requerem atenção.

O templo

Como a cidade e o reino antigos, o santuário terrestre copia a morada de Saturno. (Saturno, como temos visto, fundou o "primeiro" templo.) Embora o templo local tenha adquirido suas próprias funções e atributos especiais, o ritual não deixa dúvidas de que o *cósmico* "Casa", "santuário" e "câmara" significam a mesma coisa que a "cidade do céu".

Textos sumérios descrevem o cósmico *cidade* de Eridu como:

o casa construído em prata, adornado com lápis-lazúli. . .

O abismo [oceano cósmico],

a santuário da bondade de Enki, condizente com os decretos divinos,

Eridu, o puro casa tendo sido construído. 691

Por outro lado, o templo celestial é chamado de "cidade primitiva" (o próprio título de muitas cidades sumérias), e os hinos dizem do templo Kes:

Na verdade é uma cidade, na verdade é uma cidade, quem conhece o seu interior?

O templo de Kes é realmente uma cidade,

quem conhece seu interior? 692

Enki, o Sumério Saturno, ergue seu templo ou "casa do mar" como *o ato culminante da criação*:

691 Kramer, *Mitologia suméria*, 63. [Grifo nosso.]

692 Gragg, *O Hino do Templo Keš*, 170-71.

*Depois que a água da criação foi decretada, Após o nome
hegal (Abundância), nascido do céu,*

Como a planta e a erva revestiram a terra,

*O senhor do abismo, o Rei Enki, Enki, o senhor que
decreta os destinos, Construiu sua casa de prata e*

lápis-lazúli: Sua prata e lápis-lazúli, como luz cintilante.

O pai moldado apropriadamente no abismo. 693

Esta é a "casa famosa construída no seio [coração, centro] do mar Nether." 694 A morada cósmica se torna o "Bom templo construído em um bom lugar. . . flutuando no céu. . . o meio do céu." 695 Diz-se que "flutua como uma nuvem no meio do céu". 696

Ao construir a cópia terrestre do templo acima, afirma Jastrow, os babilônios se esforçaram para tornar o exterior e o interior "resplandecentes com cores brilhantes - 'brilhantes como o sol'". 697 O objetivo é claro: imbuir o templo local com um brilho compatível com o do protótipo. Simbolicamente, o templo local assume a radiância do celestial, tornando-se a "casa de luz", "casa do recinto brilhante" ou "parede elevada e brilhante"; "A casa de grande esplendor", "a bela casa", "a casa brilhante". 698

Para lidar com as imagens sumero-babilônicas em seus próprios termos, deve-se entender o templo cósmico não apenas como a casa do deus - mas mais. *O templo formado no abismo é o criado "terra."* O sumério Ekur, a casa de Enlil no mar cósmico Apsu, significa tanto "templo" quanto "terra" ("terra", "lugar"). 699

Gragg confirma a identidade do templo cósmico e da "terra" criada quando nota "as dimensões cósmicas do templo. Ele preenche o mundo inteiro." 700 Os sumérios celebravam o santuário do deus como o "lugar puro, *terra de An,*" (isso é, *Terra de Saturno*). 701

Ao longo das seções anteriores, afirmei que a morada de Saturno produziu o mito original do paraíso perdido. Que a casa do grande deus encerrou a terra cósmica de fertilidade e abundância é a declaração direta dos hinos do templo sumério. (Embora algumas das linhas nas citações a seguir estejam quebradas, não se pode deixar de discernir o tema consistente):

Casa, montanha, como ervas e plantas em floração linda

693 Kramer, *op. cit.*, 63

694 Combe, *Histoire du Culte de Sin*, 121

695 Gragg, *op. cit.*, 169

696 Sjöberg e Bergmann, *A coleção de hinos do templo sumério*, 13

697 *A Religião da Babilônia e da Assíria*, 632.

698 *Ibid.*, 641.

699 O mesmo significado atribuí ao Esharra babilônico, a morada que o criador mediu no mar cósmico. Jastrow chama Esharra de "uma designação poética da terra". *A Religião da Babilônia e da Assíria*, 431. Jensen relaciona o termo especialmente à terra como ela apareceu na criação. *Die Kosmologie der Babylonier*, 188 ff. O significado literal é "casa de plenitude" ou "casa de fertilidade".

700 *Op. cit.*, 158.

701 *Ibid.*, 23. [Ênfase adicionada.]

. . . seu interior é plenitude. 702

*O templo está construído; sua abundância é boa! O templo Kes é
construído; sua abundância é boa! 703*

*Casa com potes bem formados, montada sob o céu. . . (Cheio
de) a abundância do meio do mar. . .*

*Emah, a casa de Sara, o homem fiel tem ampliado para
você (Umma) em abundância. . . (Com) boa sorte está
se expandindo, (sua)*

. . . abundância e bem-estar. . . 704

*Casa . . . de seu meio (vem) abundância, Seu tesouro (é)
uma montanha de abundância. . . 705*

Seu interior é o lugar onde o sol nasce, dotado de abundância, de longo alcance. . . 706

Casa com os grandes eus de Kulaba. . . , (Está) .

. . fez o templo florescer,

Fruta fresca bem cultivada, maravilhosa, cheia de maturação,

Descendo do meio do céu. . . 707

Vê-se que o templo está no “meio” cósmico ou centro. De seu interior brilha o sol primitivo, abriga o florescente jardim celestial.

A câmara do grande deus, de acordo com os mitos da criação suméria, era aquela em que morava a geração original dos "homens" (*ie*, a companhia de deuses a quem todas as raças traçaram sua ancestralidade e da qual cada raça recebeu seu nome). A câmara era o protótipo do Éden, o local de nascimento ancestral.

No mito sumério do herói primordial Tagtug ocorre uma descrição viva da câmara do deus como um jardim celestial. Ocupando a casa da abundância estão os Anunnaki, os grandes companheiros do deus. E aqui nasceu a primeira geração da “Humanidade”:

A abundância da deusa dos rebanhos e da Deusa dos Grãos,

Os Anunnaki na "câmara sagrada"

Comeram e não foram preenchidos. . .

Os Anunnaki na "câmara sagrada"

Bebeu e não se encheu.

No parque sagrado, para seu benefício (do deus),

702 Sjöberg e Bergmann, *op. cit.*, Hino do Templo 39.

703 Gragg, *op. cit.*, 174.

704 *Ibid.*, Hino do Templo 25.

705 *Ibid.*, Hino do Templo 18.

706 *Ibid.*, Hino do Templo 15. [Ênfase adicionada.]

707 *Ibid.*, Hino 21 do Templo.

A humanidade com alma de vida surgiu.

Então Enki disse a Enlil:

“Padre Enlil, rebanhos e grãos

Na “câmara sagrada” foram abundantes.

Na “câmara sagrada” eles produzirão poderosamente. ”

Pelo encantamento de Enki e Enlil

Rebanhos e grãos na “câmara sagrada” produzidos.

Eles forneceram pasto para eles abundantemente, Para a deusa

do grão eles prepararam uma casa. . . 708

A floração do jardim celestial é um tema difundido que toquei [brevemente](#) na discussão anterior da criação egípcia e que pretendo explorar mais detalhadamente em um volume subsequente. É certamente digno de nota, no entanto, que a “câmara” do grande deus é o mesmo que o “parque sagrado” em que a “humanidade” foi gerada.

Se alguém ler as linhas acima à luz do simbolismo egípcio - que iguala a primeira geração de deuses (homens) com a "abundância" que irrompeu do criador - o mito sumério assume um significado maior do que poderia ser evidente. Imediatamente após a declaração, “A humanidade com alma de vida veio a existir”, Enki declara que “rebanhos e grãos na 'câmara sagrada' se tornaram abundantes”. *A geração primitiva era a mesma coisa que a abundância transbordante*, ambos se referindo aos detritos luminosos que irromperam do criador como "fala". Assim, os "rebanhos e grãos" do jardim celestial, de acordo com o texto sumério, são produzidos "pelo *encantamento [ie, discurso]* de Enki e Enlil "(duas figuras concorrentes do único criador). Que eu saiba, tais paralelos entre os relatos da criação egípcia e mesopotâmica nunca receberam atenção adequada por mitólogos comparativos.

A câmara em flor da criação suméria também encontra uma contrapartida em um mito da gênese havaiana, reproduzido por Leinani Melville:

O homem desceu do Santuário Sagrado de

O rei que criou os céus.

O Santuário do Rei do Céu que causou

aquele reino distante para florescer e florescer:

O reino consagrado de Teave, o mundo de Teave. 709

As fontes havaiana e suméria colocam a gênese da raça no santuário ou câmara do grande deus, comparada a um jardim florido. Assim como a câmara ou templo sumério corresponde à "terra", o santuário sagrado havaiano corresponde ao "Mundo de Teave".

O templo egípcio

Como na Mesopotâmia, fontes egípcias retratam o templo primevo como a morada visível do deus-sol:

Que eu brilhe como Re em seu esplendor divino no templo. 710

Homenagem a ti [Osiris Nu], Ó tu que estás dentro do santuário divino, que brilha com raios de luz e envia radiância diante de ti mesmo. 711

[708](#) Langdon, *Mitologia Semítica*, 190-91.

[709](#) Melville, *Filhos do Arco-íris*, 21

[710](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 638.

. . . *Todo deus deve. . . alegrar-se com a vida de Ptah quando ele faz sua aparição no grande templo do idoso que está em Annu.* 712

Tu és o governante de todos os deuses e tens alegria de coração dentro do santuário. 713

O santuário, a casa ou o templo do grande deus é a banda da “glória”, o interior de Aton”,
afirma um *Texto do caixão.* 714



: “Seu pavilhão é ampliado no

Quando os egípcios lançaram a fundação de um templo, eles consagraram o terreno fechado como "o território primitivo do domínio do deus-sol". 715 Cada templo tornou-se uma miniatura da habitação cósmica fundada na criação. Assim, os egípcios viam o templo de Edfu como “o verdadeiro descendente do templo mítico que foi criado no amanhecer deste mundo. . . , ”Reymond nos diz. 716 A base da fundação tornou-se “o Território Abençoado desde o tempo dos Primordiais. . . , o Sertão da Água Primitiva.” 717 Esta foi a Província do Princípio, “o Bem-aventurado *Terra natal.*” 718

Na cosmologia hebraica, relata Wensinck, “o santuário é o tipo e a representação do Cosmos e do Paraíso e, como tal, um poder diametralmente oposto ao Caos”. 719

Do próprio local do templo hebraico "o primeiro raio de luz emitiu e iluminou o mundo inteiro." Na verdade, o templo *foi* o "mundo inteiro", de acordo com um Midrash: "O templo corresponde a todo o mundo." 720 A tradição afirma que a luz primordial “não era idêntica à luz do sol, da lua e das estrelas”, mas iluminava o templo a partir de seu centro e irradiava pelas janelas. 721 O templo cósmico, em outras palavras, era a terra perdida do "amanhecer" ou primeiro "nascer do sol".

Templo e útero

Nada é mais básico para as imagens do templo do que sua identidade como útero cósmico. Neumann observa: “Assim como o templo é. . . um símbolo da Grande Deusa como casa e abrigo, então o portão do templo é a entrada para a deusa; é o seu útero, e os inúmeros ritos de entrada e limiar da humanidade são expressões deste lugar feminino numinoso.” 722 Em todo o Oriente Próximo, afirma Allegro, "o templo foi projetado com uma grande medida de uniformidade" e esta morada sagrada "agora é reconhecível como um microcosmo do útero". 723

711 *Ibid.*, 404.

712 *Ibid.*, 51

713 *Ibid.*, 17

714 Lacau, *Traduction des textes ses Cerueils du Moyen Empire*, 45

715 Reymond, *A Origem Mítica do Templo Egípcio*, 311.

716 *Ibid.*, 311.

717 *Ibid.*, 311.

718 *Ibid.*, 305. [ênfase adicionada.]

719 “As Idéias dos Semitas Ocidentais Sobre o Umbigo da Terra”, 15.

720 Patai, *Homem e Templo*, 116

721 *Ibid.*, 84-85.

722 *A Grande Mãe*, 159.

723 Allegro, *O Cogumelo Sagrado e a Cruz*, 25

Não em uma terra, mas em todos os segmentos do mundo, os textos sagrados confirmam essa identidade de templo e útero. O grande deus egípcio reside dentro do útero da deusa como em uma "casa" ou "câmara". A deusa Hathor é "a casa de Horus". [724](#) O nome de Ísis significa "câmara", "casa", "morada", etc., e os egípcios afirmavam que ela era a casa em que Hórus existia. [725](#) Nut é "a boa casa", [726](#) e Neith a "casa de Osiris", [727](#) enquanto o nome de Néftis significa "Senhora da Casa".

A identidade se destaca neste hino a Re: "Estou exaltado como o deus santo que habita no Grande Templo, e os deuses se regozijam quando me veem em minha beleza saindo do corpo [*khat*, "Ventre"] de Nut, quando minha mãe Nut me deu à luz." [728](#) Brilhar como o "sol" dentro do templo cósmico é surgir dentro do ventre de Nut, "a casa boa".

Entre os egípcios, observa Sethe, "casa" serviu de expressão poética para o útero. [729](#) Claramente, essa "expressão poética" originou-se como uma identidade radical no ritual. Assim como os títulos da deusa a denominam a "casa" ou "templo" do grande deus, o templo recebe o caráter da deusa. O templo de Ptah em Memphis é a "dona da vida", [730](#) e uma inscrição no templo funerário do rei Seti I afirma: "Eu sou o teu templo, tua mãe, para todo o sempre." [731](#) A Câmara Sagrada da qual Re brilha é, de acordo com Piankoff, "A Câmara Sagrada do Mundo Inferior [Tuat], o útero do nascimento divino." [732](#)

Em toda a Mesopotâmia, descobrimos as mesmas características do templo. Aqui, também, a "casa" cósmica aparece como o útero da gênese primitiva. Urukug é "o santuário que faz com que a semente brote", [733](#) enquanto o templo de Aruru é "o útero procriador de Emah" [734](#) e o templo de Lilzag "a casa da semente exaltada". [735](#)

O templo ou câmara da Mesopotâmia, portanto, dá origem ao deus. Tammuz, o filho varão, é "a prole da casa" [736](#) e Marduk, o "Filho da câmara sagrada". [737](#) No épico da criação babilônica, lemos:

*Na câmara do destino, a morada dos destinos,
Um deus foi gerado, o mais capaz e o mais sábio dos deuses. No
coração do Apsu foi criado Marduk. [738](#)*

[724](#) Bleeker, *Hathor e Thoth*, 25

[725](#) Mudar, *Osiris: a religião egípcia da ressurreição*, Vol.II, 272.

[726](#) Mudar, *Os Deuses dos Egípcios*, Vol. I, 462.

[727](#) Imposição, *Concepções religiosas da Idade da Pedra*, 117

[728](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 260

[729](#) Citado em Bleeker, *op. cit.*, 25

[730](#) Pritchard, ed., *Textos antigos do Oriente Próximo*, 5

[731](#) Frankfort, *Reinado e os Deuses*, 67

[732](#) *A Litania de Re*, 25n.

[733](#) Sjöberg e Bergmann, *op. cit.*, 32

[734](#) Langdon, *Textos Litúrgicos Sumérios*, 115

[735](#) *Ibid.*, 141

[736](#) Langdon, *Mitologia Semítica*, 347.

[737](#) *Ibid.*, 155

"Você levou minha semente para o útero, deu à luz a mim no santuário", declara o Rei Gudea à deusa Gatumdug. ⁷³⁹ Pode-se comparar o texto sumério: "Na grande casa ele me gerou". ⁷⁴⁰ Como no Egito, o portão de um santuário é concebido como a entrada para o útero da deusa. ⁷⁴¹ Portanto, Sargon projeta um dos portões de seu palácio *Belit ilani*, "Senhora dos deuses." ⁷⁴²

A coroa

Entre todas as raças antigas, a coroa, grinalda ou bandana significava autoridade religiosa e política. No entanto, essa função mundial da coroa não reflete nenhum fato evidente da natureza humana ou do mundo externo. Qual foi a fonte dos poderes numinosos da coroa?

Os símbolos da realeza têm sua origem no Monarca Universal, o ancestral dos reis e "fundador" do ritual da realeza. As lendas do grande deus dizem que, ao estabelecer seu reino, ele usava como coroa seu "círculo de glória" (halo, aura). Antes que os governantes egípcios usassem a Coroa Branca, a coroa do grande pai Osíris irradiava sua luz no centro cósmico: "Sua coroa fendeu o céu e combinou com as estrelas". ⁷⁴³ O sol primordial, relata Plínio, "estabeleceu a civilização e primeiro coroou triunfantemente o céu com seu círculo brilhante". ⁷⁴⁴ No ritual dos mandeístas, era o "Primeiro Homem" que usava como coroa o "círculo de esplendor, luz e glória". ⁷⁴⁵ Difícilmente se poderia cometer um erro maior do que supor, com tantos estudiosos modernos, que as coroas usadas pelos deuses são simplesmente projeções na ordem do céu das coroas usadas pelos reis terrestres. Divorciado da coroa do Monarca Universal, o cocar do rei local se torna um artefato sem sentido. Quaisquer que sejam os poderes que a coroa possa possuir, eles derivam do protótipo cósmico.

⁷³⁸ *Textos antigos do Oriente Próximo*, 62

⁷³⁹ Kramer, *O Rito do Casamento Sagrado*, 28

⁷⁴⁰ Langdon, *A Gramática Suméria*, 253.

⁷⁴¹ Imposição, *op. cit.*, 100

⁷⁴² Jastrow, *op. cit.*, 327. Sobre a deusa Belit-ekalla, "Belit do palácio", escreve Jastrow: "deve ser confessado que a força precisa da qualificação de 'Belit do palácio' nos escapa." *Ibid.*, 227. Para quem está ciente do significado fundamental da "casa" do deus, o título dificilmente pode representar um mistério.

A identidade de "útero" e "casa" ocorre em todas as partes do globo. Simplicus relata que a deusa síria Derceto ou Atargatis era a habitação dos deuses, assim como a doutrina órfica denominou Vesta a casa dos deuses. Faber, *As origens da idolatria pagã*, III, 49. The Hindu *Rig Veda* declara: "Eles o conduzem à cabana dos consagrados; a cabana dos consagrados." Keith, *Rigveda Brahmanas*, 108. O mesmo significado da casa sagrada prevalece na China, de acordo com Hentze, *Das Haus als Weltort der Seele*, 73

Os maias conheciam a deusa Ix Ahau Na, traduzida por Roys como "Dama do Palácio" - uma denominação exatamente equivalente ao babilônico "Belit do Palácio" e ao egípcio "Senhora da Casa" (Nephthys). Na língua maia, Na significa "mãe" e "casa". Veja J. Eric e S. Thompson, *História e Religião Maia*, 245.

Com essa compreensão do templo cósmico, pode-se apreciar melhor os sagrados ritos matrimoniais freqüentemente realizados em câmaras sagradas. O rei ou sumo sacerdote significava o deus, enquanto a rainha ou sacerdotisa representava a deusa e, portanto, o próprio templo, o receptáculo cósmico que abriga a semente da abundância. Simbolicamente, o templo era a esposa do rei, e a união do rei com a donzela do templo representava o casamento primordial.

"... É do templo", afirma Patai, "que as bênçãos da fertilidade brotam do mundo inteiro. ... Os templos de muitos povos antigos eram considerados a Câmara Nupcial em que os poderes divinos da fertilidade, o Deus Pai e a Deusa Mãe, celebravam sua grande festa anual de casamento com o objetivo de garantir a fecundidade da terra e a multiplicação do homem e fera." Patai, *op. cit.*, 88

⁷⁴³ Clark, *Mito e símbolo no antigo Egito*, 103

⁷⁴⁴ Citado em Brown, *Pesquisa as origens da constelação primitiva*, Vol. I, 32.

⁷⁴⁵ Drower, *A Coroação do Grande Šišlam*, 13

Fundamentalmente, a coroa é um *faixa de fechamento*. O componente mais importante da coroa egípcia era a faixa de ouro, enquanto o grande deus era "Mestre da Faixa de Cabeça". [746](#) A palavra suméria para coroa, *uku*, significa "ótima banda". [747](#) Nas etimologias clássicas revisadas por Onians, a "coroa" possui o significado concreto de um "círculo" ou "faixa" envolvendo um deus ou um homem. [748](#)

Quando os sacerdotes egípcios colocaram a faixa sagrada na cabeça do rei, considerando-o o regente do sol

deus Re, eles foram guiados pela imagem do próprio grande deus, cujo hieróglifo era



, mostrando o deus-sol no círculo de Aton. Assim, no ritual tebano, os deuses Hórus e Set dizem ao novo rei: "Eu te darei uma vida como a de Re, anos como os anos de Tem", e "Eu estabalecerei a coroa sobre tua cabeça *mesmo como o Aton na cabeça de Amen-Re.*" [749](#)

O grande deus não só *desgasta* a coroa da glória, *ele mora nele*. Ele "aparece na Coroa Branca" [750](#) ou "sai da Grande Coroa". [751](#) No *Livro dos mortos* encontra-se "o ser divino que habita na coroa nemmes". [752](#)

Mais especificamente, a coroa do deus é sua *cônjuge* - a deusa do ventre que emanou do deus, mas deu à luz a ele.

O Coroa Vermelha, O Inu [a coroa],

Ó Grande. . .

Ó Inu, tu vieste de mim; E eu saí de ti. [753](#)

Usar a coroa é residir no útero; ou, inversamente, nascer no útero é usar a coroa. [754](#) É neste sentido que se deve compreender o enunciado do *Textos de caixão* que o deus "nasce" na coroa ou que o rei é "o filho da coroa branca". [755](#) A mesma identificação de coroa e útero explica a afirmação de que Osíris brilhou pela primeira vez "totalmente coroado desde o ventre de sua mãe". [756](#) Não faz o

 placa retratar o deus "totalmente coroado" dentro do útero cósmico?

"Eu sou aquele que está cingido com seu cinto e que sai da deusa da coroa de Ureret." [757](#)

Esta declaração do *Livro dos mortos* concorda com inúmeras outras referências em textos egípcios, igualando a coroa com a deusa-mãe. No *Pirâmide Textos* lemos: "Eu conheço minha mãe, não esqueci minha

[746](#) Muller, *Mitologia egípcia*, 129

[747](#) Langdon, *Gramática Suméria*, 21

[748](#) *As origens do pensamento europeu*, 445, 450-460.

[749](#) Mudar, *Deuses*, Vol. II, 344. [Grifo nosso.]

[750](#) Piankoff, *Os Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 117

[751](#) Piankoff, *A errância da alma*, 22

[752](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 253.

[753](#) Citado em Frankfort, *op. cit.*, 108

[754](#) Lacau, *op. cit.*, 22

[755](#) Mudar, *Livro egípcio dos mortos*, 248.

[756](#) Clark, *op. cit.*, 177

[757](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 345.

mãe, a coroa branca. ” 758 Os mesmos textos dizem do rei: “tua mãe é a Grande Vaca Selvagem, que vive em Nekeb, a coroa branca, o cocar real”. 759 Assim, os egípcios estimavam a deusa Ísis como "a Coroa de Re-Horus" 760 e a deusa Tefnut como o "diadema de Re". 761

A identidade de deusa e coroa foi, de fato, totalmente reconhecida por Clark e Frankfort, entre outros. 762 No entanto, a explicação de Frankfort é a seguinte: “A deusa é simplesmente a personificação do poder da realeza. . . e, portanto, é imanente na coroa. ” 763 A declaração tacitamente assume que a coroa local veio primeiro (quem sabe por quê) e que a grande deusa, personificando um abstrato “poder da realeza”, veio a ser identificada com a coroa *simplesmente porque a coroa era um símbolo do poder real*.

Mas a relação entre a coroa e o útero equivale a uma identidade radical; ambos assumem seu caráter da mesma faixa visível. Ignorado por Frankfort está a equação explícita de *tanto a deusa quanto a coroa* com o círculo do Aton.

O fato de o deus morar na coroa significa que a coroa é a casa ou templo do deus - o que os egípcios chamam de "o templo da Coroa Branca". Falando do capacete da Suméria e do Egito, Levy observa que “em cada caso, ele guarda uma relação com os monumentos. Ela [a coroa] pode, de fato, ser considerada um pequeno santuário ”. 764 Mas qual foi a fonte dessa identidade inesperada? Os hinos do templo sumério invocam repetidamente o *cósmico* templo como a coroa do grande deus. O templo de Eqaududa é a "Coroa da planície" 765

e Sippar o "Santuário do céu, estrela do céu, *coroa*, suportado por Ningal. ” 766 O templo Kes torna-se o "Grande e verdadeiro templo, alcançando o céu, templo, *grande coroa*, alcançando o céu. . . ” 767

A mesma identidade prevalece em outros lugares. Hentze, observando que o mexicano Quetzalcoatl usa sua têmpera como uma coroa, relata que tal simbolismo permeia os primeiros bronzes chineses. Nota-se também a “casa mundial” usada como coroa pela famosa Diana de Éfeso. Como a morada sagrada de todos os grandes deuses, o último templo da coroa tem quatro portas voltadas para quatro direções. 768

Visto que o templo cósmico é a mesma coisa que a cidade cósmica, não devemos nos surpreender ao descobrir que a cidade também aparece como a coroa. No *Livro dos mortos* ocorre uma descrição de "Re quando no início ele se levantou na cidade de Suten-henen [Heracleópolis], coroado como um rei em sua ascensão." 769 A evidência sugere que a cidade (ou reino) em que Re primeiro brilhou era o próprio círculo de glória que ele usava como uma coroa - e

758 *Texto Pirâmide* 910.

759 *Texto Pirâmide* 729, citado em Frankfort, *op. cit.*, 174

760 Mudar, *Deuses*, Vol. II, 213.

761 Hassan, *Império Hymnes Religieux du Moyen*, 46

762 Frankfort, *op. cit.*, 107, 174; Clark, *op. cit.*, 219.

763 *Op. cit.*, 107

764 *Op. cit.*, 176

765 Sjöberg e Bergmann, *op. cit.*, 21

766 *Ibid.*, 45. [Grifo nosso.]

767 Gragg, *op. cit.*, 169. [ênfase adicionada.]

768 Hentze, *op. cit.*, 96.

769 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 93.

é por isso que, nos símbolos



e



, os egípcios combinaram o *Hetch*-coroa



e *tesoureiro*-coroa



com o símbolo da deusa Nut



, a "cidade" ou "terra santa". De acordo com esta identidade, o

O hino babilônico proclama: "Borsippa [a cidade cósmica] é a tua coroa". [770](#)

Freqüentemente, a coroa assume a forma de uma muralha. O exemplo mais famoso, talvez, seja a coroa de Tyche de Antioquia, que corresponde à muralha com torres da cidade. [771](#) Com relação à deusa da cidade-coroa, Suhr escreve: ". . . toda a muralha da cidade, em uma versão diminuta, foi colocada em sua cabeça, começando com Astarte e continuando com Afrodite dos tempos gregos e romanos". [772](#) No entanto, por que a coroa foi assimilada à muralha da cidade permanece inexplicada por pesquisadores modernos - e continuará a ser um quebra-cabeça até que os estudiosos reconheçam a forma concreta da deusa mãe, cidade e coroa como uma única faixa de luz em torno do grande deus.

O vaso

A imaginação mítica também expressou a faixa saturnina como um vaso ou receptáculo que abriga o deus-sol e suas águas da vida: todas as águas do mundo, segundo a crença antiga, se originaram no deus solitário.

Como um símbolo do receptáculo que tudo contém acima, o vaso redondo se tornou uma figura popular da deusa-mãe. ". . . A grande deusa como jarra de água divina é a dona das águas superiores." observa Neumann. [773](#)

G. Elliot Smith nota a estreita ligação da deusa-mãe com o vaso: "A ideia da Panela-Mãe é encontrada não apenas na Babilônia, Egito, Índia e no Mediterrâneo Oriental, mas onde quer que a influência dessas civilizações antigas se fez sentir. É comum entre os povos de língua celta. . . Tornou-se também o caldeirão de uma bruxa, a taça mágica, o Santo Graal, a fonte na qual uma criança renasce na fé, o vaso de água aqui sendo interpretado no sentido mais antigo como o útero ou o órgão do nascimento." [774](#)



Figura 29. A deusa Nut como o recipiente giratório da água.

O vaso, nos hieróglifos egípcios, denota a deusa celestial Nut e o princípio feminino em geral. [775](#) Uma interessante ilustração egípcia mostra Nut, carregando o vaso cósmico em sua cabeça e girando com velocidade suficiente para fazer com que gotas de água voem para fora (ver [FIG. 29](#))

[770](#) Sayce, *Palestras sobre a origem e crescimento da religião*, 81

[771](#) Langdon, *Mitologia Semítica*, 19-23.

[772](#) *A Afrodite Giratória*, 146

[773](#) *Op. cit.*, 127

[774](#) *A Evolução do Dragão*, 181.

[775](#) Neumann, *op. cit.*, 128

A deusa-mãe é o recipiente giratório de água no céu. Os selos cilíndricos Sumero-Babilônicos mostram as águas purificadoras do Apsu descendo de um vaso, considerado o útero materno. O vaso está no "céu de Anu", chamado de "o lugar do fluir das águas que abrem o útero". 776

O mesmo simbolismo do vaso prevalece na China, segundo Hentze (que relaciona o simbolismo do recipiente feminino a uma tradição global). 777 Os Zuni chamam o pote sagrado de "a Mãe", 778 enquanto um jarro peruano coberto com seios por todos os lados obviamente expressa o mesmo tema. 779

Assim faz o deus-sol *habitar no vaso*, renovando seu nascimento a cada "dia": "Eu saí de minha jarra de djenit e aparecerei pela manhã", diz um egípcio *Texto da pirâmide*. 780 (Lembro ao leitor que "dia" arcaico significa nossa "noite".) Ao mesmo simbolismo pertence o Vasishta hindu que "nasceu do jarro" 781 e é obviamente semelhante ao iraniano Fravashi Khumbya, "o filho do jarro". 782 A tradição muçulmana ecoa esse tema ao declarar que a alma de Maomé preexistia em um vaso de luz no mundo dos espíritos. 783 O alquimista chinês Wei Po-Yang diz: "O Verdadeiro Homem vivendo em um abismo profundo, flutua sobre o centro do recipiente redondo." 784 O vaso-mãe que abriga o filho varão aparece até no México (FIG. 31) 785

Entre os maias, escreve Nuttall, o vaso simbolizava "a essência divina da luz e da vida procedente do 'Coração do Céu'". 786 Eles designaram apropriadamente o vaso simbólico como o "umbigo ou centro", 787 uma caracterização que concorda com a interpretação de Neumann do vaso como o "centro do qual o universo se nutre". 788

O vaso denota, em outras palavras, a terra celestial, a terra original da abundância. Enquanto os sacerdotes egípcios de Ptah reivindicaram que a terra primitiva foi moldada por Ptah em sua roda de oleiro, os hinos também exaltam "o *cerâmica* que Ptah moldou" 789 em clara referência ao mesmo recinto primordial: o sujeito é o reino dos ancestrais, onde os mortos ressuscitados recebem "a água doce em um *jarra* que Ptah formou." 790

776 Albright, *A Foz dos Rios*, 173

777 *Op. cit.*

778 Nuttall, *Princípios Fundamentais da Civilização do Velho e do Novo Mundo*, 105

779 Neumann, *op. cit.*, 124

780 *Texto Pirâmide* 437.

781 Agrawala, *Faíscas do Fogo Védico*, 21

782 Darmesteter, *O Zend Avesta*, Parte II, 225.

783 O'Niell, *A Noite dos Deuses*, 923.

784 Jung, *Mysterium Coniunctionis*, 348.

785 Nuttall, *op. cit.*, 100

786 *Ibid.*, 284.

787 *Ibid.*, 96.

788 *Op. cit.*, 132

789 MS Holmberg, *O Deus Ptah*, 46. [Grifo nosso.]

790 *Ibid.*, 46. [Grifo nosso.]



Figura 30. A deusa-mãe como recipiente de água. Vaso de Tróia, quarto estrato.

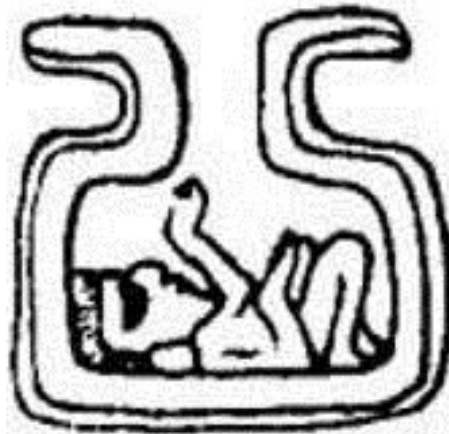


Figura 31. Filho do homem em um vaso. From Mexico, Vienna Codex.

Aqui está a declaração do "oleiro" no *Pirâmide Textos* (conforme traduzido por Faulkner): "Eu sou o seu oleiro na terra. . . Eu vim e trouxe para você esta mansão que eu construí para você naquela noite em que você nasceu, no dia em que nasceu; é uma jarra de cerveja (sic!)." ⁷⁹¹ Mais instrutivo é o "sic!" Entre parênteses de Faulkner seguindo a frase "jarra de cerveja" - como se para sugerir que o escriba sofreu um lapso de razão: o que uma jarra de cerveja poderia ter a ver com a "mansão" e "local de nascimento" do grande deus? Entre os egípcios, a cerveja simbolizava fertilidade e abundância fluindo do alto. O ritual "jarra de cerveja" era a terra primitiva - a morada que congelou ao redor do grande pai e (como o útero cósmico) "deu à luz" a ele. Os mesmos textos em que as linhas acima aparecem localizam o deus oleiro "nesta Ilha da Terra". Vaso, templo, terra e útero denotam o mesmo recinto celestial.

O olho

Um dos símbolos mais misteriosos que chegaram até nós é o Olho solitário e que tudo vê. No antigo Egito, onde as informações mais completas estão disponíveis, o símbolo permeia os monumentos e os textos sagrados de todos os períodos. "O olho é a chave da religião", afirma Clark. ⁷⁹² No entanto, nenhum signo arcaico foi menos

⁷⁹¹ *Pirâmide Textos* 1184-85. Em Numerosos ritos antigos revisados por Hentze - da China ao México e à Itália - os mortos, ou suas cinzas, eram colocados em vasos que tinham a forma de uma casa; e essas "urnas-casa", em cada culto, simbolizavam a "Mãe Terrestre". Artistas na China e no Peru retrataram a urna contendo uma criança ainda não nascida. O vaso abrigava o falecido como o útero, dando à luz (ou seja, renascendo) na terra dos começos. Neumann descreve o simbolismo semelhante da urna doméstica nos cultos do Egeu da Idade do Bronze, onde o homem morto jaz no vaso "como uma criança na atitude de um embrião". A prática de encerrar os mortos em vasos semelhantes a uma casa, simbolizando o útero materno, não se explica. A união do útero, da casa e do vaso remonta à ordem primordial e à morada original do grande pai. Veja Hentze, *op. cit.*; Neumann, *op. cit.*, 163

⁷⁹² *Op. cit.*, 227.

compreendido do que o Olho místico: "O Olho é o símbolo mais comum no pensamento egípcio e o mais estranho para nós." 793


O Olho é, como afirma quase uniformemente, o orbe solar? Em nenhum lugar a fraqueza da mitologia solar é mais aparente do que no manuseio desse símbolo intrigante. Um egiptólogo após o outro, seguindo a interpretação solar, ignora em silêncio os muitos detalhes enigmáticos do simbolismo do olho.


Que eu saiba, a única autoridade conhecida a rejeitar categoricamente a interpretação solar é Rudolph Anthes. Depois de dedicar uma extensa pesquisa ao Olho de Re, Anthes conclui que o Olho "aparentemente *Nunca* era o sol." 794 No entanto, Anthes, buscando uma resposta nos céus como eles aparecem para nós hoje, não começa a desvendar o simbolismo interconectado do Olho.


Estritamente falando, o Olho Egípcio não é nem um "sol" nem uma "estrela", mas o *círculo* ou *recinto* moldado pelo criador como seu lar celestial. O grande deus *reside* no olho como a pupila. Um dos nomes mais comuns de



o olho no Egito é *Utchat*, hieroglífico representado como sinais intimamente relacionados:

1) , significando "ver" e também "formar, moldar, criar";

2) , "Formar, circundar"; e

3) , "Cordão, para ligar, para envolver."

O olho que tudo vê é o *gabinete criado*, o vínculo em torno do sol primordial.

Assim, o deus tem sua casa no Utchat (olho): "Eu estou no Utchat". 795 "Eu sou aquele que mora no Utchat." 796 "Entra em paz [*em hetep*, "Em repouso"] no divino Utchat." 797

UMA *Texto Caixão* diz: "Eu sou Hórus em seu olho", 798 enquanto o *Harris Magical Papyrus* afirma: "Eu sou Shu sob a forma de Re, sentado no meio do olho de seu pai." 799 No *Livro dos mortos* encontra-se: "Eu sou o puro em seus olhos"; 800 "Eu sou aquele que habita no meio do seu próprio Olho." 801

Assim, o grande deus reside no invólucro do Olho como o "aluno". "Louvado seja ti, ó Ra, Exaltado Sekhem, um dos pupilos do Utchat [Olho]." 802 "Eu estou no Utchat. . . Está dentro [*em*, "Como"] a pupila do olho. . . "; 803 "Deus-o-aluno-de-cujo-olho-é-terrível é o teu nome. . . "

793 *Ibid.*, 218.

794 Rudolf Anthes, *Mitologia no Egito Antigo*, em Kramer, *Mitologias do Mundo Antigo*, 87-90. [Enfase adicionada.]

795 Lacau, *op. cit.*, 177

796 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 178.

797 *Ibid.*, 638.

798 Lacau, *op. cit.*, 65

799 Lenormant, *Magia Caldéia*, 103

800 Mudar, *Papiro de Ani*, 219.

801 Renouf, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 164

802 Mudar, *Deuses*, Vol. I, 344.

803 Mudar, *Papiro de Ani*, 219.

Quando os textos falam de "o Olho de 'Re que está em seu Aton", [804](#) se reconhece que o olho é o Aten, para

os egípcios trataram o signo do olho



e o sinal Aten



como símbolos intercambiáveis. Assim como o Aten

constituiu o recinto protetor, assim o fez o Olho: "Ó Osiris Nu, o Olho de Horus te protege, ele te mantém em segurança. . . " [805](#) ". . . Ele é Hórus rodeado pela proteção de seu Olho. . . " [806](#) "Meu refúgio é meu Olho, minha proteção é meu Olho. . . " [807](#) "Eu sou o morador do Olho; nenhum mal ou coisas calamitosas me acontecerão." [808](#)

Tais referências certamente indicam que o Olho não é o sol ou o deus-sol, mas o *deusa*, em cujo ventre protetor habita o deus-sol. Na verdade, embora o ritual egípcio apresente a deusa sob muitos nomes, *todas as figuras primárias da deusa recebem o apelido "Eye of Re."* Isso inclui, entre outros, Isis, Hathor, Nut, Sekhet, Iusaaset, Mehurt, Bast, Tefnut - e, claro, o *deusa* Utchat ("Olho"). [809](#)

"As complexas malhas do simbolismo dos olhos", afirma Clark, "são tecidas em torno da Deusa Egípcia e ela não pode ser entendida ou comparada com outras deusas até que sejam desvendadas". [810](#) No entanto, embora Clark observe várias associações interessantes do Olho e da deusa, ele falha em discernir o Olho *personagem raiz*, como o invólucro de proteção.

Somente a identidade direta do Olho e do útero cósmico explicará seu contexto no ritual: "A criança que está no olho de Hórus foi apresentada a ti. . ." [811](#) "Eu sou aquele cujo ser foi moldado em seus olhos". [812](#)

Horus é dito ". . . criar e nutrir as multidões através desse Olho Único, *Senhora da Divina Companhia* e Senhora do Universo [Tudo, Cosmos]. " [813](#)

As próprias deusas que os textos descrevem como o Olho do sol primordial também são chamadas de "casa", como deveríamos esperar. Quanto à identidade do Olho e do templo, as fontes egípcias não deixam espaço para debate (embora eu não conheça nenhum egiptólogo para observar a conexão). O templo de Karnak é "o olho saudável do Senhor de Todos", [814](#) um paralelo notável ao templo sumério como a "Casa, olho da terra". [815](#)

No *Livro dos Pilões* Retoma a era remota, quando "Eu estava na têmpora do meu olho", [816](#) enquanto o *Livro dos mortos* fala do filho de Osíris residindo "dentro do templo de seu Olho em Annu". [817](#)

Em outro lugar, encontra-se o sol primordial surgindo "no santuário do meu olho". [818](#)

[804](#) Vandier, "Iousâas et (Hathor) -Nébet-Hétépet," 31, 83.

[805](#) Mudar, *Livro egípcio dos mortos*, 415.

[806](#) *Texto Pirâmide* 195.

[807](#) *Texto Pirâmide* 320

[808](#) Renouf, *op. cit.*, 97

[809](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 354, 422, 430, 443, 447, 517; Vol. II, 213, 279.

[810](#) *Op. cit.*, 227.

[811](#) Mudar, *A Litania das Ofertas Funerárias*, 135

[812](#) Mudar, *O livro egípcio dos mortos* 178.

[813](#) Clark, *op. cit.*, 150. [Ênfase adicionada.] Que o Olho, embora feminino, pertence ao grande pai (como o "Olho de Hórus", "Olho de Ra" ou "Olho de Nu") concorda fundamentalmente com o caráter do sol fechado ([aqui](#)) já examinado. O sol e seu invólucro constituem o andrógino primordial ou "Pai-Mãe". Uma ideia comum está por trás das lembranças míticas de "nascimento" do umbigo, coxa ou olho dos grandes deuses; as imagens se concentram na forma simples e universal dos pais primitivos: ([aqui](#))

[814](#) Frankfort, *op. cit.*, 152

[815](#) Sjöberg e Bergmann, *op. cit.*, 41

[816](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 186.

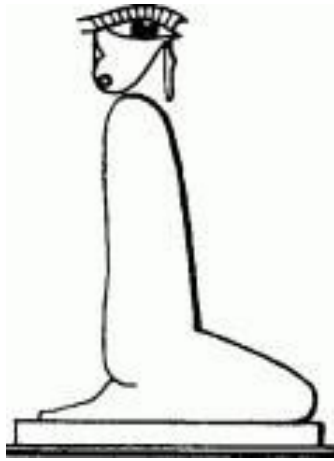


Figura 32. O olho do deus em repouso.

Claro que ninguém que pensa automaticamente "sol" ao ler "olho" provavelmente refletirá nos símbolos sobrepostos do olho como um *banda* ou *gabinete*. Nem pode alguém tão treinado explicar significativamente por que, em todo o ritual egípcio, o olho aparece em conjunto com o *coroa*. Na peça de mistério egípcia, o rei recebe a ordem: "leva os teus olhos, inteiramente à tua face", e a ordem é executada colocando o *coroa* sobre o rei - para a coroa, como "o símbolo e a sede do poder real. . . é chamado de olho de Horus." [819](#)

o *Pirâmide Textos* diga: "Hórus deu a você seu olho para que você pudesse tomar posse da Coroa Urert." [820](#)

"Ó rei, levante-se, vista o olho de Hórus. . . para que você possa sair com ele, para que os deuses possam vê-lo vestido com ele." [821](#) Quanto à identidade do Olho e da coroa, não se poderia pedir declarações mais explícitas do que estas: "Eu uso a coroa branca, o olho de Hórus." [822](#) "Ó Osíris, o rei, eu faço o olho de Horus firme em sua cabeça - uma faixa." [823](#) "Eu te dou a coroa do Alto Egito, o olho que sobe de sua cabeça." [824](#) (O círculo de glória saiu do sol central.)

Se o deus usa o Olho como uma coroa, ele também toma o Olho como um trono, e esta relação do Olho



e trono ajuda a explicar o hieróglifo de Osíris, em que os dois símbolos aparecem juntos - para escolas convencionais, a combinação faz pouco sentido. Na opinião de Budge, por exemplo, não há base clara para a assimilação dos dois signos, e "dificilmente a dificuldade será esclarecida". [825](#)

[817](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 209.

[818](#) Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 166

[819](#) Frankfort, *op. cit.*, 127

[820](#) *Texto Pirâmide* 635.

[821](#) *Pirâmide Textos* 844-45.

[822](#) *Texto Pirâmide* 1234.

[823](#) *Texto Pirâmide* 2274.

[824](#) *Texto Pirâmide* 1816.

[825](#) *Deuses*, Vol. II, 113-14.

No entanto, para qualquer pessoa ciente das imagens inter-relacionadas de Aton



, o hieróglifo de Osiris não apresentará nenhum mistério.



O trono é o símbolo de Ísis (*ie*, Isis *é* o trono), mas a mesma deusa aparece como "o olho" - então que Osiris senta *entronizado* dentro do círculo do olho. Na verdade, a língua egípcia diz isso quando define o trono *ast utchat* - "o trono do Olho". E a *Livro dos mortos* traz o Olho e o trono em conexão com a coroa e o ovo: "Eu sou o senhor da coroa. Estou no olho, meu ovo. . . Meu assento está no meu trono. Está dentro [*em*, "Como"] a pupila do olho." [826](#)

Embora a influência do Olho tenha sido sentida muito além do Egito, é a imagem egípcia integrada que lança luz sobre os desenvolvimentos posteriores do símbolo. Embora os textos às vezes falem de "dois olhos" (veja a seção [Os dois olhos](#)), fundamentalmente, há apenas um olho do grande deus. "Eu sou Re, que chorou por si mesmo em seu único olho," [827](#) indique o *Coffin Texts*. O único Olho de Re ou Hórus é paralelo ao "olho claro" do Sumério Enki, [828](#) os olhos únicos do nórdico Odin, [829](#) o iraniano Ahura Mazda, [830](#) e o mexicano Tlaloc, [831](#) o "olho eterno de Zeus que tudo vê", [832](#) e o "olho do céu" pertencente ao japonês Ama no Ma-hitotsu. [833](#)

O Olho Egípcio de Horus, no *Livro dos Mortos*, é aquele que "brilha com esplendores na testa de Re". [834](#) Pode-se entender facilmente como as gerações subsequentes, possuindo apenas *concepções* ao invés de *percepções* para guiá-los, deu ao grande deus uma forma cada vez mais humana, traduzindo o Olho central no lendário "terceiro olho", que nas representações hindus aparece como pouco mais do que uma joia decorativa. O olho único do Ciclope pertence à mesma classe de imagens. Se o olho não estiver centrado na testa, pode estar localizado no peito, como no caso do demônio hindu Kabandha, morto por Rama, [835](#) e o sem cabeça

homem encontrado por Fionn, Oisín e Caoilte no mito celta. [836](#) (A pupila do Céu do Olho.)



é o coração de

Certamente não se pode avaliar apropriadamente os fantásticos gigantes de um olho só da era clássica e medieval sem primeiro levar em conta o olho celestial - que deixou uma impressão poderosa no ritual mais antigo. [837](#)

[826](#) Mudar, *Papiro de Ani*, 96.

[827](#) Clark, *op. cit.*, 95

[828](#) O'Neill, *op. cit.*, 464.

[829](#) MacCulloch, *Mitologia celta*, 50

[830](#) O'Neill, *op. cit.*, 464.

[831](#) *Ibid.*, 464.

[832](#) Cozinhos, *Zeus: um estudo na religião antiga*, Vol. I, 186.

[833](#) O'Neill, *op. cit.*, 464.

[834](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 56

[835](#) O'Neill, *op. cit.*, 464.

[836](#) MacCulloch, *op. cit.*, 169

[837](#) Como um exemplo de análises contemporâneas, observo a explicação dos Ciclopes oferecida por Robert Graves: "Os Ciclopes parecem ter sido uma guilda de primeiros bronzesmiths Helladic. Ciclope significa 'olhos anelados' e é provável que tenham sido tatuados com anéis concêntricos na testa, em homenagem ao sol. . . Os círculos concêntricos fazem parte do mistério da arte do ferreiro: para bater tigelas, capacetes ou máscaras rituais, o ferreiro se guiava com esses círculos, descritos pelo compasso em torno do centro do disco plano em que estava trabalhando. Os ciclopes tinham um olho também no sentido de que os ferreiros muitas vezes protegem um dos olhos com um tapa-olho

O Ciclope, ou gigante "com olhos de roda", corresponde em muitos aspectos ao deus Odin, da mitologia nórdica. O olho penetrante de Odin também é "uma roda gigante". [838](#) Na cosmologia antiga, nada é mais explícito do que essas imagens de

a *anexo* Sol. Se os especialistas não conseguiram desvendar o mistério do Olho ou da Roda do Olho, não devido à falta de evidências, mas ao *hábito* dos pesquisadores, que, desde o início, excluíram o recinto da investigação mitológica.



Figura 33. Saturno como Zurvan Mitraico (Tempo), com olho central. (Pupila do olho = coração do céu.)

Seria totalmente impossível, dentro do espaço limitado permitido aqui, revisar todas as interconexões que unificam as imagens da faixa de Saturno. Para todos os casos citados anteriormente, muitos outros foram deixados de fora simplesmente para evitar a monotonia excessiva.

Como um exemplo final de imagens sobrepostas, citarei o caso da serpente circular. Todos os deuses saturnianos - Atum-Re, An, Yama, Huang-ti, Quetzalcoatl, Kronos - residem no aprisco de uma serpente (dragão, peixe, crocodilo, etc.). Mas este símbolo não pode ser avaliado isoladamente das terras celestiais, ovos, rodas, templos, coroas e olhos que preenchem o antigo léxico.

Na tradição mística geral, relata Cirlot, "o dragão, a serpente ou o peixe que morde sua cauda é um representante do tempo". [839](#) O Pai do Tempo, é claro, é Saturno. Assim, os gregos colocaram nas mãos de Chronos uma cobra que formava um anel segurando a cauda na boca, [840](#) e essa serpente circular é claramente aquela que os hindus chamam de Kali ("Tempo"). Os zoroastrianos representavam Zurvan ("Tempo") por uma serpente envolvente. Uma serpente envolve uma roda do calendário Nahuatl (roda do tempo) publicada pela Clavigero. [841](#) Na famosa pedra do calendário mexicano, serpentes gêmeas formam um único recinto ao redor da pedra. [842](#)

Os egípcios associavam a serpente circular com Atum (deus do tempo), identificando a serpente com as águas cósmicas que irrompiam do criador: "Eu sou a saída do Dilúvio Primevo, aquele que emergiu das águas", anuncia a serpente. [843](#)

faíscas voadoras." Graves, *Os mitos gregos*, 32. Em um parágrafo Graves oferece três diferentes - e igualmente insatisfatórias - explicações sobre o deus dos "olhos anelados".

[838](#) Grimm, *Mitologia Teutônica*, Vol. I, 703.

[839](#) *Um Dicionário de Símbolos*, 48

[840](#) Faber, *op. cit.*, Vol. I, 194.

[841](#) Nuttall, *op. cit.*, 26

[842](#) *Ibid.*, 26


[843](#) Clark, *op. cit.*, 50



A serpente d'água, emitida de Atum, constituiu um aspecto do criador, eventualmente formando uma espiral em torno de "si mesmo":

*Eu me curvei, estava envolto em minhas espirais,
Aquele que fez um lugar para si no meio de suas bobinas. Sua
declaração foi o que saiu de sua boca. 844*

Por que a referência à "declaração" do deus em associação com o aparecimento da espiral da serpente? A razão é que a serpente, incorporando o "fluxo" das águas em erupção, era ela própria uma manifestação da fala do criador.

No *Texto do caixão*, o grande deus, ou Mestre de Tudo (Cosmos), lembra a era original "enquanto eu ainda estava no meio da espiral da serpente". 845 E o rei espera atingir este mesmo cerco: "O Rei se deita em sua espiral, o Rei se senta em seu círculo" proclama um *Texto da pirâmide*. 846

Esta serpente pode ser qualquer outra coisa senão a faixa do sol fechado ? O deus-sol Re, embora seja considerado *ami khet*, "Morador do círculo de fogo", também é *ami-hem-f*, "Habitante em sua serpente de fogo". O círculo e a serpente não significam a mesma coisa? Os hieróglifos oferecem evidências conclusivas. Embora o pictograma comum de

Re é , os egípcios também denotaram Re pelo glifo , mostrando a serpente como o *banda ao redor do sol primitivo*.

Esta identificação direta da serpente e do círculo de Aton nos permite testar a coerência de Aton

simbolismo como um todo. Pois se a serpente denotava a faixa do sol fechado  deve-se encontrar:

1 Que a serpente era o círculo da deusa mãe e definia os limites do Todo (*ie*, o cordão, ovo, escudo ou cinto do Cosmos de Saturno).

2 Que a serpente envolveu a roda-mundo, a cidade, o trono, o umbigo da terra e o oceano celestial.

3 - Que a mesma serpente formava a parede do templo cósmico, circundava o deus-rei como uma coroa, envolvia as águas celestiais como um vaso e definia o círculo do Olho que tudo vê.

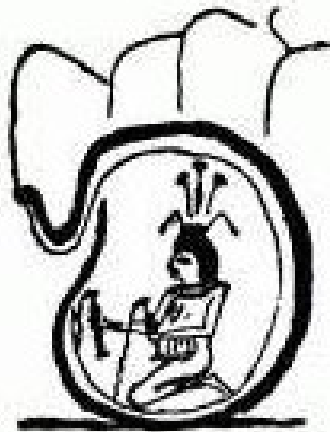


Figura 34. (a) Egípcio e

844 *Ibid.*, 51

845 *Ibid.*, 51

846 *Texto Pirâmide* 2289.



Figura 34. (b) Versões maias da serpente circular como recipiente de água.

Em todo o antigo Egito, a serpente circular era o símbolo da grande mãe. Nos hieróglifos, a serpente Uraeus, frequentemente usada em conjunto com um ovo, significa "deusa". "A deusa Uatchet vem a ti na forma do vivo Uraeus, para ungir tua cabeça. . . , "Lê o *Livro dos Mortos*. 847 Uma inscrição no templo de Karnak afirma que a deusa Mut, na forma de uma serpente, envolveu "seu pai Re e deu à luz a ele como Khonsu". 848

Da mesma forma, os babilônios conheciam a grande deusa como "a píton-mãe do céu". 849 O Cosmos, de acordo com Jeremias, era representado como o útero da "brilhante Tiamat", a serpente ou dragão envolvente do mar primevo. 850 Da mesma forma, os hindus, cretenses, celtas, gregos, romanos e mexicanos representam a deusa-mãe como uma serpente ou dragão. 851

É a mesma coisa dizer que a serpente circular encerrou o Cosmos de Saturno. Na língua egípcia, o

"Espiral" formada pela serpente é literalmente "o cordão" ou "a faixa", indicada pelos hieróglifos. A própria serpente era a ~~corda~~ em que o criador se estendia ao redor, reunindo as águas primitivas ou a matéria primordial em um recinto organizado.



Figura 35. Dragão circular em Haropollo, *Selecta hieroglyphica* (1597).

847 Citado em Budge, *Deuses*, Vol. II, 443.

848 Frankfort, *op. cit.*, 180

849 Albright, "The Goddess of Life and Wisdom," 273.

850 *Handbuch der Altorientalischen Geisteskultur*, 21; RC Thompson, *Os relatórios dos mágicos e astrólogos de Nínive e Babilônia*, Vol. II, 249.

851 Collum, "Die Schöpferische Mutter Göttin," 249, 274; Neumann, *op. cit.*, 18, 153; Faber, *op. cit.*, vol. II, 456; Burland, *Os Deuses do México*, 133



Figura 36. O dragão circular alquimista.

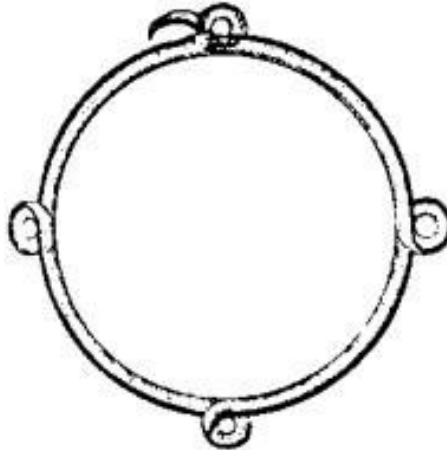


Figura 37. Serpente circular mexicana mordendo a cauda.

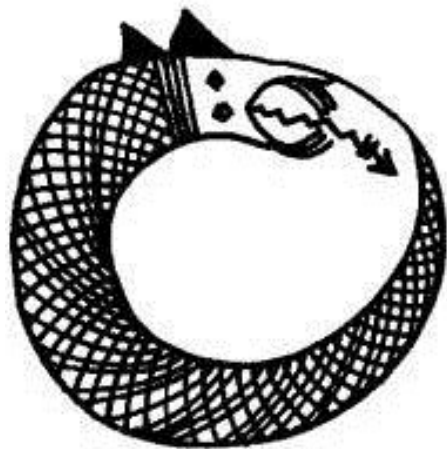


Figura 38. Motivo de serpente circular no interior de uma bacia para alimentos de Sikyatti, no sudoeste dos Estados Unidos.



Figura 39 (a) [& b] Duas versões chinesas do dragão circular.



Figura 39b. O dragão envolve o sol central.

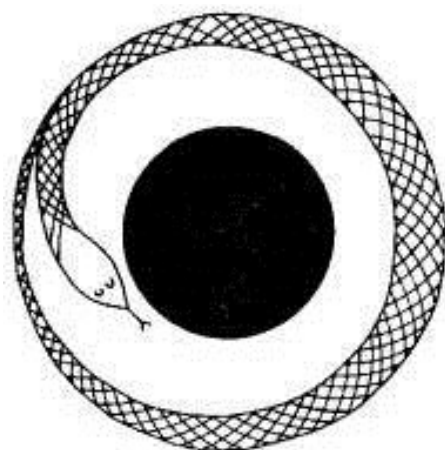


Figura 40. Serpente circular hindu, envolvendo o *bindu*, ou sol central.

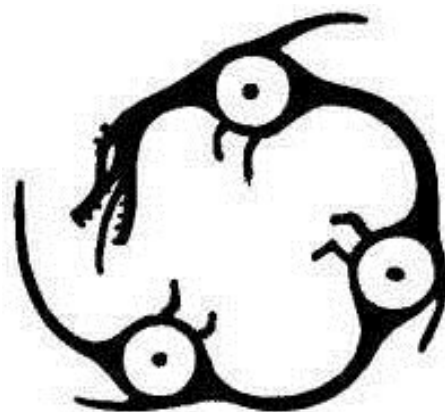


Figura 41. Serpente circular do Alasca, indicando estreita relação com o sol fechado.

Nas imagens sumero-babilônicas, também, uma serpente circular - chamada de "a *corda* do grande deus" ⁸⁵² - fecha o Cosmos original. A corda-serpente é "o vínculo do Todo" mantido por Enki ou Ninurta (Saturno).

Mas o cordão é sinônimo de ovo e cinto cósmico, e esta conjunção de símbolos saturnianos torna particularmente interessante a declaração do filósofo grego Epicuro a Epifânio: "... o Tudo foi desde o início como um *ovo*, e a *pneuma* [World Soul] em *serpente* sábio em torno do ovo era então um *faixa apertada como uma grinalda ou cinto ao redor do universo*." ⁸⁵³ Os órficos chamam esta serpente de Chronos, descrevendo-a como a *vinculo*

⁸⁵² Sayce, *op. cit.*, 116. [Grifo nosso.]

⁸⁵³ Citado em Onians, *op. cit.*, 250. [Ênfase adicionada.]

(*peirata*) do Cosmos. O vínculo da serpente “envolve o Cosmos”, proclamavam os pitagóricos. [854](#) Portanto, era um antigo costume exibir imagens do ovo cósmico circundado por uma vasta serpente.

Todas as evidências nas seções anteriores indicam que este círculo do Cosmos era a “terra” ou “lugar” moldado na criação. Conseqüentemente, a serpente que circunscreve o Todo organizado é a mesma serpente que os antigos retratavam circundando o “mundo” criado.

Na obra gnóstica *Pistis Sophia*, Nosso Senhor afirma: “As trevas exteriores são uma grande serpente, a cauda da qual está em sua boca e está fora do mundo inteiro.” [855](#) Conforme mostrado por Budge, a ideia teve suas raízes no Egito, onde a serpente que circundava o mundo era Apepi, “uma serpente com o rabo na boca”. [856](#) Horapollo relata que quando os egípcios desejaram representar o “mundo”, eles pintaram uma serpente. [857](#)

O babilônico *Esharra*, o círculo da “terra” criada, é identificado como a besta primordial Tiamat, [858](#) a serpente-dragão que envolve o mundo, que os hebreus chamam de Tehom e os muçulmanos de “misteriosa serpente”. [859](#) Para os hindus, era a fabulosa serpente Naga que encerrava o mundo em suas dobras. O mito escandinavo conhecia a serpente Midgard, a *Weltumspanner*, ou “Maca ao redor do mundo”. [860](#)

Todas as cosmologias antigas que falam de uma serpente ao redor do mundo dizem que seu corpo formou o rio ou oceano protegendo a Terra organizada do Caos. A serpente, dragão ou crocodilo, no sistema egípcio, denota assim o curso de água celestial. (Conseqüentemente, a serpente primitiva que circunda Atum não apenas emerge do mar cósmico; é ela própria “o fluxo do Dilúvio Primevo”). [861](#)

A cosmologia Sumero-Babilônica conhece “o rio do *cinto* do grande deus” - um oceano que circunda o mundo que também é chamado de “o rio do *serpente*.” [862](#) De acordo com o pensamento hebraico e árabe, afirma Wensinck, “toda a terra é redonda e o oceano a envolve como um colar. Outros autores comparam o círculo do oceano ao redor da Terra com uma coroa de flores, um anel ou com o halo ao redor da lua. *A imagem mais comum do oceano, entretanto, é a de uma serpente.*” [863](#) Assim, o famoso Leviatã “agarra a cauda entre os dentes e forma um anel em torno do oceano”. [864](#) A serpente Midgard escandinava ocupou o mesmo mar circular, mordendo sua cauda. [865](#) O grego Okeanos, a fronteira do mundo, era a serpente Chronos. [866](#) Até os astecas conheciam “o mar como uma Grande Serpente circundante”. [867](#)

[854](#) *Ibid.*, 332.

[855](#) Citado em Budge, *Deuses*, Vol. II, 266.

[856](#) *Ibid.*, 332.

[857](#) Horapollo 1.c.2.

[858](#) RC Thompson, *Relatórios*, 249.

[859](#) Wensinck, “Ideas of the Western Semites”, 61 ff.

[860](#) Castanho, *Pesquisas*, Vol. II, 105.

[861](#) Clark, *op. cit.*, 50

[862](#) Sayce, *op. cit.*, 281. [Ênfase adicionada.]

[863](#) Wensinck, “O Oceano na Literatura dos Semitas Ocidentais”, 25. [Grifo nosso.]

[864](#) Graves e Patai, *Mitos hebraicos: O livro do Gênesis*, 51-52.

[865](#) MacCulloch, *Mitologia Eddic*, 328.

[866](#) Onians, *op. cit.*, 249-51.

[867](#) Alexandre, *Mitologia latino-americana*, 57

Nem se pode ignorar a serpente idêntica que envolve, ou forma, o trono do grande deus. As lendas muçulmanas relembram uma serpente brilhante ao redor do trono de Alá: "Então Alá a cercou por uma serpente. . . esta serpente enrolou-se em torno do trono." 868 A mesma serpente, em relatos hebraicos, enrolou-se em torno da roda do trono cósmico de Salomão: "E um dragão de prata estava na maquinaria do trono". 869 ". . . E uma serpente de prata carregava a roda do trono." 870

Lembra-se também dos assentos de rodas serpentinadas de figuras gregas como Triptolemos e Demeter. 871 A sede do deus maia Anhel é uma serpente, 872 muito parecido com o assento da cobra do par primordial lembrado pelos Miztecs. 873 Assim como Set serpente-dragão egípcio se torna o trono de Osíris, as figuras paralelas de Tiamat e Leviatã se tornam os tronos de Marduk e Yahweh nas imagens babilônicas e hebraicas. 874

Assim também é *têmpora* comparada à serpente circular. Os hinos sumérios descrevem o templo cósmico "no céu como um dragão reluzente". 875 Esta morada semelhante a um dragão corresponde ao santuário babilônico de Ea, representado por uma serpente ou peixe. 876 Pertencendo à mesma classe estão os Uraei que formam as paredes da morada celestial de Osíris, 877 os templos serpentinos ou *dracontia* de Abury, 878 a "Casa do Iguana" do ritual maia, 879 e a cobra envolvente do grego Achis, que cercava o *Temenos* ou santuário interno dos deuses. 880 Os muçulmanos declaram que, na fundação da Casa Sagrada da Caaba, uma serpente de "aparência resplandecente" se enrolou na parede "de modo que sua cauda se aproximou de sua cabeça". 881

A morada do grande pai era a serpente ou dragão que a circundava - saindo do mar cósmico. E não importa se a morada seja denominada "templo" ou "cidade", pois a cidade cósmica estava igualmente ligada à imagem da serpente circular, como confirmado pelas ilustrações egípcias de uma serpente circundando o distrito de Hermópolis; 882 a imagem hebraica do Leviatã em torno da Jerusalém celestial primitiva; e o cerco serpentino da Asgard teutônica, a cidade dos deuses.

Sempre encontramos a mesma serpente, brilhando na luz e marcando o recinto primordial. No caso do Olho e coroa egípcios, a identidade com a serpente Uraeus é expressa com uma ousadia misteriosa.

868 Wensinck, "Ideas of the Western Semites", 62.

869 *Ibid.*, 63

870 *Ibid.*, 63

871 Cozinhos, *op. cit.*, Vol. I, 221, 229.

872 J. Eric e S. Thompson, *op. cit.*, 268.

873 Emerson, *Mitos indianos*, 347.

874 Pretendo abordar essas imagens com mais detalhes no segundo volume desta obra.

875 Langdon, *Liturgias e Salmos Sumérios*, 316.

876 Wensinck, "Ideas of the Western Semites", 65.

877 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 377.

878 O'Neill, *op. cit.*, 735.

879 J. Eric e S. Thompson, *op. cit.*, 212-14.

880 Nuttall, *op. cit.*, 522.

881 Wensinck, "Ideas of the Western Semites", 64.

882 Clark, *op. cit.*, 53

Os hinos egípcios localizam Uraeus na "testa" do grande deus, e *esta serpente circular é ao mesmo tempo a banda do olho único e o círculo da coroa*:

Ele veio até você, O NT-Crown; Ele veio até você, ó Serpente de Fogo. . . Ó Grande Coroa. . . Ikhet o A serpente adornou você. . . porque você é Horus rodeado pela proteção de seus olhos. 883

Ó rei, o medo de você é o Olho intacto de Hórus, a Coroa Branca, a deusa-serpente que está em Nekheb. 884

Usar a coroa é usar a Serpente de Fogo, que, por sua vez, deve residir dentro do invólucro ou "proteção" do Olho. Embora não ofereça nenhuma explicação, Clark reconhece a identidade dessas imagens cósmicas: "O Olho é elevado como a naja defensiva que - no padrão dos faraós terrestres - circundou as sobrancelhas do Deus Supremo", escreve ele. 885



Figura 42. A serpente circular que circunda Hermópolis.

A conexão explica imediatamente porque o sumério *Mus*- coroa, concebida como uma faixa de ouro, era "a grande *Dragão*." 886

Embora a serpente circular apareça em muitos disfarces, na raiz existe apenas uma tal criatura, pois suas diversas formas - como o Cosmos, "terra", templo, cidade, trono, coroa e olho - são simplesmente as diferentes formulações míticas do invólucro circumpolar.

Esses papéis não naturais da serpente circular - que os mitologistas tendem a considerar como os aspectos mais irracionais e insondáveis do simbolismo antigo - na verdade fornecem um dos fios unificadores mais significativos.

Em Resumo: Uma Doutrina Coerente

A casa primordial de Saturno era um simples recinto, uma morada universalmente registrada pelo signo Mythmaking Imagination expressava o recinto de muitas maneiras, e é a própria variedade de formulações que atesta o impacto esmagador da banda no mundo antigo.

Para lidar de forma significativa com essas imagens, deve-se admitir a influência de uma ordem celestial muito diferente daquela que nos é familiar hoje. Costumamos pensar em "mito" como o oposto de "realidade". No entanto, a consistência do testemunho sugere que a visão mítica, transmitida a nós por meio de sinais sagrados, monumentos e literatura, nos conecta a um mundo muito real confrontado pelos primeiros criadores de mitos.

883 *Pirâmide Textos* 195-98.

884 *Texto Pirâmide* 900

885 *Op. cit.*, 93.

886 Sjöberg e Bergmann, *op. cit.*, 29. [Ênfase adicionada.]

Os céus atuais não explicam nem os antigos ritos da realeza nem o conjunto de símbolos astrais que surgiram em torno do rei - que foi concebido como a encarnação humana da divindade governante no céu. Sempre, o ritual e o símbolo referem-se a uma época diferente da nossa, uma época em que Saturno, o sol central, governava do pólo celeste, rodeado por sua faixa de "glória".

O bando de Saturno era o Cosmos primordial, visto como o próprio consorte do deus-planeta, o útero nas águas cósmicas. Os mitos retratam alternadamente a banda como uma ilha giratória no céu, um cabo de corda formando a fronteira do domínio de Saturno, um ovo brilhante, um escudo e o colar, cinto ou cinto do criador.

Esta era a "terra" que (na lenda da criação universal) o grande deus ergueu do mar celestial. Na história mítica, ela se tornou a terra ancestral de paz e abundância - o paraíso de Adão. O reino de Saturno possuía a forma de uma grande roda; era o trono giratório do criador, a cidade celestial, o umbigo perdido ou Lugar Médio, onde a história (cósmica, mítica) teve seu início. Em torno da fronteira da "terra" celestial corria um rio ou oceano circular.

A mesma banda era o templo giratório de Saturno, que ele usava como uma coroa e no qual ele habitava como pupila do Olho que tudo vê. Como o vaso cósmico, a banda abrigou as águas da vida de Saturno.

E, finalmente, a banda de Saturno aparece na forma de uma serpente brilhante enrolada em torno do sol central e denotada pelo signo egípcio



Divorciados do invólucro arquetípico, os vários símbolos (templos, coroas, tronos, rodas etc.) aparecem como formas isoladas de origem incerta. Nós simplesmente os consideramos "fatos". Por que, então, essas formas estavam sistematicamente relacionadas na linguagem, arte, ritual e mito? Não é uma questão de as gerações posteriores unirem imprudentemente imagens não relacionadas. Quanto mais recuamos, maior é a unidade. A melhor evidência da visão harmoniosa vem das fontes mais antigas do antigo Egito e da Mesopotâmia. Aqui encontramos o sol central vestindo a cidade cósmica e o templo como uma coroa; tendo como seu trono os olhos do céu, a terra santa, ou o vaso das águas superiores; brilhando no centro de um ovo chamado "terra"; e rodeado por um rio que forma a parede do templo, mas também o círculo dos deuses.

Ao revisar essas imagens do recinto, confrontamos muitos motivos dominantes da religião antiga. Qualquer que seja a formulação mítica da banda, os hinos celebram sua presença no centro polar. No entanto, quem pode localizar uma fonte de imagens nos céus tranquilos de hoje? Onde está esse rio giratório de "esplendor e terror"? Onde está a cidade da "Parede Branca", a terra sagrada "clara e radiante", o templo "como um dragão reluzente", o "trono de luz", o ovo "dourado" ou a serpente "ígnea"?

Se os textos apresentam versões alternativas da banda, nunca questionam sua existência nos tempos primitivos. É o

realidade arcaica oculta dentro de um enorme corpo de mitos e símbolos, todos apontando para os signos como imagens de Saturno,



e



o sol polar.



VIII: A Montanha Cós mica

Para as imagens do sol fechado



e cruz do sol fechado



mitos antigos acrescentam a montanha cósmica - uma coluna de luz subindo ao longo do eixo do mundo e visualmente parecendo sustentar a casa do grande deus. o



sinais da montanha de Saturno são

e

Em todo o mundo, encontra-se a história de um pico brilhante que uma vez se elevou ao centro do céu. Embora essa montanha cósmica apareça com muitos nomes diferentes, relatos de todas as partes do mundo contam a mesma história. Os egípcios conheciam a grande coluna como o Monte Primevo, os babilônios como a Montanha Mundial. A montanha passou para o hinduísmo como o Meru cósmico, para o mito iraniano como Hera-Berezaiti e para o mito e astrologia chineses como Kwen-Lun. A cosmologia mexicana deu-lhe o nome de Colhuacan. Seus representantes mais conhecidos eram o Olympus e Zion.

Mas o Olimpo não se refere ao conhecido pico da Macedônia e Sião à pequena colina da Palestina? Na verdade, o mítico Olimpo e a mítica Sião são a mesma montanha; apenas suas representações terrestres diferem. Quando os antigos santificaram uma colina familiar, dando-lhe o nome de monte primitivo, eles procuraram caracterizar sua própria terra como uma duplicação da "pátria". A montanha local tirou seus atributos míticos do cósmico pico. Sempre o monte sagrado se eleva "mais alto do que qualquer montanha da terra", alcançando o centro polar e funcionando como o eixo cósmico.

As lendas do pico sustentador do céu dizem que o criador - o sol central - governou seu reino do topo da montanha, onde ficava o paraíso original com seus quatro riachos vitais.

Egito

De acordo com a crença de longa data dos egiptólogos, o deus-sol surge no horizonte oriental todas as manhãs e afunda no horizonte ocidental todas as noites. Em traduções amplamente aceitas dos textos, encontra-se repetidamente tal formulação como "horizonte do qual Re sai", [887](#) "Tu, alma vivente que vem do horizonte," [888](#) ou "Re surge em seu horizonte." [889](#) Mas se o deus egípcio da luz realmente surge do horizonte, então certamente não é Saturno, o inabalável polar Sol.

É necessário examinar mais de perto a terminologia. Como já observei, as palavras que os tradutores interpretam como "subir" (*atrevido, uben, un*) significa literalmente "aparecer", "brilhar", "enviar luz", etc. A escolha convencional da palavra "subir" segue-se da crença de que os hinos descrevem o *orbe solar* emergindo no leste.

Mas e quanto à palavra "horizonte", que ocorre com tanta frequência nas traduções padrão? O termo egípcio para o lugar do nascer do sol é *khut*, cujo sentido literal é tudo menos "horizonte". [890](#)

[887](#) *Texto Pirâmide 585.*


[888](#) Budge, o *Livro egípcio dos mortos*, 481.

[889](#) *Ibid.*, 400

[890](#) *O Livro Egípcio dos Mortos*, 248, nota 7.

O hieróglifo para *khut*



(ou ) combina dois signos - o sinal Re ou Aten



e o sinal para

"montanha"



(Eu pego o último sinal na seção sobre [pico da fenda](#) .) Seu significado literal, conforme observado por

Renouf, é "Monte da Glória" e "não há razão para continuarmos a usar o termo enganoso horizonte". Literalmente, o grande deus não "surge da *horizonte*", "Mas" brilha no Monte da Glória". A que os egípcios se referiam com tal linguagem?

Os hinos não falam da ordem mundial atual, mas da primeira, quando o criador tomou como seu assento o pilar do Cosmos. Uma inscrição do templo de Karnak exalta o *khut* ou Monte da Glória como "a venerável colina de *começo primitivo*". [891](#) Ouvindo a mesma idade, os textos de Edfu relembram "a primeira ocasião no *Colina alta* no início de Coming Into Existence." [892](#) No *Pirâmide Textos* lemos: "Eu sou a Colina Primitiva da terra no meio do mar, cuja mão nenhum terráqueo agarrou." [893](#) (O leitor agora reconhecerá o "meio do mar" como o "coração" polar, "umbigo" ou "centro" das águas cósmicas.)

Os mitos e liturgias do Monte da Glória (Monte Primevo) relatam que o criador ergueu o monte do Mar do Caos. Frankfort afirma: "Dentro da extensão das águas primitivas ele criou a terra seca, a Colina Primeva, que se tornou o centro da terra, ou pelo menos o lugar ao redor do qual a terra se solidificou. As tradições locais diferem quanto aos detalhes; mas em toda parte o local da criação, a primeira terra a emergir do caos, era considerado como tendo um poder vital. E cada deus que conta como Criador foi feito para ter alguma conexão com esta Colina." [894](#)

Se o resumo de Frankfort estiver correto, então a Colina Primitiva está diretamente relacionada ao cerco da terra que o criador reuniu como uma habitação estável - o Cosmos.

Para discernir a conexão do monte e do gabinete, devemos retornar mais uma vez às lendas de Atum. Os textos de todos os períodos concordam que no início Atum, ou Khepera, flutuou sozinho no Abismo sem um lugar de descanso. O deus lembra a época original:

... Quando eu estava sozinho nas águas...

antes que eu tivesse encontrado qualquer lugar para ficar de pé

ou sentar, antes de Heliópolis [a terra celestial] teve

foi fundado para que eu pudesse estar lá,

antes que um poleiro fosse formado para eu sentar. . . [895](#)

"Não encontrei um lugar onde pudesse ficar", afirma o deus em um relato semelhante. [896](#) No hieróglifo para "ficar",

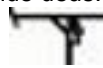


(*aha*) o sinal principal é transmitir o significado de "apoiar", "estabilidade". O que quer dizer que no início o deus vagava sem um *suporte estável*. Isso foi "antes de um *poleiro* foi formado para eu sentar." o



glifo para "poleiro" é , significando o pedestal primordial do grande deus. Era um egípcio comum

prática de colocar os emblemas do criador no sinal do poleiro



, pois o poleiro ou pedestal significa o

[891](#) Frankfort, *Reinado e os Deuses*, 154. [Ênfase adicionada.]

[892](#) Raymond, *A Origem Mítica do Templo Egípcio*, 48-49. [Ênfase adicionada.]

[893](#) *Texto Pirâmide* 1022.

[894](#) *Op. cit.*, 51-52.

[895](#) Clark, *Mito e símbolo no antigo Egito*, 46

[896](#) Mudar, *Os Deuses dos Egípcios*, Vol. I, 309.

a mesma coisa que "montanha". Assim, Osiris, entronizado na Colina Primitiva, é "como um exaltado em teu pedestal", [897](#) enquanto Anup, "o deus que está em sua montanha", também é "o deus que está em seu pedestal". [898](#)

Parece que os relatos da criação se referem a uma época anterior ao surgimento da grande montanha ou poleiro. Antes do surgimento desta fundação ocorre o ato central da criação, lembrado em numerosos relatos: o surgimento do *khu* - "luzes brilhantes", "palavras de poder" - as "águas" de fogo que irromperam diretamente do criador e passaram a ser lembradas como "fala" radiante.

A tradução literal de um texto produz o seguinte:

Não consegui encontrar um lugar para ficar

Eu pronunciei o encantamento

[khu] com meu coração.

Eu lancei as bases de Maa.

Eu produzi todo o aru [os "guardiões" do abismo, a assembleia].

Eu estava sozinho.

Eu não tinha cuspidos na forma de Shu. Eu não

tinha derramado Tefnut. Nenhum outro

trabalhou comigo.

Eu lancei uma base com meu próprio coração. . .

Eu derramei (sementes, água) na forma de Shu. Emita

(semente, água) na forma de Tefnut. [899](#)

A linguagem indica que o criador, originalmente sozinho, "pronunciou" ou derramou de seu "coração" a massa aquosa (*khu*, *khuṯ*) no qual o fundamento primordial foi colocado. Que este fundamento seja identificado com os deuses Maa ou Shu é crucial: para *Maa e Shu significam o pilar cósmico que sustenta o sol central.*

Que o pilar de Shu nasceu da *khu* ou *khuṯ* emitido por Atum é a declaração explícita do *Textos de caixão*, onde Shu declara:

Eu sou a vida, o Senhor dos anos, vivendo para sempre, Senhor da eternidade

o mais velho que Atum fez em [ou de] seu Khu

em dar à luz a Shu. [900](#)

Ou ainda, Shu anuncia:

... Eu vim a existir nos membros do Criador de Si Mesmo. Ele me formou em [com] seu coração e ele me criou em seu Khu. [901](#)

Os sacerdotes egípcios sabem claramente que a coluna Shu, formada no abismo de fogo, era a mesma coisa que o "poleiro" ou "pedestal" sobre o qual o coração do céu finalmente encontrou "descanso". Assim, enquanto um *Texto Caixão*

[897](#) *Ibid.*, Vol. II, 159.

[898](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 606, 624, 627.

[899](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 309.

[900](#) Clark, *op. cit.*, 86

[901](#) *Ibid.*, 83



diz: "Eu fui criado no meu padrão (, "Poleiro") acima de lugares distantes do Abismo, " 902 outro declara: "Estou elevado na forma de Horus. . . Ele estabeleceu meu coração em seu grande padrão. Eu não caio por causa de Shu. " 903 O "fundamento de Maa", citado acima, refere-se à mesma montanha ou coluna. Um glifo comum para *maa* é



a própria imagem usada para designar o Monte Primevo. Muitas vezes, o glifo é simplesmente lido como o "pedestal" do grande deus. Em seu significado raiz, *maa* ou *maat* denota "o fundamento estável e duradouro", a fonte da regularidade cósmica. (É o eixo do Cosmos.) Assim, o criador, apoiado no pilar do eixo, é aquele que "repousa sobre Maat".

Na língua egípcia, o conceito de "suporte" ou "fundação" se funde com "montanha" ou "colina". A palavra *estes*, por exemplo, significa "apoiar", "suportar, levantar". mas também "montanha". A razão é que a única montanha com a qual o ritual está preocupado é a *primitivo* montanha, a base do Cosmos. "Posso resistir no céu como um [ou *a*] montanha, como um [o] suporte ", diz um *Texto da pirâmide*. 904



Figura 43. O olho solitário sobre o "poleiro" primordial.

O pilar cósmico, de acordo com os relatos da criação, originou-se na semente ou água da vida fluindo do criador Atum: *o próprio khu ou khut que congelou no círculo de " glória " tomou forma também como a coluna que sustenta o céu*. Na verdade, descobre-se que em grande parte do simbolismo, o cerco e o monte são inseparáveis - o cerco sendo considerado o cume oco do monte. (Veja [abaixo](#))



Para entender o hieróglifo egípcio para o Monte da Glória (*khut*,), deve-se considerar toda a gama de significados anexados aos termos *khu* e *khut*. Em seu sentido mais elementar, as palavras referem-se ao *essência ígnea* ou matéria luminosa que explodiu do criador. Deste significado raiz são derivados vários termos hieroglíficos inter-relacionados.



Quando escrito , *khu* é frequentemente traduzido como "alma" ou "espírito". A referência não é para poderes invisíveis mas para escombros flamejantes, concebidos como a substância em erupção do criador e personificados no ritual como os espíritos da luz do abismo.



Assim, quando escrito com o determinativo (*ie*,), *khut* significa "fogo".



902 Faulkner, *Os textos do caixão*, 226.

903 *Ibid.*, 230-31.

904 *Texto Pirâmide* 1559.

Mas os criadores de mitos interpretaram os mesmos destroços em erupção como "discurso" ou "palavras" visíveis proferidas pelo criador.



Conseqüentemente *khu* () significa "palavras de poder" enquanto *khut* () denota o "criativo encantamento "que produziu a massa aquosa e ígnea.



Ao moldar o Cosmos ou a terra celestial, o criador reuniu o mar de "palavras" em um círculo de "glória",

às vezes denotado pelo sinal




(*khu*, frequentemente escrito



ou



) Este é o recinto de

o Aten , a "aura" ou "halo" que circunda o grande deus.

Mas o símbolo mais comum da "glória" do criador (*khu*, *khut*) é o sinal



involúcro, mas fluxos verticais de luz ascendendo ao eixo do mundo. Não é por acaso, então, que este *khu*

sinal também denota *Shu*, o pilar de luz formado no mar primordial. A coluna radiante, conforme proclamada nos textos, foi "derramada" pelo criador Atum.

Precisamente do mesmo significado é o *khut* placa



, o "Monte da Glória" ou, mais especificamente, "o montagem e recinto do khu. " Como o glifo é usado regularmente no sentido de "o lugar de onde o sol brilha", os egiptólogos como um todo ignoram todos os significados interligados do glifo e simplesmente o traduzem como "o horizonte". Mas como temos [visto](#) , "O lugar de onde o sol brilha" significa o recinto circumpolar, não o horizonte oriental. Na língua egípcia, é impossível separar o pólo "lugar *por excelência* "Da montanha cósmica.

Para esse pico celestial, os egípcios olhavam continuamente para trás em seus mitos e ritos. Em nome do falecido rei, os sacerdotes despejaram um monte de areia no chão dentro da pirâmide, colocando sobre a areia uma estátua do rei e recitando uma oração que começava:


Levante-se sobre ele, esta terra que surgiu como [ou de] Atum, a saliva que saiu como [ou de] Kheprer, assumo sua forma sobre ele, eleve-se bem alto sobre ele. [905](#)

A areia representava a Colina Primitiva, que os egípcios costumavam representar por um lance de escadas,



ou



, levando ao centro e cume do céu. Se Atum, ou Re, brilhava do topo da colina, o mesmo acontecia com Osiris: "Osiris está sentado em julgamento em um palácio no Monte Primevo, que fica no centro do mundo", escreve Clark. [906](#)

"Salve, O Osiris, tu recebeste teu cetro e o lugar onde tu estás para descansar, e teus passos estão debaixo de ti", diz o *Livro dos Mortos*. [907](#) A colina era o local fixo de descanso do sol central, seu cume o objeto supremo do simbolismo da ascensão. O rei implora ao grande deus: ". . . Que eu possa ser estabelecido em meu *lugar de descanso* como o Senhor da Vida. " [908](#) Os óbvios monumentos egípcios para o monte assim concebido são as grandes pirâmides, que reproduzem em pedra a antiga ideia de uma escada e de sustentação da morada celestial. As etapas significam o fundamento primordial estabelecido pelo criador.

[905](#) Clark, *op. cit.*, 41

[906](#) *Ibid.*, 178.

[907](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 388-89.

[908](#) *Ibid.*, 251. [ênfase adicionada.]

Em todos os símbolos egípcios do monte encontramos o mesmo significado geral. Sempre, é o *pilar estável* apoiando o *em repouso* Deus.

Uma das representações mais famosas do Monte Primevo é o topo do obelisco denotado como *Benben* (pedra fundamental), a Semente de Atum, o sol central. (A mesma forma coroou a pirâmide.)

*Atum-Khepri, tu eras alto como a Colina. Tu
brilhaste como Benben.* 909




Figura 44. Re egípcio no topo das escadas.


Para a mente moderna, pode parecer estranho que a pedra fundamental deva estar no cume, e não no base da colina cósmica. Mas quando se percebe que o cume foi o *Centro* do Cosmos girando a ideia assume uma lógica notável. Atum, a pedra da fundação, era o "Coração Firme do Céu", apoiado em um suporte estacionário:

*O Grande Deus vive,
fixada no meio do céu em seu apoio.* 910

Então lê um *Texto do caixão*, em referência óbvia a Atum ou Re, a quem Clark chama de "o árbitro do destino empoleirado

no topo do pólo mundial." 911 Assim, o obelisco , o símbolo de Atum repousando sobre o pilar cósmico, veio para ser empregado como um ideograma para a palavra egípcia *homens*, significando "estabilidade" e "descansar em um lugar". *Homens* também significa "montanha" e "pedestal".

Derivado da mesma raiz é a palavra egípcia *mena* ou *Menat*, o "poste de amarração" celestial. Os egípcios conceberam o pilar estacionário como a estaca à qual as luzes da assembléia giratória eram presas. o

montanha cósmica é a *Mena-uret*, o "Grande Posto de Amarração", simbolizado pela placa . (A corda puxada ao redor do pescoço da configuração confirma a estreita conexão do pilar e da ligação cósmica). 912

909 Frankfort, *op. cit.*, 153

910 Clark, *op. cit.*, 59.

911 *Ibid.*, 41

912 Mudar, *Do Fetice a Deus no Antigo Egito*, 243; Vejo *Texto Pirâmide 794c*.

Parece mais do que um pouco provável que o egípcio *Mena-uret* foi o próprio pilar do qual os muçulmanos derivaram o *minarete*, a torre elevada anexada à mesquita muçulmana, e designada *Qutb*, o "pólo" ou "eixo".

Enquanto em muitos mitos a montanha é personificada como uma divindade secundária (Shu, Maa) segurando o criador no alto, a colina também pode aparecer como o tronco ou membros inferiores do próprio criador. Atum, como sugerido por várias fontes citadas acima, é inseparável do monte em que ele repousa. O grande deus Ptah funde-se com o deus Tatenen, uma personificação da Colina Primitiva, de modo que o *Livro dos mortos* pode dizer "Tuas belezas são semelhantes às

pilar do deus *Ptah*. " 913 O glifo para o grande deus An é



, que significa "pilar".



Um famoso emblema egípcio do pilar era o *Tet*, o símbolo especial de Osiris. O sinal Tet denota o apoio do Cosmos. "A ideia da coluna Tet", escreve Clark, "é que ela permaneça firmemente em pé". 914 No ritual, esses emblemas servem como "pilares mundiais sustentando o céu e assim garantindo. . . o mundo em que a autoridade do rei é válida." 915 Tet significa "estabilidade", "permanência". É o pedestal de Osiris, o "coração em repouso" ou "coração imóvel". Significativamente, muitas ilustrações egípcias da coluna Tet incluem um par de olhos humanos no topo (FIG. 151a), enfatizando que a coluna era (como os egiptólogos costumam observar) o *tronco*

ou *espinha dorsal* do próprio Osiris.

Em outras palavras, *os egípcios viam a montanha cósmica como a coluna vertebral do grande deus*. Daí o



placa, representando o pilar do *khu* (ou de Shu) como fluxos verticais de luz, também significa "de volta" ou "espinha dorsal." A palavra *aat*, significando o "poleiro" ou "pedestal" primitivo do criador, possui o significado adicional de "espinha dorsal".



Pertencente ao mesmo simbolismo é o sinal do pilar, o signo é a raiz *sehu*, que significa "estabilidade", "suporte" ou "montanha" primordial *estes* também pode significar "backbone" - "coluna espinhal." 916



Figura 45. Tet, o pilar "estável" do Cosmos.

913 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 582. [ênfase adicionada.]

914 *Op. cit.*, 236.


915 *Ibid.*, 237.

916 Enel, *Les Origines de la Gènes e et l'Enseignement des Temples de l'Ancienne Égypte*, 117

Através da extensão do simbolismo em uma direção diferente, a montanha cósmica tornou-se o "bastão" ou "cetro" do criador. Textos e relevos representam o cetro do grande deus como o suporte do céu ou do próprio deus. [917](#)


O tema nem sempre pode ser reconhecido pelas escolas convencionais, no entanto. Um anteriormente [citado](#) hino do *Livro dos mortos* proclama a Osiris, "Salve, O Osiris, tu recebeste teu cetro e o lugar onde tu deves descansar e os passos estão abaixo de ti." [918](#) Poucos pararam para pensar que o cetro significa o mesmo



"Local de descanso" como degraus; ambos se referem à coluna do Cosmos. Assim, no sinal no alto, o glifo para "céu"  o cetro segura

Um feitiço do *Textos de caixão* diz: "Eu sou o guardião deste grande suporte que separa a terra do céu." [919](#) Mas outro feitiço declara: ". . . Este *funcionário* que separou o céu e a terra está em minhas mãos." [920](#) Frequentemente, o cetro tem a forma de um lótus ou papiro segurando no alto o grande deus. [921](#)

Qualquer que seja o simbolismo particular da montanha cósmica, todas as fontes concordam em um ponto: *o giratório Aten forma o cume oco do pico*. Brilhar no Aton é brilhar "no meio" ou "no interior" do

khut , o Monte da Glória. O deus ocupa "o recinto da Colina Alta". "Ó montanha muito alta! Eu mantenha-me em seu cerco", proclama o rei. [922](#)

Uma tradução literal de textos egípcios renderá:

Ó você em seu ovo, brilhando em seu Aton, crescendo brilhante em seu Monte da Glória. [923](#)

Cresça e diminua conforme o seu desejo. . . Você emite luz todos os dias do meio do Monte de Glória. [924](#)

Você brilha no Monte da Glória. O Aton recebe elogios, descansando na montanha e dando vida ao mundo. [925](#)

Homenagem a você, ó você que brilha em Aton, Vivente surgindo no Monte da Glória. [926](#)

Ó Re no Monte da Glória. [927](#)

Re brilha no Monte da Glória. [928](#)

O Osiris Nu está em repouso no Monte da Glória. [929](#)

[917](#) Schafer, "Altägyptische Bilder der Auf- und Untergehenden Sonne," 19, nota 7.

[918](#) Mudar, *Livro egípcio dos mortos*, 388-89.

[919](#) Faulkner, *op. cit.*, 176

[920](#) *Ibid.*, 148. [ênfase adicionada.]

[921](#) Moret, "Le Lotus et la Naissance des Dieux em Égypte", 501.

[922](#) Massey, *Antigo Egito*, 363.

[923](#) Cf. Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 104

[924](#) Cf. Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 320

[925](#) Cf. Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 11

[926](#) Cf. *ibid.*, 481.

[927](#) Cf. *ibid.*, 393.

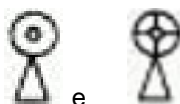
[928](#) Cf. *ibid.*, 400

Repetidamente a mesma terminologia ocorre. O deus-sol não se levanta do monte, mas brilha *no* isto. Sei que essa afirmação pode não ser bem-vinda por aqueles especialistas que construíram toda sua interpretação do simbolismo cósmico egípcio em torno do orbe solar nascente e poente. Mas, tendo revisto todas as fontes egípcias primárias, ainda não encontrei um texto antigo que, quando traduzido literalmente, sugere que o deus-sol (durante seu reinado) alguma vez deixa o pico cósmico. Embora ele navegue em um navio, como veremos, apenas o navio se move, girando em torno do deus estacionário. E embora os textos descrevam um pico da direita e da esquerda, eles são dois picos de um *singular* montar.

O amplamente respeitado egiptólogo WR Kristensen nos diz que fundamentalmente havia apenas um "horizonte" (*ou seja, khut*, Monte da Glória). Os dois "horizontes" eram "vistos como essencialmente idênticos; o que se aplica a um é válido também para o outro. O fato de estarem separados geograficamente não pode obliterar a impressão. Na cosmografia mítica, eles freqüentemente assumem as funções uns dos outros. *O lugar onde a luz se põe também é chamado de lugar onde ela surge. . .*" 931

A que ideia cósmica os egípcios se referiam para falar do sol nascendo e se pondo na mesma montanha? Kristensen assume que, embora a cosmologia sagrada unisse as duas montanhas, elas estavam "geograficamente separadas". Mantendo a interpretação solar, dificilmente se poderia acreditar em qualquer outra coisa.

O problema não está nos textos, mas na interpretação solar, que busca imagens de um sol nascente e poente onde não há. O deus-sol egípcio "sai" ("fica brilhante") e "entra" ("diminui") *em hetep*, "Em pé em um só lugar." Esse "lugar" é o cerco do cume estacionário.



Os sinais universais do sol no topo da montanha são



hieróglifo denotando *khut*, o Monte da Glória, ou *Shu*, a divina personificação do Monte, mas também servindo como o determinante da "coluna vertebral". Outras ilustrações egípcias representam o disco de Aton apoiado pela coluna Tet, ou repousando sobre o obelisco (como era costume nas primeiras formas do obelisco), 932 ou erguido pelo cetro divino. O tema consistente é que o recinto e o Monte são inseparáveis.

Nos hieróglifos, a forma simples do *mena-uret* ou o Grande Posto de Amarração é



oferecem um retrato mais detalhado do poste de ligação. Um papiro, por exemplo, mostra a deusa Hathor em meio ao



jardim celestial, vestindo o *Menat* símbolo. 933 Aqui, o formulário é:



O poste, ou "coluna do cordão (Cosmos)", parece sustentar um círculo envolvendo o sinal da imagem dos quatro riachos portadores de vida (*un*).

929 Cf. *ibid.*, 446.

930 Cf. *ibid.*, 71

931 Citado em Piankoff, *Papiros mitológicos*, 29. [Ênfase adicionada.]

932 Mudar, *Deuses*, Vol.I, 354.

933 Frankfort, *op. cit.*, FIG. 39

O esclarecimento do símbolo do poste de amarração é fornecido por um *Texto do caixão*, em que o "Senhor de tudo" (governante do Cosmos) olha para trás, para a era primordial e as "quatro boas ações que meu próprio coração fez por mim no meio da espiral da serpente [corda, laço, Cosmos]. . . Eu fiz quatro boas ações dentro do portal do Monte da Glória. Eu fiz os quatro ventos para que todo homem pudesse respirar." 934

A imagem acima do Grande Posto de Anclagem não responde diretamente a essas linhas? No Monte da Glória fica o jardim da abundância, animado pelos elementos de vida que irradiam em riachos luminosos do sol central - o "coração" do grande deus.

Sobre o paraíso egípcio, Massey escreve: "A tradição geral é que este paraíso foi um lugar primitivo de nascimento e que foi no norte, *no topo de um monte agora inacessível para os vivos em qualquer lugar da terra.*" 935 Este recinto paradisíaco no cume era a cidade cósmica - e cada cidade sagrada - seja Heliópolis, Tebas, Memphis, Busiris ou Abydos - espelhava a história do protótipo, simbolicamente repousando no topo da Colina Primitiva. Do falecido rei, o *Textos de caixão* anunciar:

Annubis está atenta a você em Busiris, sua alma se alegra em Abydos, onde seu corpo é feliz [em hetep, "Em descansar"] na colina alta. 936

Quando o falecido governante entra na cidade do deus-rei, ele retorna à Terra Santa, a terra celestial no cume da montanha polar.

Osiris, o "deus no topo das escadas [Colina Primitiva]", 937 é o senhor universal "em posse de um assento, seu coração estando em paz [em hetep, "Em repouso"] na Montanha da Necrópole [cidade dos ancestrais]" 938 AmenRe é o "morador de Tebas, o grande deus que aparece no Monte da Glória". 939 O nome de Abydos-*Abtu* —Significa a "montanha do coração".

Da mesma forma, todos os templos, como um símbolo do recinto de Saturno, repousavam magicamente no Monte Primevo. "Cada templo deveria estar sobre ele", escreve Frankfort. "Esse pensamento é aplicado até mesmo a templos construídos bem no final da história do Egito." 940 Certamente os construtores do templo sabiam que não estavam construindo a residência local no *real* Primeval Hill; mas em imbuir o templo com o *mítico* qualidades da habitação original, os arquitetos deram forma concreta a um ideal definido no início. Quando Hatshepsut identifica o templo de Karnak como o "Monte da Glória sobre a terra, a venerável colina do início primordial", 941 ela conecta o edifício local com a colina central da criação, o monte em que a casa do deus-sol ficava originalmente.

Frankfort declara: "A rainha, ao embelezar Karnak, honrou o centro de onde a criação teve início

. . . A identidade dos templos com o Monte Primevo equivale a um compartilhamento de qualidade essencial e é expressa em seus nomes e em seus arranjos arquitetônicos por meio de rampas ou degraus. Cada templo subia de sua entrada através de seus sucessivos pátios e corredores até o Santo dos Santos, que ficava situado em um ponto

934 Pritchard, ed., *Textos Antigos do Oriente Próximo Relacionados ao Velho Testamento*, 7

935 *Op. cit.*, 376. [ênfase adicionada.]

936 Clark, *op. cit.*, 134

937 Mudar, *Deuses*, Vol. II, 117.

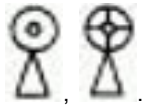
938 Piankoff, *A errância da alma*, 103

939 Mudar, *Deuses*, Vol. II, 17.

940 *Op. cit.*, 150

941 *Ibid.*, 154

visivelmente mais alto do que a entrada. Lá a estátua, barcaça ou fetiche do deus foi mantida, repousando sobre a Colina Primitiva." [942](#)



Em todos os detalhes básicos, o simbolismo egípcio da Colina Primitiva corresponde às imagens cósmicas

O Monte se forma no mar cósmico, estendendo-se para cima ao longo do eixo do mundo para manter o sol central no alto. O cume oco do Monte é o círculo de Aton, em cujo recinto o sol "fica mais brilhante" e "diminui" com o ciclo da noite e do dia. Este Monte da Glória é o local do paraíso original, a cidade ou templo do Monarca Universal.

Uma revisão de imagens semelhantes em outras terras mostrará a influência de uma tradição mundial.

Mesopotâmia

Argumentei que o egípcio Atum, o deus solitário das profundezas, é a própria figura que a astronomia babilônica identifica como o planeta Saturno. Atum, "o Firme Coração do Céu", está "fixado no meio do céu em seu apoio".

Aqui, por outro lado, está uma referência suméria quebrada a Ninurash, ou Ninurta, o planeta Saturno:

Quem o "deus do firme estrela" sobre um Fundação

Para . . . causa para repouso em anos de abundância. [943](#)

Saturno, fundador da Idade de Ouro, era a luz estacionária "sobre uma fundação", exatamente como o Atum egípcio. Assim, os textos astronômicos da Babilônia dão a Saturno o nome *Kaainu*, o grego *kiun*, "pilar."

Qual era este fundamento ou pilar de Saturno? Era a "montanha do an-ki [Cosmos]," formada - como a contraparte egípcia - em meio às águas do Caos. ". . . Da colina que eu, o herói, amontoei", proclama Ninurta, "que o nome seja Hursag [montanha]". [944](#) Este pico cósmico, cujo "fundamento está colocado no puro abismo", os babilônios denominaram "a montanha do mundo". [945](#) Ninurta "escalou a montanha e espalhou sementes por toda parte" [946](#) assim como Atum, repousando sobre a Colina Primitiva, irradiou a semente da vida em todas as direções.

"Aqui, no Olimpo caldeu", escreve Sayce, "imaginava-se que os deuses haviam nascido; seu cume estava escondido pelas nuvens, e o firmamento estrelado parecia repousar sobre ele." [947](#)

Em que parte do céu os antigos mesopotâmicos localizaram a colina? Vários textos, normalmente traduzidos, identificam o Monte como "o lugar onde o sol nasce", parecendo fixar o pico no leste.

A respeito do Hursag criado por Ninurta, um hino diz:

*Encantamento - Ó deus do Sol, da grande montanha você está subindo; da grande
montanha, a montanha da ravina, você está subindo;
do monte sagrado, o lugar dos destinos, é a tua ascensão. [948](#)*

[942](#) *Ibid.*, 152

[943](#) Agrawala, *Faíscas do Fogo Védico*, 82-83. [Enfase adicionada.]

[944](#) Kramer, *Mitologia suméria*, 81

[945](#) Langdon, *Mitologia Semítica*, 99; Sayce, *Palestras sobre a origem e crescimento da religião*, 360


[946](#) Langdon, *op. cit.*, 119

[947](#) *Op. cit.*, 360

[948](#) *Ibid.*, 515.

Os textos também conectam a terra perdida de Dilmun com uma montanha cósmica, um pico que parece ser o mesmo que o Hursag, pois é "a montanha de Dilmun, o lugar onde o sol nasce". 949 Os hinos do templo empregam a mesma terminologia para descrever o *Kur* ("Montanha") como *Kur-d-utu-e* - *uma*, "A montanha onde o sol nasce." No *Épico de Gilgamesh*, o herói viaja para a montanha Mashu, onde fica a abóbada celeste. Através de seu portão o sol surge. 950

Relevos da Mesopotâmia mostram o deus-sol de pé sobre um pico fendido virtualmente idêntico ao egípcio

Símbolo de "montanha"  (FIG. 60) Com raras exceções, as autoridades identificam a imagem com o orbe solar elevando-se sobre uma colina oriental.

Certos escritores, na verdade, acreditam que todo o caráter do mítico Monte pode ser explicado pela simples experiência de raças nativas vendo o nascer do sol oriental. Jacobsen, por exemplo, insiste em que entendamos o Hursag como "a cadeia de montanhas que faz fronteira com a planície mesopotâmica a leste. Como visto no horizonte oriental, seus picos brilhantes elevando-se da terra até o céu, o hursag parece de fato pertencer igualmente a ambas essas entidades cósmicas e ao epíteto. . . 'do céu e da terra' é, portanto, tão forte quanto adequado." 951

Mas há uma característica curiosa da grande coluna: *o monte de onde o deus-sol da Babilônia " sobe " é o mesmo monte em que " conjuntos. "A colina singular é" a montanha da noite ["pôr do sol"], a montanha do nascer do sol, o montanha do Centro." 952*

Através do portão da Montanha Mashu alcançada por Gilgamesh, o deus-sol Shamash surge. Mas os guardiões deste portão da montanha são aqueles que "guardam Shamash na ascensão e configuração do sol." 953

Da mesma forma, em conexão com um hino ao "deus do fogo", contendo referências enigmáticas à "montanha do pôr-do-sol" e "a montanha do nascer do sol", Sayce escreve: "Devemos considerar que o poeta olhou para ele a montanha atrás da qual o sol nasceu e se pôs como *uma e a mesma*." 954

As raças Sumero-Babilônicas estavam alheias às realidades geográficas? Lembramo-nos da observação de Kristensen de que o deus-sol egípcio nasce e se põe sobre um singular *khut* ou "Monte da Glória". Esta aparente confusão de leste e oeste é devido ao abandono dos criadores de mitos ou a um mal-entendido moderno da cosmologia antiga?

Pode-se começar a resolver o dilema compreendendo o título do monte primitivo como "a montanha do centro". O monte é o *pivô*, pois os assiro-babilônios deram-lhe o título de "o eixo do céu" - uma designação que leva Lenormant a descrever o monte como "a coluna que unia os céus e a terra e servia como um eixo para a abóbada celestial". 955 Isso, é claro, cria um conflito com a aparente imagem solar do pico. Porque o deus "sol" brilha na montanha, Lenormant busca um compromisso entre as localizações polares e orientais: ". . . A montanha que agia como um pivô para o céu estrelado ficava ao nordeste. . ." Infelizmente, o acordo não explica nenhuma das características da montanha: o nascer do sol da Babilônia não ocorre no nordeste, 956 e em nenhum sentido o nordeste poderia aparecer como um eixo cósmico. 1

949 Kramer, *op. cit.*, 98

950 Langdon, *op. cit.*, 209.

951 *Em direção à imagem de Tammuz*, 118

952 Sayce, *op. cit.*, 449. [ênfase adicionada.]

953 Langdon, *op. cit.*, 209. [ênfase adicionada.]

954 *Op. cit.*, 361. [ênfase adicionada.]

955 *Magia Caldéia*, 152

956 *Ibid.*; veja também Lenormant, *Les Origines de l'Histoire*, Vol. I, 126-127.

enfrenta o próprio paradoxo observado por Butterworth quando fala da “ambigüidade entre o Pólo e o Sol”. [957](#)

Toda a dificuldade desaparece quando se lembra:

- que o deus-sol Sumero-Babilônico não se levanta literalmente, mas "surge" ou "fica brilhante".
- que o deus-sol surge no pólo *Centro* ou *coração* do céu.
- que o deus-sol é Saturno.

Esses princípios nos permitem ver que o que as interpretações convencionais devem considerar como aspectos totalmente contraditórios da montanha mundial, na verdade, revelam uma ideia harmoniosa. O assunto é “a montanha do centro” em cujo cume brilha o sol estacionário. O deus “sai” e “entra” no topo da montanha, através do “portão” ou “porta” ou “janela” do recinto polar; mas ele consegue isso sem se mover de sua residência fixa.

O deus-sol babilônico, observou Warren, surge do "verdadeiro cume da Terra, o Pólo Norte". [958](#)

De fato, é impossível compreender a cosmologia babilônica separada do caráter polar do grande monte. Obviamente, para ascender o *mundo* montanha é alcançar o mundo *cimeira*, e o cume é, como muitos escritores notaram, a morada polar de An, o “meio” ou “coração” do céu.

Em todas as cosmologias antigas, o centro e o cume se encontram no pólo celeste, e a visão de mundo sumero-babilônica não é exceção. A "estrela polar" babilônica, afirma Robert Brown, "está assentada majestosamente no cume das alturas do norte". [959](#) Um dos nomes do pólo é *Dugga* (Semita *Saqui*), que significa "alto" e está conectado com a ideia "subir", "chegar ao topo". [960](#) O deus polar dominante é, portanto, o comandante do *cimeira*, que só pode ser o cume da montanha mundial. O “Juiz do Céu [Anu] no *Centro* está ligado” (*ie*, ele está encerrado no vínculo). E “no centro ele fixou o zênite” [961](#) isto é, ele ergueu a montanha mundial, o fundamento primordial. Como o egípcio *Mena-uret*, o monte sumério torna-se o “posto de amarração” ou “poste de amarração” (DIM.GAL) do Cosmos giratório.

O deus na montanha cósmica era o planeta Saturno, "o pilar". Anu no topo do "monte ilustre", Shamash na "montanha do mundo", Ninurta no cume de Hursag, Tammuz na "Colina do Pastor" de Arallu e Enki governando o Ekur ("casa da montanha"), ou o " montanha de Dilmun " - todos apontam para o planeta



Saturno, o sol primordial na coluna do Cosmos

Com esta montanha cósmica, os sumérios identificaram cada cidade e cada templo. Como no Egito, o Monte e o recinto sempre aparecem juntos, o Monte servindo como o suporte da morada celestial. Do templo de Enki, os hinos registram: “O fundamento sagrado feito com habilidade ergue-se do mar inferior”. [962](#) Confirmando essa união do templo cósmico e do Monte estão os títulos das moradas sagradas - “A Casa, Fundação do An-ki (Cosmos)”; “Casa, a montanha do Cosmos”; “Casa da Montanha”; “Templo cuja plataforma está suspensa do meio do céu. . . crescendo como uma montanha. ”

[957](#) *A árvore no umbigo da terra*, 124

[958](#) “The Gates of Sunrise in Ancient Babylonian Art”, 242.





[959](#) *Pesquisas sobre as origens das constelações primitivas*, Vol. I, 184.


[960](#) *Ibid.*, 185

[961](#) Jensen, *Die Kosmologie der Babylonier*, 11. [Ênfase adicionada.]

[962](#) Langdon, “A Hymn to Eridu,” 64.

Da mesma forma, os hinos exaltam a cidade local como uma duplicação do protótipo celeste. O Eridu terrestre recebeu seu nome da cidade de Enki acima, o Eridu cósmico formado nas águas do Apsu "como um planalto sagrado" ou "como uma montanha". A cidade de Ninazu era a "montanha, lugar puro". 963 Na verdade, toda a terra de Akkad estava simbolicamente ligada à grande montanha e retratada como o centro do mundo. 964

Se os símbolos do sol fechado são  e , os símbolos do Monte e do recinto são  e .

. As imagens básicas ocorrem em toda a Mesopotâmia. Retratado é o paraíso inacessível, uma planície circular situada no topo da montanha do mundo e regada por quatro rios que fluem em quatro direções. Assim, os assírios chamaram a montanha mundial de "a terra [ou montanha] dos quatro rios". Massey reconheceu isso como "o mítico Monte do Pólo e os quatro rios de quatro quadrantes, que surgiram no Paraíso". 965 No entanto, nem Massey nem as autoridades mais convencionais parecem ter percebido que o paraíso da montanha corresponde

em todos os sentidos para as imagens simples  e .

Nenhum escritor deu atenção suficiente ao extraordinário paralelo entre as imagens egípcias e mesopotâmicas da montanha cósmica.

Índia

"Em todas as lendas da Índia", afirma Lenormant, "a origem da humanidade está situada no Monte Meru, a residência dos deuses e a coluna que une o céu à terra". 966 Para os hindus, Meru era o protótipo da colina sagrada. Conforme os arianos se espalharam pela Índia, eles chamaram muitos picos locais de "Meru", considerando cada um uma cópia do monte primitivo. 967

O Meru original era o *polar* montanha, seu cume o recinto esartejado do paraíso celestial. Fontes hindus descrevem o monte como um pilar cósmico fixado no meio da planície de Jambu-dwipa, ou elevando-se no meio do mar cósmico. No cume dessa "montanha dourada" ou "Pico de Joias" fica a cidade celestial de Brahma, e ao redor do pico ficam os pontos cardeais e bairros intermediários. 968 Em direção a cada um dos quatro quadrantes do paraíso montanhoso flui uma saída da fonte central de água, o Ganges celestial. 969

Meru chega ao centro do céu, e em torno de seu cume as estrelas giram. 970 O monte, afirma Lenormant, é "ao mesmo tempo o pólo norte e o centro da terra habitável". 971 O "umbigo mundial" significa o *zênite*.

963 Sjöberg e Bergmann, *A coleção de hinos do templo sumério*, 51

964 WT Warren, *Paradise Found*, 166-69.

965 *The Natural Genesis*, Vol. II, 21.

966 *Les Origines*, Vol. II, 17.

967 *Ibid.*; Faber, *As origens da idolatria pagã*, Vol. III, 201.

968 Wilson, *Vishnu Purana*, Vol. II, 110 ff.; Guenon, *Le Roi du Monde*, 85; O'Neill, *A Noite dos Deuses*, 400

969 Lenormant, *Les Origines de l'Histoire*, Vol. II, 19.

970 *Ibid.*

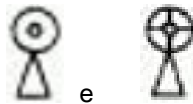
971 *Ibid.*

O ritual hindu comemora o pilar cósmico por meio da estaca ou poste de sacrifício. No *Satapatha Brahmana*, o padre levanta a estaca sagrada (*yupa*) com as palavras: “Com a tua crista tocaste o céu; com teu meio tu encheste o ar; com o teu pé firmaste a terra. ” 972 O pilar cósmico era a base do céu: “Apoie o céu! preencha o ar! fique firme na terra. ” 973 “Uma estadia és tu! Torne o céu firme! ” 974

Este suporte “firme” ou “estável” corresponde em todos os sentidos ao fundamento primordial das cosmologias egípcia e mesopotâmica. o *Satapatha Brahmana* localiza a postagem no *Centro* do galpão de sacrifício (*Sadas*), em si um símbolo do Cosmos. Os participantes do ritual formam um círculo ao redor do poste e o tocam com as palavras: “Aqui está a estabilidade. . . Aqui está a alegria. ” 975

O posto cósmico, informa Eliade, era o eixo do mundo. Ao ascender misticamente ao pilar celestial, o sacrificador atingiu o centro cósmico e o cume. 976

O pilar mundial indiano, seja considerado uma montanha cósmica (*Meru*) ou como um poste ou estaca que vai da terra ao céu, é o que sustenta o sol central. A iconografia budista revisada por Coomaraswamy descreve a roda do "sol" erguida sobre uma coluna cósmica chamada "o pilar de fogo". 977 Para os mitologistas solares, o pilar só pode estar no leste, na direção do nascer do sol. No entanto, Coomaraswamy escreve: “A roda é sustentada por uma coluna, o *Eixo do Universo*. ” 978 O “sol”, em outras palavras, significa não o orbe solar errante, mas o Buda ou Brahma - o “sol verdadeiro” que “depois de ter surgido dali para cima. . . sobe e desce mais. Ele fica sozinho no centro. ” 979



O pilar indiano - refletindo as imagens cósmicas Cosmos e o eixo da roda giratória acima. Que o *eixo* é o pilar é confirmado no *Rig Veda*: “. . . pelo eixo de seu carro com rodas, de fato, por suas habilidades, ele separa o Céu e a Terra. ” 980 Repousando sobre o pilar do eixo, o grande deus aparece como o “motor imóvel” da roda giratória. 981

Assim, o Buda “nascido no eixo” reside no centro ou nave da roda, transmitindo movimento à circunferência de rotação enquanto ele próprio permanece imóvel. A roda, por sua vez, repousa sobre “uma base universal” ou fundação, um pilar semelhante a um lótus. “O pilar se estende da Terra ao Céu; é o eixo do Universo ”, afirma Coomaraswamy. 982 A arte e a arquitetura budistas dão inúmeras e elaboradas expressões à ideia, mas



reduzida aos seus fundamentos, é simplesmente a roda do "sol" polar sustentada pela montanha cósmica

972 Eggeling, *Satapatha Brahmana*, III, 7, 1, 14.

973 *Ibid.*, III, 6, 1, 15; Eliade, *Le Chamanisme et les Techniques Archaïques de l'Extase*, 362-63.

974 *Satapatha Brahmana*, I, 2, 1, 10.

975 *Ibid.*, Parte II n 140-43, 454, nota 3.

976 Eliade, *op. cit.*, 363.

977 *Elementos da iconografia budista*, Figs. 1-5.

978 *Ibid.*, observação da Fig. 2. [Ênfase adicionada.]

979 De Saussure, *Les Origines de l'Astronomie Chinoise*, 231, 249.

980 *Rig Veda* X, 89, 4, em Coomaraswamy, *op. cit.*, 29

981 *Ibid.*, 28-29.

982 *Ibid.*, 34

Japão, China, Irã, Sibéria

Com a montanha-eixo do pensamento indiano, podemos agrupar exemplos intimamente relacionados de terras vizinhas:

Um título do Meru Indiano era *Sumeru*, o "excelente" Meru, um nome que o budismo levou para a China como *Siumi*, e para o Japão como *Shumi*. Mesmo o relativamente tardio comentário chinês, o *Li-Khi* localiza o Monte Siumi no "meio" do Cosmos, *ie*, no pólo. [983](#) O Monte Shumi japonês era, de acordo com Hepburn, "uma montanha budista fabulosa de altura maravilhosa, formando o eixo de cada Universo e o centro em torno do qual giram todos os corpos celestes". [984](#)

O nome mais comum da montanha polar na China é *Kwen-lun*. Chamada de a montanha mais alta do mundo, Kwen-lun ficava no "centro da terra". [985](#) Em seu cume ficava uma planície circular brilhante, lembrada como uma pátria celestial cujas "fontes cintilantes e riachos riachos contêm a famosa ambrosia". [986](#) O paraíso, observa Warren, possui "uma fonte viva da qual fluem em direções opostas os quatro grandes rios do mundo". [987](#)

Chamada de "a Montanha da Pérola", Kwen-Lun ascende ao pólo celestial, a residência do primeiro rei Shang-ti. [988](#)

Em torno dele giram os céus visíveis. [989](#) Kwen-lun é "descrito como uma montanha estupenda sustentadora do céu, marcando o centro ou pólo". [990](#) É o "Grande Pico da Harmonia Perfeita", cujo cume exibe o palácio de Shang-ti, nomeado *Tsze-wei*, "Um espaço celestial ao redor do Pólo N." [991](#)

Distinto de Kwen-lun, mas representando a mesma ideia, é o Monte Kulkun chinês, designado como o "Rei das Montanhas, o cume da terra, o sustentador do céu e o eixo que toca o pólo". [992](#)

A verdadeira natureza da montagem cósmica é evidente no simbolismo chinês do posto de rei. As tradições místicas definiam o posto central de um telhado (ou o topo de tal posto) como o *Ki*. O chefe de pé (*Ki*) da habitação local simbolizava o *Tai-Ki* ou "Grande Ki" no céu, o suporte central do Cosmos giratório. O "Grande Ki" era o deus-rei Shang-ti, habitando no cume do monte polar Kwen-lun. [993](#)

A contraparte iraniana de Meru foi a montanha cósmica Hera Berezaiti, erguida por Ahura Mazda. No *Zend Avesta* esta "montanha brilhante" aparece como "a primeira montanha que se ergueu da terra". [994](#)

Desta montanha cósmica o sol brilhava todos os dias. "Acima! levante-se e role! tu sol de cavalo veloz, acima de Hera Berezaiti, e produza luz para o mundo. . ." [995](#) (A tradução de Darmesteter parece sugerir um

[983](#) O'Neill, *op. cit.*, 400

[984](#) *Ibid.*, 400

[985](#) WT Warren, *op. cit.*, 146-47.

[986](#) *Ibid.*, 143-44.

[987](#) *Ibid.*, 128

[988](#) Massey, *Antigo Egito*, 349.

[989](#) Warren, *op. cit.*, 129

[990](#) *Ibid.*, 147

[991](#) O'Neill, *op. cit.*, 521.

[992](#) Nuttall, *Princípios Fundamentais da Civilização do Velho e do Novo Mundo*, 288.

[993](#) O'Neill, *op. cit.*, 226. O'Neill resume o Ki da seguinte maneira: "Colocado no meio, é (como o pivô, como o rei, como a estrela polar) o centro e o Terminus; ou como o ponto superior do poste de uma casa, que é o centro e sustenta tudo. . . O Ki, o pólo supremo, é o centro dos céus e da Terra. *Ibid.*, 520. Novamente, o "centro" coincide com o "cume".

[994](#) Darmesteter, *O Zend Avesta*, Parte II, 175.

carruagem solar ascendendo no leste para passar rapidamente sobre o céu.) De acordo com o *Bundahish* a "luz sobe de Hera Berezaiti". 996

A montanha, então, fica a leste geográfico? Isso não. O sol no topo do monte é Mitra, "o senhor das vastas pastagens,. . . insone e sempre acordado; de quem o Criador Ahura Mazda construiu uma residência no Hera-Berezaiti, *a montanha brilhante em torno da qual giram muitas estrelas*, de onde não vem nem noite nem escuridão, nem vento frio e nem vento quente, nem doença mortal, nem impureza feita pelos Daevas, e as nuvens não podem alcançar o Hera-Berezaiti." 997

O caráter polar do monte não foi perdido por Lenormant, que escreveu: "Como o Meru dos índios, HeraBerezaiti é o pólo e o centro do mundo, o ponto fixo em torno do qual o sol e os planetas fazem suas revoluções". 998 Através do paraíso no zênite correram os quatro rios direcionais; e aqui estava a residência "brilhante" de Ahura Mazda, a "casa de louvor". 999

Os iranianos foram tão profundamente influenciados por esta montanha primordial que se encontra a mesma colina cósmica com vários nomes. Conforme relatado por Lenormant, todos os grupos encarnados pela raça, "desejando ter sua própria Hera-Berezaiti", deixaram montanhas sagradas comemorativas em um local após o outro. 1000

Quando o *Zend Avesta* fala de "Monte Us-hindu, que fica no meio do mar", 1001 reconhece-se a mesma montanha central. o *Bundahish* descreve o pico cósmico como "aquele que, sendo de rubi, da substância do céu, está no meio do amplo oceano formado." 1002 Não é este o caráter de cada Colina Primitiva, elevando-se ao *Centro* do mar cósmico?

Os iranianos também chamam a montanha cósmica de Taera (ou Terak). No *Textos Pahlavi* Taera aparece como o "Centro do Mundo". 1003 E, novamente, a montagem central é o eixo, para o *Zend Avesta* retrata o "sagrado Rasnu" descansando "sobre o Taera do alto Haraiti, em torno do qual as estrelas, a lua e o sol giram". 1004

No monte cósmico ficava o local de nascimento do primeiro ancestral. No "centro da terra", Gayomarth nasceu "radiante e alto", governando sobre a grande colina como "rei da montanha". 1005 Este centro mundial era o paraíso Airan-vej, o Éden iraniano, e Gayomarth era o "primeiro homem". A característica mais marcante deste paraíso era o grande pico Kadad-i-Daitik, denominado "o Centro da Terra". E onde estava essa montanha primordial no centro do mundo? É identificado como "o pico do julgamento" no topo de Hera Berezaiti. 1006

995 *Ibid.*, Parte I, 225, incluindo nota I.

996 Oeste, *Bundahish XX*.

997 Darmesteter, *op. cit.*, Parte II, 131-32. [Enfase adicionada.]

998 *Ararat e Eden*, 41

999 Dresden, "Mythology of Ancient Iran", 359.

1000 *Les Origines*, Vol. Eu, 30 ff.

1001 Darmesteter, *op. cit.*, Parte II, 101.

1002 Oeste, *op. cit.*, xii, 6.

1003 Warren, *op. cit.*, 243.

1004 Darmesteter, *op. cit.*, Parte II 175.

1005 *Ibid.*, 33, nota 1.

1006 Warren, *op. cit.*, 156-57.

Assim, os maniqueus poderiam dizer com segurança: "O Homem Primevo vem, então, do mundo da Estrela Polar". [1007](#)

Sibéria

Entre as raças altaicas, encontra-se uma memória bem preservada do pilar cósmico. "A concepção de um pilar de sustentação do céu remonta à raça altaica a um período relativamente antigo", afirma Uno Holmberg. [1008](#) O consenso afirma que a coluna subiu até o pólo celeste estacionário. Entre muitas tribos, era "a coluna de ouro". Os kirghis, bashkirs e outras tribos tártaras siberianas o recordam como "o pilar de ferro". Para os Teleuts era "o posto solitário" e para os Tungus-Orotshons, "o posto de ouro". [1009](#)

Os mitos siberianos descrevem o pilar como uma grande montanha, que os mongóis e kalmucks chamam de Sumur ou Sumer e os Buriats Sumbur (intimamente relacionado ao Meru ou Sumeru hindu). "Seja qual for a forma que se imagine esta montanha, ela está sempre ligada à cosmografia desses povos, formando seu centro. . . Tanto quanto pode ser rastreado, tem sido uma crença cosmológica. "

"Onde, então, fica o cume desta montanha-terra?" pergunta Uno Holmberg. "Podemos supor que seja no cume do céu, diretamente acima de nós. . . Não foi, no entanto, previsto assim, mas em vez disso, seu pico sobe para o céu na Estrela do Norte, onde o eixo do céu está situado, e onde, no pico, a morada do Deus Supremo e seu 'trono dourado' Está situado. Para esta ideia aponta também a suposição, encontrada em toda a Ásia, de que a montanha do mundo está ao norte. " [1010](#)

Os mitos da criação da Sibéria relatam que o "Deus elevado" Ulgen, na criação do mundo, estava sentado no topo de uma "montanha dourada". [1011](#) Os siberianos conceberam o eixo-coluna como o *poste central* ao qual os corpos celestes giratórios estavam ligados. Assim como os textos egípcios chamam o pilar de "Grande Posto de Amarração" e os sumérios o denominam de "Posto de amarração", as raças altaicas dão a ele o nome de "posto de amarração poderoso". Os nômades da Ásia Central afirmam que o uso de um poste para amarrar seus corcéis imita os deuses, que prendiam seus cavalos ao poste do céu. Certas tribos tártaras siberianas descrevem o pilar cósmico como um "poste de cavalo dourado" erguido em frente à morada dos deuses. [1012](#)

As tribos altaica e fino-úgrica comemoravam o pilar do mundo por meio dos pilares de sacrifício erguidos no centro da vila ou como o pólo central da tenda. O posto ritual dos lapões era *Veraldén Tshould* -"a

[1007](#) Uno Holmberg, *Die Religiösen Vorstellungen der Altaischen Völker*, 80

[1008](#) *Mitologia siberiana*, 333.

[1009](#) *Ibid.*, 341.

[1010](#) *Ibid.*, 342.

[1011](#) Uno Holmberg, *Die Religiösen Vorstellungen*, 59.

[1012](#) Uno Holmberg, *Mitologia siberiana*, 337. Embora o pilar cósmico seja explicitamente polar, os siberianos (como tantas outras raças) o conectam com o "sol" primitivo. Os Ostiaks descrevem o poste de ligação celestial como estando "do lado do sol". Certas tribos consideram o pólo celestial como a "Coluna de Ouro", "a Coluna de Fogo" ou "a Coluna do Sol". Eliade, *op. cit.*, 236.

Algumas tradições descrevem o poste de ligação como feito de ferro. Os Voguls lembram "o pilar de ferro sagrado de deus erguido para amarrar o animal sagrado com coxas multicoloridas", enquanto outros geralmente o descrevem como um "prego" brilhante servindo como eixo e suporte do cosmos. Os samoiedos, por exemplo, falam de um "prego do céu" polar, "em torno do qual os céus giram". Uno Holmberg, *Mitologia siberiana*, 221. Entre os finlandeses e lapões, a concepção do pilar mundial como um prego de ouro era muito comum. Holzmayer descreve a crença da seguinte forma: "No meio do céu, ou no norte, os céus são fixados por um prego de tal maneira que podem girar em torno do prego, sendo a rotação causando o movimento das estrelas. " Este prego é ao mesmo tempo concebido como suporte ou fundamento do céu. *Ibid.*

O "Prego do Norte" altaico era o eixo do moinho mundial. Os Ostiaks cantaram: "Há um moinho que mói sozinho e espalha o pó a cem coletes. E há um mastro dourado com uma gaiola dourada no topo, que também é o Prego do Norte. " De Santillana e von Dechend, *Hamlet's Mill*, 96. Podemos agora entender este moinho como a roda cósmica em constante rotação apoiada pelo "pólo dourado" ou pilar-eixo: ([aqui](#))

pilar do mundo”- e representava a elevada coluna polar. [1013](#) Uno Holmberg relata que o poste de madeira que sustenta o centro da tenda do xamã altaico duplica o caráter cósmico do pilar primitivo que sustenta o céu. Nos ritos mágicos, o xamã sobe a este posto para chegar ao umbigo e ao cume do mundo.

“No meio do mundo existe um pilar de madeira de bétula, dizem os Yakuts.” [1014](#) O pólo sagrado, relata Holmberg, representava a montanha do umbigo.

Como tantas outras raças, os finlandeses identificam o umbigo com o cume, pois lembram a origem do fogo:

*Lá no umbigo do céu No pico da famosa
montanha. [1015](#)*

Na montanha cósmica apareceu o “primeiro homem”, irradiando luz. As raças altaica e fino-úgrica como um todo consideram esse centro - o “lugar mais calmo” - como o local do paraíso perdido, regado por quatro rios, cada um associado a uma cor diferente. Aqui, eles afirmam, o “sol” nunca se punha abaixo do horizonte, e aqui a raça original desfrutava de uma primavera perpétua. [1016](#)

Grécia e Roma

Quando os gregos falam do Monte Olimpo como o lar dos deuses, costuma-se pensar no famoso pico macedônio, a montanha mais alta da Grécia. No entanto, vários picos na Grécia e na Ásia Menor competiram pelo título de “Olimpo”. Arcádia e Tessália tinham seu próprio Olimpo, assim como Lacônia. As montanhas na Ática, na Eubeia e em Skyros ainda são chamadas de Olimpo hoje. Quatro picos diferentes do Monte Ida levaram o nome, enquanto havia outro Olimpo na Galácia, outro na Lídia, outro na Lícia, outro na Célicia. Da mesma forma, Lesbos e Chipre possuíam um Olimpo sagrado.

Para obter uma explicação das muitas localizações, devemos olhar para o protótipo cósmico. Cada colina intitulada Olimpo comemorava o local de descanso original do grande pai Cronos (mais tarde Zeus), assim como a colina que os romanos chamavam de Capitolino simbolizava o “Monte de Saturno”. [1017](#) Dionísio de Halicarnasso, portanto, relata uma assimilação completa do Capitólio ou colina de Saturno e do Olimpo grego ou Monte Cronos. [1018](#) Ambas as colinas significavam o monte primordial em que o velho deus Saturno fundou sua residência celestial.

O mítico Olimpo, que deu nome a tantos picos sagrados, era o cume “totalmente brilhante”, a altura “etérea” ou “céu em chamas”. O autor do Epinômio Platônico se refere ao Olimpo como “o Cosmos”. [1019](#)

Platão nos diz que o Olimpo era o omphalos ou umbigo da terra, [1020](#) um fato de importância vital, uma vez que os gregos conheciam o omphalos como o “eixo”.

[1013](#) Em um desses postes de madeira descrito por Leem, um prego de ferro foi cravado no topo como um símbolo óbvio do prego mundial. Uno Holmberg, *Mitologia siberiana*, 221-22.

[1014](#) Uno Holmberg, *Die Religiösen Vorstellungen*, 47-48.

[1015](#) *Ibid.*, 62

[1016](#) *Ibid.*, 75-88.

[1017](#) Lenormant, *Les Origines*, Vol. I, 146.

[1018](#) Dionísio de Halicarnasso, I, 34; II, 1.

[1019](#) Cozinhos, *Zeus: um estudo na religião antiga*, Vol. I, 101, 114-15.

[1020](#) Platão, *Critias*, 120; Lenormant, *Les Origines de l'Histoire*, Vol. I, 146.

Além disso, a tradição do Olimpo não pode ser divorciada da de Ida, outra montanha mítica que possui mais de uma localização. Esse Monte Ida tinha o nome de Olimpo e, como Olimpo, dizia-se que se erguia no *éter*, [1021](#) revela a identidade subjacente dos dois pilares do céu. Ida foi o local de nascimento:

No centro do mar é a Ilha Branca de Zeus. Lá está o Monte

Ida, e o berço de nossa raça. [1022](#)

Assim declara Enéias. Para quem conhece a tradição geral, esta montanha no meio do mar só pode ser a colina primitiva, o pico cósmico ao qual todas as raças da terra traçam sua ancestralidade.

Também concebido como o centro do mundo foi o famoso Monte Parnaso, do qual, segundo os mitos locais, a raça humana descendeu. Na encosta do Parnaso ficava Delfos, o popular santuário de Apolo, considerado "o umbigo". Mas aqui também devemos olhar além do monte terrestre comemorativo para compreender seu simbolismo. O mítico Parnaso é, sem dúvida, o mesmo que o Sânscrito Parnasa, que o hindu *Puranas* ligar *Meru*, a montanha polar.

Um dos que perceberam a montanha sagrada grega como a cópia do monte cósmico foi Warren, que concluiu: "O Olimpo era simplesmente o pilar atlante [o" pilar do céu "] retratado como uma montanha elevada, e sustentando o céu ao norte Pólo. Na verdade, muitos escritores agora afirmam que o Olimpo da mitologia grega era simplesmente a 'montanha-mundo' do pólo norte das nações asiáticas." [1023](#) Mas o ponto é raramente reconhecido hoje, e a maioria dos tratamentos do assunto ainda pede ao monte macedônio para explicar sua própria imagem mítica.

Semita ocidental

O Monte Sião, local do antigo templo hebraico, é uma pequena colina em Jerusalém, entre os vales do Tiropeon e do Quedro. Os hebreus freqüentemente chamam a própria Jerusalém de "Sião".

Mas nos "últimos dias", de acordo com Isaías (2: 2), Sião "será exaltada acima dos montes". Esta será a nova Jerusalém. O livro do Apocalipse, em referência a "um novo céu e uma nova terra", implica uma transformação do monte: "[Um anjo] levou-me em espírito para um *grande e alta montanha*, e me mostrou aquela grande cidade, a santa Jerusalém, que descia do céu ". [1024](#) O versículo sugere que na ordem para vir a cidade celestial repousará sobre uma montanha que alcança o céu.

A imagem concreta do *Novo* Jerusalém, no entanto, é fornecida pela memória do *primordial* Jerusalém, fundada na criação. Este era o monte em que Yahweh, ou El, estava no início. A partir das evidências disponíveis, pode-se observar as seguintes características da Sião cósmica:

1 *A montanha ficava no umbigo do mundo.* [10: 25h](#)

Assim, na "criação", Deus moldou a "terra" ao redor de Sião. [1026](#)

2 *O topo da montanha era o cume mundial.*

Entre os hebreus, afirma Wensinck, "o santuário [Sião] foi considerado a montanha mais alta ou o território mais alto da terra". Este é, Wensinck acrescenta, "o primeiro caractere do umbigo". [1027](#) (Cada umbigo

[1021](#) Cozinhar, *op. cit.*, Vol. I, 116.

[1022](#) Citado em Warren, *op. cit.*, 182. [ênfase adicionada.]

[1023](#) *Ibid.*, 212.

[1024](#) Apocalipse 21:10. [ênfase adicionada.]

[10: 25h](#) Wensinck, " *As Idéias dos Semitas Ocidentais Sobre o Umbigo da Terra*, "1-10.

[1026](#) *Ibid.*, 16

[1027](#) *Ibid.*, 13

marca o centro e o cume.) Por meio da assimilação com o Sião cósmico, a colina local adquire a imagem do original.

Grande é o Senhor, e muito louvável na cidade do nosso Deus, no monte da sua santidade. Bonito para situação, a alegria de toda a terra, é o monte Sião. 1028

A frase "bonito para a situação" (*sim nop*) tem o significado concreto de "soberbo altaneiro" (tradução de Gaster da frase). 1029 Desnecessário dizer que a pequena colina na Jerusalém terrestre não fornecia essa imagem.

3 - Sião fica no extremo norte.

Mt. Sião, "longe do Norte", uma cidadela do imperador. 1030

Aqui, a Sião cósmica é identificada com o Zaphon celestial, o Monte da Congregação no extremo norte. Este é o monte do qual Lúcifer foi lançado:

Para ti [Lúcifer] disseste em teu coração, subirei ao céu, exaltarei meu trono acima das estrelas de Deus: Vou sentar-me também no monte da congregação, nos lados do norte [Zaphon]. Eu vou subir acima as alturas das nuvens; Serei como o Altíssimo. 1031

Assim, Deus (como El, o Altíssimo) reside em uma grande montanha ao norte, alcançando as estrelas. Clifford nos diz que "o significado de Zaphon parece ser praticamente 'céus'." 1032 O fato de Sião ser sinônimo dessa montanha cósmica no extremo norte liga a modesta colina de Jerusalém à montanha polar da mitologia global.

4 - Deus aparece como uma luz radiante no topo de Sião.

De Sião, a perfeição da beleza, Deus brilhou. Nosso Deus virá, e não guardará silêncio: um fogo devorará antes dele, e será muito tempestuoso ao seu redor. 1033

5 O templo (ou cidade) primordial fica em Sião.

"... A habitação de Yahweh em Sião é a contraparte terrena da gloriosa mansão que, segundo a tradição popular, o soberano divino teria construído para si mesmo na colina celestial dos deuses", escreve Gaster. 1034

6 Deus reside "no" a cósmica Sião.

O cerco da habitação de Deus (templo, cidade) é inseparável da montanha sobre a qual repousa. Assim, o Salmo pode empregar a frase: "na cidade do nosso Deus, *no* a montanha de sua santidade." 1035 "Lugar de habitação de Deus *no* Sião" 1036 é o cerco do cume.

7 Sião é o local do paraíso de Adão, a terra dos quatro rios.

Ao príncipe de Tiro (claramente a cidade cósmica, não a terrestre) o Senhor declara:

1028 Salmo 48: 1-2.

1029 Gaster, *Mito, lenda e costume no Antigo Testamento*, 758.

1030 Salmo 48: 2, traduzido por Gaster, *op. cit.*, 758.

1031 Isaías 14: 13-14. [Enfase adicionada.]

1032 Clifford, *A Montanha Cósmica*, 162

1033 Salmo 50: 2-3.

1034 Vir.

1035 Salmo 48: 1. [Enfase adicionada.]

1036 Salmo 76: 2. [Enfase adicionada.]

*Estiveste no Éden, jardim de Deus; cada pedra preciosa era a tua cobertura. . . Tu estavas no piedosos
montanha de Deus; tu tens andado para cima e para baixo no meio das pedras de fogo.* 1037

Nessas linhas, o príncipe da cidade cósmica aparece no personagem de Adão, entronizado entre as pedras de fogo do Éden. Ocupar o jardim primitivo é habitar no "monte santo de Deus". 1038 O ponto é observado por Wensinck: "O paraíso consiste realmente em uma montanha mais alta do que qualquer montanha da terra. . . O paraíso também é considerado um umbigo. " 1039 O fato de a montanha ultrapassar todos os picos terrestres simplesmente significa que era cósmica, assim como o paraíso no topo.

Essas características do pico do céu na tradição hebraica encontram confirmação adicional na montanha cósmica intimamente relacionada do mito cananeu. Zaphon, no extremo norte, aparece repetidamente nos textos como o local de descanso do deus alto Baal. "Existem semelhanças impressionantes entre a montanha *spn* [Zaphon] nos textosugaríticos e o Monte Sião na Bíblia Hebraica ", escreve Clifford. "Em ambos a divindade habita em seu templo, a partir do qual ele exerce seu governo; trovões e relâmpagos são freqüentemente seus meios de divulgação; a montanha . .

. é inexpugnável; está relacionado com a fertilidade; e é um centro cósmico. " 1040

Digno de nota é "a dimensão mítica e cósmica do pilar ou montanha. Ou seja, ele se junta ao mundo superior e inferior; nele está contida uma superabundância de vida, de água; é o trono da divindade. " 1041 Assim como o hebraico Javé habita *no* Sião, o mesmo acontece com o deus cananeu Baal *no* o Zaphon cósmico:

*No meio da minha montanha, divino Zaphon, No lugar
santo, a montanha da minha herança, No local escolhido,
na colina da vitória.* 1042

Baal é entronizado, sim (seu) assento é a montanha. . .

No meio de sua montanha, o divino Zaphon. . .

Sua cabeça é maravilhosa. 1043

Deve ser esta colina cósmica representada em um marfim fenício, reproduzido por Clifford. O marfim (datado do primeiro milênio aC) mostra uma montanha personificada como uma divindade masculina. O deus da montanha segura em sua mão um vaso do qual quatro riachos fluem em direções opostas. 1044 Saindo do cume do monte, os quatro rios fornecem um paralelo distinto com os quatro rios de outras tradições.

1037 Ezequiel 12: 13-15. [Ênfase adicionada.]

1038 Veja também o *Livro dos Jubileus* 8:19.

1039 *Op. cit.*, 14

1040 Clifford, *op. cit.*, 131

1041 *Ibid.*, 97

1042 *Ibid.*, 68. [Ênfase adicionada.]

1043 *Ibid.*, 77. [Ênfase adicionada.]

1044 *Ibid.* Complementando as tradições hebraicas de Sião estão os contos muçulmanos da montanha mundial Kaf. De acordo com o comentário de Tha'labi, "Allah criou uma grande montanha de esmeralda verde, da qual deriva a cor verde do céu: é chamada de monte Kaf e envolve toda a terra". Wensinck, *op. cit.*, 5. A montagem serviu como um suporte estável e encerrou o "mundo". Esta é exatamente a imagem da terra celestial fechada formando o cume da colina primitiva: ([aqui](#))

A cosmologia muçulmana conhece a cidade sagrada de Meca como o cume da montanha mais alta do mundo. *Ibid.*, 12, 25. O trono de Alá no topo da montanha ou cume do mundo ficava no pólo celestial. "O ponto mais alto e o centro do céu é a Estrela Polar", afirma Wensinck. *Ibid.*, 47

As Americas

“Os antigos mexicanos”, escreve Warren, “concebiam o berço da raça humana como situado no extremo norte, sobre as montanhas mais altas, rodeado de nuvens, a residência do deus Tlaloc. Daí vêm as chuvas e todos os riachos, pois Tlaloc é o deus da água. O primeiro homem Quetzalcoatl, depois de ter governado como rei da Idade de Ouro do México, retornou por direção divina ao Paraíso primitivo no Norte (Tlapallan) e participou do esboço da imortalidade. A estupenda pirâmide-templo de Cholula era uma cópia e símbolo da sagrada montanha do Paraíso da tradição asteca, que foi descrita como estando 'no *Centro do país médio*.'” 1045

Chamado *Colhuacan*, A montanha de Tlaloc era o local da pátria mítica Atzlan, a “Montanha Branca” da qual, segundo os mitos, os mexicanos descendem. 1046 No cume de Colhuacan estava o templo de Mixcoatl, “o deus da Estrela Polar”. 1047 Embora os mitos mexicanos estejam repletos de referências ao “centro” primordial, nota-se que (como afirma Sejourne) “o centro. . . é também o ponto onde o céu e a terra se encontram”, 1048 *ie*, é “o ponto mais alto do mundo”, o cume da montanha mundial.

Como indicação da estreita correspondência entre a montanha paradisíaca mexicana e a de outras raças, cito o seguinte relato mixteca das origens divinas. O relato relata que “o pai e a mãe de todos os deuses” construíram uma mansão sobre um *grande colina* enquanto o mundo ainda está “em profunda obscuridade”:

*. . . Quando tudo era caos e confusão, a terra
estava coberta de água,*

havia apenas lama e limo na superfície da terra.

Naquela hora . . .

tornou-se visível

*um deus que tinha o nome de 1-cervo e o
sobrenome Cobra do Leão e uma deusa, muito
gentil e bela,*

cujo nome também era 1-cervo

*e cujo sobrenome era Cobra do Tigre. É dito que
esses dois deuses foram o começo*

de todos os outros deuses. . .

As raças semíticas ocidentais afirmam que o criador morava em uma tenda celestial, refletida em tendas imitativas na terra. O pólo central da tenda terrestre corresponde à montanha mundial. Os árabes chamaram a *montanha cósmica* em si o “Pólo Central da Tenda”, enquanto o nome árabe para a estrela do pólo, Al-rucaba, deu ao espanhol *arrocabe*, “O pilar de um telhado.” O’Neill, *op. cit.*, Vol. I, 226.

O monte polar também encontra expressão simbólica no minarete árabe ou “casa de luz”, uma torre esguia e elevada anexada a uma mesquita muçulmana. Na sacada do minarete, o muezim chama o povo para a oração. O maior minarete do mundo é o Qutb Minar em Delhi, com mais de 240 pés de altura e descrito por um observador como semelhante a “um telescópio vermelho ciclópico”. *Ibid.*, 206-8. O Quth (de Qutb Minar) é, como nós temos visto, o “pólo” ou “eixo” do universo. O minarete - comemorando o eixo-coluna - corresponde, portanto, bem aos pólos e colunas sagrados de outras nações. (EU [mais cedo](#) propôs que o protótipo do minarete fosse o Mena-uret egípcio - o Grande Posto de Ancoragem.)

1045 *Op. cit.*, 247. [ênfase adicionada.]

1046 Masey, *Antigo Egito*, 588.

1047 Krickberg, em *Religiões pré-colombianas*, 41; Fay Diego Duran, *Livro dos Deuses e Ritos*, 161, nota de rodapé do tradutor.

1048 Sejourne, *Água Queimando*, 89

*Assim que esses dois deuses se tornaram visíveis
na terra, em forma humana, os relatos de nosso
povo relatam que com seu poder e sabedoria eles
fizeram e estabeleceram uma grande pedra*

*no qual eles construíram uma mansão muito suntuosa,
construído com o melhor acabamento que era sua
sede e residência na terra. . .*

Esta grande pedra e a mansão

*estavam em uma colina muito alta,
perto da aldeia de Apoala. . . Esta grande
pedra foi nomeada*

“O-lugar-onde-os-céus-estavam.”

E lá eles permaneceram muitos séculos

em completa tranquilidade e contentamento, como em um lugar aprazível e delicioso. . .

O poema segue descrevendo a plantação de um jardim abundante no topo da montanha com -

*flores e rosas
e árvores e frutas e
muitas ervas
e desta forma*

começou o reino Mixteca. 1049

Aqui temos o deus Um (“1-Cervo”) aparecendo nas águas primitivas e tendo como sua esposa a grande mãe. O aparecimento do par primitivo coincide com a construção de uma mansão no topo de “uma colina muito alta”. Que esta era a montanha cósmica fica claro pela referência à “grande pedra” de fundação no topo da colina: seu nome era “o-lugar-onde-os-céus-estavam” (não era da nossa terra). Com seu jardim de fartura, esta casa da dupla Mixtec ofereceu “completa tranquilidade e contentamento”. (Compare o egípcio *Jardim de Hetep*, cujo próprio nome transmite o duplo significado de “descanso” e “abundância”).

Todas as nações olham para trás, para o Deus Um como o primeiro rei e para a primeira geração de deuses como os “ancestrais”. Assim, o poema conclui: “assim começou o reino Mixteca”.

Uma montanha central, identificada com “o umbigo da terra”, também aparece nos mitos dos Pima no sudoeste dos Estados Unidos. Desta montanha o mundo foi povoado. 1050 O Omaha comemora a grande rocha que Wakanda convocou das águas, no início do mundo:

. . . A grande rocha branca,

Em pé e alcançando tão alto quanto os céus, envolto em névoa.

Na verdade, tão alto quanto o céu. . . 1051

1049 Léon-Portilla, *Literaturas pré-colombianas do México*, 56-57.

1050 Alexandre, *Mitologia norte-americana*, 178.

1051 *Ibid.*, 107

“Os índios, como os semitas”, afirma Alexandre, “conceberam o mundo como uma montanha, surgindo do deserto das águas cósmicas e arqueado pela cúpula celestial”. [1052](#)

Os indígenas da Guiana conhecem a grande montanha Roraima, “nascente sempre fértil de riachos”. Em torno deste pico, dizem os nativos, está “um círculo mágico”. Na mesma montanha, eles se lembram de uma enorme serpente “que poderia enredar cem pessoas em suas dobras”. [1053](#)

Na tradição esquimó, o mundo superior ou inferior fica além de uma grande montanha em torno da qual gira a cúpula celestial. A terra acima disso *eixo-montanha* é dito que se assemelha a nossa terra. [1054](#)

Como outras raças, os índios americanos representavam o Monte cósmico pelo centro da morada sagrada. Talvez a versão mais interessante ocorra no simbolismo de Delaware da “Casa Grande”, uma residência ritual conhecida por representar a criação primitiva. No topo do poste central da Casa Grande estava a efígie do deus criador Gicelemukaong. “O posto em que seu rosto aparece o representa em seu aspecto de poste central do universo, o sustentador de toda a estrutura da criação”, escreve Muller. [1055](#) A conexão deste poste-rei com a Ursa Maior [1056](#) prova seu caráter polar, enquanto o criador no cume é sem dúvida o deus polar supremo.

Uma Memória Coletiva

Os mitos e símbolos da montanha cósmica constituem uma memória coletiva compartilhada por toda a humanidade. O Monte aparece universalmente como a altura inacessível, atingindo o centro do céu. Em torno de seu cume gira o círculo do Cosmos. Em todos os relatos principais, o Monte aparece como a pátria ancestral - o paraíso perdido com seus quatro rios.

De uma seção do mundo para outra, os antigos representavam a colina primitiva por meio de postes e pilares sagrados - os postes centrais dos templos e outras moradas sagradas, ou as colunas independentes segurando no alto vários emblemas do grande deus e seu recinto.

O pilar de luz que parecia apoiar o deus-planeta era “a montanha mais alta da terra”. O deus no topo da montanha parecia ocupar o cume da paisagem terrestre, mas também apareceu literalmente como o pivô em torno do qual todos os corpos celestes giravam.

Em outras palavras, pode-se falar do grande pai governando “sobre *nosso* terra” sem reduzi-lo a meras proporções humanas. A mesma figura governou como o sol central.

É à montanha cósmica que devemos nos referir para dar sentido à colina comemorativa ou coluna sagrada. No entanto, a prioridade do pico cósmico raramente é admitida pelos especialistas.

Os gregos eram tão pouco sofisticados a ponto de acreditar que Cronos - reconhecido como o planeta Saturno - estava entronizado em um *loca*/Olympus. Os hebreus realmente acreditavam que Yahweh, na criação, realmente estava no monte de terra que agora chamamos de Sião? (A verdade é que na era da poesia épica e da fábula, quando o

[1052](#) *Ibid.*, 8

[1053](#) *Mitologia latino-americana*, 277.

[1054](#) Alexandre, *Mitologia norte-americana*, 8

[1055](#) No *Religiões pré-colombianas*, 163

[1056](#) *Ibid.*, 166. O templo nacional mexicano de Tlaloc e Vizilputzi (irmão de Tlaloc) ficava no centro da cidade do México, de onde quatro calçadas irradiavam nas quatro direções. “No centro do templo havia um Pilar ricamente ornamentado de santidade peculiar”, observou Warren, *op. cit.*, 247, nota 1. Uma vez que a interseção da encruzilhada simbolizava o centro cósmico e o cume, o pilar representava claramente a montanha celestial de Tlaloc no umbigo do mundo.

O centro e a capital da cidade peruana de Cuzco ficavam na intersecção de quatro grandes rodovias que corriam ao norte, sul, leste e oeste, cada uma atravessando uma das quatro províncias ou vice-royalties em que o Peru foi dividido. No templo central havia um círculo e no centro do círculo havia um pilar sagrado. *Ibid.*, nota 2.

cronistas confundiram o Olimpo cósmico e Sião com suas representações locais, a maioria dos homens educados deixou de acreditar nos mitos.)

A memória do *cósmico* montanha existia antes da nomeação de colinas sagradas em nossa terra ou da formação de representações simbólicas. Na verdade, o ponto deve ser desnecessário dizer. Embora os mitologistas gregos gostem de pensar que o Olimpo macedônio deu origem aos mitos da casa olímpica dos deuses, certamente ninguém sugeriria que os enormes obeliscos, postes de ferro ou minaretes foram criados *antes* os homens conceberam o grande deus apoiado em tal suporte. O mito cósmico precede e dá sentido ao símbolo. A montanha local e o pilar sagrado compartilham o mesmo papel que as caracterizações de um protótipo cósmico.

Divorciado do protótipo, o símbolo sempre aparecerá como uma expressão de grosseira ignorância. Uma boa ilustração disso é a explicação de Cook do pilar sagrado germânico Irminsul, "o pilar do céu". Para o primitivo, Cook nos diz, "o céu precisa de um suporte visível. O homem primitivo era de fato assombrado por um pavor muito definido de que aquilo pudesse desabar sobre ele."

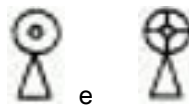
"Como essa crença surgiu, podemos apenas supor. Pode ser que no passado obscuro, quando os ancestrais dessas tribos se desenvolveram de caçadores em pastores e emergiram da floresta para a planície aberta, eles perderam a grande árvore que parecia sustentar o céu ('alcançando o céu' como Homer chama isso). E na ausência do suporte poderoso não havia nada para garantir a segurança de seu telhado [o céu]."

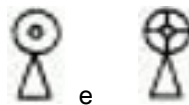

"Ora, o homem primitivo era uma pessoa prática. Como o telhado estava inseguro, ele começou a escorá-lo." 1057

Um observador após o outro confunde o símbolo com o protótipo. Pode-se sugerir que os primitivos ergueram o posto sagrado porque "sentiram falta da grande árvore que parecia sustentar o céu"? Poderiam os selvagens mais ignorantes acreditar que o próprio pedaço de madeira diante deles sustentava todo o céu de modo que alguns golpes de machado derrubarão o sol, a lua e as estrelas?

Alguns mitólogos comparativos, observando a conexão da montanha sagrada com o eixo do mundo, procuram entendê-la como uma metáfora astronômica: os antigos devem ter ficado tão impressionados com a revolução visual dos céus em torno de um ponto central - o pólo celeste - que conceberam uma grande coluna apoiando o céu em seu pivô e constituindo o eixo fixo do universo. Esses escritores vêem a montanha como uma ficção primitiva, empregada para explicar os movimentos regulares e harmoniosos dos céus.

Mas na visão de mundo antiga, o eixo-pilar cósmico pertence a uma visão integrada e não pode ser separado de outros temas centrais. Se o Monte não era mais do que uma metáfora colorida para o eixo cósmico, em que metáfora o sol polar se originou? Por que essa luz estacionária foi chamada de Saturno? E por que os hinos invocam incessantemente uma faixa brilhante ao redor do deus, ou quatro raios primários de luz que irradiam deste sol central? Para explicar a montagem cósmica como uma analogia desenhada pela imaginação primitiva, deve-se, em termos semelhantes,



conta para toda a gama de motivos anexados aos sinais  e , as imagens mundiais do montanha. Tal tarefa exigiria abstrações muito além das que os antigos estavam acostumados.

Enquanto o homem moderno procura uma explicação para os mitos nos céus atuais, os próprios criadores de mitos nos dizem repetidamente que falam de um *desapareceu* ordem mundial. A montanha cósmica é a *Primitivo* Colina; o jardim no topo é o *perdido* paraíso; e o sol central governando o recinto é o *banido* Rei de Deus. Todo o drama apresentado no ritual arcaico ocorre em uma época anterior, separada da nossa por catástrofes avassaladoras (um assunto que deve ser reservado para tratamento em um volume separado).

Quando os antigos sacerdotes invocam o "Monte da Glória", o "Pico de Joias", a "coluna de fogo" ou a "montanha dourada", eles afirmam o Monte como uma aparição visível e poderosa.

Além disso, basta considerar as diversas formas míticas do Monte para descobrir um simbolismo de tal amplitude e coerência a ponto de refutar qualquer apelo às abstrações.

O Monte do Poder Masculino

A história mítica apresenta a montanha cósmica como o poder masculino dos céus, implantando o luminoso "semente" (Saturno) dentro do útero da deusa-mãe. A deusa, personificando a faixa em torno do sol central, torna-se assim o "senhora da montanha."

Se o Atum ou Re egípcio é a Grande Semente, o Ninurta mesopotâmico, ou Ningirsu, é "a Semente que dá vida". 1058 O ritual declara que a semente primordial foi gerada pelo pilar do mundo. "Meu rei Ningirsu.

... "Seu senhor semente gerada pela Grande Montanha", diz um hino sumério. 1059 Na mesma linha, os egípcios conceberam Re a "Semente" da montanha cósmica Shu.

A montanha é a *generativo* pilar e a grande deusa sua rainha. Ao formar a grande coluna nas águas de Kur, Ninurta se dirige a sua esposa Ninmah (uma forma de Ninhursag):

*Portanto, na colina que eu, o herói, amontoei, Deixe seu nome ser
Hursag (montanha), e você será sua rainha. 1060*

Da mesma forma, Ishtar, o "útero", é a esposa na montanha:

Ó senhora suprema da montanha do universo. 1061

O significado concreto do título da deusa será observado em um fragmento cananeu referente a Ishtar e ao Monte Pisaisa: o monte *coabita* com a deusa. 1062 A montanha do mundo assume a forma de Ithyphallus, observa Jeremias. 1063

O ritual egípcio invoca a deusa-mãe como a "Esposa da Montanha" 1064 enquanto o grande pai se torna *An-mut-f*, "O pilar de sua mãe". 1065

O fato de a grande deusa, como senhora ou rainha da montanha, realmente coabitar com ela nem sempre pode ser explicitamente explicitado, embora a relação seja frequentemente explícita no simbolismo do próprio Monte. O fálico



dimensão do pilar cósmico é muito clara no obelisco egípcio

a pedra Benben ou "Semente" de Atum. De acordo com Rouge, "Um estudo comparativo desses pequenos monumentos prova que o obelisco era reverenciado porque era o símbolo de Amen, o gerador. . . O obelisco passa insensivelmente de sua forma comum para a do falo." 1066

As concepções egípcias e mesopotâmicas da montanha mundial como poder masculino estão de acordo com o simbolismo hindu do monte cósmico Meru, considerado o princípio masculino do universo. 1067 Meru era, na verdade, o

1058 Kramer, *O Rito do Casamento Sagrado*, 54

1059 Frankfort, *op. cit.*, 257.

1060 Kramer, *Mitologia suméria*, 81

1061 Jastrow, *A Religião da Babilônia e da Assíria*, 399.

1062 Clifford, *op. cit.*, 30

1063 "Der Ithyphallus, der auf der elamischen Vase realistisch dargestellt ist, entspricht in der mythischen Symbolik der Weltberg." Jeremias, *Handbuch der Altorientalischen Geisteskultur*, 24

1064 Renouf, *op. cit.*, 115, nota 1.

1065 *Ibid.*, 54

1066 Citado em O'Neill, *op. cit.*, 201

1067 Faber, *op. cit.*, Vol. I, 331.

famoso *lingam* ou falo de Shiva, estendendo-se para cima ao longo do "eixo do universo". 1068 Refletindo essa ideia está a frase "a montanha viril", empregada pela *Atharva Veda*. 1069

O " pilar celestial" sobre o qual a dupla japonesa Izangi e Izanami se posicionou no início 1070 era, segundo a respeitada autoridade Hirata, ao mesmo tempo o eixo do mundo e o lingam. 1071

"... Cada montanha foi considerada o falo do mundo, e cada falo ou cone foi uma imagem da montanha sagrada", observa Faber. 1072

O caráter fálico de muitos pilares sagrados é tão amplamente reconhecido que requer poucos argumentos. 1073

De fato, certos estudiosos ficam tão impressionados com esse atributo dos pilares sagrados que buscam construir uma interpretação completa do antigo ritual em torno do tema: cada pilar e cada símbolo relacionado torna-se uma expressão de uma preocupação primitiva com a reprodução humana - e nada mais.

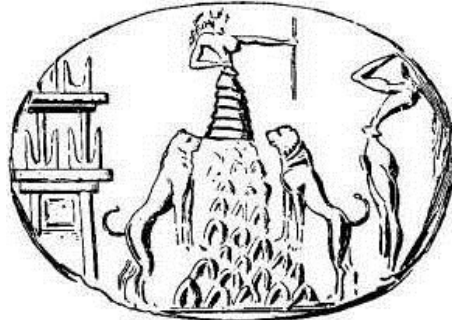


Figura 46. Senhora Cretense da Montanha.

No entanto, em cada caso, vê-se o *predominante* tema do *cósmico* montanha. Uma coisa é admitir o atributo masculino do pilar (entre outros atributos), mas outra coisa é afirmar, como alguns fazem, que o pilar era inicialmente nada mais do que um emblema masculino. A montanha cósmica veio primeiro, e foi bastante

natural que os antigos, refletindo sobre a relação da montanha com o sol fechado no cume (interpretaram toda a configuração em), termos masculino-feminino. Faber, após revisar a imagem global da montanha sagrada, conclui que em cada caso a montanha tinha em seu cume um círculo místico que recebeu o nome de deusa mãe e chamado de "o círculo do mundo". O deus do "sol", afirma Faber, reside dentro deste recinto como marido da grande mãe, enquanto a própria montanha é o órgão de geração universal.

(Despercebido por Faber, no entanto, é a conexão desta cosmologia universal com o signo



Aqueles que afirmam a prioridade absoluta do falismo não apenas esquecem que o pilar sagrado foi cósmico desde o início (*ie*, não era um mero emblema fálico gradualmente ampliado para dimensões cósmicas), mas deve encobrir os muitos atributos independentes do pilar e do recinto. (Seria absurdo, por exemplo, argumentar que o paraíso perdido mítico - regado por quatro rios que correm para os quatro cantos - foi o produto do falicismo primitivo.)

1068 Coomaraswamy, *op. cit.*, 54-5; 66, nota 15; 88, nota 132.

1069 Whitney, *Atharva Veda*, 680.

1070 Philippi, *O Kojiki*, 50

1071 *Ibid.*, 398-99, citando Hirata, *Shinto puro*, 67

1072 Faber, *op. cit.*, Vol. III, 203.

1073 *Ibid.*, 30 ff., 201 ff.

Uma interpretação da configuração polar se sobrepõe a outra. Mas apenas o protótipo explica o símbolo. [1074](#)

A Montanha Cósmica Personificada

A montanha cósmica geralmente assume a forma mítica de um grande gigante sustentando o sol central ou sustentando no alto o útero do Cosmos. Em outras ocasiões, o Monte se torna os membros inferiores do próprio grande deus.

Do gigante sustentador do céu, não há figura mais popular do que o Atlas grego. Na imaginação moderna, Atlas é o deus solitário carregando nossa terra sobre seus ombros. Mas Hesíodo certamente fala pela versão original quando escreve: “E Atlas, por meio de restrições rígidas, sustenta o amplo céu com cabeça e braços incansáveis, de pé nas fronteiras da terra, diante das Hespérides de voz clara.” [1075](#) Píndaro tem Atlas “resistindo ao peso do céu”, [1076](#) enquanto Ovídio fala de “Atlas forte que usa o céu nos ombros”. [1077](#)

(O leitor se lembrará de que "céu" significa "Cosmos".)

A visão usual é que as Hespérides, em cuja companhia Hesíodo coloca Atlas, ocupam uma região misteriosa na Líbia ou no extremo oeste. Mas Apolodoro, descrevendo o décimo primeiro trabalho de Hércules, relata que as maçãs de ouro guardadas pelas Hespérides “não estavam, como alguns disseram, na Líbia, mas em Atlas, entre os hiperbóreos”. [1078](#) Isso, é claro, coloca Atlas no extremo norte, conforme observado por Frazer. [1079](#)

Quando Apolodoro usa a frase “no Atlas”, ele se refere a Atlas como o *montanha* no qual Hera plantou o jardim dos deuses. [1080](#) O mítico Monte Atlas e o deus sustentador do céu eram sinônimos, os mitos declarando que Perseu petrificou Atlas na montanha. [1081](#) Uma vez que existe uma cadeia de montanhas no noroeste da África chamada Atlas, muitos escritores presumem que este seja o tema do mito, mas a localização do monte e do jardim por Apolodoro entre os hiperbóreos do extremo norte fala por uma ideia bem diferente.

[1074](#) o *montanha cósmica* foi a fonte masculina da geração universal, fato refletido nos atributos fálicos pronunciados do deus-montanha. Enlil, a “grande montanha” da Mesopotâmia, ergue a deusa Ninhursag, a “rainha” da colina cósmica, e implanta a “semente” masculina (Saturno) no útero celestial.

O Bel babilônico (cananeu Baal) recebe o título de “senhor, o poderoso monte Bel”. Allegro nos informa que o deus “deriva seu nome de um verbo sumério Al, 'bore', que combinado com um elemento pré-formativo BA, deu palavras para 'broca' e 'pênis' e deu ao latim e a nós nossa palavra 'falo'. *O Cogumelo Sagrado e a Cruz*, 24. Bel, a “montanha poderosa”, era a coluna geradora dos céus. A montanha fálica também era o furo porque era o eixo giratório.

O egípcio Shu, personificando a Montanha Clara, é “senhor do Falo” e aparece em um texto (*Texto Pirâmide* 642) a ser equiparado ao órgão masculino de Atum. Mais geralmente, o deus-pilar representa o falo de Geb, irmão e marido de Nut. A arte egípcia mostra Shu de pé no Geb reclinado e apoiando o corpo curvo e cravejado de estrelas de Nut com os braços estendidos. Em outro lugar, no entanto, os artistas substituem Shu pelo falo de Geb. Essas ilustrações, provenientes do período tardio da história egípcia, ainda preservam uma ideia vital, cujas origens serão encontradas na configuração simples ([aqui](#)) A identidade de Shu, o pilar do céu, com o falo de Geb, ilumina essas linhas do *Textos de caixão*: “Como Geb, vou engravidar você [Noz] em seu nome do céu. Vou juntar toda a terra a você em cada lugar. Ó bem acima da terra! Você é apoiado por seu pai Shu. ” Citado em Clark, *op. cit.*, 49.

[1075](#) Evelyn-White, *Hesíodo, os Hinos Homéricos e Homérica*, 117

[1076](#) Píndaro, *Pythian Odes* iv, 289.

[1077](#) Ovid, *Metamorfoses*, 168

[1078](#) Frazer, *Apolodoro*, II. V. II.

[1079](#) *Ibid.*, 221, nota 2.

[1080](#) Hyginus, *Astronomia Poética* ii. 3 -

[1081](#) Graves, *Os mitos gregos*, 144

Para encontrar o caráter original de Atlas, deve-se consultar a tradição global, pois esse deus sustentador do céu tem muitas contrapartes em todo o mundo.

Na Índia, vários deuses aparecem como personificações da montanha mundial. Agni é uma "coluna de apoio" ou o "pilar da vida", [1082](#) um deus que "sustenta o céu com seus feitiços eficazes", [1083](#) e serve como o "eixo" da roda ou carruagem cósmica. [1084](#) "Agni é representado como o eixo do Universo, estendendo-se como um pilar entre a Terra e o Céu", afirma Coomaraswamy. [1085](#)

Intimamente relacionado está Indra, aquele "que é vasto e autossustentável como uma montanha, o radiante e formidável Indra". [1086](#) "Sê apenas aqui; não se afaste; como uma montanha, não instável; Ó Indra, fique tu fixo bem aqui; aqui você mantém a realeza." [1087](#)

De Vishnu, o ritual hindu declara: "Tu separaste aqueles dois mundos, ó Vishnu." [1088](#) Savitar é o pilar do eixo da roda mundial: "Todas as coisas imortais repousam sobre ele como na extremidade do eixo de uma carruagem." [1089](#) E a *Upanishads* cante de Prajapati "Por ele os céus são fortes e a terra firme, por ele o reino da luz e a abóbada celeste são sustentados." [1090](#)

As tradições hindus do deus sustentador do céu encontram um paralelo na imagem cósmica de Buda como "a montanha dourada". A iconografia budista apresenta o Buda como um pilar de fogo ou como o sol central no topo de tal pilar, que era o "eixo do Universo". [1091](#)

Entre as raças altaicas, o pilar central freqüentemente recebe a personificação de uma figura imponente sustentando os céus. A coluna celestial se torna "o Homem-Pilar de Fogo", [1092](#) ou "o homem da coluna de ferro". [1093](#) O deus polar supremo finlandês era Ukko, invocado no *Kalevala* com as palavras "Ó Ukko, deus nas alturas, apoiador de todo o céu!" [1094](#)

Os santuários mitraicos representam Mithras na forma de Atlas, apoiando a abóbada celeste. "Desde o momento de seu nascimento, Mithras manteve o globo como *Kosmocrator* (governante do Cosmos)", afirma Cumont. "Atlas serviu para enfatizar a importância da tarefa de Mithras como portador dos céus e o poder derivado dessa junção." [1095](#) o

[1082](#) Oldenberg, *Hinos Védicos*, 49.

[1083](#) *Ibid.*, 61

[1084](#) *Op. cit.*, 65

[1085](#) *Ibid.*, 10

[1086](#) *Rig Veda* V, 3, 160.

[1087](#) Whitney, *op. cit.*, 347.

[1088](#) Eggeling, *op. cit.*, III, 5, 3, 14.

[1089](#) Campbell, *Mitologia Oriental*, 208

[1090](#) Nihilananda, *Os Upanishads*, 18. Também vimos que o hindu *skambha*, ou pós-universo, adquiriu a forma de um gigante cósmico sustentando os céus. Veja [aqui](#).

[1091](#) Coomaraswamy, *op. cit.*, 10; 68, nota 30; veja as placas I e II; veja também O'Neill, *op. cit.*, 194.

[1092](#) Eliade, *op. cit.*, 239.

[1093](#) Uno Holmberg, *Mitologia siberiana*, 234-35.

[1094](#) Lenrot, *O Kalevala*, 5

[1095](#) Cumont, *Os Mistérios de Mitra*, 116

O germânico Heimdall representou o eixo giratório dos céus [1096](#) enquanto o nome do deus semítico El tem como sentido primitivo "uma coluna".

Na América do Norte, a divindade amplamente reconhecida em lendas e mitos por diversas tribos indígenas foi Manabozho, que "reside sobre um imenso pedaço de gelo no Oceano Norte", dirigindo os movimentos cósmicos. Uma das formas de Manabozho era Ta-ren-ya-wa-go, "o detentor dos Céus". [1097](#) A assimilação do grande deus à montanha cósmica em que ele repousa explicará por que, na linguagem da astronomia antiga, Saturno é o "pilar". A conexão está ligada a uma referência enigmática a Saturno no Antigo Testamento. O profeta Amós acusa Israel de "ter levado o tabernáculo de seu Moloch e Chiun, suas imagens, a estrela de seu deus". [1098](#) O termo *Chiun* refere-se à "coluna" ou "pedestal" do deus-estrela adorado pelos israelitas no deserto. É o nome do planeta Saturno e remonta ao período babilônico *Kaiun*, também Saturno - a "estrela estável sobre uma fundação". Plutarco dá o título *Kiun* para o egípcio Anup, o "deus que está em seu mastro". *Kiun*,

afirma Massey, "denota o ponto mais alto, no centro, e se aplica à fundação do mundo. *O nome foi atribuído a Saturno como o deus nas alturas.*" [1099](#)

Saturno, o Homem do Céu, adquire assim a forma de um gigante cósmico, cujo vasto tronco é a montanha do



mundo. *O sinal oferece-nos uma imagem do Kosmocrator, o ser que tudo contém abraçando o homem e poderes femininos e apoiar o Cosmos.*

Além disso, esta conexão do deus supremo com o pilar cósmico fornece uma refutação adicional da visão comum que tem o deus, como nosso sol, *deixe a montanha a cada manhã* e voe no céu para afundar abaixo do horizonte ocidental. É a montanha que dá ao deus sua identidade como sustentador dos céus. Alguém poderia razoavelmente chamar o monte de deus *membros inferiores* se o sol estivesse unido ao monte apenas no momento do nascer do sol? O verdadeiro deus da luz não se move, mas permanece fixo no cume.

The Single Leg

Refletindo a assimilação do grande deus à montanha cósmica está a repetida caracterização do Monte como o único deus "perna."

Os antigos maias não conheciam deus maior do que Huracan, "o Coração do Céu". No *Popul Vuh*, o livro sagrado do Quiche Maya, Huracan preside a criação, trazendo o primeiro amanhecer. [1100](#) O nome *Huracan* significa literalmente "One-Leg". Goetz e Morley traduzem seu nome como "flash de uma perna ou o relâmpago". [1101](#)

A única perna de Huracan derivou de um raio? Podemos responder à pergunta olhando para outros deuses de uma perna só, dos quais a mitologia mundial apresenta um número surpreendente. A contraparte de Huracan no ritual nahuatl era o deus polar Tezcatlipoca, que também possuía uma única perna. E as mesmas pessoas adoravam Huitzilopochtli:

Portentoso, que habita a região das nuvens, você tem apenas um pé. [1102](#)

[1096](#) De Santillana e von Dechend, *op. cit.*, 158-59.

[1097](#) Emerson, *Mitos indianos*, 338-39, 438. Atlas era a *montanha cósmica* personificado. Assim, tanto Eurípides quanto Aristóteles relacionam o pilar do Atlas com o eixo do mundo. Warren comenta: "O eixo vertical do mundo é muitas vezes poeticamente concebido como um pilar majestoso, sustentando os céus e fornecendo o pivô sobre o qual giram." *Op. cit.*, 122

[1098](#) Amos 5:26.

[1099](#) *Antigo Egito*, 670. [ênfase adicionada.]

[1100](#) Goetz e Morley, *Popul Vuh*, 81-84.

[1101](#) *Ibid.*, 82, nota 7.

[1102](#) Léon-Portilla, *op. cit.*, 65

Da mesma forma, os índios Lillooet da Colúmbia Britânica se lembram de um antigo deus do trovão que se apoiava em uma perna só. [1103](#)

Olhando para além das Américas, descobre-se que os nativos da Austrália se lembram de um deus pernetta Turunbulun, que também possuía um *olho único*. [1104](#) Essa peculiaridade, por sua vez, lembra a figura sinistra encontrada por Owein na lenda arturiana: chegando a uma clareira na floresta, Owein encontrou um grande monte sobre o qual havia um *gigante com um olho e uma perna*. [1105](#)

O Celtic Sol ficou em um pé o dia todo. [1106](#) Os Wachoga africanos falam do velho deus Mrule, que residiu na Terra por um tempo antes de partir por causa da crueldade humana; o deus tinha apenas uma perna. [1107](#) O'Neill observa que uma estátua de bronze de um deus cabireano dos Medici *Iararium* ficou em um pé. [1108](#) O mito russo apresenta a demoníaca Verlioka como uma figura com um olho e uma perna. [1109](#) O mesmo acontecia com o deus primitivo chinês K'uei com um pé só. [1110](#)

O fato de mais de uma dessas figuras possuir um único olho além de uma perna é certamente a chave para uma solução.

O olho ciclópico respondeu ao sol polar fechado



, que os mitos colocam no pilar mundial



Esta última imagem não nos oferece a explicação mais simples e direta do deus de um olho e uma perna?

A evidência decisiva vem do Egito e da Índia. Em uma linguagem que os egiptólogos raramente tentam compreender, os textos egípcios falam da “perna” ou “coxa” de Osíris, Set ou Ptah. Enquanto a “coxa” feminina era o colo (útero) da grande mãe, os textos egípcios mostram que o *masculino* “Coxa” ou “perna” era a montanha cósmica. Enquanto vários textos retratam o deus brilhando sobre a Montanha da Luz, o deus Osíris “brilha acima da perna do céu”. [1111](#) “Salve, perna de fogo, que veio de Akhekhu” proclama o

Livro dos Mortos. [1112](#)



O egípcio *sept*, escrito com o símbolo da montanha

, significa “fornecer”. Mas *setembro* também significa “perna”.

A conclusão de Massey deve ser nossa: “A perna ou coxa era uma figura egípcia do mastro, como a encontramos na 'perna de Ptah'. . . Portanto, 'acima da perna' é equivalente a 'acima do mastro'”. [1113](#) Kees nos conta que a perna de Set, de onde se dizia que o “Nilo” fluía, representava o pólo. [1114](#)

[1103](#) Harris, *Boanerges*, 33

[1104](#) Coomaraswamy e Mivedita, *Mitos dos hindus e budistas*, 388.

[1105](#) Rhys, *Arthurian Legend*, 594.

[1106](#) MacCulloch, *Mitologia celta*, 190

[1107](#) Werner, *Mitologia africana*, 138

[1108](#) *Op. cit.*, 214.

[1109](#) *Ibid.*, 216

[1110](#) Bodde, “Myths of Ancient China”, em Kramer, *Mitologias do Mundo Antigo*, 374-76.

[1111](#) Mudar, *O Papiro de Ani*, 118

[1112](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 370.

[1113](#) *Antigo Egito*, 311.

[1114](#) Citado em Neumann, *A Grande Mãe*, 224.

O deus de uma perna só parece ser representado no hieróglifo egípcio *ab*



determinante

parece representar uma figura girando enquanto está de pé sobre uma perna. Pelo menos este é o



, para o

movimento sugerido pelo sentido da palavra "dar a volta". Este *ab* (



) também significa "coração" sugere que o deus de uma perna só é o parado, mas sempre girando *coração do céu*—A contraparte egípcia do deus maia Huracan, o "Coração do Céu".

Podemos testar essa interpretação contra o simbolismo hindu. As lendas hindus dizem que o velho deus Manu, o "rei dos homens" (o primeiro homem e o primeiro rei), "fez penitência árdua por dez mil anos" - durante todo o tempo " *equilibrado em uma perna.* " 1115 O grande pai Shiva não apenas suportou "pesadas penitências no Monte Himavânt", mas "manteve-se em um pé por mil anos". 1116 No *Upanishads* lê-se que o "Brahman tem apenas um pé". 1117

O pé do grande deus reforça o princípio de "descanso", "meditação" ou "penitência". Um caso em questão é a figura arcaica de Aja Ekapad, chamada de apoio "unipodal" do Cosmos. 1118 Agrawala nos diz que "ekapad ou unipodal denota a ausência de movimento". O deus de um pé "era desprovido de qualquer movimento e representava o princípio do repouso estático absoluto". 1119

Sobre o significado da única perna do grande deus, Coomaraswamy e Nivedita escrevem: "Diz-se que o mais antigo dos deuses antropomórficos masculinos foi a estrela polar, e há um toque de humor na maneira como ele é retratado de cima a baixo nas páginas de mitologia antiga. A estrela polar, ao que parece, de sua posição solitária no ápice do sistema estelar deu origem à noção de um deus que tinha um pé só. . . Assim, o *Rig-Veda* contém numerosas referências a Aja-Ekapad - um nome que pode ser traduzido como Cabra com um só pé ou Aquele que não nasceu com um pé ". 1120

Os hindus conheciam o pólo celeste como *Dhruva-lok* ou "lugar de Dhruva" (o deus "firme"). 1121 No *Bhagavata-purana*, pode-se ler que Dhruva, deus do mastro, em meditação profunda, "manteve-se em pé sobre um pé, imóvel como um *estaca.* " 1122 (Na verdade, uma perna do imóvel Dhruva *foi* uma "estaca" - o pilar central ou montanha do mundo.)

1115 Suryakanta, *A lenda do dilúvio na literatura Sanskrit*, 4. [Ênfase adicionada.]

1116 Keith, *Mitologia indiana*, 113

1117 Nikhilanda, *op. cit.*, 221 ff.

1118 Schwabe, *Archetype und Tierkreis*, 34

1119 Agrawala, *op. cit.*, 41, 70. No entanto, estranhamente, ao observar a conexão de um pé e a imobilidade, Agrawala nunca menciona o pólo celestial - e ainda mais estranhamente, ele identifica Aja Ekapad como o orbe solar (página 42).

1120 Coomaraswamy e Nivedita, *op. cit.*, 388-89.

1121 *Ibid.*, 378.

1122 O'Neill, *op. cit.*, 501. [Grifo nosso.] A identidade da perna única como o pilar do mundo encontra confirmação adicional no simbolismo das estruturas sagradas, míticas e históricas. No japonês *Kojiki* o mítico imperador Jimmu encontra um palácio que parece repousar em um poste central. Chamberlain traduz a descrição como "um palácio que poderia ser acessado com um passo". Mas a tradução mais literal, de acordo com Chamberlain, seria "um palácio com trinta centímetros de altura". Como tantas vezes acontece, a tradução literal é superior à escolhida pelos tradutores. Que o palácio se ergue com um único pé ou perna é confirmado pela referência Nihongi ao mesmo palácio: aqui, em vez de *Ashi*, "Pé", nós temos *hashira*, "pilar." Os comentaristas nativos parecem concordar que o único pilar sustentou todo o peso do palácio, observa O'Neill, *op. cit.*, 224.

O fato de o deus polar governar o mundo apoiado em uma perna lança luz sobre o ritual siamês no qual o rei, imitando o Monarca Universal, e para provar sua aptidão para exercer autoridade suprema, ficava apoiado em uma perna só. [1123](#) Pensa-se nos ritos de purificação gregos, que exigiam que os iniciados ficassem apenas em um pé. [1124](#) A prática de orar com uma perna só ocorre também em antigos ritos judaicos em Jerusalém e entre dervixes muçulmanos e eremitas hindus. [11: 25h](#) Seria inútil buscar uma explicação "natural" para a prática, pois o protótipo não se encontra no que hoje chamamos de mundo natural. Emulado é o feito do Monarca Universal ou primeiro ancestral, concebido como o Homem Ideal. "Aquele que tem um pé desnudou os que têm dois", afirma o *Rig Veda*. [1126](#) A afirmação deriva significado da supremacia do deus polar de uma perna só, que, enquanto permanecia fixo no centro cósmico, movia os céus girando. A única "perna" do grande deus significa a montanha mundial. [1127](#)

A Serpente / Dragão

A serpente desempenha mais de um papel nos mitos dos primórdios. Enquanto a serpente circular denota o recinto saturnino, também existe uma serpente masculina que serve como base ou coluna.

Uma comparação das tradições globais indica que, embora muitas lendas localizem a "terra" celestial na montanha cósmica, esse recinto também pode aparecer como a coroa de uma serpente ereta. No início, segundo um mito da criação do sudeste de Bornéu, havia apenas o céu e o mar, "nos quais nadava uma grande serpente em cuja cabeça havia uma coroa de ouro incrustada com uma pedra brilhante. Do mundo do céu a divindade jogou terra sobre a cabeça da serpente, construindo assim uma ilha no meio do mar; e esta ilha se tornou o mundo." [1128](#)

O Battak de Sumatra diz que no "oceano primitivo nadou ou pousou uma grande serpente em cuja cabeça a donzela celestial espalhou um punhado de terra. . . e assim ela formou o mundo." [1129](#)

No mito hindu, a gigantesca serpente Shesha sustenta o "mundo" em sua cabeça, [1130](#) assim como o Leviatã hebreu e as serpentes cósmicas muçulmanas. Entre os Buriats da Sibéria, prevalece a tradição de que o poderoso Ulgen criou um peixe gigante em meio às águas cósmicas para sustentar o "mundo". [1131](#)

[1123](#) Frazer, *The Golden Bough*, Vol. I, 230.

[1124](#) Cozinhos, *op. cit.*, Vol. I, 422.

[11: 25h](#) O'Neill, *op. cit.*, 230. Isso nos leva à sugestão de que a fabulosa montanha polar de Meru deve, em certo sentido, ter sido a perna ou coxa do grande deus. Existe uma tradição clássica bem conhecida de que Zeus deu à luz Dionísio de sua "coxa" (o que nos lembra o deus-rei egípcio saindo da "perna" cósmica). A "coxa" grega é *meros*, e o Monte Meros grego era equivalente ao Meru hindu, o ponto de partida da criação e local de nascimento mítico dos deuses e do homem. O nascimento da perna ou da coxa é equivalente ao nascimento cósmico no topo da montanha do mundo. (Devemos lembrar que a "coxa" feminina ou útero compunha o cume do monte ou perna e, portanto, uma parte inseparável do andrógino Homem do Céu.)

[1126](#) Coomaraswamy e Nivedita, *op. cit.*, 388.

[1127](#) Percebendo a influência do simbolismo astral, O'Neill reconheceu o pilar da perna como o eixo polar. "Em Mailduins Voyage ele chegou a uma ilha chamada Aenchoss, que é One-foot, assim chamada porque era sustentada por um único pilar no meio. . . , "Relata O'Neill. Uma forma curiosa do palácio em um pé ocorre em um conto russo, relatando como quatro heróis que estão vagando pelo mundo chegam a uma densa floresta na qual uma izba ou cabana gira sobre a perna de uma ave. "O mais novo, o príncipe Ivan (nosso Jack) faz girar com a palavra mágica Izbushka. Isso fornece a ideia de rotação cósmica que está ausente no mito japonês." O'Neill, *op. cit.*, 225. A morada mítica erguida sobre uma única perna ecoa uma tradição cósmica. Ninguém jamais viu, em nossa terra, uma ilha sustentada por um pilar ou perna - ou uma casa girando sobre uma perna. A perna era o pilar central que parecia sustentar a morada cósmica do sol primordial.

[1128](#) Dixon, *Mitologia Oceânica*, 159-60.

[1129](#) *Ibid.*, 161

[1130](#) Coomaraswamy, "The Symbolism of the Dome", 19.

[1131](#) Uno Holmberg, *Mitologia siberiana*, 310.

Existe uma consistência subjacente entre esses mitos e outros mitos que descrevem a terra celestial como o cume da montanha mundial? Qual é a conexão da serpente / dragão e o eixo-pilar?

Claro, é fácil imaginar que uma corrente de gelo ou detritos estendendo-se entre a Terra e Saturno, antes que esta última esfera atingisse a estabilidade no centro polar, assumiria uma aparência sinuosa e sinuosa. E, de fato, a montanha cósmica em muitos épicos da criação é apresentada como uma coluna sinuosa e serpenteante que se eleva ao longo do eixo do mundo e finalmente atinge a estabilidade. (Pretendo explorar essa montanha agitada em um volume subsequente).

Aqui está um fato que os linguistas e mitologistas comparativos ignoram: em vários países, a palavra para "montanha" é igual à palavra para "serpente" ou "dragão", embora nosso mundo natural não ofereça base para a equivalência. No México, Nahuatl pode significar "serpente", mas também "montanha", [1132](#) para que se pudesse denominar o Monte Colhuacan polar uma "montanha-serpente" cósmica. "Serpent-Mountain" é de fato o título da primitiva colina mexicana Coatepelt. [1133](#)

O conjunto egípcio é a serpente ou dragão primordial, mas *conjunto* também significa "montanha". A mítica Montanha de Set, na verdade, é a contraparte egípcia reconhecida do hebraico Zaphon "nos confins do norte". [1134](#) E, como os mexicanos, os egípcios conheciam a "Montanha da Serpente", uma figura do mastro, segundo Massey. [1135](#)

O antigo dragão sumério no mar cósmico era o *Kur*, desempenhando um papel importante no mito da criação, mas *kur* também possuía o significado de "montanha"; na verdade, "o sinal usado para isso é na verdade um pictograma que representa uma montanha". [1136](#) O grego *Boreas* é a serpente primitiva levantada das águas do Caos, mas etimologistas conectam o nome do deus-serpente com um nome primitivo *bora*, "montanha."

"Entre os povos primitivos", escreve Suhr, "há sinais da coluna na forma de uma píton ou dragão cavalcando do nível da terra até as nuvens". [1137](#) Suhr observa várias pinturas chinesas "nas quais um dragão é representado saindo da água da terra". [1138](#) "Um dragão ascendendo da terra às nuvens pode servir como coluna giratória - o que sem dúvida é responsável por tantos dragões em pilares." [1139](#) No norte da Austrália, as cerimônias dos Murngin comemoram com um mastro central a grande píton que "se levanta de um lago" e "se eleva até o nível das nuvens. . ." A píton era o pilar central do céu. [1140](#)

Apenas a identidade do pilar do mundo e da serpente / dragão ereto pode explicar o hábito primitivo de decorar pilares comemorativos com escalas. O eixo das primeiras colunas de Júpiter "costumava ser padronizado com escalas", observa Cook. [1141](#) Tanto no Egito quanto na Mesopotâmia, imagens de montanhas sagradas revelam um padrão em escala.

Visto que o grande deus freqüentemente se une ao Monte de tal forma que se torna seus membros inferiores, não precisamos mais procurar uma explicação para o caráter serpentino universal do grande pai: a serpente / dragão ereto formado

[1132](#) Nuttall, *op. cit.*, 262-63.

[1133](#) Krickberg, em *Religiões pré-colombianas americanas*, 47

[1134](#) Mudar, *Deuses*, Vol. II, 249.

[1135](#) *Antigo Egito*, 304.

[1136](#) Kramer, *Mitologia suméria*, 76

[1137](#) *Antes de Olympos*, 81

[1138](#) *Ibid.*, 87

[1139](#) *Ibid.*, 85

[1140](#) *Ibid.*, 84. Pilares sagrados alegados ter sido moldados pelos companheiros de Quetzalcoatl também receberam a forma de serpentes, assim como os pilares sagrados na Irlanda. O'Neill, *op. cit.*, 378.

[1141](#) *Op. cit.*, Vol. II, 89.

o tronco em forma de coluna do deus. Descrevendo Ningirsu como "semelhante ao paraíso, seu tamanho tremendo", um texto sumério chama esse deus criador de "demônio do Dilúvio [ie, dragão] por seus membros inferiores. " 1142 "Suas partes traseiras são a Serpente Celestial", declara o egípcio *Pyramid Texts*. 1143 A ideia é vividamente expressa pela ilustração do deus africano Amon reproduzida por Cook: a cabeça e os ombros do deus fundem-se em um tronco de coluna formado pelo corpo de uma serpente. 1144 (FIG. 47) Os selos cilíndricos da Babilônia mostram o deus alto usando um manto ou vestido na forma de uma montanha. 1145 Normalmente, o vestido da montanha é coberto por escamas, identificando-o com a serpente / dragão.

Os membros inferiores serpentinos das figuras divinas são, naturalmente, comuns à arte de muitos povos. Na verdade, seria inútil tentar uma revisão de todos os deuses criadores unidos à serpente / dragão, uma vez que nenhuma figura proeminente do grande pai parece ter escapado dessa identificação, mesmo que às vezes subjugada. A pergunta sem resposta é: por quê? A última coisa sugerida (para nós) pelas serpentes rastejantes é a ideia de um criador! Ainda assim, a identidade prototípica da serpente / dragão ereto e da montanha cósmica dá notável coerência ao simbolismo e coloca a união mundial do criador e da serpente acima da coincidência grotesca e inexplicável.



Figura 47. Ammon, com tronco serpentino.

Uma característica igualmente bizarra da serpente mítica são seus poderes fálicos, conforme documentado por Crawley, Hartland, Briffault, Eliade e outros. Aqui está o resumo de Eliade sobre o tema: "Ainda hoje se diz nos Abruzos que a serpente copula com todas as mulheres. Os gregos e romanos também acreditavam nisso. Olympia, a mãe de Alexandre, o Grande, brincava com cobras. O famoso Arato de Sícion era considerado filho de Esculápio porque, segundo Pausânias, sua mãe o concebeu de uma serpente. Suetônio e Dio Cássio contam como a mãe de Augusto concebeu do abraço de uma serpente no templo de Apolo. Uma lenda semelhante era corrente sobre o ancião Cipião. Na Alemanha, França, Portugal e outros lugares, as mulheres costumavam ter medo de que uma cobra escorregasse em suas bocas enquanto dormiam e elas ficassem grávidas, particularmente durante a menstruação. Na Índia, quando as mulheres queriam ter filhos, elas adoravam uma cobra. Em todo o Oriente, acreditava-se que o primeiro contato sexual da mulher era com uma cobra, na puberdade ou durante a menstruação. A tribo Komati na província de Mysore, na Índia, usa cobras feitas de pedra em um rito para promover a fertilidade das mulheres. Claudius Aelianus declara que os hebreus acreditavam que cobras acasalavam com meninas solteiras; e também encontramos essa crença no Japão. Uma tradição persa diz que depois que a primeira mulher foi seduzida pela serpente, ela imediatamente começou a menstruar. E foi dito pelos rabinos que a menstruação era o resultado das relações de Eva com a serpente no Jardim do Éden. Na Abissínia, pensava-se que as meninas corriam o risco de ser estupradas por cobras até o casamento.

1142 D'Alviella, *A migração de símbolos*, 29

1143 *Texto Pirâmide* 2128.

1144 *Cozinhar, op. cit.*, Vol. I, 359.

1145 Hans Henning Van Der Osten, *Selos orientais antigos na coleção do Sr. Edward T. Newell*, 113

procurando e estuprando todas as meninas solteiras em uma casa. Tradições semelhantes podem ser encontradas entre os Mandi Hottentots da África Oriental, em Serra Leoa e em outros lugares." [1146](#)

Nenhuma extensão da racionalização convencional poderia esperar explicar essa superstição generalizada. O suposto poder masculino das serpentes ecoa uma tradição milenar, cujo tema original era o *cósmico* serpente, não as serpentes humildes de nossa terra. A serpente fecundadora era uma criatura mítica, seu poder fálico derivando de sua identidade com a montanha engendradora do mundo. A serpente primitiva, muitas vezes considerada o órgão masculino do próprio grande pai, surgiu ao longo do eixo do mundo. O fato de essa memória arquetípica ter produzido reverberações no folclore global por milhares de anos atesta o poder dramático da experiência original.

The Stream Of Life

A montanha cósmica também encontrou expressão como uma corrente de vento ou água descendo da morada polar ou ascendendo no eixo do mundo de "abaixo." Como uma corrente de ar, era a fonte de vida "respiração" do grande pai, muitas vezes chamado de "Vento Norte." Como um rio, era a corrente central da qual os antigos acreditavam que todas as águas do mundo se originavam - ou um poço, fonte ou nascente canalizando as águas do fundo do mar



ao longo do eixo do mundo para ser disperso em quatro correntes fluindo para os quatro cantos da morada celestial

Bóreas e os hiperbóreas

O Pelasgian Bóreas ou Ofion é um deus arcaico e serpentino que os gregos pré-helênicos aparentemente reverenciavam como o pai da criação. Graves reconstrói os fragmentos do mito:

"No início, Eurynome, a Deusa de Todas as Coisas, levantou-se nua do Caos, mas não encontrou nada substancial para seus pés repousarem e, portanto, separou o mar do céu, dançando solitário em suas ondas. Ela dançou em direção ao sul, e o vento colocou em movimento atrás dela algo novo e separado com o qual iniciar uma obra de criação. Girando, ela agarrou este vento norte, esfregou-o entre as mãos e eis! a grande serpente Ophion. Eurynome dançou para se aquecer, descontroladamente, até que Ophion, ficando lascivo, enrolou-se sobre aqueles membros divinos e mudou-se para acasalar-se com ela. Agora o Vento Norte, que é chamado de Bóreas, fertiliza; é por isso que as águas frequentemente viram seus quartos traseiros para o vento e criam potros sem a ajuda de um garanhão. Então Eurynome também ficou grávida." [1147](#)

Quanto às origens de Bóreas, Graves só pode dizer que ele "é o demiurgo serpente do mito hebraico e egípcio", de quem os pelagianos afirmavam ter descendido. Mas as perguntas vêm imediatamente à mente. Por que Bóreas, o *Pelor* ou "serpente prodigiosa", chamada de "Vento Norte"? Por que esse vento, como a serpente ereta, foi considerado o causador da concepção?

Bóreas, o Vento Norte, figura em um debate de longa data sobre os hiperbóreas, os servos de *boreal* Apollo. Cronistas antigos concordam unanimemente que o *Hyper* boreanos viveram *além* ou *acima* Bóreas, interpretando isso como "além do Vento Norte", ou no extremo norte. Mas certos etimologistas modernos afirmam que a interpretação clássica se baseia em uma confusão de termos: esses críticos conectam Bóreas e os hiperbóreas não com o "Vento Norte", mas com uma palavra grega primitiva, *bora*, que significa "montanha". Bora é o nome de uma montanha na Macedônia, o pico mais alto entre os rios Haliakmon e Axios. Segundo essa interpretação moderna, Bóreas é simplesmente "o vento da montanha".

Por tal raciocínio *boreal* Apollo se torna o deus de um pico local, e os servos de Apollo (os hiperbóreas) se tornam assistentes divinos *acima* este monte ou adoradores humanos *além* A montagem. A identificação clássica de Bóreas e Hiperbóreas com o extremo norte perde sua validade de longa data. [1148](#)

[1146](#) *Padrões na religião comparada*, 165-66.

[1147](#) *Op. cit.*, 27

[1148](#) *Cozinhar, op. cit.*, Vol. II, 494; Guthrie, *Os gregos e seus deuses*, 78

Ainda para aceitar a identidade primitiva de Bóreas com o *bora* ou "montanha" não exige que se conceda que Bora ou Bóreas se originou em referência a um *Macedônio* pico. Se nos concentrarmos em protótipos, em vez de geografia local, vemos que Bóreas pertencia a *ambos* a montanha" e o "Vento Norte" - mas a referência original era cósmica. O "Vento Norte" era o "sopro" luminoso do deus polar, estendendo-se ao longo do eixo do mundo; e este mesmo riacho recebeu interpretação mítica como a montanha mundial (o verdadeiro Bora no céu).

O Vento Norte Shu

Um fato amplamente esquecido é que o ritual mais antigo do mundo designa o pilar celestial como "o sopro da vida".

Os egípcios, como anteriormente [observado](#), personificou o Monte da Glória como o gigante sustentador do céu Shu. No entanto, os egiptólogos como um todo raramente pensam no deus em termos tão concretos. Budge escreve: "Shu era um deus que estava conectado com o calor e a secura da luz do sol e com a atmosfera seca que existe entre a terra e o céu". [1149](#) É difícil imaginar qualquer ligação entre "a atmosfera seca" e o deus que os egípcios regularmente retratavam como um pilar cósmico segurando no alto a deusa Nut, o útero do céu.

Mas Budge comenta, quase incidentalmente, que Shu "era uma personificação do vento do Norte". Ou ainda: "Ele era certamente, como seu pai Tem, considerado o vento frio do Norte." [1150](#) A linguagem de Budge parece descrever uma brisa transitória do Baixo Egito. Se o deus personificava uma força tão efêmera, por que ele recebeu uma representação explícita como a coluna dos céus? A resposta é que o "Vento Norte" não se referia a uma brisa terrestre, mas ao *visível* "Respiração" de Atum, o "firme Coração do Céu" no pólo celestial. Mais de uma vez o *Livro dos mortos* fala do "vento norte que vem de Tem [Atum]." [1151](#) "Eu vim para te proteger, Osíris, com o Vento Norte que vem de Tem," declara um hino. [1152](#)

Em outro lugar, o vento sai de Atum-Re em conjunto com a deusa-mãe: "Deixe-me soprar o ar que sai de tuas narinas, e o vento norte que sai de tua mãe [Nut]." [1153](#)

Os textos não deixam dúvidas de que esse "vento" ou "sopro", descendo de Atum (ou Re), era o pilar de luz Shu: ". . . Ele respira e o deus Shu passa a existir", declara um hino. [1154](#) "Estás estabelecido naquilo que emana de tua existência", afirma outro. [1155](#) "Você emitiu Shu e ele saiu de sua boca." [1156](#) Um texto descreve o deus como "uma grande coluna de ar" segurando no alto o útero de Nut. [1157](#) No *Pirâmide Textos* o "vento norte" é descrito como "fumaça" e diz que "levanta" o deus-rei. [1158](#) Claramente, os egípcios concebiam o fluxo da respiração como um *pilar visível*.

Em vez de "ar", devo chamar esse alento vital de "éter". Enquanto muitas fontes descrevem o vento descendo da boca ou narinas de Atum ou Re, outros o veem como surgindo "de baixo" para vivificar o deus e sua companhia de espíritos celestiais. "Ó tu Re, que habitas no teu santuário divino, atraí para ti o

[1149](#) *Deuses*, Vol. II, 87.

[1150](#) *Ibid.*, 91.

[1151](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 625.

[1152](#) *Ibid.*, 503.

[1153](#) *Ibid.*, 65

[1154](#) *Ibid.*, 391.

[1155](#) *Ibid.*, 373.

[1156](#) Mudar, *Deuses*, Vol. II, 90.

[1157](#) Hassan, *Império Hymnes Religieux du Moyen*.

[1158](#) *Pirâmide Textos* 277, 1551.

ventos, inalem o Vento Norte.” 1159 Este vento é o “ar doce para o teu nariz”. 1160 “O doce vento do Norte é para o teu coração.” 1161 O falecido rei aspira atingir o domínio cósmico do grande deus: “Vou tomar para mim o meu sopro de vida. . . Eu mesmo apagarei o vento, terei o vento norte em abundância, estarei contente entre os deuses”. 1162

Na verdade, os egípcios deixaram para nós uma imagem muito expressiva deste éter vital no hieróglifo, representando fluxos luminosos de *khu*, “Glória”, subindo para o sol fechado. E a relação de Shu, o



pilar dos céus, a esta corrente é indiscutível. Para o hieróglifo



aparece como o *determinante* no



nome de Shu. Shu, o pilar que sustenta o ventre da deusa mãe, não era terrestre brisa, mas sim o Vento Norte visível fluindo em uma corrente brilhante entre nossa Terra e o Cosmos de Saturno.

Essa mesma conexão do monte polar com o sopro da vida prevalece também na Mesopotâmia. Um texto afirma que a montanha cósmica em que o sumério Ningirsu (Saturno) reside é o *morada do Vento Norte*:

Para a montanha onde habita o Vento Norte,

EU [Ningirsu] coloquei meu pé.

O homem de imensa força, o Vento Norte,

Da montanha, o lugar puro, Vai soprar o vento

direto para você. 1163

O texto chama este Vento Norte de “o sopro da vida para o povo”.

Os sumérios personificaram a montanha cósmica como o gigante Enlil (“a grande montanha”), uma contraparte notável do deus-pilar egípcio Shu. Como Shu, Enlil é o “Vento da Montanha Netherworld” - isto é, ele personifica ao mesmo tempo a colina cósmica e a respiração do criador. “Entre o céu e a terra, os sumérios reconheceram uma substância que chamaram *lil* [em *lil*], uma palavra cujo significado aproximado é vento (ar, respiração, espírito)”, afirma Kramer. 1164 Enlil, portanto, representa a coluna etérea que une o céu e a terra.

E o Agni hindu, a coluna do céu, era a mesma corrente de ar, ou “fumaça”: “Ele (Agni) como uma coluna de fumaça sustenta os céus”. 1165 o *Rig Veda* says, “Agni, even as it were a builder, hath lifted up on high his splendour” (compare Shu holding aloft the circle of *khu*, “glory”). “His smoke, yea, holdeth up the sky . . . a standard as it were the pillar of sacrifice, firmly planted and duly chrismed.” 1166

1159 Budge, *The Egyptian Book of the Dead*, 401.

1160 *Ibid.*, 625.

1161 Piankoff, *The Shrines of Tut-Ankh-Amon*, 115.

1162 *Pyramid Text* 1158.

1163 Kramer, *Sacred Marriage Rite*, 32.

1164 *From the Tablets of Sumer*, 72.

1165 Coomaraswamy, *A New Approach to the Vedas*, 96, note 92b.

1166 Coomaraswamy, “Symbolism of the Dome,” 35, citing *Rig Veda* IV, 6, 2-3.

“O thou leg in the Northern Sky, and in that most conspicuous but inaccessible Stream.” 1175 If one refers the



imagery to the cosmic original

, one sees that the descending stream *was* the leg!

The Egyptian river of the pillar, the celestial Nile, compares with the heavenly Euphrates invoked in Mesopotamian ritual. For the Babylonians knew “the pure Euphrates” as the “great mountain” Enlil:

With water which the lord [Ea] has guided from the great mountain [Enlil],

*Water which down the pure Euphrates he has guided, The product of
the apsu, for the purpose of lustration.* 1176

Enlil, the world mountain personified, is thus “the man of the river of the netherworld, the man devouring river,” 1177 and, as noted by Van Buren, “the expression ‘to set for the mountain’ signified to depart this life by crossing the river of death.” 1178

While some traditions describe a *descending* pillar-stream, others depict it as an *upward*-flowing current. And often it is both. In a Sumerian myth, Enlil says to his wife:

“The ‘water’ of my king, let it go toward heaven, let it go toward earth . . .” 1179

The Hindu *Rig Veda* has the waters passing “upwards and downwards”—like the stream of ether which Aristotle describes as a constantly moving “river” joining heaven and earth and composed of “ascending and descending vapours.” 1180 An ancient Chinese philosopher, Yang Hiung, states that “the ether emanates and rises, and its splendid essence floats above, and rolls in a sinuous current which has been named the heaven-River or torrent, and the vaporous stream or pure River.” 1181 Having noted that the Egyptians

recorded the ethereal stream by the hieroglyph



, symbol of the pillar-god Shu, we thus find most relevant

the ancient Chinese hieroglyph for “ether”

. This concrete image sharply contrasts with the popular

1175 Renouf, *op. cit.*, 165.

1176 Albright, “The Mouth of the Rivers,” 178.

1177 Kramer, *Sumerian Mythology*, 46.

1178 *Symbols*, 8. Though many writers on comparative mythology note the common belief in a celestial river—the mythical source of all terrestrial waters—no one seems to have perceived the root identity of this famous stream with the Primeval Hill. Darmesteter, however, comes close when he writes (of the Iranian celestial river): “Waters and light are believed to flow from the same spring and in the same bed: ‘As light rises up from Hera Berezaiti [the polar mountain] so waters spring up from it and come back to it.’” Darmesteter, *op. cit.*, Part I, 225.

Similarly, Clifford reports that Ugaritic texts and seals depict the Canaanite cosmic mountain as “the paradisiacal source of water that gives fertility.” The Mount, he states, “joins the upper and lower worlds; in it is contained a super abundance of life, of water; it is the throne of the deity.” *Op. cit.*, 97.

Thus can the Japanese *Kojiki* announce: “That down river which is like a mountain of green leaves, looks like a mountain but it is not a mountain” (Philippi, *op. cit.*, 222), and the northwestern American Indians can speak of the river leading to the end (summit) of the world as a vast “pole” ascended by the souls of the dead. Alexander, *North American Mythology*, 248-49.

1179 Kramer, *Sumerian Mythology*, 45.

1180 O’Neill, *op. cit.*, 866.

1181 Schlegel, *L’Uranographie Chinoise*, 208.

definition of the mythical ether as an *imaginary substance filling the entire heavens*. The ether was the fiery, pillar-like river flowing along the world axis.

The Eden-Fountain

That all the world's waters originate in a central source is a belief found among all ancient peoples. The explanation lies not in geography but in *cosmography*—the map of the *celestial earth*. Viewed as an upwardflowing current the heavenly river becomes the fountain, spring, or well whose waters are dispersed in four



streams flowing to the four corners of the circular plain on the mountaintop

From the perspective of the cosmic dwelling, the fount rises from below, or “the deep.” This very idea occurs in the imagery of Eden. In the Genesis account two statements concern the waters of the primitive paradise:

But there went up a mist from the earth, and watered the whole face of the ground. (Gen. 2:6)

And a river went out from Eden to water the garden; and from thence it was parted, and became into four heads. (Gen. 2:10)

According to the general consensus of authorities, the second reference amplifies the first, indicating that a central source “watered the whole face of the ground” through four headstreams. [1182](#)

The word conventionally translated as “mist,” observes Gaster, “is really a technical term (borrowed ultimately from Sumerian) meaning an upsurge of subterranean waters.” [1183](#) We can reasonably connect this channel of water from below with the “fountain of life” which a Psalm locates in the dwelling of God: “And thou shalt make them drink of the river of thy pleasures. For with thee is the fountain of life: in thy light shall we see light.” [1184](#) Gaster calls this the “paradisiacal fountain.” [1185](#)

But whether the life-bearing waters appear as “upsurge,” “river,” or “fountain,” one receives the impression of a central source rising from below and flowing outward in four streams. Gaster finds a prototype of the upsurge in an Old Babylonian creation myth according to which, at first, “all land was sea, and in the midst of that sea was a spring which served as a pipe.” [1186](#) The same passage is noted by Butterworth, who suggests that the pipe or “well” rose along the cosmic axis. [1187](#) When one relates this evidence to the concrete



Mesopotamian imagery of four rivers radiating from the central sun the connection with the cosmic image becomes clear.

That the Babylonian and Hebrew channels of water are dispersed in four streams suggests a Germanic parallel—the spring Hvergelmer, the “navel of the waters,” from whence all rivers flow. [1188](#) The *Edda* declares that four streams issue from this central fount watering Asaheim, the home of the gods, while Hindu texts describe a fourfold headspring of all waters at “the Centre of Heaven.” [1189](#) The Iranian Realm of the

[1182](#) Clifford, *op. cit.*, 78.

[1183](#) *Op. cit.*, 6-7.

[1184](#) Psalm 36: 7-8.

[1185](#) Gaster, *op. cit.*, 27.

[1186](#) *Ibid.*, 7.

[1187](#) *Op. cit.*, 68.

[1188](#) De Santillana and von Dechend, *op. cit.*, 208-9; MacCulloch, *Eddic Mythology*, 333.

[1189](#) Gaster, *op. cit.*; *Rig Veda* ix 74, 6; ix, 113, 8.

Blest is watered by four streams issuing from the *central fountain* Arvi Sura, while the *central fount* of the Chinese Kwen-lun disperses its waters in four streams, watering the garden at the summit. [1190](#)

It does not take a great deal of imagination to see that the paradisaical fountain, sending forth the elements of life in the primordial birthplace—or place of rebirth—is the legendary “fountain of youth” or “fountain of immortality.”

Probably the earliest prototype of these fountains is the Egyptian pillar-god Shu, bearing the waters and breath of life along the world axis. To breathe the North Wind of Shu or drink of the polar waters is to enjoy rebirth in the domain of beginnings, the land of immortality and perpetual youth. This breath or water (as the four Winds or Four Niles of heaven) courses out from the central fount and through the womb of Nut, the Holy Land which every king sought to attain upon death. [1191](#)

The King Of The Mountain

The few mythologists who discuss the cosmic mount at all tell us that it is a metaphor for the world axis: the axis of the turning heavens is *like* a mountain reaching from earth to the celestial pole (or pole star); by imagining a great pillar as the support and axle of the universe (say these mythologists), the ancients possessed a simple explanation for the observed motions of the heavenly bodies.

To evaluate this interpretation of the mythical mountain one must ask how well it accounts for all aspects of the tradition. In the myths the Mount appears as a column of light, often constituting the Universal Monarch’s lower limbs or single “leg.” United to the pillar, the god-king becomes the heaven-sustaining giant.

The myths also express the Mount as a cosmic serpent, whose body forms the serpentine trunk of the great father. In many traditions the pillar appears as the vertical stream of life—the ether, wind, breath, or waters either coursing down the world axis or rising along the axis to be dispersed in four streams animating the celestial kingdom. Saturn, the central sun, enthroned within the polar enclosure, ruled from the mountaintop.

Perhaps we can best judge the metaphorical explanation of the cosmic hill by placing ourselves in the position of an ancient observer and assuming that he looked out upon the same heavens which we see today. Our observer, noticing that the stars of the circumpolar region slowly swing around a central point, realizes that a line from that polar pivot through the earth serves as an invisible axle around which the sun, the moon, and all the stars revolve.

[1190](#) The Biblical Fountain of Life, states Gaster, “has abundant parallels in folklore. In the Koran, for example, we read of the wondrous paradisaical fountains, Salsabil and Kauthar (‘Abundance’); while the North American Indians knew . . . of a Fountain of Youth and Vigor on the paradisaical island of Bimini (or Boiuca). A hula chant from Hawaii likewise makes mention of such a fountain; while in Celtic belief it was held that in the midst of the island of Avalon flowed a rill from which sprang a fountain the waters of which gave life to the spirits of the departed. An old French poem speaks in a similar vein of a fountain of perpetual youth in the land of Cocagne; all who bathe in it are at once rejuvenated. In Pseudo-Callisthenes’ version of the Alexander legend, the hero goes in search of the Fountain of Immortality; and it need scarcely be added that the Fountain of Youth, Beauty, or Immortality is a very common feature of European folktales.” *Op. cit.*, 27, 28.

[1191](#) The central spring or fount comes alive each night, appearing as a river of fire. This was the nature of Ammon’s legendary “Fountain of the Sun” and of the spring of Zeus at Dodona. At midday, Pliny reports, the spring of Zeus fails altogether, “but it soon increases till it is full at midnight, from which time onwards it again gradually fails.” Ammon’s pool (the “Fountain of the Sun”), “cold by day, is hot by night.”

The tradition is noted by Cook, who cites the reports of Herodotus, Lucretius, Ovid, Diodorus, and others to the effect that the Fountain of the Sun grows colder each morning until midday, but that as the day declines the fount grows warmer “becoming tepid at sundown and fairly bubbling with heat at midnight.” It may seem strange that such a spring, increasing with the setting of the solar orb, was the “Fountain of the Sun.” Among the chroniclers of the fount the current explanation was that by night the sun went below the earth and there boiled the water. Cook, *op. cit.*, Vol. I, 868.

In truth, the cosmic fountain rose to the central sun at the pole, becoming a fiery stream each night (“day,” in the earliest ritual). Pliny says that the spring of Zeus at Dodona kindles torches—obviously no characteristic of a terrestrial spring. The mythical imagery pertains to the archetypal fountain of the sun, the fiery, ethereal stream of Shu, to which the Egyptians gave pictorial expression in the hieroglyph: ([here](#)).

Starting from this perception, what conjectures must our observer add in order to evolve the mythical view outlined in the previous pages? First, he must decide, in contradiction of his observations, that the axis is not an *invisible* column but a veritable pillar of fire and light. He must conclude also that a stationary sun rests (or once rested) atop the shining pillar—again in contrast to actual observation. He must identify this central sun not with the blazing solar orb but rather with the planet Saturn—though this remote and unimpressive planet today never approaches the polar region. Further, it must occur to our observer that Saturn, as king of the mountain, resides (or once resided) within a great band, divided by four primary streams. And finally, in a series of baseless speculations, he must conclude that in primeval times Saturn ruled at the summit as the

creator, the first king, and the first man, presiding over a paradise of unlimited abundance.

Can one realistically propose that such a progression of thought could follow from a mere metaphor for the



world axis? To arrive at the complete mythical image of the cosmic mountain (observer must not only heap one conjecture upon another, but *repudiate direct observation at each stage*. Of what value—religious, psychological, or otherwise—is a fiction which flatly contradicts the phenomena it is intended to explain?

Cynics may say that primitives are capable of conjuring any force imaginable to explain something they do not understand. But the hypothetical case before us does not require the primitive simply to invent explanations for things observed; it requires him to *deny immediate experience* and yet to compose a grandiose vision sufficiently persuasive to acquire hypnotic power over the ancient world. Of course the mass of available evidence argues against any such inventiveness on the part of early man.

Yet these difficulties vanish once we free ourselves from the doctrine of cosmic uniformity and consider whether our primitive observer may have actually witnessed the strange forces which ancient records describe in such detail. The polar mountain is only one ingredient in an integrated cosmology which seems to have prevailed over the entire ancient world. May not the mythical Mount, the central sun, the polar enclosure and



crossroads—focusing on the celestial image


— speak for powers which were “really there”?




IX: The Crescent


Our investigation up to this point covers five primary images of the Saturnian configuration: the enclosed sun

 , the sun-cross  , the enclosed sun-cross  , the enclosed sun and pillar  , and the enclosed sun-

cross and pillar  . I have contended that these symbols realistically depict Saturn's actual appearance to the terrestrial observers.

Of course, one faces a special difficulty in attempting to prove that the sacred signs denoted a visible


apparition. One can show that a coherent, global symbolism developed around the cosmic image  ; but how can one really prove that this configuration was more than the invention of an ancient cult—perhaps the extraordinary product of an advanced race whose abstract unification of discordant cosmic powers gained world-wide distribution?


There is a specific category of evidence, I believe, which removes any possible appeal to abstractions. I refer to the symbolism of the crescent  . In the detailed sources left us by the oldest civilizations the symbolic crescent—which all men automatically identify with our moon—plays a vastly greater role than generally perceived. But in none of the primary sources can one actually identify the crescent with the body we call “moon” today!

If there was any single turning point in my inquiry it was the realization that the crescent *with which ancient*


ritual deals is inseparable from the band of the enclosed sun  . The key is the image  (or the simplified ) showing the crescent as the *lower half of the band*.

It was this connection—occurring in both Egypt and Mesopotamia—that convinced me of the band's reality and led me to explore more deeply its various mythical formulations.

The crescent in the sign  suggests that Saturn's band received illumination from the solar orb in such a way as to present terrestrial observers with two semicircles of light and shadow.

The concept of a half-illuminated band immediately places in a new perspective the universal image  : is it possible that the famous sun-in-crescent represented not a contrived “conjunction” of the solar orb and new moon (the conventional explanation), but rather the primeval sun Saturn resting over the illuminated portion of

his polar enclosure? Certainly the overlapping images  and  imply that the enclosed sun and sun-in-crescent pertain to a single astral configuration.

When O'Neill claimed that the sign  symbolized the celestial pole, he took the sign as a kind of metaphor—an ancient means of representing the revolution of the circumpolar stars around a fixed centre. Others have identified the band as the illusory atmospheric halo which occasionally surrounds the solar orb, while still others explain the band as an abstract “circle of the sky.” But the connection of the band with a *crescent* would suggest a more tangible character.

As a test of this possibility several questions require examination:

- Is Saturn, the primeval sun, associated with a crescent?
- Is there a consistent *connection* of the crescent and the band of the enclosed sun
- Is the crescent equated with the circle of the mother goddess?
- Does the Holy Land or celestial earth rest within the embrace of the crescent?
- Does a crescent occupy the summit of the cosmic mountain?



The Crescent And Saturn

It is well known that in classical mythology Saturn (or Kronos) wields a curved *harpe* or sickle by which he establishes his primeval rule, and most authorities would concur with Kerenyi in identifying the sickle as the “image of the new moon” [1192](#) But why should Saturn possess the “new moon” as his weapon?

The connection appears to be very old, for it occurs also in ancient Babylonia. Ninurta, the planet Saturn, holds in his hands a weapon called SAR-UR-U-SAR-GAZ, and also BAB-BA-NU-IL-LA. The first name of Ninurta’s weapon means “who governs the Cosmos and who massacres the Cosmos,” while the second name means “hurricane which spares nothing.”

The astonishing fact is this: these names of Saturn’s weapon are the very epithets of the Babylonian Sin, the crescent “Moon.” [1193](#) That is, the crescent of Sin is the “weapon” (sickle, sword) with which Saturn founded and destroyed the primeval order.

But there is another peculiarity also: though always identified by scholars as the lunar sphere, Sin is never presented as a “half-moon,” “three quarters moon” or “full moon.” He is simply *Udsar* “the crescent.” And however incongruous the relationship might appear today, Babylonian art continually presents Sin as the *lower*

half of the enclosed sun-cross

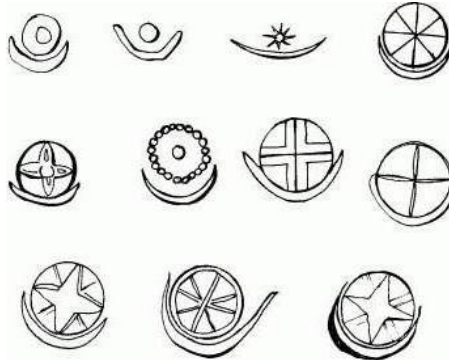


Figure 48. Various Mesopotamian versions of the sun-in-crescent.

Did this relationship of the Sin-crescent to Saturn and his enclosure originate in a haphazard combination of once independent symbols—or in a fundamental equation? The connection between Sin and Anu (the planet Saturn) amounts to an “identity,” according to Jensen. [1194](#) Rawlinson says the same thing: the Babylonians regarded Sin—the crescent—as an aspect of the planet Saturn. [1195](#) Jeremias states the equation unequivocally: Sin=Saturn. [1196](#)


[1192](#) Kerenyi, *Prometheus*, 51.

[1193](#) Combe, *Histoire du Culte de Sin*, 11-12.

[1194](#) *Die Kosmologie der Babylonier*, 191.

[1195](#) Rawlinson, *Herodotus*, Essay X.

[1196](#) *Handbuch der Altorientalischen Geisteskultur*, 96.

When one considers the relationship of the Sin-crescent to the sign , the nature of the identity becomes clear. The Sin-crescent is part of the circular dwelling or “body” of Saturn. Thus the texts invoke Sin as the *protective rampart of the Cosmos*—a “high defensive wall,” 1197 or a:


*Golden sanctuary, which in the land is magnificent! Luminous
sanctuary which in the land is elevated! 1198*

As Saturn’s emanation, Sin is synonymous with the great god’s circle of “glory” (halo); and this fact gives stunning significance to what must otherwise be regarded as a purely esoteric statement of Assyro-Babylonian astronomical texts: “Saturn stands in the halo of Sin,” the texts proclaim (not once but several times). 1199

Crescent and enclosure are one.

Do not these evidences strongly suggest that the ancients perceived a literal band around Saturn and that this Saturnian dwelling or “halo” displayed a crescent?

Another piece of evidence is noteworthy. The Babylonians represented the circle of Saturn’s Cosmos (the

circle of the gods) by the sign . If my contention is correct, the crescent of Sin was simply the brightly illuminated half of this circle (assembly). So it is of no small significance that Babylonian symbolism also

represented the assembly by the sign



. Needless to say, the heavens familiar to us today offer no conceivable source of the image.

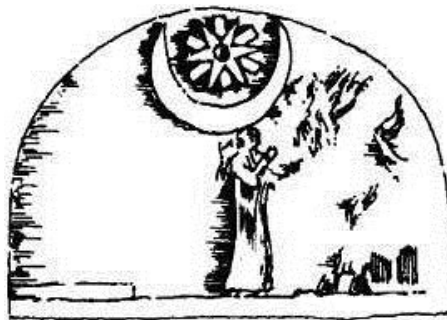


Figure 49. Sun-in-crescent, on the Ur-Nammu stele from Ur.

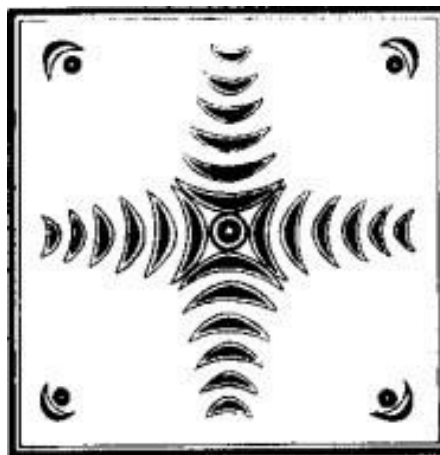


Figure 50. Hawaiian cross design showing alternate positions of the crescent around the central sun.

1197 Combe, *op. cit.*, 146.

1198 *Ibid.*, 114.

1199 Jastrow, “Sun and Saturn,” 143.

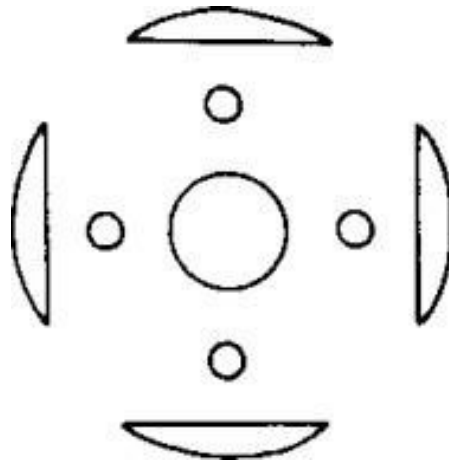


Figure 51. American Indian mounds, conveying the image of the revolving crescent.

Such identities point emphatically to an underlying relation of the ancient signs

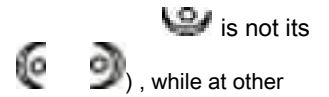


and . While the former depicts the entire Saturnian enclosure, the latter portrays only the brightly illuminated portion of the band—so that one might appropriately speak of Saturn’s “crescent-enclosure” and schematically render the

idea this way :



It should be stressed, however, that the common location of the crescent *beneath* the central sun



is not its

only placement in ancient symbolism. At times the crescent appears to stand on end (or



times it is inverted above the sun . Of course, this is exactly what we should expect—for if the crescent was

the illuminated portion of a circumpolar band then that crescent must have appeared to revolve around the band with every full rotation of our planet upon its axis. One could thus render the daily rotation of the

crescent schematically:



As we shall see, there is a distinctive relationship of this revolving crescent to the phases of the archaic “day” and “night”—as well as to many other aspects of ancient cosmography. But let us take the present line of inquiry a little further. Does the equation of the crescent and enclosure occur also in Egypt? The Egyptians (as

previously [observed](#)) called the enclosure Aten, recorded by the hieroglyph



. (In the course of time this

symbol evolved into the simplified form generally , with the enclosed sun dropped out. It is the latter form that prevails in later Egyptian art.)



In numerous representations of the Aten *a crescent forms the lower half of the enclosure*. In [fig. 52](#) , I offer an imposing example from the tomb of Ramesses VI, showing the Aten resting within a crescent and flanked by four male figures, two right and two left.

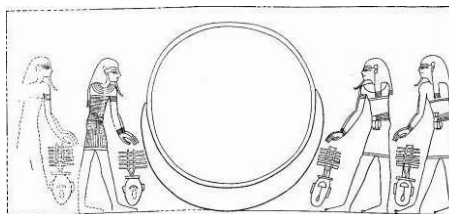


Figure 52. The Egyptian crescent-enclosure.

The hieroglyphic form of the crescent-enclosure is



, a form which progressively developed into the images



, as the artists gradually expanded and flattened the crescent into a larger receptacle supporting the enclosure.

This image of the Aten and crescent seems to have generated great confusion among Egyptologists. One of the gods associated with the crescent-enclosure is Khensu, whom all authorities identify as the moon. But the

god's image remains enigmatic, for Budge writes: "He wears on his head the *lunar disk* in a crescent, the *solar disk* with a uraeus, or the solar disk with the plumes and uraeus." ¹²⁰⁰ Did the Egyptians have difficulty deciding whether the god was the sun or the moon?

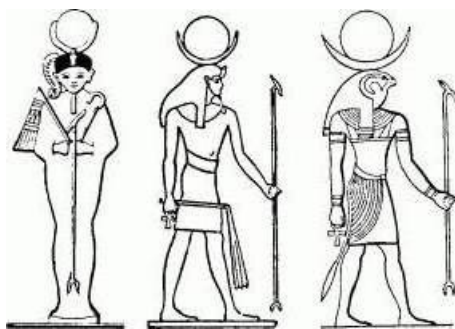






Figure 53. Three illustrations of the Egyptian god Khensu, showing the progressive enlargement of the Aten's crescent by Egyptian artists.

When Budge calls the sign  a "*lunar disk in a crescent*," he avoids any association of the sign with the sun. But on the following page he writes of Khensu: "On his head rest the lunar crescent and disk. In this form he represents *both the sun at sunrise and the new moon*." ¹²⁰¹ Either the Egyptians possessed a remarkable indifference concerning the astral character of their gods, or scholars have misunderstood the symbolism.

By putting aside all *a priori* verdicts one discerns a root consistency in the Egyptian image of the crescent-enclosure. In Egyptian ritual, the crescent is not the moon but a semi-circle "embracing" the central sun .

Very early the Egyptians personified the crescent-enclosure as the divinity Ah, Aah, or Aahu, denoted by the

glyph  or , and always translated "moon." The word *ah*, however, also means "to embrace"—a concept devoid of meaning in connection with our moon, but charged with meaning when referred to the band (or the illuminated portion of the band) enclosing the central sun. *Ah* further signifies "to defend against" and


"collar." That is, like the Babylonian "moon"-god Sin, the Egyptian *ah*  signifies the defensive rampart protecting the sun-god: and the same crescent-enclosure is worn by the great god as his "collar." Again, such interrelationships can only appear absurd when considered as aspects of our moon.



Figure 54. Ah, god of the crescent-enclosure.


The only "moon" invoked in early Egyptian ritual is that which houses the central sun. Chapter LXV of the *Book of the Dead*, bearing the title "The Chapter of *Coming Forth by Day* and of Gaining the Mastery over

¹²⁰⁰ *The Gods of the Egyptians*, Vol. II, 36. [Emphasis added.]


¹²⁰¹ *Ibid.*, 37. [Emphasis added.]


Enemies,” begins, “Hail (thou) who shinest from the Moon [Ah] and who sendest forth light therefrom.” ¹²⁰²


“In several chapters the sun is spoken of as shining in or from the moon,” notes Renouf. ¹²⁰³

One version of the *Coffin Texts* reads: “Going forth into the day and living after death. O you Sole One who rises [comes forth] in the moon, O you Sole One who shines in the moon.” ¹²⁰⁴ The “moon” is the dwelling of the solitary god, and the nature of this dwelling is accurately communicated to us in the ancient signs  and





Recalling that the Babylonians related the crescent of Sin to the circle of the gods , one wonders whether a similar relationship occurs in Egypt. The Egyptian assembly is the paut—a term which refers at once to the




company of gods, the limbs of Osiris or Re, and the grain or bread of heaven. Though the Aten sign  may

serve as the determinative of paut, the most common hieroglyph for paut is enclosure! 

One thus finds a striking correspondence between the Egyptian and Mesopotamian symbolism of the crescent—a symbolism which takes on coherence only when one sees the crescent as the illuminated half of

the polar enclosure . By no extent of rationalization can one accommodate the imagery to the sun and moon familiar to us today. Indeed the difficulty is recognized by Butterworth in his examination of the sun-increscent

. The crescent “is not the natural luminary of heaven,” writes Butterworth, “for it has its hollow side turned towards the ‘sun.’” ¹²⁰⁵ The point is worth emphasizing. The crescent of *our* moon always *faces* the solar orb, but in the early symbolism of the sun and crescent such a relationship rarely if ever occurs. No

matter what the position of the crescent around the sun (, , or ), the sun stands within the “embrace” of the crescent, giving rise to what Briffault deems an “astronomically incongruous” image. ¹²⁰⁶

But the image appears discordant only if we judge it against the present heavens. The primeval sun, states Butterworth, is “contained in the hollow of the recumbent crescent moon. *This is the sun that is always in the zenith*” ¹²⁰⁷ (*i.e.*, it is not the body we call “sun” today).

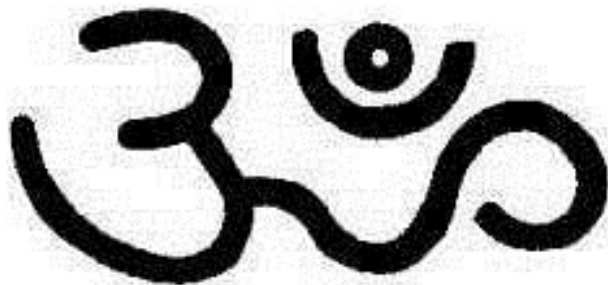


Figure 55. Hindu syllable OM, the creative word.

¹²⁰² Budge, *The Egyptian Book of the Dead*, 228.

¹²⁰³ *The Egyptian Book of the Dead*, 263-64.

¹²⁰⁴ Faulkner, *The Coffin Texts*, 131.

¹²⁰⁵ *The Tree at the Navel of the Earth*, 109.

¹²⁰⁶ *The Mothers*, Vol. III, 82.

¹²⁰⁷ *Op. cit.*, 127. [Emphasis added.]

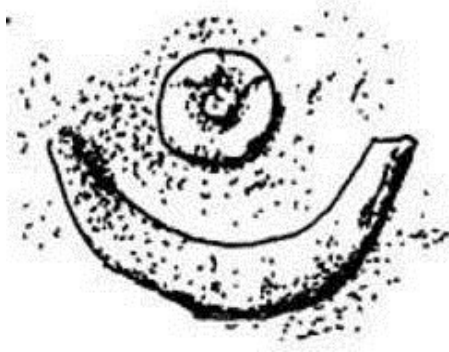


Figure 56. Phoenician sun-in-crescent.

The Crescent And Womb

If the crescent revered in antiquity denoted the illuminated half of Saturn's enclosure, then it must be synonymous with the cosmic womb—the mother goddess.

That numerous goddesses, in later times, came to be associated with *our* moon is a fact so thoroughly documented that we need not belabor the evidence here. Yet the reasons for this association are by no means clear. "From the beginning," states G. E. Smith, reviewing the early counterparts of the Egyptian Hathor, "all goddesses—and especially this most primitive stratum of fertility deities—were for obvious reasons intimately associated with the moon." [1208](#)

And what are the "obvious" reasons for the connection of the goddess with the moon? It is, Smith claims, "the cyclical periodicity of the moon which suggested the analogy with the similar physiological periodicity of women . . ." Also, "The influence of the moon upon dew and the tides, perhaps, suggested its controlling power over water and emphasized the life-giving function which its association with women had already suggested." [1209](#) These reasons are neither obvious nor adequate.

What requires explanation is the crescent-goddesses' elementary character as a *receptacle housing the central sun*. That the Egyptian goddess Hathor was represented by a crescent or "lunette" does not alter the fact that her very name means "the dwelling of Horus." Similarly, Isis, also represented by a crescent, was the temple chamber or throne enclosing Osiris. The Babylonian Ishtar, whose symbol was the crescent, was the "womb" housing the man-child Tammuz. This very aspect of the crescent is explicit in the title of the "moon"-divinity Sin, who is called the "mother womb, begetter of all things." [1210](#)

It can hardly be doubted that the Saturnian crescent eventually became confused with our moon. The confusion is most noticeable in the case of the Greek Selene and Latin Luna, whose names were assigned to the lunar sphere. But neither the names nor the imagery of Selene and Luna *originated* in connection with our moon. Within the sphere of Luna "Sol is hidden like a fire." Helios dwells as the impregnating seed within the womb of Selene. [1211](#) "According to these ancient ideas," writes Jung, "the moon is a vessel of the sun: she is a universal receptacle of the sun in particular." [1212](#) For an explanation of this imagery one must look to the former celestial order. Long before the Greeks named the solar orb Helios, they knew Helios as the planet Saturn—just as Sol primitively signified the same planet. Selene and Luna derive their mythical character from

Saturn's enclosure, and the signs



and



offer a literal portrait of the ancient mother goddess.

[1208](#) *The Evolution of the Dragon*, 56.

[1209](#) *Ibid.*, 56.

[1210](#) Suhr, *The Spinning Aphrodite*, 57.

[1211](#) Jung, *Mysterium Coniunctionis*, 177.

[1212](#) *Ibid.*, 129.

Crescent And Motherland

There is a further implication: the “moon” must mean the same thing as the created “earth” watered by the four rivers of life. Though it is difficult to imagine a less likely identity in conventional terms, here is Faber’s conclusion concerning the moon and earth in global mythology: “The female divinity, however apparently multiplied according the genius of polytheism, ultimately resolve themselves into one, who is accounted the great universal mother both of gods and men, and *this single deity is pronounced to be alike the Moon in the firmament and the all-productive Earth.*” [1213](#)

Faber gives far too many examples than can be cited here. In each case the goddess “was astronomically the Moon,” but “her mystic circle is declared to be the circle of the World.” [1214](#) The goddess Isis, reports Faber, “was declared to be equally the moon and the earth: and she is at the same time unanimously determined by the ancient theologians to be one with Ceres, Proserpine, Minerva, Venus, Diane, Juno, Rhea, Cybele, Jana, Atergatis . . . (etc.). These again are said to be mutually the same with each other: and if we descend to particulars, we still find them indifferently identified with the Earth and the Moon.” [1215](#)

What might our earth (as perceived by the ancients, not by modern astronomy) have in common with the lunar sphere to promote this seemingly irrational identity? The question is raised by Briffault: “There is not, in fact, an earth-goddess who is not at the same time a moon-goddess. All Earth Mothers, as Bachofen remarked ‘lead a double life, as Earth and as Moon.’” [1216](#) The identity prevails not only in the advanced civilizations but among primitive races also. The Maori identify the “moon” (Hine, or “the Woman”) with the earth. So do Caribbean natives—and this identity corresponds with the overlapping personalities of the “moon” and “earth” among the Mexicans, Chaldeans, Chinese, Hindu, Greeks, and northern European races.

Briffault confesses the irrationality of the equation: “The Greeks expressly called the moon ‘a heavenly earth’ and ‘a part of the earth.’ That persistent identification of the moon with the earth would be unintelligible in peoples ignorant of modern astronomical conceptions, let alone in uncultured races such as the Caribs and the Polynesians. When the earth is conceived as a huge, solid, immovable surface contrasting in every respect with the wandering sphere or disc of the moon in the heavens, *there appears to be no imaginable ground for assimilating the one to the other. The identification cannot arise from any analogy in appearance or function.*” [1217](#)

Briffault proposes to resolve the dilemma by positing an intimate connection of “the moon and earth with women and their functions.” He suggests that the divinized female came first and her attributes were, through analogy, transferred at once to the moon and the earth. [1218](#) But that such indirect reasoning on the part of ancient man should lead to an identification so universal and so fundamental is not easy to believe.

Actually, no rationalization of this identity is necessary. In the archaic world order, the crescent and earth (land, province) *were* identical. The circle of the “moon” (crescent-enclosure) was the island of beginnings—

Saturn’s Earth. The mythical “moon,” as Faber observes, was “what some call ‘a terrestrial heaven’ or ‘paradise,’ and others a ‘heavenly earth’ . . . it is described as wearing the semblance of a *floating island* . . .”

[1219](#) This “island of the Moon” contained “within its sphere the Elysian fields or Paradise,” which came to be known as “the paradise of the moon.”

[1213](#) *The Origins of Pagan Idolatry*, Vol. II, 3. [Emphasis added.]

[1214](#) *Ibid.*, 5.

[1215](#) *Ibid.*, 6.

[1216](#) *Op. cit.*, Vol. III, 61.

[1217](#) *Ibid.*, 61. [Emphasis added.]

[1218](#) *Ibid.*, 61.

[1219](#) Faber, *op. cit.*, Vol. III, 13. [Emphasis added.]

There exists, in fact, a most appropriate Mesopotamian symbol of this paradise, though it has yet to receive the

serious attention of the experts. It is the sign




, repeated again and again on Mesopotamian cylinder seals.

The sign depicts the quartered earth, the celestial “land of the four rivers.” That this paradisaical earth lies within the embrace of a vast crescent may appear foolish to modern critics, but is strictly consistent with numerous independent traditions equating the primeval “earth” and “moon.” [1220](#)

The Crescent And Mount

In all ancient myths of the lost paradise, the land of peace and plenty rests upon a cosmic pillar—“earth’s highest mountain.” One of the peculiarities of the Mount is that it possesses two peaks, rising to the right and left of the central column.

The Egyptian Mount of Glory (Khut) reveals two peaks between which rests the Aten or enclosed sun. Depicted by this sign are  the two great mountains on which Re appears.” [1221](#) And what is most interesting

about the Egyptian symbol of the cleft peak



is that it finds strikingly similar parallels in other lands. The

Mesopotamian sun-god rests upon a twin-peaked world mountain of identical form ([fig. 60](#)), and the same dual mount occurs also in Mexico—here too revealing the sun-god between the two peaks ([fig. 61](#)).



Figure 60. Assyro-Babylonian Shamash standing between the two peaks.

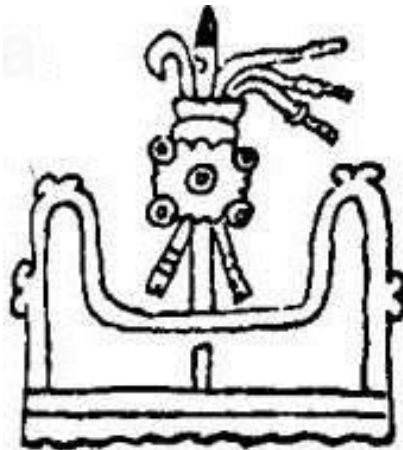


Figure 61. (a) Mexican twin peaks, with central staff;

[1220](#) *Ibid.*, 18.

[1221](#) Faulkner, *op. cit.*, 224.

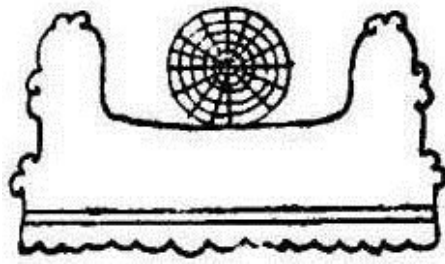
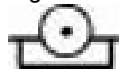


Figure 61. (b) Central sun between two peaks.

The Delaware Indians recall a primeval land—"the Talega country," where long ago "all kept peace with each

other." The pictograph of the lost land is

Glory



— an extraordinary counterpart to the Egyptian Mount of

In Hebrew and Muslim thought "the mountain of paradise is a double one," observes Wensinck. ¹²²² To the Hebrews Sinai, Horeb, Ebal, and Gerezim were all conceived as images of a twin-peaked mountain, states Jeremias. ¹²²³ In the primeval Tyre (paradise), according to the description of Nonnus, a "double rock" rises from the ocean. In its centre is an olive (the central sun) which automatically emits fire, setting it in a perpetual blaze. ¹²²⁴ The Syrian and Hittite great gods stand equally balanced upon two mountains. ¹²²⁵ In the beginning, according to a central Asiatic legend related by Uno Holmberg, "there was only water, from which the two great mountains emerged." ¹²²⁶ From the central mount of Hindu cosmology rise two secondary peaks to the right and left. ¹²²⁷ Of course, the twin pillars of Hercules point to the same idea.

The ancient concept of a cleft summit left a deep imprint in ancient architecture, according to Vincent Scully, author of the book *The Earth, the Temple and the Gods*. In Crete, "a clearly defined pattern of landscape use can be recognized at every palace site," Scully writes. "More than this, each palace makes use, as far as possible, of the same landscape elements. These are as follows: first, an enclosed valley of varying size in which the palace is set; I should like to call this the 'Natural Megaron'; second, a gently mounded or conical hill in axis with the palace to north or south, and lastly a higher, *double-peaked or cleft mountain* some distance beyond the hill but on the same axis. The mountain may have other characteristics of great sculptural force . . . but *the double peaks or notched cleft seem essential to it*. . . It forms in all cases a climactic shape which has the quality of causing the observer's eye to come to rest in its cup . . . All the landscape elements listed above are present at Knossos, Phaistos, Mallia, and Gournia, and in each case they themselves—and this point must be stressed—are the basic architecture of the palace complex." ¹²²⁸

The same pattern occurs repeatedly throughout Greece and Asia Minor, according to Scully. A good example is the siting of the citadel of Troy, which looks out across the isle of Imbross to the more distant isle of Samothrace from which rises (directly "beyond the long low mound of Imbross") the "double peaks" of Phengari. ¹²²⁹

¹²²² "The Ideas of the Western Semites Concerning the Navel of the Earth," 13.

¹²²³ Jeremias, *op. cit.*, 57.

¹²²⁴ Wensinck, "Tree and Bird Cosmological Symbols in Western Asia," 19, citing Nonnus, *Dionysiaca*, XI, 407 sqq.

¹²²⁵ Butterworth, *op. cit.*, 55.

¹²²⁶ *Der Baum des Lebens*, 62.


¹²²⁷ Lenormant, *Les Origines de l'Histoire*, Vol. II, 204-5.


¹²²⁸ *The Earth, The Temple and the Gods*, 11. [Emphasis added.]

¹²²⁹ *Ibid.*, 22, 203.

In what ritual notion did this common architectural requirement originate? The name of Samothrace's sacred mountain offers a vital clue: *Phengari* is the "Mountain of the Moon." The title is not incidental, for the "Mountain of the Moon"—in more than one land—is the very title of the Primeval Hill, the pillar of the Cosmos! Thus, the "White Island" of Hindu myth is distinguished by the presence of a primordial mountain rising to the "moon." Mount Ararat, which Faber connects with the paradisaical hill, is denominated *Laban*, "the mountain of the Moon." So too does the crescent moon rest on the summit of the Hindu Meru. Faber writes: "At the head of the Nile, according to the Indian geographers, is the Meru of the southern hemisphere: this is also a mountain of the Moon . . . At the source of the Rhine, the Rhone, the Po and the Danube, all of which were holy rivers, is what may be styled 'the Meru of the west': here again we have a mountain of the Moon, for Alpan is but a variation of Laban, and Jura or Ira or Rhe denotes 'the Moon' equally in the Celtic and the Babylonian dialects. Lebanon, at the head of the sacred river Jordan, was another lunar mountain . . . And even in the island of Borneo, the peak at the head of its largest river is known by the title of 'the mountain of the Moon.'" 1230

An early prototype of such mountains, Faber contends, is the vast summit of the Himalaya, from which the Ganges flows. The Hindus deemed this towering mass *Chandrasichara*, the "mountain of the Moon," while two small hillocks of this lofty region receive the title *Somagiri*, the "Mountains of the Moon." 1231

At work is the cosmic image of a crescent moon resting upon a great mountain and thereby forming a *cleft* summit. ". . . The figure presented to their imagination, would be a conical peak terminating in two points formed by the two horns of the crescent." 1232 Consistent with the universal sun-in-crescent , the great father himself stands midway between the peaks of the right and left, states Faber. 1233

One thus derives the images  and  as the simplest renderings of the "Mountain of the Crescent." Every student of ancient symbolism, of course, will recognize these as images of global distribution, presented in an infinite number of variations.

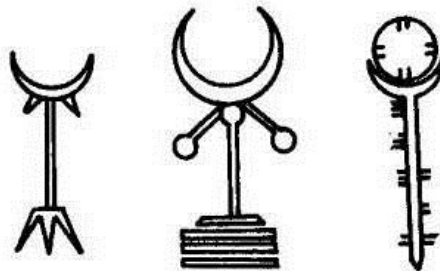


Figure 62. Babylonian pillared crescents.

1230 *Op. cit.*, Vol. III, 202.

1231 *Ibid.*, 203-4.

1232 *Ibid.*, 204.

1233 *Ibid.*, 204.



Figure 63. Sabaean altar, with pillared sun-in-crescent.

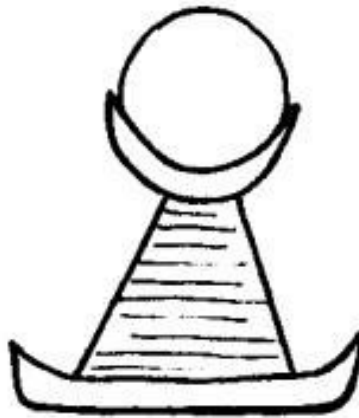


Figure 64. Hittite crescent-enclosure on support.



Figure 65. Pillared crescent, from Peru.

Surely one cannot ignore this general symbolism of the cosmic mountain in attempting to understand the common mountain image



. This pictograph, I suggest, simply *adapts the primal crescent to its mythical*

interpretation as two peaks. Which is to say, the Egyptian form as the



(or the later



) refers to the same cosmic

crescent-enclosure



. In fact, Budge says as much when he calls the latter sign an image of “the

sun at sunrise”—for this is precisely the purported meaning of the sign



. (I shall subsequently [show](#) that

by picturing the crescent below the central sun



as opposed to the alternative positions



the

ancients denoted the archaic “day,” the period of Saturn’s greatest brilliance.)

That the two peaks of the Egyptian Khut



signified the cleft summit of a single mountain is forcefully

indicated by the "mountain-sceptre" of Re, showing the dual mount as the top of a single column observed by many authorities. The sceptre represented the pillar of heaven. This particular form closely



parallels the early "mountain" hieroglyph

with the solitary god's original "perch" or "pedestal." ¹²³⁴ The "pedestal," as we have seen, was also called



the pillar of Shu, which the hieroglyphs record by the sign . Here too a single column branches into two

secondary supports. (In following sections the reader will find numerous evidences connecting the images

and with the underlying cosmic form



The Egyptian hieroglyphs also employ the mountain sign



, appearing to show *three* peaks; and in early

representations this configuration, too, appears as the summit of a central pillar

that the three-peaked mount pertains to the same idea as the twofold summit. The middle peak appears to indicate a simple extension of the central column. The great god, who stands between the peaks of the right and left, becomes himself a part of the mount on which he rests.

This development finds illustration in the Hindu symbolism of Mount Meru, the mountain of the crescent moon. Meru, despite its *crescent* peak, is the *tricutadri*, or mountain of *three* summits. Similarly, the Hindu "White Island" or lost paradise is deemed "the three-peaked land." ¹²³⁵

Compare Olympus in the Greek poem:

*From Olympus, the summit From the three
peaks of Heaven. ¹²³⁶*

The basis of this symbolism, according to Faber, is the great god, "standing upright" in the midst of the cleft so as to present the image of a central mountain "terminating in three points formed by the two horns of the crescent and its central mast [the great god]." ¹²³⁷

¹²³⁴ Percy E. Newberry, "Two Cults of the Old Kingdom," 24 ff.

¹²³⁵ Faber, *op. cit.*, Vol. III, 204.

¹²³⁶ Quoted in Cook, *Zeus: A Study in Ancient Religion*, Vol. I, 114. [Emphasis added.]

¹²³⁷ *Op. cit.*, vol. III, 204-5.

Assim, a imagem hindu primordial



passa para o posterior



, que forma a crista do Hindu

tridente - o símbolo da coluna cósmica. O tridente, em outras palavras, originou-se na fenda "Montanha

da Lua" . A esta imagem corresponde a coluna egípcia de três pontas

Sobre o monte de três pontas, muito mais poderia ser dito, mas ao custo de desviar a atenção do tema mais básico - o cume duplo. É minha opinião que os mitos do pico dividido originaram-se na época pré-histórica

percepção de um vasto crescente que parece constituir o cume de uma coluna cósmica

crescente descansou o sol

. Além disso, o crescente era simplesmente a metade iluminada de uma faixa circular

. E se incluirmos os quatro rios da vida chegamos à forma

configuração. Os antigos preservaram para nós uma tradução literal dessa ideia?

Não se poderia pedir uma representação mais precisa do que a fornecida pelos selos cilíndricos dos antigos

Mesopotâmia, que nos oferece o símbolo



.¹²³⁸ O paraíso circular no topo da montanha, regado pela

quatro rios, situados dentro da "lua" primitiva (da qual nosso crescente lunar é apenas um emblema pálido).

Certamente, a notável correspondência de mito e símbolo com relação a essa configuração celestial (uma configuração que contradiz totalmente o arranjo atual dos céus) sugere que algo mais do que uma fantasia primitiva está em ação. Se a tese delineada aqui estiver correta, então uma única aparição celestial deu origem

a essas imagens inter-relacionadas:



O crescente é um ingrediente central do simbolismo, e sua presença implica uma faixa tangível tão iluminada que exhibe duas metades, uma brilhante, a outra mais discreta.

Os gêmeos celestiais

O recinto de Saturno unia dois semicírculos de luz e sombra, distinguidos por um crescente giratório. Nas divisões claras e escuras do recinto, os antigos perceberam os gêmeos cósmicos, os "duas Caras" do Monarca Universal.

No domínio humano, um em cada oitenta e seis nascimentos envolve gêmeos. Mas entre os deuses, o anormal é a regra. O grande pai nasceu ou foi criado por gêmeos, mas também deu à luz gêmeos. E o próprio grande deus comumente aparece em forma dual.

As explicações astronômicas predominantes dos gêmeos celestiais os identificam como um círculo de dia e noite, ou como a estrela da tarde e da manhã, ou como o sol e a lua. A constelação de Gêmeos tornou-se o representante zodiacal dos gêmeos celestiais, embora seja quase universalmente aceito que o par mítico existia muito antes da denominação de tais grupos de estrelas.

Quem eram os Dioscuri?

Privilegiado como ponto de partida de incontáveis tratados sobre os gêmeos são os gregos Dioscuri (os dois filhos de Zeus), Castor e Polideuces. Em uma batalha com seus primos Idas e Lynceus (filhos de Aphareus), Castor caiu mortalmente

¹²³⁸ Hans Henning van Der Western, *Selos orientais antigos na coleção do Sr. Edward T. Newell*, FIG. 6, não. 217.

ferido. Enquanto seu irmão ofegava, Polideuces implorou a Zeus: "Peça-me também que morra, ó rei, com este meu irmão."

Zeus respondeu à oração garantindo que os dois irmãos passassem dias alternados acima e abaixo da terra. Píndaro registra a promessa de Zeus: ". . . Se tu contendes por teu irmão, e estás disposto a ter uma parte igual com ele em todas as coisas, então podes respirar pela metade do tempo sob a terra, e pela metade nas casas douradas do céu." [1239](#)

A explicação de Cook sobre a recompensa é bastante simples: os irmãos representavam o céu diurno e noturno, girando em torno de nossa terra. Sua posição alternada fornece "uma expressão simples, mas gráfica do fato óbvio de que o céu divino é meio escuro, meio claro". [1240](#) Apoiando essa interpretação está a observação de Philon, o judeu, sobre o hábito dos mitólogos: "Eles dividiram o céu teoricamente em hemisférios, um acima, o outro abaixo, a terra, e os chamaram de Dioskoroí, acrescentando uma história maravilhosa sobre sua vida em dias alternados ." [1241](#)

Vários séculos depois de Filão, Joannes, o Lídio (vivendo no século VI dC) repetiu a teoria: "Os filósofos declaram que os Dioskoroí são o hemisfério abaixo e o hemisfério acima, a terra; eles se revezam para morrer, de acordo com o mito, porque girar e girar passam sob nossos pés ". [1242](#)

Observando que os semicírculos eram sagrados para os Dióscuros, Cook conclui que os dois irmãos personificam as duas metades de um círculo celestial - "o céu animado". [1243](#) Isso, é claro, não impediria os antigos de empregar o sol e a lua ou as estrelas da manhã e da noite como símbolos dos hemisférios claro e escuro: "Estes são apenas modos secundários de denotar o grande contraste primário entre o dia e a noite", afirma Cozinhar. [1244](#)

Dos gêmeos celestiais, pode-se buscar exemplo após exemplo apenas no mito clássico: Apolo e Artemis, Zetes e Calais, Zerhus e Amphion, Hércules e Ífículos, Otus e Ephialtes, Pelias e Neleus, para citar alguns. E essas figuras dos gêmeos celestiais são simplesmente um pequeno segmento do padrão indo-europeu muito maior analisado por Walker. [1245](#)



Figura 66. O deus gêmeo latino Janus, cujo único chapéu significa "Cosmos".

[1239](#) Píndaro, *Nemian Odes*, 10.148 ff.

[1240](#) *Op. cit.*, Vol. II, 440.

[1241](#) *Ibid.*, Vol. II, 432-33.

[1242](#) *Ibid.*, Vol. II, 433.

[1243](#) *Ibid.*, Vol. II, 434.

[1244](#) *Ibid.*, Vol. II, 435.

[1245](#) *Ibid.*, Vol. I, 771.

Além disso, deve-se colocar ao lado dos gêmeos os semelhantes *duas cabeças* ou *de duas caras* Deus. Aqui encontramos Janus, a quem os italianos conheciam como o "mais antigo dos deuses", e a quem eles regularmente retratavam com duas faces, olhando em direções opostas (FIG. 66) Janus, de acordo com Cook, personificava a abóbada do céu, suas duas faces significando os dois aspectos do céu (dia e noite): Janus "era originalmente o céu divino. O céu divino brilha de dia e escurece à noite. Sendo, portanto, de um caráter duplo ou gêmeo, Janus era naturalmente representado como um deus de dupla face." 1246

Janus, como o deus-gêmeo *por excelência* nos dá o título *Janiform*, aplicado a qualquer divindade de duas cabeças ou duas faces (da qual o mundo antigo fornece inúmeros exemplos). Dou como exemplo um espécime de Etrúria (FIG. 66), representando uma cabeça janiforme vestindo um *petasos* ou chapéu de aba larga (frequentemente associado a Hermes). Isso se compara ao "chapéu de aba larga" usado por Odin, Attis e outros. Segundo Eisler, cuja opinião é compartilhada por Cook, o chapéu simbolizava, simplesmente, "o céu" de forma que as duas faces juntas correspondessem a todo o círculo do chapéu (céu, céu). 1247

Os gêmeos preto e branco

Embora nem todos os gêmeos sejam pretos e brancos, muitos são, e é essa mesma dicotomia que Cook nota em vários exemplos gregos. Em certos casos, um gêmeo aparece em um cavalo branco e o outro em um preto. 1248

Este aspecto dos gêmeos parece ser universal. Em seu personagem como um deus gêmeo, o mexicano Quetzalcoatl se une a Mictlantecuhtli, as duas divindades aparecendo de costas um para o outro, uma negra e a outra branca. 1249 Os Zuni representavam seus deuses gêmeos da guerra com máscaras pretas e brancas. Os Asvins preto e branco do mito hindu são um paralelo óbvio. Filósofos hindus, afirma Agrawala, dividiram a roda cósmica em duas metades, uma preta e outra branca, que personificaram como irmãs gêmeas formando "um círculo (chakra) girando no tempo eterno". 1250

Na Melanésia, afirma Eliade, "um se depara constantemente com o mito dos dois irmãos, um brilhante, o outro enfadonho". 1251

Freqüentemente, os gêmeos lutam entre si (às vezes um é "bom" e o outro "mau"), uma característica que complementa o aspecto preto-branco e crescente do Dioscuri. O mito chinês descreve dois irmãos chamados Opeh e Schichin em guerra constante. 1252 Os gêmeos ugaríticos Mot e Aliyan brigam, assim como os celtas Gwyn e Gwythur. 1253 Remus morre nas mãos de Romulus. Acrisius e Proetus brigam enquanto estavam no útero de sua mãe. Jacó e Esaú fazem o mesmo. A deusa-mãe índia norte-americana, Awehai, concebeu gêmeos que lutaram ainda no útero. Não pode haver dúvida de que os chineses yin e yang (forças primordiais da luz e das trevas) ou o par primordial maniqueísta do bem e do mal mantinham uma relação estreita com essa tradição geral dos gêmeos cósmicos.

O aspecto preto e branco dos gêmeos parece ser consistente com a teoria de Cook de uma esfera celestial giratória dividida em hemisférios conflitantes de luz e escuridão. Mas há outras características dos gêmeos que se encaixam menos confortavelmente no modelo de Cook. Por que os gêmeos eram tão frequentemente concebidos como dois *governantes primitivos* (ou dois aspectos do Monarca Universal, o fundador da civilização)?

1246 *Ibid.*, Vol. II, 378.

1247 Eisler, *Weltenmantel und Himmelszelt*.

1248 Cozinhos, *op. cit.*, Vol. II, 435.

1249 Neumann, *A Grande Mãe*, 205.

1250 *Faíscas do Fogo Védico*, 42-43, 62 ff.

1251 *Padrões na religião comparada*, 52

1252 O'Neill, *A Noite dos Deuses*, 836.

1253 Graves, *Os mitos gregos*, 243, nota 2.

O Dioscuri teve uma relação distinta com os gêmeos Romulus e Remus, o lendário *fundadores* de Roma. Parece ter havido uma tradição geral de realeza dupla, pois assim como os Dióscuros, nos primeiros dias dóricos, encontraram personificação em dois reis de Esparta, o latino Rômulo e Remo aparecem como gêmeos reais, reinando com direitos iguais. As representações de Rômulo e Remo costumam assimilar o par ao Dioscuri. [1254](#)

A questão é se algo tão abstrato como um "céu" sem limites poderia ter provocado a ideia de um par primitivo governando efetivamente como um único rei. Os gêmeos, como no caso de Janus, ligam-se ao Monarca Universal como suas duas faces, olhando em direções opostas. Cook, é claro, reconhece isso, mas ele concebe Janus, o deus-rei primitivo, não em termos concretos, mas como uma extensão aberta - o "céu".

Era esta a verdadeira identidade de Janus? Nota-se com considerável interesse a declaração de Joannes, o Lídio: "Nossa própria Filadélfia ainda preserva um traço da antiga crença. No primeiro dia do mês (*ie*, Janeiro) vai em procissão nada menos que o próprio Jano, vestido com uma máscara de duas faces, e as pessoas o chamam de Saturno, identificando-o com Cronos." [1255](#)

Para Cook, essa identidade de Janus e Saturno deve resultar de uma antiga confusão, mas para nós ela reflete com precisão a doutrina arcaica. Janus, como o "deus indígena mais antigo da Itália" (frase de Herodian), [1256](#) é o grande pai, que os adoradores de estrelas de muitas terras reconheceram como o planeta Saturno.

Também é crucial a relação do par celestial com o *pilar cósmico*. Muitas representações antigas dos gêmeos ou deuses gêmeos colocam as duas cabeças no topo do poste sagrado. Quanto ao tipo Janiforme na Grécia, Cook cita casos em que "a dupla face é fixada em um pilar ou poste". [1257](#) É possível encontrar retratos semelhantes do deus de duas faces na China, norte da Europa, Sibéria, Índia, Américas e em outros lugares. Para quem concebe o poste como nada mais do que um venerado pedaço de madeira, a conexão entre ele e o deus de duas faces não significará nada. Mas para quem vê o poste sagrado como o emblema da Colina Primitiva, a localização é carregada de significado: os gêmeos cósmicos ocuparam o cume da montanha central.

Das divindades masculinas adoradas pelos navajos, afirma Alexandre, as mais importantes são os gêmeos Nayanezgani e Thobadzistshini, que põem fim à Idade dos Gigantes primitiva. "A casa deles fica em uma montanha no centro do país Navaho." "A lenda da rocha que cresce no céu, elevando gêmeos aos céus, ocorre mais de uma vez na Califórnia." [1258](#)

Aqui estão dois aspectos dos gêmeos celestes que não se encaixam prontamente na explicação de Cook sobre o par. Os gêmeos são duas faces ou dois aspectos de Saturno, o Monarca Universal; e eles se sentam na montanha cósmica. Esses são atributos acidentais dos gêmeos ou pertencem a uma imagem integrada?

É surpreendente que Cook, embora dê atenção meticulosa ao testemunho clássico, não dê atenção ao protótipo mais antigo do Dioscuri e do deus Janiforme. A evidência mais completa vem do antigo Egito, cujo ritual e arte fornecem um retrato incisivo dos gêmeos.

[1254](#) Cozinhar, *op. cit.*, Vol. II, 442-43.

[1255](#) Citado em Cook, *op. cit.*, Vol II, 376. [ênfase adicionada].

[1256](#) *Ibid.*, 335.

[1257](#) *Op. cit.*, Vol. II, 381.

[1258](#) Alexandre, *Mitologia norte-americana*, 235.

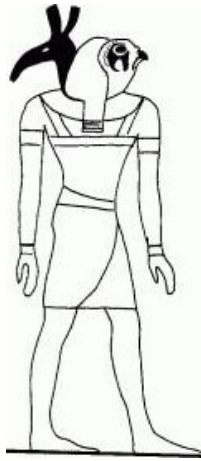




Figura 67. O deus gêmeo Horus-Set.

Dos irmãos preto e branco, o mundo não conhece nenhum exemplo mais antigo do que o par egípcio Hórus e Set. No FIG. 67 as cabeças de Hórus e Set aparecem em um corpo, olhando para a direita e para a esquerda. A cabeça negra de Set contrasta fortemente com a cabeça clara de Hórus, enfatizando o papel do par como "os dois deuses oponentes".

Intimamente relacionados a Hórus e Set estão os gêmeos Ísis e Néftis, frequentemente retratados de costas um para o outro. Os pares egípcios Shu e Tefnut, Thoth e Maat, Sekhet e Neith revelam um caráter subjacente semelhante.

No *Livro dos mortos* o pictograma das duas "porções" de Horus e Set é o signo de Aton. 1259 A implicação clara é que o deus-sol possui duas divisões gêmeas, uma clara e outra escura. Além disso, se o círculo do Aton é meio claro, meio escuro, certamente não se pode ignorar o relacionado

placa , a meia-lua, que parece fornecer uma ilustração literal dos dois reinos de Hórus e Set.

Da mesma forma, o egípcio *Shen* vinculo  *gêmeos* Ísis e Néftis.



representava não apenas o recinto do deus-sol (Aton), mas também o

Juntas, Ísis e Néftis, as gêmeas consecutivas, formavam a "fronteira" ou "fronteira" protetora de Tudo, o Cosmos. Enquanto o egípcio *tcher* significa "fronteira", "limite", *Tehera* significa "muralha de proteção" e *tcherti* as duas metades do limite ou muralha. Os dois *Tcherti* são Ísis e Néftis.

A cosmologia egípcia revela a imagem coerente de um *recinto dividido ao meio* girando em torno do sol central. Dois aspectos inter-relacionados dos gêmeos se destacam:


1 Em certo sentido, os gêmeos são simplesmente as metades claras e escuras do recinto - uma característica mais pronunciada no par Hórus e Set.

2 Mas o invólucro duplo girava em torno do deus da luz estacionário e, por sua revolução, o iluminado

crescente - a "face" do grande deus - marcava as respectivas divisões da "direita e esquerda" () e "acima e abaixo" () Em sua personalidade primária, os gêmeos Ísis e Néftis representavam essas posições contrapostas do crescente e, portanto, duas divisões do reino celestial. (Nas traduções padrão, as divisões da esquerda e da direita são geralmente processadas como "leste" e "oeste", confundindo cosmografia (o mapa do Cosmos) com a geografia local, enquanto "acima" e "abaixo" são traduzidos "céu" e "terra", levando a uma confusão diferente, mas igualmente problemática.)

Essa interpretação dos gêmeos cósmicos coincide com a de Cook ao identificar o par com um círculo celestial, meio escuro e meio claro. Distinguir essa visão da de Cook, entretanto, é a natureza proposta do círculo. fez

o círculo duplo significa o "céu" abstrato, ou uma faixa de concreto (com crescente

 envolvendo o sol central?

1259 Massey, *Antigo Egito*, 375.


Um requisito da interpretação estabelecida aqui é que o deus-sol fique *entre* os gêmeos e que o círculo dos gêmeos *gire em torno dele*. Claro, se os gêmeos se referem ao "céu" aberto e o deus-sol significa a orbe solar, não faria sentido - na verdade, uma contradição - colocar o deus no centro do círculo (*ie*, entre os semicírculos do dia e da noite) ou para falar dos gêmeos girando em torno do deus-sol.

O grande deus dos egípcios usa o invólucro de Aton como um "cinto". *De acordo com os Textos das Pirâmides, esta vestimenta é o círculo dos gêmeos celestiais*: "Estou cingido com o cinto de Hórus, estou vestido com a vestimenta de Thoth, Ísis está diante de mim e Néftis está atrás de mim." [1260](#) Essa linguagem ocorre repetidamente nas primeiras fontes egípcias. No *Livro dos Mortos*, o rei pergunta, "Posso ver Horus. . . , com o deus Thoth e a deusa Maat, um de cada lado dele." [1261](#) No *Textos de caixão* Atum declara sobre os gêmeos Shu e Tefnut: "Eu estava entre esses dois, um estando na minha frente, o outro atrás de mim". [1262](#) "As duas amantes de Buto acompanham você à direita e à esquerda." [1263](#) o *Pirâmide Textos* anunciar que os "dois grandes e poderosos Enéadas. . . coloque Shu para você em seu lado leste [esquerdo] e Tefnut em seu lado oeste [direito]." [1264](#) O rei proclama: "Neith está atrás de mim e Selket está diante de mim". [1265](#) Assim, o Monarca Universal dá "julgamento nos céus *entre* os dois competidores [Horus e Set]." [1266](#)

As metades clara e escura do recinto - em revolução perpétua, ou "conflito" - são equilibradas pelo grande deus. "Eu sou o cinto do manto do deus Nu. . . que une as duas divindades lutadoras que habitam em meu corpo [*khat*, "útero"]." [1267](#) "Eu sou o deus que mantém a oposição em equilíbrio enquanto seu Ovo circula." [1268](#)

Com um pouco de imaginação, pode-se possivelmente conceber o céu aberto como uma esfera preta e branca girando em torno de nossa terra, mas tal círculo não poderia de forma alguma parecer um *faixa dupla em torno de um sol central*. É aqui, em resumo, que a explicação de Cook sobre os gêmeos parece falhar.



Os gêmeos egípcios significam duas divisões de Aton . Existe apenas um recinto do sol, mas em virtude de suas porções de luz e sombra torna-se o "círculo duplo" ou, como muitas vezes traduzido, "os dois círculos". E essa faixa "dupla" é o ventre da deusa-mãe, dando à luz o sol central. *UMA Texto Caixão* assim, celebra "o *dois anéis* que deram à luz os deuses." [1269](#) A referência é ao duplo recinto de Ísis e Néftis. "Ele foi concebido em Ísis e gerado em Néftis", afirma o *Livro dos Mortos*. [1270](#) A mesma fonte declara: "Fui concebida pela deusa Sekhet, e a deusa Neith me deu à luz". [1271](#)

Assim, o *Textos de caixão* dizer:

[1260](#) *Texto Pirâmide* 1089.

[1261](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 6

[1262](#) Lacau, *Traduction des Textes des Cercueils du Moyen Empire*, 52

[1263](#) *Ibid.*, 37

[1264](#) *Pirâmide Textos* 1690-91.

[1265](#) *Texto Pirâmide* 1375.

[1266](#) *Texto Pirâmide* 289. [Grifo nosso.]

[1267](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 261.

[1268](#) Renouf, *op. cit.*, 108

[1269](#) Lacau, *op. cit.*, 48. [ênfase adicionada.]

[1270](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 261.

[1271](#) *Ibid.*, 229.

. . . *Seu duas mães que estão em Nekheb [a província celestial] deve vir para você.* . . . 1272

Oh, vocês dois que conceberam Re, vocês me darão, que estou no ovo. 1273

o *Pirâmide Textos* revelam a mesma noção de um útero duplo:

. . . *Os dois grandes senhoras [Ísis e Néftis] aborrecê-lo.* 1274

Minha mãe é Ísis, minha babá é Nephthys. 1275

O rei foi concebido por Sakhmet, e foi Shezmetet quem deu à luz o rei. 1276

As duas deusas não eram apenas gêmeas, mas as duas metades de um único útero. Essas duas divisões podem aparecer como o *duas coxas* de Nut (“Re brilha entre as coxas de Nut”) 1277 ou como as coxas de Ísis e Néftis. Para atingir o ventre primordial, “o Rei sobe nas coxas de Ísis, o Rei sobe nas coxas de Néftis”. 1278

Que o recinto duplo era algo mais do que um “céu” mal definido é provado pelas várias formas simbólicas do recinto. O fato é que *cada formulação mítica da faixa saturnina (assembléia, terra sagrada, templo, cidade, olho, serpente, etc.) é especificamente retratada como um círculo duplo, cujas duas divisões são os gêmeos cósmicos.*

Aqui estão alguns exemplos do sistema egípcio:

As Duas Assembléias

Textos egípcios identificam o círculo dos deuses como os “Dois Conclaves” ou “Duas Enéadas”:

. . . *Você está nos Conclaves do Monte da Glória. . . os Dois Enéadas vêm até você se curvando.* 1279

O céu está forte e Nut exulta ao ver o que Atum fez, enquanto ele se sentou entre os Dois Enéadas. 1280

Eu dei a você vindicação nos Dois Conclaves. 1281

Meus lábios são as duas Enéadas: Eu sou a Grande Palavra. 1282

Este duplo círculo de deuses forma ao mesmo tempo o “corpo” do grande deus e o “ventre” da grande mãe:

Salve, Khepera. . . a dupla companhia dos deuses é o teu corpo. [khat, “Corpo” também pode ser traduzido “útero”]. 1283

1272 Faulkner, *op. cit.*, 61. [Grifo nosso.]

1273 *Ibid.*, 168

1274 *Texto Pirâmide* 804. [Ênfase adicionada.]

1275 *Texto Pirâmide* 1375.

1276 *Texto Pirâmide* 262.

1277 Piankoff, *Papiros mitológicos*, 210.

1278 *Texto Pirâmide* 996.

1279 *Pirâmide Textos* 1292-93.

1280 Faulkner, *op. cit.*, 232

1281 *Ibid.*, 237.

1282 *Texto Pirâmide* 1100.

1283 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 108

Eu sou um grande, filho de um grande. Eu emito entre as coxas das Duas Enéadas. 1284

Eu vim adiante entre o [dois] coxas da companhia dos deuses. 1285

Era um *crescente* que dividiu a assembléia circular em duas porções, pois o símbolo hieroglífico de paut, "companhia dos deuses", é a meia-lua



As Duas Terras

O "Egito" celestial, fundado e governado pelo Monarca Universal, possuía duas divisões, alternadamente denominadas "direita e esquerda" ou "acima e abaixo". Os sacerdotes da doutrina Memfita anunciaram: "Foi assim que Hórus apareceu como Rei do Alto Egito e como Rei do Baixo Egito que uniu as Duas Terras na província da Muralha (branca) no lugar onde as Duas Terras estão unidas." 1286

O primeiro rei é o criador, e a "terra" que ele reuniu e unificou é um círculo duplo. Portanto, as Duas Terras recebem o título de "as Duas Damas" (Ísis e Néftis) ou aparecem como "as porções de Hórus e Set", 1287 ou o círculo gêmeo dos deuses. 1288

Em sua organização do reino terrestre, os egípcios se esforçaram para reproduzir o recinto dividido ao meio, o reino ideal. Frankfort escreve: "As formas dualísticas da realeza egípcia não resultaram de incidentes históricos. Eles incorporam o pensamento peculiarmente egípcio de que uma totalidade compreende opostos. . . *Um Estado dualisticamente concebido deve ter parecido aos egípcios a manifestação da ordem da criação.* .

. " 1289

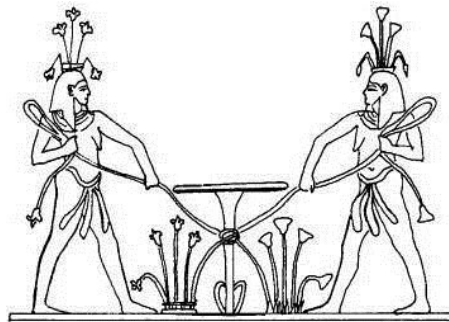


Figura 68. Os deuses gêmeos egípcios unem a "terra" unificada.

Nos primeiros textos rituais, a frase "Alto e Baixo Egito" refere-se consistentemente ao reino celestial, não à geografia local. Quando o *Pirâmide Textos*, por exemplo, declare que "as Duas Terras brilham novamente e ele [o grande deus] limpa as visões dos deuses", 1290 deve ser óbvio que eles se referem à habitação primordial acima, ao invés do Egito terrestre.

As duas coroas

1284 *Texto Pirâmide* 1087.

1285 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 594.

1286 Frankfort, *Reinado e os Deuses*, 27

1287 *Ibid.*, 21-27.

1288 *Texto Pirâmide* 1297.

1289 *Op. cit.*, 19-20. [Enfase adicionada.]

1290 *Texto Pirâmide* 373.




O deus-rei é "o bom governante que *aparece na coroa dupla*, Rei do Alto e Baixo Egito, Senhor das Duas Terras." [1291](#) Ninguém lendo essas linhas pela primeira vez provavelmente vai imaginar que a "Coroa Dupla" denotava o mesmo invólucro duplo que as "Duas Terras". No entanto, com base nas imagens cósmicas discutidas nas páginas anteriores, percebe-se a influência de uma única concepção. Embora as Duas Terras sejam Ísis e Néftis, os mesmos gêmeos aparecem como duas coroas usadas pelo deus-rei. ". . . [Y] nossas duas mães, as duas Coroas Brancas, acariciam você, suas duas mães, as duas Coroas Brancas, beijam você. . ." [1292](#)

Os egípcios proclamaram que as duas coroas compunham o círculo da glória (*khu*) que saiu do coração ou cabeça do grande deus. "As duas 'Great in Magic' [coroas] cresceram em sua cabeça. Foi assim que Hórus apareceu como Rei do Alto Egito e como Rei do Baixo Egito. . ." [1293](#) Adquirir as duas coroas era unificar as Duas Terras.

Os dois olhos

"Tu estendeste os céus por onde os teus dois olhos podem viajar", diz o *Livro dos Mortos*. [1294](#) Os dois olhos são simplesmente as duas metades do olho giratório singular, personificado pelos gêmeos cósmicos. "Tuas sobrelhas são as duas deusas irmãs que estão em paz uma com a outra", diz o *Livro dos Mortos*. [1295](#) Ísis e Néftis são assim chamados de "os dois olhos" de Re.

As Duas Serpentes

Se o sinal egípcio  relaciona a serpente circular ou uraeus à faixa do sol fechado, o sinal do  mostra que este último é "Dois" uraei  duas metades da mesma faixa - um fato que concorda com o título de Ísis e Néftis como "as duas deusas serpentes". "A deusa Nebt-Unnut está estabelecida sobre tua cabeça [como a coroa] e seus uraei do Sul [Alto Egito] e Norte [Baixo Egito] estão sobre tua testa." [1296](#) (As Duas Terras compõem as duas serpentes uraei, que o deus-rei usa como uma coroa dupla.)

Os textos não deixam dúvidas de que o olho, a coroa e a serpente circular, cada um referindo-se ao mesmo invólucro em torno do deus da luz, possuíam um aspecto dual, como dois olhos, duas coroas e duas serpentes; e esse recinto duplo era o círculo duplo dos deuses (as Duas Enéadas) circundando as Duas Terras.

Ó rei, eu forneço a você o Olho de Hórus, a Coroa Vermelha rica em poder e de muita natureza, para que possa protegê-lo, ó rei, assim como protege Hórus; que ela coloque seu poder, ó rei, na cabeça das Duas Enéadas como as duas deusas-serpentes que estão em sua testa, para que elas possam te levantar. [1297](#)

Passando brevemente para outras formas do recinto primitivo, encontramos a mesma conexão com os gêmeos celestes:

Os dois tronos

O rei subiu ao seu trono, que fica sobre as Duas Senhoras. [1298](#)

Os Dois Vasos (= Dois Olhos)

[1291](#) Piankoff, *Os Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 118. [Ênfase adicionada.]

[1292](#) *Texto Pirâmide* 310.

[1293](#) Frankfort, *op. cit.*, 27

[1294](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 87

[1295](#) *Ibid.*, 583.

[1296](#) *Ibid.*, 72

[1297](#) *Texto Pirâmide* 901-2.

[1298](#) *Texto Pirâmide* 263.

Veja os dois Olhos de Hórus, o preto e o branco; leve-os para a testa para que iluminem o seu rosto - levantar uma jarra branca e outra preta. [1299](#)

Os dois lagos ou rios

Eu nasci, purifico-me nos dois grandes e poderosos lagos de Heracleópolis. . . [1300](#)

Ó Destruidor que saiu do Lago do Trono Duplo. [1301](#)

Ele circumambulou os Dois Bancos. [Os dois bancos denotavam o círculo do "Egito" Superior e Inferior, cercado pelo rio giratório.] [1302](#)

Os dois cabos

Oh vocês dois que estão elevados. . . , que fazem a metacorda do deus. . . [1303](#)

Estes são os dois nós de Elefantina que estão na boca de Osíris. [1304](#)

Cada forma mítica do recinto primitivo no Egito aparece como uma faixa dupla, o círculo dos gêmeos celestiais. As diversas figuras dos gêmeos, embora complicem o simbolismo, sempre apontam para a mesma ideia-raiz. Os gêmeos denotam o recinto giratório da morada do grande deus no céu, dividido em partes iguais de luz e sombra. Nem a identificação de Cook dos gêmeos como o céu diurno e noturno abstrato, nem qualquer outra explicação baseada na presente ordem celestial, pode explicar a identidade subjacente dos gêmeos como *um círculo girando em torno de um sol central*.



Figura 69. Um espelho etrusco representa o Dioscuri à direita e à esquerda de um "sol" ou "estrela" central.

[1299](#) *Texto Pirâmide 33*

[1300](#) Piankoff, *Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 51

[1301](#) Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 324.

[1302](#) *Texto Pirâmide 406*.

[1303](#) *Texto Pirâmide 666*.

[1304](#) *Texto Pirâmide 234*.

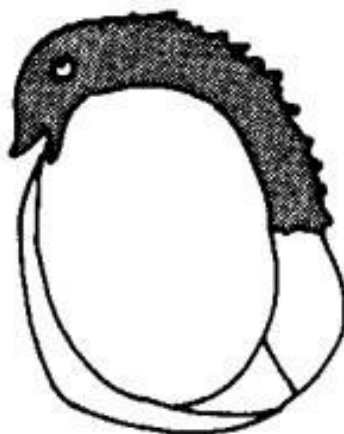


Figura 70. Os Uruboros, identificados como "o Um, o Todo", meio escuro e meio claro. De *Codex Marcianus* (11º século).

Em várias terras, o grande pai parece ter sua casa nos braços de gêmeos celestiais. Butterworth relata que "... Da Ásia Menor ao Egito, de Delos à Síria, relevos e moedas e outras obras de arte e artesanato apresentam representações de uma tríade consistindo dos Dioskoroi, os 'Gêmeos Celestiais', dispersos em ambos os lados de uma figura divina. . . " [1305](#)

Nas imagens egípcias, sumero-babilônicas, iranianas, hindus e gregas, os gêmeos aparecem como portas gêmeas (à direita e à esquerda), nas quais o sol brilha. [1306](#)

O uroboro gnóstico ou serpente circular é metade preto e metade branco e envolve o sol ([FIG. 70](#)) A serpente circular muçulmana, envolvendo a Caaba e constituindo o oceano mundial, "brilha" ao sol e é metade branca e metade preta. [1307](#) Mas a mesma serpente dupla será encontrada da China às Américas (figs. [71](#) , [72](#) , [73](#) , [74](#) E [75](#))

O ovo mundial do simbolismo hindu, grego e chinês é dividido ao meio em semicírculos preto e branco. Fontes hindus descrevem o útero primitivo como "duas tigelas" que juntas formam um único círculo, metade branco, metade preto. [1308](#) O rosto da deusa-mãe mexicana é metade preto, metade branco, lembrando o preto e branco grego Erinyes ou os aspectos claros e escuros da deusa grega Deméter-Perséfone. [1309](#)

Da mesma forma, duas deusas aladas giram a roda de Ixion, assim como duas deusas operam a roda do moinho mundial islandês ou a roda do Skambha hindu. [1310](#)

Os babilônios Shamash e Tammuz descansam na foz dos "rios gêmeos", [1311](#) enquanto o cananeu El está "nas nascentes dos Dois Rios, no meio das poças do Duplo-Profundo. " [1312](#)

[1305](#) *Op. cit.*, 101

[1306](#) Como o egípcio Hórus e Set, os portões da Babilônia à direita e à esquerda são "os guerreiros gêmeos". Sayce, *Palestras sobre a origem e crescimento da religião*, 492; Jastrow, *A Religião da Babilônia e da Assíria*, 285.

[1307](#) Wensinck, "The Ideas of the Western Semites", 64.

[1308](#) Agrawala, *O discurso das mil sílabas*, 106

[1309](#) Briffault, *op. cit.*, Vol. III, 62, 163.

[1310](#) Cozinhar, *op. cit.*, 49.

[1311](#) Wensinck, "The Ideas of the Western Semites", 169.

[1312](#) Clifford, *op. cit.*, 49. [Grifo nosso.]

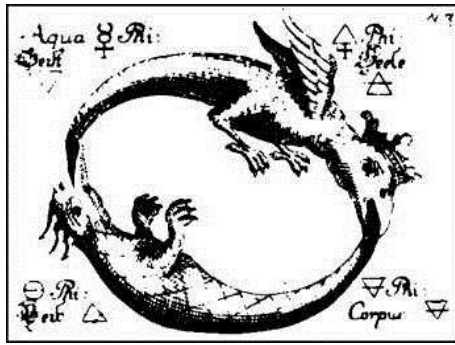


Figura 71. Dragão circular duplo em manuscrito alquimista.

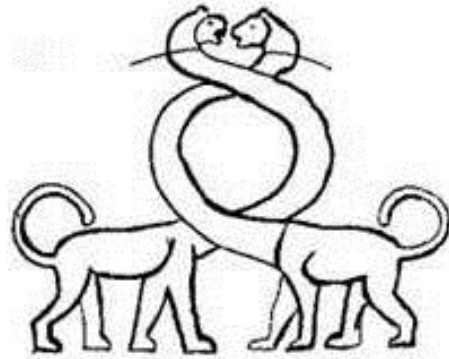


Figura 72. (a) Egípcio;

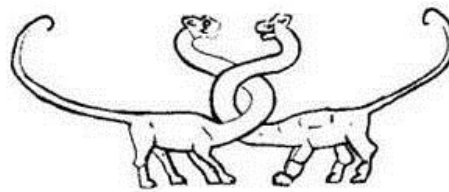


Figura 72. (b) Sumério, e



Figura 72. (c) Ilustrações malaias dos gêmeos primitivos revelam um conceito notavelmente semelhante. Juntos, os gêmeos formam um cercado.



Figura 73. Tri-Ratna budista.

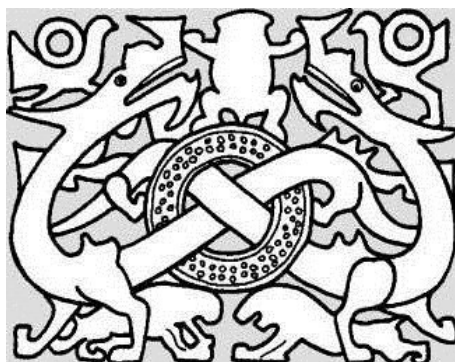


Figura 74. Dragões gêmeos chineses e o círculo dividido.



Figura 75. Dragão duplo de Honduras.

A faixa do sol fechado, qualquer que seja sua forma mítica, é consistentemente retratada como um círculo duplo, metade preto e metade branco.

O que define as duas divisões é o crescente iluminado

de modo a enfrentar alternadamente "acima e abaixo"



ou "esquerda e direita",



, girando sobre a banda

Embora as fontes antigas nunca questionem o caráter dual do recinto, a linguagem das duas divisões é suscetível a consideráveis mal-entendidos por qualquer pessoa que tente lê-la no contexto de uma suposta mitologia solar ou da geografia local. (Eu examino essas confusões em seções posteriores sobre " Céu e terra "E" leste e oeste . ")

Simbolismo do Crescente

A conexão do invólucro circumpolar com um crescente confirma que as imagens



para a mesma configuração celestial das imagens



e a montanha cósmica de maneiras diferentes, não deveríamos descobrir que elas expressavam o crescente em formas variadas também? Na tentativa de responder a essa pergunta, devemos levar em consideração os aspectos mais extraordinários das imagens saturnianas.

Do crescente nas imagens primárias



e fontes antigas apresentam estas formas básicas:



- Os chifres do deus-touro (ou deusa-vaca).
- O navio do grande pai.
- Os braços erguidos do gigante sustentador do céu.
- As asas estendidas da deusa mãe (ou deus alado).

Na linguagem dos rituais antigos, "chifres", "navios", "armas" e "asas" possuem uma identidade subjacente que desafia todas as relações naturais entre esses conceitos no mundo moderno. Residir dentro das asas da deusa-mãe é habitar nos braços erguidos do Homem do Céu. Mas essas mesmas asas, ou braços, constituem o navio a vela do grande deus - que por sua vez é descrito como dois "chifres" brilhantes. Vamos examinar o



conexão dessas formas com a configuração saturnina

O chifre crescente

De acordo com as imagens  e , o sol central aparece como um deus com chifres (o Touro do Céu), enquanto sua esposa, a deusa-vaca, envolve o deus-sol entre dois chifres.

Embora exaltado como o "sol", todas as figuras do grande pai possuem a "lua" crescente como dois chifres, reinando sobre a primeira era como o touro gerador.

No Egito, os "deuses-sol" Re, Horus, Osiris, Amen e Ptah tomam a forma de um deus com chifres - o poderoso "touro". [1313](#)

Osiris é o "filho de Nut, senhor dos dois chifres". [1314](#) o *Litania de Re* celebra o deus como o "poder supremo, com cabeça apegada, com chifres altos." [1315](#) Um dos epítetos de Re é simplesmente "Chifre Brilhante". [1316](#)

Um capítulo do *Livro dos mortos* começa: "Eu sou o Touro de chifre afiado, que regula o céu, o Senhor das elevações no céu, o grande Doador de Luz, que emana da Chama." [1317](#)

"Estou sentado na frente dos Grandes como o Re chifrudo", diz um *Texto do caixão*. [1318](#) Como a encarnação do grande deus, o rei adquire o título de "Touro de Luz". [1319](#)

[1313](#) Briffault, *op. cit.*, 192

[1314](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 157; Mudar, *Do Fetiche a Deus no Antigo Egito*, 409.

[1315](#) Piankoff, *A Litania de Re*, 24

[1316](#) *Ibid.*, 13

[1317](#) Renouf, *op. cit.*, 107

[1318](#) Faulkner, *op. cit.*, 243.

É consenso geral dos egiptólogos que Re e suas contrapartes se originaram como deuses solares. A que, então, se referem os “chifres” brilhantes do deus-sol?

A caracterização do grande deus como uma divindade com chifres parece ser um princípio geral do pensamento antigo. Um hino babilônico a Ramman (o “deus-sol”) começa: “Ó senhor Ramman, teu nome é o grande deus touro glorioso, filho do céu. . . , senhor da abundância.” [1320](#) Anu, Ninurta, Enlil e Enki possuem chifres radiantes. “. . . O sol, como o 'Touro da Luz' [o próprio título do deus-rei egípcio], recebeu a posição suprema na hierarquia dos deuses solares da Babilônia”, escreve Conrad. [1321](#) Mas o *chifres* do Touro do Céu são a lua crescente:

Pai Nannar, senhor celestial

. . . lua Deus . . . senhor de Ur . . . senhor

do crescente brilhante. . . Ó touro forte,

grande de chifres. [1322](#)

Fontes hindus descrevem Vishnu, Brahma, Shiva, Agni e Indra como touros com chifres luminosos. O grego Dionísio (latim Baco) é “o deus com chifres de touro” que se diz ter nascido uma “criança com chifres”. Adonis recebe o mesmo formulário. O cananeu El é chamado de “deus-touro”, enquanto o grego Cronos é “o deus com chifres”. Se Yahweh era “o touro de Israel”, Helios era o “touro de Adioum”.

Da África ao norte da Europa e às Américas, o arcaico deus “sol” usa os chifres da “lua” crescente. [1323](#)

Nos mitos de várias terras, o touro celestial aparece sob a forma de Homem do Céu, seu corpo fornecendo a matéria primordial do Cosmos. Um hino do Hindu *Atharva Veda*, intitulado “Exaltando o Boi”, identifica os vários deuses com os membros do touro cósmico: “Prajapati e o mais exaltado são seus dois chifres, Indra sua cabeça, Agni sua testa, Yama sua junta do pescoço. . .” etc. [1324](#) Os persas conheciam essa besta como o “Touro Primordial” ou “o Boi criado sozinho” que morava em Eran Vej, a “terra central”; sua forma era “branca e brilhante como a lua”. O mundo do primeiro homem e da primeira mulher foi criado a partir de seu corpo. [1325](#)

Há apenas um sentido em que o mito do “sol” chifrudo ou grande pai terá significado

interpretação. Os chifres pertencem a Saturno, o sol dentro da meia-lua



. Se os babilônios soubessem

Saturno como Anu, “o chifre”, os fenícios chamavam o deus-planeta Ba'al Qarnaim, “Senhor dos Dois Chifres”. [1326](#) O nome grego de Saturno Cronos, de acordo com Robert Brown, possui o sentido radical “o Chifre”. [1327](#)

[1319](#) Hassan, *Império Hymnes Religieux du Moyen*, 72

[1320](#) Conrad, *O chifre e a espada*, 102

[1321](#) *Ibid.*, 39

[1322](#) *Ibid.*, 38. [Ênfase adicionada.]

[1323](#) Gelling, *A Carruagem do Sol*, 81-82; Bailey, *Os Deus-Reis e os Titãs*, 192

[1324](#) Whitney, *Atharva Veda*, Vol. II, 547.

[1325](#) Campbell, *Mitologia Ocidental*, 204-5; Briffault, *op. cit.*, Vol. III, 191.

[1326](#) Castanho, *Pesquisas sobre as origens das constelações primitivas*, Vol. II, 183; Cozinhar, *op. cit.*, Vol. III, 554.

[1327](#) *Op. cit.*, Vol. I, 3n.



Figura 76. Duas versões egípcias do touro alado: (a) o touro Apis de Memphis;

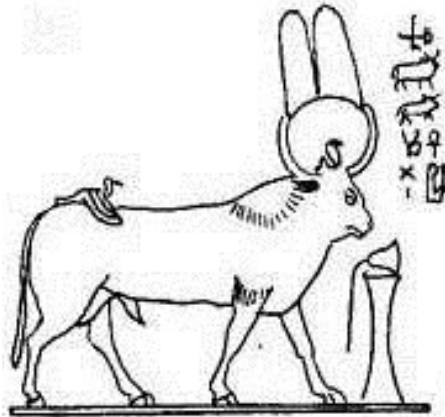


Figura 76. (b) o touro Bacchis de Hermonthis.



Figura 77. Os chifres do íbex celestial (Mesopotâmia) envolvem a cruz do sol. De um vaso descoberto em Susa.



Figura 78. Desenho de Bucranium, Mesopotâmia.



Figura 79. Fragmento de embarcação pintada do Baluchistão, mostrando o "sol" entre os nascimentos do touro.

As imagens do antigo Egito são invariáveis ao conectar os chifres com o Aton, o cerco do sol a *Texto Caixão* o grande deus. No relembra a primeira ocasião, "antes que Aton fosse preso nos chifres." 1328

Outra fonte descreve o "Aton que está entre seus chifres." 1329 O Faraó Tutmés I se autodenomina o deus "Hórus-Re, Touro-Poderoso - o sol com chifres afiados que sai de Aton." 1330 Pode um serio

duvido que tais hinos se refiram ao deus da luz dentro da meia-lua

Duas formas populares do deus egípcio com chifres eram o Touro Apis, adorado em Memphis, e o Touro Mnevis de Heliópolis. Ilustrações desses deuses-bois confirmam a própria relação entre os chifres e o invólucro descrito nos hinos: o círculo de Aton repousa firmemente sobre os chifres do touro, oferecendo a imagem precisa

. O deus egípcio Bakha também usa o Aton entre seus dois chifres. O símbolo hieroglífico

do Chifrudo Aton é



. (Sobre o significado dessas imagens, os especialistas permanecem em silêncio.) Um dos

formas hieroglíficas do Aton tem como seu determinante o signo



, significando "o de dois chifres

gabinete." Que os chifres místicos abraçam ou circundam o sol central é um princípio que vai muito além do Egito. No famoso boné com chifres das divindades mesopotâmicas, "os chifres foram imaginados circundando a cabeça de uma divindade, em vez de brotando dela",

escreve Van Buren. 1331 Às vezes, os chifres simbólicos na Mesopotâmia não são os de um touro, mas sim de um íbex, uma besta celestial que os mitos chamam de "íbex do Apsu [oceano cósmico]". 1332 Pinturas em vasos mostram os chifres do íbex circundando a cruz do sol 1333 (FIG. 77) Em outro lugar, o "sol" aparece entre os chifres de um touro (figs. 78 , 79)

Em desenhos de rocha egípcios e escandinavos, o "sol" fica entre os chifres de figuras bovinas, e as ilustrações freqüentemente enfatizam o caráter dos chifres como um invólucro, desenhando-os em um círculo completo (figs. 84 , 87) Correspondentemente, um poema do Didinga da África Oriental exalta:

1328 Clark, *Mito e símbolo no antigo Egito*, 88

1329 Piankoff, *Tumba de Ramsés VI*, 125

1330 Piankoff, *Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 6

1331 "Concerning the Horned Cap of the Mesopotamian Gods," 319. Ver Hans Henning Van Der Osten, *op. cit.*, FIG. 22, não. 114, 116, 128, 153, 168.

1332 Kramer, *Mitologia suméria*, xii.

1333 Jeremias, *op. cit.*, 99, fig. 70

Vaca Branca do céu, seus chifres formaram um círculo completo e estão unidos como um só. 1334

Na mesma linha, o hindu *Atharva Veda* relembra "O ruivo, o touro de chifre afiado, que cercava

Agni, o sol." 1335 O Verethraghna iraniano, que carrega a "glória" (halo "a forma de um belo



) de Ahura Mazda, possui

carneiro selvagem, com chifres dobrados". 1336

Os chifres que são "curvados" serão a meia-lua, a morada do sol central



- qual é



para dizer, os chifres são inseparáveis do ventre da deusa mãe. Daí o signo egípcio

que expressa nitidamente o aspecto mítico do crescente como dois chifres, denota a deusa Hathor, a "Casa de Horus". Porque Hathor é a deusa do útero com chifres, não há contradição entre os hinos que localizam Re "no útero de tua mãe Hathor" e as representações da deusa como "vaca do céu que carrega o deus-sol *entre seus chifres*." 1337

Da mesma forma, Hathor é ao mesmo tempo o Olho de Re e os chifres que sustentam o Olho: "Eu sou aquele seu olho que está nos chifres de Hathor", diz um *Texto da pirâmide*. 1338 Um dos nomes da deusa egípcia é simplesmente "Chifres, Senhora da Purificação". 1339

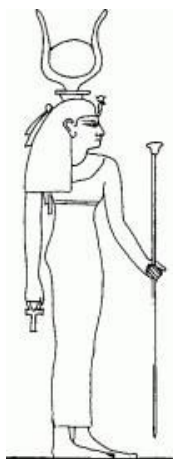


Figura 80. A deusa Hathor, usando o chifre Aton.

Paralelo a este título de Hathor está o nome da deusa mesopotâmica: "a Senhora com semblante chifrudo". 1340 A deusa suméria Inanna descreve seu próprio útero como "um chifre", 1341 enquanto a deusa fenícia relacionada Ashtoreth aparece como "Rainha do céu com chifres crescentes" ou "Astotheth do chifre duplo." 1342 Um chifre, em hindu *Satapatha Brahmana*, significa o útero da gênese primitiva. ". . . O chifre do veado negro é igual àquele útero", afirma o texto. O sacerdote "toca com ele [o chifre] sua testa perto da sobrancelha direita, com o texto, 'Tu és o ventre de Indra' - pois é de fato o ventre de Indra, já que em

1334 Conrad, *O chifre e a espada*, 89

1335 Whitney, *op. cit.*, Vol. II, 714.

1336 Darmesteter, *O Zend Avesta*, Parte II, 237.

1337 Bleeker, *Hathor e Thoth*, 48. [ênfase adicionada.]

1338 *Texto Pirâmide* T05.

1339 Piankoff, *A errância da alma*, 10

1340 Lenormant, *Magia Caldéia*, 149.

1341 Kramer, *O Rito do Casamento Sagrado*, 59.


1342 Sayce, *op. cit.*, 256.

entrando nele ele entra assim, e ao nascer ele nasce daí: portanto, ele diz: 'Tu és o ventre de Indra.' ” 1343

Não faz diferença se os chifres são de touro, vaca, carneiro, antílope, veado, cabra ou búfalo. A ideia vital era de um cercado com chifres, e as nações antigas que herdaram a tradição obviamente adaptaram o chifre celestial às formas dos animais que lhes eram familiares.

A montanha chifruda

No *Pirâmide Textos*, o rei retorna ao ventre de seu nascimento, com as palavras: “Juntei-me à minha mãe, a Grande Vaca Selvagem. Ó minha mãe, a Vaca Selvagem que está sobre a Montanha. . . ” 1344 “Homenagem a ti, Re, poder supremo, Chifre Brilhante, Pilar de Amentet”, diz o *Litania de Re*. 1345 O touro Bakha, que suporta

o Aten  entre seus chifres, está “o Touro das Duas Montanhas”.


O fato de os chifres do touro ou da vaca constituírem os dois picos da montanha cósmica pode por si explicar tal imagem. *O Touro do Céu, em sua forma original, nada mais é do que um pilar com chifres* - como fica claro em um *Texto Pirâmide* abordando “o Pilar das Estrelas. . . , o Pilar de Kenset, o Touro do Céu.” 1346 Este é o touro “cujos chifres brilham, o (bem) pilar ungado, o Touro do Céu”. 1347

Na verdade, tudo o que distingue o Aton chifrudo  do hieróglifo “Monte da Glória”  é o forma mítica em que o crescente reclinado encontrou expressão. Miticamente, o crescente era visto como um pico dividido e dois chifres.

Na verdade, descobre-se que os sacerdotes egípcios não tinham dúvidas sobre a identidade dos chifres e do cume da fenda, pois os dois símbolos se sobrepõem constantemente na arte egípcia. Às vezes, a cabeça de um touro é colocada entre os dois

picos do símbolo da montanha , com o Aton apoiado nos dois chifres do touro (figs. 81 , 82)

Em um período inicial, os egípcios representavam os picos gêmeos pela imagem

 o “pedestal” primitivo. Em outras ocasiões, no entanto, eles mostraram um touro descansando no pedestal com o sinal de montanha deslocado para o lado (FIG. 83) Claramente, os artistas reconheceram os significados sobrepostos dos dois símbolos.

Muitas vezes, de fato, o sinal da montanha é desenhado de forma a aparecer *mais como chifres do que duas colinas* (FIG. 85b), e esta imagem, conforme observado por Percy Newberry há algum tempo, é virtualmente idêntica aos “chifres de consagração” cretenses discutidos por Sir Arthur Evans em sua obra agora famosa, “The Mycenaean Tree and Pillar Cult” 1348 (FIG. 85a) Assim, GE Smith observa o “ *identidade* do que Evans chama de ‘chifres de consagração’ e as ‘montanhas do horizonte’ [egípcias] ”. 1349 (Por “montanhas do horizonte” Smith significa, é claro, o Monte da Glória com dois picos.)

1343 Eggeling, *Satapatha-Brahamna* II, Parte II, 33.

1344 *Texto Pirâmide* 389.

1345 Piankoff, *Litania de Re*, 26

1346 *Texto Pirâmide* 280, em Piankoff, *A Pirâmide de Unas*.

1347 *Texto Pirâmide* 282-83.

1348 Newberry, “Two Cults of the Old Kingdom,” 24 ff.

1349 *Op. cit.*, FIG. 26



Figura 81. Ilustração do Aton (serpente circular) da *Papyrus Of Her-Uben* mostra as interpretações sobrepostas do O crescente de Aton como uma montanha de picos gêmeos, os chifres de um touro cósmico e lombos gêmeos (Aker).

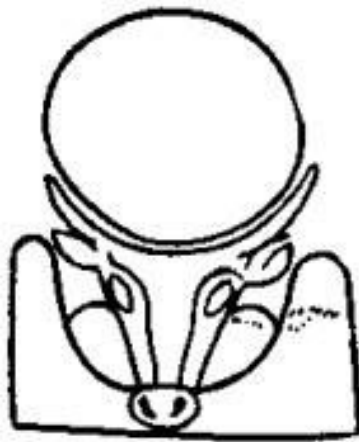
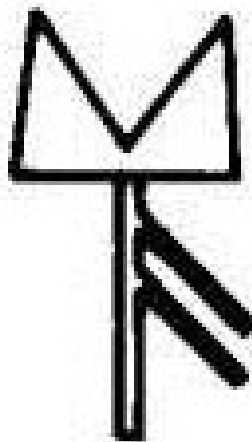


Figura 82. Para mostrar a identidade dos chifres crescentes e dos picos gêmeos do Aton, os artistas egípcios colocaram a cabeça do touro entre os dois picos.

Percebendo os chifres como a cúpula fendida do pilar que sustenta o Cosmos do *Textos de caixão*, que diz: "Então, o velho de Kenzet [*Kenset*, o pilar com chifres]. . . Eu apoio o céu com meus chifres." 1350



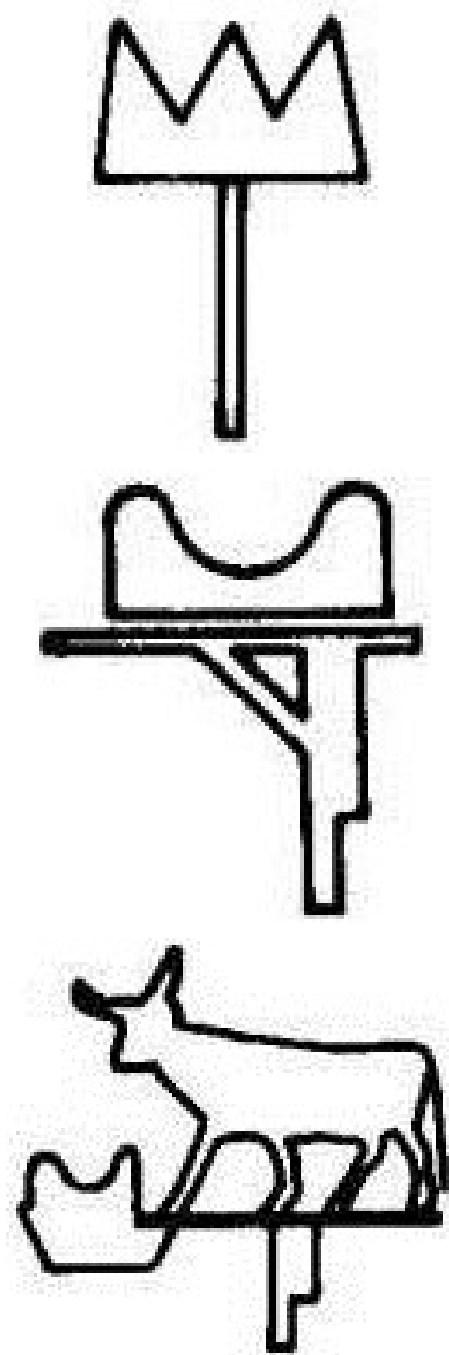
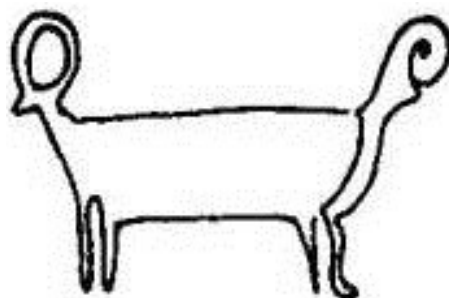


Figura 83. Símbolos egípcios pré-históricos para a montagem de dois picos.



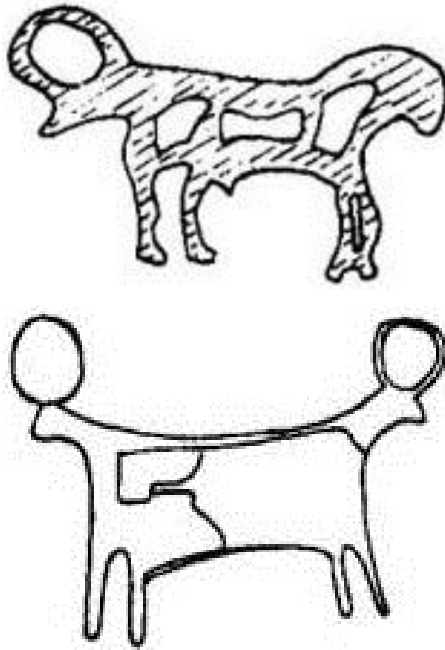


Figura 84. Ao indicar os chifres como um círculo completo, as imagens egípcias pré-históricas do touro cósmico (ou touros gêmeos) enfatizam o conexão dos chifres com o recinto celestial.

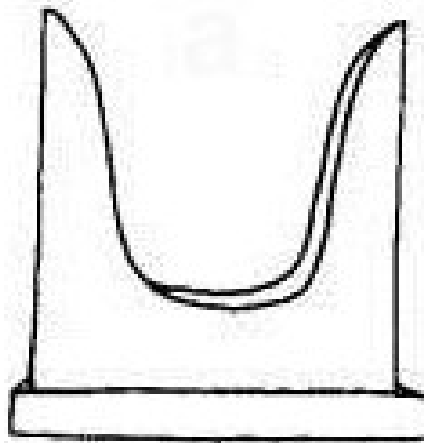


Figura 85. (a) "Chifres de consagração" cretenses;

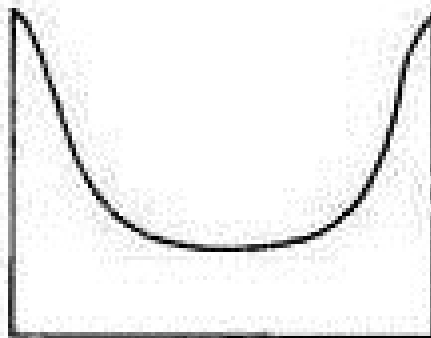


Figura 85. (b) "Pico fendido" egípcio.

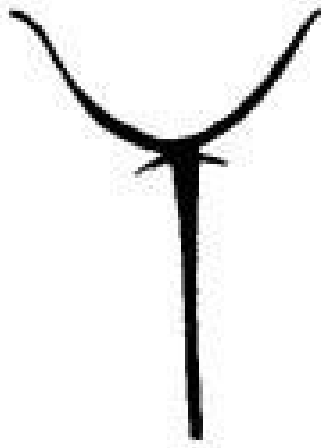


Figura 86. Pilar com chifres da Mesopotâmia.

Os sumero-babilônios personificaram o pico Hursag, que sustenta o céu, como o gigante da montanha Enlil, também um *chifrudo* pilar:

Ó grande Enlil, im-hur-sag [Grande Montanha]

cuja cabeça rivaliza com os céus,

cujo fundamento está colocado no abismo puro, Cujo chifres brilham

como os raios do deus-sol. [1351](#)

Fontes egípcias e mesopotâmicas dão chifres brilhantes à montanha que sustenta o céu! O nome do rei antediluviano da Babilônia, Alapros, deriva de *alap*, “Touro” e *vc*, “Fundação.” Ele é o “Touro da Fundação”. [1352](#)



[1351](#) Langdon, *Mitologia Semítica*, 99. [Ênfase adicionada.]

[1352](#) Castanho, *op. cit.*, Vol. I, 56.



Figura 87. Variações do touro cósmico nos desenhos rochosos escandinavos. Na raiz, o touro é o pilar e a meia-lua.

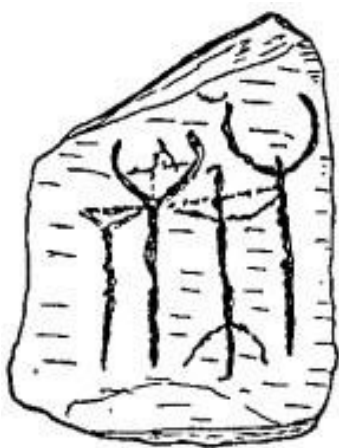


Figura 88. Imagem de rock da Alemanha, identificada por Herbert Kuhn como "bois estilizados".

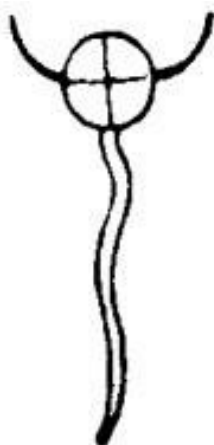


Figura 89. Recinto chifrudo do índio americano, repousando sobre uma serpente ereta.

Assim, a "terra" paradisíaca repousava sobre os chifres crescentes. Os babilônios chamavam o pilar com chifres de "Grande Touro, o maior touro, pisando nos portões sagrados. . . diretor da Abundância, que apóia o deus Nirba. .

. " ¹³⁵³ Lenormant comenta: "Este touro, portanto, desempenha o papel de uma espécie de Atlas, carregando a terra e suas colheitas sobre os ombros." ¹³⁵⁴ Mas a "terra" primitiva, como temos visto, era simplesmente o Cosmos de Saturno.

Muitas lendas siberianas falam de um touro primitivo apoiando o "mundo". ¹³⁵⁵ As tradições hebraica e muçulmana colocam um touro no topo do dragão-serpente Leviatã (aqui um símbolo do pilar do céu). O touro apóia a terra em seus ombros. ¹³⁵⁶ O chifre de carneiro do Heimdal germânico segura firmemente a borda do mundo. ¹³⁵⁷



Consideramos novamente o símbolo mesopotâmico da terra dividida em seu pilar sobre este símbolo é que ele corresponde exatamente à imagem mítica do touro, ou coluna com chifres, segurando no alto o recinto cósmico (com quatro correntes de vida) e apoiando o deus-sol entre seus chifres. Que eu saiba, porém, ninguém ainda propôs qualquer conexão entre este signo e os mitos.

¹³⁵³ Lenormant, *Les Origines*, Vol. I, 116.

¹³⁵⁴ *Ibid.*

¹³⁵⁵ Uno Holmberg, *Mitologia siberiana*, 331-2.

¹³⁵⁶ Wensinck, " *O oceano na literatura dos semitas ocidentais*, "3.

¹³⁵⁷ Perada, *Senhor dos Quatro Quartos*, 182

À medida que nossa Terra girava em seu eixo, o chifre crescente deve ter parecido visualmente girar em torno do recinto



“O Grande Touro de Osíris está em círculos!” proclama um texto do *Santuários de Tut-Ankh-Amon*. [1358](#) Duas linhas do *Livro dos mortos* sugerem a mesma coisa: “Eu sou o boi. . . Eu dou a volta no Sekhet-Aaru [a planície circular da abundância].” [1359](#)

Assim, os chifres giratórios marcam um recinto duplo. Um dos primeiros símbolos das Duas Terras é uma vaca de duas cabeças, voltada para a direita e para a esquerda. [1360](#) ([FIG. 90](#)) O *Pirâmide Textos* chama isso de “os dois touros dentro do Ibis.” [1361](#) A referência é mais significativa do que se possa reconhecer à primeira vista, para o ibis

envolvendo os dois gêmeos está o deus Thoth - cujo símbolo é a meia-lua



“Eu vim e instalei esta minha casa. . . A porta que está nele são dois touros opostos”, diz

uma *Texto da pirâmide*. [1362](#) Juntos, os chifres “opostos” da esquerda e da direita, a porta.”



distinguir o círculo completo de

Para qualquer um que perceba o papel dos “dois touros” egípcios como duas metades do recinto do sol (a porta ou portão através do qual o sol sai), é impossível ignorar a imagem correspondente de dois touros na Mesopotâmia, guardando os portões de o palácio ou templo. Estes são os “dois touros do portão do templo de E-Shakil”, os “dois touros do portão de Ea” ou os “dois touros do portão da deusa Damkina”. [1363](#)

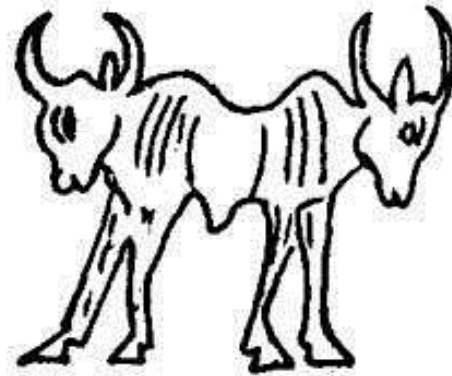


Figura 90. O touro egípcio de duas cabeças, símbolo das “Duas Terras”.

[1358](#) Piankoff, *Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 84

[1359](#) Renouf, *op. cit.*, 114-15.

[1360](#) Mackenzie, *A migração de símbolos*, 18

[1361](#) *Texto Pirâmide* 425.

[1362](#) *Texto Pirâmide* 1266. Outro texto diz: “Veja entre quem está este Rei, os chifres em sua cabeça sendo os de dois touros selvagens, pois você é um carneiro preto, filho de uma ovelha negra, que deu à luz uma ovelha branca.” *Texto Pirâmide* 252. Nesse hino, discernimos as duas formas primárias dos gêmeos cósmicos. Os gêmeos, como os dois touros “selvagens” ou lutadores, são simplesmente aspectos de um único deus com chifres, cujos chifres alternadamente enfrentam direções opostas. Mas os gêmeos também têm a ver com um círculo meio luz e meia sombra, e esse recinto dividido ao meio é o útero do nascimento dos grandes deuses. Portanto, ele é “o filho de uma ovelha negra, que deu à luz uma ovelha branca”.

[1363](#) Lenormant, *Les Origines*, Vol. I, 114. No simbolismo do hindu *Rig Veda* são o Touro e a Vaca universais que juntos compõem o útero primordial. Eles “são como duas tigelas invertidas se unindo para formar um útero comum”, escreve Agrawala. *Discurso de Mil Sílabas*, 106



Figura 91. Desenho mesopotâmico transmitindo a imagem do recinto primitivo e chifres giratórios.

Quanto aos significados primários do deus chifrudo ou da deusa, as fontes antigas não se equivocam: miticamente, os chifres significam o crescente giratório alcançando o recinto primitivo e parecendo “apoiar” ou “abraçar” o deus-sol. Os chifres compõem os dois picos da montanha cósmica. E em suas posições opostas ao redor do sol central, eles são identificados como os gêmeos cósmicos, os "deuses oponentes".



X: O Navio Crescente (Parte 2)

Todos os antigos deuses do sol navegam em um navio celestial. No ritual mais antigo, o navio aparece como uma lua crescente girando em torno do círculo da morada do grande deus, enquanto o próprio deus permanece parado. Os navios "poste de amarração" (e, por extensão, é "mastro") é a montanha cósmica.

Um dos bens mais extraordinários de Saturno é a arca do céu. Saturno é "literalmente representado como navegando sobre o oceano em um navio", observa Faber. [1364](#) Ovídio nos conta que, porque o deus-planeta atravessou toda a esfera da "terra" em sua viagem primordial, seu símbolo especial era um navio, e este é o navio que aparece no verso das moedas estampadas com a dupla face de Jano. [1365](#) Este último deus, como alter ego de Saturno, foi o "inventor" de latidos e navios. [1366](#)

Todos os deuses saturnianos do panteão Sumero-Babilônico navegam em um navio celestial, um dos quais se chama *Magula-anna*, "Grande barco do Céu." O "querido navio" de Ningirsu é "aquele que sobe da represa das profundezas". [1367](#) Ea cavalga "o navio do antílope da Apsu", [1368](#) enquanto Ninurta navega no navio Magur.

O chinês Huang-ti - o planeta Saturno - foi o primeiro a navegar em um navio. Em sua jornada através do oceano, Hércules cavalgou em um "cálice dourado" - o navio de Helios (Saturno) - ao qual se compara naturalmente o barco da "lua nova" de Dioniso. Uma nave de "luz feita por ele mesmo" transporta o grande deus Avestan Yima (Saturno).

O grande pai fenício, Chrysor, "foi o primeiro homem a viajar em navios", [1369](#) mas também foi dito que o deus gêmeo Ousoos "foi o primeiro a lançar um barco". [1370](#) O deus criador japonês Sukuna-Biko-Na cavalga "na crista das ondas em um céu *Kagami* barco." [1371](#) "Um navio dourado com equipamento dourado se movia no céu", diz o hindu *Atharva Veda*. [1372](#)

Os nativos das Marquesas dizem que no início existia apenas o mar em que o criador Tiki flutuava de canoa. [1373](#) O deus havaiano Tanaroa navegou em uma "canoa voadora", [1374](#) muito parecido com o grande xamã de

[1364](#) *Op. cit.*, Vol. II, 495.

[1365](#) Citado em *ibid.*

[1366](#) *Ibid.*

[1367](#) Jastrow, *Religião da Babilônia e da Assíria*, 654.

[1368](#) Langdon, *op. cit.*, 106

[1369](#) Castanho, *Eradinus: Rio e Constelação*, 12

[1370](#) Castanho, *Pesquisas*, Vol I, 39.

[1371](#) Philippi, *O Kojiki*, 115

[1372](#) Whitney, *op. cit.*, Vol. I, 227.

[1373](#) Dixon, *Mitologia Oceânica*, 20

[1374](#) Melville, *Filhos do Arco-Íris*, 37

os Yenisei Ostiaks, que “remam seu barco no céu”. O lendário Hiawatha navegou “uma canoa branca que se movia sem ajuda humana”. [1375](#)

Que a forma original do navio do deus-sol era um *crescente* é um fato contestado por ninguém. A forma crescente prevalece no Egito, Mesopotâmia, Pérsia, Índia, Grécia, Escandinávia e até mesmo nas Américas, levando à crença popular de que o sol mítico viaja no “navio da lua nova”.

Essa opinião se deve a um único fato: a lua nova é o único crescente conhecido na era moderna. No entanto, a identificação da lua crescente é tão rotineira que os mitologistas quase não dão atenção a imagens específicas que sugerem uma interpretação radicalmente diferente.

Tendo observado o papel “não ortodoxo” do chifre crescente, é apropriado observar primeiro que o simbolismo antigo sempre iguala o navio do grande deus ao touro ou vaca do céu. Desenhos pré-históricos do Egito relacionam continuamente o navio a uma criatura com chifres e, posteriormente, a arte egípcia deu continuidade ao tema. [1376](#)



Figura 92. Os grandes deuses da Mesopotâmia navegam no navio com chifres.

A mesma conexão ocorre em muitos desenhos de rocha escandinavos. Uma imagem de rocha do deserto da Núbia ao sul de Kerma mostra o navio tão colocado nas costas de um touro que o barco e o animal a galope são um só. [1377](#)

O Sumero-Babilônico Nanar ou Sin, estimado como o touro com chifres brilhantes, também é “a casca brilhante dos céus”. [1378](#) “Que você possa passar por cima do Grande Touro”, diz um egípcio *Texto da pirâmide*. [1379](#)

Outro declara: “o Touro do céu abaixou o chifre para por ele passar. . . ,” [1380](#) enquanto um *Texto Caixão* celebra o “chifre longo que sustenta o *latido* de Anúbis.” [1381](#)

Muitos anos atrás, GS Faber, examinando o antigo simbolismo do navio, escreveu: “Uma novilha parece ter sido adotada como talvez o emblema mais comum da Arca. . . Que a novilha era um emblema da Arca aparece em uma passagem muito curiosa em *O Magnum Etimológico*, cujo autor nos informa, que Teba, no dialeto sírio, significava 'uma novilha'. . . O significado, entretanto, de Teba, na língua hebraica, é 'uma arca'; e

[1375](#) Alexandre, *Mitologia norte-americana*, 52

[1376](#) Winkler, *Desenhos de rocha do sul do Egito*, não. 17, 22 e inserção, pl. xxxiii; Piankoff, *Tumba de Ramsés VI*, 153

[1377](#) Campbell, *Mitologia Oriental*, 69-70.


[1378](#) Jeremias, *op. cit.*, 243.

[1379](#) *Texto Pirâmide* 792.

[1380](#) *Texto Pirâmide* 1433.


[1381](#) Faulkner, *op. cit.*, 279. [Grifo nosso.]

a única razão pela qual uma novilha foi designada pelo mesmo nome, foi a circunstância de ela ser usada como um emblema arkite. ” [1382](#)

Se o chifre crescente é aquele que envolve o dia de sol fechado, o navio do  e visualmente gira em torno da banda cada céu deve ser o mesmo crescente.

A confirmação direta vem do antigo Egito. Embora o navio egípcio (conforme representado nos relevos) sempre possua a forma crescente, ele gira em um círculo: “. . . a arca do céu era a esfera giratória configurada como um navio à vela. . . a arca é retratada no ato de navegar sobre um vasto vazio insondável ”, escreve Massey. [1383](#)



Talvez a palavra egípcia mais comum para "navegar" seja *seqet*, da raiz *qet*, "Um círculo" (escrito com o

determinante ) Literalmente, *seqet* significa "fazer um círculo" (compare *seqeti*, "Rodeado"). Daí um texto declara que "a barcaça *círculos* no céu," [1384](#) enquanto outro exalta "o *círculos* da casca de galinheiro " [1385](#) (*Henhenu* é o nome do oceano circular acima).

Mas qual era a natureza do trajeto circular do navio? O navio navega ao redor do recinto do deus-sol: "Eu me levanto em seu recinto, ó Maa; Eu navego por aí. " [1386](#) Capítulo CXXXVI do *Livro dos mortos* é, portanto, intitulado "O Capítulo da Vela no Grande Barco de Re para Passar pelo Círculo de Chama Brilhante." [1387](#) Além disso, esta conexão do barco-crescente com um *recinto* será encontrado também na Mesopotâmia. Embora o crescente de Sin fosse o *ma-gur* barco possuído por Ninurta (Saturno), o signo para *gur* significa "gabinete circular". [1388](#)

Existe alguma declaração direta de que o recinto representado no sinal é chamado de banda Aten é o círculo do navio. O *Seqet* é o que navega em seu Khu, que navega em um círculo em seu Aton", diz o *Livro dos Mortos*. [1389](#)

Claramente, o assunto é a meia-lua. No *Pirâmide Textos*, Rei Unas anuncia: "Eu giro em volta

céu como Re, eu navego em volta do céu como Thoth. " Enquanto a imagem de Re é o Aten , o símbolo comum de Thoth é a meia-lua . Permitindo que uma imagem explique a outra, vemos que Unas não aqui, envolva-se em dois atos separados, mas em um único ato representado de duas maneiras diferentes: girar dentro do Aton é navegar na lua crescente de Thoth. [1390](#)

O círculo do Aton é a "testa" de Re, e é na testa de Re que os textos localizam o navio: "Eu vôo e me empoleiro na testa de Re, na proa de seu barco que está no céu, "Afirma o *Livro dos Mortos*. [1391](#)

[1382](#) Uma *Dissertação sobre o Cabiri*, Vol I, 177-78.

[1383](#) *Op. cit.*, 576.

[1384](#) Piankoff, *Papiros mitológicos*, citando um texto do *Santuários de Tut-Ankh-Amon*. [ênfase adicionada.]

[1385](#) Faulkner, *op. cit.*, 149. [ênfase adicionada.]

[1386](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 488.

[1387](#) *Ibid.*, 411.

[1388](#) Vanderburgh, *Hinos sumérios de textos cuneiformes no Museu Britânico*, 44

[1389](#) Cf. Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 83

[1390](#) *Texto da pirâmide*.

[1391](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 443, citando o *Livro dos Mortos*, Capítulo LXVI.

"Você navegou no alto na Barca da Noite, você se juntou aos seguidores de Aton", [1392](#) Para apreciar esta linha do *Santuários de Tut-Ankh-Amon* deve-se reconhecer que os próprios "seguidores" compõem o invólucro do Aton; o grande deus do navio reside dentro do círculo dos deuses menores. É a mesma coisa dizer que os deuses secundários, ao formarem o recinto, situam-se no "caminho" do navio, conforme estabelecido no *Textos de caixão*:

"Todo deus que está na fronteira de seu recinto está no caminho de seu barco." [1393](#) Alguém poderia pedir uma declaração mais explícita comparando o cerco e o navio giratório?

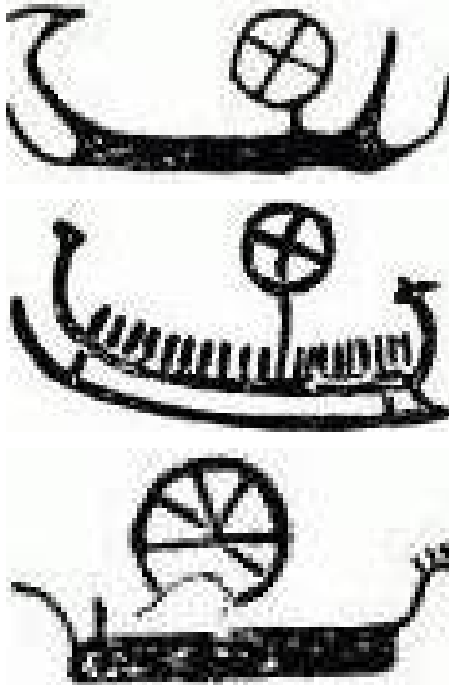


Figura 93. A roda do "sol" descansando na nave cósmica, conforme representado nos desenhos rochosos escandinavos.

É claro a partir de fontes egípcias que o navio e os deuses secundários (a tripulação do navio), ao girar em torno de Aton, circunscrevem o grande deus, que reside no centro do círculo:

Eu causo a verdade [maat] circular na frente da


grande barcaça que carrega o

Justificado no conselho. . . A

tripulação de Re circula. [1394](#)

Os moradores do Barco Sektet vão

ao seu redor. . . [1395](#)

Este, então, é o só sentido em que o sol central "se move": ele navega em torno do recinto enquanto permanece *em hetep*, "Em repouso"; ou , "em um lugar". O navio é, portanto, "o Barco do Repouso [*Hetep*]." [1396](#)

Ó Deus Re, conceda tu que o Osiris Nu pode viajar em teu barco em hetep. [1397](#)

[1392](#) Piankoff, *Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 72

[1393](#) Lacau, *op. cit.*, 33

[1394](#) Piankoff, *Vagando da Alma*, 27

[1395](#) Mudar, *De Fetico a Deus*, 401.

[1396](#) Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 250

[1397](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 410

Deixe-me embarcar em teu barco, ó Re, em hetep. 1398

Seu local de descanso é a barcaça de Khepri. 1399

Concordando com essa visão do navio e do caminho estão os muitos hinos e liturgias que descrevem o barco do céu navegando no oceano circular. (Como antes [observado](#) , este rio giratório era o círculo do Aton



Abri meu caminho e contornei o oceano celestial no caminho da casca de Re. 1400

Veja, eu navego o grande Bark na Corrente do deus Hetep. 1401

Outros hinos retratam de forma semelhante o navio contornando o "Lago do Tuat", "a piscina de Maat" ou "a lagoa de fogo". 1402

Este oceano, lago ou rio cósmico significa o útero circular (ou corpo) da deusa-mãe. Portanto, a deusa Nut, o recinto em torno do deus-sol Re, assume a forma do mar circunvizinho, e vários relevos mostram o barco do deus-sol *navegando sobre o corpo da deusa*. "Eu sou um Sahu, que determina os limites enquanto navega ao redor da multidão estrelada do Céu, o corpo de minha mãe Nut", afirma o *Livro dos Mortos*. 1403

Mas não é suficiente identificar a deusa-mãe como o caminho da lua crescente, pois a lua crescente e o cercado são um: *o navio é a deusa*. Embora Nut seja o "caminho", o rei falecido implora à deusa:

"Rema-me, ó minha mãe; reboca-me, ó morada minha." 1404

"Ó Barco do céu. . . O Barco de Porca." 1405

Da mesma forma, o "navio de Hathor", como afirma Bleeker, era "a expressão de seu ser. Quando o barco foi levado em procissão, foi a dramatização da hierofania da divindade." 1406 Um dos nomes do Hathorship é "dona do amor"; é chamado de "o barco que exalta sua beleza". 1407 Um navio também era o símbolo da deusa Ísis. 1408 O morador do útero primordial é o capitão do navio.

Um levantamento do simbolismo do navio em outras terras revelará a mesma identidade. O útero da suméria Inanna é "um navio". 1409 "O navio da brilhante prole" era um epíteto da deusa babilônica Bau. 1410 No

1398 *Ibid.*, 398.

1399 Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 239.

1400 Renouf, *op. cit.*, 86

1401 *Ibid.*, 193.

1402 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 97, 135, 515, etc.

1403 Renouf, *op. cit.*, 131

1404 *Texto Pirâmide* 303.

1405 Mudar, *Osiris: a religião egípcia da ressurreição*, Vol. I, 118.

1406 *Op. cit.*, 61

1407 *Ibid.*, 60, 89.

1408 Faber, *Origens*, Vol. III, 24-27.

1409 Kramer, *O Rito do Casamento Sagrado*, 59, 64.

1410 Jastrow, *Religião da Babilônia e da Assíria*, 655.

Mito hindu: as deusas Ila, Isi, Lacshmi e Parvati são sinônimos do navio Argha, [1411](#) transportando o grande pai (Manu, Shiva, Brahma) sobre as águas. Bergelmir - o gigante mítico nórdico - "nasceu em um barco" [1412](#) (*ie*, barco = útero). A deusa latina Minerva "tinha o sobrenome Ergane, de Ereg ou Erech, a 'arca'; com esse título foi venerada tanto na Lacônia quanto na Beócia ", conta Faber. [1413](#) A Deusa Celta Ceridwen assume a forma de um navio, [1414](#) e o navio era o símbolo da velha deusa latina Ceres (Deméter), da deusa frígia Cibele e da deusa fenícia Ashtoreth. [1415](#)

O navio, em outras palavras, é parte integrante do recinto circumpolar. E a identidade encontra confirmação em todas as formulações míticas do recinto:

The World-Ship

O navio egípcio é "a Barcaça da Terra". "Ó deuses que carregam a barcaça da terra, que apóiam a barcaça dos Tuat", proclama o *Livro dos Portões*. [1416](#)

Embora o nome da deusa hindu Ida (ou Ila) signifique "o mundo", ela é descrita como um navio flutuante; Stonehenge, o famoso monumento druídico, foi imediatamente chamado de "o círculo do mundo", "o recinto de a deusa-navio Ceridwen "e a" Arca do Mundo ". [1417](#)

A deusa-navio não é outra senão a mãe terra no céu.

O navio-ilha

A história antiga está repleta de lendas de ilhas flutuantes paradisíacas, das quais o Delos grego e a "ilha da Lua" hindu são exemplos notáveis. A ilha flutuante italiana de Cotyle; a ilha flutuante egípcia de Chemnis, descrita por Heródoto; e a ilha flutuante celta de Snowdon sugere um tema comum. [1418](#)

A tradição do navio-ilha recebe notável expressão na ilha romana de Tibre, que, como monumento a Asclépio, foi moldada com um parapeito de mármore na forma de um navio, sua parte superior imitando a popa e sua parte inferior a arco. [1419](#) Fig. 94 , retirado de Carl Kerényi's *Asklepios*, mostra a forma antiga da Ilha Tiberina reconstruída por um desenhista do século XVI. [1420](#) Simboliza a ilha dos abençoados repousando dentro do vasto crescente da nave cósmica.

[1411](#) Faber, *Origens*, Vol. I, 330, 385; Vol. III, 43, 63.

[1412](#) MacCulloch, *Mitologia Eddic*, 275.

[1413](#) *Uma dissertação*, Vol. I, 106.

[1414](#) Faber, *Origens*, Vol. I, 330, 363, 384.

[1415](#) *Ibid.*, Vol. III, 28-33.

[1416](#) Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 153

[1417](#) Faber, *Origens*, Vol. I, 330; Vol. III, 30, 230. O umbigo mundial também aparece na forma de um navio. Cozinhar, *op. cit.*, Vol. I, 355 ff.;

[1418](#) Faber, *Origens*, Vol. III, 222-27, 40-41, 89 ff.

[1419](#) *Ibid.*, Vol. II, 263.

[1420](#) Kerényi, *Asklepios*, 5, fig. 3 -

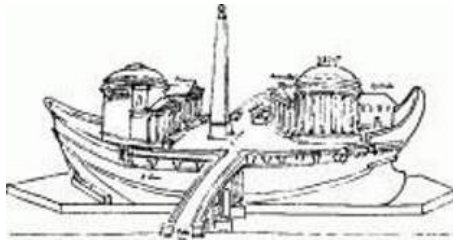


Figura 94. A cidade-navio da Ilha Tibre, reconstruída por um desenhista no século XVI.

The City-Ship

Os egípcios comemoravam a revolução diária do navio criando uma imagem da barçaça do grande deus, colocando-a em um suporte em forma de trenó, e *arrastando-o pelas paredes da cidade* 1421 - pois a muralha da cidade denotava a muralha primordial, o caminho do navio. "Este Grande Deus viaja nesta cidade, sobre as águas", afirma um texto. 1422 Assim, o Surripak mesopotâmico é "a cidade do navio", correspondendo a Micenas de Homero, a "cidade-arca". As cidades gregas de Tebas, Argos e Berytus são conectadas por Faber com os antigos nomes de "navios" *theba*, *argha*, e *baris* ou *barit*. 1423

O navio-templo

Assim como os egípcios transportaram o navio sagrado ao redor do muro da cidade, também o puxaram ao redor do muro do *têmpora*, em imitação da nave cósmica que circulava diariamente em torno da morada do grande deus. As ilustrações egípcias mostram o santuário como uma parte inseparável do barco. E os textos confirmam esta conexão: "O barco Sektet recebe bons ventos, e o coração daquele que é *no santuário dele* regozija-se." 1424

Um hino sumério ao templo Kes equipara a residência com "o barco principesco Magur, flutuando no céu". 14: 25h

*Bom templo, construído em um bom lugar, templo Kes, construído
em um bom lugar, Como [ou como] o barco principesco Magur, flutuando
no céu.*

Como o barco Magur puro. . .

*Como a barca do céu, fundação de todas as terras, Cabana da
banda-barco que brilha nas praias, Templo, rugindo como um boi, urrando
como um touro de raça. 1426*

Os gregos designavam um templo e um navio pela mesma palavra, *naus* ou *naos*. Nossa palavra *nave* (do latim *navis*) possui o duplo significado de um templo e um navio. 1427

The Wheel-Ship

1421 Piankoff, *Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 66

1422 Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 273.

1423 *Uma dissertação*, Vol. I, 177-78.

1424 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 13. [ênfase adicionada.]

14: 25h Gragg, *O Hino do Templo de Kes*, 168

1426 *Ibid.*

1427 Faber dá vários exemplos de templos navais da Índia, Itália e Irlanda. *Origens*, Vol. II, 288-89.

Um dos aspectos menos naturais da “carruagem” (roda) do grande deus é que ela também funciona como um navio. Em comemoração ao notável veículo do deus, os antigos muitas vezes colocavam o navio sagrado sobre rodas, atraindo-o *Terra seca*. Esculturas na rocha escandinava retratam a “roda do sol” descansando em um barco cósmico (FIG. 93), e da Assíria à Grã-Bretanha e à Polinésia, imagens de navios cósmicos contêm rodas ou são colocadas sobre rodas. O veículo do chinês Huang-ti era um navio e uma carruagem. 1428 Da mesma forma, o barco-magur sumério recebe a denominação de “carruagem”. A nave cósmica e a roda mundial são uma só.

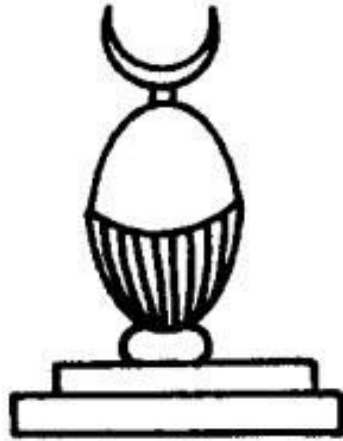


Figura 95. Ovo de Lunus.

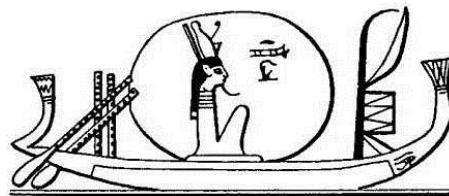


Figura 96. Atum, sentado dentro do Aton, navega na nave do Olho.

O navio de ovo

“O deus Lunus de Heliópolis e Carrhae”, escreve Faber, “era um ovo, no topo do qual repousava uma lua crescente em forma de barco”. 1429 (FIG. 95) Mas o deus que os escritores clássicos traduziram como Lunus era o egípcio

Aah, ou Thoth, cujo hieróglifo era a meia-lua



, e pode-se razoavelmente supor que, em de acordo com este símbolo, o ovo estava originalmente dentro ou sobre o barco crescente. Assim, os hindus conheciam o navio Argha como a metade inferior de um ovo primevo que flutuava nas águas do Caos. 1430

The Eye-Ship

Um egípcio *Texto Caixaão* fala da “barcaça, o Olho de teu pai”. 1431 Em outro lugar se encontra: “Eu sou o Grande no meio de seus Olhos, sentado e ajoelhado na grande barca de Khepri [o Girando].” 1432 “Ó vocês que estão no Olho da Casca de Deus.” 1433 Em preciso acordo com tal linguagem, o Olho simbólico era regularmente inscrito em navios do Egito (FIG. 96) Curiosamente, o mesmo símbolo aparece no Argo grego. UMA

1428 O'Neill, *Noite dos Deuses*, 585; ver referências em Nibley, “Tenting, Toll, and Taxing”, 602, nota 19.

1429 *Origens*, Vol. I, 195; veja a placa I, fig. 11, 22.

1430 *Ibid.*, 192; Guenon, *Le Roi du Monde*, 92, nota 4.

1431 Piankoff, *Vagando da Alma*, 14

1432 *Ibid.*, 28

1433 *Texto Pirâmide* 124

O modelo fenício de terracota de uma galera de Amathus revela o olho central em sua proa. [1434](#) O Olho também ocorre em barcos chineses. [1435](#)

The Vase-Ship

Refletindo a identidade do navio e do receptáculo está a palavra em inglês *embarcação*, significando "contêiner" e "navio". O alemão *Schiff* significa, ao mesmo tempo, "navio" e "recipiente de água", e as raízes do alemão *Kanne*, "Maconha" e *Kahn*, "Barco" são idênticos. [1436](#)

No simbolismo egípcio, Piankoff nos diz: "O jarro é o berço e ao mesmo tempo um navio para cruzar as águas celestiais." [1437](#) Os recipientes em que os sacerdotes hindus ofereciam frutas e flores aos deuses eram chamados *arghas*. Mas o Argha era o navio no mar cósmico. [1438](#)

O navio-escudo

A mitologia nórdica conhece o "deus-escudo" Ull, filho da esposa de Thor, Sif, de pai desconhecido. "O escudo, segundo os skalds, era 'o navio de Ull', aquele em que ele viajava - uma referência a uma mitologia perdida. . ." escreve MacCulloch. [1439](#) Da mesma forma, o escudo mágico do Rei Arthur, Prydwen, serviu como o navio do herói. [1440](#)

A Nave Trono

No *Pirâmide Textos* o rei ascende ao "trono que está em sua casca, ó Re." [1441](#) E a *Livro dos mortos* localiza o trono no mesmo navio: "Avançarei para o meu trono que está no barco de Re. Não serei molestado e não sofrerei naufrágio do meu trono que está no barco de Re, o poderoso." [1442](#)

A Serpente (Dragão) - Nave

GE Smith escreve: "O costume de empregar o nome 'dragão' em referência a um barco é encontrado em lugares tão distantes como a Escandinávia e a China. . . Na Índia, o Makara, o protótipo do dragão, às vezes era representado como um barco que era visto como um peixe-avator de Vishnu, Buda ou alguma outra divindade." [1443](#)

Numerosas fontes egípcias identificam o navio com a serpente cósmica - que também é o "caminho" percorrido pelo barco. o *Livro dos Mortos*, por exemplo, descreve o navio navegando nas "costas" do dragão-serpente Apepi. [1444](#) Uma criatura parecida com um dragão costuma servir como uma nave nos selos cilíndricos da Mesopotâmia, assim como a serpentina Chronos forma o caminho da nave de Helios

É claro que se poderia expandir indefinidamente a lista de tais conexões entre o recinto e o navio. Pode-se até dizer que o navio não tem existência independente fora do recinto.

[1434](#) O'Neill, *op. cit.*, 820.

[1435](#) *Ibid.*

[1436](#) Neumann, *op. cit.*, 256.

[1437](#) Piankoff, *Litania de Re*, 64; *Pirâmide Textos* 437, 1185.

[1438](#) *Pesquisas Asiáticas*, Vol. III, 134.

[1439](#) MacCulloch, *Mitologia Eddic*, 157

[1440](#) Faber, *Origens*, Vol. III, 91-92, 177.

[1441](#) *Texto Pirâmide* 336.

[1442](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 230

[1443](#) *Op. cit.*, 117, nota 1.

[1444](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 297.

Nem se pode ignorar a conexão generalizada do navio do grande deus com a montanha cósmica. De acordo

com as formas arcaicas



e

, o navio repousa no topo da montanha, proporcionando ao Monte sua fenda cimeira. Do Egito à Mesopotâmia à Escandinávia, encontram-se as imagens do navio conectadas



com o crescente pilar do Egito (FIG. 102ff). No último caso, este pilar é mostrado duas vezes, em que a extremidade do navio

termina em um compartimento crescente



Para uma versão mais formal do navio e do Monte, ofereço detalhes de duas ilustrações no *Livro dos mortos*

(FIG. 97) Em ambos os desenhos, o navio, na forma de uma serpente dupla, repousa sobre o Monte Primevo. Enquanto um mostra o trono dentro do navio, o outro mostra os degraus da Colina Primitiva: "Alcansei os altos portais da Entourage of Re, que calcula o pilares latido", anuncia o rei em um *Texto do caixão*. 1445



O assunto é um *giratório* navio, atravessando um círculo em torno do cume da montanha cósmica,

Ou seja, o Monte serve de eixo de revolução do navio: "Assumo meu assento puro que está na proa da Barca de Ré. São os marinheiros que remam Re, e são os marinheiros que conduzem Re ao redor do Monte da Glória, e são eles que me conduzirão ao redor do Monte da Glória". 1446 "Salve, apenas um! eis que estás no barco Sektet enquanto ele gira em torno do Monte da Glória." 1447

Quando os textos descrevem o deus "navegando sobre os suportes de Shu", 1448 ou engajado em sua "viagem sobre a perna de Ptah", 1449 eles não se afastam do simbolismo integrado do pilar mundial, pois os suportes de Shu



() e a perna de Ptah referem-se a uma mesma coluna cósmica.

É certamente significativo que tanto no Egito quanto na Mesopotâmia o pilar cósmico apareça como o "poste de amarração" do navio do grande deus. O que os sumérios chamam *dimgal* (Tarkullu babilônico) e os egípcios *menat* ou *menat*



pode ser traduzido como "Poste de amarração" ou "Poste de amarração". A imagem egípcia do *menat* está retratando a cruz do Sol fechada, no topo do pilar cósmico; mas *menat* é um termo comum para o posto ao qual o navio do céu está amarrado ou atracado, e o verbo *mena* significa "amarrar o barco ao poste".

Também se pode entender o eixo-pilar como o navio *mastro*. Nós mais cedo notado que o grande pai, considerado uma extensão do Monte, torna-se o pico central (terceiro) erguendo-se entre os dois picos da direita e da esquerda. Quando se vê o crescente (dois picos) como o navio do céu, a equivalência do Monte e do "mastro" do navio torna-se evidente. A tradição geral é observada por Faber: "Uma vasta montanha central formava o mastro ou a saliência do barco mundano: e o grande pai, erguendo-se do umbigo sagrado da arkite

1445 Faulkner, *op. cit.*, 186. [Ênfase adicionada.] A estreita conexão do navio e do Monte da Glória é aparente em outro hino dos mesmos textos: "Os Grandes que estão no Monte da Glória aparecem, os Seguidores dos Senhores de todos se regozijam, as tripulações e servos do barco ficam contentes, e aqueles que estão no Monte da Glória ficam felizes quando te vêem nesta sua dignidade." *Ibid.*,


1446 *Texto Pirâmide* 710-11.

1447 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 478.

1448 Faulkner, *op. cit.*, 261.

1449 Renouf, *op. cit.*, 166. Uma associação difundida do navio e o eixo-pilar é observada por Cirlot: ". . . Muitos povos primitivos colocam navios na ponta de um poste ou no telhado de uma casa. . . todas essas formas, então, representam o eixo vale-montanha, ou o simbolismo da verticalidade e a ideia de altura. Uma associação óbvia aqui é com todos os símbolos do eixo mundial." *Um Dicionário de Símbolos*, 295.

mundo, fornecido a ele o lugar de um mastro. Aquela montanha era a colina do paraíso. " 1450 O símbolo hindu do navio no topo da montanha, de acordo com Faber, é o tridente de Shiva, composto de uma vara ou cajado encimado por uma "luneta"

 com um pico subindo em seu centro. O tridente, afirma ele, denota "o navio Argha sob sua forma de uma meia-lua com Shiva em pé no meio dela e substituindo um mastro. " 1451

Esta identidade do mastro do navio e do eixo-pilar também é observada por Coomaraswamy, que relata um verso introdutório do *Dasakumaccrita*, listando "o mastro do navio da terra" como um aspecto do "eixo do universo". Na construção dos estupas hindus, o eixo do universo era representado por um remate central que se estendia frequentemente para cima a uma altura impressionante. A coluna trazia o título "arranha-céu" *yastí*, ou "mastro". 1452

É digno de nota também que o sumério *dimgal*, o "poste de amarração" ou "poste de amarração", muitas vezes recebe a tradução "mastro do navio". 1453 Em nosso mundo, um mastro e um poste de amarração são totalmente distintos, mas no simbolismo do navio cósmico e da montanha eles são estritamente sinônimos, como deveríamos esperar.

Ao compreender o mastro do navio como uma extensão da montanha cósmica, percebe-se um significado mais profundo nos degraus que se elevam no centro do barco egípcio ilustrado abaixo (FIG. 97) Os degraus, como o símbolo egípcio mais comum da Colina Primitiva, substituem aqui o mastro do navio. E não é por acaso, por enquanto

o egípcio *khet* significa "etapas"



(Primeval Hill), *khet* também significa "mastro do navio" (*Primitivo*

Hill = degraus = mastro = colina primordial). O simbolismo se torna ainda mais fascinante quando se descobre que os hindus identificaram os degraus ou pirâmide como o Monte Meru polar e o mastro do navio Argha.

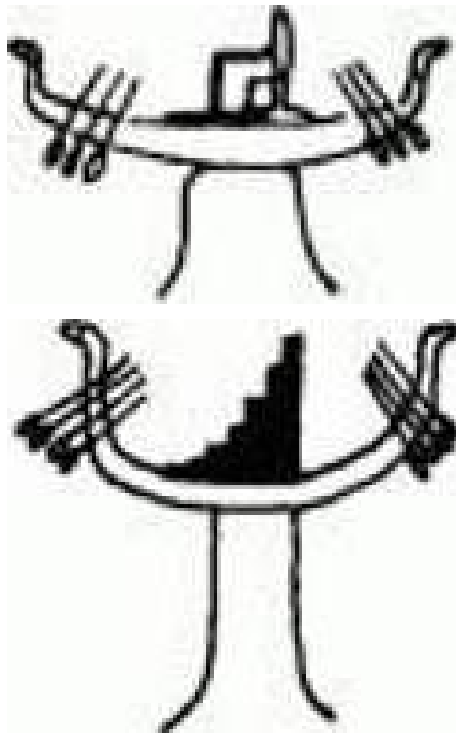


Figura 97. Duas versões egípcias da nave cósmica e do Monte Primevo.

Esse simbolismo integrado sublinha a relação fundamental da lua crescente com a montanha cósmica. Faber conclui: "Aqui podemos perceber a razão pela qual os pagãos consideraram aquelas montanhas de forma peculiar



1450 *Origens*, Vol. II, 20.


1451 *Ibid.*, 382.


1452 Coomaraswamy, "Simbolismo da Cúpula", 18. O mastro da nave cósmica da Vida coincide "com o eixo vertical da casa e o eixo-árvore da carruagem", escreve Coomaraswamy. *Ibid.*, 11


1453 Sjöberg e Bergmann, *A coleção de hinos do templo sumério*, 21, 67, 151.

sagrado, que se ramificou em seus cimos em dois ou três picos ou tumuli menores. Eles os consideraram, em um caso, como naturalmente sombreando a colina sagrada com a Lua navicular descansando em seu topo, e no outro caso, como ainda sendo uma cópia física da mesma colina sagrada encimada pela Lua, mas a Lua agora tornado completo pela adição do mastro central ou piloto. . .
” 1454

Segue-se desta linha de evidência que a montanha egípcia assina  e  oferecendo um natural a representação do cume de dois ou três picos - deve ter o mesmo significado que o navio do céu; tanto o navio quanto o cume da fenda tinham sua referência no crescente, visualmente unido ao celeste

coluna de modo a formar a imagem . O navio no topo da montanha se funde com os dois picos da direita e esquerda. Consistentes com essas imagens sobrepostas estão aquelas pinturas em vasos egípcios pré-históricos que representam o


nave cósmica com o signo da montanha . 1455


É, claro, a opinião universal dos egiptólogos que os picos geográficos do glifo da montanha são reais  representa dois ou imaginários, de onde o orbe solar surge a cada manhã.


Mas se a análise apresentada aqui estiver correta, *os picos gêmeos do Monte, sendo sinônimos do navio do céu, devem ter girado diariamente em torno do recinto do deus-sol - em flagrante contradição com a geografia natural!*





Figura 98. Khut de pico duplo , descrito como uma parte inseparável da nave cósmica.

Os egípcios poderiam ter acreditado que o cume da fenda navegou com, ou como, o navio cósmico? Na verdade, não foi incomum para os artistas egípcios colocarem o Khut (Monte da Glória ) dentro do navio giratório, proclamando a identidade essencial das duas imagens (FIG. 98) Dessa identidade, Clark fornece dois exemplos. Em cada caso, o Aton repousa entre os picos da direita e da esquerda, que por sua vez se situam diretamente na nave cósmica.

Respondendo à primeira instância, Clark liga para o morro da fenda  o "horizonte oriental", acrescentando que "esta colina é colocado de forma incongruente no barco solar." 1456 Na segunda ilustração, Aton "repousa na montanha de picos duplos do nascer do sol. *Contra toda verossimilhança* esta figura, montanha e tudo, está sendo transportada através das águas do oceano celestial em um barco." 1457 Tão bizarro quanto o topo desta montanha à vela pode parecer convencional

mitologistas, é, para nós, uma das várias provas independentes de que o signo da montanha  significa simplesmente o crescente giratório de Saturno, aqui apresentado de forma naturalista em sua forma mítica como dois picos. Quando os textos

dizem que o deus "navega ao redor do Khut , "Eles significam literalmente que *ele navega dentro do pico da fenda como em um navio*. Claro, para contar com esses conceitos, deve-se abandonar de uma vez por todas a tradução padrão de Khut como "horizonte". Os picos gêmeos são tudo, menos um elemento fixo da paisagem local. (Embora a posição mais comum da imagem da montanha seja vertical, algumas ilustrações a mostram em um *invertido* posição ,


1454 *Origens*, Vol. III, 205.

1455 Newberry, "O pequeno reino do arpão e o primeiro porto mediterrâneo do Egito," 18n.

1456 *Op. cit.*, 252. [Grifo nosso.]

1457 *Ibid.*, 251. [ênfase adicionada.]

mais uma vez contradizendo a geografia.) Além disso, a distinção entre as posições vertical e invertida dos picos gêmeos giratórios é crucial para o simbolismo do “dia” e “noite” arcaicos, como mostrarei.

Igualmente importante é a relação da nave com os gêmeos cósmicos. A imagem  nos diz que o próprio navio divide o gabinete em duas porções de luz e sombra. Assim, embora a palavra egípcia *Em* denota o barco do céu, a mesma palavra significa "dividir, dividir ao meio". A linguagem se conforma precisamente com a cosmologia da meia-lua, meio escuro, meio claro.

































































































































































































































































Mas os egípcios também identificaram o navio com os gêmeos Ísis-Néftis, os “dois olhos” (as posições à esquerda  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do  do



Figura 99. (a) Pictograma colombiano;

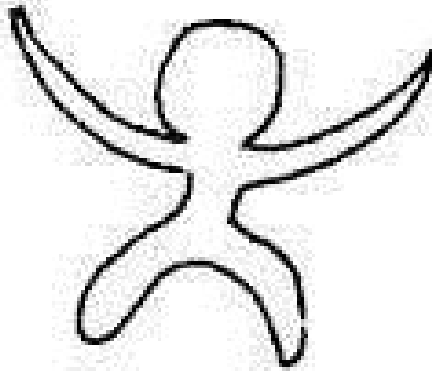


Figura 99. (b) Pictograma colombiano;

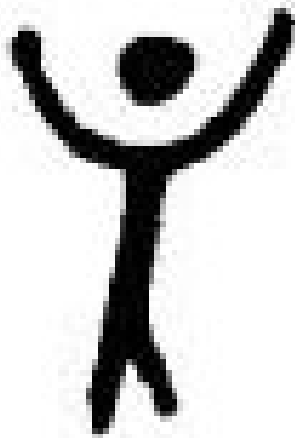


Figura 99. (c) Pictograma boliviano;



Figura 99. (d) Pictograma brasileiro;

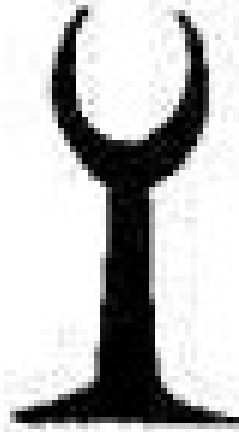


Figura 99. (e) Sinal Arapahp para "pessoa";

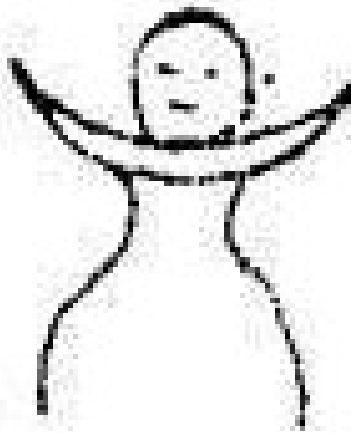


Figura 99. (f) Deusa norte-americana.

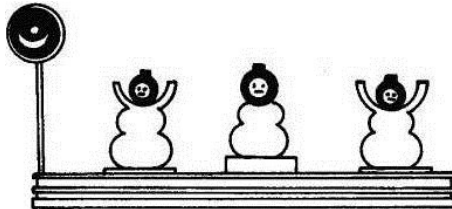


Figura 100. Gêmeos hindus, Jagan-Nath e Bal-Rama, com braços semicirculares, ficam à direita e à esquerda da deusa Subhadra.

Uma forma mais pura dos braços em forma de lua crescente ou com chifres ocorre nos desenhos de rocha escandinavos, exibindo repetidamente



a imagem juntamente com inúmeras variações que apresentam a forma semicircular alternadamente como chifres ou como braços estendidos de formas mais humanas (FIG. 101) Essa mistura de imagens, na verdade, deixa o



arqueólogos indecisos se, na forma simples, os braços estendidos para cima para fora os braços, ou não. Em outros casos, a figura humana não fica de pé no barco, mas segura o barco no alto com os braços erguidos (figs. 101a , 101b) Além disso, em alguns casos, o navio repousa sobre os ombros humanos de forma a substitua os braços (figs. 101c , 101d)



Figura 101. (a)



Figura 101. (b)

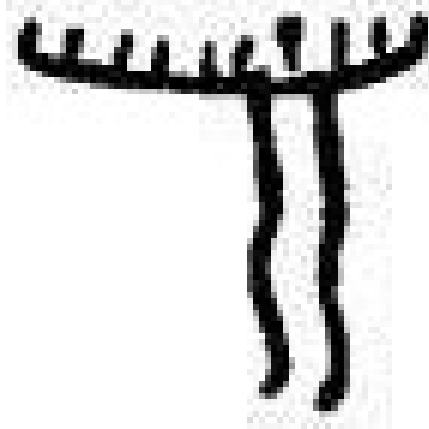


Figura 101. (c)



Figura 101. (d) Em numerosos desenhos de rocha escandinavos, a nave cósmica ou repousa sobre os braços erguidos de um Homem do Céu ou na realidade *formulários* os braços do deus (uma , b , c & d);

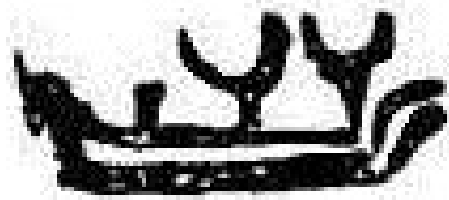


Figura 101. (e)

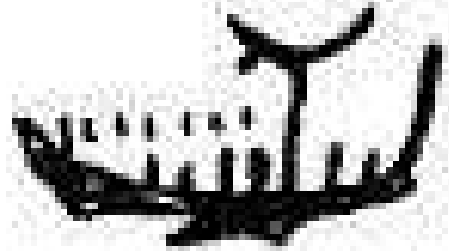
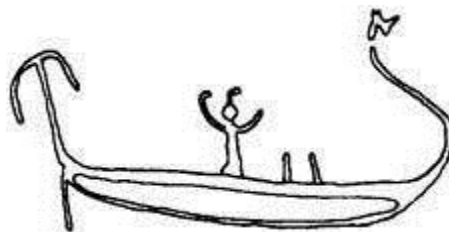
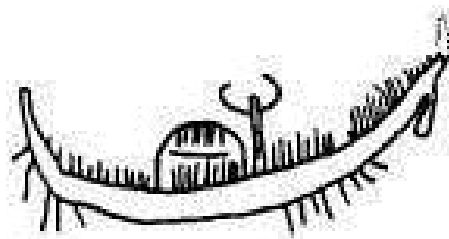
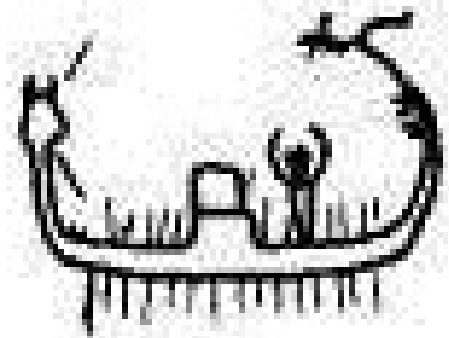
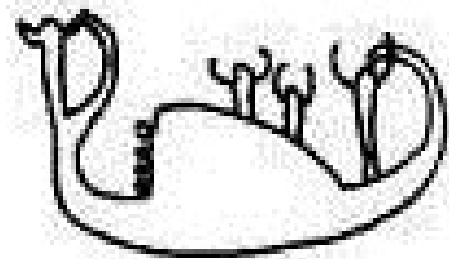


Figura 101. (f) Em outros desenhos da mesma religião, um crescente com pilares está no navio. (e & f)



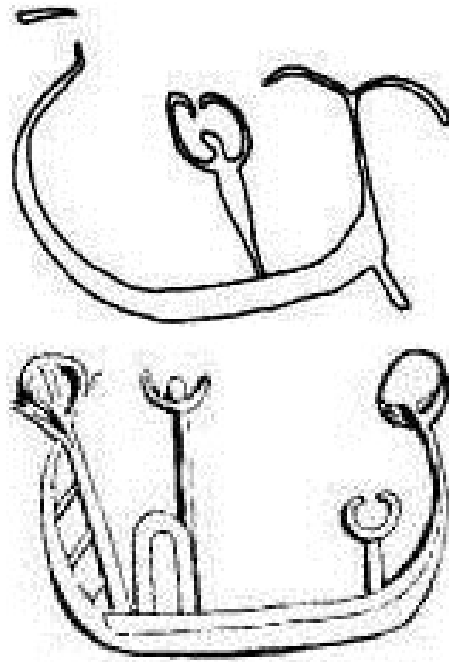


Figura 102. Imagens pré-históricas egípcias da nave cósmica mostram alternadamente o Homem do Céu (com os braços erguidos) ou o pilar crescente em pé no navio.

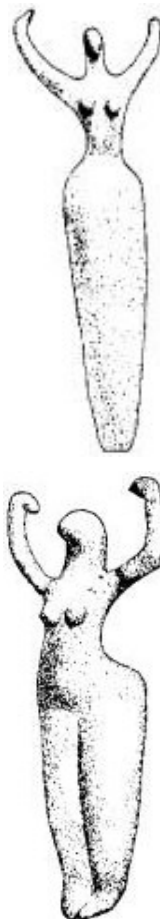


Figura 103. Estatuetas egípcias pré-dinásticas.

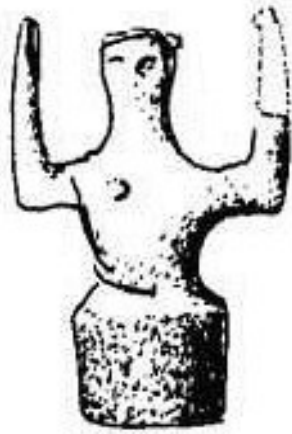
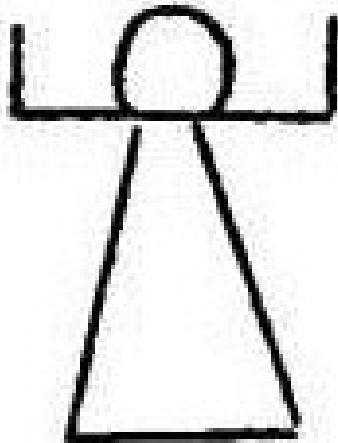
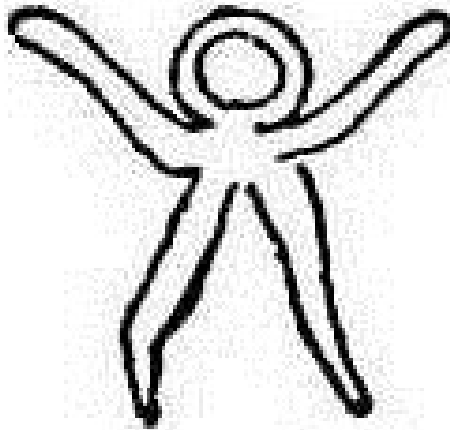


Figura 104. Deusa-mãe cretense.



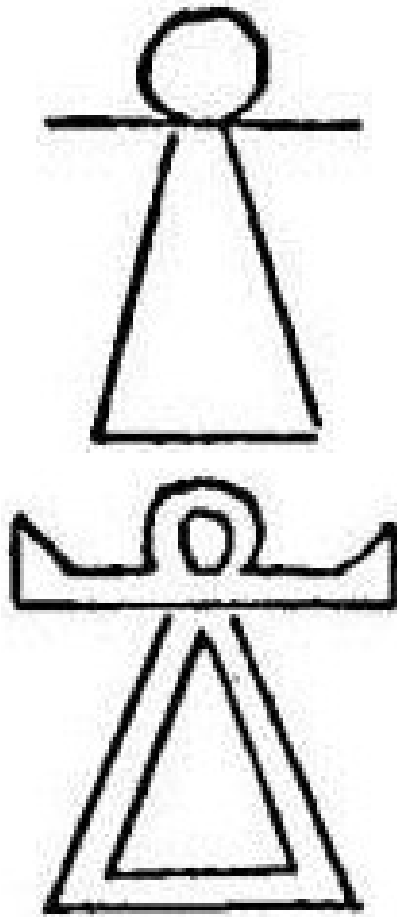


Figura 105. Símbolos da deusa fenícia Tanit.

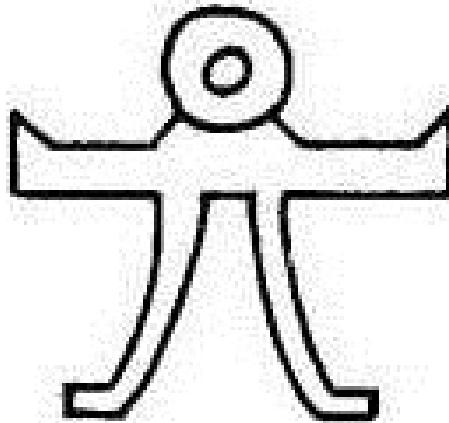


Figura 106. Imagem hitita.


A divindade cósmica com os braços erguidos será encontrada em todos os quadrantes do mundo (figs. 103 , 104 , 105 E 106) Mais cruciais são as associações de tais figuras com o eixo-coluna e cercadura. O mítico Afrite do mito árabe era um anjo apóstata, "alto e negro" (Saturno = planeta "negro"), cujo tronco formava um vasto pilar, com os braços estendidos para o céu.

Compare a descrição do hindu Manu, o "sábio glorioso" e primeiro rei: "Com *braços erguidos* e *equilibrado em uma perna*, ele, o rei dos homens, praticou duras austeridades no *Badari* floresta, chamada Vishala. E lá ele fez penitência árdua por dez mil anos com a cabeça baixa e os olhos sem piscar." 1462

1462 Suryakants, *A lenda do dilúvio na literatura sânscrita*, 4. [Ênfase adicionada.]

Do Mithra iraniano, o *Zend Avesta* declara: "Com os braços erguidos em direção à Imortalidade, Mitra, o senhor das vastas pastagens, avança . . em uma bela carruagem [a roda do mundo] que dirige, sempre rápida, adornada com todos os tipos de ornamentos e feita de ouro."

Eu coloco a questão: os braços erguidos são uma convenção acidental, ou um componente integrante do Saturno

imagem  ? Uma resposta conclusiva é fornecida por fontes egípcias.


The Ka-Arms


Um dos termos egípcios mais familiares é *ka*, o símbolo para o qual é a palavra de dois braços erguidos *ka* ocorre com grande frequência nos textos hieroglíficos, poucos escritores podem concordar sobre um significado tangível. Budge confessa a falta geral de acordo sobre o assunto: "O significado exato desta palavra [*ka*] é desconhecido, mas foi traduzido por duplo, imagem, gênio, eu subconsciente, disposição natural, personalidade abstrata, caráter, mente, etc .; todos esses significados são sugeridos por seus contextos, mas o real significado da palavra ainda não foi descoberto." [1463](#)


"A aproximação mais próxima da noção egípcia de Ka é 'força vital'", escreve Frankfort. "A qualificação 'vital' o liberta da precisão das ciências naturais, o que seria, é claro, um anacronismo: e a combinação 'força vital' pode representar uma noção popular um tanto vaga sem implicações mecanicistas. O Ka, de acordo com essa visão, deve ser impessoal e deve estar presente em diferentes forças em diferentes pessoas ou na mesma pessoa em diferentes momentos." [1464](#)

Em nenhuma das interpretações comuns, o Ka é considerado um *visível* poder. Em vez disso, os especialistas tendem a tratar o Ka como uma fonte oculta de vida. Clark nos diz que "o Ka é um símbolo da transmissão da força vital dos deuses ao homem. Mas não é apenas o ato, é também a fonte desse poder. Todos são receptores do poder divino e todos são indivíduos, então cada um tem seu próprio Ka". [1465](#)

Não estou preparado para argumentar que essas definições que soam modernas estão totalmente erradas - apenas que se concentram em significados derivados, em vez de concretos. *Em seu sentido original, o Ka é exatamente o que seu glifo indica - dois*

braços erguidos -  ! Os antigos *Serra* os dois braços do Ka, e todos os aspectos do simbolismo nascem de uma relação antes visível desses braços com o grande deus e sua morada.

Ao registrar a configuração saturnina  nada poderia ter sido mais natural do que a interpretação do crescente como dois braços, esticando-se para cima. Apresentar os "braços" em forma humana é, evidentemente, a única forma possível de expressar pictoricamente esta interpretação mítica do crescente (assim como a única forma de representar o

forma mítica do crescente como chifres era *desenhar como chifres*  ou para colocar a meia-lua na cabeça de um touro).

Para testar a conexão proposta da investigação de armas  com a imagem de Saturno , várias questões requerem Ka:

As fontes egípcias localizam o sol central dentro dos braços Ka? A nave cósmica e os chifres são identificados com esses braços estendidos? Os braços Ka alcançam o recinto? Os braços constituem o cume fendido da montanha mundial? O Ka é metade de um círculo duplo?

[1463](#) Citado em Perry, *op. cit.*, 138

[1464](#) *De Fetichismo a Deus*, 328.

[1465](#) *Op. cit.*, 62

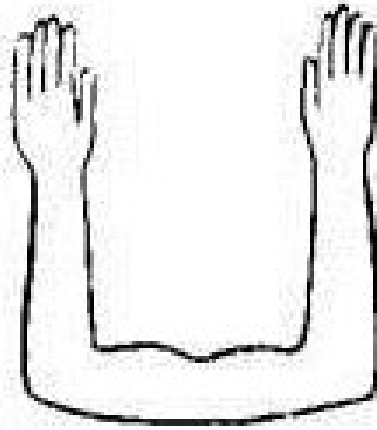


Figura 107. (a) O Ka;

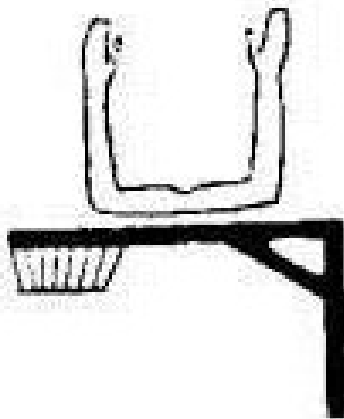


Figura 107. (b) O Ka repousando no "poleiro" primordial;



Figura 107. (c) O Ka adotando o "nome" real.



Figura 108. Os braços do Abismo apoiando o Aton.

Em cada uma dessas questões, as fontes egípcias fornecem uma resposta clara.

1 Enquanto a maioria das análises discute o Ka como uma dimensão (oculta) da personalidade humana, fontes egípcias consistentemente localizam o Ka não neste mundo, mas entre os deuses. O ponto é notado por Breasted: “. . . O ka não era um elemento da personalidade, como tantas vezes se afirma. Parece-me, de fato, a partir de um estudo do *Pirâmide Textos*, que a natureza do ka foi fundamentalmente mal compreendida. . . Estava no mundo do *daqui em diante*

que ele [o Ka] principalmente, senão exclusivamente, tinha sua residência. . . ” [1466](#)

Quando o rei morre "ele vai para seu Ka no céu", [1467](#) e aqui, no céu, o Ka o protege do

demônios destrutivos do Caos. [1468](#) Mas por que esse gênio protetor é retratado como dois braços estendidos



A razão é que o céu alcançado pelo falecido rei é a morada do sol central, que reside dentro do abraço de dois braços brilhantes erguidos no Abismo. “Este deus é assim”, afirma um texto mitológico: “Dois braços guardam o corpo deste deus.” [1469](#) Outro invoca Atum brilhando “dos braços de Aker”. [1470](#) O grande deus Ré “está assim nos braços do Misterioso”. [1471](#) “O Aten está no Tuat. Os braços do Rosto Misterioso saem e o levantam,” [1472](#) lê outro texto.

Assim Osiris “descansa” dentro dos dois braços do Ka: “Salve, O Osiris, thy ka veio a ti e. . . tu descansa nele em teu nome de Ka-Hetep.” [1473](#) “Teu pai Tatunen te levanta e estende as duas mãos atrás de ti.” [1474](#)

[1466](#) *Op. cit.*, 231.

[1467](#) *Desenvolvimento da Religião e do Pensamento no Antigo Egito*, 52

[1468](#) *Ibid.*, 53; *Texto Pirâmide* 1431.

[1469](#) Assim, o falecido rei Pepi “vive com seu ka; ele o *ka*]expulsa o mal que está diante de Pepi, remove o mal que está por trás de Pepi, como os bumerangues do senhor de Letopolis [a cidade cósmica], que removem o mal que está diante dele e expulsam o mal que está atrás dele.” *Texto Pirâmide* 908, traduzido em Breasted, *op. cit.*, 53

[1470](#) Piankoff, *Papiros mitológicos*, 212.


[1471](#) Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 71

[1472](#) *Ibid.*, 94

[1473](#) *Ibid.*, 376.

[1474](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 388.

Na verdade, o ditado "ir para o seu ka" significa alcançar o céu e, assim, residir no abraço protetor do

deus sustentador do céu 


Ó Re-Atum, seu filho vem até você, o Rei vem até você; levante-o, envolva-o em seu abraço. . . 1475

É agradável para mim. . . nos braços de meu pai, nos braços de Atum. 1476

Ó Atum, coloque seus braços sobre o rei. . . Ó Atum, defina sua proteção sobre este rei. . . 1477

Suba ao alto, e tudo ficará bem com você, será agradável para você no abraço de seu pai, no abraço de Atum. 1478


Para representar a união do rei com os braços estendidos do céu, os egípcios representaram o Ka



incluindo a cartela ou nome real do rei Hórus (FIG. 107c) Nos hieróglifos, os braços Ka significam "abraçar" e "proteger". "O Ka  colocou seus braços em volta do nome de Horus para protegê-lo de danos", observa Clark. 1479 Não há necessidade de buscar implicações metafísicas ocultas neste simbolismo, pois o Ka era, em todos os sentidos, um emblema do visível recinto, o protetor muralha no céu.

2 O fato de os braços Ka pertencerem ao crescente "envolvente" explicará por que o deus-sol *velas* nos dois braços; o mesmo texto que descreve Re "assim nos braços do Misterioso", declara: "Este Grande Deus navega sobre esta caverna [a depressão do Tuat] *nos braços* do Misterioso." 1480

Um feitiço do *Textos de caixão* tem o rei aparecendo "na casca da manhã. . . nos braços de Anup." 1481

E Osíris navega "nos braços de Hórus em seu nome [Hórus] de 'casca de Henu". 1482 Esta equação da nave e dos braços estendidos encontra repetidas ilustrações nas cenas cósmicas representadas em caixões e papiros.

Resulta dessa identidade, é claro, que os braços do Ka  são sinônimos de chifres luminosos de o touro celestial. E aqui está a explicação simples de por que a palavra egípcia para "touro" também é *ka*, escrito

com os mesmos braços , para o qual os determinantes  são adicionados. (O assunto é o gerador Touro do Céu.) 1483

Eu conheço o segredo de Hieraconópolis. É o duas mãos

de chifres e o que está neles. 1484

As mãos ou braços que se abraçam significam a mesma coisa que os chifres.

1475 *Ibid.*, 86

1476 *Texto Pirâmide* 160

1477 *Texto Pirâmide* 151

1478 *Pirâmide Textos* 1653-54.

1479 *Texto Pirâmide* 212.

1480 *Op. cit.*, 232. [Ênfase adicionada.]

1481 Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 93.

1482 Lacau, *op. cit.*, 31

1483 Hassan, *op. cit.*, 12

1484 Newberry, "Two Cults of the Old Kingdom," 28. [Ênfase adicionada.]

3 - Se os braços estendidos, conforme sugerido pela configuração



, alcance o invólucro circumpolar, então

"Ir ao seu Ka" deve significar o renascimento do rei no ventre primordial. Os egípcios identificaram os braços Ka com a deusa mãe?

"Quando o rei morto foi colocado em seu caixão", escreve Piankoff, "ele foi colocado *entre os braços de sua mãe Nut*." 1485 O retorno do rei ao útero materno é expresso no *Textos da pirâmide*:

Tu és dado a tua mãe Nut, em seu caixão de nome; Ela te abraça, em seu nome sarcófago. 1486

Nut, o "caixão", significa Nut, o útero do nascimento primitivo (ou renascimento). E habitar no útero é residir dentro do *abraçando* braços da deusa. Assim, a própria deusa em cuja *útero* brilha o sol central também é descrito envolvendo e protegendo o sol, ou rei, com *braços estendidos*.

Eu sou tua mãe Nut. Meus braços o envolvem em vida e saúde. 1487

Os braços de Nut que te carregaram estão sobre ti para que a tua beleza seja exaltada. 1488

Palavras faladas por Ísis, a Divina:

Eu vim, envolvo meu filho com meus braços. . . Serei sua proteção eternamente. 1489

. . . A deusa Maat te abraça. 1490

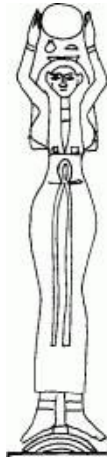


Figura 109. Nut abraçando o Aton com os braços estendidos.

Em aparente desafio à natureza, os textos proclamam que as armas Ka *dar à luz* para o deus-sol. o *Pirâmide Textos* exaltar "Aquele que nasceu nos braços dAquele que deu à luz o deus." 1491 No *Instrução de Ptahhotep* aparece a declaração: "Ele é teu filho, que teu Ka gerou para ti." 1492 E em outro lugar

1485 Piankoff, *O Texto da Pirâmide de Unas*, 43. [Ênfase adicionada.]

1486 *A Tumba de Ramsés VI*, 21

1487 *Ibid.*, 21, citando *Texto Pirâmide* 616.

1488 *Ibid.*, 114

1489 Faulkner, *op. cit.*, 54

1490 *Ibid.*, 83

1491 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 4 -

1492 *Texto Pirâmide* 258.

lemos: “Tua mãe te traz sobre suas mãos, para que possas iluminar toda a circunferência que Aton ilumina.” 1493

Na tumba de Tut-Ankh-Amon aparecem quatro caixões de ouro contendo as vísceras extraídas, cada caixão sendo representado por uma deusa, e simbolicamente encerrando um dos Quatro Filhos de Hórus. As inscrições nas tampas dos caixões não deixam dúvidas quanto à identidade dos braços envolventes e do útero protetor:

Palavras ditas por Ísis: Eu fecho meus braços sobre o que está em mim. Eu protejo Imesty que está em mim, Imesty, Osiris Rei Neb-Kheperu-Re, justificado diante do Grande Deus.

Palavras ditas por Nephthys: Eu abraço com meus braços o que está em mim, eu protejo Hapy de Osiris Rei Neb-Kheperu-Re, justificado diante do Grande Deus.

Palavras ditas por Neith: Eu envolvo com meus braços o que está em mim, protejo Dua-mutef que está em mim, Dua-mutef, Osiris Rei Neb-Kheperu-Re, justificado diante do Grande Deus.

Palavras ditas por Selkit: Meus dois braços estão sobre o que há em mim. Eu protejo Keb-senuf que está em mim, Keb-senuf, Osiris Rei Neb-Kheperu-Re, o justificado. 1494

As inscrições declaram explicitamente que os braços da deusa envolvem o deus-rei dentro do útero. Que a deusa (útero) é os braços, e que esses braços são os do Ka, é confirmado por um desenho no templo funerário do Rei Seti I (FIG. 110) O desenho mostra uma figura feminina abraçando o rei. *Na cabeça da deusa estão os dois braços do Ka dentro dos quais está escrito a deusa' nome.* 1495

Ao retratar o Ka, os artistas egípcios ficaram obviamente constrangidos pela estranheza que resultaria de

a representação humana do mundo da imagem com a qual não se abraça, ilumina ou cria. Para a deusa, a imagem em primordial a um modo antropomórfico natural de representação, os artistas mostraram os braços duas vezes - primeiro, como os braços do humano, ou Ka personificado, abraçando e protegendo o filho varão; e segundo, como braços erguidos colocados sobre a cabeça da divindade Ka. É a última representação que expressa a forma cósmica do abraço protetor.



Figura 110. O Ka divinizado abraça o filho varão.

1493 Erman, *A Literatura dos Antigos Egípcios*, 59.

1494 Renouf, *op. cit.*, 24

1495 Piankoff, *op. cit.*, *Os Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 19

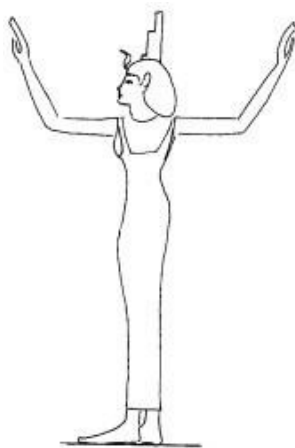


Figura 111. A deusa egípcia Ísis, cujos braços erguidos envolviam o sol central.

Assim, a deusa Ísis, muitas vezes retratada envolvendo seu filho Hórus no colo (útero), também é mostrada em pé ereto com os braços erguidos ([FIG. 111](#)) Já que os braços erguidos, por simbolismo egípcio, significam “proteger” e “abraçar”, pode-se ter certeza de que os braços erguidos de Ísis pertencem diretamente ao papel de Ísis como a “protetora” do deus-sol. O simbolismo cósmico não foi determinado pelo que é "natural" no mundo humano, tanto quanto pelo

forma literal da aparição de Saturno



Os braços estendidos do grande deus ou deusa egípcia erguem-se e circundam a terra celestial.

Ó rei, você encerrou cada deus em seus braços, suas terras e todas as suas posses. Ó rei, você é grande e redondo como o círculo que circunda o Hau-nebut. [1496](#)


A terra está elevada sob o céu por seus braços, ó Tefenet. [1497](#)

Uma imagem idêntica ocorre no iraniano *Zend Avesta*, onde Mitra, "com os braços erguidos em direção à imortalidade", inclui "os limites da terra".

E tu, ó Mitra! abrangendo tudo isso ao redor, alcance-o, por toda parte, com teus braços. [1498](#)

Apontando para a mesma relação está a frase egípcia comum "casa do Ka". [1499](#) Morar no templo cósmico é descansar entre os braços, e os textos falam, portanto, dos "dois braços do templo". [1500](#)

4 - Entre os deuses egípcios, nenhum é mais frequentemente retratado com os braços erguidos do que o deus-pilar Shu, entre cujos braços repousa o sol primordial Atum, ou Re. Relevos egípcios regularmente retratam Shu em pé e sustentando o corpo (útero) da deusa Nut com seus braços mantidos virtualmente na mesma posição que os da

Símbolo Ka . *Os braços que envolvem o deus-sol pertencem à montanha cósmica.* Assim, lemos: “O a montanha estenderá seus braços para ele e os Ka vivos o acompanharão.” [1501](#)



O símbolo hieroglífico do pilar Shu ou montanha é —chamado de “os dois pilares do céu”. Os dois pilares, em outras palavras, são realmente um pilar, com dois braços. Daí Re, que brilha entre os picos das montanhas

[1496](#) Frankfort, *op. cit.*, 67

[1497](#) *Texto Pirâmide 847.*

[1498](#) Darmesteter, *op. cit.*, Parte II, 146; Perada, *op. cit.*, 138-39.

[1499](#) *Texto Pirâmide 1405.*

[1500](#) Énel, *Les Origines de la Genèse et l'Enseignement des Temples de l'Ancienne Égypte*, 211.

[1501](#) Piankoff, *Os Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 125

da direita e da esquerda, também repousa sobre o pilar bifurcado de Shu, cujos dois suportes secundários são os braços envolventes do Ka. "Vês Re sobre os pilares que são os braços do céu", diz o *Livro dos Mortos*. 1502

No *Papiro de Mut-hetep* os braços que se abraçam são os de Tatunen, a personificação reconhecida do Monte Primevo. "Teu pai Tatunen, colocando as mãos atrás de ti, te levanta." 1503 O que são esses dois braços do Monte Primevo além dos dois picos da direita e da esquerda?

O mais relevante nesta conexão é o símbolo hieroglífico para "Re vivo" -. A imagem não apenas mostra o deus-sol descansando dentro dos braços Ka erguidos, mas apresenta os braços como uma extensão do pilar do céu, de modo que toda a configuração sugere uma forma humana virtualmente idêntica à de Shu no acima mencionado





ilustrações . A mesma imagem em uma forma ainda mais humana é oferecida pelo hieróglifo



deus elevado e o cume cósmico. E no glifo segurando no alto o os egípcios representaram o pilar personificado símbolo do céu



. O que fica claro a partir de uma pesquisa dos textos e símbolos relacionados é que os egípcios conceberam os braços do Monte ou deus em termos visíveis. Quando o rei, em um *Texto da Pirâmide*, implora ao deus: "Ó Shu, que seus dois braços estejam atrás de Teti", testemunha-se a influência das coisas vistas, não da especulação abstrata.

Nos sinais, , e , temos três maneiras estreitamente relacionadas de representar a forma prototípica é este protótipo que permite ver por que os egípcios celebravam as armas Ka como as *dois picos do*






Monte da Glória. O signo Ka  e o sinal da montanha  deu expressão pictórica a dois igualmente interpretações convincentes do crescente pilar. Uma vez que se percebe essa identidade subjacente dos braços e o pico duplo, é impossível não notar que os próprios egípcios se lembraram da conexão por muitos séculos (mesmo que não a entendessem perfeitamente). Repetidamente, os artistas mostraram dois braços estendidos para cima a partir do pico da fenda (FIG. 112) Como geralmente é o caso com as relações simbólicas mais significativas, a união dos braços e dois picos é estabelecida *Apesar de* sua aparente zombaria da ordem natural.



Figura 112. Kheperer, residindo em Aton, aparece entre os dois braços, que correspondem aos dois picos do Khut.

1502 Clark, *op. cit.*, 233.

1503 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 587.

A equivalência dos braços Ka e dois picos também é confirmada por outros símbolos. Um dos nomes egípcios do duplo Monte da Glória era Aker, desenhado como um leão de duas cabeças  . 1504 Assim como o Aten repousa no

dois picos do Khut



, também está nas "costas do Aker". Em um texto, o deus-sol Re ordena

Aker: "Ó, dê-me seus braços, receba-me. . . Eu dou luz para você, eu disperso sua escuridão." 1505 Os braços de Aker não podem ser nada mais do que os dois picos de onde o deus-sol brilha a cada dia, para o *Livro das Cavernas* diz que "Um dos Tuat sai [brilha] dos braços de Aker." 1506 A mesma fonte também invoca:

Duati, o Infernal, que sai dos braços de Aker. 1507

Atum, que sai dos braços de Aker. Ifeny, que sai dos braços de Aker. 1508

Embora a terminologia ofenda o ouvido moderno, é perfeitamente consistente com a imagem cósmica falar dos "dois braços da montanha", e é exatamente isso que os egípcios querem dizer com a frase "os braços de Aker".




5 Resta perguntar, então, qual era a relação dos braços crescentes com os gêmeos cósmicos. Certamente

não se pode ignorar o fato de que o egípcio *ka*  é frequentemente traduzido como "duplo" ou "gêmeo". "O ka do rei é seu gêmeo; acompanha-o pela vida como um gênio protetor, atua como seu irmão gêmeo e seu protetor na morte." 1509

A imagem do rei tem sua origem na imagem do Monarca Universal. Se os braços representados pelo sinal Ka







referem-se ao crescente de Saturno, atingindo a metade do invólucro circumpolar, isso em si é

suficiente para explicar a designação do Ka como o "gêmeo". Na configuração  o gêmeo (ou metade do gabinete) é os dois braços.



o gêmeo (ou metade do gabinete)

De acordo com as posições contrapostas do crescente giratório ( e , ou  e ), Egípcio as representações dos braços mostram relações alternadas com o sol central. Embora a posição vertical dos braços seja muito comum na arte egípcia, encontram-se inúmeros exemplos em que os braços abraçam o Aton pela direita ou esquerda, ou por cima. Do último caso, dou três exemplos (figs. 81 , 113 , 114) Como tantas representações egípcias, todos esses exemplos justapõem diferentes versões míticas do

crescente. Em primeiro (FIG. 81) vemos o filho homem sentado sobre o símbolo da montanha



e descansando dentro

o cerco do Aton, aqui apresentado como uma serpente circular com cauda na boca. Este círculo, por sua vez, repousa sobre os chifres de um touro cuja cabeça é colocada entre os leões gêmeos Shu e Tefnut, representando os picos da direita e da esquerda. Mas alcançando cerca de metade da banda serpentina *de cima* são dois braços - claramente os mesmos braços que em outras partes abraçam o Aton por baixo.

1504 Mudar, *De Fetiche a Deus*, 401.

1505 O leitor não terá dificuldade em perceber que o glifo Aker simplesmente traduz a imagem ([aqui](#)) na forma leonina.

1506 Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 71

1507 *Ibid.*

1508 *Ibid.*

1509 Frankfort, *op. cit.*, 69

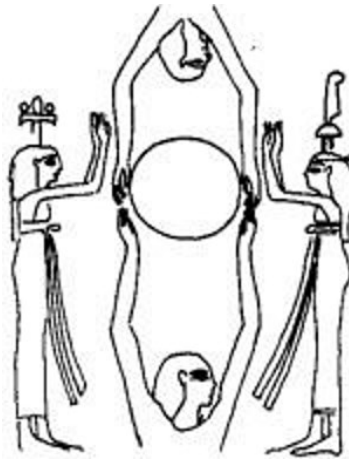


Figura 113.

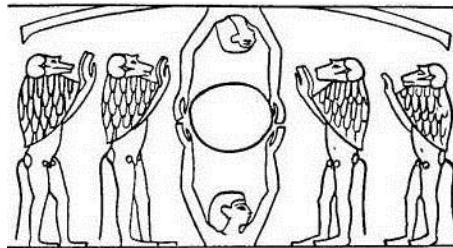


Figura 114. Para retratar o ciclo completo do "dia", os artistas egípcios mostraram os braços estendidos abraçando o Aton alternadamente de acima e abaixo. (113 & 114)

É minha opinião que tal simbolismo representa fases alternadas do dia arcaico, cada "dia" sendo marcado por uma revolução completa do crescente em torno do recinto, à medida que passa de sua posição abaixo para um posição invertida acima e de volta para baixo novamente.

Como figuras do crescente giratório, os braços direitos e invertidos são sinônimos dos gêmeos cósmicos, que personificam o acima e o abaixo (assim como o direito e o esquerdo). Apenas esta conexão dos braços com os gêmeos é indicada no *Papiro do Pa-di-Amon* (FIG. 113) A ilustração mostra o Aton no centro, flanqueado pelas duas deusas. Duas figuras masculinas também estão presentes, uma acima e outra abaixo, cada uma alcançando o Aton com os braços estendidos, de modo que, juntos, os braços eretos e invertidos formam um cercado completo - o círculo dos gêmeos cósmicos. 1510 A mesma relação dos braços eretos e invertidos com o círculo de Aton também será vista no *Papiro de Khonsu-Renep*. 1511 (FIG. 114)

Intimamente relacionadas estão as representações simbólicas que retratam os braços alcançando alternadamente o Aton da direita e da esquerda. Um exemplo ocorre no *Papiro de Khonsu-mes A*. Aqui, os braços estão explicitamente conectados com os símbolos de Abtet e Amentet, as duas divisões do reino celestial (esquerda-direita). 1512

1510 Piankoff, *Papiros mitológicos*, 37

1511 *Ibid.*, 39

1512 *Ibid.*, 38



Figura 115. As deusas gêmeas Ísis e Néftis estão à direita e à esquerda de Osiris-Re, formando um cerco com seus braços.

Claramente, os braços contrapostos denotam os gêmeos cósmicos, girando diariamente em torno de Aton. Os textos dizem muito quando localizam o grande deus *nos braços (ou mãos) dos gêmeos*. Em um *Texto Caixão Atum* lembra o início:

[No início] *Eu morava com meus dois filhos, meus pequenos,
um antes de mim, o outro atrás de mim. . . Eu me levantei sobre
eles, mas seus braços estavam em volta de mim.*

Da mesma forma, encontra-se:

O braço de Horus é sobre você [e] o braço de Thoth, os dois grandes deuses o apoiaram. 1513

Você foi criado nas mãos de Shu e Tefnut. . . 1514

*Ísis e Néftis te saúdam, cantam canções de alegria por tua ascensão [saindo] no barco, eles te protegem
com as mãos. 1515*

Juntos, os braços contrapostos dos gêmeos formam o invólucro protetor - o útero que dá à luz o sol central.

. . . O deus nasceu do céu nos braços de Shu e Tefnut. 1516

O simbolismo dos braços estendidos enfrenta todos os testes do crescente saturnino. Os braços têm a forma de uma lua crescente envolvendo o sol central. Eles são inseparáveis do útero cósmico; eles constituem os dois picos da montanha mundial; e eles são identificados diretamente com os gêmeos celestiais.

The Crescent-Wings

O mesmo crescente que parecia aos antigos como braços erguidos também recebeu interpretações míticas como as asas estendidas do grande deus ou deusa.

Antigos mitos sumérios lembram um pássaro monstruoso chamado Imdugud pairando sobre as águas primitivas, com as asas abertas. Imdugud (o dragão alado acadiano Zu) era uma forma de Ningirsu ou Ninurta, o planeta Saturno. 1517

1513 *Texto Pirâmide* 1570-71.

1514 *Texto Pirâmide* 1353.

1515 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 17

1516 *Texto Pirâmide* 1443.

1517 Sobre a conexão de Imdugud com Ninurta, ver Jacobsen, *Em direção à imagem de Tammuz*, 4 -

Neste pássaro do vento primordial ou pássaro do trovão, os estudiosos reconhecem o protótipo do Hraesvelgr teutônico, o deus alado da tempestade, e da águia hindu Garuda, cujas asas eram tão grandes que afetavam as revoluções cósmicas. De acordo com os Athapascans da América do Norte, um corvo pairava sobre as águas, gerando trovões com o movimento de suas asas. [1518](#)

Os nativos do Havai dizem que no início dos tempos, quando apenas o oceano existia, um grande pássaro branco apareceu no céu mais alto, o ovo do mundo descansando *entre suas asas estendidas*. [1519](#) Muito semelhante é o pássaro mítico hebreu Ziz, parado no meio do oceano. O Ziz era tão monstruoso quanto o Leviatã, pois enquanto seus tornozelos repousavam em nossa terra, sua cabeça alcançava o céu. [1520](#)

Embora a relação às vezes seja esquecida, a besta alada primitiva originalmente aparece como o próprio grande deus ou como seu veículo. Quando os órficos celebraram o “Sol que se eleva sobre suas asas douradas”, eles voltaram a uma tradição milenar. Entre todos os grandes deuses da antiguidade, seria difícil encontrar uma única figura que não possuísse asas nem andasse sobre asas. [1521](#)

Se o hebraico Yahweh “cavalga sobre as asas do vento”, o hindu Vishnu é carregado nos ombros da águia Garuda. Os hindus Agni, Mithra, Varuna e Yama recebem o título de Suparna, que significa “asas fortes”. Diz-se que as asas estendidas do Suparna *abrace o Cosmos*. [1522](#) Também apresentados como deuses alados são o persa Mitra e Zurvan, o hebreu e fenício El, o grego Cronos e todas as principais divindades do antigo Egito.

Qualquer pessoa disposta a olhar além da superfície descobrirá que as asas do grande deus são muito mais do que uma conveniência planejada que lhe permite “voar”. Para observadores atentos, o papel especial do deus alado apresenta muitos enigmas. No Egito, por exemplo, o hieróglifo para o grande deus Hórus é um falcão, mas as asas do falcão, na arte egípcia primitiva, não transmitem a sensação de “vôo” (como se deveria esperar, se o deus adquiriu suas asas para um propósito “natural”). Em vez disso, as asas - sempre abertas - definem os limites do Cosmos, e não é fácil ver como os egípcios poderiam ter chegado a essa noção consistente por meio da observação do que hoje chamamos de mundo natural. Hórus é “o pássaro venerável em cuja sombra está a vasta terra; Senhor das Duas Terras sob cujas asas está o circuito do céu [o Cosmos].” [1523](#) Sobre esta imagem de Horus, Frankfort escreve: “. . . O problema central, a relação entre deus e falcão, parece totalmente insolúvel.” [1524](#)

Que poderes os antigos procuravam representar com as asas abertas da águia, falcão ou falcão divino - ou com as asas estendidas do “pássaro-trovão” puramente mítico descrito em todo o mundo? Os egípcios chamavam a ilha cósmica dos primórdios de “Grande Base Fundamental do Governante da Asa” [1525](#) quase como se a asa possuísse um caráter próprio. A divinizada Asa marchou ao redor da ilha, de acordo com os textos. [1526](#)

Poucos mitologistas comparativos parecem ter reconhecido que prevalece uma imagem comum do pássaro cósmico

em todo o mundo, e esta imagem corresponde diretamente ao sol em crescente



. Ao invés de

[1518](#) Gaster, *Mito, lenda e costume no Antigo Testamento*, 5

[1519](#) Melville, *op. cit.*, 32

[1520](#) Ginzberg, *As lendas dos judeus* Vol. I, 28-29; Graves e Patai, *Mitos hebraicos: O livro do Gênesis*, 55

[1521](#) Cozinhar, *op. cit.*, Vol. I, 342, citando Orphic Frag. 49, 3.

[1522](#) Agrawala, *Faíscas do Fogo Védico*, 52-55.

[1523](#) Frankfort, *op. cit.*, 37

[1524](#) *Ibid.*, 143

[1525](#) Reymond, *A Origem Mítica do Templo Egípcio*, 16

[1526](#) *Ibid.*, 120-21.

retratam a besta alada em vôo ou em uma posição de repouso aparentemente normal, os artistas regularmente a retratam virtualmente em pé sobre as penas da cauda, com as asas abertas para cima formando um crescente.



Figura 116. Exemplos da divindade alada nos selos cilíndricos da Ásia Ocidental.



Figura 117. A águia primitiva, da cidade mesopotâmica de Lagash.



Figura 118. Águia egípcia, com símbolos de "vida".



Figura 120. O pássaro-trovão índio americano.

Nas figs. 116 , 117 , 118 E 120 Incluo exemplos da Ásia Ocidental às Américas. O leitor verá que alguns dos exemplos são virtualmente indistinguíveis - e todos apresentam o pássaro sagrado da mesma maneira "não natural".

No hino de Homero a Selene, o poeta exalta "a lua de asas longas". [1527](#) Mas o crescente lunar sozinho

sugere asas estendidas? É apenas em conexão com a forma cósmica



que o papel do crescente como asas

assume significado. E este é o próprio crescente que os antigos também conheciam como o chifre sagrado, o navio e os braços erguidos.

Como visto em [FIG. 121](#) , as asas do falcão cósmico envolvem e protegem o rei deificado, exatamente da mesma maneira que os braços Ka. Uma revisão da tradição artística mostra que as asas do grande deus ou deusa fundem-se nos braços estendidos da divindade de tal forma que se tornam indistinguíveis deles. A identidade também é confirmada em textos egípcios, onde os braços de Re são chamados de "os dois pássaros de Ptah". [1528](#) Um texto da tumba de Ramsés VI invoca as "duas asas do grande deus, os braços de Tay". [1529](#)

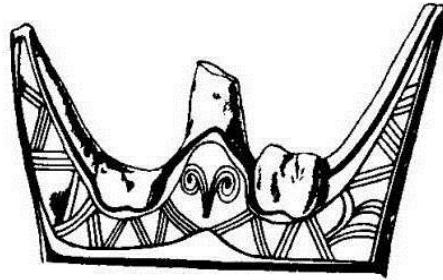


Figura 121. O falcão cósmico.

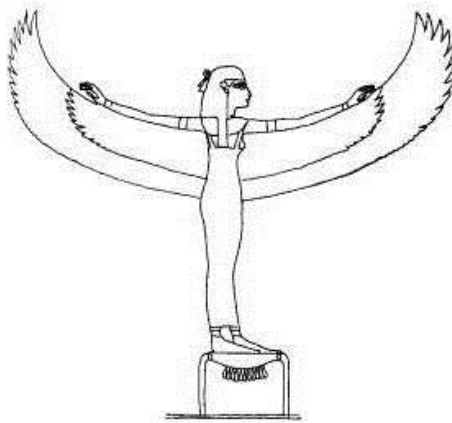


Figura 122. A deusa alada Nut.



[1527](#) Evelyn-White, *Hesíodo, Os Hinos Homéricos e Homérica*, 459.

[1528](#) Piankoff, *Litania de Re*, 54

[1529](#) Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 368.

Figura 123. Deusa alada Zuni.



Figura 124. Deusa espartana Artemis Orthia.

Somando-se ao caráter "não natural" da divindade alada, está a associação contínua de asas e chifres. O grande deus pode ser chamado de touro alado ou pássaro com chifres. Além disso, é claro que a combinação das duas imagens não resultou de sincretismo (uma fusão posterior de tradições incompatíveis ou outrora independentes). Frankfort reconhece "a validade simultânea dessas visões do rei", insistindo que os aspectos alados e com chifres do deus são "uma característica primitiva e não o produto do sincretismo de tempos posteriores". Observando esse aspecto dual do deus Hórus e sua esposa-mãe Hathor, Frankfort escreve: "A mistura das imagens do falcão e do gado na relação de Hórus e Hator não se deve ao sincretismo. É recorrente no caso do deus da guerra Monthu de Tebas, que foi concebido como um falcão, mas também se manifestou no touro Buches. O título real também mostra isso, pois depois de Tutmosis I, o nome que é coroado com o falcão e é chamado de Horusor Ka-name inclui regularmente o epíteto 'touro forte'. A paleta de Narmer ilustra quão pouco os antigos foram perturbados por esse uso simultâneo das duas imagens. Mostra a vitória do rei três vezes, uma vez como um homem destruindo o chefe inimigo com sua maça, uma vez como o falcão Hórus segurando-o em sujeição com uma corda passada pelo nariz e uma vez como um 'touro forte' demolindo fortalezas inimigas." "A paleta de Narmer ilustra quão pouco os antigos foram perturbados por esse uso simultâneo das duas imagens. Mostra a vitória do rei três vezes, uma vez como um homem destruindo o chefe inimigo com sua maça, uma vez como o falcão Hórus segurando-o em sujeição com uma corda passada pelo nariz e uma vez como um 'touro forte' demolindo fortalezas inimigas." "A paleta de Narmer ilustra quão pouco os antigos foram perturbados por esse uso simultâneo das duas imagens. Mostra a vitória do rei três vezes, uma vez como um homem destruindo o chefe inimigo com sua maça, uma vez como o falcão Hórus segurando-o em sujeição com uma corda passada pelo nariz e uma vez como um 'touro forte' demolindo fortalezas inimigas."

Se os egípcios não se incomodaram com essa dualidade paradoxal, foi por um motivo simples: *os chifres brilhantes do grande deus também eram suas asas!* É por isso que o touro Apis foi retratado com as asas estendidas nas costas [1531](#) ([FIG. 76a](#)) e por que o retrato do touro Bakha mostra um abutre estendendo suas asas sobre os quartos traseiros do touro. [1532](#) ([FIG. 76b](#))

O mesmo touro alado, é claro, é comum ao ritual mesopotâmico ([FIG. 126](#)) e passa para querubins hebreus, protetores do trono divino. As asas dos querubins "alcançaram de um extremo ao outro do mundo". [1533](#)

[1530](#) *Op. cit.*, 173

[1531](#) Budge, I 74.

[1532](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 437.

[1533](#) Patai, *A Deusa Hebraica*, 122; Lenormant, *Les Origines*, Vol.I, 112 ff.



Figura 126. Touro alado assírio.

Outras evidências são fornecidas pelo navio alado, que ocorre em quase todos os segmentos do mundo. [1534](#)

Embora possa não ser imediatamente claro nas versões posteriores e mais fantasiosas do navio-pássaro, é abundantemente claro nas fontes mais antigas que *as asas e o navio são a mesma coisa*. No egípcio *Pirâmide Textos*, a

asas expandidas constituem o navio dos deuses - assim como a imagem



sugere:


Ó vocês deuses que cruzaram na asa de Thoth para além do Canal Sinuoso. [1535](#)


. . . Transporte-me, ó Thoth, na ponta de sua asa como Sokar, que preside a Barca de Justiça. [1536](#)

Ó asas de Thoth, conduzam-me através, não me deixem sem barco. [1537](#)

Ó Thoth. . . coloque-me na ponta da sua asa, no lado norte da Winding Waterway. [1538](#)

Certamente não é coincidência que o símbolo de Thoth, o mestre da nave-asa, era a meia-lua

 . As asas do deus ou deusa alado respondem à porção iluminada da faixa circumpolar. O assunto é um círculo alado, como se percebe em numerosas representações da morada do sol primordial. Seja o Aton egípcio, ou o cerco assiro-babilônico do sol, as rodas gregas de Ixion, Dionísio ou Triptolemo, a roda mundial hindu ou Chakra, o "escudo" mexicano do deus-sol - o cerco aparece de forma consistente com asas e / ou penas da cauda. Se os antigos logo esqueceram a forma especial do alado

recinto (), eles não perderam a ideia geral.

[1534](#) Gelling, *A Carruagem do Sol*, 120 ff.; Magoun, *O Kalevala*, 37-38; O'Neill, *op. cit.*, vol. II, 1.009, 1.012.

[1535](#) *Texto Pirâmide* 595.

[1536](#) *Texto Pirâmide* 1429.

[1537](#) *Texto Pirâmide* 1176.

[1538](#) *Texto Pirâmide* 1377.

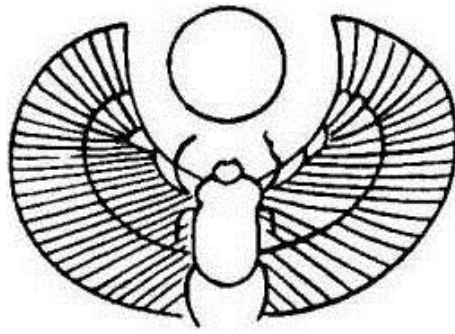


Figura 127. O egípcio alado Kheper, o Girando.

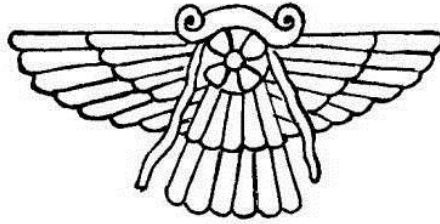


Figura 128. O círculo alado assírio.

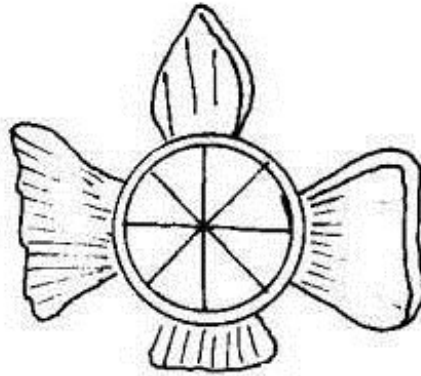


Figura 129. O Chakra Hindu ou roda alada do "sol".



Figura 130. Inscrição em Mehterhane, a Prisão Central de Constantinopla.

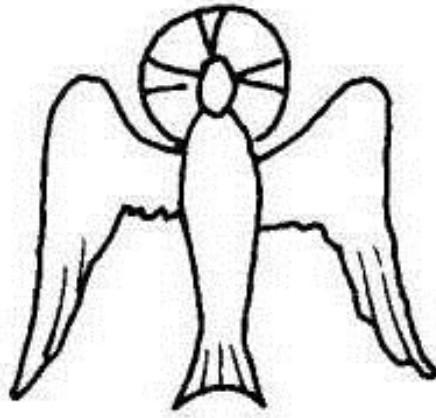


Figura 131. Desenho de uma janela do século XIII na catedral de Auxerre.

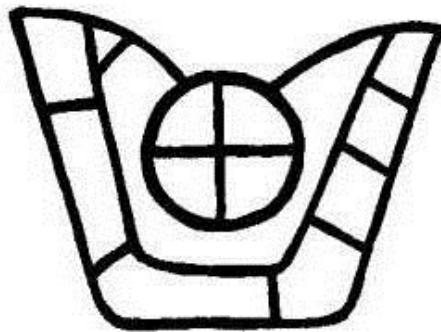


Figura 132. Pássaro alado mexicano.



Figura 133. Detalhe de FIG. 74 mostrando o sol fechado nas costas do pássaro.



Figura 134. (a) Persa Ahura Mazda, morando no recinto alado;



Figura 134. (b) Deus alado assírio Asshur, no recinto alado. Observe que tanto o assírio quanto [persa](#) exemplos conectam o saia de deus com as penas da cauda. Nos antigos pictogramas da Mesopotâmia, a "saia" significa "montanha".



Figura 135. Escudo asteca, com penas de cauda.



Figura 136. Círculos alados da Mesopotâmia confirmam (a) que a faixa envolve a cruz do sol e

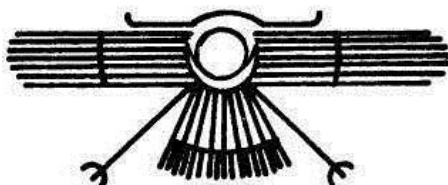


Figura 136. (b) que a banda exibe um crescente.



Figura 137. Isis, protegendo o deus-sol com suas asas estendidas.

A relação das asas com o recinto é vital para qualquer interpretação significativa do deus ou deusa alado. Certamente não estamos lidando simplesmente com um pássaro venerado gradualmente traduzido em um deus (como muitas autoridades propõem). Desde o início, as asas pertenciam à faixa saturnina. Em muitos casos, os artistas mostram o grande deus residindo dentro ou saindo do círculo alado (figs. [134a](#), [134b](#))

No simbolismo da deusa egípcia Nut, vemos a identidade subjacente das asas estendidas e do útero cósmico. Embora Nut personifique a banda do Cosmos, ela é frequentemente retratada em pé com

braços e asas estendidas para fora e para cima ([FIG. 122](#)) de acordo com a forma prototípica



asas abertas são aquelas que circundam e protegem o sol central, pois o rei implora à deusa: “Mãe Noz, abra as tuas asas sobre mim, envolva-me com teus braços em saúde e vida para que eu seja *dentro* a ti que

tu (podes) ser a minha proteção.” 1539 Ser abraçado pelas asas abertas é habitar *dentro* a grande deusa, no útero. Diariamente, a deusa “concebe você, ela o carrega, ela o coloca dentro de sua asa”. 1540 Nada poderia ser mais fútil do que tentar resolver a linguagem enigmática em convencional (ou “natural”)

termos. Mas quando referido às imagens sobrepostas da configuração saturnina adquire uma precisão extrema. *Uma órbita Analegias* situadas estendidas e levantadas, na verdade *Faz* coloque o sol dentro do útero celestial.

Não menos notável é a localização do Olho que tudo vê na asa ou asas crescentes:

O Olho de Horus brilha na asa de Thoth. 1541

O Olho de Horus é colocado na asa de seu irmão Set. 1542

Todas as figuras do pássaro primitivo revelam uma característica comum: eles habitam a montanha cósmica. Na verdade, como já foi observado, é o Monte, traduzido como as “penas da cauda”, que torna inteligível a interpretação comum do crescente polar como asas estendidas.

Os mitos egípcios dizem que no amanhecer do mundo o grande deus assumiu a forma do pássaro Bennu ou Fênix, irradiando luz de suas asas estendidas e *empoleirado no topo do Monte Primevo*. O Bennu era a “Alma” de Re, o que significa que ele saiu diretamente de Re, solidificando-se da matéria primitiva, ou águas. (Portanto *bennut* significa “assunto” ou “problema”, enquanto *Bennu* significa o “pão” dos deuses, a matéria primordial organizada em um círculo.)



Figura 138. Imagem Hopi pré-histórica da mãe terra alada.

1539 Piankoff, *Santuários de Tut-Ankh-Amon*, 46. [Grifo nosso.]

1540 *Texto Pirâmide* 1370.

1541 *Texto Pirâmide* 976.

1542 *Texto Pirâmide* 1742.

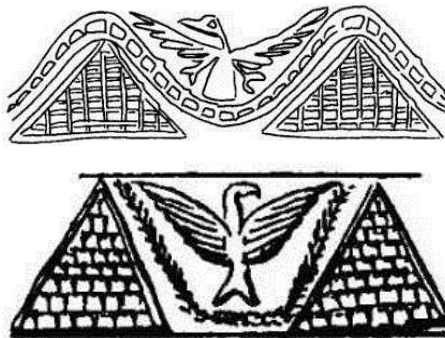


Figura 139. Águia mesopotâmica apoiando a figura divina entre suas asas.

A relação da Colina Primitiva com a Fênix ou Bennu é resumida por Clark: "Visto que as águas estavam em escuridão absoluta, o surgimento de Deus significou a vinda da luz, a primeira manhã. Para os heliopolitas, a manhã era marcada pelo brilho da luz em um pilar ereto ou pirâmide em um suporte que poderia refletir os raios do sol nascente. No início, um pássaro luminoso, a Fênix, pousou na plataforma sagrada, conhecida como Benben, para iniciar a grande era do Deus visível. A ascensão do monte e o aparecimento da Fênix não são eventos consecutivos, mas afirmações paralelas, dois aspectos do momento criativo supremo." [1543](#)

À mesma imagem elementar pertence o Khepera alado, descansando sobre o tet ou pilar do Cosmos, e sustentando o Aton com asas estendidas. [1544](#) o *Pirâmide Textos* falar da "Montanha do zehzeh-pássaro," [1545](#) ou "o Pilar do zehzeh-pássaro." [1546](#)

Da mesma forma, o Imdugud sumério, que "olha para a montanha", [1547](#) dizia-se que tinha sua casa no norte do Monte Masius; enquanto seus homólogos - o persa Saena ou Simurgh e o hindu Garuda viviam nas montanhas polares de Hera Berezaiti e Meru. [1548](#) Conseqüentemente, os assiro-babilônios localizaram consistentemente o círculo alado do "sol" no topo do pilar cósmico. [1549](#) Os nativos do noroeste da Sibéria fixam em seus símbolos do pilar do mundo uma figura de madeira de um pássaro, às vezes com duas cabeças. As figuras aladas que tantas vezes adornam o cume dos totens dos índios americanos fornecem um paralelo óbvio.



[1543](#) *Op. cit.*, 39

[1544](#) O'Neill, *op. cit.*, 220

[1545](#) *Texto Pirâmide* 389.

[1546](#) *Texto Pirâmide* 2243.


[1547](#) Sjöberg e Bergmann, *op. cit.*, 99

[1548](#) Albright, "The Goddess of Life and Wisdom," 268, nota 3.

[1549](#) Van Buren, *Símbolos dos Deuses na Arte da Mesopotâmia*, 96-99.

Figura 140. Os selos cilíndricos da Mesopotâmia indicam a estreita relação das asas do pássaro "sol" com os dois picos do planeta montanha.

Como todas as figuras do crescente, as asas expandidas, envolvendo alternadamente o sol central da esquerda e da direita (ou de cima e de baixo), aparecem no papel dos gêmeos. A deusa Nut pode ser apresentada em


a forma primária ; mas duas divindades secundárias flanqueiam a deusa à direita e à esquerda, estendendo suas asas em direção ao outro de modo a formar um recinto completo. Esses gêmeos alados são equivalentes a Ísis e Néftis, as "duas pipas" que, posicionadas à direita e à esquerda, juntas envolvem o deus-sol em suas asas.

Um feitiço do *Textos de caixão* lê:

Ísis vem e Néftis vem, um deles do oeste [literalmente o certo] e um deles do leste
[literalmente à esquerda], *um deles como uma pipa e um deles como um guincho. . . Eles impedem Hórus dos Dois*
Terras de putrefação. 1550

Compare esta linha do *Textos da pirâmide*:

. . . *Este Rei tornou-se puro através do olho de Hórus, sua doença foi removida pelas Duas Pipas de Osiris.* 1551

Para ser purificado e protegido dentro do olho  deve ser fortalecido pelas "Duas pipas" da esquerda e da direita ( ) , cujas asas contrapostas sombreiam o círculo completo do Olho. Os mesmos pássaros gêmeos compõem a coroa:

Ó vocês duas pipas que estão nas asas de Thoth, vocês dois que estão na coroa. . . 1552

Assim, diz-se que as deusas Ísis e Néftis colocaram-se sobre a cabeça do grande deus "como as duas pipas" e estas, por sua vez, são identificadas como as duas serpentes uraei e os dois Olhos - todas figuras do útero dividido ao meio ou gabinete. 1553 E a prova dessa identidade é o próprio nome das "duas pipas". Eles são o *Tcherti*, o que significa nada mais do que as duas metades do *tcher*, o "invólucro" ou "limite" do

Aten 

Símbolos Interconectados

Uma discussão abrangente das formas míticas abrangentes do crescente de Saturno exigiria muito mais espaço do que o disponível aqui, mas um breve resumo deve ser suficiente para indicar a amplitude do simbolismo. Complementando as imagens discutidas acima estão as seguintes versões míticas do crescente:

A planta da vida

Fontes egípcias relatam que a morada original do deus solitário assumia a forma de um lótus brilhante - chamado de "o Grande Lótus que saiu do tanque na Ilha das Duas Chamas, a Província do Princípio". O lótus "iniciou a luz" na "Primeira Ocasão na Colina Alta, no Início de Vir à Existência". 1554

Segundo a lenda, o lótus surgiu do abismo aquoso, emergindo do Khu (matéria luminosa) que irrompeu do criador. Um dos nomes egípcios para esta planta da vida era *Nefer Tem* ("O jovem ou bonito Tem"), uma personificação do "Vento Norte" ou sopro de Re. No Capítulo CLXXIV do *Livro do*

1550 Faulkner, *op. cit.*, 68

1551 *Texto Pirâmide* 312.

1552 *Texto Pirâmide* 1254.

1553 Mudar, *O Papiro de Ani*, 32

1554 Reymond, *op. cit.*, 68

Morto, o falecido anunciou "Eu cresço brilhante como Nefer-Tem, que é o lótus nas narinas de Re, quando ele surge no Monte da Glória a cada dia." Re é, portanto, "aquele grande deus que está dentro do botão de ouro de lótus". [1555](#)

Inscrições em Dendera mostram o rei oferecendo uma flor de lótus ao deus Hórus com as palavras: "Eu te ofereço a flor, que era no início, o lírio glorioso da grande água. Tu saíste do meio de suas folhas na cidade de Chmun (Hermopolis magna) e iluminaste a terra, que ainda estava envolta em trevas." [1556](#)

Paralelos ao lótus cósmico egípcio, como o lar do grande deus, podem ser encontrados em todas as partes do mundo, incluindo as Américas. Os maias conheciam a flor como "a forma da umidade do céu, a substância do céu, a flor amarela do céu". [1557](#) Olhando para trás, para a criação, um texto maia relembra: "Foi então que a flor brotou, totalmente aberta. . . Em seguida, o coração da flor surgiu para se colocar em movimento. Quatro vezes [*can-hek*, literalmente "de quatro ramificações"] era o lugar da flor e Ah Kin Xocbiltun foi colocado no centro." [1558](#)



Figura 141. O nascimento do sol primordial no lótus.



Figura 142. O filho varão Hórus na flor de lótus.

Quase a mesma tradição ocorre na Mesopotâmia, onde um texto babilônico descreve a planta da vida emergindo em Eridu, a morada no mar cósmico:


[1555](#) Clark, *op. cit.*, 67

[1556](#) Mariette, *Denderah*, 1, 55a.

[1557](#) Roys, *O Livro do Chilam Balam*, 131

[1558](#) *Ibid.*, 105

folha de lótus simbólica, o sacerdote coloca um disco de ouro redondo que dizem representar o "sol". "O lótus significa as águas, e esta terra é uma folha dela. . . e esta mesma terra é o útero de Agni ", diz o texto. [1566](#) É uma imagem desse tipo que produz epítetos do grande deus hindu como "nascido de lótus", "sentado com lótus" ou "umbigo de lótus". [1567](#)

A conexão do deus de lótus e "nascido do lótus" com o sol em crescente  é igualmente evidente na equação do lótus e da nave cósmica. No sistema egípcio, o navio e o lótus são sinônimos: o grande deus navega em um *navio de lótus*, que os artistas ilustram com uma flor de lótus no centro do navio ou por um lótus terminando em uma ou ambas as extremidades do navio. [1568](#)

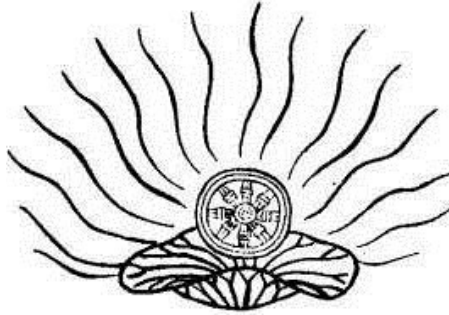


Figura 144. Roda do mundo hindu descansando na folha de lótus.

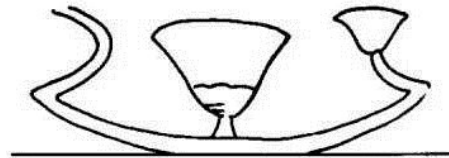


Figura 145. Flor de lótus = navio como imagem mítica do crescente de Saturno.

E a mesma equação ocorre entre os hindus, que nos dizem que o navio cósmico Argha foi o lótus em que o grande deus navegou no início. [1569](#)

Agora, se a flor da planta da vida é o crescente circumpolar, pode-se supor que o "caule" é o

montanha cósmica. Os egípcios representavam o "cetro" do grande deus como um lótus



e em ambos

hieróglifos e na arte este cetro torna-se o pilar que sustenta o "céu" retratado apoiando o santuário ou trono do deus, [1570](#) e em alguns são retratados, o grande deus é retratado descansando sobre uma coluna de lótus.

Mas a planta da vida também foi representada como um papiro - e chamada de "Cetro Brilhante de Papiro". [1572](#) Um texto publicado por Dumichen diz "Tu és o Olho de Re, na ponta da haste do papiro". [1573](#) Claro outro

[1566](#) Coomaraswamy, *Elementos da iconografia budista*, 19-20.

[1567](#) *Ibid.*, 17-18.

[1568](#) Morez e Schhubert, *Der Gott auf der Blume*, 38

[1569](#) Faber, *Origens*, Vol. II, 217; vol. I, 19. No ritual egípcio, há também uma relação fascinante entre a planta da vida e os braços estendidos do céu (o Ka). *Texto Pirâmide 544a* tem o rei se proclamando a "flor que brotou do Ka".

[1570](#) Mudar, *Deuses*, Vol. I, 413, 439.

[1571](#) Veja o exemplo no Budge, *Livro egípcio dos mortos*, 29

[1572](#) Clark, *op. cit.*, 163

textos dizem que é o pilar de luz Shu que sustenta o Olho, mas não pode haver contradição: a palavra egípcia *shu* significa "coluna de luz" e "papiro".

A identidade dos dois poderes também é explícita na iconografia hindu. A planta soma, à qual muitos hinos do *Rig Veda* são dedicados, é "o estabilizador e sustentador do céu." [1574](#) O versículo introdutório do *Dasakumaraccrita* inclui como uma figura do eixo do mundo "o talo do lótus onde Brahma reside." [1575](#) Sobre o lótus cósmico no budismo, M. Mus escreve: "O prolongamento da haste, que é o eixo do mundo sensível, carrega no cume do universo o trono do lótus espiritual. . ." [1576](#) Assim, o cósmico Monte Meru se torna a "montanha de lótus", [1577](#) e da mesma forma, a planta haoma iraniana aparece como o "pilar imperecível da vida". [1578](#)

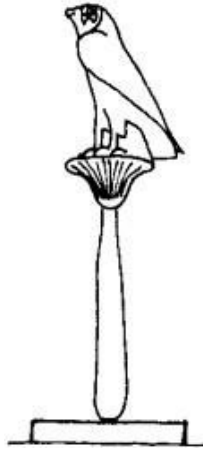


Figura 146. A coluna de Lótus superada pelo falcão-Horus.

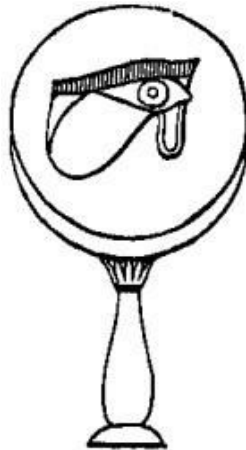


Figura 147. Olho egípcio (= meia-lua) apoiado na coluna de lótus.

[1573](#) Citado em O'Neill, *op. cit.*, 467.

[1574](#) Bhawe, *Os Hinos Soma do Rig Veda*, 82

[1575](#) Coomaraswamy, *Elementos da iconografia budista*, 89, nota 139.

[1576](#) Citado em *ibid.*, 55

[1577](#) O'Neill, *op. cit.*, 400

[1578](#) *Ibid.*, 290



Figura 148. Saturno cavalgando em sua carruagem serpentina e empunhando sua foice (de Poeticon Astronomicum, Veneza, 1485).

Espada

Saturno chega ao poder empunhando sua espada curva ou foice, que os escritores geralmente associam com a "lua" crescente. O grego Kronos carrega como sua arma especial a harpa curva e muitas vezes foi proposto que

esta arma está por trás do relativamente tardio signo astronômico de Saturno,



. A harpa e o alado *harpies*

(monstros fêmeas parecidos com pássaros) certamente remontam à mesma raiz. (Ou seja, "espada" e "asas" referem-se à mesma forma cósmica.)

Em um hino sumério, Ninurta, ou Saturno, invoca a "foice de minha Anuship" [*ie*, da realeza] e a arma é chamada de uma vez *Sharur* e *Shargaz* - ambos os nomes de Sin, a "lua" crescente. 1579 O pecado é a "foice" e o "sable curvo" do grande deus. 1580

Os egípcios conheciam a espada como o *khepesh*, escrito com os sinais



e

, ou como o *ma*, de quem

placa,  , descreve uma foice formada a partir da mandíbula de um animal. o *Pirâmide Textos* identifica o grande

a espada de Deus como "um chifre forte e afiado" 1581 (espada = chifre). Mas *khepesh* também significa o "ombro" ou "dois braços" do céu. E aqui o simbolismo se confunde precisamente com o do sistema babilônico, que declara que a foice de Sin são "os dois braços" de Enlil, a montanha cósmica.

Que a espada compartilha das imagens coerentes do crescente de Saturno é sugerido por outras tradições também. Em Gênesis 3:24, é dito que Yahweh colocou em *frente* (tradutores dizem ao "Oriente") "do jardim do Éden kerubim e da lâmina flamejante da espada que gira, para guardar o caminho da árvore da vida". Se a tese apresentada aqui estiver correta, o alado *Kerubim* referem-se ao mesmo crescente giratório que a espada giratória. Muitos estudiosos conectam logicamente o hebraico *Kerubim* com o Assiro-Babilônico *kirubi*, as bestas aladas e com chifres que na forma de gêmeos guardam e definem os limites do recinto do grande deus. No vocabulário assírio, *kirub* significa "touro", enquanto *Kirubu* designa uma grande espécie de ave de rapina. A "espada" giratória de Gênesis, por outro lado, é a *khereb*, uma "foice curva", reconhecida como a contraparte hebraica da harpa grega e egípcia *khepesh*. 1582

O altar

1579 Combe, *op. cit.*, 11; Langdon, *Mitologia Semítica*, 91.

1580 Langdon, *op. cit.*, 27

1581 *Texto Pirâmide* 240

1582 Lenormant, *Les Origines* Vol. I, 129 ff.

Por razões que pretendo examinar detalhadamente em um volume subsequente, o crescente de Saturno era o

receptáculo de um "sacrifício" primordial. Juntos, o crescente e cósmico mundo da montanha. "



formou "o Altar do

Hieróglifos egípcios registram o altar pelo sinal



. Sobre o altar - chamado de Altar de Hetep ("descanso") ou

Altar da Uatchet (Olho) - guarda todos os alimentos e bebidas da habitação celestial.

No *Livro dos Mortos*, o grande deus surge "na cidade de Annu, sobre o altar da senhora das duas terras", e é claro que os egípcios concebiam o altar como sustentando e abraçando todo o mundo celestial



domínio (ou "terras" gêmeas). 1583 Daí o sinal

, descansando no altar.

- glifo do "domínio sagrado" - mostra o ventre de Nut

Sempre, o altar transmite o mesmo significado que o "mundo" primordial. Entre os hindus, observa Eliade, "a construção do altar foi concebida como uma criação do mundo. A água com a qual o barro foi misturado era igual às águas primitivas." 1584 "Tão grande quanto o altar, tão grande é a terra", diz o *Satapatha Brahmana*. 1585

O mesmo altar pode ser denominado "o umbigo da terra. . . o colo [útero] de Aditi ", em estreita correspondência com o simbolismo egípcio. 1586

O pensamento hebraico e muçulmano, segundo Wensinck, considerava o altar "como uma representação simbólica da terra". 1587 Um Midrash pergunta: "Onde está o umbigo? Em Jerusalém. Mas o próprio umbigo é o altar." 1588 Sobre o altar primitivo, a tradição diz: "Seu topo alcançava o céu". 1589



O deus sobre o altar é simplesmente o "sol" que descansa na meia-lua com pilares sobre o altar. (Deus imagem do sol) Os primeiros protótipos do altar em todo o mundo antigo não apenas o conectam com o pilar central do Cosmos 1590 mas sugerem uma associação radical com o touro cósmico, enquanto os altares da Pérsia a Creta e a África eram decorados com chifres ou tinham a forma de chifres. "O altar com chifres" e "os chifres do altar" eram, é claro, frases comuns entre os antigos hebreus.

Acima e abaixo, esquerda e direita

Mais de uma vez, ao discutir traduções comuns de fontes antigas, tive oportunidade de referir-me ao uso inadequado das frases "leste e oeste", "norte e sul". e "céu e terra". Tal terminologia, sugeri, surge do hábito de ler *solar* imagens em textos não solares e de interpretação da habitação cósmica do grande deus em *terrestre* termos.

1583 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 476.

1584 *Padrões* 372.

1585 Eggeling, *op. cit.*, Parte I, 86.

1586 *Ibid.*, 213, nota 2.

1587 "As Idéias dos Semitas Ocidentais", 10.

1588 *Ibid.*, 11

1589 *Ibid.*

1590 Schwabe, *Archetype und Tierkreis*, 377 ff.

Sem tentar fornecer uma análise completa do problema (que pretendo explorar em um volume separado sobre a religião egípcia), simplesmente indicarei a maneira pela qual a questão pode ser resolvida com referência à configuração saturnina.

Claro, pode haver pouco progresso em direção a uma compreensão aprimorada dos textos religiosos antigos até que os tradutores e comentaristas reconheçam o caráter celestial das imagens. Do início ao fim, os hinos e liturgias tratam de figuras cósmicas e eventos cósmicos. E quando essas figuras e eventos míticos estão ligados a uma “terra” primordial, é imperativo que se entenda esta “terra” como o recinto do grande deus original, que é Saturno. Os textos tratam, não de geografia, mas de *cosmografia* —O mapa do reino celestial. Em relação à habitação de Saturno, as palavras que os tradutores traduzem como “leste” e “oeste” na verdade significam algo bem diferente. E enquanto a frase moderna “céu e terra” *sugere* Com pouco significado concreto, os termos arcaicos assim traduzidos transmitem um sentido muito específico.

Na língua egípcia, a palavra traduzida como “leste” é *Abtet* (*Abt* ou *Abti*), enquanto a palavra traduzida como “oeste” é *Amentet* (ou *Amenti*). A que os egípcios se referiam com essas palavras?

Se o primeiro erro dos tradutores é presumir que *Abtet* e *Amentet* são termos geográficos, o segundo é presumir que eles *necessariamente* referem-se a regiões ou direções opostas. As traduções padrão são baseadas na premissa de que o “sol” nasce no leste e se põe no oeste. No entanto, para qualquer um que siga essa lógica, os textos egípcios antigos deixarão a impressão de que os sacerdotes se esqueciam continuamente do lugar do nascer e do pôr do sol. Se *Amentet* era o “oeste”, por que os egípcios repetidamente descrevem o grande deus “surgindo” ou “renovando-se” em *Amentet*? Cito a seguir algumas traduções convencionais:

Contemple a vinda do Oeste. 1591

Osiris, Ele que surge na Saúde, Ele na Cabeça do Oeste. 1592

Os braços dos habitantes do Oeste te recebem em tuas formas de glória e rejuvenescimento. 1593

Eu me torno jovem (no) oeste justo. 1594

Quando tu avanças em paz, surgem gritos de deleite para ti, ó senhor do céu, tu príncipe dos Oeste. 1595

Sobre imagens como esta, Kristensen escreve: “O que se pretendia dizer é, evidentemente, que o sol, quando se põe, não morre, mas alcança a fonte oculta da vida”. 1596 Mas naturalmente permanece cético em relação a tal conjectura. Os hinos citados acima retratam o orbe solar “quando ele desce”? A verdade é que, se substituíssemos “leste” por “oeste” nessas linhas, eles pareceriam aos mitologistas solares como descrições perfeitamente razoáveis do sol nascente. Em vez do “oeste”, *Amentet* é simplesmente a Terra Santa, o recinto primitivo. A cabeça, ou governador, de *Amentet* é o sol central, que não nasce nem se põe, mas “entra e sai” (*ie*, cresce brilhante e diminui) com o ciclo completo de cada “dia”. O grande deus “surgindo em *Amentet*” significa o

começo do dia. (Uma frase equivalente, “surgindo de dia”, ocorre repetidamente em textos egípcios). Assim, o Capítulo CVII do *Livro dos mortos* é “O Capítulo de Entrando e Saindo do Portão dos Deuses de *Amentet*.” 1597 O capítulo XVII exalta o grande deus “saindo e entrando” dentro de *Amentet*. 1598

1591 Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 217.

1592 Piankoff, *Papiros mitológicos*, 76

1593 *Ibid.*, 37

1594 *Ibid.*

1595 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 85

1596 Citado em Piankoff, *Papiros mitológicos*, 30

1597 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 314.

É a mesma coisa dizer que o deus fica mais brilhante e diminui dentro do ventre da deusa-mãe. Havia, de fato, uma deusa Ament que os egípcios igualavam a Ísis, enquanto a própria Ísis era "a Mãe Divina, Senhora de Amentet". [1599](#) A frase não tem conexão original com a geografia; simplesmente se refere a Ísis como o útero ou recinto da Terra Santa acima. Hathor é a mesma deusa: "Hathor, Senhora de Amentet. . . , Senhora da Santa Pátria." [1600](#) Em outro lugar, os textos identificam Amentet como o Tuat circumpolar, o útero de Nut. [1601](#) Não há associação com o "oeste" geográfico.

Residir na Terra Santa de Amentet é descansar no útero materno, que tem muitos nomes. Texto após texto, os sacerdotes procuram mostrar que os vários nomes da Terra Santa significavam o mesmo recinto. Quando o *Livro dos mortos* chama Osíris o "poderoso que saiu de Nut, tu rei na cidade de Nifu-ur, tu governador de Amentet, tu senhor de Abtu (Abydos)," [1602](#) a referência não é a moradias diferentes, mas a nomes diferentes da mesma moradia.

O que tem causado tanta confusão é o fato de que a Terra Santa é um *seccionado* círculo. O sol central é aquele que "une o *dois* Tuats, o *dois* regiões de Amentet." [1603](#) Aqui deve-se contar com o paradoxo dos gêmeos celestiais. *Ao nomear as duas divisões da Terra Santa, os egípcios reuniram dois nomes independentes para o recinto como um todo, emparelhando-os como opostos.*

Esse desenvolvimento da linguagem se destaca no caso de Ísis e Néftis, os quais, independentemente,

denotam o círculo completo do Aton



. Ísis é a "casa", "câmara" ou "trono" do sol central, enquanto

Nepthys é a "Senhora da Casa" (ou simplesmente "Casa da Senhora"). Como um *par*, no entanto, Ísis e Néftis personificam duas metades do círculo, a "esquerda e a direita", sugeridas pelas posições contrapostas do

crecente giratório



Da mesma forma, os egípcios combinaram o nome Amentet com outro nome da mesma habitação - Abtet - produzindo o reino dual de Amentet-Abtet. [1604](#) Quando unidos como opostos, Amentet e Abtet são precisamente sinônimos dos gêmeos Ísis e Néftis. Por esta união, Amentet adquire o significado literal de "região da direita" e Abtet, "região da esquerda". A ideia de que o deus-rei, posicionado no centro do recinto, equilibra as divisões da esquerda e da direita será encontrada repetidamente nos textos e no art. O fato de os tradutores normalmente usarem os termos "leste e" oeste "causou uma grande confusão nas traduções convencionais.

Como Amentet, em outras palavras, o termo egípcio Abtet (convencionalmente traduzido como "leste") pode se referir a todo o reino celestial ou a uma de suas duas divisões. Fundamentalmente, Abtet é a terra sagrada no centro e cume. O rei, no *Pirâmide Textos*, busca alcançar esta morada, com as palavras: "Que eu possa ascender e me elevar ao céu como a grande estrela no meio de Abtet." "Eu vim para o céu, e abraço meu assento que está em Abtet", diz uma linha do *Livro dos Mortos*. [1605](#) Aqui, qualquer conexão de Abtet com o "leste" ou a orbe solar existe apenas na mente dos tradutores.

[1598](#) Mudar, *O Papiro de Ani*, 27

[1599](#) Piankoff, *Papiros mitológicos*, 93.

[1600](#) *Ibid.*, 79

[1601](#) "Hail Re! Seu lugar de descanso é o Tuat; o que ele atravessa é o Belo Amentet." Piankoff, *Pirâmide de Unas*, 30. "O disco está no Tuat, o disco está no Amentet." Piankoff, *Tumba de Ramsés VI*, 376. "As almas de Re em Amentet são exaltadas, e na zona do Tuat as almas. . . clamam em suas canções de exultação à alma de Re que nele habita. . . Ó vós deuses Hetepu, conceda-vos que eu possa entrar no Tuat, e me deixe abrir um caminho para o belo Amentet." Mudar, *Livro egípcio dos mortos*, 612-13.

[1602](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 387.

[1603](#) Piankoff, *A Tumba de Ramsés VI*, 76. [ênfase adicionada.]


[1604](#) *Texto Pirâmide* 1038.


[1605](#) Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 516-17.

O mesmo uso impróprio de termos é evidente na frase "céu e terra", recorrente em praticamente todas as traduções aceitas. "O universo como um todo foi referido como 'céu e terra'", afirma Frankfort. 1606


Os dois termos em questão são *animal* (traduzido como "céu") e *ta* (traduzido como "terra").



Literalmente, a frase "pet e ta" significa "o acima e o abaixo". Numerosas ilustrações egípcias indicam que, juntas, as duas divisões compunham um recinto em torno do deus "sol". Como opostos, o *animal* e *ta* significa os gêmeos celestiais, aqui personificando o crescente giratório em suas posições alternadas acima e abaixo a deus estacionário.

Mas isso não significa que *animal* necessariamente denota "acima" mais do que *ta* necessariamente significa "abaixo". Na verdade, muitos sinais exaltam "dois animais de estimação", um acima e um abaixo (indicado pelo sinal  e seu inverso

). E poucas frases são mais comuns em fontes egípcias do que os "dois ta", referindo-se explicitamente às divisões superior e inferior do reino celestial. Fundamentalmente, o *animal* é o círculo duplo do Cosmos de Saturno, e o *ta* é o mesmo círculo, concebido como um cerco de "terra" em torno do sol central. *É apenas como um par que o animal de estimação e o ta adquirem o significado "acima e abaixo".* "E em nenhum sentido a tradução "céu e terra" transmite o significado tangível dos termos.

O "círculo de cima e de baixo" egípcio é o útero de Nut, a "morada sagrada" (escrita com o sinal

) 1607 No entanto, a identidade de Nut com o círculo completo não impediu os egípcios de emparelhar Nut com outra deusa, Naunet, de modo que juntos representassem os dois *metades* do círculo, representado pelos sinais do "acima" (Porca

) e o "abaixo" (Naunet ). Da mesma forma, os sacerdotes uniram Nut com o homem figura Geb, identificando Nut com a metade superior do invólucro e Geb com a inferior. Segundo a tradição, a separação das porções era feita pelo deus Shu, o pilar com os braços estendidos. *Na verdade, eram os braços de Shu (ie, o crescente de Saturno) que dividia o círculo em regiões superiores e inferiores, de acordo com a tradição original.*





A divisão do cerco em metades masculina (inferior) e feminina (superior) deu origem a dois signos inter-relacionados de conotação masculina e feminina. O sinal  retrata o poder masculino (geralmente traduzido como "senhor"), enquanto a mesma imagem semicircular invertida (e em menor escala)  significa "feminino". Juntos, o superior e hemisférios inferiores compõem o círculo completo de Aton ou *Shen* vínculo. Traduzir as divisões masculinas e femininas como "céu" e "terra" simplesmente destrói o simbolismo inter-relacionado do cerco.





Figura 149. Nut e Geb, como Acima e Abaixo.

A terminologia em questão ("esquerda e direita", "acima e abaixo") diz respeito às regiões celestes marcadas pelo crescente giratório de Saturno, que é a face sempre girando do sol central (ou as "duas" faces do deus gêmeo) É por isso que o sinal

, que também pode ser apresentado inversamente , significa, entre outras coisas, *heru*, ou "rosto". o *Herui* são as "duas faces" de Hórus, ou de Hórus e Set, personificações reconhecidas da "Terra Superior" e da "Terra Inferior".

Pertencente à mesma imagem é a noção de dois "montes" semicirculares unidos de modo a formar um círculo completo.


O símbolo egípcio de "monte"  nada mais é do que a metade do útero esquartejado de Noz . Está

1606 *Op. cit.*, 19

1607 "A noz abrange e 'é' o céu e a terra", afirma Neumann. *Op. cit.*, 223.

o significado é "divisão da morada sagrada". O sol central pode ser designado "o Grande no monte" ou o habitante dos "dois" montes. 1608

Os dois montes são os dois *Atenti* ou *aterti*, as duas metades do Aton. *Uma tenda*, escrito com o sinal

 (1)

metade do alongado *Shen* vínculo ou cartucho



falar de um *atert meht*, a "metade inferior" do Aton; e um *atert shema*, a "metade superior". Qualquer tentativa de entender essa terminologia em termos terrestres só pode gerar confusão.

As divisões de "direita e esquerda" e "acima e abaixo" não são apenas manifestamente cósmicas, seu caráter especial deriva da relação do crescente giratório com o deus estacionário e seu invólucro. Quando o crescente passa abaixo do deus




textos dizem dos gêmeos cósmicos: "As duas amantes de Buto [a cidade celestial] acompanham você à direita e à esquerda. . . , eles o apóiam e se curvam diante de você." 1609 A mesma coisa é dita das regiões gêmeas:

As duas regiões de Abtet [a esquerda] e Amentet [o certo] fazer adoração a ti, curvando-se e pagando homenagem a [Sethes, "Apoiando"] ti. 1610

Ó luminar, as metades inferior e superior do Céu [animal de estimação] vêm a ti e se curvam em adoração. 1611

Que o *reverência* região significa a metade superior do gabinete (em oposição à região de "suporte" abaixo

) é demonstrado pelo simbolismo de Nut. Embora Nut, em seu relacionamento com Geb represente "acima", essa qualidade da deusa pode ser representada pelo sinal







significado-



Dia de saturno

No crescente giratório, possuímos a chave para o simbolismo egípcio do "dia" e da "noite", pois a posição do crescente simplesmente refletia a posição do orbe solar em relação ao observador terrestre. Deve-se pensar no crescente giratório como o navio de Saturno, no qual o deus viajou em torno das quatro regiões ("acima"

, "esquerda"

, "abaixo" , "certo" ) , o tempo todo em um só lugar. As quatro posições (regiões) corresponderão

a quatro segmentos do dia arcaico:

1 O ciclo começou com a descida do crescente à medida que se movia de sua posição "acima"



acima da cabeça) para sua posição diretamente à "esquerda" de Saturno



Saturno e o crescente começaram a ficar brilhantes, devido ao escurecimento dos céus quando o orbe solar afundou abaixo do horizonte. Portanto, no simbolismo geral da "esquerda e direita" (Abtet e Amentet), a esquerda é a região do "amanhecer" ou "claridade crescente".

A nave cósmica, ao chegar a Abtet, a "esquerda", tornou-se a *Matet* navio, cujo nome significa "se tornando forte". Em outras palavras, foi um *descendente* navio que ficou brilhante - um fato que frustrou muitos mitologistas solares, que esperariam que o "amanhecer" ou "manhã" se expressasse em um *Aumentar* casca solar. "Desço no navio da manhã", afirma o deus. 1612

1608 Piankoff, *Litania de Re*, 169


1609 Lacau, *op. cit.*, 37


1610 Mudar, *O Livro Egípcio dos Mortos*, 85

1611 *Ibid.*, 80


1612 *Texto Caixão* 118; veja também Feitiço 302.


Incluindo a montagem polar, a imagem do "amanhecer" é. Os egípcios deram forma humana à imagem na

hieróglifo , símbolo do *tua* ou "manhã". Miticamente, o deus "desperta" e os espíritos do cidade celestial ganha vida, "louvando" e "apoando" o deus com os braços em forma de lua crescente. Foram estes

aspectos do amanhecer arcaico que forneceu o sinal de pilar egípcio despertar "," para louvar "," para apoiar ". 

2 O momento supremo do "dia" era aquele em que a lua crescente de Saturno assentava diretamente sobre o centro

pilar, os dois chifres do crescente alcançando igualmente à esquerda e à direita . Neste momento, o orbe solar ficou diretamente abaixo do observador terrestre, e toda a configuração de Saturno brilhou com mais intensidade.

3 - À medida que o crescente viajava em direção à região do brilho "certo", o brilho (que atingiu o domínio do céu do sol) de Saturno *Semktet* navio, ou o navio de "tornar-se fraco". O deus "navega rio acima" no *Semktet* navio (novamente, uma surpresa para os mitologistas solares). No reino dual de AbtetAmentet, a região de Amentet (o "direito") é, portanto, o domínio de declínio ou "entrada". 


4 - O ciclo foi completado com o retorno do crescente à posição "acima"

a sobrecarga). Este ponto do ciclo, quando a luz de Saturno estava mais subjugada, era a "noite" arcaica. 


O ciclo do dia e da noite é um dos temas mais difundidos na arte egípcia, e a chave é o crescente giratório. Em conexão com os gêmeos cósmicos, eu já **notado** que o par primitivo tem sua origem nas posições alternadas do crescente em torno do sol central, e que essa oposição simétrica é retratada em ilustrações do ciclo diário. Os artistas frequentemente exibiam um par de braços (= crescente) alcançando o Aton alternadamente de cima e de baixo, ou da esquerda e da direita. Estas não são apenas imagens das regiões duais, mas do ciclo de "surgimento e diminuição".

Em torno deste ciclo, os egípcios construíram uma gama impressionante de símbolos, e a conexão subjacente com o crescente giratório se reflete em duas regras básicas:




1 Todos os símbolos do "dia" (em oposição à "noite") têm sua origem na imagem do crescente "abaixo". É por isso que os sinais para a região "inferior" geralmente se sobrepõem aos sinais para o "dia". Na verdade, uma série de

ideias inter-relacionadas convergem na mesma imagem celestial (): "Abaixo", "inferior", "dia", "vindo adiante, " vida ", " existência ", " despertar ", " apoiar ", " celebrar ", " poder masculino ".

2 Da mesma forma, os símbolos da "noite" geralmente coincidem com os símbolos do "acima", todos levando seus

significado do crescente invertido (), Os significados incluem: "acima", "superior", "monte", "Noite, diminuída", "negação, ausência", "adormecido", "ocultação", "reverência", "feminino", "chegada" (no topo) e "conclusão" (do ciclo).

Aqui estão alguns dos principais sinais:

1 . Os sinais não apenas retratam Khut ou Monte da Glória, eles significam "o surgimento" do deus-sol, que brilha entre os dois picos da direita e da esquerda. Nesse sentido, os signos têm exatamente o mesmo significado como a imagem , *ie*, o dia." Mas o sinal da montanha  também significa "o abaixo".

Embora os egiptólogos gostem de pensar nos dois picos fixos em nossa terra, os próprios egípcios sabiam que o grande deus "navegava" no Khut ou "girava" ao redor de Aton no Khut. É por isso que os artistas não só

colocou os dois picos no navio giratório, mas *frequentemente os retratou em uma posição invertida*

 *acima de Aten.*

Os picos invertidos significam simultaneamente "o acima" e "ocultação" ou "obscuridade". Juntos, os picos verticais e invertidos representam o ciclo completo do dia e o círculo completo (acima e abaixo) do reino celestial.

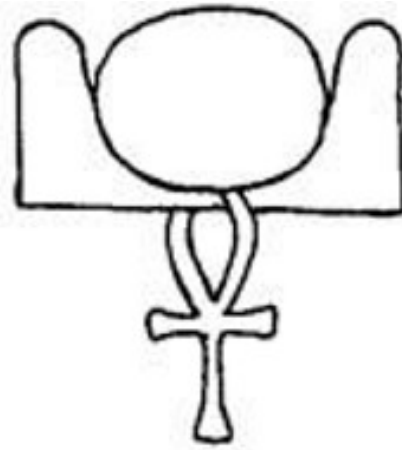


Figura 150. Khut e Ankh, símbolos intercambiáveis das montanhas de picos duplos.

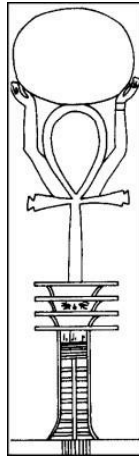


Figura 151. (a)

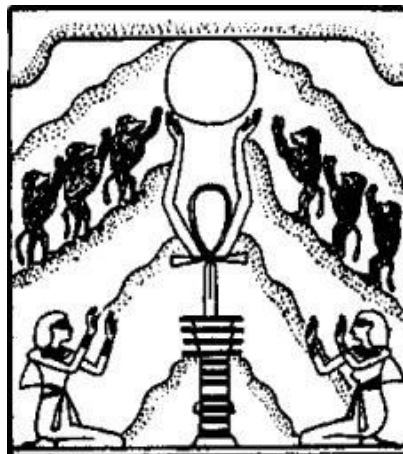
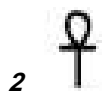


Figura 151. (b) Ilustrações egípcias do Ankh, com os braços estendidos segurando o Aton. O Ankh emite do Tet, o pilar da "estabilidade". (uma & b)



2 . Nenhum sinal egípcio é mais familiar para o mundo moderno do que o *Ankh*. No simbolismo egípcio, o Ankh corresponde em significado fundamental ao Khut, ou Monte da Glória. Para transmitir essa equação, os artistas sobrepuseram o Ankh nos dois picos (FIG. 150) ou mostrou o Aton descansando, não no Khut, mas em dois braços estendendo-se para cima a partir do Ankh (figs. 151a , 151b)

O Ankh (cujas origens os especialistas há muito debatem) é apenas uma imagem convencionalizada da configuração polar durante o período de "surgimento" ou "vida". Nós já temos visto que a imagem do

meia-lua
adiciona o pilar central.



passou para os formulários relacionados





. O ankh



apenas

Assim como o sol central "surge no Monte da Glória", também "surge no Ankh" - literalmente, "na Montanha da vida". Como uma figura do período de brilho ou "atividade" do deus-sol, o hieróglifo passou a significar "vida" em geral.

3 - . Este sinal para a "face superior" do deus-sol obtém seu significado do crescente em sua posição "acima" , ie, a posição "noturna". Assim, além de seu significado como "região superior", o sinal também denota "obscuridade", "ocultação" e "noite".

Para mostrar a relação de acima e abaixo ("noite e dia"), os artistas costumavam colocar o sinal de cume



de modo que juntas as duas imagens apresentem um gabinete, significando o círculo completo do Aton.



sobre o



Figura 152. Juntos, o "acima" e o "abaixo" (os braços erguidos) formam o cercamento do "acima e abaixo".

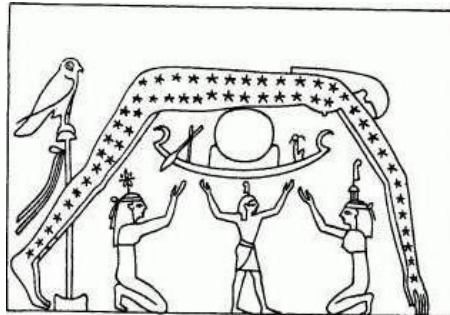





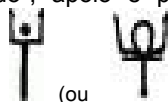


Figura 153. Nut, the Above, erguido por Shu. (Braços de Shu = navio = picos gêmeos como figuras do Abaixo).



4 - , , , , . Braços erguidos, no simbolismo egípcio, significam o crescente "abaixo"

e, portanto, possuem toda a gama de significados associados ao "dia" de Saturno. Os braços Ka, comumente mostrados apoiando o Aton, transmitem o sentido de "vida", "surgindo", "apoio" e "poder masculino"



(ou



) denota "Re vivo", enquanto o sinal

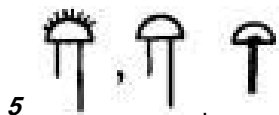




carrega o

("Abaixo" = "princípio masculino"). O sinal



significados inter-relacionados "apoiar", "celebrar".



Mas várias ilustrações também mostram os braços Ka abraçando o Aton de *acima* (figos. 113, 114) Aqui, eles denotam "a região superior", a região da "noite". Portanto, os sinais relacionados e os braços (invertidos) significam "cessação", "ausência", "negação" e conclusão".



5 . Nas ilustrações do ciclo diário, esses sinais da "região superior" (correspondendo ao crescente acima ) são intercambiáveis com a imagem do pico da fenda invertida . Eles significam "escondido", "Oculto" e, por extensão, "misterioso", "secreto".




(Sobre o sinal , no entanto, um significado adicional merece consideração. O recinto duplo, ou o círculo dos gêmeos cósmicos - pertencente a posições simetricamente relacionadas do crescente - é um círculo meia luz e meia sombra. Em um personagem, os gêmeos simplesmente representam as divisões claras e escuras, de modo que o semicírculo invertido  pode representar, não o crescente "noturno", mas o *sombra* durante o dia








configuração . Portanto, é altamente significativo que o sinal , ler *Khaibit*, significa "sombra". Como a mulher parte [superior] do círculo, o Khaibit passa a ser concebido como o consorte do poder masculino [região inferior]. Claro, dificilmente se poderia esperar que os egípcios mantivessem rigorosamente a distinção entre a "sombra" e o crescente invertido.)









6 . Como antes [notado](#), todos os símbolos de Aton descansando nos chifres significam "vinda



adiante "e" abaixo". Mas no sinal, o  os chifres são invertidos sobre o sol central e o pilar. Os sinais significados são "oculto", "misterioso".


7 , , , . Todas essas imagens do "monte" primitivo retratam a região superior, demarcada pelo crescente na conclusão do ciclo diário. Assim, o sinal do monte  (ou ) significa "chegar (em topo), "" para completar a jornada (ou ciclo)." Intimamente relacionado está o sinal de montículo , "Chegar." Geralmente o que se refere à região de "sono", "morte" ou "luz diminuída".

O reverso desses sinais de montículo é  sugerindo o crescente em sua posição "diurna". O glifo significa "dourado" ou "brilhante".

8 , . Enquanto o sinal  denota o poder masculino do Cosmos (abaixo), o inverso imagem  denota o feminino (o anterior). Quando o crescente atinge o nível inferior, o reino celestial está em "celebração". Daí o sinal  significa "celebração", "festival da vida".

Embora muitos aspectos adicionais do duplo reino egípcio e do círculo relacionado de "dia e noite" precisem ser explorados, eu cito o acima simplesmente para indicar como a configuração de Saturno pode iluminar certas imagens egípcias que há muito permaneceram inexplicadas.

A respeito da relação do sistema egípcio com a língua e os símbolos de outras nações, não ofereço nenhuma regra constante. Mas há todas as razões para acreditar que certos princípios gerais podem ser aplicados em outros lugares. No antigo pensamento sumério, por exemplo, o "Cosmos" é designado pelo termo *an-ki*. (Jensen traduz a palavra como "o Todo".) 1613 A tradução mais comum de *an-ki* é "céu e terra". Mas o símbolo de "o tudo" é

, e as *literal* significado de *an-ki* está "acima e abaixo", sugerindo um paralelo notável com o círculo egípcio de *pet-ta*. E assim como a deusa egípcia Nut forma o "círculo de cima e de baixo", a deusa suméria Inanna "abrange o an-ki".

1613 *Op. cit.*, 1-3.

Para desvendar o simbolismo do reino dual, ou do reino dividido, o primeiro requisito é deixar de lado as interpretações geográficas prevalentes. A linguagem se originou em conexão com a morada celestial. Na imagem original, a frase “céu e terra” não tem sentido. Não há “norte”, “sul”, “leste” ou “oeste”, há simplesmente o acima e o abaixo, a esquerda e a direita, as regiões de surgimento e declínio. Quanto à capacidade desse princípio para resolver numerosos enigmas da linguagem antiga, não tenho dúvidas.



XI: Conclusão

Nas páginas anteriores, tentei mostrar que os motivos mais antigos do ritual e do mito se concentram em um conjunto coerente de idéias - e que essas idéias não têm nenhuma relação com a ordem mundial atual. O que o homem moderno vê como criações de uma imaginação fragmentada e irracional, na verdade pertence a uma visão de simplicidade excepcional. Os ciclopes, dragões e gigantes de uma perna só falam não por especulação irrestrita, mas por uma vez poderes visíveis.

Para os escritores modernos, que buscam penetrar na linguagem do mito, é como se as primeiras raças inventassem seu simbolismo fantástico com desdém consciente pelos esforços posteriores de compreensão. "Qualquer pessoa que já tenha entrado no labirinto dos compêndios míticos de uma cultura arcaica (o *Pirâmide Textos*, a *Vedas*, a *Teogonia*) pode testemunhar uma suspeita desesperada de que não existe um fio de realidade objetiva", confessou um classicista. Tal suspeita é difícil de dissipar diante de imagens "primitivas" como montanhas douradas alcançando o céu, ilhas e templos giratórios, deusas aladas, touros cósmicos, serpentes circulares e rios de fogo descendentes. Os mitologistas rapidamente se desesperam com uma explicação racional.

Mas é a tese deste livro que a confusão resulta principalmente do fracasso da era moderna em discernir a ordem cósmica subjacente à qual os mitos se referem. Nossa reconstrução deste pedido inclui os seguintes elementos:

1 Na era mais antiga lembrada pelo homem, o planeta Saturno era o corpo celeste dominante. Raças antigas em todo o mundo registram que houve uma "Idade de Ouro" - um reino de harmonia cósmica governado por um deus de luz central. Numerosas fontes identificam esse deus da luz como o planeta Saturno.

2 Relatos da aparência de Saturno sugerem que o planeta pendia ameaçadoramente perto da Terra. Nos primeiros rituais e astronomia, Saturno aparece como o "sol primordial", descrito como uma figura de "esplendor aterrorizante". Hoje, Saturno aparece como uma partícula de luz nua seguindo o mesmo caminho visual que o orbe solar. Mas durante a lendária Idade de Ouro, Saturno situou-se no norte. Lendas de todos os continentes descrevem o sol primitivo como um imenso globo de fogo no pólo celeste norte - o eixo visual dos céus. Ao contrário do orbe solar nascente e poente, o sol primordial permaneceu fixo em um lugar.

3 - A era moderna interpretou mal os antigos relatos do "início". Esses relatos falam de um criador, um primeiro homem e um primeiro rei - todos se referindo à mesma figura cósmica. É impossível entender esses relatos em qualquer sentido convencional porque a terminologia antiga carrega significados radicalmente diferentes do moderno. O lendário criador, primeiro homem e primeiro rei foi Saturno.

4 - O tema da lenda da criação global é um evento cósmico espetacular realmente testemunhado pelos antigos: grandes quantidades de detritos cósmicos explodiram de Saturno, nublando os céus e eventualmente congelando em uma vasta faixa ao redor do planeta. Em termos míticos, essa banda foi a "terra" criada por Saturno no céu. Saturno governou este reino celestial como o Monarca Universal e Adão, o "Homem" Primordial.

5 Os antigos desenhavam imagens de Saturno incessantemente, e essas imagens serão encontradas em todo o mundo. Papiros antigos, tabuinhas de argila, monumentos, artefatos e desenhos de rocha mostram de forma consistente uma orbe central cercada por um círculo. Este símbolo do "sol fechado" é o hieróglifo original do planeta Saturno.

6 Imagens de Saturno em seu gabinete aparecem em todas as páginas de textos antigos. A banda é a esposa de Saturno, a deusa mãe. Mas também é seu templo giratório, cidade ou ilha no céu. É a "roda do mundo" estacionária, mas sempre giratória, lembrada por quase todas as raças antigas. Saturno usa a faixa como um cinto dourado, colar,

ou coroa. Ele habita nele como a pupila do Olho que tudo vê. A mesma banda recebe interpretação mítica como o trono de Saturno, um receptáculo de águas cósmicas e uma serpente envolvente.

7 Quatro fluxos primários de luz pareciam irradiar de Saturno, dividindo a faixa saturnina em quartos. o



os símbolos desses quatro riachos são a cruz do sol e cruz solar fechada. Miticamente, estes são os quatro rios do paraíso perdido, os quatro ventos e os quatro pilares do Cosmos de Saturno. A cruz do sol fechada é, portanto, a imagem universal do "estado unificado" em nossa terra, pois cada "terra santa" terrestre era uma cópia do *ideal* reino acima.

8 Os mesmos registros que descrevem a banda de Saturno e sua divisão quádrupla retratam uma corrente em forma de pilar ascendendo ao eixo do mundo e visualmente parecendo sustentar a habitação de Saturno. Duas imagens principais deste



"Montanha cósmica" são e . Nos mitos, esta coluna aparece como a única perna do grande deus, uma vertical fluxo de água ou ar (o Vento Norte), e a serpente ereta ou dragão das profundezas.

9 Recebendo luz do orbe solar, a faixa saturniana adquiriu um crescente iluminado, que, conforme a Terra girava em seu eixo, girava visualmente em torno de Saturno a cada dia. As porções claras e escuras da banda encontraram expressão nos gêmeos cósmicos preto e branco, enquanto as posições alternadas do crescente produziram os gêmeos da "direita e esquerda" ou "acima e abaixo".



10 Na configuração polar os antigos viram, de uma vez, o cume fendido da montanha cósmica, com o sol central entre os picos da direita e da esquerda; o touro cósmico sustentando Saturno entre seus chifres; A lua crescente de Saturno no topo da montanha; o gigante que sustenta o céu com os braços estendidos; o deus ou deusa alado; a planta da vida; A espada giratória de Saturno; e o altar do mundo. Foi a relação do crescente de Saturno com o período de brilho de Saturno que produziu o simbolismo original das quatro direções e do "dia e noite".

Nos primeiros tempos, a configuração saturnina era o ponto focal exclusivo dos ritos religiosos. Mas quando a Idade de Ouro de Saturno passou, a humanidade recorreu a todos os aspectos da natureza para comemorar seu reinado. O orbe solar, a lua, as forças meteorológicas, vários animais, montanhas e rios - todos manifestam alguma qualidade especial do rei criador. E onde nenhum poder representativo estava disponível na natureza, os antigos moldaram seus próprios monumentos em terra e pedra.

O primeiro requisito, então, é distinguir entre as formas cósmicas primitivas, por um lado, e, por outro lado, as imagens representativas escolhidas para representar essas formas no ritual e no mito. Devemos separar o *arquétipo* (realidade oculta) do *símbolo* (analogia ou representação da realidade).

Ao examinar o mundo do simbolismo, nossa situação é muito parecida com a dos moradores da caverna alegórica de Platão, que podem discernir a natureza das coisas apenas por meio dos espectros sombrios lançados na parede. A maioria dos habitantes da caverna pensa que as sombras são o mundo real, mas ocasionalmente um homem mais sábio reconhece que as sombras são apenas a imagem borrada de uma realidade mais coerente.

O mesmo ocorre com os mitos e rituais antigos. Não se deve confundir a sombra com sua fonte, o símbolo com a coisa simbolizada.

Se os egípcios passaram a considerar o touro sagrado, foi apenas porque esse animal era a contrapartida natural do Touro do Céu, cujos chifres, sustentando a própria abóbada do Cosmos, "brilhavam como o dia". Se a águia era venerada da mesma forma, era porque suas asas expandidas pareciam espelhar uma qualidade especial do criador "alado", ou a deusa "alada".

O mesmo princípio se aplica ao simbolismo das constelações. Os poderes vitais representados por figuras de constelação datam de uma época muito antes dos homens começarem a impor formas antropomórficas e zoomórficas em grupos de estrelas. Mas, eventualmente, os antigos procuraram representar diversos aspectos e tradições do grande deus, esboçando-os nos céus.

Poderia um grupo de estrelas sem padrão ter inspirado a história do poderoso Orion? Em vez disso, a história de Orion precedido astrologia. (Na verdade, Órion é amplamente conhecido como a versão grega do Tammuz-Ninurta babilônico, o planeta Saturno.) E quando os sacerdotes-astrônomos finalmente projetaram Órion na cúpula estrelada, eles receberam apenas a assistência mais fraca dos próprios padrões estelares .

Da mesma forma, nosso sol, ao contrário da opinião de longa data, nunca inspirou a ideia de um “deus supremo” e nunca produziu um mito original da criação. Só em tempos posteriores os poetas e historiadores confundiram o orbe solar com o grande deus dos primórdios. Mas que tal confusão tenha ocorrido é crucial para uma compreensão do desenvolvimento da religião antiga. No Egito, por exemplo, o ritual original do *sol central* foi eventualmente transformado em elogios ao orbe solar; e a devoção ao reino celestial passou finalmente a uma veneração da natureza como um todo. (A mudança mais decisiva ocorreu na época de Akhenaton.) Pode-se traçar desenvolvimentos semelhantes entre numerosas raças, à medida que sacerdotes, filósofos, astrônomos e gerações de mentalidade mais prática se tornaram cada vez mais preocupados com “este mundo”, reformulando as imagens saturnianas dentro do contexto de uma ordem cósmica menos espetacular.

Em vez de tentar seguir o complexo processo aqui, peço ao leitor que aguarde o tratamento do assunto no segundo volume desta obra (intitulado *O Cataclismo*). O fato é que as tradições revisadas nas seções anteriores fornecem apenas o prefácio do drama saturnino. Nessas páginas, busquei apenas demonstrar a realidade da configuração polar de Saturno, reservando a discussão da calamidade final para o volume subsequente.

A morte ou queda de Saturno, descobriremos, constituiu a catástrofe prototípica, recontada pelos antigos em numerosas formas e elaborações. O colapso do reino celestial; o dilúvio que destrói o mundo; a batalha com a serpente-dragão das profundezas; o nascimento de Júpiter; o filho-herói; a ressurreição e transformação de Saturno; e a eventual partida de Saturno para um reino distante - esses são os elementos-chave em uma história de impacto incalculável na imaginação antiga.

Mas para decifrar os mitos da grande catástrofe, é preciso ter claramente em mente a natureza da ordem celestial encerrada com a queda de Saturno. Para aqueles que desejam investigar a questão com espírito objetivo, há a promessa de descobertas dramáticas sobre o passado do homem.



Bibliografia

VS Agrawala,

- *Faíscas do Fogo Védico* (Benares, 1962);
- *O discurso das mil sílabas* (Benares, 1963).

WF Albright,

- "A Foz dos Rios", *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, Vol. XXXV, No. 4;
- "A Deusa da Vida e da Sabedoria", *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, vol. XXXVI, No. 261.

Hartley Burr Alexander,

- *Mitologia norte-americana*, "Mythology of All Races," vol. X (Nova Iorque, 1964);
- *Mitologia latino-americana*, "Mythology of All Races," vol. XI (Nova York, 1964). John M. Allegro, *O Cogumelo Sagrado e a Cruz* (Nova York, 1970). Apolodoro, *A biblioteca* (Cambridge, 1967), James G. Frazer, ed., 2 vols. James Bailey, *Os Deus-Reis e os Titãs* (Nova York, 1973).

HS Bellamy, *Luas, mitos e homem* (Nova York, 1938). Elsdon Best, *O Conhecimento Astronômico dos Maori* (Wellington, 1922).

SS Bhawe, *Os Hinos Soma do Rig Veda* (Baroda, 1957).

CJ Bleeker, *Hathor e Thoth* (Leiden, 1973). Raymond Bloch, "Le Symbolisme Cosmique," *Série Orientale Roma*, Vol. XIV (Roma, 1957). Franz Boll, "Kronos-Helios," *Archiv für Religionswissenschaft*, XIX (1916-19).

A. Bouche-Leclercq, *L'Astrologie Grecque* (Paris, 1899). Robert

Briffault, *As mães* (Londres, 1927), Vol. I. Robert Brown, Jr.,

- *Eradinus: River e Constellation* (Londres, 1883);
- *Pesquisas sobre as origens das constelações primitivas* (Oxford, 1900), 2 vols.

KH Brugsch,

- *Thesaurus Inscriptionum Aegyptiacarum* (Leipzig, 1883-91);
- *Religion und Mythologie der Alten Ägypter* (Leipzig, 1890).

EA Budge,

- *O Livro Egípcio dos Mortos* (Londres, 1901);

- *Um vocabulário hieroglífico para a recensão tebana do livro dos mortos* (Londres, 1911);
- *Do Fetiche a Deus no Antigo Egito* (Londres, 1934);
- *Osiris: A Religião Egípcia da Ressurreição* (Nova York, 1961);
- *O Papiro de Ani* (Nova York, 1967);
- *Os Deuses dos Egípcios* (Edição de Dover, Nova York, 1969), 2 vols;
- *A ladainha das ofertas funerárias* (Nova York, 1972).

CA Burland, *Os Deuses do México* (Nova York, 1967).

EAS Butterworth,

- *A árvore no umbigo da terra* (Berlim, 1970);
- *A História Antiga de Cambridge* (Cambridge, 1971), Vol. I. Joseph Campbell,
- *Mitologia Oriental* (Edição Viking Compass, Nova York, 1970);
- *Mitologia Ocidental* (Edição Viking Compass, Nova York, 1970).

Maurice A. Canney, "Antigos Conceitos de Realeza", *Estudos Orientais em Honra a Cursetji E. Pavry*, JD C. Pavry, ed. (Londres, 1933).

Albert J. Carnoy, *Mitologia iraniana*, "Mythology of All Races," vol. VI (Nova York, 1964).

RH Charles, ed., *Os Apócrifos e Pseudepígrafes do Antigo Testamento* (Oxford, 1913). Mohini M. Chatterji, tradutor, *O Bhagavad Gita* (Nova York, 1960).

JC Cirlot, *Um Dicionário de Símbolos* (Londres, 1962).

RT Rundle Clark, *Mito e símbolo no antigo Egito* (Nova York, 1959).

Hermann Collitz, "König Yima und Saturn", em *Estudos Orientais em Honra a Cursetji E. Pavry*, JDC Pavry, ed. (Londres, 1933).

VCC Collum, "Die Schöpferische Mutter Göttin", em Olga Fröbe-Kapteyn, *Vorträge über Gestalt und Kult der Grossen Mutter, Eranos-Jahrbuch* (Uppsala, 1938).

E. Combe, *Histoire du Culte de Sin* (Paris, 1908). Jack Randolph Conrad, *O Chifre e a Espada* (Nova York, 1957).

AB Cook, *Zeus: um estudo na religião antiga* (Nova York, 1964), 3 vols.

AK Coomaraswamy,

- "Simbolismo da Cúpula," *The Indian Historical Quarterly*, Vol. XIV, No. 1 (março de 1938);
- *Uma nova abordagem para os Vedas* (Londres, 1963);
- *Elementos da iconografia budista* (Nova Delhi, 1972).

AK Coomaraswamy e irmã Nivedita, *Mitos dos hindus e budistas* (Nova York, 1967).

F. Cumont, *Os Mistérios de Mitra* (Nova York, 1956). James Darmesteter, *The Zend Avesta* (Oxford, 1880), 3 vols.

HR Ellis Davidson, *Deuses e mitos do norte da Europa*, Edição Penguin Books (Middlesex, 1964). Hertha von Dechend, com

Giorgio de Santillana, *Hamlet's Mill* (Boston, 1969). Armand Delatte, *Études sur la Litterature Pythagoricienne* (Paris, 1915).

Edouard Dhorme, *Les Religions de Babylonie et d'Assyrie* (Paris, 1949).

Roland B. Dixon, *Mitologia Oceânica* "Mythology of All Races," vol. IX (Nova York, 1964). Inácio Donnelly,

- *Atlantis, o Mundo Antediluviano* (Nova York, 1882);
- *Ragnarok: A Idade do Fogo e Cascalho* (Nova York, 1883).

MJ Dresden, "Mythology of Ancient Iran", em Samuel N. Kramer, ed., *Mitologias do Mundo Antigo* (Garden City, 1961).

ES Drower, *A Coroação do Grande Sislam* (Leiden, 1962). Fray Diego Duran, *Livro dos Deuses e Ritos*, Fernando Horcasitas e Doris Heyden, trad. (Norman, 1971).

J. Eggeling, trad., *Satapatha Brahmana* (Delhi, 1963), 3 vols. Robert Eisler, *Weltenmantel und Himmelszelt* (München, 1910). Mircea Eliade,

- *Le Chamanisme et les Techniques Archaïques de l'Extase* (Paris, 1951);
- *O mito do retorno eterno* (Westminster, 1954);
- *Padrões na religião comparada* (Nova York, 1963). Ellen Russell Emerson, *Mitos indianos* (Wayzata, 1965). Énel, *Les Origines de la Genèse et l'Enseignement des Temples de l'Ancienne Égypte* (Paris, 1963). Adolf Erman, *A literatura dos antigos egípcios* (Nova York, 1971).

WY Evans-Wentz, *O Livro Tibetano dos Mortos* (Oxford, 1957). Hugh G. Evelyn-White, trad., *Hesíodo, os Hinos Homéricos e Homérica* (Cambridge, 1970).

GS Faber,

- *Uma dissertação sobre o Cabiri* (Oxford, 1803), 2 vols .;
- *As Origens da Idolatria Pagã* (Londres, 1816), 3 vols.

RO Faulkner, trad., *Os Textos das Pirâmides do Antigo Egito* (Oxford, 1969), trad., *Os textos do caixão* (Oxford, 1974).

John C. Ferguson, *Mitologia chinesa*, "Mythology of All Races," vol. VIII (Nova York, 1964). Maurice Fluegel, *Filosofia, Qabbala e Vedanta* (Baltimore, 1902). Henri Frankfort,

- *A aventura intelectual do homem antigo* (Chicago, 1946);
- *Reinado e os Deuses* (Chicago, 1948). James G.

Frazer,

- *The Golden Bough*, Vol. I (Londres, 1907);
- *The Golden Bough*, edição abreviada (Nova York, 1963). Theodor H. Gaster, *Mito, lenda e costume no Antigo Testamento* (Nova York, 1969). Peter Gelling, com Hilda Davidson, *A Carruagem do Sol* (Nova York, 1969). Louis Ginzberg, *As lendas dos judeus* (Filadélfia, 1913), Vols. I e 11. Eugene Goblet d'Alviella, *A migração de símbolos* (Nova York, 1956). Delia Goetz, com Sylvanus G. Morley, *Popul Vuh* (Norman, 1950).

BL Goff, *Símbolos da Mesopotâmia Pré-histórica* (Yale, 1963). Ignaz Goldziher, *Mitologia entre os hebreus* (Nova York, 1967). Robert Graves, *Os mitos gregos* (Nova York, 1955). Robert Graves, com Raphael Patai, *Mitos hebraicos: O livro do Gênesis* (Nova York, 1966).

L. Grevan, *Der Ka em Theologie und Königskult der Ägypter des Alten Reichs* (Gluckstadt, 1952). Jacob Grimm, *Mitologia Teutônica*, JS Stallybrass, trad. (Nova York, 1966), 4 vols. Rene Guenon,

- *Le Roi du Monde* (Paris, 1958);
- *Le Symbolisme de la Croix* (Paris, 1931);
- *Études sur l'Hindouisme* (Paris, 1968);
- *Formes Traditionelles et Cycles Cosmiques* (Paris, 1970).

WKC Guthrie,

- *Os gregos e seus deuses* (Boston, 1955);
- *Orfeu e a religião grega* (Nova York, 1966).

Manly P. Hall, *Um Esboço Enciclopédico da Filosofia Simbólica Maçônica, Hermética, Cabalística e Rosacruz* (São Francisco, 1928).

J. Renel Harris, *Boanerges* (Cambridge, 1913).

M. Selim Hassan, *Império Hymnes Religieux du Moyen* (Cairo, 1928).

C. Hentze,

- "Cosmogonie du Monde Dresse Debout et du Monde Renverse," *Serie Orientale Roma*, Vol. XIV (Roma, 1957);
- *Das Haus als Weltort de Seele* (Stuttgart, 1961).

H. Heras, *O Império da Suástica* (Bombaim, 1937). Thor

Heyerdahl, *Kon-Tiki* (Chicago, 1951). Hirata, *Shinto puro* (Yokohama, 1910).

AM Hocart,

- *Reinado* (Oxford, 1927);
- *Reis e Conselheiros* (Chicago, 1970). Hans Hoerbiger, *Glacial Kosmogonie*, 2nd edição (Leipzig, 1925). Maj Sandrnan Holmberg, *O Deus Ptah* (Lund, 1946). Uno

Holmberg,

- *Der Baum des Lebens* (Helsinki, 1922);
- *Die Religiösen Vorstellungen der Altaischen Völker*, Folklore Fellows Communications, vol. 125 (1938);
- *Mitologia siberiana*, "Mythology of All Races," vol. IV (Nova York, 1964). Indianápolis, Indiana, Sociedade Histórica, *Walum Olum* (Indianapolis, 1954).

T. Jacobsen, *Em direção à imagem de Tammuz* (Harvard, 1970).

M. Jastrow,

- *A Religião da Babilônia e da Assíria* (Boston, 1898);

- "Sol e Saturno," *Revue d'Assyriologie et d'Archeologie Orientale*, Vol. 7 (1909). Peter Jensen, *Die Kosmologie der Babylonier* (Strassburg, 1890). Alfred Jeremias,

- *Monotheistische Strömungen Innerhalb der Bab. Religião* (Leipzig, 1904).

- *Handbuch der Altorientalischen Geisteskultur* (Leipzig, 1913);

CG Jung, *Obras Coletadas*, Bollingen Series (Princeton, 1956-72).

CG Jung, com C. Kerényi,

- *Ensaio sobre uma ciência da mitologia*, RFC Hull, trad. (Princeton, 1969);

- *O Kalevala* (Cambridge, 1963), Francis P. Magoun, Jr., tradutor.

Hermann Kees, "Kulttopographische und Mythologische Beiträge," *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Altertumskunde*, 71 Band, Erstes Heft.

AB Keith,

- *Mitologia indiana*, "Mythology of All Races," vol. XII (Nova Iorque, 1964);

- *A Religião e Filosofia do Veda e Upanishads* (Delhi, 1970), 2 vols. ;

- *Rigveda Brahmanas* (Delhi, 1971). Carl

Kerényi,

- *Asklepios* (Nova York, 1959);

- *Prometheus* (Nova York, 1963).

C. Kerényi, com CG Jung, *Ensaio sobre uma ciência da mitologia*, RFC Hull, trad. (Princeton, 1969).

R. Klibansky, com E. Panofsky e R. Saxl, *Saturno e melancolia* (Londres, 1964). Samuel Noah Kramer,

- *Das Tábuas da Suméria* (Indian Hills, 1956);

- *Mitologias do Mundo Antigo* (Nova York, 1961);

- *O Rito do Casamento Sagrado* (Bloomington, 1969);

- *Mitologia Suméria* (Nova York, 1972). Walter Krickeberg, *Religiões pré-colombianas americanas* (Nova

York, 1969). Pierre Lacau, *Traduction des Textes des Cercueik du Moyen Empire* (Paris, 1937). Stephen

Langdon,

- *Uma Gramática Suméria* (Paris, 1911);

- *Textos Litúrgicos Sumérios* (Filadélfia, 1917);

- *Liturgias e Salmos Sumérios* (Filadélfia, 1919);

- "Um Hino a Eridu," *Jornal da Sociedade de Pesquisa Oriental*, Vol. 5, No. 2 (1921);

- *Mitologia Semítica*, "Mythology of All Races," vol. V (Nova York, 1964). François

Lenormant,

- *Magia Caldéia* (Londres, 1878);

- *Les Origines de l'Histoire* (Paris, 1880), 3 vols.

Miguel Leon-Portilla, *Literaturas pré-colombianas do México* (Norman, 1969).

G. Rachel Levy, *Concepções religiosas da Idade da Pedra* (Nova York, 1963). Hildegard Lewy, "Origin and Significance of the Mâgen Dâwîd," *Archiv Orientalni*, Vol. 18 (1950).

Hildegard e Julius Lewy, "A Origem da Semana e o Calendário Asiático Ocidental Mais Antigo" *Hebrew Union College Annual*, Vol. 17 (1942-1943).

HP L'Orange, *Estudos na Iconografia da Realeza Cósmica* (Oslo, 1953).

JA MacCulloch,

- *Mitologia Eddic*, "Mythology of All Races," vol. II (Nova York, 1964);

- *Mitologia celta*, "Mythology of All Races," vol. III (Nova York, 1964). Donald A.

Mackenzie, *A migração de símbolos* (Londres, 1926).

FP Magoun, Jr., trad., *O Kalevala* (Harvard, 1963). Maude Worcester Makemson, *A estrela da manhã nasce* (New Haven, 1941).

AE Mariette, *Denderah* (Paris, 1880). Gerald

Massey,

- *The Natural Genesis* (Londres, 1883), 2 vols .;

- *Antigo Egito* (Nova York, 1970), 2 vols. Leinani Melville, *Filhos do Arco-íris* (Wheaton, 1969).

Siegfried Morenz, com Johannes Schubert, *Der Gott auf der Blume* (Ascona, 1954).

MA Moret, "Le Lotus et la Naissance des Dieux em Égypte," *Journal Asiatique*, T IX No. 1 (janeiro-fevereiro de 1917). William Mullen, "The Center Holds," *Pensee* (Maio de 1972).

W. Muller, *Die Heilige Stadt* (Stuttgart, 1961).

WM Muller, *Mitologia egípcia*, "Mythology of All Races," vol. 12 (Nova York, 1964).

E. Neumann, *A Grande Mãe* (Princeton, 1973). Percy E.

Newberry,

- "O pequeno reino do arpão e o porto mediterrâneo mais antigo do Egito", *Anais de Arqueologia e Antropologia*, Vol. I (1908);

- "Dois Cultos do Reino Antigo", *Anais de Arqueologia e Antropologia*, Vol. I (1908). Hugh Nibley, "Tenting, Toll, and Taxing," *The Western Political Quarterly*, Vol. XIX (1966). Swami Nikhilananda, *Os Upanishads*, edição abreviada (Nova York, 1963). Irmã Nivedita, com AK Coomaraswamy, *Mitos dos hindus e budistas* (Nova York, 1967).

Zelia Nuttall, *Princípios Fundamentais da Civilização do Velho e do Novo Mundo*, Archaeological and Ethnological Papers of the Peabody Museum, Vol. II (Harvard, 1901).

WT Olcott, *Mitos do Sol* (Edição Capricorn Books, New York, 1967). John O'Neill, *A Noite dos Deuses* (Londres, 1893).

RB Onians, *As Origens do Pensamento Europeu* (Cambridge, 1954). Ovid, *As Metamorfoses*, Horace Greeley, trad. (Nova York, 1960).

E. Panofsky, com R. Saxl e R. Klibansky, *Saturno e melancolia* (Londres, 1964). Raphael Patai,

- *A Deusa Hebraica* (Nova York, 1967);
- *Homem e Templo* (Nova York, 1967). Raphael Patai, com Robert Graves, *Mitos hebraicos: O livro do Gênesis* (Nova York, 1966). John Weir Perry, *Senhor dos Quatro Quartos* (G. Braziller, 1966). Donald L. Philippi, trad., *O Kojiki* (Princeton, 1969). Alexander Piankoff,

- *A Tumba de Ramsés VI* (Nova York, 1954);
- *Os Santuários de Tut-Ankh-Amon* (Nova York, 1955);
- *Papiros mitológicos* (Nova York, 1957);
- *A Lítania de Re* (Nova York, 1964);
- *A Pirâmide de Unas* (Princeton, 1968);
- *A errância da alma* (Princeton, 1974).

Erwin Pousselle, "Seelische Führung in Lebenden Taoismus", em Olga Fröbe-Kapteyn, ed., *Yoga und Meditation im Osten und im Westen* (Zurique, 1934);

JB Pritchard, ed., *Textos antigos do Oriente Próximo que chegam ao Antigo Testamento* (Princeton, 1969); George Rawlinson, *Heródoto* (Londres, 1964);

P. Renouf, *O Livro Egípcio dos Mortos* (Londres, 1904);

EA Reymond, *A Origem Mítica do Templo Egípcio* (Nova York, 1969); John Rhys, *Estudos da Lenda Arturiana* (Oxford, 1891); William Ridgeway,

- *A Origem da Tragédia* (Nova York, 1910).
- *Dramas e danças dramáticas de raças não europeias* (Cambridge, 1915);

WH Roscher,

- *Omphalos* (Leipzig, 1913).
- *Neue Omphalosstudien* (Leipzig, 1915).
- *Der Omphalosgedanke bei Verschiedenen Völkern* (Leipzig, 1918); Ralph L. Roys, *O Livro do Chilam Balem* (Norman, 1967); Giorgio de Santillana, com Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill* (Boston, 1969); Leopold de Saussure,

- "Origine Chinoise de la Cosmologie Iranienne," *Journal Asiatique* (Out.-Dez. 1922);

- "Origine Babylonienne de l'Astronomie Chinoise," *Archives des Sciences Physiques et Naturelles*, Vol. 5 (janeiro-fevereiro de 1923);

- "Le Systeme Cosmologique Sino-Iranienne," *Journal Asiatique* (Abril-junho de 1923);

- "La Série Septénaire, Cosmologique et Planétaire," *Journal Asiatique* (Abril a junho de 1924), *Les Origines de l'Astronomie Chinoise* (Paris, 1930).

R. Saxl, com R. Klibansky e E. Panofsky, *Saturno e melancolia* (Londres, 1964).

A. Sayce, *Palestras sobre a origem e o crescimento da religião* (Oxford, 1898).

Heinrich Schäfer, "Altägyptische Bilder der Auf- und Untergehenden Sonne," *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Altertumskunde*, VI Band.

G. Schlegel, *L'Uranographie Chinoise* (Taipei, 1967).

GG Scholem, *Gnosticismo Judaico, Misticismo Merkabah e Tradição Talmúdica* (Nova York, 1960). Johannes Schubert, com Siegfried Morenz, *Der Gott auf der Blume* (Ascona, 1954). Julius Schwabe, *Archetyp und Tierkreis* (Basileia, 1951). Vincent Scully, *A Terra, o Templo e os Deuses* (Nova York, 1969). Laurette Sejourne, *Água Queima* (Nova York, 1956). Åke W. Sjöberg com E. Bergmann, *A coleção de hinos do templo sumério* (Locust Valley, 1969).

G. Elliot Smith, *A Evolução do Dragão* (Manchester, 1919). Vincent A. Smith, "The Iron Pillar of Derhi", *Jornal da Royal Asiatic Society* (Janeiro de 1897). Herbert Spencer, *Os Princípios da Sociologia* (Londres, 1872-96).

MC Stevenson, *Os índios Zuni* (Washington, 1905). Snorri Sturluson, *The Prose Edda*, JI Young, trad. (Berkley, 1971). Elmer G. Suhr,

- *Antes de Olympos* (Nova York, 1967);

- *A Afrodite Giratória* (NewYork, 1969);

- *A Máscara, o Unicórnio e o Messias* (Nova York, 1970). Surya Kanta, *A lenda do dilúvio na literatura sânscrita* (Delhi, 1950). Knut Tallquist, "Himmelsgegende und Winde," *Studia Orientalia* 11 (1928).

J. Eric e S. Thompson, *História e religião maia* (University of Oklahoma, 1970).

RC Thompson,

- *Os Relatórios dos Magos e Astrólogos de Nínive e Babilônia*, Vol. II (Londres, 1900);

- *Os demônios e os espíritos malignos da Babilônia* (Londres, 1903). Giuseppe Tucci, *A Teoria e Prática da Mandala* (Londres, 1969). Edward Burnett Tylor,

- *Pesquisas sobre a História da Humanidade* (Londres, 1878);

- *Cultura Primitiva* (Londres, 1903).

E. Douglas Van Buren, "Concerning the Horned Cap of the Mesopotamian Gods", *Orientalia*, vol. 12 (1943) *Símbolos dos Deuses na Mesopotâmia* (Roma, 1945).

FA Vanderburgh, *Hinos sumérios de textos cuneiformes no Museu Britânico* (Nova York, 1966).

Hans Henning Van Der Osten, *Antigos bancos orientais da coleção do Sr. Edward T. Newell* (Publicações do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, vol. XXII).

Jacques Vandier, "Iousâas et (Hathor) -Nébet-Hétépet," *Revue d'Égyptologie* t. 17 (1965).

J. Van Dijk "Le Motif Cosmique dans la Pensée Sumérienne" *Acta Orientalia* (Vol. XXVIII No. 1-2).

HD Velanker, *Rigveda Mandala VII* (Bombaim, 1963). Zev Vilnay, *Lendas de Jerusalém* (Filadélfia, 1973).

WH Ward, *Os selos cilíndricos da Ásia Ocidental* (Washington, 1910).

WF Warren,

- "The Gates of Sunrise in Ancient Babylonian Art", *The Babylonian and Oriental Record*, vol. 111, No. 11 (outubro de 1889);

- *Paraíso encontrado* (Boston, 1885).

AJ Wensinck,

- "As idéias dos semitas ocidentais sobre o umbigo da terra", *Afdeeling Letterkunde* (Deel XVII No. 1);

- "O oceano na literatura dos semitas ocidentais", *Afdeeling Letterkunde* (Deel XIX No. 2). Alice Werner, *Mitologia africana*, "Mythology of All Races," vol. VII (Nova York, 1964). William Whiston, *Uma nova teoria da Terra* (Londres, 1696).

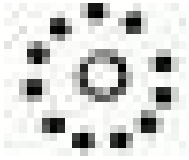
WD Whitney, *Atharva Veda* (Berlim, 1966). Hans Winkler, *Desenhos rupestres do*

sul do Egito (Londres, 1938).

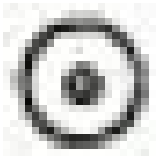
RC Zaehner, *Zurvan: um dilema zoroastriano* (Oxford, 1955).



Notas finais



([costas](#))



([costas](#))



(costas)



([costas](#))



(costas)



(costas)



(costas)



([costas](#))



([costas](#))